

INDICE

MANUSCRITOS DO MAR MORTO página 02

MANUSCRITOS DE NAG HAMMADI(EVANGELHOS APÓCRIFOS) página 07

O MASSACRE DE MASADA página 09

OS MISTÉRIOS DE RENNES LE CHATÉAU(BERENGER SAUNIÉRE) página 11

MANUSCRITOS DO MAR MORTO

Manuscritos do Mar Morto

A doutrina que João pregou no deserto já era conhecida dois séculos antes. Alguns judeus particularmente piedosos (os Hassidim) admitiam estar próximo o fim do mundo, por acreditarem no que dizia o livro dos Macabeus (I. Mac. 1,2).

Os judeus tiveram sempre pouca sorte com os estrangeiros. Depois do exílio da Babilônia vieram os Persas. Alexandre venceu-os em 333 a. C. e repartiu o Império. Duzentos anos antes da era cristã os Sírios conquistaram o poder na Judéia.

Os Hassidim protestaram contra a impiedade do seu tempo. Perseguidos, abandonaram as aldeias e refugiaram-se no deserto, entre Jerusalém e o Mar Morto, num local chamado Qumram. São os antepassados dos Essênios. Alguns desses essênios separaram-se do movimento, cheios de cepticismo. Deram origem à seita dos Fariseus.

O estudo comparado dos manuscritos do Mar Morto, como ficaram conhecidas as produções literárias dos essênios, e do Novo Testamento, estabelece a existência, não de simples coincidência, mas de uma evidente dependência directa deste, no que toca às palavras, às idéias e às próprias doutrinas. Estes manuscritos, descobertos entre 1947 e 1956 foram, na sua maioria, escrita antes da era cristã e guardada em rolos, dentro de vasilhas de barro. Só alguns foram redigidos depois da morte de Jesus. São a relíquia religiosa mais importante depois de se ter provado que o "Santo Sudário", supostamente a mortalha do corpo de Jesus, tinha sido tecido 1300 anos depois da sua morte.

A maior parte dos manuscritos do Mar Morto foi escrita com tinta sobre pele de carneiro. Geza Vermes, um estudioso bíblico da Universidade inglesa de Oxford, considera ser "Um escândalo acadêmico que aproximadamente 300 rolos, dos cerca de 1000 que foram descobertos, ainda não tenham sido revelados".

Muitos destes manuscritos estão guardados em diversas universidades, em Israel, Estados Unidos, França e Inglaterra.

A língua usada nos manuscritos é o aramaico, uma língua morta. No trabalho de tradução recorre-se ao computador, que dispensa o manuseio (e a conseqüente deterioração) das peças originais. As dificuldades são muitas. Para se formar um rolo é preciso juntar-se grande número de fragmentos, porque as "folhas" originais estão ressequidas e partidas.

A crescente ansiedade dos estudiosos bíblicos relaciona-se com a desejada prova da ligação de Jesus à Ordem dos essênios, particularmente depois dos 13 anos, a identificação histórica de Jesus e a confirmação da dependência do Novo Testamento desses manuscritos. A sua divulgação tem sido dificultada por razões não exclusivamente técnicas.

O ano originalmente combinado para a divulgação do conteúdo dos manuscritos era 1970. Depois, os israelitas prometeram a sua publicação para 1997. As justificações para esta demora são essencialmente três:

Conteúdo espetacular para a fé judaico-cristã, abalando eventualmente as estruturas hierárquicas religiosas. O escritor americano Edmund Wilson fundamentava esta hipótese referindo a conhecida tentativa de minimizar a importância dos manuscritos.

Interesse das várias universidades (israelitas, francesas, americanas e inglesas) em monopolizar o estudo destes documentos.

Dificuldades financeiras.

Bibliografia

Allegro, John - O Mito Cristão e os Manuscritos do Mar Morto, Lx^a; Daniélou, Jean - Los Manuscritos del Mar Muerto y Las Orígenes del Cristianismo, Buenos Aires, 1959; Scholfield, Hugh - A Odisseia dos essênios, S. Paulo 1991; Revista Veja, 6 de Setembro de 1989. Mapa:

Revista Veja, 6 de Setembro de 1989.

Estudos recentes comprovam que Sodoma e Gomorra estão onde hoje é o Mar morto

"Então o Senhor, da sua parte, fez chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra. E Abraão levantou-se de madrugada, e foi ao lugar onde estivera em pé diante do Senhor; e, contemplando Sodoma e Gomorra e toda a terra da planície, viu que subia da terra fumaça como a de uma fornalha. (Gn 19.24, 27-28)."

Abraão e Ló separam-se. Após sua volta do Egito, Abraão e Ló separaram-se. "E a terra não tinha capacidade para poderem habitar juntos", conta a Bíblia, "porque seus bens eram muito grandes. Daqui nasceu uma contenda entre os pastores dos rebanhos de Abraão e os de Ló".

Disse, pois, Abraão a Ló: Peço-te que não haja contendas entre mim e ti, nem entre os meus pastores e os teus pastores, porque somos irmãos. Eis diante de ti todo o país; rogo-te que te apartes de mim; se fores para a esquerda, eu tomarei a direita; se escolheres a direita, eu irei para a esquerda" (Gn 13.6-9).

Abraão deixou que Ló escolhesse. Despreocupado, como geralmente são os jovens, Ló optou pela melhor parte, a região do Jordão. Ela era "... toda regada de água" e abençoada por uma exuberante vegetação tropical, "como o paraíso do Senhor e como o Egito até Segor" (Gn 13.10). Ló vai para Sodoma

Das cadeias de montanhas cobertas de bosques, no coração da Palestina, Ló desceu para leste, entrou com sua gente e seus rebanhos no vale do Jordão ao sul e, finalmente, levantou suas tendas em Sodoma. Ao sul do mar Morto havia uma planície fertilíssima, o "Vale de Sidim, onde agora é o mar salgado" (Gn 14.3). A Bíblia enumera cinco cidades nesse vale: Sodoma, Gomorra, Adama, Seboim e Segor (Gn 14.2).

Ela tem notícia também de uma guerra na história dessas cinco cidades: "Naquele tempo sucedeu" que quatro reis "fizeram guerra contra Bara, rei de Sodoma, e contra Bersa, rei de Gomorra, e contra Senaar, rei de Adama, e contra Semeber, rei de Seboim, e contra o rei de Bala, isto é, Segor" (Gn 14.2).

Doze anos havia os reis do vale de Sidim sido tributários do Rei Codorlaomor. No décimo terceiro, rebelaram-se. Codorlaomor pediu auxílio a três reis que estavam a ele coligados. Uma expedição punitiva chamaria os rebeldes a razão. Na luta entre os nove reis, Codorlaomor e seus aliados derrotaram os reis das cinco cidades do vale de Sidim, incendiando e saqueando suas capitais. Lot encontrava-se entre os prisioneiros dos reis estrangeiros. Foi libertado por seu tio Abraão (Gn 14.12-16), que, com seus servos, seguiu qual uma sombra o exército dos reis que voltavam para suas terras. De um esconderijo seguro, observava e estudava tudo atentamente, sem ser notado. Abraão deu tempo ao tempo. Só perto de Dan, na fronteira norte da palestina, pareceu-lhe que havia chegado a oportunidade favorável. De repente, sob a proteção de uma noite escura, Abraão atacou com seus servos a retaguarda do exército e, na confusão que se seguiu, pôde libertar Ló. Só quem não conhece a tática dos beduínos pode ouvir com ceticismo essa narrativa.

Entre os habitantes dessa região existe até hoje memória dessa expedição. Ela aparece no nome de um caminho que segue, partindo do lado leste do mar Morto, para o norte, até a velha terra de Moab. Os nômades da Jordânia conhecem-no muito bem. Entre os naturais chama-se curiosamente "estrada dos reis". Na Bíblia, nós o encontramos novamente, aqui porém chamada "estrada pública" ou "caminho ordinário", quando os filhos de Israel queriam passar por Edom a caminho da "Terra Prometida" (Nm 20.17-19). No alvorecer da nossa era, os romanos utilizaram e reconstruíram a "estrada dos reis". Partes dela pertencem hoje à rede de estradas do novo Estado da Jordânia. Perfeitamente visível de avião, o velho caminho atravessa a região, assinalado por uma faixa escura.

A destruição de Sodoma e Gomorra

Disse, pois, o Senhor: O clamor de Sodoma e Gomorra aumentou, e o seu pecado agravou-se extraordinariamente. Fez, pois, o Senhor da parte do Senhor chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo do céu; e destruiu essas cidades, e todo o país em roda, todos os habitantes da cidade, e toda a verdura da terra. E a mulher de Ló, tendo olhado para trás, ficou convertida numa estátua de sal. E viu que se elevavam da terra cinzas inflamadas, como o fumo de uma fornalha (Gn 18.20; 19.24, 26, 28). A sinistra força dessa narrativa bíblica tem impressionado profundamente os ânimos dos homens em todos os tempos. Sodoma e Gomorra tornaram-se símbolos de vício e iniquidade e sinônimos de aniquilação completa. Incessantemente, o terrível e inexplicável acontecimento deve ter inflamado a fantasia dos homens, como o demonstram numerosos relatos dos tempos passados. Devem ter ocorrido coisas estranhas e absolutamente inacreditáveis no mar Morto, o mar salgado, onde, de acordo com a Bíblia, ocorreu a catástrofe.

Segundo uma tradição, durante o cerco de Jerusalém, no ano 70 da nossa era, um general romano, Tito, condenou alguns escravos a morte.

Submeteu-os a um breve julgamento e mandou encadeá-los todos juntos e jogá-los no mar, próximo ao monte de Moab. Os condenados, porém, não se afogaram. Repetidamente foram jogados ao mar e todas às vezes, como cortiças, vinham dar em terra. O inexplicável fenômeno impressionou Tito de tal modo que ele acabou por perdoar os pobres criminosos.

Flávio Josefo, historiador judeu que viveu os últimos anos da sua vida em Roma, cita repetidamente um "lago de asfalto". Os gregos falavam com insistência em gases venenosos que se desprenderiam por toda parte nesse mar, e os árabes diziam que havia muito nenhuma ave conseguia voar até a outra margem. Segundo eles, ao sobrevoá-lo, as aves se precipitavam subitamente na água, mortas.

Exploração do Mar Morto

Essas e outras histórias tradicionais similares eram bem conhecidas, mas até uns cem anos atrás faltava todo e qualquer conhecimento preciso sobre o estranho e misterioso mar da Palestina. Nenhum cientista o tinha visto e explorado ainda. Foram os Estados Unidos que, no ano de 1848, tomaram a iniciativa, equipando uma expedição para estudar o enigmático mar Morto. Num dia de outono desse ano, a praia em frente à cidadezinha de Akka, quinze quilômetros ao norte de Haifa, ficou negra de homens ativamente ocupados numa estranha manobra.

De um navio ancorado ao largo, W. F. Lynch, geólogo e chefe da expedição havia mandado desembarcar dois barcos metálicos, que nesse momento estavam sendo cuidadosamente amarrados em carros de altas rodas. Puxados por uma longa fileira de cavalos puseram-se a caminho. Ao fim de três semanas e após dificuldades incríveis, foi terminado o transporte através das terras do sul da Galiléia.

Os barcos foram lançados a água no lago Tiberíades. As medidas de altura tomadas por Lynch no lago de Genesaré produziram a primeira grande surpresa dessa viagem. A princípio, ele pensou tratar-se de um erro, mas a verificação confirmou o resultado. A superfície do lago de Genesaré, mundialmente conhecido pela história de Jesus, ficava duzentos e oito metros abaixo da superfície do Mediterrâneo! A que altura nasceria o Jordão, que atravessa esse lago?

Dias depois, W. F. Lynch encontrava-se numa alta encosta do nevado Hermon. E entre os restos de colunas e portais desmantelados surgiu a pequena aldeia de Baniás. Árabes conhecedores do terreno conduziram-no através de um espesso bosque de espirradeiras até uma cova meio encoberta por calhaus na íngreme encosta calcária do Hermon. Da escuridão dessa cova brotava com força, gorgolejando, um jorro de água límpida. Era uma das três nascentes do Jordão.

Os árabes chamam ao Jordão Cheri 'at el Kebire, "Grande Rio". Ali estivera o antigo Paníon, ali Herodes construíra um templo de Pã em honra de Augusto. Junto à gruta do Jordão, havia uns nichos em forma de concha. Ainda se pode ler ali claramente a inscrição grega: "Sacerdote de Pã". No tempo de Jesus Cristo, o deus grego dos pastores era venerado junto às fontes do Jordão. O deus com pés de cabra levava aos lábios a flauta, como se quisesse modular uma canção para acompanhar o Jordão em sua longa viagem. A cinco quilômetros daquela fonte, para os lados do oeste, ficava a bíblica Dan, o sítio mais setentrional do país, repetidamente citada na Bíblia. Também ali, na encosta sul do Hermon, brotava uma nascente de águas claras. Uma terceira fonte desce de um vale situado mais acima. O fundo do vale fica pouco acima de Dan, quinhentos metros acima do nível do mar.

Onde o Jordão atinge o pequeno lago Huleh, vinte quilômetros ao sul, o leito já baixou até dois metros acima do nível do mar. Depois o rio se precipita abruptamente por um espaço de pouco mais de dez quilômetros até o lago de Genesaré. Em seu curso, das vertentes do Hermon até esse local, num trecho de quarenta quilômetros apenas, desceu setecentos metros.

Do lago Tiberíades, os membros da expedição americana desceram o Jordão em dois barcos de metal, percorrendo seus intermináveis meandros.

Gradualmente a vegetação ia-se tornando mais esparsa. Só nas margens do rio ainda havia muitas espessas. Sob o sol tropical, surgiu a direita um oásis - Jericó. Pouco depois chegaram ao seu destino. Entre penhascos talhados quase a prumo, estendia-se a sua frente à vasta superfície do mar Morto. A primeira coisa que fizeram foi tomar um banho. Os homens que saltaram na água tiveram a impressão de que vestia salva-vidas, tal a maneira como foram impelidos para cima. As antigas narrativas não haviam, pois, mentido. Naquele mar, ninguém podia se afogar. O sol escaldante secou a pele dos homens quase instantaneamente. A fina camada de sal que a água deixara em seus corpos fazia-os parecerem completamente brancos. Ali não havia moluscos, peixes, algas, corais... naquele mar jamais vogara um barco de pesca.

Não havia frutos do mar nem frutos da terra. Suas margens eram desoladas e nuas. As costas do mar e as faces dos rochedos lá no alto, cobertas de enormes camadas de sal endurecido, brilhavam ao sol como diamantes. A atmosfera estava saturada de cheiros acres e penetrantes. Cheirava a petróleo e enxofre. Sobre as ondas flutuavam manchas oleosas de asfalto - a que a Bíblia chama betume (Gn 14.10). Nem mesmo o azul brilhante do céu ou o sol forte conseguia dar vida a paisagem hostil.

Os barcos americanos cruzaram o mar Morto durante vinte e dois dias. Tomavam amostras de água, analisavam-nas, e a sonda era lançada ao fundo continuamente. Verificaram que a foz do Jordão, no Mar Morto, ficava trezentos e noventa e três metros abaixo do nível do mar! Se houvesse uma comunicação com o Mediterrâneo, o Jordão e o lago de Genesaré, distante cento e cinco quilômetros, desapareceriam. Um imenso mar interior se estenderia até as margens do lago Huleh!

"Quando uma tempestade irrompe naquela bacia de penhascos", observa Lynch; "as ondas golpeiam os costados do barco como marteladas, mas o próprio peso da água faz com que em pouco tempo se aplaquem, depois que o vento cessa."

Através do relatório da expedição, o mundo ficou sabendo pela primeira vez de dois fatos espantosos. O mar Morto atinge quatrocentos metros de profundidade; o fundo do mar fica, portanto, cerca de oitocentos metros abaixo da superfície do Mediterrâneo.

A água do mar Morto contém cerca de trinta por cento de elementos componentes sólidos, a maior parte constituída por cloreto de sódio, isto é, de sal de cozinha. Os oceanos contêm apenas de quatro a seis por cento de sal. Nessa bacia de setenta e seis quilômetros de comprimento por dezessete de largura desembocam o Jordão e muitos rios menores. Sob o sol escaldante, evaporam-se, dia após dia, oito milhões de metros cúbicos de água de sua superfície. As matérias químicas que esses rios

conduzem permanecem nessa bacia de mil duzentos e noventa e dois quilômetros quadrados de superfície.

A Procura de Sodoma e Gomorra

Só no começo deste século, com as escavações realizadas no resto da Palestina, foi despertado também o interesse por Sodoma e Gomorra. Os exploradores dedicaram-se a procura das cidades desaparecidas que nos tempos bíblicos estariam situados no vale de Sidim.

Na extremidade a sudeste do mar Morta, encontra-se os restos de uma grande povoação. Esse sítio ainda hoje é chamado Segor. Os pesquisadores se regozijaram, pois Segor era uma das cinco cidades ricas do vale de Sidim que se recusaram a pagar tributo aos quatro reis estrangeiros. Mas as escavações experimentais realizadas trouxeram apenas decepção. Assim, há dúvidas ainda se Segor é o mesmo sítio citado na Bíblia.

A verificação das ruínas descobertas revelou tratar-se de restos de uma cidade que floresceu no princípio da Idade Média. Da antiga Segor do rei de Bala (Gn 14.2) e das capitais vizinhas não se encontrou vestígio.

Entretanto, diversos indícios encontrados nos arredores da Segor medieval sugerem a existência de uma povoação muito densa naquele país em época muito anterior.

Na costa oriental do mar Morto, estende-se mar adentro, como uma língua de tena, a península de El-Lisan. Em árabe, "el-Lisan" significa "a língua".

A Bíblia menciona-a expressamente quando se refere à partilha do país depois da conquista. As fronteiras da tribo de Judá são traçadas com precisão. Para isso Josué dá uma estranha característica a fim de indicar os limites do sul: "O seu princípio é desde a ponta do mar salgado, e desde a língua que ele forma, olhando para o meio-dia" (Js 15.2).

Uma narrativa romana refere-se a essa língua de terra numa história que sempre foi injustamente considerada com grande ceticismo. Dois desertores fugiram para essa península. Os legionários que os perseguiram procuraram-nos em vão por toda parte. Quando finalmente os avistaram, era tarde demais. Os desertores já escalavam os altos rochedos da outra margem... Tinham atravessado o mar a vau! Evidentemente o mar naquela época era mais raso que hoje. Invisível, o fundo ali forma uma dobra gigantesca que divide o mar em duas partes. À direita da península, desce a prumo até quase quatrocentos metros de profundidade. À esquerda da península, o fundo é extraordinariamente raso. Medições feitas nos últimos anos acusaram profundidades de quinze a vinte metros apenas.

O que disseram os geólogos

Os geólogos tiraram dessas descobertas e observações outra interpretação, que poderia explicar a causa e fundamento da narrativa bíblica da aniquilação de Sodoma e Gomorra.

A expedição americana dirigida por Lynch foi a primeira que, em 1848, deu a notícia da grande descida do Jordão em seu breve curso pela Palestina. O fato de, em sua queda, o leito do rio descer muito abaixo do nível do mar é, como só pesquisas posteriores comprovaram, um fenômeno geológico singular. "É possível que haja em algum outro planeta coisa semelhante ao que ocorre no vale do Jordão; no nosso não existe", escreve o geólogo George Adam Smith em sua obra "A geografia histórica da Terra Santa".

"Nenhuma outra parte não submersa da nossa Terra fica mais de cem metros abaixo do nível do mar." O vale do Jordão é apenas parte de uma fenda imensa na crosta da nossa Terra. Hoje já se conhece sua extensão exata. Começa muitas centenas de quilômetros ao norte da fronteira da Palestina nas faldas da montanha do Tauro, na Ásia Menor. Ao sul, vai desde a costa sul do mar Morto, atravessa o deserto de Arábia até o golfo de Ácaba e só vai terminar do outro lado do mar Vermelho, na África. Em muitos lugares dessa imensa depressão há vestígios de antiga atividade vulcânica. Nos montes da Galiléia, nos planaltos da Jordânia oriental, nas margens do afluente Jabbok, no golfo de Ácaba, há basalto negro e lava.

Será que Sodoma e Gomorra afundaram quando (acompanhado por terremotos e erupções vulcânicas) um pedaço do chão do vale ruiu um pouco mais? E o mar Morto se alongou naquela época em direção ao sul?

A ruptura da terra liberou as forças vulcânicas contidas há muito tempo nas profundezas da greta. Na parte superior do vale do Jordão, junto a Basan, erguem-se ainda hoje as crateras de vulcões extintos, e sobre o terreno calcário há grandes campos de lava e enormes camadas de basalto.

Desde tempos imemoriais, os territórios ao redor dessa depressão são sujeitos a terremotos.

Repetidamente temos notícia deles, e a própria Bíblia fala a respeito. Como para confirmar a teoria geológica do desaparecimento de Sodoma e Gomorra, escreve textualmente o sacerdote fenício Sanchuniathon em sua História antiga redescoberta: "O vale de Sidim" afundou e se transformou em mar, sempre fumegante e sem peixe, exemplo de vingança e morte para os ímpios".

A destruição não foi causada por vulcões

Antes de tudo, convém frisar que está fora de qualquer cogitação a hipótese segundo a qual a depressão do rio Jordão teria se originado somente há uns quatro milênios, pois, conforme as pesquisas mais recentes, a origem dessa depressão remontaria ao Oligoceno (Terciário, entre o Eoceno e o Mioceno).

Portanto, neste caso é preciso calcular não em milhares, mas sim milhões de anos. Embora, em tempos posteriores, fosse comprovada uma atividade vulcânica mais intensa, relacionada com a abertura da depressão do rio Jordão, mesmo assim chegamos a parar no Plistoceno, encerrado há uns dez mil anos, e ficamos longe do chamado "período dos patriarcas", convencionalmente datado no terceiro ou até segundo milênio antes de Cristo. Ademais, justamente ao sul da península de Lisan, onde supostamente teria acontecido o ocaso de Sodoma e Gomorra, perdem-se todos os vestígios de erupções vulcânicas. Em outras palavras, naquela área as condições geológicas não permitem comprovar uma catástrofe ocorrida em época geológica bem recente, que destruiu cidades e foi acompanhada por violentas erupções vulcânicas.

A mulher de Ló virou estátua de sal

E a mulher de Ló, "tendo olhado para trás, ficou convertida em estátua de sal" (Gn 19.26).

Quanto mais nos aproximamos da extremidade sul do mar Morto, mais deserta e selvagem se torna à região e mais sinistro e impressionante é o cenário das montanhas. Um eterno silêncio paira nos montes, cujas vertentes escalavradas pendem a prumo sobre o mar, onde se reflete sua brancura cristalina. A inaudita catástrofe deixou seu selo indelével de tristeza e desolação naquelas paragens. Raramente passa por algum daqueles vales fundos e escarpados um grupo de nômades a caminho do interior.

Onde terminam as águas pesadas e oleosas, ao sul, termina também, bruscamente, o impressionante cenário de rochedos, dando lugar a uma região pantanosa de água salgada. O solo avermelhado é riscado por inúmeros ribeiros, perigosos para o viajante incauto. Essa baixada estende-se a grande distância para o sul até o deserto vale de Araba, que chega até o mar Vermelho.

A oeste da costa sul, na direção do país do meio-dia bíblico, o Neguev, estende-se um espinhaço de quarenta e cinco metros de altura e quinze quilômetros de comprimento na direção norte-sul. O sol, batendo nas suas encostas, produz reflexos de diamante. É um estranho fenômeno da natureza. A maior parte dessa pequena serra é constituída de puros cristais de sal. Os árabes chamam-lhe Djebel Usdum, nome antiqüíssimo em que está contida a palavra "Sodoma". A chuva desloca numerosos blocos de sal que rolam até a base. Esses blocos têm formas caprichosas e alguns deles são eretos como estátuas. Às vezes em seus contornos a gente pensa distinguir, de repente, formas humanas. As estranhas estátuas de sal trazem logo a lembrança à história da Bíblia sobre a mulher de Ló, que foi transformada em estátua de sal. E tudo o que está próximo ao mar salgado ainda hoje se cobre em pouco tempo com uma crosta de sal.

Outros achados arqueológicos

Foi apenas recentemente que a escavação do Tell el-Mardikh, na Síria setentrional (ao sul de Alepo), conduzida pelo cientista italiano Giovanni Pettinato, causou sensação. Ali, Pettinato achou Ebla, uma cidade do terceiro milênio antes da era cristã, e a esse respeito foram três os fatos que causaram espécie.

Primeiro, em tempos pré-históricos, existia ali uma civilização avançada, com uma estrutura social altamente diferenciada para a época; segundo, Ebla possuía um rico arquivo de tabuinhas de barro. Como costuma acontecer com todos esses arquivos, sua descoberta promete uma série de conhecimentos novos, quando, por outro lado, tais noções recém-adquiridas bem poderiam abalar algumas das doutrinas até então consideradas certas e garantidas. Recentemente, um colega alemão do Prof. Pettinato comentou:

"Depois de estudados e explorados os textos, provavelmente poderemos esquecer os resultados obtidos em todo um século de pesquisas do antigo Oriente". Contudo, a terceira e, no caso, a mais importante sensação causada pela descoberta do Prof. Pettinato prende-se ao fato de os textos de Ebla conterem nomes que nos são familiares pela leitura da Bíblia e, assim, aparecem no terceiro milênio antes de Cristo!

Ali são mencionado tanto o nome de Abraão quanto os nomes das cidades pecadoras de Sodoma e Gomorra, aniquiladas pelo fogo, de Adma e Zeboim, no mar Morto. Aliás, quanto a isso, há um certo ceticismo entre alguns colegas do prof. Pettinato. Será que ele interpretou corretamente aqueles textos? Sem dúvida, pois como já mencionamos em outro trecho, os nomes dos patriarcas foram encontrados também em outros locais. Mas o que se deve pensar do fato de os nomes Sodoma e Gomorra constarem de um arquivo encontrado na Síria, terceiro milênio antes de Cristo?

Assim será que essas cidades existiram de fato?

Ou será que sua tradição remonta a tempos remotos, a ponto de antecederem o início convencional para o "tempo dos patriarcas"?

Decerto, ainda levará muito tempo para se encontrar respostas a todas essas perguntas. Em geral, o cientista não costuma ir à cata de sensações, e falta muito para reunirmos as condições necessárias para avaliar, sem sombra de dúvida, quanto de realmente sensacional há na arqueologia bíblica do Tell el-Mardikh descontado todo sensacionalismo.

-----000-----

MANUSCRITOS DE NAG HAMMADI

EVANGELHOS APÓCRIFOS

Mateus

Manuscritos de Nag Hammadi

Texto do Evangelho de Tomé, importante evangelho pseudepígrafo do século II d.C. descoberto em Nag Hammadi, no Egito.

O estudo da literatura apócrifa e pseudepígrafa, uma literatura extrabíblica ou não-canônica, é muito útil para conhecermos as convicções de judeus e cristãos pertencentes a grupos variados espalhados pelos mais diferentes lugares do mundo greco-romano. Neste site encontram-se os principais textos apócrifos e pseudepígrafos judaicos e cristãos, além de Padres da Igreja e textos gnósticos de Nag Hammadi, Egito.

Site sobre o Evangelho de Tomé, escrito copta do século II d.C., contendo 114 ditos ou sentenças de Jesus. Um dos mais importantes manuscritos pseudepígrafos do NT entre todos os até hoje encontrados. Pertencem ao grupo dos mais de 1200 papiros de Nag Hammadi, no Egito, descobertos a partir de 1945.

Introdução:

A história começa quando um pastor, Mohamed Adh-Dhib, perdeu uma cabra que fugiu subindo umas rochas escarpadas, em busca de comida. Mohamed foi atrás da cabra, e já cansado, sem conseguir capturá-la, sentou-se para descansar e acabou descobrindo uma caverna estreita, de onde no dia seguinte, com seu amigo, conseguiu retirar uns objetos estranhos que, depois ficou comprovado, continham pergaminhos que hoje são conhecidos como os "Manuscritos do Mar Morto". Depois de muitas peripécias relativas à venda dos mesmos e à localização de outras covas, puderam os especialistas no assunto se assenhorear de grande parte deles e tomar conta da situação local, evitando perda de material tão precioso como aconteceu a princípio.

A coleção é grande, bastando para provar a assertiva o fato que da Bíblia Hebraica foram encontrados restos de todos os livros com exceção única do livro de Ester. Segundo a sua natureza os manuscritos podem ser divididos em 4 espécies: os bíblicos, os apócrifos, comentários e os livros da comunidade – comunidade ou seita, pois não constituíam outra coisa os originais proprietários dos mesmos. O local do achado dista uma milha de Khlrbert Qumram (ruínas de Qumram), e das mesmas foi feito um levantamento tão cuidadoso que está fora de dúvida fato de que os manuscritos pertenciam aos habitantes das mesmas, tendo sido achados também, mesas, tinteiros e diversos outros objetos que permitem indicar o local da biblioteca, cozinha, etc...

Depois de provada a autenticidade dos pergaminhos, a primeira questão focalizada foi a da sua época e... até hoje não chegaram a um acordo. Um pedaço de linho encontrado em uma cova foi submetido, pelo professor W. F. Libby, do Instituto para estudos Nucleares da Universidade de Chicago, ao método carbono 14, e a data estabelecida foi a do ano 33, com uma aproximação de 200 anos, quer dizer, um período situado entre o ano 187 AC e 233 de nossa Era.

Muito embora este resultado não estabelecesse uma data exata para os manuscritos, indicava, entretanto um período histórico geral, que apoiado principalmente em Flávio José, historiador do primeiro século, e auxiliado por outros elementos, como o achado de moedas de diferentes períodos e o estudo do conteúdo dos próprios manuscritos, deram aos estudiosos do assunto maior possibilidade de bem situar o problema.

Os Essênios aguardavam a vinda do Messias:

A seita de Qumran (Essênios) esperava a vinda de um Messias sacerdotal, ao qual chamava Mestre da Justiça e Intérprete da Lei.

O fato de que sejam estes os termos que aplicavam ao fundador da seita, defende a idéia de que Ele não era outro senão seu ressuscitado Mestre, que conduziria a teocrática comunidade do Novo Israel nos últimos dias. Além do mais, um comentário fragmentário de Oséias, refere-se ao "Leão da Cólera", que seria o perseguidor do mestre. O "Leão" e o "Sacerdote" estão evidentemente relacionados aqui

por este jogo de palavras e, como o último sacerdote (o Sacerdote do Fim) só poderia referir-se ao Messias, a conclusão é clara de que a vítima do Leão e o Sumo Sacerdote a vir, são uma e a mesma pessoa.

A seita se havia estabelecido em algum lugar próximo ao **vale de Achor** ou, no mesmo vale, o atual Buqei'a, situado entre o mar Morto e Jerusalém.

Este lugar é atualmente mencionado em um de seus documentos e parece que a seita o considerava como de especial importância para a história de Israel. Também nas palavras de Oséias encontramos razões para a eleição de Qumran com sede:

"Portanto, Eu a atrairei e a conduzirei ao deserto, e falarei suavemente. E darei então suas vinhas e o próprio **vale de Achor** como porta de esperança; e cantará ali como nos dias de sua juventude, com no dia que veio do Egito (Os. 2: 14-15)."

Buqei'a - onde se pode subir ainda hoje em dia, vindo de Qumran por um caminho bem traçado por sulcos no cume de Wady - era para a seita dos Essênios, "a porta da esperança", a porta da Nova Jerusalém ou, depois de uma caminhada de quarenta anos pelo deserto, a promessa de uma nova e espiritual "Canaã" ao fim dos tempos. Mas este novo reino era essencialmente uma instituição santa, uma congregação de santos dedicados ao serviço de Deus e ao estudo de sua Lei. Para os membros da seita, a irrupção da "nova ordem" significaria uma continuação da piedosa vida que então estavam levando, devido à idéia de que seu modo de vida atual era uma antecipação da idade messiânica. Mas sua comunhão com Deus seria então completa, porque algumas dificuldades na interpretação da Lei, ou de questões referentes ao seu modo de vida, poderiam ser aclaradas consultando seu messiânico Mestre da Justiça, o mediador perfeito entre o Homem e Deus.

Este era, portanto, o Messias Sacerdotal. Mas agora é evidente que, junto com este, esperavam a aparição de outro: o Ungido, um Príncipe da Linha de David. Não é surpreendente, talvez, que algum tempo antes os investigadores supusessem que frases como "o Messias de Aarão e Israel" - que, atualmente, na literatura de Qumran significam "o Messias de Aarão e o Messias de Israel" - foram consideradas por muitos como um erro do escriba ou algo semelhante. Sem dúvida, uma vez que a idéia dos dois Messias foi considerada absolutamente possível, se acharam correspondências no pensamento judeu anterior e posterior ao Qumran, as quais mostravam que, depois de tudo, a idéia não era única. As origens desta idéia parecem estar nos fundamentos da velha teocracia de Israel, quando tanto o poder material como o espiritual estavam nas mãos do Sumo Sacerdote.

Já vimos que no Banquete Messiânico - descrito no Manual de disciplina da seita de Qumran, à página 195 desta mesma obra - , eram mencionados tanto o Sumo Sacerdote como o Messias de Israel. Outro documento nos fala dos dois como surgindo juntos ao final dos tempos (ciclo). O Messias davídico é, em realidade, um Rei Guerreiro e um Juiz, e sua bênção está registrada no Manual.

O Messias davídico é, portanto, o Guerreiro de Deus, o instrumento Santo por meio do qual Ele restaurará o reino de seu povo, e protegerá ao pobre piedoso que busca seu conhecimento. E é com este messias que poderemos esperar achar correspondência nas idéias cristãs. Semelhante ao Messias de Qumran, Jesus era esperado para que "aniquilasse ao iníquo pelo sopro de sua boca e pelo esplendor de sua vinda" (2 Ts. 2:8). Quanto à inscrição que os soldados cravaram sobre sua cruz, talvez "Príncipe de Israel" seja melhor que "Rei dos Judeus", pois o primeiro título é o do Messias de Qumran - como foi aplicado, mais tarde, ao chefe messiânico da Segunda Revolta Judia, Bar Koschebah.

O Manual de Disciplina dos Essênios determinava, na ordem do Banquete Messiânico, que deus enviaria o Messias davídico, do mesmo modo que um escritor do mosteiro se refere à vinda do Messias de acordo com a profecia de Amós:

"Naquele dia levantarei o tabernáculo de David que está caído" (Am.9:11), citada pelo apóstolo Tiago (Atos 15:16).

Mas é importante advertir que, em todas as coisas, esperava-se que o messias Sacerdotal tomasse preferência sobre o messias davídico ou temporal. Isto está amplamente demonstrado pela ordem no Banquete Messiânico, no qual os sacerdotes devem estar sentados antes que o Messias davídico chegasse com seus seguidores. Ninguém deve tocar o pão e o vinho antes que o Sacerdote haja posto suas mãos sobre ele e o distribuído entre os sacerdotes. Só então pode o Messias davídico fazer o mesmo para seu acompanhamento.

Não parece que houvera nada que impedisse a aceitação de Jesus, por parte da seita de Qumran, como o Messias da linha de David. Certamente a idéia do messias passando por um batismo de sofrimento antes de sua morte, e esperada ressurreição, não repugnaria de nenhum modo aos membros da seita. Mas por quanto tempo haveriam suportado seus discípulos uma posição subordinada dentro da ordem Messiânica para seu Mestre, já é outra questão. Certamente, pelo tempo em que foi escrita a "Epístola aos Hebreus", Jesus foi colocado já no papel do Messias Sacerdotal, e o

autor (São Paulo) parece ter uma grande dificuldade para explicar como Jesus, nascido da linha de David - uma família não sacerdotal - podia assumir estas obrigações:

"Porque se mudando o sacerdócio, necessariamente, se faz também mudança da Lei. Porque aquele de quem estas coisas se dizem pertence à outra tribo, da qual ninguém serviu ao altar. Visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá e, concernente a esta tribo nunca Moisés falou de sacerdócio." (Hebreus 7:12-14)

Sem dúvida, pode-se concluir que Jesus - o Messias davídico - recebeu, por algum motivo, um especial sacerdócio de ordem única, modelado segundo o antigo Rei-Sacerdote Melquisede, e que excedia ao da velha linha aaraônica. Em Jesus foram combinadas, por algum motivo, as funções de ambos os Messias.

-----000-----

O MASSACRE DE MASADA

Segundo Josephus a morte da 960 habitantes de Masada e a destruição do palácio e as posses foram os atos premeditados de pessoas que agem em uníssono. Mas a arqueologia irreconciliável com esta visão.

Josephus diz que todas as posses foram juntadas em uma grande pilha e incendiada, mas a arqueologia mostra muitas pilhas e muitos fogos (em vários quartos no palácio ocidental.). Josephus diz que Eleazar pediu a seus homens para destruir tudo exceto as salas com provisões, mas a arqueologia mostra que muitos locais que continham provisões foram queimadas.

(Josephus relata que os Romanos eram em número de dez mil homens bem armados -- por que esses cômodos foram destruídos?) Josephus diz que apenas alguns locais pegaram fogo, mas a arqueologia mostra que todos os edifícios públicos foram queimados. Josephus que todos os assassinatos foram no palácio, mas o palácio do norte era pequeno para caber quase mil pessoas.

Professor Yadin descobriu três esqueletos no terraço abaixo do palácio do norte e vinte-cinco em uma caverna na rampa do rochedo. Ele sugere que os vinte-cinco esqueletos foram arremessados lá "irreverentemente" pelos Romanos. Se como Josephus diz os Romanos encontraram 960 cadáveres no palácio, eles não poderiam arrastar vinte-cinco deles através do plateau cuidadosamente dentro da caverna localizada em uma rampa onde um passo em falso levaria a morte.

O procedimento simples e óbvio dos Romanos foi pegar os cadáveres e arremessa-los no mais próximo rochedo. Não, os vinte-cinco esqueletos na caverna devem ser os Judeus que tentaram se esconder dos Romanos e foram descobertos e mortos. (Ou houve suicídio?) No mínimo a arqueologia revela narrativa de Josephus como imprecisa e incompleta. Os esqueletos na caverna e os fogos separados e numerosos causam dúvida quanto à teoria do Josephus de unanimidade de propósito e unidade na ação do Sicarii em suas horas finais. Talvez a arqueologia confirme outros aspectos da narrativa de Josephus especialmente sua descrição do sítio, mas nestes pontos importantes ele se contradiz.

Segundo o historiador, quando os Judeus viram que os Romanos romperam a primeira parede, perceberam que eles haviam construído uma parede interior de madeira e terra e que podia absorver a força. Os Romanos tentaram romper a parede interior, mas sem sucesso. O fato é que a combinação de técnicas (a construção de uma parede interior) não faz paralelo em qualquer outra parte. Além disso, a confirmação vem da arqueologia.

Mas a estória logo perde sua plausibilidade. Com o vento, o fogo tomou conta da parede interior. Neste ponto o assalto Romano deveria ter começado. A parede foi rompida, a parede interior fez ligeira resistência.

...o exército estava pronto. Ao Invés, o chefe dos Romanos, adiou o ataque até a manhã seguinte. Sua única atividade esta noite foi manter uma cuidadosa vigilância para evitar uma possível fuga dos Judeus. Isto é incrível. Por que não agir quando a vitória estava assim se completando? Mesmo que fosse ao anoitecer, quando o fogo finalmente atingiu a parede, um ponto que Josephus não esclarece, Silva podia ter atacado a fortaleza nesta noite. Por que a espera? Além Disso, desde que a parede foi rompida, a vontade dos Romanos foi manter um vigia cuidadoso não unicamente em seus acampamentos, mas especialmente na rampa, para dificultar os Judeus de atacar a torre e as outras máquinas do cerco. E ainda, segundo Josephus, os soldados Romanos posicionados ambos na rampa e na torre, a anterior unicamente uns poucos metros do interior da fortaleza, e capaz de observar não menos do que Masada.

Eles não notaram que 960 homens, mulheres, e crianças foram destruídos, e que ao menos dois grandes fogos estavam ocorrendo, um destruindo as posses acumuladas do Sicarii, o outro destruindo o

palácio e cremando os cadáveres. Eles não escutaram o grito das mulheres e crianças ou vêem que o plateau estava flamejante ou sentir que algo diferente estava acontecendo.

Quando o ataque dos Romanos à fortaleza pela manhã, eles nada suspeitaram. Eles esperaram uma batalha, mas encontraram silêncio. Muito dramático, mas completamente incrível.

O drama não esteve unicamente para invenção de Josephus de um ataque Romano retardatário e uma atenção Romana cuidadosa, que nada viu e nada escutou. Josephus desejou que Eleazar, o líder do Sicarii, fizesse um discurso em que ele poderia publicamente confessar que ele e seus seguidores, que eles haviam provocado a guerra, estavam errados e agora recebiam a punição e o castigo merecido de Deus para seus pecados. Josephus até mesmo declara que Eleazar disse que Deus condenou a "tribo dos Judeus" para destruição porque ele desejou a **Guerra Judaica** e compreender que o caminho do Sicarii é o caminho de morte e que a teologia do Sicarii conduziria para a renúncia de uma das doutrinas de núcleo do Judaísmo, a eleição eterna de Israel. Para permitir que Eleazar confessasse sua culpa e para exibir suas habilidades de retórica, e para destruir a si próprios em um esquema específico, Josephus inseriu uma crucial pausa inexplicável no ataque Romano.

Eleazar fez um segundo discurso também. Intitulado "Da Imortalidade da Alma", seu tema maior, não foi Israel, Deus, e pecado, mas alma, morte, e suicídio. Seu propósito foi puramente literário, para corresponder ao discurso que Josephus ele mesmo alegou Ter entregue ao Jotapata sob circunstâncias parecidas.

Josephus não precisa de desculpas para essas invenções e embelezamentos, pois praticamente todo os historiadores de antiguidade fizeram tais coisas. Mas se uma desculpa foi exigida, Josephus podia responder que sua narrativa requeria criatividade.

Até mesmo os sete sobreviventes, que disseram relatar aos Romanos "tudo que foi dito e feito". Eles não estavam presentes quando Eleazar exibiu sua oratória. Durante o evento eles estavam escondidos, provavelmente numa cisterna. Se o Sicarii matou-se, segundo descrição do Josephus, então aquela descrição deve ser uma combinação de ficção (inspirada por literária e motivos de polemica) e conjectura. Observando os cadáveres no plateau, os Romanos deduziram que o Sicarii tinha executado a eles próprios. Josephus, ou seu informante Romano criou conjecturas mais ousadas avançadas mesmo. Essas conjecturas podem ser falsas ou verdadeiras-- conjecturas antigas não têm nenhuma probabilidade de existir contrapartidas modernas ou verdadeiras--e nós temos visto, já que alguns deles, ao menos, são falsos. Os suprimentos de comida enviados por Herodes o Grande estava intacto. Alguém, talvez Josephus, acreditando que a comida estava ainda comestível, presumido que o Sicarii, intencionalmente poupou o alimento da destruição.

As outras conjecturas não podem ser verificadas nem refutadas. Talvez os Romanos, Professor Yadin viu muitos objetos espalhados e deduziu que um sortilégio, jogado num papel no processo de morte.

Além dessas ficções e conjecturas históricas, conta que em Josephus também contem erros simples.

O Sicarii suicidou-se? Os Romanos descobriram cadáveres quando eles chegaram na reunião de cúpula? Os vinte-cinco esqueletos na caverna demonstram que Josephus é incompleto.

Isto combina com motivos dos dois modelos maiores de estórias de suicídio coletivas com motivos do episódio como do Jotapata. O inteiro é enriquecido com invenções próprias do Josephus. Finalmente, por que deve Josephus ter inventado tal estória? Ele desejou mostrar que o caminho do Sicarii é o caminho de morte, mas morte existe de várias formas,

Do ponto de vista Judaico, o Sicarii mereceu a morte desde que eles tiveram invadido as cidades perto Masada e tinha morrido 700 mulheres e crianças na cidade Judaica de En Geddi. De ponto de vista do Josephus, o Sicarii era culpado de todos os crimes.

As descobertas de arqueologia do Professor Yadin mostram que Masada foi sitiado pelos Romanos na forma descrita por Josephus, mas ele não nos conta como o defensor de Masada foi morto. Para isto e para todo os outros detalhes de história do Masada, nós só dependemos de Josephus.

Masada foi capturada pelo Sicarii na erupção da guerra em 66 CE.

Neste ponto nós sabemos o que não aconteceu. Nós temos conta que Josephus conta uma história falseada. Silva não quis um ataque prematuro, Eleazar não teve uma oportunidade para duas orações magníficas, os Judeus não tiveram uma noite longa com suas esposas e crianças, Este é inadmissível, contradiz as descobertas arqueológicas e motivadas em parte por polêmica de Josephus em assuntos literários.

Nós não sabemos se Flavius Silva, que esteve em Roma, enquanto Josephus estava escrevendo os livros finais da Guerra Judaica, ouviu esta narrativa, seguramente ele desfrutou isto. Afinal, algum do Sicarii tinha suicidado-se, e Silva deve saber que um historiador foi intitulado para exagero ou simplificação. .

Bonz está administrando editor de Revisão Faz Harvard Theological. Ela recebeu um doctorate de Escola De Divindade Faz Harvard, com uma dissertação em Luke-atos como um desafio literário à de

Rome De propaganda imperial. Ela tem publicado vários artigos na condição de Judeu na província Grega do Império e na mensagem religiosa desenvolvida dos imperadores Romanos.

-----000-----

OS MISTÉRIOS DE RENNES LE CHATEAU

BERENGER SAUNIÉRE

NUM PEQUENO POVOADO AO SUL DA FRANÇA, CHAMADO RENNES LE CHATEAU, UM PADRE CHAMADO BERENGER SAUNIÉRE DESCOBRIU "ALGUMA COISA" QUE O TORNOU PODEROSO SOBRE NOBRES, OCULTISTAS, MAÇONS E A IGREJA CATÓLICA. SERIA UM TESOURO? OU TALVEZ MUITO MAIS QUE ISSO; UM SEGREDO CONTENDO REVELAÇÕES QUE CAUSARIAM SÉRIOS TRANSTORNOS INCLUSIVE NAS FUNDAÇÕES DO CRISTIANISMO.

EM 1885, B. SAUNIÉRE CHEGOU À RENNES. UM POVOADO COM APENAS 200 PESSOAS. RECEBEU COMO GOVERNANTA MARIE DERNANAUD, UMA JOVEM DE 18 ANOS QUE O SERVIU POR TODA A VIDA.

PRÓXIMO DALI FICAVA AS RUÍNAS DO CASTELO DE BLANCHEFORT, LAR ANCESTRAL DE BERTRAND DE BLANCHEFORT, QUARTO GRÃO-MESTRE DOS TEMPLÁRIOS. RENNES TAMBÉM É ROTA ANTIGA DAS PEREGRINAÇÕES PARA SANTIAGO DE COMPOSTELA.

BERENGER SAUNIÉRE DESEJAVA RESTAURAR A IGREJA CONSAGRADA A MARIA MADALENA EM 1059, MAS QUE FOI FUNDADA PELOS VISIGODOS NO SÉCULO VI.

EM 1891, DURANTE A RESTAURAÇÃO, ENCONTROU 4 PERGAMINHOS NO ALTAR-MOR, GUARDADOS EM TUBOS DE MADEIRA SELADO. CONTINHAM GENEALOGIAS, UMA DATADA DE 1244, OUTRA DE 1644. OS OUTROS DOIS DATADOS DE 1780, ERAM TEXTOS DO NOVO TESTAMENTO EM LATIM. ESSES ÚLTIMOS POSSUÍAM ANAGRAMAS COM LETRAS INCOERENTES, SEM ESPAÇO ENTRE ELAS QUE FORAM TRADUZIDAS POR FRANCESES NA ÉPOCA:

BERGERE PAS DE TENTATION QUE POUSSIM TENIERS GARDENT LA CLEF
PAX DCLXXXI PAR LA CROIX ET CE CHEVAL DE DIEU J'ACHEVE CE DAEMON
DE GARDIEN A MIDI POMMES BLEUES.

(PASTOR, NENHUMA TENTAÇÃO. QUE POUSSIN, TENIERS POSSUEM A CHAVE. PAZ 681. PELA CRUZ E SEU CAVALO DE DEUS, EU COMPLETO (OU DESTRUO) ESTE DEMÔNIO DO GUARDIÃO AO MEIO DIA. MAÇÃS AZUIS.)

ET IN ARCADIA EGO

NO SEGUNDO PERGAMINHO, AS LETRAS LEVANTADAS, QUANDO TOMADAS EM SEQÜÊNCIA, FORMAVA UMA MENSAGEM COERENTE:

A DAGOBERT ROI ET A SION EST CE TRESOR ET IL EST LA MORT

(A DAGOBERT REI E A SINAI PERTENCEM ESTE TESOURO E ELE ESTÁ AQUI MORTO.)

B.SAUNIÉRE LEVOU SUA DESCOBERTA ATÉ SEU SUPERIOR, O BISPO DE CARCASSONE E INICIOU A ESTABELECEM CONTATOS COM GRUPOS DA MAÇONARIA, GRÃO-MESTRES, ARTISTAS ENTRE OUTROS. NESSE PERÍODO ADQUIRIU CÓPIAS DE QUADROS FAMOSOS, ENTRE ELAS TENIERS E O DE NICOLAS POUSSIM, "LES BERGERS D'ARCADIE" (OS PASTORES DA ARCÁDIA).

VOLTANDO À RENNES, NA RESTAURAÇÃO, ENCONTROU UM BLOCO DE PEDRA ESCULPIDO, DATADO DO SÉCULO VII OU VIII, QUE ESTARIAM COBRINDO UMA CÂMARA FUNERÁRIA NA QUAL ESQUELETOS TERIAM SIDO ENCONTRADOS. OUTRO ANAGRAMA FOI ENCONTRADO NA PEDRA SEPULCRAL QUE SE REFERIAM A POUSSIM E TENIERS.

POUSSIN

SAUNIÉRE COMEÇOU A GASTAR UMA FORTUNA, QUE EM 1917, ATINGIU O EQUIVALENTE DE VÁRIOS MILHÕES DE DÓLARES.

DE TODAS AS OBRAS, A MAIS BIZARRA FOI A DO PÓRTICO DA IGREJA GRAVADA COM A SEGUINTE INSCRIÇÃO: "TERRIBILIS EST LOCUS ISTE" (ESTE LUGAR É TERRÍVEL) E, NA ENTRADA, FOI ERIGIDA UMA HORRENDA REPRESENTAÇÃO DO DEMÔNIO ASMODEUS, DETENTOR DE SEGREDOS, GUARDIÃO DE TESOUROS ESCONDIDOS E, SEGUNDO ANTIGA LENDA JUDAICA, CONSTRUTOR DO TEMPLO DE SALOMÃO.

RECEBIA ILUSTRES VISITANTES COMO JOHAN VON HABSURG, PRIMO DE FRANZ JOSEF, IMPERADOR DA ÁUSTRIA E QUE TINHAM EXTRATOS BANCÁRIOS COM ALTAS SOMAS DE DINHEIRO À FAVOR DE SAUNIÉRE.

SAUNIÉRE FOI CHAMADO ÀS AUTORIDADES ECLESIAÍSTICAS E SE COMPORTOU DE FORMA DESOBEDIENTE, INSOLENT E FOI EXONERADO PELO VATICANO.

SAUNIÉRE MORREU EM 17 DE JANEIRO DE 1917 QUE, POR COINCIDÊNCIA, É A DATA DA MORTE DA MARQUESA DE HOTPAUL DE BLANCHEFORT E A FESTA DE SAINT SULPICE (NESSA IGREJA, ELE CONFIU OS PERGAMINHOS. CURIOSO O FATO DE MARIE DERNANAUD HAVER ENCOMENDADO O CAIXÃO DIA 12 DE JANEIRO DE 1917, ISTO É, CINCO DIAS ANTES . OUTRA OBSERVAÇÃO É O FATO DE SAUNIÉRE MORRER SEM O PERDÃO DA CONFISSÃO NA EXTREMA UNÇÃO E O PADRE CONFESSOR CAIR EM DEPRESSÃO PROFUNDA E NUNCA MAIS SORRIU. SAUNIÉRE TRANSFERIRA SUA FORTUNA PARA MARIE DERNANAUD E EM SUA MORTE NÃO TINHA UM TOSTÃO. MARIE DERNANAUD VIVEU CONFORTAVELMENTE NA VILA BETÂNIA ATÉ 1946. APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, O GOVERNO FRANCÊS ESTABELECEU UMA NOVA MOEDA E TODOS OS FRANCESES FORAM OBRIGADOS A DECLARAR SEUS RENDIMENTOS QUANDO TROCARAM FRANÇOS VELHOS POR NOVOS. MARIE DERNANAUD PREFERIU A POBREZA A TER QUE DAR EXPLICAÇÕES E FOI VISTA NO JARDIM QUEIMANDO MAÇOS DE NOTAS VELHAS (FRANCOS).

DURANTE OS SETE ANOS SEGUINTE, VIVEU COM A VENDA DA VILA BETÂNIA, PROMETENDO AO COMPRADOR QUE, ANTES DE MORRER, REVELARIA UM SEGREDO QUE O FARIA NÃO SÓ RICO MAS TAMBÉM PODEROSO.

MARIE DERNANAUD FALECEU EM 29 DE JANEIRO DE 1953 LEVANDO O SEGREDO CONSIGO.

CAPÍTULO II

RENNES LE CHATEAU

OS ARREDORES DE RENNES SEMPRE FORAM CONSIDERADOS SAGRADOS; OS CELTAS A CHAMAVAM RHÉDAE; OS ROMANOS, MAIS TARDE, CONSIDERAVAM SAGRADO O LOCAL. NO SÉCULO VI O LOCAL POSSUÍA 80 000 HABITANTES, QUE TAMBÉM FOI A CAPITAL DOS VISIGODOS, O POVO TEUTÔNICO QUE VARREU A EUROPA DE CENTRO A OESTE, SAQUEOU ROMA, DERRUBOU O IMPÉRIO ROMANO.

NO SÉCULO XIII, CAVALEIROS EXTERMINARAM HERESIAS CÁTARAS E ALBIGENSES. OS CÁTAROS HERÉTICOS ERAM CONSIDERADOS POSSUIDORES DE ALGUMA COISA DE VALOR FABULOSO.

OS TEMPLÁRIOS TAMBÉM ALI ESTIVERAM E DEIXARAM HISTÓRIA E LENDAS SOBRE TESOUROS DOS VISIGODOS , TEMPLÁRIOS E MEROVÍNGEOS. SERIA O TESOURO DO TEMPLO DE JERUSALÉM? JÁ QUE OS TEMPLÁRIOS SEMPRE REFERENCIAVA O SINAI. DE 66 A 70 D.C. , PALESTINA FOI ARRASADA PELO IMPERADOR ROMANO TITUS.

TRECHOS EXTRAÍDOS DO LIVRO DE BAIGENT, LEICH E LINCOLN - "O SANTO GRAAL E A LINHAGEM SAGRADA" -

OS CÁTAROS

V NO SÉCULO XIII, AS CRUZADAS ALBIGENSES OU CÁTARAS ATACARAM O SUL DA FRANÇA ESMAGANDO OS CÁTAROS ALI EXISTENTES. OS CÁTAROS FORAM CONSIDERADOS HERÉGES POIS TINHAM CRENÇAS PRÓPRIAS E ACREDITAVAM QUE UNIVERSO OU A MATÉRIA TINHAM UM DEUS QUE ERA DENOMINADO COMO O REX MUNDI (DEUS DO MUNDO) E QUE HAVIA UM DEUS ESPIRITUAL , O PRINCÍPIO , O DEUS DO AMOR, UNO , IMATERIAL.

NÃO ACEITAVAM A CRUCIFICAÇÃO POIS CONSIDERAVA JESUS IMATERIAL, LOGO, NÃO PODERIAM ADORAR A CRUZ.

OS CRUZADOS ATACARAM AS CIDADES CIRCUNVIZINHAS DE RENNES LE CHATEAU , SITIARAM MONTSÉGUR; UMA FORTALEZA CÁTARA QUE, DIZIA-SE, ERA GUARDADORA DOS TESOUROS CÁTAROS. OS ATACANTES CERCARAM POR TRÊS MESES A MONTANHA E OFERECERAM PERDÃO TOTAL AOS QUE SE RENDESSEM; MESMO ASSIM, TODOS ESCOLHERAM OS MARTÍRIO.

SEGUNDO A TRADIÇÃO , QUATRO HOMENS FUGIRAM DO CERCO E DESCERAM A MONTANHA CARREGANDO ALGUMA COISA. O QUE ESTARIAM CARREGANDO? SERIAM RIQUEZAS MATERIAIS? RELIGIOSAS? MANUSCRITOS? LENDAS LIGAVAM OS CÁTAROS AO CÁLICE SAGRADO QUE SUPOSTAMENTE CONTINHA O SANGUE DE JESUS.

O PADRE BERENGER SAUNIÉRE CONHECIA A LENDA POIS MONTSÉGUR FICA BEM PRÓXIMO A RENNES LE CHATEAU. SE ALGUMA COISA FOSSE CONTRABANDEADA DE MONTSÉGUR , ELA FOI LEVADA A ALGUM LUGAR.

SEGUNDO OS DOCUMENTÁRIOS DA BBC DE LONDRES, BERENGER SAUNIÉRE PODERIA TER DESCOBERTO O SEGREDO DE MONTSÉGUR, TESOURO OU SEGREDO PODERIA EXPLICAR A RESISTÊNCIA TENAZ DOS CÁTAROS QUE PREFERIRAM O MARTÍRIO A REVELAR SEUS SEGREDOS...

OS TEMPLÁRIOS

PERSONAGENS MISTERIOSOS QUE SÃO DELINEADOS HOJE COMO ARROGANTES ; ORA COMO VÍTIMAS INDEFESAS DE MANOBRAS POLÍTICAS. PERTENCERAM A UMA ORDEM SECRETA QUE A MAÇONARIA INFORMA TER SURTIDO NA ÉPOCA DAS CRUZADAS. EM 1118, HUGUES DE PAYEN FUNDOU A "ORDEM DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO E DO TEMPLO DE SALOMÃO" , EM CHAMPAGNE. FORAM RECEBIDOS POR BAUDOIN I , REI DE JERUSALÉM , CUJO IRMÃO MAIS VELHO GODFROI DE BOUILLON, HAVIA CAPTURADO A CIDADE SANTA DEZENOVE ANOS ANTES. SEU QUARTEL FOI CONSTRUÍDO SOBRE AS FUNDAÇÕES DO TEMPLO DE SALOMÃO. DAÍ O NOME DA ORDEM.

EM 1127, NOVE ANOS DEPOIS , SÃO BERNARDO DE CLAIRVAUX, JUNTAMENTE COM TODA A EUROPA , OS ACOLHERAM COMO ORDEM RELIGIOSA MILITAR. HUGUES RECEBEU O TÍTULO DE GRÃO MESTRE. USAVAM MANTOS BRANCOS QUE POSTERIORMENTE ADICIONARAM A CRUZ VERMELHA E NÃO DEVIAM OBEDIÊNCIA A NINGUÉM, EXCETO O PAPA.

VÁRIOS PROSÉLITOS E FARTAS DOAÇÕES FORAM PARA OS TEMPLÁRIOS O QUE OS TORNOU MUITO RICOS E PODEROSOS. EM 1291, OS MUÇULMANOS DOMINARAM A TERRA SANTA E OS TEMPLÁRIOS PERDERAM SUA RAZÃO DE EXISTIR. ELES TINHAM UM RELAÇÃO ESTREITA COM OS CÁTAROS DO SUL DA FRANÇA E ATÉ , SEU QUARTO GRÃO MESTRE, BÉRTRAND DE BLANCHEFORT, VEIO DE UMA FAMÍLIA CÁTARA.

DURANTE A CRUZADA ALBIGENSE (CONTRA OS CÁTAROS) OS TEMPLÁRIOS PERMANECERAM NEUTROS. SOFRIAM INFLUENCIA ISLÂMICA E JUDAICA O QUE CONTRARIAVA O CATOLICISMO. EM 1306, FILIPE IV , DA FRANÇA - FILIPE, O BELO , QUIS SE LIVRAR DO ENORME PODER DOS TEMPLÁRIOS E LHE DEVIAM DINHEIRO , ALÉM DE TER SIDO RECUSADO NA ORDEM. INFLUENCIOU O PAPA E ESQUEMATIZOU ACUSÁ-LOS DE HERESIA. EM 1307 , CAPTUROU TODOS OS TEMPLÁRIOS E QUIS CONFISCAR SEUS BENS MAS A IMENSA FORTUNA DA ORDEM JAMAIS FOI ENCONTRADA.

JACQUES DE MOLAY, SEU GRÃO MESTRE MANDOU QUEIMAR OS LIVROS DA ORDEM PARA NÃO LIBERAR OS RITUAIS E COSTUMES. MUITOS TEMPLÁRIOS FORAM QUEIMADOS VIVOS; OUTROS ESCONDERAM-SE NA ESCÓCIA LORRAINE , ALEMANHA , ESPANHA. EM PORTUGAL MODIFICARAM SEU NOME PARA "CAVALEIROS DE CRISTO" QUE ABARCOU PESSOAS COMO VASCO DA GAMA , INFANTE D. HENRIQUE , COLOMBO , POIS QUE CONHECIAM BEM OS SEGREDOS MARÍTIMOS. EM 1522, APOIARAM MARTINHO LUTERO.

MUITO SE DIZIA A RESPEITO DOS TEMPLÁRIOS : LENDAS SOBRE O CÁLICE SAGRADO, O CASTELO E A FAMÍLIA DO CÁLICE, CRENÇA DE PODERES MÁGICOS. TORNARAM-SE MITOS. NO SÉCULO XVIII , INÚMERAS ORDEM E FRATERNIDADES SECRETAS SE PROCLAMAVAM DESCENDENTES DA ORDEM. DURANTE A REVOLUÇÃO FRANCESA, OS MAÇONS ATUARAM COM VIGOR CONTRA A MONARQUIA FRANCESA; TALVEZ PARA VINGAR-SE DE FILIPE, O BELO. SUA HISTÓRIA DIVERSIFICADA INFORMA QUE OS TEMPLÁRIOS TINHAM UM TIPO DE SEGREDO A RESPEITO DA ORIGEM DO CRISTIANISMO E OUTROS MISTÉRIOS QUE , HOJE É ASSOCIADO AO ESOTERISMO. RELÍQUIAS PECULIARES FORAM ENCONTRADAS EM 1307 COMO: UMA PEÇA DE PRATA EM FORMATO DE CABEÇA DE MULHER COM DOIS OSSOS, ESCRITO CAPUT LVIIII (CABEÇA 58 M) QUE HOJE É USADO COMO EMBLEMA DE PERIGO.

DOCUMENTOS PÕEM EM DÚVIDA A FUNDAÇÃO DA ORDEM DOS TEMPLÁRIOS EM 1118, POIS ELA FOI MENCIONADA EM 1114.

EM 70 D.C. O TEMPLO FOI SAQUEADO POR LEGIÕES ROMANAS LIDERADAS POR TITUS. SEU TESOURO FOI ROUBADO E LEVADO PARA ROMA E DEPOIS ROUBADO E LEVADO PARA O PIRINEUS (SUL DA FRANÇA) . ESSE TESOURO NÃO PODERIA SER ALGO MAIS QUE VALORES MATERIAIS?

AS TÁBUAS DA LEI E A ARCA DA ALIANÇA NÃO SÃO DE VALOR INESTIMÁVEL PARA O TEMPLO DE SALOMÃO? ENTRE OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO, ENCONTRADO S EM QUMRÂM , EXISTE UM CONHECIDO HOJE COMO MANUSCRITO DO COBRE QUE FAZ REFERENCIAS SOBRE GRANDES QUANTIDADES DE LINGUOTES , VASOS SAGRADOS, MATERIAIS E TESOUROS DE ESPÉCIE NÃO IDENTIFICADA MENCIONA 24 COLEÇÕES DIFERENTES ENTERRADOS EM BAIXO DO TEMPLO.

ASMODEUS

ESSE LOCAL , CHAMADO ESTÁBULOS DE SALOMÃO, TINHAM CAPACIDADE PARA ALOJAR 200 CAVALOS, SITUADOS EXTREMAMENTE SOB O TEMPLO E AINDA VISÍVEIS , ERA ONDE OS NOVE TEMPLÁRIOS GUARDAVAM SUAS MONTARIAS EM 1124.

ISTO PODE IMPLICAR PORQUE OS TEMPLÁRIOS FORAM ENVIADOS PARA A TERRA SANTA. ESTARIAM PROCURANDO ALGUMA COISA?

OS TEMPLÁRIOS E O TESOURO MEROVÍNGEO

EM 1104, ALGUNS DOS TEMPLÁRIOS - NOBRES DE ALTA LINHAGEM - REUNIRAM-SE COM UM DOS CO-FUNDADORES DO TEMPLO E TIO DE SÃO BERNARDO ANDRÉ DE MONTBARD . APÓS ISSO, ENTRE ELAS HOUVERAM DOAÇÕES A SÃO BERNARDO QUE CONSTRUIU A ABADIA DE CLAIRVAUX , ONDE CONSOLIDOU A ORDEM DE CISTERCIENSE. ESTAVAM EM PÉSSIMA SITUAÇÃO FINANCEIRA. EM ALGUNS ANOS , SÃO BERNARDO HAVIA CONSTRUÍDO 69 ABADIAS E , EM 1153, MAIS DE 300 ABADIAS FORAM CONSTRUÍDAS E ESSE CRESCIMENTO COINCIDIU COM O DA ORDEM DOS TEMPLÁRIOS.

TEMPLÁRIOS PRÓXIMOS A RENNES LE CHATÉAU EM BÉZU - LAR DE BERTRAND DE BLANCHEFORT - QUARTO GRÃO MESTRE DA ORDEM DOS TEMPLÁRIOS DE 1153 A 1170. E O MENTOR DE BERTRAND ERA ANDRÉ DE MONTBARD. BERTRAND CONTRATOU MINEIROS ALEMÃES COM DISCIPLINA MILITAR E NÃO FALAVAM COM A POPULAÇÃO LOCAL. IRIAM TRABALHAR EM MINAS DE OURO QUE , JÁ HAVIA SIDO EXAURIDAS A QUASE MIL ANOS ANTES. NA VERDADE ESSES TRABALHADORES ESTARIAM CONSTRUINDO ALGUM TIPO DE CRIPTA SUBTERRÂNEA, UMA ESPÉCIE DE DEPÓSITO.

NO FINAL DO SÉCULO XIII , UM DESTACAMENTO DE TEMPLÁRIOS FORAM PARA A CÚPULA DA MONTANHA DE BÉZU , ERIGINDO UM POSTO DE VIGIA E UMA CAPELA , PARA CUIDAR DA SEGURANÇA DA REGIÃO E PROTEGER A ROTA DE PEREGRINAÇÃO QUE ATRAVESSAVA O VALE E IA ATÉ SANTIAGO DE COMPOSTELA, NA ESPANHA. ESSES NÃO FORAM MOLESTADOS POR FILIPE, O BELO, POIS O PAPA ANTES DE TOMAR O NOME DE CLEMENT V - CHAMAVA-SE BERTRAND DE GOTH E SUA MÃE., IDA DE BLANCHEFORT , DA MESMA FAMÍLIA DE BERTRAND DE BLANCHEFORT. ESSE PAPA PODERIA SABER O SEGREDO QUE PERMANECEU NA FAMÍLIA ATÉ O SÉCULO XVIII QUANDO O ABADE ANTOINE BIGOU, PÁROCO DE RENNES LE CHATÉAU E CONFESSOR DE MARIE DE BLANCHEFORT, COMPÔS OS PERGAMINHOS ENCONTRADOS POR SAUNIÉRE. COMEÇOU-SE A SUSPEITA QUE HAVIA ALGO MAIS QUE A ORDEM , TRABALHANDO ATRÁS DA CENA.

TRECHOS EXTRAÍDOS DO LIVRO DE BAIGENT, LEICH E LINCOLN - "O SANTO GRAAL E A

LINHAGEM SAGRADA"

EM 1956, VÁRIAS DOCUMENTAÇÕES RELACIONADAS A SAUNIÉRE E O ENIGMA DE RENNES DESPERTARAM A ATENÇÃO DE VÁRIOS PESQUISADORES COMO GÉRARD DE SÈDE. LINCOLN LEIGH E BAIGENT , AO FAZER O PRIMEIRO FILME PARA BBC, CONTATOU COM PIERRE PLANTARD QUE SUPOSTAMENTE INFORMAVA PARA DE SÈDE , ASSUNTOS SOBRE TEMPLÁRIOS , MEROVÍNGEOS , RENNES, POUSSIN, SAUNIÉRE , ETC.

ESSES AUTORES, APÓS PERCORRER VÁRIAS PISTAS CONSEGUIRAM O DOSSIERS SECRETS QUE FALAVA DAS GENEALOGIAS E A SERPENT ROUGE NA BIBLIOTECA NACIONAL DE PARIS TAMBÉM CONTINHA GENEALOGIAS MEROVÍNGEAS , MAPAS DO SUL DA FRANÇA E TREZE PEQUENOS POEMAS DE QUALIDADE IMPRESSIONANTE QUE CORRESPONDIA A SIGNOS DO ZODÍACO COM O DÉCIMO TERCEIRO OPHIUCHUS OU "GRANDE SERPENTE" , INSERIDO ENTRE SCORPIO E SAGITTARIUS. COMEÇA COM AQUÁRIO E CAPRICÓRNIO , O QUAL , DIZ O TEXTO , PRESIDE O DIA 17 DE JANEIRO.

HÁ REFERENCIAS SOBRE A FAMÍLIA BLANCHEFORT, RENNES, SAUNIÉRE, POUSSIN, E AO QUADRO LES BERGERS D'ARCADIE, DO LEMA DA TUMBA (ET IN ARCADIA EGO) .

ALÉM DESSAS INFORMAÇÕES, O TEXTO (VIDE LA SERPENT ROUGE) A DEUSA MÃE DO CRISTIANISMO NÃO SERIA A VIRGEM; SERIA MADALENA , A QUEM A IGREJA DE RENNES É DEDICADA E A QUEM SAUNIÉRE CONSAGROU SUA TORRE. ALÉM DISSO, O TEXTO PARECIA IMPLICAR QUE NOTRE DAME TAMPOUCO SE APLICA A VIRGEM , SE REFERIRIA A MARIA MADALENA.

NA TRADIÇÃO CRISTÃ POPULAR ELA É UMA PROSTITUTA QUE ENCONTRA A REDENÇÃO, TORNANDO-SE DISCÍPULA DE JESUS. É A MAIS DESTACADA DO QUARTO EVANGELHO E A PRIMEIRA A VER JESUS APÓS A RESSURREIÇÃO. EM CONSEQÜÊNCIA , É CONSIDERADA SANTA, PRINCIPALMENTE NA FRANÇA , PARA ONDE , SEGUNDO LENDAS MEDIEVAIS ELA TERIA TRAZIDO O CÁLICE SAGRADO. REALMENTE O "VASO REPLETO DE BÁLSAMO CURATIVO" PODERIA QUERER SUGERIR O CÁLICE.

TORRE DE MAGDALA
MONASTÉRIO DO SINAI
(PRIORY OF SION)

É DE SE NOTAR QUE TODAS ESSAS INFORMAÇÕES ACABAM POR CONVERGIR PARA ALGUNS TÓPICOS: - APESAR DA SUPOSTA IMPORTÂNCIA DOS TEMPLÁRIOS , CÁTAROS ETC, UMA ORDEM SECRETA MAIOR ATUAVA POR TRÁS DAS OUTRAS ORDENS; ELA ATUA EM ASSUNTOS INTERNACIONAIS E PREEXISTE ATÉ OS DIAS DE HOJE E CONFESSA TER COMO OBJETIVO PRINCIPAL A RESTAURAÇÃO DA DINASTIA MEROVÍNGEA QUE , EMBORA DISPOSTA NA SÉCULO VIII , NÃO SE EXTINGUIU, SENDO PERPETUADA EM LINHA DIRETA DESDE DAGOBERT II, SIGISBERT IV , GODFROI DE BOUILLON, BLANCHEFORT, GISORS, SINCLAIR, MONTESQUIEU, MONTPÉZAT, POHER, LUISIGNAN, PLANTARD HABSBURGO - LORRAINE. ATUALMENTE , A LINHAGEM MEROVÍNGEA DEMANDA SEUS DIREITOS HEREDITÁRIOS.

GERARD DE SÈDE ANUNCIOU O MONASTÉRIO SO SINAI EM 1962 NOS DOSSIERS SECRETS, RENÉ GROUSSET INFORMA QUE BAUDOUIIN I, IRMÃO MAIS JOVEM DE G. DE BOUILLON, DUQUE DE LORRAINE, 1º REI OFICIAL DE JERUSALÉM, SEGUIAM UMA "TRADIÇÃO REAL FUNDADA SOBRE A "ROCHA DO SINAI" E QUE BAUDOUIIN DEVIA SEU TRONO À ORDEM E QUE SEU QUARTEL-GENERAL, ERA A ABADIA DE NOTRE DAME DO MONTE SINAI, EM JERUSALÉM. DE QUALQUER FORMA, É INTRIGANTE O FATO DE SABERMOS QUE A ORDEM DO SINAI POSSUÍA PODERES QUE INCLUÍAM O DIREITO DE CONFERIR TRONOS.

O TEXTO DOS DOSSIERS SECRETS PROSSEGUIU REFERINDO-SE À ORDEM DO TEMPLO. OS FUNDADORES DOS TEMPLÁRIOS FORAM: HUGUES DE PAYEN, BISOL DE SAINT- OMER, CONDE DE CHAMPAGNE , JUNTAMENTE COM OS OUTROS MEMBROS DA ORDEM DO SINAI, ANDRÉ DE MONTBARD, ARCHAMBAUD DE SAINT - AIGNAM, NIVARD DE MONTDIDIER, GONDEMAR E ROSSAL.

A ORDEM DO SINAI ESTABELECEU-SE NA FRANÇA EM CONCESSÕES FORNECIDAS POR LUIS VII EM 1152 NA EUROPA.

EM 1188, JERUSALÉM VOLTOU ÀS MÃOS DOS MUÇULMANOS PELA INAPTIDÃO DO GRÃO MESTRE GERARD DE RIDEFORT O QUE FEZ A ORDEM DO SINAI SEGUIREM PARA A FRANÇA E PRECIPITOU UM ROMPIMENTO ENTRE A ORDEM DO SINAI E OS TEMPLÁRIOS (ORDEM DO TEMPLO).

OS TEMPLÁRIOS TORNARAM-SE AUTÔNOMOS ENQUANTO A ORDEM DO SINAI PASSARIA A SELECIONAR O SEU PRÓPRIO GRÃO-MESTRE; O 1º JEAN DE GISORS E ADOTOU E TAMBÉM UM SUBTÍTULO , "ORMUS" QUE É UM ANAGRAMA (VIDE SANTO GRAAL E A LINHAGEM SAGRADA PARA MAIORES DETALHES).

Segundo os documentos do Monastério, o Monastério do Sinai, após separar-se da Ordem do templo (Os Templários) em 1188, continuou a exercer algum controle clandestino sobre os assuntos do templo, Guillaume de Gisors pode Ter sido parcialmente responsável pela cuidadosa destruição dos documentos da Ordem - e o inexplorado desaparecimento de seu tesouro.

Guillaume de Gisors era grão-mestre do Monastério do Sinai na época e teria endossado a ação de Filipe , o Belo , contra o templo e de algum modo , presidiu a dissolução de seus protegidos desobedientes.

Os grão-Mestres do templo

Os textos dos dossiers secrets inclui três listas de abades que presidiram as terras do Sinai na Palestina ; cita os grão-mestres dos templários entre a 1188 e 1190, ou seja, desde a fundação dos templários , até 1190 com sua separação de Sinai e a corte de Olmo de Gisors; a 3a lista , segue abaixo:

Os grão-mestres e a corrente subterrânea

Nos dossiers secrets , as seguintes pessoas são listadas como sucessivos grão-mestres - ou, para usar o termo oficial, Nautonnier, uma antiga palavra francesa que significa navegador ou timoneiro - do Monastério do Sinai:

Jean de Gisors - 1188-1220

Marie de Saint-Clair - 1220-1266

Guillaume de Gisors - 1266-1307

Edouard de Bar- 1307-1336

Joanne de Bar- 1336-1351

Jean de Saint-Clair-1351-1366

Blanche d'Evreux - 1366-1398

Nicolas Flamel - 1398-1418

René d'Anjou-1418-1480

Iolande de Bar - 1480- 1483

Sandro Flipepi - 1483-1510

Leonardo da Vinci - 1510- 1519

Connétable de Bourbon- 1519 - 1527

Ferdinand de Gonzagne - 1527 - 1575

Louis de Nevers -1575 - 1595

Robert Fludd - 1595 -1637

J. Valentim Andrea - 1637- 1654

Robert Boyle - 1654 - 1691

Isaac Newton- 1691-1727

Charles Radclyffe - 1727-1746

Charles de Lorraine- 1746-1780
Maximilian de Lorraine-1780-1801
Charles Nodier-1801-1844

Victor Hugo - 1844-1885
Claude Debussy-1885-1918
Jean Cocteau - 1918...

TRECHOS EXTRAÍDOS DO LIVRO DE BAIGENT, LEICH E LINCOLN - "O SANTO GRAAL E A LINHAGEM SAGRADA"

000-000

MONASTÉRIO DO SINAI

Curiosamente os grão-mestres tinham ocupado suas posições por motivos diversos; sempre anexados à seus antecessores ou por associação por sangue-em particular, a casa Lorraine.

Qual seria o motivo para essa escolha? Edouard de Bar aos 5 anos ; René d'Anjou aos 8 anos ; Robert Fludd ou Charles Nodier aos 21 anos ; Claude Debussy aos 23.

Tais pessoas não teriam tido tempo de construir suas escada degrau acima como se faz na Maçonaria. A menos que a posição se grão-mestre do Sinai fosse puramente simbólica, ritual, ocupada por uma cabeça que nem mesmo sabia da condição que lhe era atribuída.

Por outro lado, uma sociedade secreta não sobreviveria , através dos séculos, com o mesmo nome. Para sobreviver deveria Ter fachadas. Sabemos que funcionou algum tempo com o nome de Ormus; o perfil dos participantes deveria ser comum aos olhos da sociedade. Qualquer postura unificada , ainda que apenas insinuada seria altamente suspeita.

Deveria também ser flexível e adaptável às modernidades.

Não poderia Ter dogmas, liturgias ou quaisquer eventos que fossem permitir que ela se tornasse ultrapassada. Se adaptaria também aos recursos tecnológicos, dando lugar às descobertas mais importantes e deixando para trás , por exemplo, um medievalismo, o iluminismo , o pós-moderno, etc. Segundo os documentos do Monastério, muitas jurisdições existiram e deixaram de existir , sempre conservadas no mais absoluto mistério.

Na França , havia dezenas, incluindo a Vila Betânia em Rennes-Le-Chatéau. Utilizavam-se de passagens subterrâneas para guardar seus arquivos.

Nos dossiers secrets, o comando de Gisors datava de 1306 e estava situada na rua de Vienne. A partir de lá, supostamente se comunicava , através de uma passagem subterrânea , com o cemitério local e com a capela, também subterrânea, de Saint Catherine, localizada sob a fortaleza. No século XVI , esta capela , ou talvez uma cripta adjacente a ela, teria se tornado depósito de arquivos do Monastério do Sinai, que eram guardados em 30 cofres

Na Segunda guerra mundial, Gisors foi ocupada pelos alemães , um missão especial foi enviada de Berlim, com instruções de planejar uma série de escavações sob a fortaleza. A invasão da Normandia pelas forças aliadas impediu tal empreendimento , mais não muito tempo depois um operário Francês chamado Roger Lhomoy efetuou por conta própria algumas escavações. Em 1946, Lhomoy anunciou ao prefeito de Gisors que havia encontrado um capela subterrânea contendo 13 sarcófagos de pedra e 30 cofres de metal. Em 1962, Lhomoy recomeçou as escavações sob os auspícios de André Malraux, na época ministro cultura; elas não foram abertas ao público. Nada foi encontrado. Os objetos foram removidos.

Qualquer que seja a versão verdadeira , existe um menção à capela subterrânea de Saint Catherine em dois velhos manuscritos datados de 1375 e 1696.

Segundo os documentos do Monastério, Sinai era uma organização de considerável poder e influência , responsável por criar os templários e manipular o curso de assunto internacionais.

Os próprios documentos do Monastério do Sinai também fala da Companhia do Santo Sacramento e Saint Sulpice foi o centro de operações da Companhia.

Todos os documentos referentes á sociedade foram coletados e guardados em um depósito secreto em Paris e , acredita-se que seja Saint Sulpice. Se foi, então os arquivos da Companhia estaria disponíveis, mais de dois séculos depois, a homens como Émile Hoffet.

NICOLAS POUSSIM

Nasceu em 1594, a poucos quilômetros de Gisors , pertencia a um movimento denominado Fronda , que tinha os mesmos interesses que a Companhia do Santo Sacratamento , fez um quadro misterioso chamado Le Bergers d'Arcadie (Os pastores da Arcádia).

Curiosamente , em Rennes-Le-Chatéau há uma tumba no jardim da igreja , de Marie de Hautpaul Blanchefort que se referia a Poussim e Teniers.

A frase surgiu entre 1618 e 1623 em um quadro de Giovanni Francesco Guercino , onde dois pastores entrando na clareira de uma floresta , encontram um sepulcro de pedra. Ele porta a inscrição famosa e existe um grande crânio repousado na tumba.

Está registrado nos documentos do Monastério que a frase é o emblema da família Plantard desde pelo menos o século XII quando Jean de Plantard esposou Idoine de Gisors e , já foi citado em 1210 pelo abade Robert do Monte Saint Michael.

Segundo os pesquisadores Baigent, Leigh e Lincoln, ele foi abade entre 1154 e 1186. Qualquer que tenha sido a origem da frase "ET IN ARCADIA EGO" parece ter sido , tanto para Guercindo como para Poussim algo mais que uma poesia elegíaca; era como um sinal ou senha maçônica e é , precisamente em tais termos que uma afirmação nos documentos do Monastério define o caráter da arte simbólica ou alegórica:

"Os trabalhos alegóricos tem essa vantagem : uma única palavra é suficiente para iluminar conexões que inúmeras não podem conter. Tais trabalhos ficam disponíveis a qualquer um, mais seu significado se dirige a uma elite acima e além das massas , remetente e destinatário se entendem. O inexplicável sucesso de certos trabalhos deriva de sua qualidade de alegoria , que constitui não uma mera moda, mais um forma de comunicação esotérica."

No período de Berenger Sainière, segundo as informações de Jean -Luc -Chameil , em seu trabalho "Le Trésor Du Triangle d'Or" (o tesouro do triângulo de ouro) , 1979, Sainière, Boudet, e outros como Hoffet, eram afiliadas a uma forma de maçonaria que seguiria os moldes do ritual escocês. A instituição era chamada Hiéron du Val D'Or, que poderia parecer uma transposição oral daquele local recorrente , Orval, que era uma sociedade política secreta cujo objetivo era:

"Uma teocracia entre as nações que seriam nada mais que províncias , seus líderes apenas procôncules a serviço de um governo mundial oculto que consistiria uma elite. Para a Europa este regime do grande rei implicava uma dupla hegemonia do papado e do império , do Vaticano e dos Habsburgos , que seriam o braço direito do Vaticano".

Chameil não esclarece em que extensão os próprios Habsburgo estavam envolvidos neste ambiciosos planos clandestinos. Existem evidências , contudo - incluindo a visita de um arquiduque de Habsburgo em Rennes-Le-Chatêau que confirmam pelo menos alguma implicação. Mas, quaisquer que tenham sido os planos , eles teriam sido prejudicados pela primeira grande guerra que , entre outras coisas , afastou os Habsburgos do poder.

Segundo pesquisas , o Monastério do Sinai está registrado na França com o subtítulo de Chevalerie d'Institutions et Règles Catholiques d'Union Independente e tradicionalista. A sigla desse subtítulo é circuit. Nome de uma revista que , segundo os estatutos , é publicada internamente pela ordem.

Tinha sete graus diferentes no topo , o grão-mestre , o Nautonnier, com três no grau abaixo (prince noachite de Notre Dame) e quarto grau abaixo desta : (Noisé de Saint Jean) - o grão mestre e seus doze subordinados - constituíram os treze Rosa Cruzes. O número corresponde a uma paráfrase satânica de Jesus e seus Doze discípulos.

Dos nomes assinalados , o único conhecido era Pierre Plantard, nascido em 18/03/1920. Jornais franceses informavam que Alain Poher seria o verdadeiro pretendente do trono da França , da linha merovíngea. Alain Poher foi presidente do senado Francês.

Nas genealogias dos documentos do Monastério do Sinai, há um menção a Arnaud, conde de Poher, que, em alguma época entre 894 e 896 casou-se com alguém da família Plantard, supostamente formada por descendentes diretos de Dagobert II. Não sabemos se Alain Poher reconhece Sinai, mas parece claro que Sinai o reconhece, no mínimo como descendente dos Merovíngios.

Não há dúvidas de que um Ordem secreta, com vários séculos de atuação, cuja capacidade de sobrevivência e êxito requeria discrição máxima de seus membros , de repente , apresenta vários panfletos, informações, criando perspectivas num enorme grupo de pessoas. O que eles querem? Em um artigo de revista supostamente escrito por um membro do Monastério do Sinai havia a seguinte declaração:

"Sem os merovíngios o Monastério do Sinai não existiria, e sem o Monastério do Sinai , a dinastia merovíngea não existiria".

A correlação entre a Ordem e a Linhagem é parcialmente esclarecida e parcialmente mais confusa pelo seguinte texto:

"O rei é pastor e padre ao mesmo tempo. Ele às vezes envia um embaixador brilhante ao seu vassalo no poder , seu mensageiro, alguém que possui a felicidade de ser seu servo até a morte. Assim, Renne d'Anjou condestável de Bourbon, Nicolas Fouquet e inúmeros outros , gozaram de um sucesso surpreendente, seguido de inexplicável desgraça, pois estes emissários são terríveis e vulneráveis. Como guardiães de um segredo, eles só podem ser exaltados ou destruídos. Assim, pessoas como Gilles de Rais, Leonardo Da Vinci, Joseph Balsamo, os duques de Nevers e Gonzaga, cujo rastro é acompanhado por um perfume de mágica no qual enxofre é misturado com incenso - o perfume de Madalena."

Se o rei Carlos VII escondeu-se entre os nobres da corte quando Joana d'Arc adentrou o grande salão de seu castelo de Lhinon, ele não o fez na forma de brincadeira frívola - onde haveria humor nisso? -

mas porque já sabia de quem ela era embaixatriz. E porque, adiante dela ele não era muito mais que um nobre da corte, como os outros. O segredo que ela lhe confidenciou em particular estava contido nessas palavras:

"Digno senhor, eu venho em nome do rei".

As implicações dessa passagem são provocantes e intrigantes. Uma das implicações é que o rei - "O rei perdido", supostamente da linhagem merovíngia - continuava de fato a governar, simplesmente em virtude de ser quem é. Outra, e talvez mais chocante, é que soberanos temporais sabem de sua existência, o reconhecem, respeitam e temem. Uma terceira implicação é que o grão-mestre do Monastério do Sinai, ou algum outro membro da Ordem, age como embaixador entre o rei perdido e seus representantes ou substitutos. E tais embaixadores, o que parece são considerados descartáveis. Segundo as informações citadas e a indagação sobre o que realmente o Monastério do Sinai deseja com essa súbita necessidade de relatar seus feitos nas vésperas e na virada do milênio e sua colocação sobre o rei perdido. Se eles têm um escolhido da descendência merovíngia que, conforme dizem, é da descendência de Jesus, de Davi, um rei sacerdote. Então, o Monastério do Sinai pode estar preparando a população para aceitá-lo através de instigações, muito bem feitas por sinal. Também não vejo que um Ordem secreta, que tenha conservado uma genealogia por séculos ou milênios, conforme a própria bíblia comprova, desde Adão, Seth, Davi, Jesus, etc, colocaria um incauto no poder; preservar a linhagem, de certo, todos os semitas o fazem; mas, para servir como um vaso físico para alguém eleito do próprio Deus, conforme o próprio Jesus prometeu em João, 13...o consolador prometido que viria esclarecer todas as coisas. O Espírito da verdade.

Seja lá qual for a situação real, o mistério continua.

Outro documento sobre o Monastério do Sinai informa que depois de Jean Cocteau (1918-1963) foi o abade Ducaud-Bourget.

Indagado, Bourget escreveu à imprensa em 22 de janeiro de 1981:

"Uma verdadeira sociedade secreta de 121 dignitários, o Monastério do Sinai, fundado por Godfroi de Bouillon em Jerusalém, em 1099, conta entre seus grão-mestres Leonardo Da Vinci, Victor Hugo e Jean Cocteau. Esta Ordem fez sua convenção em Blois, no dia 17 de janeiro de 1981 (a convenção interior aconteceu em 05 de junho de 1956, em Paris).

Como resultado dessa convenção em Blois, Pierre Plantard de Saint Clair foi eleito grão-mestre da Ordem por 83 dos 92 votos, no terceiro turno. Essa escolha do grão-mestre marca um etapa decisiva na evolução da concepção da Ordem em relação ao mundo; pois os 121 dignitários do Monastério do Sinai são todos Eminências Grises, de importantes sociedades na área das finanças, da política internacional ou da filosofia; e Pierre Plantard é descendente direto, através de Dagobert II, dos reis merovíngios.

Sua descendência revelou-se legal pelos pergaminhos da rainha Branca de Castela, descobertos pelo abade Sainière em sua igreja de Rennes-Le-Chatêau em 1891. Esses documentos foram vendidos pela sobrinha do Padre, em 1965, ao capital Roland Starmore e a Sir Thomas Frazer e foram depositados em cofre do Lloyds Bank Europe Limited de Londres."

Pierre Plantard foi entrevistado pela BBC de Londres e informou que:

"O Monastério do Sinai estava realmente de posse de um tesouro perdido do templo de Jerusalém, o espólio sagrado pelas legiões romanas de Titus, em 70 D.C. e que retornariam a Israel no tempo certo; o tesouro tem significado histórico, arqueológico, político, como fato incidental. O verdadeiro tesouro é espiritual e, pelo menos em parte, um segredo e esse segredo facilitaria uma mudança social importante."

Pelo relato acima percebe-se que o Monastério do Sinai não sabia ou não tinha provas quanto aos descendentes diretos de Dagobert II e precisou obtê-las. Acreditamos que o Monastério, com a morte de Pierre Plantard em 13/06/2000, está outra vez no mesmo impasse. Quem receberá a mitra e a coroa simbólica?

Quanto à Linhagem Merovíngia Mathieu Paoli questiona:

"Para que restaurar a linhagem merovíngia hoje, 1500 anos após sua deposição?

Seria um regime merovíngio moderno diferente de qualquer outro regime atual? Se a resposta é sim, como e porque? O que existe de tão especial nos merovíngios? Sua pretensão pode ser legítima, mas parece irrelevante. Porque tantas pessoas poderosas e inteligentes, tanto hoje quanto no passado lhe dedicam não somente atenção como fidelidade?

A menos, é claro, que estivéssemos deixando de ver algo mais, de imensa consequência, que diferencia os merovíngios de outras dinastias. Em suma, a menos que houvesse algo muito especial sobre o sangue real merovíngio.

OS MONARCAS DE CABELOS LONGOS

A Dinastia merovíngia surgiu de uma tribo do povo germânico, conhecido como franco. Entre os séculos V e VII, os merovíngios reinaram no que é hoje França e Alemanha. O período de ascendência coincide com o do rei Arthur da Távola Redonda, Merlin e a lenda do Cálice. Os merovíngios eram considerados reis de direito. Eram adeptos do oculto, iniciados em ciências arcaicas, praticantes da arte esotérica, tinham poderes de curar com as mãos, clarividência, telepatia. Possuíam um sinal congênito que tomava a forma de uma cruz vermelha. Eram chamados "rei dos cabelos longos" pois, como os de Sansão, continham suas virtudes, a essência do seu poder.

Até 754 D.C., Childeric III manteve essa lenda. Mas foi preso e seus cabelos tosados por ordem do papa. Embora a história contenha lendas, eles eram tidos como reis - sacerdotes, como incorporações do divino, nisso não se diferenciando dos Faraós egípcios.

Em 1653, uma importante tumba do rei Childeric I, filho de Mérovee e pai de Clóvis, o mais famoso e influente de todos os reis merovíngios.

Eles próprios pretendiam descender de Noé, a quem respeitavam mais que Moisés, como a fonte de toda a sabedoria bíblica. Pretendiam também descender de Tróia (apesar de que na França há lugares como Troyes e Paris). Alguns escritores seguiram a linhagem merovíngia até a Arcádia, na Grécia antiga. De acordo com os escritores, ancestrais eram relacionados com a casa real da Arcádia e que teriam migrado, na época de Jesus, para a França e Alemanha Ocidental.

Segundo Homero, um contingente substancial de arcadianos estava presente no cerco à Tróia. E, segundo histórias gregas antigas, Tróia foi fundada por gente da arcádia. Não eram bárbaros, sua cultura era semelhante a de Bizâncio.

Eram muito ricos e fabricavam moedas de ouro de boa qualidade em locais importantes, incluindo Sinai. Suas moedas eram cunhadas com uma cruz como a adotada nas cruzadas pelo reino franco de Jerusalém.

SANGUE REAL

Eles eram reis automaticamente. Não eram fabricados. Eram reis sacerdotes que mandavam mas não governavam, equivalente a família real britânica. Tinham um chanceler que governava. Mesmo após sua conversão ao cristianismo romano, eram polígamos como os patriarcas do velho testamento.

Foi no reino de Clóvis (481 a 511) que os francos se converteram ao cristianismo em troca receberia o título de NOVO CONSTANTINO, que significa que reinaria O SACRO IMPÉRIO ROMANO.

Com a morte de Clóvis o império se dividiu por seus quatro filhos e enfraqueceram o reinado.

Dagobert II nasceu em 651. Seu pai morreu em 656. Com 5 anos de idade, foi raptado por Grimoald que colocou seu filho no trono alegando ser a vontade do monarca. Confiou o príncipe ao bispo de Poitiers que não teve coragem de matá-lo e o exilou na Irlanda. Em 666, casou-se com Matilde que morreu ao dar a luz no seu terceiro filho. Casou-se então com Gisele de Razes que era visigoda e seu casamento foi celebrado em Rhédae, ou Rennes-Le-Chatêau, na igreja de Maria Madalena.

DEUSES GREGOS E O CRISTIANISMO

INFLUÊNCIA DA CULTURA GRECO-ROMANA NO CRISTIANISMO

Pregadores Cristãos Antigos tais como Paulo, o Apóstolo, trouxe o evangelho sobre Cristo Jesus para um império já cheio de divindades. Os cidadãos do império Romano e, dentro de certos limites, até mesmo seus governantes, eram extremamente tolerantes com deuses estrangeiros. O mais antigo e mais aceito grupo de divindades estrangeiras eram os deuses da Grécia antiga. Esses deuses tinham feito sua casa no mundo Romano muito antes, e junto com a arte Grega e literatura. Algum destes deuses Gregos compartilharam nomes Romanos e adquiriram algumas características Romanas. Segundo a mitologia Grega, quando os filhos de Cronus dividiram o universo entre eles mesmos, Zeus recebeu algumas regiões do mundo, Poseidon reclamou as regiões vastas do oceano como seu domínio, e Hades recebeu as regiões abaixo da terra.

Localizado no Mt. Olympus, os deuses formaram uma espécie de família, uma sociedade exclusiva, com suas leis e hierarquia. Primeiro veio os doze grandes deuses e deusas: Zeus, Poseidon, Hephaestus, Hermes, Ares, e Apolo; Hera, Atenas, Artemis, Hestia, Afrodite, e Demeter. Não separado destes doze originais, mas colocado com eles várias outras divindades, o mais importante deles são Helios e Selene (o sol e a lua) e Dionysus.

Como o primeiro dentre eles, o Zeus poderoso.

Esses deuses lembram pessoas, exceto os mais poderosos, maiores, e mais belos. Iguais aos mortais, eles experimentaram emoções, tais como amor, ódio, raiva, e ciúme. Mas diferente dos mortais, seus corpos são sempre curados, e eles nunca envelheciam. Os deuses também possuíam a capacidade para transformar-se no que quisessem, incluindo animais e objetos inanimados.

Zeus:

Até mesmo nos poemas Gregos antigos , Zeus foi o governante dos deuses, ou da maioria dos poderosos e dos sábios. Mas , Zeus também era acusado por numerosas indiscrições sexuais com deusas e mulheres mortais. Essas ligações resultaram no nascimento de um número de semi-deuses e heróis, para quem os Gregos também estabeleciam cultos. A despeito de sua sabedoria e majestade, Zeus podia também ser indulgente e ocasionalmente cruel.

No primeiro século antes da era comum, sua identidade fundiu-se com Júpiter, deus Romano. E este novo Zeus/Jupiter foi tornar-se o supremo, uno, poderoso, e protetor benevolente do império Romano. Ligado aos assuntos terrestres foi freqüentemente igualado com a providência divina e trabalhando o Destino.

Apollo:

Não que seja confundido com o sol si mesmo, que foi representado por uma divindade especial, Helios, Apollo foi além disso um deus solar. Apollo foi pensado como um arqueiro-deus, cujas flechas podiam curar. Ele foi também o deus da música e da lira, assim como o deus de adivinhação e profecia. Seu santuário em Delfos foi um dos maiores santuários sagrados do mundo Grego para revelação e interpretação.

Nolliad,

Narrativa épica do Pombo Correio da Guerra De Troia, Apollo aliado ele mesmo com os Troianos. Desde Roma subseqüentemente requeriam os Troianos como seus antecessores. O primeiro imperador de Roma, Augustus, colocou seu reino sob proteção especial do Apollo. Para reforçar sua associação com o deus, Augustus construiu um santuário para Apollo próximo a seu palácio no morro do Palatino em Roma. Mais Tarde, Nero o imperador, que fantasiado ele mesmo de músico, poderia também reclamar uma associação especial com o Apollo.

Artemis:

Artemis foi a irmã gêmea de Apollo. Sua mãe foi Leto, uma das muitas deusas seduzidas por Zeus. como Apollo , Artemis foi uma deusa do caça. Gostava de seu irmão, que foi associado com a luz do sol, Artemis foi associado com a luz da lua. Como tal, em algumas regiões ela foi também considerada a protetora dos túmulos dos mortos.

Muito diferente em origem e aparecimento é **Artemis de Ephesus, cujo templo imenso veio ser conhecido como um dos sete maravilhas do mundo antigo**. Artemis foi uma deusa de fertilidade e fecundidade.

Aphrodite:

A filha de Zeus foi uma divindade feminina menor, Aphrodite foi a personificação da beleza feminina. Embora não menos do que as deusas do Olympo que eram belas, unicamente Aphrodite esbanjava charme e sedução. Embora ela pode ser considerada como uma deusa da fertilidade, ela é conhecida primeiramente como a deusa de amor. Seus devotos são moças e viúvas, procurando obter maridos, ou amantes.

No mundo Romano ela foi também identificada como Venus, a deusa sedutora e bela que foi a mãe de Aeneas, o herói encontrado de Roma segundo lenda. Mas desde Júlio César, o imperador Augustus, e não menos do que os imperadores Romanos antes de Nero que o traçou como seu próprio ancestral.

Demeter:

Foi provavelmente a que mais afetou as vidas e fortunas de pessoas comuns. Ela foi a deusa de fertilidade e das frutas da colheita.

Seu santuário primário foi no Eleusis, num país além de Atenas. E seu culto centralizou no renascimento de uma estória em que os Gregos explicavam os mistérios das estações agrícolas e, como a vegetação da terra parecia morrer no inverno, unicamente para ressurgir outra vez em toda primavera.

Além dos dois festivais anuais em que o fim da colheita e a renovação da planta era comemorado, um festival maior acontecia todos os anos.. O objeto principal deste festival era a veneração pública de Demeter. Embora aos Romanos geralmente não eram permitidos para esses ritos secretos, a deusa sabiamente permitia uns poucos. Nós sabemos que ao menos dois imperadores, foram iniciados dentro de seus mistérios e que participaram de seu culto com presentes substanciais.

Desde os ???s destes mistérios e seus rituais permanecidos em segredo, historiadores não sabem exatamente o que. Sabe-se, entretanto, que foi concedido alguma garantia do favor continuado da deusa, ambas nesta vida e a próxima.

Dionysus:

Embora não seja um dos Olímpicos originais, o culto de Dionísio era muito antigo e foi celebrado por todo o mundo Grego e além dele. Como deus do vinho e dos prazeres de seu cultivo, seu culto ficou associado com o de Demeter em um tempo anterior. Como o Demeter, seus devotos faziam de cerimônias sérias e paradas, celebrações orgíacas e festivais.

Mais Tarde Roma, temendo que esses festivais pudessem conduzir a agitação civil, tentando suprimir seu culto, mas não teve muito sucesso.

Era de aparência amadurecida, homem barbado, rústico e algo adolescente efeminado com atributos exóticos, seu carácter essencial permaneceu com um toque charmoso. Ele foi descrito como o deus que trouxe as prazeres e êxtases do vinho, assim como os frutos de civilização, e não unicamente à Grécia mas também além da Índia e Egito. Mas Dionysus também podia reduzir casais à loucura, se eles o aborrecessem.

Durante o período Romano uma nova lenda desenvolvida concernente à Dionysus, que oferece intrigante paralelos com a Cristandade. Segundo esta lenda, Dionysus foi morto enquanto batalhava com os inimigos de Zeus. Seu corpo foi desmembrado, mas o Zeus o restaurou para vida imortal.

Dionysus ficou agonizante e ascendeu a deus, é um símbolo de vida eterna.

. A devoção do Grego ou Romano centralizou nos deuses de posições menores, deuses que tinham sido mortais uma vez e que, portanto, compreendia os sofrimentos dos mortais.

No evangelho de Mateus, o nascimento de Jesus, mensageiro de Deus, teve como sinal, uma estrela ascendendo no Oriente, que guiou os reis magos, que viajava de uma terra distante à Belém para ver o futuro rei (Matt 2:1-2). Jesus dos evangelhos faz numerosas curas, e em várias ocasiões ele até mesmo faz o morto retornar para a vida. E no Livro de Atos, uma visão de Jesus ascendido aparece a Saulo na estrada de Damasco (Atos 9:1-7). Como um resultado deste encontro, Saulo é convertido e futuramente torna-se Paulo, que dedica toda sua vida à serviço de Cristo. Estórias de pessoas divinas, restabelecimentos miraculosos, visões místicas, e ressurreições foi dito sobre um número de semideuses ou heróis. De fato, um número de fenômenos sobrenaturais foi até mesmo atribuído a certos filósofos e imperadores.

Historiadores Romanos tais como Suetonius e Tacitus freqüentemente relata a ocorrência de homens miraculosos. Referente aos imperadores, particularmente, no começo ou término de seus reinados, porque Roma colocou seus governantes na reunião de cúpula de sociedade humana, isto por que acreditavam que eles serviam como mediadores à vontade dos deuses na terra. Portanto, o aparecimento de homens, para bem ou mal, foi o meio como os deuses sinalizavam sua vontade em romances humanos.

Depois da morte de Júlio César, Suetonius (**Ave César: Julius**) relata que nos funerais em sua honra "um cometa brilhou por sete dias sucessivos, ascendendo sobre a décima primeira hora, e acreditavam ser a alma de Cesar, que tinha ido para o paraíso.

Outra estória também atestada ao Augustus raramente relacionada ao Apollo, o deus de profecia, por crer que o imperador advinhou de antemão o resultado de não menos do que suas guerras (Suetonius **Ave César: Augustus**).

Milagres:

No primeiro século da era comum, homens renomados podiam também fazer milagres. O imperador Vespasiano (o general Romano anterior tinha feito amizade com Josephus, historiador Judeu durante a Primeira Revolta Judaica) acreditou-se que fez vários milagres. Segundo estórias registradas pelo Dio Cassius dos historiadores Grego e Tacitus, Vespasiano curou várias pessoas no Egito. Dentre esses milagres, Vespasiano, curou um homem cego e restaurando a mão mutilada de outro homem (**Histórias Faz Tacitus 4.81**).

Mas forças miraculosas não foram limitadas aos imperadores, ou até mesmo à pessoas de elite política e social do império. Milagres foram um sinal de um relacionamento especial entre os deus e indivíduos particulares. Pessoas que acreditava-se possuir grande sabedoria ou virtude esteve também freqüentemente com fama de desempenhar milagres.

Um exemplo interessante foi com o filósofo itinerante Apollonius de Tyana. Apollonius foi um seguidor em I ac, do filósofo Grego famoso, Pythagoras, Acreditou-se que tinha tornado-se um deus. Tendo renunciado à suas posses, dizia-se que ele era possuído da sabedoria divina, incluindo conhecimento inato de todas línguas, a capacidade para predizer o futuro, e a capacidade para ver através de grandes distâncias, capacidade para curar possessos e doentes, e Philostratus narra a qualidade miraculosa de um número destas curas e exorcismos.

No geral, esses semideuses, cuja condição é expressa no fato de que eles vivem como mortais; mas quando eles morrem, eles recobram sua aparência humana vigorosa, assim como suas forças anteriores. Por causa de sua condição única e qualidades, na imaginação popular esses semideuses foram freqüentemente considerados como protetores.

Hércules:

Segundo lenda Grega, Hércules foi o filho de Zeus com uma mulher mortal de linhagem nobre, cujo nome foi Alcmene. A esposa vingativa de Zeus, Hera, tentado matar Hércules quando criança, colocou

serpentes no local onde ele e seu irmão gêmeo dormiam. Mas Hércules estrangulou as cobras, salvando assim a ele mesmo e a seu irmão gêmeo.

Além do semi-divino parentesco e nascimento em circunstâncias difíceis, outro recurso comum das vidas de semideuses é que eles encontram ignominia ou grande desgraça, que eles devem superar antes ou após a morte. Depois ele cresceu e casou, Hércules foi tomado por uma loucura fatal e, matou sua esposa e filhos. Para resgatar este crime terrível, foi que ele desempenhou os doze trabalhos sobre-humanos que livraram o mundo de aterrorizar os monstros e trouxeram nova segurança aos habitantes do mundo.

Por causa de seu vigor sobre-humano, Hércules foi o patrono do atletas, e santuários em sua honra adornados virtualmente todos os ginásios, por todo o Mundo Greco-romano. Mas seu papel mais importante foi o de patrono poderoso e protetor de existências humanas e deus da mesma forma.

Asclepius:

O filho de Apollo com uma mulher mortal, Asclepius foi educado por um centauro sábio (uma criatura mítica, meio homem e meio cavalo). Este centauro, cujo nome era Chiron, ensinou Asclepius as artes de curar de modo que ele podia reduzir os sofrimentos de mortais. Com esas curas miraculosas, Asclepius rapidamente ganhou grande fama. Motivado pela compaixão, ele até mesmo foi bem-sucedido em restaurar um morto para a vida

. Hades queixou-se à Zeus que se isto fosse permitido continuar, o universo poderia ser subvertido. Zeus concordando, abateu Asclepius com um raio. Em algumas versões da estória, Asclepius foi transformado em uma estrela depois de sua morte.

Asclepius foi um deus imensamente popular, originalmente na Grécia e mais tarde também em Roma. Pelo quarto século antes da era comum, ele tinha estabelecido um número de santuários na Grécia, os mais importantes sendo em Cos e Epidauros. No terceiro século ac, seu culto foi levado a Roma, depois que a cidade tinha sido acometida por uma praga. O conhecimento médico do Asclepius e as forças de restabelecimento divinos, alimentaram duas tradições distintas dentro do

Mundo Grego.

Os imperadores Romanos tiveram fundos extensos pois eles podiam promover as mensagens religiosas e políticas de seu reinos através da arte monumental.

"Dá a César o que é de César," diz Jesus como relatado nos evangelhos (Marcos 12:17; Matt 22:21; Lucas 20:25). Essas palavras foram ditas quando um dos Fariseus apresentou uma moeda com um imagem da cabeça do imperador em uma de suas faces. O ponto de comentário do Jesus é que não seria a matéria que daria poder ao imperador; seu reinado é realmente espiritual

Nisto e outras cenas narradas, o Novo Testamento reflete uma consciência afiada que a mensagem de boas novas com respeito a Jesus deve competir em um mundo onde, muitas mensagens diferentes facilmente circulam através de todo nível de vida diária. Moedas Imperiais não unicamente retrata o rosto do imperador mas freqüentemente eles anunciam suas realizações.

A maioria das mensagens comuns que moedas Romanas enfatizam com respeito aos imperadores são suas realizações em batalha que mantida a paz, faz o império ser beneficiado.

Arte Religiosa Popular

A situação na cidade provincial de Filipos é um caso em ponto.

Segundo o Livro de Atos, Paulo começou sua viagem missionária maior em Filipos (Atos 16:11-40).

Além Disso, nós temos sua carta ao Filipenses em que ele dedica uma afeição especial à comunidade Cristã lá.

Localizado ao Nordeste, na Grécia, Filipos era uma colônia Romana ao longo da Via Egnatia, a rodovia principal que conduzia a Roma à costa Egeu

O santuário da Deusa Diana (a contra-partida Romana de Artemis da deusa Grega), tem mais de noventa representações dela, em várias caçadas. Talvez não seja surpreendente em uma área assim predominantemente rural. Esta evidência de assunto popular aos riscos e recompensa do caçador é além disso enfatizado pela presença dentre essas mesmas rochas de uns santuários de Sylvanus, um deus Romano.

Embora essas divindades de madeira e a caça predomina a paisagem rochosa acima a cidade de Filipos, uma variedade de outras divindades são também representadas, incluindo a mãe da deusa Cybele, Isis, deusa do Egito. Embora Egípcia em origem, Isis ficou extremamente popular no império Romano como uma deusa da compaixão que podia curar, proteger, melhorar a vida no próximo mundo. Mais Alto para cima a montanha, Isis teve seu templo; um pequeno complexo de santuário. Mas ela é também honrada. Em uma das inscrições, **Isis é honrada como a Rainha do Paraíso**, um título freqüentemente repetido para esta deusa. Outros títulos para ela como misericordiosa e poder de curar. Paulo parece compreender esta necessidade dos Filipenses comum. E nela, ele procurou endereçar seu desejo para encorajar a oração e redirecionar suas súplicas a um Deus de fé Cristã:

" não se inquieteis com nada, mas em todas as circunstâncias manifestai à Deus as vossas necessidades, por meio de orações e súplicas unidas à ação de graças "(Phil 4:6).

CATACUMBAS CRISTÃS EM ROMA DO 1º SÉCULO

Cenas das catacumbas: Arte Cristã Popular Antiga

A extensa e quase exploração contínua das catacumbas Cristãs antigas tem revelado um rico, embora grande mundo oculto de arte Cristã antiga.

Embora para alguns Cristãos elas têm sido o objeto de peregrinação religiosa desde sua criação, começaram visitando o catacumbas Romanas com o espírito de investigação histórica. Em 1475 o fundador da Academia Romana descobre paredes cobertas com pinturas de cenas bíblicas em uma visita ao catacumba de S. Calixto, localizado no Caminho Do Appian.

Escavações de uma área ao norte da cidade. Antes do fim do século, o primeiro de várias catacumbas Judaicas tinha também sido descoberto em Roma. E a descoberta de mais catacumbas tem continuado quase ao tempo presente.

Como fez a piedade popular dos Cristãos do terceiro e quartos séculos expressarem a si mesmos nas pinturas das paredes? Primeiro, figuras humanas, geralmente representações da morte de Jesus, são descritas em uma altamente maneira estilizada. Tipicamente, eles ficam com braços levantados e olhos também levantados em uma atitude de oração Cristã antigas. Túmulos Cristãos antigos estão também freqüentemente decorados com símbolos religiosos tal como a cruz e o peixe.

Um terceiro assunto tipicamente retratado no início de arte dos túmulos Cristãos são uma variedade rica de cenas de estórias bíblicas. Aqui uma progressão certa ou desenvolvimento pode ser visto no tipo de assuntos bíblicos.

No terceiro século, as cenas bíblicas são invariavelmente tomadas das estórias do Velho Testamento. Provavelmente por causa das perseguições que começaram no meio do terceiro século onde um grande número de Cristãos foram mortos.

Com a chegada da paz na Igreja no quarto século, a arte do catacumba ficou enriquecida pela adição de um número de cenas bíblicas Cristãs, incluindo ilustrações dos milagres de cura narrados nos evangelhos.

Mas de longe o maior assunto retratado foi Cristo ele mesmo no papel do Bom Pastor. E este fenômeno fornece evidência dramática que no Cristo da mente popular, tinha vindo assumir o papel de protetor divino, e salvador como os predecessores do paganismo Cristãos do quarto século, curando, e salvando divindades como Hércules, Asclepius, Artemis, Mithras, e especialmente Isis. No fim, as virtudes de muitos tinham ido residir no Um.

PALESTINA NOS TEMPOS DE JESUS

HÁ 2000 ANOS ATRÁS...

A PALESTINA NO TEMPO DE JESUS

No primeiro século a Palestina foi varrida por desavenças dinásticas, conflitos destruidores e, ocasionalmente, guerras.

No segundo século a.C., um reino judaico mais ou menos unificado foi estabelecido transitoriamente, segundo os dois livros apócrifos dos Macabeus. Por volta de 63 a.C., contudo, a terra estava novamente em turbulência, madura para a conquista.

Mais de um quarto de século antes do nascimento de Jesus a Palestina caiu sob o exército de Pompeu, e a lei romana foi imposta. Mas Roma, na época, muito extensa e muito preocupada com seus próprios problemas, não estava em condições de ali instalar o aparelho administrativo necessário para um governo direto.

Assim, ele criou uma linha de reis marionetes - a dos herodianos - para governar sob seu controle. Não eram judeus, mas árabes. Heródes Antipater (63 a 37 a.C.); Heródes, o grande (37 a 4 a.C.); Heródes Antipas.

O povo do país podia manter sua própria religião e costumes. Mas a autoridade final era Roma e reforçada pelo exército romano. No ano 6 d.C, o país foi dividido em duas províncias, Judéia e Galiléia. Heródes Antipas tornou-se o rei da Galiléia. Mas Judéia - a capital espiritual e secular -ficou sujeita a norma romana direta, administrada por um procurador romano baseado em Cesarea. O regime era brutal e autocrático. Ao assumir o controle direto da Judéia, mais de dois mil rebeldes foram crucificados. O templo foi saqueado e destruído. Impostos pesados foram criados.

Este estado de coisas foi melhorado por Poncio Pilatos, procurador da Judéia de 26 d.C. até 36 d.C. Os registros existentes indicam que Pilatos era um homem corrupto e cruel, e não só perpetuou, mas intensificou os abusos de seu predecessor. Pelo menos, à primeira vista, é surpreendente que os Evangelhos não contenham críticas a Roma, nem menções ao jugo romano.

Os judeus da Terra Santa podiam ser divididos em várias seitas e subseitas. Havia, por exemplo, os Saduceus, uma classe de pequenos, mas abastados proprietários que, para desprazer de seus compatriotas colaboravam de forma insidiosa com os romanos.

Havia os Fariseus, um grupo progressista que introduziu muitas reformas no judaísmo e que, apesar de seu retrato nos Evangelhos, se colocava em uma posição teimosa, embora passiva, a Roma. Havia os Essênios, uma seita austera, misticamente orientada cujos ensinamentos eram mais prevalentes e influentes do que é geralmente admitido ou suposto.

Entre as seitas e subseitas menores havia os Nazoritas dos quais Sansão, séculos antes tinha sido membro; os Nazorianos ou Nazarenos, um termo que parece Ter sido aplicado a Jesus e seus seguidores, realmente, a versão original grega do NT se refere a "Jesus, o Nazareno", expressão mal traduzida como "Jesus de Nazaré".

Em 6 d.C., quando Roma assumiu o controle direto da Judéia, um fariseu rabino conhecido como Judas da Galiléia tinha criado um grupo revolucionário altamente militante, conhecido como Zelote e composto, parece, de fariseus e essênios. Os zelotes não eram propriamente uma seita. Era um movimento com afiliados de várias seitas.

Muito tempo depois da crucificação, as atividades dos zelotes continuaram inalteradas. Por volta de 44 d.C. elas aumentaram. Em 66d.C. a luta irrompeu, toda a Judéia se levantando em revolta organizada contra Roma. Vinte mil judeus foram massacrados pelos romanos só em Cesarea.

Em quatro anos as legiões romanas ocuparam Jerusalém, arrasando a cidade, saqueando e destruindo templo. Entretanto a Fortaleza montanhosa de Masada resistiu por mais três anos, comandada por um descendente de Judas da Galiléia. Depois da revolta houve um êxodo de judeus da Terra Santa.

Entretanto, um numero suficiente permaneceu para fomentar outra rebelião cerca de 60 anos mais tarde, em 132 d.C. Finalmente, em 135 d.C. o imperador Hadriano decretou que todos os judeus deviam ser expulsos da Judéia por lei, e Jerusalém tornou -se uma cidade essencialmente Romana, sendo rebatizada com o nome de Aelia Capitolina.

A vida de Jesus se passou nos primeiros 35 anos de um turbilhão e se estendeu por 140 anos. Gerou expectativas inevitáveis ao povo judeu e uma delas era a esperança de um Messias que libertasse o seu povo do Jugo romano.

Para os contemporâneos de Jesus, nenhum Messias seria jamais considerado divino. Na realidade a própria idéia de um Messias seria extravagante. A palavra grega para Messias é Christ ou Christos. O termo - em hebreu ou grego - significa "abençoado" e se refere geralmente a um rei.

E quando Davi foi abençoado rei no Velho testamento, ele se tornou um Messias ou um Christ. E todos os reis judeus subseqüentes, da casa de Davi, eram conhecidos pelo mesmo nome. Mesmo durante a ocupação romana da Judéia, o alto traço sacerdote nomeado por Roma era conhecido como sacerdote, Messias ou rei-sacerdote.

(Maccoby, *Revolution in Judaea*, p.99)

Todavia, para os Zelotes e para outros oponentes de Roma, este sacerdote marionete era, necessariamente, um falso Messias. Para eles, o verdadeiro Messias significava algo muito diferente - o legítimo rei perdido, o descendente desconhecido da casa de Davi, que libertaria seu povo da tirania romana.

Durante a vida de Jesus essa espera era enorme e continuou após sua morte. Realmente, a revolta de Masada em 66 d.C. foi instigada pela propaganda feita pelos Zelotes em nome de um Messias, cujo advento seria iminente.

O termo Messias significava "um rei abençoado" e, na mentalidade popular, veio a significar também libertador.

Em um termo de conotação política, algo bem diferente da idéia cristã posterior de um "filho de Deus". Esse termo, essencialmente mundano, foi usado para Jesus, chamado "O Messias" ou - traduzido para o grego - "Jesus, o Cristo" e mais tarde "Jesus Cristo" que se distorceu para o nome próprio.

A HISTÓRIA DOS EVANGELHOS

O massacre de Masada extinguiu as aspirações de liberdade do povo judeu. Então essas aspirações foram perpetuadas pelos Evangelhos sob forma religiosa.

Os estudiosos modernos são unânimes em dizer que os Evangelhos datam, em sua maior parte, do período entre as duas principais revoltas na Judéia - 66 a 74 d.C. e 132 a 135 d.C. - sendo baseadas em narrativas anteriores e tradições orais.

Algumas exageradas, recebidas de segundas, terceiras e quartas mãos. Outras, contudo, podem Ter derivado de pessoas que viveram na época de Jesus e podem tê-lo conhecido pessoalmente. Um homem que fosse jovem no tempo da crucificação pode Ter vivido também na época em que os Evangelhos foram escritos.

OS EVANGELHOS

MARCOS (66 A 74 D.C.) - ATÉ O CAPÍTULO 16:4

Parece Ter vindo de Jerusalém e companheiro de Paulo. Se Marcos quisesse que seu Evangelho sobrevivesse, não podia apresentar Jesus como um anti-romano e teria que aliviar os romanos de toda culpa pela morte de Jesus. Esse artifício foi adaptado não somente pelos autores dos outros Evangelhos, mas também pela antiga igreja cristã. Sem tal artifício, nem os Evangelhos, nem a igreja teriam sobrevivido.

LUCAS (+/- 80 D.C.)

Médico grego que compôs seu trabalho para um oficial romano de alto escalão em Cesarea, a capital romana da Palestina.

MATEUS (+/- 85 D.C.)

Deriva diretamente do de Marcos, embora este tenha sido composto originalmente em grego e reflita características especificamente gregas. O autor parece Ter sido um judeu, possivelmente refugiado da Palestina. Não deve ser confundido com o discípulo Mateus.

Os Evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus são conhecidos como "Sinópticos" significando que eles vêem "olho no olho" - o que, é claro, não fazem.

JOÃO (+/- 100 D.C.)

Composto nas vizinhanças de Éfeso, na Turquia - por um homem chamado João. É geralmente aceita como uma tradução posterior. Não há nele, a cena de natal, nenhuma descrição do nascimento de Jesus, e a introdução é quase gnóstica. O texto é decididamente de natureza mais mística e o conteúdo também difere.

Contém episódios que não figuram nos outros evangelhos: o casamento de Canaã, Nicodemus, José de Arimatéia, Cura de Lázaro (embora esse último tenha sido incluído no Evangelho de Marcos). Com base em tais fatores, estudiosos modernos tem sugerido que o Evangelho de João, a despeito de sua composição tardia, pode ser o mais fidedigno e historicamente acurado dos quatro. Mais do que os outros, ele parece originar-se de traduções correntes entre contemporâneos de Jesus, bem como de outros materiais inacessíveis a Marco, Lucas, Mateus.

Um estudioso moderno observa que o texto reflete um conhecimento topográfico aparentemente de primeira mão da Jerusalém de antes da revolta de 66 d.C. o mesmo autor conclui: Por trás do quarto Evangelho existe uma velha tradição independente dos outros Evangelhos.

(Brandon, Jesus and Zealots, p.16)

Embora tenha sofrido adulterações, era o mais fidedigno dos quatro.

Seria Jesus casado?

Segundo o costume judaico da época, não era só usual, mas quase obrigatório que um homem fosse casado. Com exceção de certos essênios de algumas comunidades, o celibato era vigorosamente condenado. Se Jesus fosse celibatário, certamente haveria uma forte reação e teria deixado algum traço.

A falta de comentários sobre o casamento de Jesus nos Evangelhos é um forte argumento, não contra, mas a favor da hipótese de casamento, porque qualquer prática ou defesa do celibato voluntário, no contexto judeu da época, teria sido tão estranha que teria atraído muita atenção e comentários.

A hipótese de casamento é reforçada pelo título de Rabino e a lei judia é explícita; " Um homem não casado não pode ser professor".

As bodas de Canaã sugerem que o casamento tenha sido a do próprio Jesus.

É de se estranhar o fato de Jesus e sua mãe estarem lá; ele ainda não havia iniciado seu ministério; e Maria lhe ordena que reponha o vinho. Comporta-se como se fosse a anfitriã (João 2:3-4)

"e faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: eles não têm vinho. E Jesus respondeu: Mulher que importa isso a mim e a vós? Ainda não é chegada a minha hora. Mas Maria, completamente à vontade ignora o protesto do filho (João 2:5). Disse a mãe de Jesus aos que serviam: fazei tudo o que eles vos disser. E os servos prontamente obedeceram, como se estivessem acostumados a receber ordens de Maria e de Jesus."

No que concerne aos Evangelhos, ele ainda não tinha ainda demonstrado seus poderes; e não havia razão para que Maria assumisse que ele os possuía. Mas mesmo que houvesse, porque deveria tais dons, singulares e sagrados, serem empregados com um propósito tão banal?

Por que deveria Maria fazer tal pedido a seu filho? Por que deveria dois convidados a um casamento tomar sobre si a responsabilidade de servir; uma responsabilidade que, por costume, seria reservada ao anfitrião? A menos, é claro, que o casamento em Canaã fosse o próprio casamento de Jesus. Nesse caso seria responsabilidade sua servir o vinho.

Outra evidência está em João 2:9-10 "O que governava a mesa chamou o noivo e disse-lhe: todo homem põe primeiro o bom vinho: e quando os convidados já os têm bebido bem, então lhes apresenta o inferior. Tu, ao contrário, tiveste o bom vinho guardado até agora". Uma conclusão óbvia é que Jesus e o noivo são a mesma pessoa.

A esposa de Jesus

Se Jesus era casado, existe nos Evangelhos alguma indicação da identidade de sua mulher?

Como primeira consideração, parece haver duas candidatas, pois, além de sua mãe, duas mulheres são mencionadas repetidamente integrando seu círculo.

A primeira é Madalena, do vilarejo de Migdal, ou Magdala, na Galiléia. O papel é singularmente ambíguo nos quatro Evangelhos e parece Ter sido deliberadamente obscurecido.

Marcos e Mateus a mencionam nominalmente em passagens tardias. Aparece na Judéia, no tempo da crucificação, e é citada entre os seguidores de Jesus.

Em Lucas, contudo, ela aparece relativamente cedo no ministério de Jesus, enquanto ele ainda está pregando na Galiléia.

Ela o teria acompanhado desde a Galiléia até a Judéia - ou, pelo menos, teria se movido entre as duas províncias tão rapidamente quanto ele. Isto em si sugere fortemente que ela era casada com alguém.

Na Palestina, no tempo de Jesus, seria impensável que uma mulher não casada viajasse desacompanhada e junto com um mestre religioso e seu círculo.

Pretende-se em alguns casos que Madalena teria sido casada com algum discípulo de Jesus. Se este era o caso, seu relacionamento especial com Jesus e sua proximidade a ele os teriam tornado ambos sujeito à suspeitas, se não acusações de adultério.

Em Lucas é descrita como a mulher "da qual vieram sete véus". Assume-se geralmente que esta frase se refere a uma espécie de exorcismo por parte de Jesus, significando que Madalena era "possuída".

Mas a frase pode igualmente se referir a algum tipo de conversão e/ou ritual de iniciação. O culto a Ishtar ou Astarte - deusa mãe e rainha do céu - envolvia, por exemplo, uma iniciação de sete estágios. Antes de sua afiliação a Jesus, Madalena pode Ter sido associada a tal culto. Migdal ou Magdala era o "vilarejo das pombas", e existem evidências de que lá eram criadas pombas destinadas a sacrifícios. E a pomba era o símbolo sagrado de Astarte.

Antes de falar de Madalena, Lucas menciona uma mulher que abençoou Jesus. Marcos idem. Não especificam quem é a mulher; mas Lucas registra como uma mulher caída, uma pecadora. Nessas bases, a mulher que abençoa Jesus e Madalena vieram a ser consideradas a mesma pessoa.

Lucas registra que as mulheres que seguiam a Jesus possuíam posses e a mulher que abençoou Jesus também era mulher de meios.

Em Marcos, grande ênfase é colocada no alto preço do óleo da unção utilizada no ritual. Deve-se lembrar que a unção é prerrogativa tradicional de reis - e do Messias de direito, que significa "aquele que recebeu a unção".

'Segue-se que Jesus o torna um autêntico Messias em virtude de sua unção. E a mulher que o consagra nesse augusto papel não pode deixar de ser importante.

É evidente que Madalena, no final da carreira, de Jesus, tinha-se tornado um personagem de imensa importância. Nos três Evangelhos sinópticos, seu nome encabeça a lista de mulheres que seguiam Jesus, da mesma forma que Simão Pedro encabeça a lista dos homens.

Ela é a primeira testemunha da tumba vazia após a crucificação. Para revelar a ressurreição, Jesus escolheu Madalena entre todos os seus devotos.

Ao longo dos Evangelhos, Jesus trata Madalena de uma forma singular e preferencial. Isso pode Ter suscitado ciúmes por parte de discípulos, seguidores e até, sua interpretação de uma sociedade masculina, principalmente na Idade Média.

Qualquer que tenha sido o papel de Madalena, ela não é a única candidata à esposa de Jesus. Existe outra, que figura de forma mais proeminente no quarto Evangelho e pode ser identificada como Maria de Betânia, irmã de Martha e Lázaro. Ela e sua se relacionam em termos muito familiares com Jesus e todo seu círculo.

Além disso, o episódio de Lázaro revela que essa casa continha uma tumba particular - naquele tempo, um luxo um tanto extravagante, não somente um sinal de riqueza, mas também uma posição que atesta conexões aristocráticas.

Quando no quarto Evangelho, Lázaro cai doente, Jesus havia deixado Betânia por alguns dias e estava no Jordão com seus discípulos.

Após ouvir o que tinha acontecido, ele permanece ainda por dois dias - uma reação bastante curiosa - e então retorna a Betânia, onde Lázaro estava na tumba (João 11,21) "Senhor, se tu houveras estado aqui, não morreria nosso irmão". Trata-se de uma afirmação chocante. Por que a presença física de Jesus teria impedido a morte do homem? Mas o incidente é significativo, porque Martha, ao saudar Jesus, está sozinha. E Maria está sentada dentro de casa e não aparece até que Jesus explicitamente lhe ordena que o faça.

O ponto se torna mais claro no Evangelho "secreto" de Marcos, descoberto pelo professor Norton Smith e citado anteriormente. Na narrativa suprimida. Maria teria saído da casa antes da instrução de Jesus para fazê-lo, tendo sido pronta e bruscamente repudiada por seus discípulos, os quais é obrigada a

calar. Seria bastante plausível que Maria estivesse sentada dentro de casa quando Jesus chegou a Betânia. De acordo com o costume judeu, ela estaria em shiveh, sentada em sinal de luto. Pelo mandamento da lei judaica da época, uma mulher em shiveh era estritamente proibida de sair de casa, exceto por ordem expressa de seu marido. Neste incidente, o comportamento de Jesus e Maria de Betânia é precisamente conforme com o comportamento tradicional de um homem judeu e sua esposa. Também em Lucas (10: 38,42) "E aconteceu que indo em viagem, entrou em uma certa aldeia. Uma mulher, chamada Martha, o recebeu em sua casa. Esta tinha uma irmã, chamada Maria a qual, sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. Martha, porém, afadigava-se muito na contínua lida da casa; e apresentou-se (diante de Jesus), dizendo; " Senhor, a ti não se te dá que minha irmã me tenha deixado só com o serviço da casa? Dize-lhe, pois, que me ajude." O Senhor, respondendo, disse-lhe: "Martha, Martha, afadigas-te e andas inquieta com muitas coisas. Entretanto uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada".

A partir do apelo de Marta, parece claro que Jesus exercia alguma autoridade sobre Maria. Em outro contexto, ela sugere que Maria de Betânia era sua discípula tão ávida quanto Madalena. Seria Maria de Betânia (irmã de Lázaro e Martha) e Maria de Madalena uma só pessoa? Os estudiosos bíblicos concordam com isso, e existem evidências abundantes a favor dessa conclusão. Mateus, Marcos e João citam Madalena como alguém presente na crucificação e não citam Maria de Betânia. Mas, se ela era tão devota, sua ausência seria, no mínimo, uma omissão. A menos, é claro, que ela estivesse presente e citada nos Evangelhos sob o nome de Madalena. Se Madalena e Maria de Betânia são uma só pessoa, não cabe a questão de esta última ter estado ausente na crucificação. No quarto Evangelho a mulher da unção é identificada como Maria de Betânia (João 11: 1,2): "Estava, pois enfermo um homem, chamado Lázaro, que era da aldeia de Betânia, onde assistiam Maria e Martha, suas irmãs (e foi esta Maria aquela que ungiu é identificada como Maria de Betânia (e foi esta Maria aquela que ungiu o Senhor com o bálsamo, e lhe limpou os pés com os seus cabelos, cujo irmão Lázaro estava enfermo). E novamente, um capítulo depois (João 12:1,3).

Portanto, é evidente que Maria de Betânia e a mulher que abençoa Jesus são a mesma pessoa. Se não é igualmente claro, é certamente provável que esta mulher também seja Madalena. Se Jesus era de fato casado, só haveria uma candidata a esposa para ele: Uma mulher que aparece freqüentemente nos Evangelhos com o mesmo nome, mas provindo de lugares diferentes (Magdala ou Betânia). Se Maria de Betânia e de Magdala são a mesma mulher e se essa mulher foi à esposa de Jesus, Lázaro teria sido seu cunhado.

É evidente que Lázaro tinha uma posição preferencial, em vários aspectos, ele parecia mais próximo de Jesus que os próprios discípulos.

Ao contrário dos discípulos, Lázaro é na realidade ameaçado. De acordo com o quarto evangelho, o chefe dos sacerdotes, ao resolver despachar Jesus, decidiu matar Lázaro também (João 12:10) "Porém os príncipes dos sacerdotes deliberaram matar também Lázaro, porque muitos judeus, por causa dele, retiravam-se e criam em Jesus".

Este, de algum modo, teria sido ativo em nome de Jesus - não era qualificado a ser também um discípulo, mas ele também não é citado como tal, nem que estava presente na crucificação; ou ele fugiu por causa da ameaça dirigida contra ele.

Mas é extremamente curioso que não haja nenhuma referência posterior a ele nos Evangelhos. Ou há referência? Tentamos examinar o assunto mais de perto: em João 11:3 o mensageiro o descreve como alguém especial. "Senhor, está enfermo aquele que tu amas".

Outro fato é o comportamento dos discípulos em relação ao evento (João 11:06) "Disse então Tomé, chamado Didimo, aos outros discípulos: vamos nós também, para morrermos com ele". O que significa isto?

Se Lázaro está literalmente morto, certamente, os discípulos não têm a intenção de juntar-se a ele num suicídio coletivo! E como se pode explicar a negligência do próprio Jesus, a fria indiferença com o qual se houve a notícia sobre a doença de Lázaro e retarda seu retorno a Betânia?

A explicação poderia residir, como sugere o professor Norton Smith, em uma iniciação mais ou menos padrão de uma "escola de mistério". Tais iniciações eram comuns na Palestina e envolviam morte e renascimento simbólico. Ser colocado em uma tumba, que se transforma simbolicamente em útero para o renascimento do aspirante; um ritual, agora chamado batismo, com uma imersão simbólica em água; e um copo de vinho, identificado com o sangue do profeta ou mago que presidia a cerimônia. E o próprio Jesus usa os mesmos termos na última ceia.

O autor do quarto Evangelho, que conta à história de Lázaro, não se nomeia ou se identifica como João. Contudo refere-se a si mesmo com uma denominação singular. "o discípulo amado", "aquele a quem Jesus amava" e insinua claramente que gozava de uma condição única e preferida acima de seus confrades.

Na última ceia, por exemplo, ele mostra flagrantemente sua proximidade pessoal com Jesus, e só a ele Jesus confia os meios pelos quais a traição iria ocorrer (João 13:23,26).

Todas as evidências sugerem que ele é de fato Lázaro "ao qual amava Jesus". Parece então que Lázaro e o "discípulo amado" são a mesma pessoa e que Lázaro é a verdadeira identidade de João. Se Lázaro é o discípulo amado, seu misterioso desaparecimento da narrativa das Escrituras e sua aparente ausência durante a crucificação estão explicados. Pois se ambos são o mesmo, ele teria estado presente na crucificação. E Jesus teria confiado a ele o cuidado de sua mãe (João 19:26,27). Isto é uma situação reveladora. Os outros discípulos não tinham casa, Lázaro tinha uma casa, em Betânia, onde o próprio Jesus costumava ficar.

No final do quarto Evangelho, Jesus prevê a morte de Pedro e o "discípulo amado" foi instruído de que não morreria. "Eu quero que ele fique assim até que eu venha; que tens tu com isso?" este é aquele discípulo que dá testemunho destas coisas, e que as escreveu: e nós sabemos que é verdadeiro seu testemunho (João 21:20,24).

É possível que Betânia tenha sido um centro de culto, um local reservado para os rituais presididos por Jesus.

Se isto é verdade, a ocorrência de Betânia em nossa investigação, de outra forma enigmática, seria explicada. O Monastério do Sinai tinha chamado seu "arco" de Renné Le Chatéau, de "Bêthanie". E Saunière, aparentemente por ordem do Monastério do Sinai batizou sua mansão de Vila Betânia. Durante a crucificação ele já tinha confiado sua mãe ao "discípulo amado" e, se não confiou mulher e filhos, poderia ser pelo fato de Lázaro já ser irmão e tio, ou seja, sendo cunhado, não haveria razão para confiar no continuísmo familiar.

Segundo a tradição, e segundo alguns escritores antigos da igreja, Lázaro, Madalena, Marta, José de Arimatéia e alguns outros, foram transportados até Marselha.

(Jacobus De Voragine, The Golden Legends, em Life of S.Mary Magdalen, p.73., este data de 1270. A mais antiga forma escrita desta tradução seria de Rabanus (776 - 856) arcebispo de Mains).

ESSÊNIOS E JESUS

INFLUÊNCIA DOS ESSÊNIOS NO CRISTIANISMO

Os Manuscritos do Mar Mortos são agora internacionalmente reconhecidos como leitura essencial na tentativa para compreender Jesus como um ser humano. Eles estão iluminando nossa compreensão de como e em que forma Jesus é diferente ou parecido aos Essênios. Nós temos muitos para ponderar; por exemplo; Jesus esteve ao não no Qumran dos Essênios vivendo no deserto de Judéia.

Ele anuncia as regras daquele Deus, "o reino de Deus, está tornando-se poderoso apresentando milagres de cura e parábolas. Seguramente Jesus Ter ascendido a Cristandade pode ser explicada unicamente face ao gênio criativo de Jesus de Nazareth.

Aquela figura histórica misteriosa, Jesus. Aos Cristãos que lutam para compreender seu compromisso com Deus através do Jesus.

*Examinar documentos Judaicos, estudar os Manuscritos do Mar Morto que são contemporâneos de Jesus, **nós encontramos muitos termos, frases, e conceitos até então considerados únicos a Jesus.** Esta descoberta pode desapontar os que desejam um Jesus que é único e de nenhuma forma parecido com seus contemporâneos Judaicos ou influenciado por seus pensamentos. Teólogos Cristãos da nossa época têm avisado que esta linha de raciocínio é perigosa e nega a verdade encapsulada em João Batista 1:14, "E a Palavra se tornou carne e residiu entre nós".*

Como nós compreendemos Jesus dentro de sua cultura Judaica, nós estamos aprendendo a confrontar uma pessoa real em um tempo específico e lugar.

Algumas doutrinas negam que Jesus foi ser humano e sofreu. Asseguram que ele teve unicamente uma existência divina. Nós estamos agora, graças à descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, mais realisticamente confrontado com as dinâmicas da vida humana autorizada pela presença temerosa de Deus...

Cinco conclusões [com respeito à relação de Jesus e os Essênios] são aparentes. Primeiro, Jesus foi, certamente, não um Essênio, como alguns autores têm reclamados. Ele também não ensinou por ou significativamente influenciou os Essênios, a despeito das tentativas de muitos. Segundo, Jesus foi provavelmente influenciado em caminhos menores pelos Essênios.

Ele compartilhava sua ternura aos mesmos livros da escritura e por seu pneumático, escatológico, e messiânica exegese

Ele pode ter herdado dos Essênios as idéias de redenção escatologicamente para "o Pobre, compartilhando de posses, e condenação de divórcio; o termo técnico "filhos de luz", e o conceito de "o Espírito Sagrado."

Philippi Jesus podia ter sido atraído pela dedicação dos Essênios ao Torah. Ele referiu-se aos Essênios apreciativamente o dito sobre os eunucos no Mateus deriva finalmente dele e ele teve os Essênios em mente. Talvez com a publicação dos Manuscritos do Mar Morto, nós podemos ser capazes para espalhar alguma luz neste ainda não resolvido problema. Daqui a pouco, nós poderemos estar intrigados pelas possibilidades de Jesus só referir-se aos Essênios com admiração quando ele elogiou os eunucos. (Mt 19:10-12).

Até mesmo isto está clareando que Jesus poderia rejeitar o calendário dos Essênios, conservatismo estrito, conceito de pureza e regras obrigatórias rígidas.

Yadin concluiu que Jesus soube dos ensinamentos dos Essênios e foi "anti-essênio." Irto é parcialmente verdadeiro; algumas das palavras de Jesus indica que ele pode ter gostado de algo do modo de vida do Essênio - estilos e umas dimensões de sua teologia.

Os Manuscritos do Mar Morto são uma fonte inestimável para ajudar-nos a compreender a vida e ensinamentos de Jesus. Eles fornecem alguns contextos ideológicos para seu pensamento, e ilumina o valor social e contexto dos 70 ac da vida Judaica na Terra.

Jesus foi influenciado por muitos grupos dentro do Judaísmo. Ele foi obviamente influenciado por João Batista e seu grupo, desde ele foi batizado por ele, e pode bem ter inicialmente liderado um movimento de batista parecido e herdado algum de João Batista discípulos do Batista. As possibilidades últimas contam com a validade histórica dos capítulos do Evangelho de João Batista.

Jesus pode ter sido diretamente influenciado por **Hillel, que morreu alguns dias antes de seu ministério público**. Ele foi certamente influenciado pelos grupos dos Judaicos apocalípticos; mas embora alguns pesquisadores entretêm a possibilidade de que ele foi influenciado pelos autores dos Apocalipses de Enoch (1 Enoch), não há evidência de que ele tenha sido influenciado por qualquer apocalipse existente. Diferente do **Mestre da Retidão**, Hillel, e Paulo, Jesus não foi um membro de qualquer grupo Judaico. As tentativas recentes para definir-lo como um Fariseu não tem convencido muitos pesquisadores.

Jesus foi influenciado por grupos numerosos e correntes de pensamento dentro do Judaísmo daquele tempo, que esteve muito criativo e diverso. Mérito contemplado é "O Resumo do Schiffman:

"Contrário do que foi previamente assumido, as Casas de Hillel e Shammai não exerceram muita influência sobre a Cristandade, como as várias seitas cuja literatura sobrevive nos Manuscritos do Mar Morto e nos Apócrifos e pseudoepígrafos."

Schiffman está falando sobre "Cristandade." Eu tenho enfocando em Jesus antes a emergência de "Cristandade" depois 70 CE. Pessoalmente, Eu tendo concordar com Schiffman, sem fechar a porta em influências fortes de Hillel em Jesus.

As tentativas para reviver o E. Reclamação do Renan que Cristandade é Essenismo que tem sobrevivido tem falhado. Cristandade não é uma forma de Essenismo.

Ainda, como pesquisa nos Manuscritos do Mar Morto continua especialmente com a publicação de fragmentos adicionais, e com a elucidação do mundo social e pensamento dos evangelistas, isto tem tornado-se mais óbvio que a influência do Essênio é maior na segunda e terceira gerações de seguidores de Jesus, que nos tempos de Jesus e dentre eles, seguidores os mais antigos. Há mais evidências dos Essênios terem influenciado as cartas-Paulinas, epístolas (especialmente Aos Efésios) que nas letras de Paulo (notavelmente Gálatas e Romanos). Há mais evidência de Essênios influenciarem em Mateus e João Batista, que em Marcos, que os precede.

Entre Jesus da sagrada escritura talvez e os Essênios provavelmente teve ternura especial aos mesmos livros, a saber, Deuteronômio, Isaías, e especialmente os Salmos de Davi. Esta preferência pode, mas não necessariamente, indica alguma relação entre Jesus e os Essênios. Eles foram provavelmente mais ligados ao Deuteronômio que ele. Esta área para pesquisa frutífera necessitará muito trabalho, discernimento, que pode ser indagado da confiança, sobre Jesus e nós temos agora evidência ampla para acessar preferências do Qumran. Contudo, isto é interessante para ponderar por que Jesus e os Essênios pareciam compartilhar uma ternura aos mesmos livros de sagrada escritura. Jesus e os Essênios utilizaram meios parecidos para interpretar as sagrada escritura. Eles lêem sob a orientação do Espírito e assegurando as promessas de Deus, tiveram agora existência preenchida. Ambos, Jesus e os Essênios foram escatologicamente orientados (viz., Mk 9:1; 1QH 8)....

Ambos compartilhavam o princípio da hermenêutica, que resulta em uma interpretação indicando que unicamente eles, e seu grupo, realmente compreendiam o significado das sagradas escrituras. A palavra chave é "revelação". Jesus acreditava que o significado verdadeiro da sagrada escritura tinha sido revelado para ele. O Qumran dos Essênios acreditavam que Deus "tinha feito saber ao" **Mestre da Retidão** "todo os mistérios das palavras Dele observados pelos profetas" (IQpHab 7.4-5).

Os Essênios eram mais extremistas que Jesus; eles asseguraram que unicamente o Mestre de Retidão “compreendia a sagrada escritura (IQpHab 7). Eles insistiam que o autor original, especificamente Habacuc, e outros nunca compreenderam o significado da sagrada escritura. Jesus nunca fez uma tal reclamação; melhor, ele assegurou que as promessas da escritura apontaram para ele e seu tempo. Jesus e os Essênios, em um único caminho compartilhado, indicou que as sagradas escrituras falaram sobre eles especificamente, escatologicamente, e às vezes “messianicamente”. Ambos insistiram que os profetas falaram sobre o fim dos tempos e que este tempo futuro era agora e em sua própria comunidade...

Ambos Jesus e os Essênios enfatizaram que a redenção era oferecida aos pobres e que era claramente um termo técnico dos Essênios e pode ter sido que Jesus. Segundo Mateus 5:3, no Sermão da Montanha, Jesus abençoou “o pobre de espírito, e segundo Lucas 6:20, no Sermão da Planície, ele abençoou” o pobre “”.

Em contraste com Jesus, os Essênios desenvolveram regras extensas e rígidas para protegê-los das impurezas, para punir aqueles dentre eles que tenham sido violadores, e para restaurar sua momentânea pureza perdida... O Qumranic código penal, que incluía a pena de morte, foi estreitamente alinhada com as regras para pureza...

Em termos do conceito de Jesus de pureza esteve categoricamente diferente dos Essênios. G. Jeremias aponta para “um contraste irreconciliável”. Para Jesus, impureza não era um perigo, como era para os Essênios. Jesus parece à distância dos debates acima do conceito de pureza que existiu no primeiro-século na Palestina...

Jesus convivia com os comuns, e até mesmo com leprosos, os proscritos, e mulheres; essas ações poderiam ter sido anátema (amaldiçoado) aos Essênios. Em contraste com os Essênios, Jesus visita a casa de um leproso (Mk 14:3 e paralelos). Os Essênios tinham medo de lepra, desenvolvendo regras estritas para procedimento com tais perigos (IQS, 1QM, 11QTemple), e colocou leprosos como proscritos em uma seção ao oriente de Jerusalém (11QTemple 46), precisamente onde Jesus entrou na “casa de um leproso”. A atitude de Jesus em relação aos leprosos e réprobos era incomum.

Jesus até mesmo se associou com prostitutas. Como Vermes aponta, “Jesus o Galileu, homem sagrado, que usou o conceito da perfeição, mas as pessoas do interior simples, incluindo publicanos, transgressores e prostitutas” contrastam com “a figura austera do Mestre de Retidão”.

Jesus e os Essênios tinham fins contrários do espectro em consideração às mulheres. Jesus incluiu mulheres em seu grupo, considerando-as discípulas, ensinando as sagradas escrituras (Lk 10:38-42), e até mesmo quebrou tabus Judaicos por conversar com uma mulher Gentia da Syrophenicia e uma mulher de Samaria. Como R. Hamerton-kelly tem mostrado,

“Jesus quebrou as formas da família patriarcal em nome de Deus o Pai, e reconhecendo o direito natural das mulheres para a humanidade igual aos homens”.

Esta perspectiva é desenvolvida por pessoas numerosas, incluindo B. Witherington e E. Schussler Fiorenza.

O Essênios, em contraste arrojado com Jesus, considerava as mulheres indignas de confiança e sem fé e lutou por separar eles mesmo do contato natural de uma mulher (Josephus, Guerra 2.121). Os autores (e editores) do Documento Do Damasco explicam que a corrupção em culto de Templo era resultado da associação impura com as mulheres (CD 4-5), e eles estipulam que aqueles Essênios que casa deve obedecer não unicamente as sagradas escrituras (Torah), mas também os estatutos do Essênio e juramentos obrigatórios (CD 7). Um Dos estatutos proibindo comércio com esposa em Jerusalém (CD 12). Um poema de sabedoria de Caverna Do Qumran 4 (4Q184) descreve os perigos de interpretações falsas de sagrada escritura como uma mulher cujo coração está “um laço”, que é o “causa de toda maldade”, e cujos caminhos são “caminhos de morte”. A Regra da Comunidade não menciona ou inclui uma “mulher” (issa)*. Essas perspectivas não são para que sejam igualadas com as atitudes às mulheres encontradas dentre a maioria dos Judeus, provavelmente refletidos em Mishna Nashim, que inter aliar quer que uma mulher e um homem quando casados são igualmente responsáveis em consentir para comércio sexual (m. Ket 5:7; cf. 1Cor 7:3-4, que foi composto pelo Fariseu-cristão Paulo). Meio século passou desde que um beduíno-guia descobriu os pergaminhos em uma caverna nos rochedos acima da costa oeste do Mar Morto. Os detalhes daquela descoberta iniciais provavelmente nunca serão conhecidos com certeza. Que encontrado os pergaminhos, como, sob precisamente que condições - tais perguntas estão por este tempo escondido em mistério. Até Mesmo a data é incerta; o 1930, 1942, e 1945 têm tudo como alternativas, geralmente a data aceita é de 1947, provavelmente Fevereiro daquele ano. Não há dúvidas, entretanto, sobre a idade dos pergaminhos. Eles datam do tempo de Jesus e um pouco antes.

Entre 1950 e 1956, arqueologistas e o beduíno foram procurar mais pergaminhos, e futuramente uma biblioteca de mais de oitocentos manuscritos diferentes foram recuperados.

Em um caso, o beduíno explorou uma caverna, a mais rica, agora Caverna conhecida como 4, direita sob os narizes de arqueologistas que estavam escavando um local próximo a Qumran, visando aprender mais sobre os pergaminhos.

Dos oitocentos manuscritos, menos que uma dúzia estava, em qualquer sentido intacto.

mil deles--muitos fragmentos não eram maiores que uma unha. Adquirindo esses fragmentos do beduíno despedido era mais complicado que adquirindo o pergaminho intacto do cachê inicial

Começou em 1953, um grupo internacional de pesquisadores jovens em Jerusalém sob cuidados dos Jordanianos para classificar esses milhares de fragmentos.

. Enquanto a tarefa de identificar fragmentos nunca foram completados (ainda hoje várias peças estão sendo encaixadas dentro de quebra-cabeças), em 1960 este grupo de pesquisadores identificaram as peças de oitocentos documentos e arranjados eles assim como eles puderam, eles tinham também decifrado e transcreveram de modo que podiam ser facilmente lido.

Enquanto isso, por 1958, pesquisadores Israelenses e Americanos tinham publicado os sete pergaminhos intactos do cachê inicial.

A maioria dos pergaminhos intactos estava facilmente legível por qualquer um que soubesse Hebreu ou, em um caso, Aramaico. Os pergaminhos fragmentados, entretanto, apresentaram um problema difícil. Esses também estavam escritos principalmente em Hebreu, embora uns 25 por cento Aramaico, uma língua Semítica relacionada com o vernacular na Palestina no tempo de Jesus. Mas, em média, 90 por cento de cada destes documentos eram fragmentos. Letras estavam freqüentemente obscurecidas e incertas. Que o grupo de pesquisadores foram capazes de reproduzir transcrições destes fragmentos, com algumas reconstruções em partes desaparecidas, por algum espaço de tempo, é uma realização sábia.

Por volta de 1960 os conteúdos da coleção estavam razoavelmente claros. Mais de duzentos documentos eram livros da Bíblia Hebraica.

Mas centenas de documentos eram completamente desconhecidos. Esses que eram mais fascinantes, ambos aos pesquisadores e o público. A maioria dos documentos foram escritos em couro. Uns poucos foram em papiro. Um especialmente intrigante, intacto esculpido em cobre identificado acima de sessenta locais. Os vários textos estavam confundindo--previamente Salmos desconhecido, comentários da Bíblia, textos do calendrical, textos místicos, textos do apocalipse, textos litúrgico, leis de pureza, Rabbinic-iguais expansões de histórias bíblicas. Como fazer sentido nisto tudo?

Pareceu claro que alguns refletiam as visões de uma seita Judaica distinta, que pesquisadores logo identificaram como dos Essênios, um movimento Judaico obscurecido descrito em algum detalhe no primeiro-século por Josephus Um historiador Judaico. Recentemente, entretanto, a hipótese do Essênio tem sido cada vez mais inquirido.

Outro aspecto dos rolos mais sensacionais: Em muitos respeitos o pergaminho publicado parecia com a doutrina Cristã--embora a maioria deles datado para um tempo antes a era Cristã. Os conceitos da doutrina cristã já existiam, prefigurado pelos pergaminhos?

O pesquisador Andre Dupont-sommer, tentando conectar os Manuscritos do Mar Morto do Qumran e cristandade discutindo que Jesus foi prefigurado por seu caracter em rolos conhecido como o mestre de retidão. Em uma famosa passagem, Dupont-sommer escreveu:

O Mestre da Galiléia . . . aparece em muitos respeitos como uma reencarnação surpreendente do mestre da retidão nos pergaminhos. **Do último**, Ele pregou penitência, pobreza, humildade, amor ao próximo, castidade . **Dele**, Ele prescreveu a observância da lei de Moises, a Lei inteira, mas a Lei terminada e perfeita, graças às suas revelações. **Dele**, Ele foi o Eleito e Messias de Deus, o redentor do mundo. **Dele**, Ele foi o objeto da hostilidade dos padres.... Ele foi condenado e colocou para morte. Ele pronunciou julgamento em Jerusalém, que foi tomado e destruído pelos Romanos., No fim dos tempos, Ele será o juiz supremo., Ele encontrou uma Igreja cujos adeptos ardentemente esperam sua volta gloriosa.

Dupont-sommer grandemente influenciado o pelo americano proeminente Edmund Wilson, crítico literário, que escreveu o mais vendido best-sellers, reimpresso de uma série de artigos que apareceram em 1951 para 1954. Wilson, seguinte Dupont-sommer, reclamou que a seita do Qumran e a Cristandade antiga foram " fases sucessivas de um movimento.

Esta posição obteve credibilidade dada por fatores inteiramente sem relação ao conteúdo dos pergaminhos eles mesmos. O time de publicação, era, em sua maioria Católicos, **padres Católicos, e, tolamente, eles recusaram liberar os textos dos pergaminhos fragmentados inéditos**. Esta decisão, compreensivelmente, liderada por acusações de que os pergaminhos inéditos estava sendo impedido porque eles solapavam a fé Cristã. Finalmente a recusa para liberar os rolos, que os pergaminhos conta-nos sobre o período de que ambas, Cristandade e Judaísmo andavam juntas.

Os pergaminhos nos conta um grande acordo que nós não soubemos sobre a situação de Judaísmo no amanhecer de Cristandade. Eles também nos conta muito sobre Judaísmo no tempo em que o Templo

ainda ficava em Jerusalém e sobre as raízes do Judaísmo; o antecessor direto de todas as denominações Judaicas maiores hoje, que emergidas após os Romanos destruírem o Templo. Contamos, finalmente sobre a Bíblia antes do canon autorizado ser estabelecido no segundo século D.C., quando versões diferentes dos livros bíblicos circulados dentro do mundo Judaico.

Os rolos assim fornecem uma visão única dentro de uma cultura religiosa, assim como a agitação social. As mais antigas datas dos rolos é aproximadamente 250 A.C.; o mais recente para 68 D.C., quando os Romanos conquistaram Qumran em seu caminho a Jerusalém, que eles queimaram uns dois anos mais tarde, efetivamente finalizando a Primeira Revolta Judaica contra Roma.

Jerusalém e a influência da cultura Grega

Em 332 A.C.. Alexandre, o Grande, conquistou Judéia. Assim começou um processo de Helenização que adotou profundamente toda a cultura dos judeus em vários aspectos. Cidades Gregas foram estabelecidas na Palestina. Templos Gregos foram construídos e dedicados para divindades não judaicas ; A língua Grega foi logo falada pelo mundo Judaico, junto com o vernacular Aramaico e o hebraico cada vez menos frequente.

Após a morte de Alexandre em 323 A.C., seu império partiu em duas partes menores: o Seleucidas na Síria ao norte e o Ptolomaicos no Egito ao sul. Durante o terceiro século A.C.. o Seleucidas e o Ptolemaicos lutaram pelo menos, cinco guerras, com a judeia.

Durante este período na Judéia, aumentou as tensões sociais entre os helenizados, que introduziram idéias Gregas e costumes, e aqueles Judeus tradicionais, fizeram oposição a influência Grega, entre as cidades sofisticadas e as aldeias conservadoras, entre aristocratas urbanos e fazendeiros rurais, e entre pobres e ricos. Muitos Judeus encontraram sua fé e a continuidade de seu mundo ameaçado por esses gregos intrusos. O livro de Eclesiastes, com seu ceticismo teológico, é um exemplo da profunda alteração que esta nova cultura efetuou face aos compromissos religiosos tradicionais.

Em aproximadamente 175 A.C.. Jason--que teve seu nome Helenizado do Hebreu, Josué—subornou-se a Antiochus IV, monarca dos Seleucidas, depôs seu irmão e ficou em seu lugar, Jason na posição de alto padre em Jerusalém. Em gratidão, Jason logo mudou o nome de Jerusalém para Antioquia e erigiu um ginásio na capital, onde esportes Gregos foram incentivados e a filosofia Grega foi ensinada.

Josephus relata que Jason "movia sua cidadania acima dos caminhos Grego da vida."

Mais Tarde Antiochus emitiu um decreto proibindo a circuncisão, estudos religiosos, e observância de festivais e o Sabbath. Tal Helenização radical inevitavelmente trouxe a revolta dos Macabeus, dando luz a dinastia de Hasmoneus, de reis Judaicos e sacerdotes(142-37 A.C..). Que começou como um revolta anti-helenística, entretanto, logo virou uma dinastia pro-helenística. Intrigas Políticas entre os Hasmoneanos e a a mais alta autoridade política (o rei) foi logo combinado com a mais alta autoridade religiosa (o alto padre). cismas Religiosos aumentaram. Uma guerra civil durante os anos do primeiro século A.C., dissidentes Judeus unidos, Demetrius III rei da Síria atacaram Jerusalém, enquanto Alexandre, rei Judaico contratou mercenários para defender a cidade. Crucificaram oitocentos deles. À elite, cujo túmulos e mansões elegantes têm sido descobertas em Jerusalém, houve nos tempos prósperos. Uma primeira seção residencial em Jerusalém, Nahman Avigad da Universidade Hebraica foi recuperada não unicamente suas residências opulentas, banhos rituais, mas também suas mobílias dispendiosas.

Em meados de-segundo século A.C., entretanto, um pequeno grupo de Judeus, talvez ofendidos pelo materialismo que eles viam em toda parte , talvez angustiados pela degradação da classe dos sacerdotes, que se fundiu com a aristocracia de Jerusalém, optaram viver em isolamento. Eles foram para um lugar chamado Qumran. Essas pessoas ocupam o assunto maior deste livro. Se de fato eles foram os guardas dos pergaminhos que foram mais tarde encontrados nesta área, e seu líder o Mestre de retidão. Está claro que eles rejeitaram o Templo de Jerusalém ou ao menos seu sacerdote. Aproximadamente ao mesmo tempo, outros grupos religiosos Judaicos ou seitas estavam emergindo. Destes, o Fariseus são os mais conhecidos. Para eles são atribuídos as fontes da Lei Oral--o Talmud que mais tarde formaram os fundamentos do Judaísmo Rabinico, o Judaísmo que se espalhou por toda a diáspora depois da destruição do Templo pelos Romanos e mais tarde a expulsão dos Judeus do Jerusalém.

O segundo maior grupamento, o Saduceus (Tsadukim), que dizia descender do Zadok (Tsadok). Eles contestaram a usurpação do alto sacerdócio por não-zadokitas, eles contudo freqüentemente alinharam-se com o Helenísticos Hasmonianos.

Um terceiro, muito menor, foi a dos Essênios. Eles também contestaram um não-zadokita Ter usurpado o alto sacerdócio, mas eles mais rígidos em sua aderência para e interpretação estrita de lei religiosa e menos desejosa para ajustar às realidades políticas dos Hasmoneus.

Até Mesmo o Essênios, entretanto, não inteiramente escapou das influências helenísticas por exemplo, em dualismo (caracterizado por contrastar forças, tal como bom e mau, que freqüentemente permeia sua escrita religiosa.

Enquanto esses foram os agrupamentos maiores, havia muitos que não deixou nenhum traço em registro histórico.

Em meados de-sessentas A.C., dois filhos de Hasmonéus se empenharam em uma guerra fratricida ao trono. Um destes filhos procurou ajuda Romana, e em 63 A.C.. o general Pompeu Romano conquistou Jerusalém, efetivamente finalizando a soberania Judaica, embora governantes de Hasmonéus continuaram, ao menos nominalmente, sentados no trono de um reino truncado por mais um quarto de século

Então, em 40 A.C., Parthians do oriente invadiu Judéia, vencendo os Romanos e nomeando o último governante dos Hasmonéus (Mattathias Antigonus). No tempo da invasão do Parthian, Herodes, um Judeu de Idumean e linhagem do Nabatean, subseqüentemente Herodes conhecido como o Grande, estava servindo como procurador Romano. Ele prontamente foi a Roma para convencer o senado Romano que unicamente ele poderia restaurar a regra Romana. Em 37 A.C.. Herodes liderou um exército contra Parthians e depois reconquistou Jerusalém.

Por trinta-três anos ele controlou Judéia, como um vassalo Romano. Ele foi odiado pelos judeus. Josephus, historiador Judeu se refere ao plano de Herodes para assassinar os líderes da Judeia. Herodes exerceu sua força através do terror e brutalidade, mas uma razão para ele ficar anti-popular foi sua violação de lei Judaica tradicional. Ele construiu templos pagãos numerosos e estádios para gladiadores em Jerusalém. Entretanto, ele também reconstruiu o Templo Judaico em Jerusalém em grande escala que de longe eclipsou o edifício original construído um milênio atrás pelo rei Salomão. Depois da morte de Herodes, em 4 A.C., Os Romanos assumiram cada vez mais a força direta. Distúrbios continuados, conduziram futuramente a erupção do da primeira revolta Judaica contra Roma, que começou em 66 D.C.. e efetivamente terminado em 70 D.C., quando os Romanos queimaram Jerusalém e destruíram o Templo.

O Judaísmo durante este período tem sido descrito como "notavelmente variado." Alguns pesquisadores diziam Judaísmos, em vez de um Judaísmo. Naqueles tempos inseguros o Judaísmo tradicional, centralizado em sacrifício de Templo, foi amplamente considerado inadequados, por Judeus, devido ao presente tempestuoso. Assim, uniram-se a instituições da sinagoga, que poderiam repor o Templo e tornarem-se o foco da vida Judaica depois disso, nós também vemos o desenvolvimento de expectativas do fim dos tempo, das visões divinas, da vida após a morte, da ressurreição dos mortos, dos apocalipses (revelações) onde bons e maus lutariam mutuamente em uma batalha cósmica final, e dos portadores do messianismo.

QS, 4Q255-264a, 5Q11

Isto estava entre os primeiros sete pergaminhos encontrados e é motivo central para discussões sobre os Manuscritos do Mar Morto desde sempre. As cópias da Caverna 1 esteve virtualmente intacta. Também, o número puro de cópias deste trabalho descoberto nas cavernas--treze, quase como muitos como copia de Gênesis e Êxodo, e os outros livros da Bíblia--dita centralizou este trabalho na tentativa em compreender o fenômeno dos pergaminhos. Claramente sectário, e escrevendo em língua e imagem para expressar a mente-conjunto .

Pesquisadores comumente referem a este trabalho como "Regra De Comunidade." Este trabalho supostamente foi feito para governar uma comunidade vivendo em Qumran. Mas esta idéia está ao menos parcialmente errada; o trabalho em si mesmo se refere a vários grupos por toda a Palestina. Portanto isto não anexou especificamente ao local do Qumran (qualquer que seja a conexão dos Manuscritos do Mar Morto ao local). Este texto reflete uma pequena comunidade vivendo lá. Desde que "comunidade" usualmente implica numa definida e restrita localização geográfica Para evitar as conotações enganosas de vários semi-equivalentes linguísticas possíveis, decidimos usar uma das pessoa-designações na maioria comuns de associação, **Yahad**, "**unidade**."

O texto presente é essencialmente uma constituição do **Yahad**. Que isto é uma constituição torna-se claro por comparação com as constituições de qualquer outra parte do mundo Greco-Romano contemporâneo. Pesquise por Moshe Weinfeld e Matthias Klinghardt dentre outros têm mostrados que virtualmente todo elemento estrutural deste Judaísmo antigo escrito, tem analogias com constituições e associações religiosas do Egito, Grécia, e Ásia Menor.

Josephus, o historiador Judeu do primeiro século, descrevendo os grupos Judaicos maiores como escolas filosóficas. Seu retrato é usualmente colocado como uma adaptação enganosa da situação Judaica verdadeira.

Como o trabalho é descrito, a associação é suprida de padres, Levitas (um pedido do sacerdócio secundário), "Israel," e prosélitos Gentio.. Outros Judeus, junto com as nações Gêntias circundadas,

eram considerados "Homens de Perversidade" que "anda em caminho mau." Entrava no grupo através de conversão.

Durante este período ele (mulheres não é especificamente mencionada) recebe instrução em conhecimento, segredos do grupo e passa progressivamente pelos mais altos estágios de pureza; Sua riqueza (segundo 7:6-8 ele não retém qualquer porção de seus bens) é fundida com o do grupo, uma prática parecida com os Cristãos descritos no Novo Testamento de Atos. Futuramente a associação designa a ele uma posição baseada na obediência à Lei de Moises.

Cada capítulo da associação tem um líder conhecido como o Instrutor, provavelmente o padre primeiro, que guia deliberações sobre pergaminhos para governo do grupo, fundos de associação, e interpretação bíblica. Realmente, o título do texto da Caverna 1 declara que esta cópia pertencia a um Instrutor, que pode bem se referir ao trabalho quando instruiu novos convertidos. Decisões estão por regra de maioria. Os capítulos locais compreendem ao menos dez homens que se encontram para refeições e estudo da Bíblia. A cada ano eles conduzem uma revisão cheia do sócio. Naquele tempo a posição de um homem podia mudar, para melhor ou pior, segundo seu comportamento e compreensão bíblica. O uso de terminologia militar é notável. Membros são descritos como "voluntários" e são organizados dentro de grupos de milhares, centenas, cinqüentas, e dezenas. O método de organização é aquela utilizada na guerra sagrada conduzida sob Moisés e Josué quando Israel foi atacado pelos Canaanitas e tomou posse da terra de Israel. Esta escolha de terminologia foi, certamente, deliberada. O grupo pensando em si mesmo como guerreiros, esperando sinal de Deus para começar a guerra final contra as nações e as maus dentre os Judeus. Enquanto Isso eles procuraram viver em um estado maior de pureza como a Bíblia requeria aos guerreiros sagrados...

Muitos das idéias teológicas deste trabalho, são familiares para nós através da escrita de Judeus e Da Cristandade (que foi, certamente, em si mesmo um movimento Judaico quando começou). Como Cristandade, membros como entrando numa nova aliança com Deus, verdadeiramente preenchendo o aliança do velho Mosaísmo. A constituição chama de Aliança da Misericórdia, o Aliança do Yahad Eterno, a Aliança Eterna, e a Aliança de Justiça. Crentes estão daqui a pouco vivendo em uma era quando Satanás (aqui chamado Belial). O Novo Satanás nos termos do Testamento "o Príncipe deste mundo." Finalmente, aquele fato explica por que crentes, que sabem e vivem pela verdade, tem tais dificuldades neste mundo. Crentes são Crianças de Luz, Crianças não-crentes de Escuridão--terminologia também utilizada no Novo Testamento. Dentre os nomes, a **associação chama a si mesmo "O Caminho" (e.g., 9:18), um pessoa-designação que algum dos primeiros Cristãos também utilizavam (Atos 9:2).**

No futuro a constituição antecipa uma "visitação benévola" de Deus. Uma passagem do texto fala da esperança da ressurreição (11:16-17). Crentes um dia receberão um "coroa de glória" e uma "galardão de honra." Na outra mão, todos não pertencente ao grupo é levado para danação eterna, uma eternidade de tortura pelo mau "anjos de perdição," todos queimando na escuridão completa.

Passagens descritivas longas da constituição no inferno e o destino de não-crentes

Talvez o mais grave conceito-- verbal por semelhança entre pensamentos Cristãos antigas e desta constituição é a noção de comunidade como templo. Paulo fala da existência de crentes "construída sobre a fundação dos apóstolos e profetas, com Jesus. Nele a estrutura inteira é unida juntamente e cresce num templo sagrado no Senhor; em que você também é edificado para morada de Deus, mediante o Espírito." (Eph. 2:20-22). Nosso texto descreve os crentes como "templo para Israel e . . . Sagrado dos sagrados . . . Assim ambos Cristãos antigos e membros desta associação concebida por eles mesmos é estritamente como o templo verdadeiro. Eles tinham reposto a estrutura física em Jerusalém Isto foi uma idéia com uma implicação do transcendental, desde a Bíblia podia ser lida dizendo que Deus vivia no Templo Do Jerusalém. Para ambos destes grupos, Deus não fez moradia naquele edifício oco mero construído por mãos humanas. Ele viveu neles.

O trabalho começa por caracterizar o aliança com que membros estão comprometidos eles mesmos. O autor além disso descreve uma comunidade mestre, que, em termos gerais explica o papel para tomar um Instrutor como um ideal à comunidade.

Col. 1

Um texto pertencente ao Instrutor, que está para ensinar o Ho. Uns do ly de como viver segundo o livro de Regra do Yahad. Ele irá ensinar como procurar Deus em todo seu coração e com toda sua alma, para fazer que é bom e direito ante Ele, e como Ele comandou através de Moisés e todos Seus servos, os profetas. Ele irá ensinar a eles a amar tudo o que é escolhido e para odiar tudo que Ele rejeitou, para se afastar eles mesmos de todo mau e para fazer bons atos; para praticar a verdade, justiça, e retidão na terra, e para andar no caminho do bem. Que os voluntários devem viver segundo as leis de Deus na Aliança de Misericórdia, a fim de que seja unida com a sociedade do Deus e ser perfeito ante Ele, segundo tudo que tem sido revelado aos tempos o os nomeados. Ele irá ensinar a amar todas as Crianças de Luz --e para odiar todo as Crianças da Escuridão,

Todos os que são voluntários de Deus, irão trazer a medida cheia de conhecimento, vigor, e riqueza dentro do Yahad de Deus. Assim eles purificam seu conhecimento em verdade das leis de Deus, e exercitam seu vigor segundo a perfeição de seus caminhos, e igualmente sua riqueza pelo canon dos conselhos da direita. Eles não irão desviar-se no menor detalhe de qualquer das palavras de Deus.

Pergaminhos e a conduta da comunidade. Primeira seção , regras e resumo geral.

Col. 5

Isto é a regra aos homens do Yahad (unidade) que voluntários ao reparar todo mau e para firmar teste para que possa comandar-se por Ele, de boa vontade.

Eles deverão separar-se da congregação de homens perversos. Eles virão juntamente com respeito para Lei e riqueza. Suas discussões sob a vigilância dos Filhos de Zadok--padres e preservação da Aliança--e segundo a maioria dos pergaminhos dos homens do Yahad, que segura a Aliança. Esses homens decidem em matérias de Lei, dinheiro, e julgamento.

Eles praticam a verdade com humildade, caridade, justiça, amorosa-gentileza, e modéstia em todos seus caminhos. Portanto, nada permanecerá em um coração intencional e assim seja seduzido, não por seu coração, nem por seus olhos nem ainda por sua natureza. Juntamente eles são obrigados a circuncisão. O prepúcio desta natureza, este pescoço rígido, e assim estabelece uma fundação de verdade para Israel--que quer dizer, ao Yahad do Aliança com o Eterno. Ambos por experiência e por veredicto irão condenar qualquer que transgredem um regulamento.

Princípios Gerais da organização.

Da Comunidade em suas refeições associadas ao estudo da BÍBLIA.

Por essas regras eles governam a eles mesmos onde quer que eles residam, de acordo com a vida da comunidade. Inferiores devem obedecer a seus superiores de posição no que diz respeito ao trabalho e riqueza. Eles, oram, e dez homens pertencentes à sociedade do Yahad são unidos, um padre deve sempre se apresentar. Os homens ante o padre por posição, e desta maneira sua vontade e opiniões seja procurada em qualquer assunto.

Em qualquer lugar onde se unem os dez homens, alguém deve sempre empenhar-se em estudo da Lei.

O propósito de comunidade faz, seu manifesto, E reiterado. Esta declaração termina por esperar a chegada de um profeta--talvez o "profeta Moisés" previsto pelo livro de Deuteronomio, ou talvez um mensageiro tal como João Batista, conforme os Cristãos antigos--e dois messias, um sacerdote e um presumivelmente, um rei da linha real de David.

Quando, unidos por todos esses preceptores, tais homens vêm a ser uma comunidade em Israel, eles acreditavam Ter a verdade eterna guiada pela instrução do espírito sagrado. Eles à culpa de transgressão e a rebelião de pecado, tornam-se um sacrifício aceitável à terra através da carne de queimou ofertas. a gordura de porções do sacrifício, e oração, formam, justiça em si mesmo, um sabor doce de retidão e comportamento sem culpa, uma oferta voluntária agradável.

ORDEM DOS CAVALEIROS DE CRISTO E DO TEMPLO DE SALOMÃO

OS TEMPLÁRIOS

Fundada em 12 de junho de 1118, em Jerusalém por Hugues de Payens e Gogofredo de Saint Omer. Chamada de "Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão", a Ordem do Templo foi criada , supostamente, para defender Jerusalém dos infiéis, guardar o Santo Sepulcro e proteger os peregrinos à caminho a Terra Santa.

Após o término da construção do Templo de Jerusalém, Salomão levou a Arca para lá. O Templo era a casa do Senhor, edificado por Salomão, para a eterna habitação do Senhor, com a presença da Arca e das Tábuas da Lei como testemunhas. Esses dois fatos são mencionados na Bíblia pela última vez e com precisão em (I Reis 8,9).

O grande interesse pela Arca não se prendia apenas ao valor religioso que elas apresentavam, mas também, segundo Charpentier, pelos capítulos mais importantes e essenciais nelas escondidos cuidadosamente e fora do alcance do público. Essa parte continha a sabedoria antiquíssima, a verdadeira Lei Divina participada a Moisés, no Monte Sinai, ou escrita por ele mesmo com os conhecimentos que adquirira através de sua iniciação no Egito.

Seja qual for o sentido esotérico dos documentos trazidos, o fato é que nas Tábuas não havia mensagens míticas os considerações vagas que pudessem dar margem a interpretações arbitrárias. Pois a parte da lei não destinada ao público formava uma enciclopédia compacta e de natureza científica e parecida com o texto de Hermes Trimegisto contendo dados de milhares de anos antes de Moisés.

Essa ciência podia ser comparada perfeitamente a um impresso político ou, ao que tudo indica, seria um manual prático para o esclarecimento do reino de Deus.

Em consequência às informações dos teólogos e cabalistas judeus é que, o grupos dos Templários foram à Jerusalém para conquistar a Arca e seu conteúdo inestimável. A intenção era por em prática, com muito cuidado e de maneira experimental, a verdadeira Lei Divina, chave dos segredos do universo, para o bem da humanidade. Tal missão lembra-nos a procura do Santo Graal, assunto que, nas décadas seguintes, passou a Ter um vivo interesse na literatura Ocidental. Balduin II, rei de Jerusalém, recebeu a ambos e mais sete templários nos alojamentos das estrebarias do Templo de Salomão onde permaneceram por nove anos e seus trabalhos e pesquisas permaneceram secretos. Eles retornaram à Europa plenos de glória e mistérios e seu retorno coincidiu com a construção das primeiras catedrais góticas.

O SURGIMENTO DA ARQUITETURA GÓTICA

Um núcleo, provavelmente ultra secreto, dos Templários, formado à liderança da Ordem (seria esse o pequeno grupo dos cavaleiros do Graal), dispunha, por meio das tábuas completas da lei, de um conhecimento ainda hoje fora do alcance da humanidade. Por exemplo, podemos provar que os Templários não só racionalizou como também revolucionou a agricultura.

No tempo do florescimento da Ordem do Templo, surgiu a arquitetura gótica. Curiosamente, esse "aparecer" foi repentino, e não resultado de um crescimento orgânico e lento. O goticismo não cresceu da arquitetura romana que a precedeu. Era algo completamente novo. Subitamente estava lá. A arquitetura romana baseia-se numa força que age de cima para baixo; a cúpula redonda pressiona com seu peso os muros e estabiliza dessa maneira a construção. Os arcos pontudos da catedral gótica baseiam-se exatamente no princípio contrário: a pressão age de baixo para cima. Enquanto uma cúpula romana pode eventualmente cair, se mal construída, um arco gótico pode explodir. Trata-se de um caso de tensão dinâmica.

Resumindo. Podemos dizer que os arquitetos romanos, com toda sua inteligência, aplicaram nas suas construções uma técnica pouco diferente daquela usada pelos construtores megalíticos, quando amontoavam pedras pesadas umas sobre as outras. Já a catedral gótica exige um conhecimento muito maior, assim como dados científicos, tradicionalmente recebidos ou geometricamente calculados e recalculados constantemente. Isso superava amplamente os conhecimentos daquela época.

Além da arquitetura e agricultura, um outro fato é válido também para o campo financeiro. Os monarcas estavam constantemente sem dinheiro. As cidades eram pequenas e o núcleo de habitantes também; a igreja protegia cuidadosamente seu tesouro. Os funcionários públicos eram, salvo raras exceções, bastante pobres. Logicamente podemos perguntar o que estaria atrás dessa mania de construir que consumia somas astronômicas.

É muito provável que essas construções, surgindo de uma hora para outra, dentro de um curto espaço de tempo, dezenas ao mesmo tempo, faziam parte de um gigantesco projeto ainda não esclarecido para a humanidade.

De onde vieram esses operários especializados, do arquiteto ao escultor ou o chaveiro, num mundo de relativamente poucos habitantes? Seja como for, nasceu uma classe de operários de construção, treinados numa técnica exemplar e fisicamente livres para, em caso de necessidade, se locomover de uma oficina para outra, sem problemas.

Não é sem razão que se considera essas oficinas de construtores livres (chamadas loges, em francês) como precursores das lojas franco-maçônicas.

Entre as invenções dos Templários, podemos acrescentar a idéia original da criação dos bancos, com seus cheques e outros métodos de créditos, projetados para ajudar as finanças e suas atividades na Terra Santa.

Este relato é, no mínimo, intrigante. Como nove membros da nobreza conseguiriam proteger peregrinos, guardar o Santo Sepulcro e, pior, defender Jerusalém? Além do mais, não se admitia outros membros nessa época. Na verdade, esta Ordem foi criada por uma outra Ordem e esses nobres permaneceram dentro do Templo de Jerusalém para uma cumprir uma missão. Missão definida e claramente apoiada pelo rei de Jerusalém, Balduin II que era na verdade, um descendente da nobreza francesa, da casa d'Anjou.

Os Templários juraram pobreza, castidade e obediência; não aceitavam adeptos, porém a Ordem dos Templários foi uma das mais ricas instituições posteriormente e contavam com milhares de adeptos. Por trás da Ordem do Templo, se ergueram figuras míticas de personagem bem curiosos, que inspiraram o ideal Sinárquico Templário do Oriente em conjunção com os Ismaelitas do Velho da Montanha, os cabalistas, judeus da Espanha muçulmana, as ordas do Khanat de Gengiskan, os cavaleiros árabes de Saladino, as histórias do cálice, romances e lendas da Távola Redonda, Parcival entre outros. Um ímpeto espiritual sem precedentes na história medieval.

E Jerusalém foi tomada de assalto no século XII, o que também descaracterizou a principal missão externa da Ordem do Templo.

São Bernardo de Clairvaux, fundador da Ordem Cistercense, foi o patrono dos templários e recebeu de presente várias propriedades pertencentes aos templários.

Bernardo de Clairvaux defendia os judeus e convidava escrivãos cabalistas para trabalhar na abadia de Clairvaux.

Ele pediu a cooperação da Ordem, através de Hugues de Payen, para reabilitar os ladrões, sacrílegos, assassinos, perjuros e adúlteros, porém que estivessem dispostos a se alistar nas fileiras das cruzadas pela libertação da Terra Santa.

Em 1128 de nossa era, o Papa Honório II aprova a Ordem Templária, dando a eles uma vestimenta especial, um hábito e um manto brancos. Em 1145 o Papa Eugênio III, lhes concede como distintivo, a cruz vermelha, que foi inicialmente usada do lado esquerdo do manto e mais tarde, também no peito.

Em 1163, o Papa Alexandre III outorgou a carta constitutiva da Ordem, que na verdade parecia com as regras da Ordem Cistercense.

Devido as doações altíssimas de jóias e terras, auferiram poderes e, até chegaram a só render obediência ao grão-mestre e ao Papa.

Uma informação deve ser acrescentada: O Vaticano, em Roma, está por cima do cemitério onde supostamente Pedro, o Apóstolo foi enterrado após ser crucificado de cabeça para baixo. A autoridade Papal é baseada no fato de Jesus Ter chamado Pedro de "rocha", que ele daria continuidade a mensagem externa de Jesus.

Os templários, por sua vez, possuíam a missão de guardiães da mensagem interna, ou seja, do continuísmo profético da arca da aliança, tesouros espirituais e, dos segredos da genealogia de Jesus que, descendendo da linhagem de Davi, via Salomão era, além do Messias Prometido, um rei de fato. Eram mais afeitos à João (NT) que, segundo relato bíblico, recebeu de Jesus a incumbência da linhagem ou seguidores da linhagem, já que Jesus solicitou a João que cuidasse de Maria, sua mãe e vice-versa..

A Ordem do Templo era constituída de vários graus e a mais importante foi a dos cavaleiros, descendentes de alta estirpe em sua maioria. Tinham também clérigos (bispos, padres e diáconos) e outras duas classes de irmãos servidores, os criados e artífices.

Chegaram a ser grandes financistas e banqueiros internacionais, cuja riquezas chegaram a o seu apogeu no século XIII. Seu papel na Igreja pode ser avaliado pelo fato de haver representantes nos Concílios da Igreja católica (Troyes, Latão, Lyon).

Devido ao extremo sigilo de sua missão e sua iniciação, os leigos atribuíam as mais horríveis práticas e histórias infundadas.

Após a tomada de Jerusalém pelos sarracenos (muçulmanos que negociavam, no período de trégua, com os templários, pois acreditavam ser prudente Ter algum dinheiro investido com os cristãos para o caso de que os avatares da guerra pudessem terminar em alguma espécie de pacto com os europeus) em 1291, adveio a queda do reino latino; o quartel general da Ordem foi transferida da Cidade Santa para Chipre, e Paris passou à categoria de seu principal centro na Europa.

Embora a Ordem tenha sido abalada em sua razão de ser quando o túmulo de Cristo passou para os muçulmanos, ainda era poderosamente rica e, a corte da França além do Papa deviam dinheiro a eles e passaram a ser cobiçados pelo rei francês, Felipe, o Belo. Esse rei confiscou os haveres dos lombardos e judeus e os expulsou do país. Os templários corriam perigo pois o imenso patrimônio (150.000 florins de ouro, 10.000 casa ou solares, inúmeras fortalezas, pratarias, vasos de ouro, entre outras preciosidades. Trinta mil simpatizantes em 9.000 comendadorias entre Palestina, Antióquia, Tripoli, França, Sicília, Inglaterra, Escócia, Irlanda etc. Isto era apenas o que o rei sabia, em seu território.

Felipe e o Papa fizeram uma perigosa cilada, ajudada por opositores que, interessados na desmoralização da Ordem, contra ela, levantou graves acusações.

Em 13 de outubro de 1307, numa Sexta feira, mandou prender todos os templários e seu grão-mestre, Jacques de Molay, os quais, submetidos à inquisição, foram por estes, acusados de hereges. Por meio de inomináveis torturas físicas, infligidas a ferro e fogo, foram arrancados desses infelizes as mais contraditórias confissões.

O Papa, desejoso de aniquilar a Ordem, mantendo a hegemonia da Igreja de S. Pedro, e livrar-se da dívida, convocou o Concílio de Viena em 1311, com esse fim mas não conseguiu. Convocou um outro, porém privado em 22 de novembro de 1312 e aboliu a Ordem, conquanto admitindo a falta de provas das acusações. As riquezas da Ordem foram confiscadas em benefício da Ordem de São João, mas é certo que uma grossa parcela foi parar nos cofres franceses de Felipe, o Belo.

A tragédia atingiu seu ponto culminante em 14 de março de 1314, quando o grão-mestre do templo, Jacques De Molay e Godofredo de Charney, preceptor da Normandia, foram publicamente queimados

no pelourinho diante da Catedral de Notre Dame, ante o povo, como hereges impenitentes. Diz-se que o grão-mestre, ao ser queimado lentamente, voltou a cabeça em direção ao local onde se encontrava o rei e imprecou:

"Papa Clemente, Cavaleiro guilherme de Nogaret, rei Felipe...Convoco-os ao tribunal dos céus antes que termine o ano, para que recebam vosso justo castigo. Malditos, malditos, malditos!...Sereis malditos até treze gerações..." E de fato, antes de decorridos o prazo, todos estavam mortos.

Em Portugal, o rei D.Dinis não aceita as acusações, funda a Ordem de Cristo para qual passou alguns templários. Na Inglaterra, o rei Eduardo II, que não concordara com as ações do sogro. Felipe, ordena uma investigação cujo resultado proclama a inocência da Ordem.

Na Inglaterra, Escócia e Irlanda, os templários distribuíram-se entre a Ordem dos Hospitalários, monastérios e abadias. Na Espanha, o Concílio de Salamanca, declara unanimemente que os acusados são inocentes e funda a Ordem de Montesa. Na Alemanha e Itália a maioria dos Cavaleiros permaneceram livres. Também os rozacruz, Grande Fraternidade Universal, OSTG (Ordem sagrada do Templo e do Graal).

A destruição da Ordem não suprimiu os ensinamentos mais profundos. A maçonaria e a Ordem DeMolay mantém a mística até os dias de hoje.

A ORDEM ATRÁS DA ORDEM

A missão do priorado do Sion continuou intocável. Os seguidores da linhagem mantiveram-se atentos e, apesar do sofrimento do segmento da Ordem dos Templários, e o surgimento de outras denominações envolvendo os templários, os guardiões do Graal e dos tesouros hebraicos continuavam sob a égide do Priorado de Sion.

Mas quem foram realmente os templários e qual foi a verdadeira finalidade da criação dessa Ordem de Cavalaria? Se havia uma Ordem que autorizou esta facção, o que ela realmente desejava? Quem seriam? Quando foi fundada? E por que?

De acordo com os lendários conhecimentos ocultos e bem guardados pelos templários antigos e modernos, os princípios que serviram de ideal para a fundação oficial da Ordem do Templo perante o mundo profano, são tão antigos quanto a própria história da humanidade.

Existiram os cruzados e os templários, onde estes últimos seguiram um objetivo bem diferente do que o da conquista de Jerusalém...Ao se instalarem nas ruínas do templo de Salomão, diz-se que eles encontraram os túneis secretos que levavam ao tesouro da biblioteca oculta onde estavam guardados os segredos da antiga Ordem Hermética a qual pertenceu o rei Salomão, contendo também os diversos segredos de construção e arquitetura (gótica), segredos de navegação, as tábuas da lei e a arca da aliança, ressurgindo assim, os sagrados ideais de outrora, ocultado no interior de uma Ordem monástica com o nome de "Ordem dos Pobres Companheiros de Cristo", ficando conhecida mais tarde por "Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo de Salomão, ou do Templo de Jerusalém", e, finalmente "Ordem do Templo".

Vencidos os obstáculos, descobriram uma passagem oculta só conhecida antes por iniciados nos mistérios, e no fim dessa passagem, uma porta dourada onde estava escrito: "Se é a curiosidade que aqui vos conduz, desisti e voltaí. Se persistirdes em conhecer os mistérios da existência, fazei antes o vosso testamento e despedi-vos do mundo dos vivos".

Dessa forma, após muita hesitação, um dos cavaleiros bateu na porta dizendo: "Abri em nome de Cristo" e a porta abriu-se. Ao entrarem, encontraram entre figuras estranhas um forma de estátuas e estatuetas, um trono coberto de seda e sobre ele, um triângulo com a décima letra hebraica, YOD.

Junto aos degraus do trono, estava a Lei Sagrada.

A Ordem do Templo sempre possuiu duas hierarquias, uma Interna e outra Externa. Faziam parte da Hierarquia Externa, os militares que defendiam a Terra Santa e os peregrinos que a ela se dirigiam. Já a Interna, era composta por homens e algumas mulheres que se dedicavam principalmente aos estudos herméticos e ocultos.

No início da Ordem, os Mestres do Templo eram sempre oriundos da Hierarquia Interna, sendo portanto, grandes Iniciados nos mistérios. Mas, a partir do mestrado de Bertrand de Blanchefort (1156-1169), introduziu-se o costume de escolher como Mestre do Templo, um profano da Hierarquia Externa que já tivesse, inclusive, desempenhado altas funções no Reino de Jerusalém, sendo Cavaleiros já amadurecidos na observância da regra. Esse costume demonstra o possível desejo de garantir a influência da Ordem perante aqueles que exerciam o poder na época, influência aliás, que já era muito grande. Foi nessa época também que houveram muitos desmandos, vícios, prepotência e arrogância dos Mestres do Templo.

Isto talvez explique os erros lastimáveis que cometeram os Mestres da Ordem, como por exemplo, a perda da batalha de Hattin e a conseqüente perda de Jerusalém durante o mestrado de Gerard de Ridefort (1184-1189). Por erros e traições perpetradas por alguns Mestres, muitos se revoltaram dentro

e fora da Ordem, até que novamente conseguiram trazer para Mestre, Jacques de Molay, que apesar de ser praticamente iletrado, possuía o verdadeiro coração de um templário, sendo um dos responsáveis pela perpetuação da Hierarquia Interna através dos difíceis dias daquela época da Inquisição, bem como pela passividade diante da destruição da Hierarquia Externa, aceita pelos Mestres Ocultos do Templo como condição para que a Sabedoria secreta Pudesse ser salva. Seria difícil crer que um exército disciplinado e treinado, com milhares de homens, com influências em todas as áreas e possuidores de imensas riquezas, não tivesse amigos e informantes.

Dessa forma, puderam os altos dignitários do Templo, dar a seus membros, palavras de passe e sinais de reconhecimento, para que se albergassem em outras confrarias onde seriam acolhidos e protegidos, principalmente pelos franco-maçons. Seus verdadeiros tesouros, isto é, seus conhecimentos, foram resguardados de mãos profanas, os arquivos e pergaminhos valiosos, foram colocados a salvo. Portanto, a Hierarquia Externa do templo, seu lado profano e militar, perdeu seu poderio.

A ORDEM DE CRISTO

Conforme foi dito em outro capítulo, Felipe, o Belo, rei da França, junto com o Papa Clemente, dizimaram a fogo todos os templários que puderam e confiscaram todos os seus bens; e que houve um êxodo de templários para Portugal, Inglaterra, Irlanda etc.

Com a chegada dos templários em Portugal em 1307, D. Diniz os recebeu e funda a "Ordem de Cristo! Que recebeu em 1416 D. Infante de Sagres como grão-mestre. Conforme havíamos dito, os templários tinham os segredos da arquitetura e construíram prédios góticos. Também possuíam segredos de navegação e astronomia.

Parecia loucura para os europeus circunavegar a África e chegar às Índias, onde chegou via Coluna de Hércules às Américas, terra de Ofir, as naus Fenícias entre outras, séculos antes de Cristo.

Não havia conhecimento sobre navegar o hemisfério Sul, porque só o céu do Norte havia sido mapeado. Acreditava-se também que, no sul, os mares eram repletos de monstros terríveis.

De onde teria vindo a informação de que era possível encontrar um novo caminho para o Oriente?

Possivelmente dos templários que, durante as cruzadas, além de se especializarem no transporte marítimo de peregrinos para a Terra Santa, mantiveram intenso contato com os viajantes de toda a Ásia e segredos marítimos da Ordem do qual pertencia o rei Salomão.

Alguns historiadores tradicionais informam que a América foi visitada regularmente por Vikings e na época pré-cristã por egípcios, gregos, fenícios, cartagineses e celtas. Todas essas informações haviam sido catalogadas e guardadas por ocultistas famosos desde a época de Salomão, e isto é o mais longe que sabemos.

Fontes como a mitologia clássica, lendas indígenas e folclore marítimos sugerem estas visitas. Antes de Colombo, informa-se que o príncipe Henry Sinclair, cavaleiro do Templo de Salomão. Esses mesmos cavaleiros templários serviram de base para a Franco-Maçonaria Escocesa que herdaram seus segredos e mistérios.

(Vide nosso site sobre os Fenícios na construção do Templo de Salomão)

A proposta visionária recebeu o aval do Papa Martinho V, em 1418, na bula Sane Charissimus.

As terras tomadas dos "infiéis" passariam à Ordem de Cristo, que teria sobre elas tanto o poder temporal, de administração civil, quanto o espiritual, isto é, o controle religioso e a cobrança de impostos eclesiásticos.

Em 1498, o cavaleiro Vasco da Gama conseguiria chegar às Índias. D. Henrique morreu em 1460, não assistindo portanto o seu triunfo.

E Portugal ia se tornando a maior potência marítima da terra.

A Escola de Sagres foi uma lenda criada por poetas românticos portugueses do século XIX. Na verdade, foi do porto de Lagos, no Sudoeste de Portugal que a Ordem de Cristo, liderada por D. Henrique deflagrou a expansão marítima do século XV.

A Ordem de Cristo, sendo prosseguimento da Ordem dos Templários tinham normas secretas e só conhecidas na totalidade pelo grão-mestre, podendo assim ter interesses próprios. Ao entrar na companhia, o novato conhecia só uma parte das regras que o guiavam e, a medida em que era promovido, sempre em batalha, tinha acesso a mais conhecimento, reservados aos graus hierárquicos superiores. Rituais de iniciação marcavam as promoções. Foi essa estrutura que permitiu, mais tarde, à Ordem de Cristo manter secreto os conhecimentos de navegação do Atlântico.

Usavam a cruz vermelha em fundo branco nas naus portuguesas; a mesma que a Ordem dos Templários usavam.

O castelo de Tomar virou a caixa-forte dos segredos que a inquisição não conseguiu arrancar. Até a metade do século XV, os cavaleiros saíram na frente sem esperar pelo Estado Português. Uma vez anunciada a colonização, eventualmente doavam à família real o domínio material dos territórios,

mantendo o controle espiritual. A corte, interessada em promover o desenvolvimento da produção de riquezas e do comércio, cabia então consolidar a posse do que havia sido descoberto. Em 1550, o rei D. João III fez o Papa Julio III fundir as duas instituições. Com isso, o grão-mestre passa a ser sempre o rei de Portugal, e o seu filho tem direito de sucedê-lo também no comando das expedições.

Os templários tinham em suas mãos relatórios reservados de navegadores que já haviam percorrido regiões desconhecidas e ver preciosidades como as tábuas de declinação magnética, que permitiam calcular a diferença entre o polo norte verdadeiro e polo norte magnético que aparecia nas bússolas. E à medida que as conquistas avançavam no Atlântico, eram feitos novos mapas de navegação astronômica, que forneciam orientação pelas estrelas do hemisfério sul, a que também unicamente os iniciados tinham acesso.

Todos sabem que Cabral só esteve no comando da esquadra porque era cavaleiro da Ordem de Cristo e como tal, tinha duas missões: criar uma feitoria na Índia e, no caminho, tomar posse de uma terra já conhecida Brasil. Sua presença era indispensável pois só a Ordem de Cristo, herdeira da Ordem dos Templários tinha autorização para ocupar os territórios tomados dos infiéis.

Mas o sucesso atraía a competição. A Espanha, tradicional adversária, também fazia política no Vaticano para minar os monopólios da Ordem, em ação combinada com seu crescente poderio militar. Em 1480, depois de vencer Portugal numa guerra de dois anos na fronteira, os reis Fernando e Isabel, começaram a interessar-se pelas terras de além mar. Com a viagem vitoriosa de Colombo à América, em 1492, o Papa Alexandre VI, um espanhol de Valência, reconheceu em duas bulas, a Inter Caetera, o direito de posse dos espanhóis sobre o que o navegante genovês havia descoberto e rejeitou as reclamações de D. João II de que as novas terras pertenciam a Portugal.

O rei não se conformou e ameaçou com outra guerra. A controvérsia induziu os dois países a negociarem, frente a frente, na Espanha, em 1494, um tratado para dividir o vasto novo mundo que todos pressentiam: "O Tratado de Tordesilhas".

Na volta da viagem à América, em 1493, Cristóvão Colombo fez uma escala em Lisboa para visitar o rei D. João II, um gesto corajoso. O soberano estava dividido entre dois conselhos: prender o Genovês ou reclamar direitos sobre as terras descobertas.

Para a sorte de Colombo decidiu pela Segunda alternativa. Como a reivindicação não foi atendida acabou sendo obrigado a enviar os melhores cartógrafos e navegadores da Ordem de Cristo, liderados pelo ex-presidente Duarte Pacheco Pereira, a Tordesilhas, na Espanha, para tentar um tratado definitivo, mediado pelo Vaticano, com os espanhóis. Apesar de toda a contestação a seus atos, a santa Sé ainda era o único poder transnacional na Europa do século XV. Só ela podia mediar e legitimar negociações entre países.

O cronista espanhol das negociações, Frei Bartolomeu de Las Casas, invejou a competência da missão portuguesa. No livro "História de Las Índias", escreveu:

"No que julguei, tinham os portugueses mais perícia e mais experiência daquelas artes, ao menos das coisas do mar que as nossas gentes". Sem a menor dúvida, era a vantagem dada pela estrutura secreta da Ordem.

Portugal saiu-se bem no acordo. Pelas bulas Inter Caetera, os espanhóis tinham direito às terras situadas mais de 100 léguas a Oeste e Sul da Ilha dos Açores e Cabo Verde. Pelo acordo de Tordesilhas, a linha divisória e imaginária, que ia do polo norte ao polo sul, foi esticada para 370 léguas, reservando tudo que estivesse a leste desse limite para os portugueses.

"trechos extraídos de Jorge Caldeira, da revista Super Interessante, ano: 12 - n° 2 - fev 98."

OS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS OS HOSPITALÁRIOS

Os cavaleiros hospitalares de São João, Jerusalém, Rodhes e Malta.

Formados depois da primeira cruzada. A ordem dos Hospitalários dedicou-se originalmente à medicina, curando e provendo o repouso para os peregrinos.

Devido às contínuas invasões muçulmanas, os hospitalares adotaram a filosofia guerreira dos Templários e rapidamente dedicaram-se à defesa militar da cristandade. Porém, os cavaleiros hospitalares nunca esqueceram suas origens e sempre mantiveram hospitais para cuidar dos doentes e feridos.

Os hospitalares foram a única a sobreviver incólumes aos turbulentos séculos (ainda hoje a Ordem Hospitalária é atuante, com sede na ilha de Malta, no Mediterrâneo) em que atuaram.

Durante os últimos séculos, eles agiram freqüentemente em auxílio ao braço da espionagem do Vaticano.

A maioria das pessoas os vêem como dedicados à obras beneficentes especialmente em auxílio pelo mundo inteiro em serviço de ajuda a desastres.

Os membros desta ordem, aparecem em público normalmente muito bem vestidos. Como a maioria dos médicos, eles acreditam em padrões altos de limpeza e higiene. Seu uniforme cerimonial é negro com uma cruz branca (a cruz maltesa).

Ocasionalmente, os guerreiros monges mais antigos, usam batas vermelhas com a cruz maltesa branca. Desde que foram expulsos de sua sede na ilha de Malta em 1700, por Napoleão, os Hospitalários tiveram que contentar-se com uma propriedade pequena perto do Vaticano em Roma. Porém, foi permitido recentemente aos cavaleiros, reaverem seu castelo de Valletta; entretanto, o Maltês já não os aceita como senhores.

Os membros dessa Ordem são geralmente escolhidos entre os médicos, homens de ciência ou com tendência ao sacerdócio conforme comentamos acima, um braço dos Hospitalários foi fortemente envolvido na espionagem do Vaticano durante séculos. O autor levanta a suspeita de que ainda hajam membros da Ordem dedicados à esta tarefa. Esta é a Ordem mais tradicional (do ponto de vista de submissão ao Papa) e coloca grande ênfase em religião e cerimônias religiosas. Como resultado, só são permitidas para as mulheres servir dentro da Ordem de uma maneira não combatente. Os Hospitalários têm um forte senso de justiça. Eles não auxiliarão nenhuma pessoa ou criatura que eles pensem que são más e isto os põem freqüentemente em conflito com os Templários e Teutônicos.

PRINCÍPIOS HISTÓRICOS

Os cavaleiros hospitalares pertencem à uma Ordem cuja poderosa documentação os torna oficiais, legais até os dias de hoje. Seus tradicionais rivais foram os Cavaleiros Templários. Sua estrutura básica é bastante parecida com a dos Templários, porém com maior enfoque em saúde e medicina.

A Ordem de Saint John, originou-se com o hospital dedicado a São João em Jerusalém, aproximadamente em 1070, trinta anos antes da primeira cruzada, por um grupo de comerciantes italianos que queriam cuidar dos peregrinos.

Foi constituída como uma Ordem aproximadamente em 1100, logo após a primeira cruzada, quando assumiu seu primeiro grão-mestre principal (seu autor não cita o nome).

Por volta de 1126 porém, aproximadamente 8 anos depois dos Templários, publicamente, apareceram como "Os Cavaleiros de Saint John", começando a assumir um caráter crescentemente militar, que ficaria, com o tempo, mais proeminente que o próprio serviço de hospital para o qual tinham sido instituídos.

O autor cita aqui que em sua opinião, os Hospitalários podem ter sido obrigados a adotar o braço combatente, por que os Templários não estavam fazendo o trabalho a eles destinados, dedicando-se a percorrer a Terra Santa, em busca de relíquias Santas, em vez de proteger os peregrinos.

Os Hospitalários, juntos com os Templários e Teutônicos, tornaram-se o exército principal e o poder financeiro da Terra Santa. Este poder expandiu-se ao longo do mediterrâneo.

Como os Templários, eles ficaram imensamente ricos. A Ordem desenvolveu-se em um exército vasto, organização eclesiástica e administrativa com centenas de cavaleiros, um exército parado, numerosos serviços secundários, uma cadeia de fortalezas e propriedades enormes de terras pelo mundo Cristão. A ordem permaneceu verdadeira às suas origens e mantém até os dias atuais, hospitais atendidos por seus próprios cirurgiões e demais funcionários.

Em 1307, quando os Templários foram acusados de uma série de ofensas contra a ortodoxia católica, os Hospitalários conseguiram ficar imunes de qualquer estigma. Eles retiveram o favor do papado. Na Inglaterra e em outros lugares, ex-propriedades dos Templários foram devolvidas - impulsionando ainda mais suas riquezas. Depois de 1291, os Cavaleiros de São João retiraram-se para Chipre.

Em 1309 eles estabeleceram sua sede na Ilha de Rhodes que governaram como o principado privado. Eles ali permaneceram durante dois séculos e resistiram a dois ataques dos turcos.

Em 1522, um terceiro ataque os forçou a abandonar a ilha e em 1530 eles novamente estabeleceram-se em Malta.

Em 1565, Malta foi sitiada pelos turcos em uma tentativa ambiciosa para conquistar o Mediterrâneo. Em uma defesa épica, 541 cavaleiros Hospitalários e sargentos junto com 1500 soldados a pé e mercenários repeliram os repetidos ataques de 30000 inimigos.

A derrota histórica infligida aos turcos, destruiu seus planos de invasão. Seis anos depois, em 1571, a Frota da Ordem, junto com navios de guerra da Áustria, Itália e Espanha, ganharam batalha naval de Levanto e quebraram o poder marítimo turco. A frota dos Hospitalários foi premiada com créditos pelos afundamentos.

No décimo sexto século eles eram ainda um exército supremo com poderes navais considerável no mundo Cristão, contando com força e recursos financeiros comparável à maioria das nações. Mas a reforma protestante tinha começado a quebrar a força na Europa Católica, e a própria Ordem viu-se fendida com novas convicções.

A Europa passou para uma idade nova de tolerância religiosa e mercantilismo.

Os cavaleiros ainda estavam em Malta em 1798, entretanto a Ordem havia transformado-se em apenas uma sombra do que eles eram. A Freemason tinha corroído as suas submissões católicas e quando Napoleão invadiu a ilha a caminho do Egito, os cavaleiros não ofereceram nenhuma resistência. Quando Horatio Nelson recapturou as ilhas, os cavaleiros puderam ali restabelecer uma presença não oficial.

Em 1834, uma base oficial era estabelecida em Roma.

Uma vez mais dedicados ao hospital e ao trabalho, junto à saúde, os cavaleiros mantêm sua fortaleza em Malta mas, não têm nenhum poder de governo. De maneira muito interessante, foi considerado seriamente a possibilidade de entregar Israel para os Hospitalários depois da Segunda Guerra Mundial. Do ponto de vista de direitos internacionais, os Cavaleiros de Malta são encarados como um principado soberano independente, com a opção de um assento nas Nações Unidas (o qual eles nunca ocuparam) Podem ser identificadas embaixadas na África e países americanos latinos com plenos privilégios diplomáticos.

OS TEUTÔNICOS

Nome completo: A Ordem Sagrada dos Cavaleiros Teutônicos.

A Ordem dos Cavaleiros Teutônicos foi fundada em 1900 por cruzados alemães na Palestina e foi reconhecida pelo Papa em 1199, instituída depois dos Cavaleiros Templários, e dos Hospitalários, restringiu a admissão à Ordem, apenas aos membros da Nobreza.

A nova Ordem, constituiu-se no principal grupo militar Alemão.

Em 1229, os Cavaleiros Teutônicos começaram uma cruzada para converter e pacificar eslavos pagãos da Prússia. Eles esmagaram os eslavos nativos e adotaram para si próprios, um estado de semideuses. A forma impiedosa de combater os inimigos, rendeu aos Teutônicos a reputação de guerreiros malignos.

Os Cavaleiros Teutônicos tornaram-se cínicos, e acreditavam que a eliminação total do inimigo era o único meio de erradicar rapidamente o mal.

Para atingir seus objetivos, seu treinamento militar era supremo.

Vestidos para batalha, são iguais a todos os demais cavaleiros; em alguns casos um Teutônico pode ter alguns suplementos opcionais alinhavados em seu vestuário, entretanto, normalmente, suas batas eram brancas e adornadas com uma cruz preta simples.

Após as batalhas da Idade Média, durante vários séculos, um pequeno grupo de Teutônicos serviu em Viena como uma pequena chama que mantinha viva a Ordem; porém, agora que a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos foi restabelecida, eles readquiriram sua antiga sede no Castelo de Marienburg. Os membros da Ordem são encarados pela população em geral, como pessoas normais que pertencem à uma Ordem semi clerical, dedicada ao trabalho de caridade; mas, segundo o autor, os membros da Ordem têm força para dobrar barras de ferro, o que os afasta da média da população.

Os Cavaleiros Teutônicos escolhem os seus sócios cuidadosamente, geralmente provenientes de polícias especiais das forças armadas de vários pontos ao redor do mundo. A maioria dos Cavaleiros Teutônicos vêm destes exércitos ou equipes da força policial. São muito reservados e raramente revelam sua identidade em público. Esta é a única Ordem que obriga os seus membros às antigas regras de não manter contatos familiares.

Os fundos financeiros deles são quase impossíveis de serem localizados, seus detalhes pessoais são protegidos até mesmo de Teutônicos da mesma categoria e suas habilidades de luta são cuidadosamente desenvolvidas.

Para pertencer à Ordem é necessário possuir muito bons atributos físicos e ser um excelente lutador. Sua fama é de possuírem um temperamento agressivo, e freqüentemente estão ansiosos para entrar numa briga.

Este tipo de atitude é interpretado pelos Hospitalários e Templários como puro instinto animal. As outras Ordens não apreciam o ódio e a preocupação com que os Teutônicos agem com os inimigos.

Os Teutônicos normalmente ficam frustrados com estratégias a longo prazo. Eles gastam a maior parte de suas vidas treinando para lutar e querem pôr todo o treinamento em prática rapidamente.

Tendem a serem difíceis de se dar socialmente. Repugnam o artifício ou as táticas sutis e acreditam na confrontação frente-a-frente como melhor tática de aproximação. Isto os conduziu freqüentemente, em desentendimentos com os Hospitalários e Templários.

As vezes os Teutônicos quando fora da Ordem, ignoram as instruções de seus próprios oficiais, se julgarem que a mesma é imprópria ou incorreta.

Princípios Históricos:

Os Cavaleiros Teutônicos são um exército e Ordem Religiosa Alemã, baseada nos Hospitalários e Templários. É a mais jovem das 3 Ordens militares, foram fundadas em 1190 como uma unidade de auxílio, por comerciantes alemães preocupados com os compatriotas sujeitos às doenças.

Os membros do grupo estabeleceram-se entre os integrantes do exército Cristão acampado fora do Acre.

Pouco depois, foi-lhes concedido terras para construir um hospital, e também um Estado Monástico. Os Teutônicos foram então, surpreendidos com a instrução do Papa Innocent III, para se tornarem uma Ordem Militar. O braço militar era baseado no modelo dos Cavaleiros Templários e o hospital nos Cavaleiros Hospitalários.

A Ordem dos Teutônicos não restringiu então, aos seus membros, a exigência de pertencer à nobreza alemã. Os únicos limites eram ser um homem livre e não estar casado. A Ordem geralmente usava um hábito branco com uma cruz preta.

Cada um dos doze Capítulos da Ordem, havia um líder conhecido como Komtur, significando o oficial das diligências. Quando um grão-mestre morria, todos os Komturs reuniam-se para eleger treze membros que, em troca, elegeria um novo grão-mestre. Os outros oficiais do comando (GrossKomtur), eram: os Ordensmarshall, o Tressler (o tesoureiro), os Spittler (hospitalários) e o Trapier (chefe de quartel). A Ordem nunca se distinguiu na Terra Santa. Não lutou nenhuma batalha famosa, nem desfrutou inicialmente a riqueza de apoio dada às outras Ordens. É parcialmente por causa dessa falta de apoio que permaneceu um movimento puramente germânico; fato este que logo direcionou seus interesses para própria Pátria. Em 1216, a Ordem perdeu a maioria dos seus cavaleiros e seu grão-mestre em ação na defesa da Terra Santa. A Ordem ficou em Acre até a queda do reino em finais do 13º século, quando os Teutônicos aumentaram gradativamente sua força nos Balcãs.

A Ordem ajudou o rei Andrew da Hungria nos meados de 1210, a desalojar os Kumans que estavam invadindo a Transilvânia. Outro que pediu ajuda à Ordem foi o Duque polaco Conrad de Masovia, que pediu para a Ordem proteção contra os pagãos que invadiam suas terras. A ordem era inumana em sua briga contra as tribos pagãs, até mesmo com pequenos contingentes de cavalarias eram praticamente invencíveis em face a qualquer inimigo. Os Teutônicos não tinham misericórdia. Qualquer homem, mulher ou criança conquistado tinha que se converter ou seriam executados. Os nativos tornaram-se servos da Ordem, controlados de uma série de fortalezas poderosas. Os domínios Teutônicos estenderam-se pelos Balcãs da Polônia, pela Lituânia e Suécia.

Nos 100 anos seguintes eles estenderam seu domínio ao longo do Báltico do Golfo da Finlândia para as margens do Pomeranian. Os Teutônicos colonizaram a terra com alemães e estabeleceram um governo central forte e com sede em Marienburg Prússia.

Rebeliões nos anos 1.260 forçaram a Ordem em seus limites. Depois que vários castelos Balcânicos e Acre caíram em finais do 13º século, os cavaleiros migraram a sede deles para Veneza. Os território perdido nos Balcãs foi logo recapiturado. Os cavaleiros Teutônicos governaram a nova terra deles eficazmente. A maioria dos colonos achou estranho Ter que responder a assuntos financeiros a monges que não foram autorizados a possuir qualquer coisa, mas isto limitou a corrupção e permitiu que os negócios fossem operados com eficácia.

Durante princípios de 1.300, a Inquisição atacou os Templários e Teutônicos com as acusações de crueldade e bruxaria; entretanto o teatro de operações dos Teutônicos (Prússia e Costa do Báltico), colocou-os em segurança, além do alcance de qualquer autoridade que poderia agir contra eles.

As regras dos Teutônicos não era fácil. No 14º século aconteceram uma série de batalhas contínuas contra Lituanos; até 80 expedições ao todo com até sete em um ano. Os Teutônicos alcançaram o Cume do seu poder e reputação durante esse período, aparecendo então, algumas das melhores mentes militares da era.

Muitos membros da SS auto nomearam-se como cavaleiros da Ordem Militar.

A Ordem dos cavaleiros Teutônicos ainda existe na Áustria como uma organização semi-clerical, dedicada ao trabalho de caridade.

OS LUGARES SANTOS

4.1 - VALLETA, MALTA (Hospitalares)

Entre suas características originais, possuía uma série de albergues (pousadas), representando áreas da Europa, tais como Aragão, França, Alemanha, Provence, Castilha, Itália e Inglaterra. Na costa norte da ilha está a Bahia onde São Paulo Naufragou em sua tentativa de chegar em Roma.

A presença dos cavaleiros permanece, com várias estruturas e fortificações que comemoram locais com significado religioso; mas mais proeminente é a do castelo do mar de Sant'Angelo, o forte de St Elmo e o subúrbio cercado de vittoriosa, abrangendo dois promotórios que proveram um porto natural facilmente defendido. Todos esses pontos tornou-se a cidade de Valleta. A cidade foi nomeada em homenagem ao grão-mestre Jean de la Valette, veterano do ataque de Rhodes sendo considerado como o defensor próspero de Malta contra os Turcos Otomanos. No chão de um quarto estão 375 tabletes (lajotas) de mármore, cada uma ricamente decorada e registrando as ações da Ordem. Este quarto é conhecido o mausoléu de cavalheirismo.

O grande hospital - contendo um dos quartos maiores em toda a Europa - é o ponto alto da construção médica hospitalária. o pupilo principal mede 185 pés de comprimento por 35 pés de largura, com 31 pés de altura (pé direito). Construído por volta de 1570 e está atualmente desativado. Foram observados padrões rígidos de limpeza e higiene , pelos hospitalários, que cuidaram dos pacientes usando utensílios de prata para assegurar higiene, além de contarem com um corpo de cirurgiões da Ordem, considerados como os melhores e mais bem treinados de toda a Europa. A cidade foi tomada por Napoleão Bonaparte em 1798 sem resistência. Reduzidos a alguma propriedade de terra em edifício em Roma , os hospitalários buscaram consolo nas origens de sua Ordem e devolveram suas regras. Com o tempo, com o reaparecimento de seu poder e prestígio, foi devolvida a sua propriedade dentro de Valleta.

CASTELO DE MARIENBURG, POLÔNIA (Teutônicos)

A sede dos cavaleiros Teutônicos na Prússia Oriental (agora Polônia), castelo de Marienburg foi construído originalmente em 1276 pelo grão mestre Von Winrich Kniprode como uma fortaleza funcional e sua importância foi estratégica para o comando e sede dos Teutônicos por volta de 1309.

Como os cavaleiros ampliaram seus territórios e trouxeram paz para a área, o castelo tornou-se um magnífico hotel para os nobres visitantes e cavaleiros que quiseram tomar parte nas campanhas da Ordem.

Reformados completamente durante o 19 ° século, foi bombardeado pelos aliados que o reduziram a ruínas durante a Segunda guerra mundial.

O governo polonês devolveu o castelo aos Teutônicos como meio de restabelecer a tradição e manter o local histórico.

CAPELA DE ROSSLYN, ESCÓCIA (Templários)

Três milhas sul de Edinburg e sete milhas da antiga sede dos Templários, na Escócia, em Balantrodoch, está a aldeia chamada Rosslyn.

Empoleirado na extremidade de um desfiladeiro sobre a cidade encontramos a capela de Rosslyn - gotejando tão pesadamente com esculturas góticas, nórdicas e Célticas que parecem ser parte de algo maior. Esta era a intenção. Pretendia-se originalmente que a capela de Rosslyn fosse a capela da senhora , parte de uma estrutura maior que pretendeu ser a maior Catedral na Europa. A falta de capital e a necessidade de atenção em outro lugar (?) impediu a obra de ser completa.

O interior da capela que teve essas fundações iniciadas em 1446 , contém muitas imagens esculpidas além de padrões geométricos e símbolos que são muito populares entre os freemasons .

PESQUISAS SOBRE SOCIEDADES SECRETAS E MANUSCRITOS ANTIGOS

SOCIEDADES SECRETAS OS MISTÉRIOS MÁGICOS TEORIA DA VONTADE

A vida humana e suas dificuldades incontestáveis têm por finalidade, na ordem da sabedoria eterna, a educação da vontade do homem.

A dignidade do homem consiste em fazer o que quer e querer o bem, em conformidade com a ciência do verdadeiro. O bem conforme ao verdadeiro é o justo. A justiça é a prática da razão. A razão é o verbo da realidade. A realidade é a ciência da verdade. A verdade é a história idêntica do ser. O homem chega à idéia absoluta do ser por duas vias; a experiência e a hipótese. A hipótese é provável quando é solicitada pelos ensinamentos da experiência; é improvável ou absurda quando é rejeitada por esse ensinamento.

A experiência é a ciência e a hipótese é a fé. A verdadeira ciência admite necessariamente a fé; a verdadeira fé conta necessariamente com a ciência.

CABALA

(trechos extraídos do livro "Dogma e Ritual da Alta Magia)

A Alquimia tomou emprestado da Cabala todos os seus signos, e era na lei das analogias, resultantes da harmonia dos contrários, que baseava suas operações.

A magia é a primeira das ciências e a mais caluniada de todas, porque o vulgo obstina-se em confundir a magia com a bruxaria supersticiosa cujas práticas abomináveis são denunciadas.

Os próprios historiadores religiosos reconhecem a existência e o poder da magia que concorria abertamente com a de Moisés.

Saber, ousar, querer, calar-se, são os quatro verbos cabalísticos do tetragrama e as quatro formas hieroglíficas da esfinge. Saber é a cabeça humana; ousar são as garras do leão; querer são as ilhargas laboriosas do touro; calar são as asas místicas da águia. A magia é a cabala física.

(Alguns trechos extraídos do "A Chave dos Grandes Mistérios", por Eliphas Levi, de Acordo com Henoch, Hermes Trimegisto e Salomão. /chave absoluta das ciências ocultas dadas por Guilherme Postel e completado por Eliphas Levi.

"Todo saber é o sonho do impossível, mas ai de quem não ousa aprender tudo e não sabe que para aprender alguma coisa, é preciso resignar-se e estudar sempre! Dizem que para bem aprender é preciso esquecer várias vezes..."

Existe um alfabeto oculto e sagrado que os hebreus atribuem a Henoch, os Egípcios a Tot ou a Trimegisto, os gregos, a Cadmo e a Palamédio. Esse alfabeto, conhecido pelos Pitagóricos, compõe-se de idéias absolutas ligadas a signos e a números e realiza, por suas combinações, as matemáticas do pensamento. Salomão havia representado esse alfabeto por 72 nomes escritos em trinta e dois talismãs e é o que os iniciados do Oriente denominam ainda de "as pequenas chaves ou clavículas de Salomão". Essas chaves são descritas e seu uso é explicado num livro cujo dogma tradicional remonta ao patriarca Abraão, é o Sopher Yétsinah que penetra o sentido oculto de Zohar, o grande livro dogmático da Cabala dos hebreus.

A necessidade de crer liga-se estreitamente à necessidade de amar. É por isso que as almas têm necessidade de comungar com as mesmas esperanças e com o mesmo amor. As crenças isoladas não passam de dúvidas.

A fé não se inventa, não se impõe, não se estabelece por convicção política; manifesta-se, como a vida, com uma espécie de fatalidade.

Tudo o que eleva o homem acima do animal, o amor moral, a abnegação, a honra são sentimentos essencialmente religiosos. As instituições como o lar, a pátria, se degradariam completamente e não saberiam existir, uma crença em alguma coisa maior do que a vida mortal, com todas as suas vicissitudes, suas ignorâncias e suas misérias.

A essência do objeto religioso é o mistério, uma vez que a fé começa no desconhecido e abandona todo o resto às investigações da ciência.

Mas para que o ato de não seja um ato de loucura, a razão quer que ele seja dirigido e regulado.

Chega-se então a uma dupla definição; a verdadeira religião natural é a religião revelada, acima das discussões humanas pela comunhão da fé, da esperança e da caridade. Não há religião sem mistérios e nem mistérios sem símbolos.

Metáforas não deveriam ser confundidas com realidade nem fé com história.

O símbolo é a forma de expressão do mistério, ele só exprime sua profundidade desconhecida por imagens paradoxais emprestadas do conhecido.

Crer e saber são dois termos que nunca se podem confundir.

Ousemos apenas confirmar que existe um fato imenso, igualmente apreciável pela fé e pela ciência, um fato que torna Deus visível de algum modo sobre a terra, um fato incontestável e de alcance universal; esse fato é a manifestação no mundo, a partir da época em que começa a revelação cristã, de um espírito evidentemente divino, mais positivo que a ciência em suas obras, mais magnificamente ideal em suas aspirações que a mais elevada poesia, um espírito para o qual era preciso criar um nome novo e que é, tanto para a ciência quanto para a fé, a expressão do absoluto; a palavra é caridade e o espírito de que falamos é o espírito da caridade.

Diante da caridade, a fé e a ciência inclinam-se vencidas. Ela, por si só, leva à compreensão de Deus porque contém uma revelação inteira.

A UNIDADE

Para os iniciados da cabala, Deus é a unidade absoluta. A unidade da inteligência humana, demonstra a unidade de Deus.

As matemáticas não poderiam demonstrar a fatalidade cega, uma vez que são a expressão da exatidão que é o caráter da mais suprema razão.

Na cabala, a unidade é , o princípio, a síntese dos números, é a idéia de Deus e do homem, é a aliança da razão e da fé. A fé não pode ser oposta à razão, é exigida pelo amor, é idêntica à esperança. Amar , acreditar e esperar, e esse triplo ímpeto da alma é chamado virtude, porque é preciso coragem para realiza-la.

A analogia era o dogma único dos antigos magos. Dogma verdadeiramente mediador, pois é metade científico, metade hipotético, metade razão e metade poesia.

O BINÁRIO

É o número feminino, o yin. Diz a parábola celeste: "A mulher está antes dos homens, porque é mãe e tudo lhe é perdoado de antemão porque dá a luz com dor"

O TERNÁRIO

É o número da criação.

O QUATERNÁRIO

É o número da força. É o ternário completado por seu produto, o homem. E quando o homem compreender sua essência quaternária, em união com a criação, terá a liberdade. O anjo da liberdade nasceu antes da aurora do primeiro dia antes mesmo de despertar a inteligência, e Deus o denomina estrela da manhã. "Ó Lúcifer, tu te desligaste voluntária e desdenhosamente do céu onde o sol te inundava com sua claridade, para com sulcar teus próprios raios os campos agrestes da noite. Brilhas quando o sol se põe e teu olhar resplandecente precede o nascer do dia. Cais para de novo levantar, experimentas a morte para melhor conhecer a vida. És, para antigas do mundo, a estrela da noite; para a verdade renascente, a bela estrela da manhã! A liberdade não é a licença (libertinagem); a licença é a tirania. A liberdade é a guardiã do dever, porque ela reivindica o direito. Lúcifer, cujas idades das trevas fizeram o gênio do mal, será verdadeiramente o anjo da luz (tradução da palavra Lúcifer) quando, tendo conquistado a liberdade ao preço da reprovação fizer uso dela para se submeter a ordem eterna, inaugurando assim as glórias da obediência voluntária. O direito é apenas a raiz do dever, é preciso possuir para dar".

Eis como uma elevada poesia explica a queda dos anjos.

"Deus tinha dado aos espíritos a luz e a vida, depois lhe disse: Amai. - O que é amar?, responderam os espíritos. - Amar é dar-se aos outros, respondeu Deus. - Os que amarem sofrerão, mas serão amados. - Temos o direito de não dar nada, e nada queremos sofrer, disseram os espíritos inimigos do Amor. - Estais em vosso direito, respondeu Deus - apartai! Os meus querem sofrer e morrer, mesmo para amar. É o dever! "

O anjo caído é aquele que recusou amar; não ama, e é todo seu suplício; não dá, e é toda sua miséria; não sofre, e é seu nada; não morre, e é seu exílio. O anjo caído não é Lúcifer, a estrela da manhã, o porta-luz, é satã, o caluniador do amor.

Ser rico é dar; não dar é ser pobre; viver é a harmonia dos sentimentos gerais; o inferno é o conflito dos instintos carnis. O dever é obrigação, o direito é egoísmo; O dever é amor, o direito é o ódio; O dever é a vida infinita o direito é a morte.

Essa alegoria semita indica a função quaternária.

O QUINÁRIO

È o número religioso. A fé não é a credulidade estúpida da ignorância maravilhada. A fé é a consciência e a confiança do amor.

A fé não consiste na confirmação deste com aquele símbolo, mas na aspiração verdadeira e constante às verdades veladas por todos os simbolismos.

Os perseguidores da Roma decaída também chamavam os primeiros cristãos de ateus porque não adoravam os ídolos de Calígula ou de Nero.

A fé é um sentimento comum a toda humanidade. O homem que se isola de todo amor humano ao dizer: Eu servirei a Deus, este se engana. Pois diz o apóstolo João: "Se ele não ama ao próximo que vê, como amará a Deus que não vê?"

O SENÁRIO

É o número da iniciação pela prova. É o número do equilíbrio. É o código da ciência do bem e do mal.

O SETENÁRIO

É o grande número bíblico. É a chave da história de Moisés e o símbolo de toda a religião. O Cristo é o dever real que protesta contra o direito imaginário. É a emancipação do espírito que quebra as algemas da carne. É a devoção revoltada contra o egoísmo.

O OCTONÁRIO

É o número da reação e da justiça equilibrante. Toda ação produz uma reação. É a lei universal. O cristianismo produz o anticristianismo. O anticristo é a sombra, o contraste e a prova de Cristo.

Os protestantes disseram: o anticristo é o Papa. O Papa respondeu: Todo herege é anticristo. O anticristo é o espírito oposto ao Cristo. Quem é então o anticristo?

"É a usurpação do direito, o orgulho da dominação e o despotismo do pensamento. É o egoísmo pretensamente religioso de alguns protestantes da mesma maneira que a ignorância crédula e imperiosa dos maus católicos. É o que divide o homem ao invés de os unir, o desejo ímpio de se apropriar da verdade e dela excluir os outros, que condena e amaldiçoa ao invés de salvar e abençoar. É o fanatismo odioso que desencoraja a boa vontade.

O NÚMERO NOVE

É o eremita do tarot; eis o número dos iniciados e dos profetas.

Os profetas são solitários pois o seu destino é, na maioria, nunca serem ouvidos. Vêm muito mais do que os outros.

O Salvador disse à samaritana: "Mulher, em verdade vos digo que virá o tempo em que os homens não adorarão mais a Deus, nem em Jerusalém, nem sobre esta montanha, pois Deus é espírito, e seus verdadeiros adoradores devem servi-lo em espírito e em verdade.

O NÚMERO DEZ

O número absoluto da cabala. A chave dos sefirot (Ver o "Dogma e Ritual da Alta Magia")
Substância una que é céu e terra, conforma seus graus de polarização, sutil ou fixa. Hermes Trimegisto chama de grande Telesma. Quando produz o esplendor, ela demonstra-se luz. É essa substância que Deus cria antes de todas as coisas, quando diz: "Fiat Lux" (Faça-se a luz)
É simultaneamente substância e movimento, fluido e vibração perpétua. A força que a põe em movimento denomina-se magnetismo. No infinito, é a luz etérea (ou força eletromagnética). Nos astros é a luz astral; nos seres é o fluido magnético; no homem, forma o corpo astral ou mediador plástico. A vontade dos seres inteligentes age diretamente sobre essa luz e, por meio dela, sobre toda natureza submetida às modificações da inteligência; é o meio pelo qual os magos fazem a maioria dos trabalhos. Essa luz é o espelho comum de todas as formas e pensamentos; guarda as imagens de tudo que foi, os reflexos dos mundos passados, e por analogia, os esboços dos mundos futuros. É o instrumento da taumaturgia e da adivinhação.

Conhecida por Hermes e Pitágoras, Sinésio e Platão, escola da Alexandria, Mesmer etc.

É essa substância primeira que se designa na narrativa hierática do Gênesis, quando o verbo dos Eloim faz a luz ordenando-lhe que seja. Eloim diz: "Que seja a luz, e a luz foi". Essa luz, cujo nome hebreu é rut, or, é o ouro fluido e vivo da filosofia hermética. Seu princípio positivo é o enxofre; o negativo, o mercúrio e seu equilíbrio é denominado seu sal.

Mesmer informa que nosso corpo astral ou mediador plástico é um ímã que atrai ou repele a luz astral astral sob a pressão da vontade. É um corpo luminoso que reproduz com a maior facilidade as formas correspondentes às idéias. Até sob o exercício da vontade.

Nossos corpos fluidicos atraem-se ou repelem-se uns aos outros, segundo leis consoantes à elasticidade. É o que produz simpatias e as antipatias instintivas.

O NÚMERO ONZE

É o número da força; da luta e do martírio.

Todo homem que morre por uma idéia é um mártir, pois nele, as aspirações do espírito triunfaram sobre os temores da carne. Todo homem que morre na guerra é um mártir pois morre pelos outros.

Os que morrem pelo direito são tão bons em seus sacrifícios quanto às vítimas do dever e, nas lutas da revolução, os mártires caem dos dois lados.

Sendo o direito a raiz do dever, nosso dever é defender nossos direitos. O crime é o exagero de um direito. O assassinio e o roubo são negações da sociedade; é o despotismo isolado de um indivíduo que usurpa o governo e a sociedade e faz guerra por sua conta e risco.

Quem não for irrepreensível é cúmplice do todo mal, e quem não for absolutamente perverso pode participar de todo bem.

O NÚMERO DOZE

É o número cíclico; do símbolo universal.

O NÚMERO TREZE

É o número da morte e do renascimento, da propriedade, da herança, sociedade, família, guerras e tratados.

As sociedades têm por base a troca do direito, do dever e da fé mútua. O direito é a propriedade; a troca, a necessidade; a boa fé, o dever.

O NÚMERO CATORZE

É o número da fusão, da associação e da unidade universal.

O NÚMERO QUINZE

É o número do antagonismo.

O cristianismo agora divide-se em Igrejas civilizadoras ou bárbaras; progressistas ou estacionárias; ativas ou passivas; as que condenam e as que se submetem.

O NÚMERO DESESSEIS

É o número do templo

O NÚMERO DESSETE

É o número da estrela, da inteligência e do amor.

O NÚMERO DEZOITO

É o do dogma religioso, que é toda poesia e todo mistério.

Jesus, que foi o último e o mais sublime dos arcanos, a última palavra de todas as iniciações, sabia que não seria compreendido a princípio e disse: " Não suportaríeis agora toda a luz da minha doutrina; mas, quando se manifestar o Espírito da Verdade, ele vos ensinará todas as coisas e explicará o sentido do que eu vos disse."

O NÚMERO DEZENOVE

É o número da luz

É a existência de Deus provada pela própria idéia de Deus.

A afirmação do ateísmo é o dogma da noite eterna; a afirmação de Deus é o dogma da luz.

OS NÚMEROS VINTE, VINTE E UM E VINTE DOIS

Embora o alfabeto sagrado tenha 22 letras; as dezenove primeiras são a chave da teologia oculta. As outras são as chaves da natureza. O grande agente mágico. Substâncias propagada no infinito que é a décima chave do tarot.

Separar a religião da superstição e do fanatismo

A superstição, da palavra latina *superstes*, sobrevivente, é o símbolo que sobreviveu à idéia, á a forma preferida à coisa, é o ritual sem razão, é a fé tornada insensata, por que se isola. E, por conseguinte, o cadáver da religião, a morte da vida, é a inspiração substituída pelo embrutecimento. O fanatismo é a superstição apaixonada, seu nome vem da palavra *fanum*, que significa templo, é o templo colocado no lugar de Deus, é a honra do sacerdote substituída pelo interesse humano e temporal do padre, é a paixão miserável do homem explorando a fé do crente.

Além da superstição e do fanatismo, há também a paixão; outro exagero que denota desequilíbrio. Há dois amores, o do coração e o da mente.

Apenas a sabedoria é livre, as paixões desordenadas são o domínio da loucura, e a loucura é a fatalidade. O que dissemos do amor pode-se dizer também da religião, que é o mais poderoso e o mais inebriante dos amores. A paixão religiosa também tem seus excessos e suas reações fatais. Pode-se Ter êxtases e estigmas e sair, em seguida em abismos de devassidão e impiedade.

A verdadeira magia

A verdadeira magia, isto é, a ciência tradicional dos magos, é inimiga mortal dos encantadores; ela impede ou faz cessar os falsos milagres, hostis a luz e fascinadores de um pequeno número de testemunhas despreparadas ou crédulas. A desordem aparente nas leis da natureza é uma mentira; não é, pois, uma maravilha. A maravilha verdadeira, o verdadeiro prodígio sempre resplandecente aos olhos de todos é a harmonia sempre constante dos efeitos e das causas, são os esplendores da ordem eterna!

Foi a alta magia que, apoiando o universo sobre as duas colunas de Hermes e Salomão, dividiu o mundo metafísico em duas zonas intelectuais, uma branca e luminosa encerrando as idéias positivas, a outra negra e obscura contendo as idéias negativas, e que deu à noção sintética da primeira o nome de Deus, à síntese da outra, o nome de Satã.

O diabo é o uso abusivo de uma força natural; não é nenhuma pessoa nem uma força; é um vício e, por conseguinte, uma fraqueza. O inferno não é um lugar, é um estado.

Existe um poder gerador das formas, que cria segundo as leis das matemáticas eternas, pelo equilíbrio universal. Os signos primitivos do pensamento, delineiam-se por si só na luz, que é o instrumento material do pensamento. Deus é a alma da luz. A luz universal e infinita é para nós como o corpo de Deus. A cabala ou a alta magia é a ciência da luz

Todos os mistérios por meio das chaves da magia cabalística, são encontradas as idéias de antagonismo e harmonia (antíteses) produzindo uma noção tributária na concepção divina, depois a personificação mitológica dos quatro pontos cardeais do céu, completa o setentrão sagrado, base de todos os dogmas e rituais. A reforma religiosa de Moisés era inteiramente cabalística, e que o cristianismo, no instituir um dogma novo, simplesmente reaproximou-se das fontes primitivas do mosaísmo, e que o Evangelho não é mais que um véu transparente lançado sobre os mistérios universais e naturais da iniciação oriental.

Na cabala hebraica, o verbo ou a palavra, segundo os iniciados dessa ciência, é toda a revelação, os princípios da alta cabala que devem se encontrar reunidos nos próprios sinais que compõem o alfabeto primitivo.

ALQUIMIA

A alquimia, precursora da química e da medicina, foi a ciência principal da idade média. A busca da pedra filosofal e da capacidade de transmutação dos metais, incluía não só as experiências químicas, mas também uma série de rituais. A filosofia Hermética era um dos seus alicerces, assim também como partes de Cabala e da Magia.

Ao longo do tempo, diversos alquimistas descobriram que a verdadeira transmutação ocorria no próprio homem, numa espécie de Alquimia da Alma; diversos outros permaneceram na busca sem sucesso do processo de transformações de metais menos nobres em ouro; afirma-se que alguns mestres atingiram seus objetivos.

A alquimia também preocupava-se com a Cosmogonia do Universo, com a astrologia e a matemática. Os escritos alquímicos, constituíam-se muitas vezes, de modo codificado ou dissimulado, daí, talvez a conotação dada ao termo hermético (fechada), acessível apenas para os iniciados.

ORIGEM DAS SOCIEDADES SECRETAS

Desde os tempos mais remotos, uma parte da cultura ou de um certo tipo de cultura, era dirigida apenas a uma elite. O povo, sempre desprovido de tais acessos, só com pequenas exceções chegariam a ascender a algum conhecimento.

Devido a instabilidade dos países antigos, guerras, ataques de surpresa, escravidão em massa, as culturas eram ocultadas a fim de as preservarem dos inimigos.

As histórias bíblicas nos orientam de vários possuidores dessa cultura oculta, tendo com exemplo Moisés que, mestre em magia e ocultismo, não só demonstrou saber mais que os magos do Faraó, como o fez em toda sua vida.

Depositário de informações sumerianas, compilou o fantástico livro da Gênese, documento magnífico e antiquíssimo que remonta a saga de ocultistas como Noé, seus ascendentes e descendentes, em forma alegórica (princípio básico do ocultismo) e poética (característica dos mestres da magia).

Antes da Igreja Católica condenar quaisquer práticas que as suas próprias, como hereges, a magia gozava de altíssimo prestígio em todas as civilizações.

Os fenômenos mentais e/ou físicos sempre precederam a ciência e ambas eram irmanadas. Ser mago era, antes de tudo ser culto.

Exemplo para o prestígio do três Reis Magos que a Igreja não interferiu, além do próprio Moisés, que admiravelmente não foi retirado, embora que neste caso, o povo judeu os tinha no Torah.

Todas as narrativas da Bíblia foram passadas através de tradição oral, isto é, de boca em boca e, ficou preservada, haja vista a forma rigorosa dos hebreus que preservam até hoje, este tipo de virtude que, infelizmente não ocorre com outras raças e civilizações.

Caim e seus descendentes, Seth e seus descendentes, deixaram sua história, inclusive Noé, como os primeiros edificadores, mencionando a construção da "Arca de Noé", princípio da geometria Semita e regras chamadas ocultistas, conservando a perpetuação da arte anti-diluviana e a transmissão ampla a seus filhos.

É notório que os Egípcios, os Caldeus e os descendentes de Jafet que emigraram para as ilhas "Gentilis", eram todos hábeis na arte da Magia.

Finalmente fala-se na construção do Templo de Jerusalém por Salomão, sendo Hiram o Mestre de Obra (vide site "A Chave de Hiram").

Nabucodonosor, após ter destruído e saqueado esse mesmo Templo, construiu muralhas e edifícios na cidade, auxiliado por hábeis artífices da Judeia e de outros países que haviam sido levados cativos para a Babilônia. Cita-se os gregos, a Pitágoras, os romanos e os saxões, que com natural disposição para as artes ocultas, imitam os asiáticos.

Fazia-se mister que os ocultistas praticassem a religião oficial de seu País, por isso, lê-se na história de Templários, Maçons, estes serem católicos.

Considerando que o conhecimento, a sabedoria é supridora de todos os anseios humanos, praticar cultos locais não interfere no conhecimento da Sabedoria Universal, e evita dissensões, facilitando o acesso da cultura a ser implantada por todo mundo.

"A sabedoria é, antes de tudo, destinada a favorecer a toda a humanidade".

DRUIDAS

O druidismo é uma designação da doutrina místico-religiosa praticada pelos Druídas, sacerdotes celtas que habitavam as florestas da Gália (França), as brumosas ilhas britânicas e parte da região da Irlanda. Estudavam as forças ocultas da natureza, como também os movimentos das estrelas. praticavam a cura pelas ervas, métodos de adivinhação, entoavam cânticos e eram grandes poetas. Cultuavam a natureza e faziam cerimônias religiosas nos solstícios e equinócios sempre a céu aberto (não construíam templos). Não possuíam escrita e passavam a vida toda decorando suas leis e seus épicos. Elegiam dentro da família real o novo rei. Os futuros reis eram escolhidos entre os membros das classes superiores e possuíam 3 níveis ou graus de autoridade. O druidismo foi um belo sistema religioso celta, que até hoje possui seus seguidores.

O MUNDO DOS CELTAS

Seus cultos - Seus mitos - Seus ritos

José de Arimatéia – Um judeu Cristão

Segundo Robert de Baron, José de Arimatéia escondeu a taça que Jesus usou na última ceia, a mesma que ele próprio usou para recolher o sangue de Cristo antes de colocá-lo na tumba. Depois, viajou para a Inglaterra com um grupo de seguidores e funda a Segunda Mesa da Última Ceia, ao redor da qual sentam doze pessoas (conforme a Távola Redonda). No lugar de Jesus era colocado um peixe. José de Arimatéia fundou sua congregação em Glastonbury. No lugar onde teria edificado sua igreja em barro e palha, há os restos de uma abadia muito posterior. A mesma onde se diz estarem enterrados o rei Arthur e Guinevere e onde estaria o Santo Graal.

Os Celtas

Povo Nórdico, de vida simples que utilizava as forças telúricas em todas as suas atividades, expressas basicamente através de ritos propiciatórios. Consideravam a natureza como a expressão máxima da Deusa Mãe.

Os Celtas entendiam que a terra comportava-se como um autêntico ser vivo, que nela a energia flui em benefício da vida e da mente. Usavam pedras sob a forma de dolmens de menhires (construções megalíticas para canalizar energia) como drenadores, condensadores de energia telúrica direcionadas pela energia mental.

Os festivais Celtas tinham haver com a época do ano, por isso, ocorriam em datas precisas.

Sabiam que as energias sofrem reflexões e refrações por isso praticavam seus rituais completamente despidos.

Os cerimoniais célticos tinham um conteúdo mágico bem mais intenso que os druídicos.

O catolicismo primitivo, tal como um furacão devastador apagou tudo o que lhe foi possível apagar no que diz respeito aos rituais célticos, catalogando-os de paganismo, de cultos imorais e tendo como objetivo a adoração da força negativa.

A Igreja Católica, derivada do hebráico ortodoxo, era machista pois considerava a mulher responsável pela queda do homem, não tolerando admissão de uma Deusa Mãe, mesmo que esta simbolizasse a própria natureza.

Isto não foi ensinado e nem praticado por Jesus. Ele valorizou bem a mulher e, por sinal, existe um belíssimo apócrifo denominado "O Evangelho da Mulher".

Entre os primeiros séculos do Cristianismo, a participação feminina era bem intensa.

Na biblioteca de Nag Hammadi, os principais livros do Gnosticismo conta o Evangelho de Maria Madalena.

Assim é que o elemento básico de Wicca não tinha como base primordial o homem e sim a mulher.

MERLIM

Os primeiros registros existentes onde consta Merlim são do começo do século X (Armes Prydein, Y Gododdin), nele consta que Merlim era um mago, profeta e conselheiro, ativo em todas as fases da administração do reinado do rei Arthur da Távola Redonda. Ele foi aparentemente chamado ao nascer de Emrys.

Muito conhecido através da misteriosa vida druídica que optou.

É um dos seres mais enigmático e carismático que existiu, onde até hoje ninguém sabe se ele existiu mesmo ou se é apenas uma lenda, o que se sabe são apenas fragmentos sobre ele, e estórias confusas, na qual não se consegue definir a sua identidade. Quando se fala em mago, vem na cabeça Merlim.

Os gauleses foram considerados bárbaros por escritores romanos e que cristãos que os viam como sanguinários e violentos. Encontraram em seus cultos unicamente práticas grosseiras.

Realmente, no princípio, usavam sacrifícios humanos. Estes, todavia, na maior parte decorria de execuções judiciárias.

Deve-se considerar portanto, que ninguém pior que a Santa Inquisição, para julgar o procedimento de um povo, que como qualquer outro, tiveram suas crenças e seus dogmas. Até hoje, muitos países civilizados adotam ainda a pena de morte.

É desconhecido o fundador da religião druídica e o autor dos Livros Sagrados, As Tríades.

"Há três unidades primitivas: Deus, a Luz e a Liberdade.

Há três unidades de Deus: Ser infinito em si mesmo; Ser finito para com o finito; e estar em relação com cada estado das existências no círculo dos mundos".

Eram reencarnacionistas; "A alma reveste as três formas rudimentares da vida e só adquire consciência e alcança a liberdade depois de permanecer por muito tempo imersa em seus instintos primários."

Reportam-se ao nascimento do espírito já no plano material. Que a alma percorre três círculos em estados sucessivos:

Nasce na matéria, período mais primitivo, onde sofre o jugo da animalidade; o círculo das migrações para experiência e sofrimento em muitas encarnações, depois completa seu aprendizado em diversos mundos. E finalmente o círculo do infinito, morada da essência divina.

No druidismo, cada um prepara e edifica o próprio destino, não havendo favorecimentos.

Eis aí a lei do Karma com todas as implicações e conseqüências.

Os gauleses consideravam os despojos que dos guerreiros simples invólucros gastos, e como tal, indignos de atenção. Por isso, abandonavam insepultos no campo de batalha, para grande surpresa de seus inimigos. Empréstavam dinheiro para ser pago na encarnação futura. A comemoração dos mortos em primeiro de novembro é iniciativa gaulesa onde evocavam os entes queridos. Transmitiam os ensinamentos oralmente e usavam as faculdades paranormais (magia, mediunidade, oráculos).

ORIGENS DA BRUXARIA WICCA

Wicca

Histórico

A magia conhecida como Wicca surgiu nos anos 40 do século XX, entre os povos da Irlanda, Inglaterra, País de Gales, Itália e França. Essa religião se refere a todas as manifestações de origem pagã. A palavra Wicca vem do saxão *witch* ou do inglês arcaico *wicce*, que significa girar, moldar ou dobrar. Alguns estudiosos afirmam que esta palavra vem da raiz germânica *wit* que significa saber. Para entender a magia Wicca é preciso conhecer um pouco da cultura Celta, sua raiz mais profunda. Essa cultura foi uma das mais importantes que predominaram há milhares de anos em Roma, tendo surgido na Europa Central no II milênio antes da era comum (AEC). Entre os séculos III e V daquela era, espalharam-se por toda Europa, chegando à Turquia e Ásia Menor. O povo Celta, ao chegar na Europa, trouxe suas crenças, que ao se misturarem às crenças da população local, deram início às práticas wiccanianas. A religião dos Celtas era o Druidismo, uma religião politeísta, e seus ritos eram sempre realizados ao ar livre. Para eles, este contato com a natureza permitia uma maior aproximação com os deuses e divindades. As principais eram: a Grande Deusa Mãe e o deus Cornífero, chamados de Ceridwen e Cernunos, respectivamente. A Grande Deusa Mãe é a natureza em todas as suas manifestações, a fecundação e a criação, mãe do Deus Cornífero que representa a fertilização. Os druidas cultuavam agricultura, a cura com ervas e a caça. Realizavam festas ritualísticas em homenagem às divindades, e iniciavam as pessoas na arte da Magia que era ensinada oralmente. Apesar da classe sacerdotal ser dividida entre homens e mulheres, a sociedade era matriarcal. As druidesas eram divididas em classes: a primeira vivia enclausurada. As outras classes podiam se casar e participavam de rituais sagrados. O tempo foi passando e os deuses ficaram apenas na história representados por estátuas encontradas em diversas partes do mundo, como a do Deus Cornífero achada na Suécia. Agora com a chegada do século XXI, todos estes conceitos estão retornando e ressurgem em todo mundo as crenças e o poder da magia dos antigos celtas. A bruxaria é a antiga religião dos povos da Europa, que após quase 2000 anos de exclusão e desaparecimento ressurgiu com o nome de Wicca. Esta religião, depois de se popularizar na Europa e América do Norte, nos últimos dois anos vem ganhando grande número de adeptos no Brasil e nas demais partes do mundo.

Xamanismo

Histórico

O xamanismo é a mais antiga prática espiritual, médica e filosófica da humanidade. Hoje médicos, advogados, donas de casa, psicólogos, espiritualistas, místicos, estudantes, executivos, e pessoas das mais variadas crenças estão estudando e aplicando o xamanismo. Ele é o reencontro do homem com os ensinamentos da natureza e com o seu próprio mundo interior. Sua origem não tem raízes históricas ou geográficas exatas. A referência mais comum entre os especialistas é que o xamanismo surgiu na tribo de Tugus, Sibéria, derivada da palavra Xamã. Ao longo da história os rituais xamânicos foram amplamente difundidos nos centros urbanos através de comunidades religiosas, que usando o seu processo de cura, começaram a utilizar-se das plantas. As principais comunidades e suas plantas são:

• **A Igreja Nativa Americana** – usa o peiote (Don Juan),

• **A União do Vegetal** – utiliza o Ayauasca, também conhecida nas matas brasileiras como Iagé, Nixi, Honi, Xuma, Caapi.

• **A Barquinha** – utiliza o ayauasca.

• **O catimbó** - usa a jurema.

No entanto, o ponto forte do xamanismo são as práticas em EAC (Estados Alterados de Consciência), um processo de transe que pode ser obtido com cantos, posturas, jejuns, exercícios respiratórios, saunas, danças, meditações, e também através das plantas de poder.

Surgiu no período neolítico. Devido a analogia do parto, ver uma mulher dando a luz a uma criança parecia-lhes que todo o universo deveria ter sido criado por uma Grande Mãe.

Originou-se em várias partes do mundo, mas Wicca iniciou na Irlanda, Inglaterra, em Gales, Escócia, parte da Itália e a região da Britânia na França.

Quando os Celtas invadiram a Europa, quase mil anos antes de Cristo, trouxeram suas crenças que deu origem a Wicca, que se expandiu por outras partes da Europa (Portugal, Espanha, Turquia).

É claro que a bruxaria é anterior aos Celtas, mas eles mantiveram a tradição Wicca.

A Sociedade Celta era Matrifocal; nomes e bens da família eram passadas de mãe para filha e eram respeitadas como sacerdotisas, mãe, esposa e guerreira que lutavam ao lado dos homens.

Na Inquisição, a Igreja, matou milhões de pessoas, na maioria mulheres, doentes mentais, doentes físicos e por diversos motivos pessoais.

Todos os tipos de bruxaria são derivados do Xamanismo primitivo.

Para a Wicca, existe um princípio criador , que não tem nome e está além de todas as definições. Desse princípio, surgiram as duas grandes polaridades , que deram origem ao universo e a todas as formas de vida.

A Grande Mãe representa a Energia Universal Geradora e é associada a lua, intuição, noite , escuridão , receptividade; é o inconsciente, o lado escuro e desconhecido da mente.

A contraparte , nasceu da Deusa pois achavam que toda luz nasce da escuridão. Essa contraparte é o Deus , símbolo solar da energia masculina com atributos de coragem , fertilidade, saúde e alegria.

É preciso perceber seu caráter simbólico e mítico, pois todas as coisas nascem do útero da Deusa Mãe e para ele tudo retornará.

Os rituais de Wicca tem a sua origem perdida no tempo e é o que hoje se pratica como bruxaria.

SALOMÃO E AS TERRAS DE OFHIR

SALOMÃO

Brasil – A terra de Ophir

(Trechos extraídos de Arthur Franco em "A Idade das Luzes".)

Se parece estranho o conhecimento de terras a Ocidente antes de Colombo, é por pura desinformação histórica. O historiador brasileiro Cândido Costa escreveu em 1900:

"Diodoro de Sicília (90-21 ac) , 45 anos antes da Era Cristã, escreveu grande número de livros sobre os diversos povos do mundo; em seus escritos , designa claramente a América com o nome de ilha, porque ignorava sua extensão e configuração. Essa expressão de ilha é muitas vezes empregada por escritores da antigüidade para designarem um território qualquer. Assim vimos que Sileno chama ilhas a Europa, Ásia e África. Na narração de Diodoro, não é possível o engano quando descreve a ilha de que falamos: "Está distante da Líbia (ou seja, da África) muitos dias de navegação , e situada no Ocidente. Seu solo é fértil, de grande beleza e regado de rios navegáveis". Esta circunstância de rios navegáveis não se pode aplicar senão a um continente, pois nenhuma ilha do oceano tem rios navegáveis.

Diodoro continua dizendo:

"Ali, vêem –se casas suntuosamente construídas"; sabemos que a América possui belos edifícios em ruínas e da mais alta antigüidade. "A região montanhosa é coberta de arvoredos espessos e de árvores frutíferas de toda espécie. A caça fornece aos habitantes grande número de vários animais; enfim, o ar é de tal modo temperado que os frutos da árvores e outros produtos ali brotam em abundância durante quase todo o ano."

Esta pintura do país e do clima por Diodoro se refere de todo o ponto à América equatorial. Este historiador conta depois como os Fenícios descobriram aquela região:

"Os Fenícios tinham-se feito à vela para explorarem o litoral situado além das colunas de Hércules; e, enquanto costeavam a margem da Líbia (África) foram lançados por ventos violentos mui longe do oceano. Batidos pela tempestade por muitos dias, abordaram enfim na ilha de que falamos. Tendo conhecido a riqueza do solo, comunicaram sua descoberta a todo o mundo. Portanto os Tyrrhenios (outra tradução chamam aos Fenícios de Tyrios)

Nota: os Fenícios são oriundos da Síria , poderosos no mar, quiseram também mandar uma colônia ; porém foram impedidos pelos Cartagineses, que receavam que um demasiado número de seus concidadãos , atraídos pelas belezas desta ilha, desertasse da praia."

("Cândido Costa , As Duas Américas, 1900 (pp.108 – 109, citado em Arthur Franco, A Idade das Luzes, Wodan, 1997, p. 113").

Esta descrição coincide com os relatos do que ocorreu com a frota de Cabral 2500 anos depois, desviada pelas mesmas correntes até o continente do Brasil. Na descrição mais completa do texto do historiador romano vemos com exatidão a descrição do continente americano há 2000 anos atrás:

"No mais profundo da Líbia, há uma ilha de considerável tamanho que, situada como está no oceano, se acha a vários dias de viagem a oeste da Líbia. Seu solo é fértil pois, ainda que montanhosa, conta com uma grande planície. Percorrem-na rios navegáveis que se utilizam para a irrigação , e possui muitas plantações de árvores de todos os tipos e jardins em abundância, atravessados por correntes de água doce e também há mansões de dispendiosa construção, e nos jardins construíram-se refeitórios entre as flores.

Ali passam o tempo seus habitantes durante o verão, já que a terra proporciona uma abundância de tudo quanto contribui para a felicidade e o luxo. A parte montanhosa da ilha está coberta de densos matagais de grande extensão e de árvores frutíferas de todas as classes, e para convidar os homens a viverem entre as montanhas. Há grande número de acolhedores , vales e fontes. Em poucas palavras, esta ilha está bem provida de poços de água doce que não só se convertem num leite para quem ali reside senão também para a saúde e vigor de seu corpo. Há igualmente excelente caça de animais ferozes e selvagens de todo o tipo e os habitantes, com toda essa caça para as suas festas, não

carecem de nenhum luxo nem extravagância. Pois o mar que banha as costas da ilha contém uma multidão de peixes , e o caráter do oceano é tal que tem em toda sua extensão peixes em abundância, de todas as classes.

Falando em geral, o clima desta ilha é tão benigno que produz grande quantidade de frutos nas árvores e todos os demais frutos da estação durante a maior parte do ano, de modo que parece que a ilha, dada sua condição excepcional , é um lugar para uma raça divina , não humana.

Na antigüidade , esta ilha estava descoberta devido à sua distância do mundo habitado, mas foi descoberta mais tarde pela seguinte razão:

"Os fenícios comerciavam desde muito tempo com toda Líbia, , e muito o fizeram também com a parte Ocidental da Europa. E como suas aventuras resultaram exatamente de acordo com suas esperanças , acumularam uma grande fortuna e planejaram viajar além da coluna de Hércules, para o mar que os homens chamam oceano. E, em primeiro lugar , à saída do estreito, junto às colunas , fundaram uma cidade nas costas da Europa, e como a terra formava uma península chamaram à cidade Gadeira (Cádiz). Nelas construíram muitas obras adequadas à natureza da região , entre as quais se destacava um rico templo de Hércules (Melkarth), e ofereceram magníficos sacrifícios que eram conduzidos segundo o ritual fenício..."(p.114).

Quanto ao porte dos navios para semelhantes viagens nessa época , as trirremes fenícias em nada deviam às caravelas de vinte cinco séculos mais tarde. Seu comprimento podia atingir de sessenta a setenta metros , comportando até cento e oitenta remadores e uma tripulação de duzentos a trezentos soldados. Pouco se comenta do esplendor das naus gregas ou romanas , mas não se pode negar que Erik, o vermelho , e seu filho, Leif Erikson, seguiram estes antigos passos até mesmo no estilo de seus Knerrir (transatlânticos) e Knorr (navios menores que comportavam as colônias) , no século X d.C. , vencendo mares tão perigosos como os do Atlântico norte para atingir a Vinland, na América.

Segundo Cândido Costa, em sua obra de 1900:

"Num escrito de Aristóteles (De Mirab. Auscult. Cap. 84) diz-se que foi o receio de ver os colonos sacudirem o jugo da metrópole cartaginesa e prejudicarem o comércio da mãe pátria que levou o senado de Cartago a decretar pena de morte contra quem tentasse navegar para esta ilha. Aristóteles descreve também uma região fértil, abundantemente regada e coberta de floresta, que fora descoberta pelos cartagineses além do Atlântico (p. 115)

A participação ampla dos fenícios no conhecimento das terras ocidentais explica a grande participação dos judeus nas grandes navegações. Desde o tempo de Salomão, as casas de Hiram e do grande soberano judeu se uniu de tal forma que a construção do Templo de Jerusalém foi feita por arquitetos e pedreiros fenícios, e as misteriosas viagens para descobrir ouro e madeiras para a construção do templo foram feitas conjuntamente.

Este vasto conhecimento dos judeus sobre a ciência da navegação não passou despercebido por alguns soberanos à época da diáspora, especialmente D. Manuel.

Em 1412 foi fundada a escola de Sagres, primeira academia portuguesa da navegação. Portugal, nesta época, tonara-se o último reduto dos judeus na Europa. A proteção concedida pelos soberanos portugueses aos judeus visava declaradamente atrair os largos conhecimentos hebreus nas matemáticas, na geografia e na astronomia, para calcar os grandes desenvolvimentos levados a cabo nas pesquisas náuticas para lançar Portugal como potência mundial.

O conhecimento das terras do Brasil por Salomão e por Hiram (rei da Fenícia) , conforme a explanação feita por Cândido Costa , é difícil de ser refutada.

Inscrições Fenícias na Bahia e Paraíba.

Entre 1000 aC a 700 aC, período da colonização fenícia no Ocidente, na direção de Cartago, Malta, Sardenha e Espanha. Vários documentos em pedra encontradas no Brasil e EUA, por exemplo, atestam a expansão Fenícia no Ocidente.

No Brasil há registros como os feitos numa memória, do ano de 1753. Seu autor dá notícia de uma cidade abandonada no interior da Bahia, na qual constatou a existência de um palácio, inscrições, templo, colunas, aquedutos, ruas, arcos etc. As inscrições foram encontradas na cidade abandonada no interior da Bahia, de que trata o manuscrito existente na biblioteca pública do Rio de Janeiro.

Em várias localizações da Américas encontram-se as mesmas inscrições.

As inscrições no Estado da Paraíba, são constantes, de pedra lavrada, segundo Cândido Costa, foi submetida ao juízo do sábio orientalista francês Ernesto Renan, sendo por ele considerada de origem fenícia.

Outros detalhes sobre a vinda dos semitas para o Ocidente no ano 2000 aC a 970 aC.

Assume Hiram, o grande rei de Tiro (970 – 936) , aliado de Davi e Salomão.

Em 965 aC, Salomão assume o trono de Israel. No seu reinado um fato extraordinário originou concretamente a ligação perene que teria o Ocidente com os mistérios Bíblicos; a construção do

Templo de Jerusalém. Salomão começou oficialmente , na linhagem bíblica, a arte da construção como grande arquiteto do templo. Sua ligação com a casa de Hiram , da Fenícia, abriu os caminhos para a vinda dos mistérios, séculos mais tarde, através da Ordem dos Construtores e da Franco Maçonaria. Curiosamente , tudo indica ter ido da América do Sul que saíram os materiais exóticos, necessários à construção do templo. Como se não bastasse o acesso físico dos materiais – ouro, pedras, madeiras, além de animais exóticos. Os fenícios foram os próprios construtores do templo, contratado por Salomão. Quanto ao conhecimento do continente americano, os antigos já davam notícias há muito tempo da existência desse continente , para o qual ocorreriam se lhes fosse facilitada a navegação. Tal como ocorreu no início do século XX com as grandes migrações de italianos e alemães para a América, a população que tinha notícia da existência deste paraíso terrestre facilmente se via tentada a emigrar das desoladas e assoladas regiões em que viviam.

"David, quando morreu , deixou a Salomão para a construção do templo 7000 talentos de prata e 3000 de ouro de Ophir. O velho rei não possuía nenhum navio que navegasse nos mares exteriores. Recebia, pois , o ouro de Ophir pelo tráfico com os fenícios, os quais , segundo a Bíblia, conheciam todos os mares. Salomão, para por em execução seus grandes projetos, recorreu a Hiram. Chegou a interessá-lo nas suas empresas e a contratar com ele aliança sólida.

O receio de excitar a susceptibilidade dos povos do Mediterrâneo foi sem dúvida o motivo que decidiu Salomão a construir em Esion-Gaber, no Mar Vermelho, os navios que destinava às viagens de Ophir (pois as colunas de Hércules estavam fechadas aos gregos pelos Cartagineses e o comércio para o Atlântico era muito vigiado". (Cândido Costa , op., cit., p. 113)

Cândido Costa Prossegue sua explanação lembrando que Hiram enviou a Salomão Marinheiros experimentados.

Como se verá mais tarde, a frota de Ophir nunca voltaria ao Mar Vermelho. Passando pelo Cabo africano, ela se reunira no oceano Atlântico com a frota de Hiram , que saíra do Mediterrâneo. Entre os trabalhos que tentam retirar o véu sobre a verdadeira identidade das ricas localidades bíblicas de Ophir, Parvaim e Tarschisch destacamos este do senhor Cândido Costa , publicado em 1900. Ele baseou-se no estudo filológico das antigas línguas européias e asiáticas , bem como a língua quíchua ou dos Antis, do Peru , a qual ainda se falava, pelo menos em 1900, na Bacia superior do Rio Amazonas.

"Nos Paralípomenos, liv. 2, cap. 3, v.6, conta-se que Salomão adornou sua casa com belas pedras preciosas, e que o ouro era de Parvaim (...) Parvaim é pronuncia alterada de Paruim. A terminação im nos dá o plural em hebraico; vem acrescentado a Paru porque efetivamente existem, na bacia superior de Amazonas, no território Oriental do Peru, dois rios auríferos, um com o nome de Paru, outro com o de Apu-Paru, o rico Paru, e que unem suas águas para se confundirem no Ucuayli. Os dois rios Paru e Apu-Paru fazem , no plural Paru-im.

Outro nome hebraico é o de um antigo império de nome Inin (crente ou de fé) , também no Peru.

O rio Amazonas, desde a embocadura do Ucaially até a foz do Rio Negro, se chama ainda Solimões: não é nem mais nem menos que o nome viciado de Salomão, dado ao rio Amazonas pela frota do grande rei, que dela tomou posse, em hebraico Solima e em árabe Soliman.

Os cronistas da conquista do rio das Amazonas contam que a oeste da província do Pará existia uma grande tribo como nome de Soliman, que era o do rio ; pois na América as correntes d'água tiram seus nomes das tribos que as habitam. Daí também os portugueses fizeram solimão por hábito de lingüística. Essa colônia fenícia teve uma duração temporária assaz longa, pois as viagens trienais dos navios de Salomão e de Hiram se renovaram várias vezes. Provavelmente não foi abandonada à própria sorte senão no reinado de Josaphat, rei de Judá , no tempo em que os cartagineses todo-poderosos não permitiam a nação alguma sair do mediterrâneo. Eis porque Josaphat quis mandar sair do Mar Vermelho para essas mesmas regiões uma frota equipada, conjuntamente com Ochozias, rei de Israel. Porém um temporal hediondo a destruiu completamente (p.116).

"Passamos a Ophir, lugar tão celebrado por suas riquezas.

Devemos lembrar aqui que filólogos acreditaram poder fazer que prevalecesse o nome de Abiria, por ter sido a Ophir da Bíblia. Todavia, levaremos em consideração os seguintes fatos : Primeiro, o nome da Abiria é a tradução latina do vocábulo grego sabeiria, tomado da geografia de Ptolomeu, livro 7, cap. 1. A licença do tradutor é tão grande quanto censurável. Em segundo lugar, sabeiria achava-se localizada na parte ocidental da Índia, Que chamavam Indo-Scitia. Porém é reconhecido que a Índia , mormente na parte Ocidental, nunca produziu ouro para o comércio; pelo contrário , os egípcios e os árabes ali o traziam , para o trocar por tecidos de lã e de algodão. Assim a hipótese de que sabeiria fosse o Ophir da Bíblia cai por si. Estevão Quatremere também não admite que Ophir tenha sido colocado no Golfo Árábico, na Arábia feliz, nem em parte alguma da Índia, Ceilão, Sumatra, Borneo ou ponto algum do extremo oriente, pela razão muito simples de que os navios de salomão e de Hiram gastavam 3 anos em cada viagem dessas. Porém Quatremere cai no próprio erro dos que combate, pois que coloca Ophir em Soplah , na costa oriental da África. Para fortalecer sua hipótese, Quatremere não hesita na

escolha dos meios: assim é que, por não achar pavões na África, quer que os pássaros chamados Tulens na Bíblia sejam periquitos ou picotas". (Cândido Costa, op. Cit. p. 117)

No cap I do livro I dos Reis , v.11, acha-se escrito Ophir em língua hebraica de dois modos Apir e Aypir, e no cap. 9 , v. 28 lê-se Aypira da Bíblia. Em resumo, nada se opõe que o Aypira da Bíblia tenha vindo do nome do rio Yapur: onde o Y significa água, ou seja, "água ou rio de Apir ou Ophir". Eis porque a região de Ophir é essa que atravessa o rio Yapurá.

"A desapareição das frotas de Salomão e Hiram por 3 anos, a cada viagem que faziam, se acha agora explicada, pois elas estacionavam no rio que tinha o nome do Grande Rei. Se estas compridas estações, várias vezes repetidas, houvera sido feitas em qualquer ponto do antigo continente, a tradição ou a história não teriam deixado de no-la transmitir. As várias viagens trienais com exceção de uma só, não se referem a Ophir, pois todas se fizeram para Tarschisch. David recebia pelos fenícios o ouro de Ophir, e a frota construída no tempo de Salomão para o mesmo destino saiu do Mar Vermelho, onde nunca mais entrou. Fez sua junção no oceano Atlântico com a de Hiram, a qual saiu do Mediterrâneo; e ambas tomaram depois, da única viagem em que foram juntamente a Ophir, o nome da frota de Tarschisch (Alta Amazônia), segundo o texto hebraico, e o da frota da África, segundo o texto caldaico" (Cândido Costa p.120 a 124)

(I Reis 9,10,11,22, Paralipomenos liv2, cap.9 v.21 v. 10,11.

Segundo a Bíblia, "Salomão conhecia todas as sabedorias do Egito. Em 960 a.C., Salomão constrói o templo.

Patrocinados por Salomão, os fenícios se tornaram os primeiros dominantes do mar, abrindo agências comerciais por toda parte: Creta, Malta, Sicília, Cartago, Cádiz, Marselha, Inglaterra e Países Nórdicos. Salomão tornou-se o homem mais rico do mundo. Tinha 700 mulheres e 300 concubinas.

Em 930 a.C. ocorreu a cisão dos reinos Judá e Israel. Foi um período de constantes lutas internas entre Judá e as tribos do Norte. A situação chegou a tal ponto que Jeroboam, Ben-Nebat, seu filho, tentou um Golpe de Estado.

Em 928 a.C. morre Salomão e assume Rehoboam, seu filho, que, por falta de tato político, fracassa o acordo com as tribos de Israel.

Jeroboam refugia-se no Egito (Delta do Nilo), onde Sesonki o recebe na corte dando como esposa uma de suas filhas.

O ambiente torna-se propício para o retorno de Jeroboam, apoiado pelo Faraó que retorna e é aclamado Rei de Israel. A Rehoboam fica as tribos de Judá e Benjamim, com as quais Rehoboam funda o Reino de Judá, tomando por capital, Jerusalém.

REX MUNDI

O SACERDOTE DO ALTÍSSIMO

Melchizedek

Segundo as antigas tradições, é uma sociedade secreta cujo sacerdócio se revela de acordo com as necessidades da época, que visa satisfazer o propósito divino e o restabelecimento da Lei. A tal conhecimento, a tradição relaciona "O Espírito de Verdade" como Centro Imperecível (ou Shambalah), consagrado pelos povos orientais denominados: Agartha, Argandhi, Eredemi, ou Salém.

O Culto da Igreja de Melki-tsedek está acima das manifestações religiosas. Este Culto sempre existiu, como ciência divina e a mais preciosa de todas as religiões porque torna o ligar o homem a Deus (da palavra religare= religião), sem necessidade de sacerdote ou qualquer outro intermediário.

Sua origem precede dos meados da terceira Raça-Mãe (a Lemuriana) formando a Grande Hierarquia Oculta.

Com o decorrer do tempo recebem o nome de Sudha- Dharma-Mandalan, na antiga Aryavarta - na Índia - mas para todos os efeitos "Excelsa Fraternidade".

Durante a quarta raça-mãe, Atlante, o sacerdócio de Melki-tsedek, teve que enfrentar um magno problema; da grande queda angélica, ou seja a "união entre os deuses e os filhos dos homens"(Gen 6:4) conhecido pela Igreja por ser citado na Gêneseis, diferindo apenas na tradição oriental, o nome "Devas" para o de "anjos", na tradição ocidental.

Todas as tradições de valor no mundo, se originaram de uma fonte única, imperecível, que foi expressa na linguagem hierática de todos os tempos por aquela misteriosa terra chamada Salém, Agartha ou Shambalah. Os povos se ligam, de uma forma ou outra, através de suas tradições e símbolos, mitos e lendas, a este Centro, e a razão de conservarem a mesma unidade é que descendem de uma fonte única.

Religião, filosofia e sistemas sociais crescem e decaem periodicamente em vários povos, quando se corrompem e aí, se manifesta o "Espírito de Verdade" para renovar a face das coisas, descerrar novos horizontes que até então estavam fechados pela ignorância, incompreensão e maldade dos homens. Alguns dirigentes - os que realmente orientam os homens no sentido de sua verdadeira evolução - são representantes diretos ou indiretos deste "Centro" e cuja manifestação se processa através do "Tulkuísmo" fenômeno milenarmente conhecido das tradições orientais e que vem sendo explicado e orientado através de alguns "Colégios Iniciáticos" a longos anos.

Tais dirigentes são expressões do REX MUNDI "Rei do Mundo, conhecido como Melki-tsedek e esotericamente, com o nome de Rigden -Djyepo (palavra tibetana de origem agartha com o significado "Rei do Jivas" ou dos seres da terra)

Daí ser a manifestação ideoplástica do homem cósmico, isto é, "sem pai, sem mãe, sem genealogia, que não tem princípio de dias, nem fim da vida" (Heb 7:3).

Jesus, quando instruiu-nos a largar pai e mãe, bens materiais para conseguir a vida eterna, também baseava-se nesse princípio.

Melki-tsedek, o Rei de Salém, representa o sacerdote do Altíssimo, contemporâneo de Abraão, rei da Justiça e da Paz (Heb :1 a 3).

Seu nome refere-se ao REX MUNDI, figurando também na tradição judaico-cristã (Heb 7 26).

O Rei do Mundo é assim chamado por possuir os dois poderes: o temporal, como rei e o espiritual, como sacerdote (Heb:cap 6 e 7).

Ele é apontado com muito outros nomes: No Tibet, como Akdorge, do mesmo modo que na Índia; Na Mongólia exterior é chamado de "Senhor de Endemi; Mas na verdade esotérica ou Teosofia, chamou-se "Beja ou semente dos Avatares", razão pela qual o próprio Jesus lhe prestava homenagem e Abraão lhe pagou dízimos.

O atributo TSEDEK, "Justiça, Retidão", agregado ao hebraico; MELEK, "Rei", para formar o nome de Melki-tsedek, significa "O Rei por Excelência", enquanto tal qualidade o caracteriza como tal. É interessante notar que se agrega o título de "Rei de Salém", quer dizer: "Rei da Integridade, Paz e Perfeição", qualidade estas que encarna o verdadeiro adepto da arte real, sacerdote ou ministro da suprema realidade.

Unicamente seres muito especiais, através da história, têm sido capazes de perceber o verdadeiro conceito e a importância que abarca a clássica fórmula da Ordenação Sacerdotal:

"E para sempre serás Sacerdote da Ordem de Melki-Tsedek" (Salmo 110- 4)

(Vide GEN 15, 17 A 20, SALM 15, HEB 5 A 7)

Trechos dos Manuscritos do Mar Morto

Esta é a história de Salém segundo ouvi dos lábios de Melquisedeque por ocasião da festa de Sukot, quinze dias depois do livramento de Ló e suas filhas.

Tudo começou com um sonho no coração de um homem chamado Adonias; Ele possuía de muitas riquezas, mas a nada prezava mais que a justiça e a paz que nascem da sabedoria e do amor.

Cansado com as injustiças que predominavam por toda a terra de Canaã, Adonias resolveu edificar um reino que fosse regido por leis de amor e de justiça. O nome da capital desse reino seria Salém, a Cidade da Paz.

Os súditos de Salém não empunhariam arcos e flechas, mas seriam treinados na arte musical; Cada habitante de Salém teria sempre ao alcance de suas mãos um instrumento musical, para expressar por meio dele a paz e a alegria daquele novo reino. Juntos, formariam uma poderosa orquestra na luta contra a desarmonia que nasce do orgulho e do egoísmo.

O primeiro passo de Adonias para a concretização de seu plano, foi elaborar as leis do novo reino, as quais ele as escreveu em um pergaminho. Os súditos de Salém não poderiam mentir, furtar, odiar, nem matar seus semelhantes. O orgulho e o egoísmo eram apontados como causa de todo o mal, portanto, não poderiam existir naquele lugar de paz..

As leis do pergaminho requeriam a prática da humildade, da sinceridade, da amizade, e, acima de tudo, do amor que é a maior de todas as virtudes.

Depois de registrar no pergaminho as leis que regeriam aquele reino, Adonias passou a arquitetar Salém. Seria uma cidade a princípio pequena, com habitações para mil e duzentas pessoas. Como lugar de sua edificação, foi escolhida uma região alta de Canaã, ao ocidente do Monte das Oliveiras.

Em pouco tempo, a realização de Adonias começou a atrair pessoas de todas as partes que, de perto e de longe, vinham para conhecerem os palácios e as mansões que estavam sendo edificados.

Admirados ante a beleza daquela cidade tão alva, os visitantes perguntavam sobre quem seriam os seus moradores. Adonias mostrava-lhes o pergaminho, dizendo que Salém destinava-se aos limpos de coração - aqueles que estivessem dispostos a obedecerem suas leis.

A edificação da cidade foi finalmente concluída e Salém revelou-se formosa como uma noiva adornada, à espera de seu esposo.

Assentado em seu trono, Adonias examinava agora os numerosos pretendentes a súditos que chegavam de todas as partes. Aqueles que, prometendo fidelidade às leis, eram aprovados, recebiam três dotes do rei: o direito à uma mansão, vestes de linho fino e um instrumento musical no qual deveriam praticar.

A cidade ficou finalmente repleta de moradores. Cheio de alegria, Adonias convocou a todos para a festa de inauguração de Salém, no decorrer da qual proclamou um decreto que determinaria o futuro daquele reino, dizendo:- A partir deste dia, que é o décimo do sétimo mês, seis anos serão contados, nos quais todos os moradores serão provados. Somente aqueles que permanecerem leais, progredindo na prática das leis do pergaminho, serão confirmados como herdeiros deste reino de paz. Aqueles que forem enlaçados por culpas e transgressões, serão banidos pelo juízo.

As palavras do rei levou a todos a um profundo exame de coração, e alegraram-se com a certeza de que alcançariam vitória sobre todo o orgulho e egoísmo, que são as raízes de todos os males.

Adonias tinha um único filho a quem dera o nome de Melquisedeque. A beleza, ternura e sabedoria desse filho amado, haviam sido sua inspiração para a edificação fundação de seu reino.

Melquisedeque tinha doze anos de idade, quando Salém foi inaugurada. Era plano de Adonias coroá-lo rei sobre os súditos aprovados, ao fim dos seis anos. Este plano, o manteria em segredo até o momento devido.

O príncipe, com suas virtudes e simpatia, tornou-se logo muito querido de todos em Salém. Ele tinha sempre nos lábios um sorriso e uma palavra de carinho. Apreciava estar junto aos súditos em seus lares, recitando-lhes as leis do pergaminho em forma de lindas canções que vivia a compor. Sua presença trazia ao ambiente uma atmosfera de felicidade e paz. Esse amado príncipe possuía, de fato, todas as virtudes necessárias para ser rei de uma Salém vitoriosa.

Adonias edificara uma mansão especial junto ao palácio, com o propósito de ofertá-la ao súdito cuja vida expressasse mais perfeitamente as leis do pergaminho. Diariamente ele observava os moradores, procurando entre eles essa pessoa a quem desejava honrar.

Passeava pelas alamedas de Salém, quando, por entre o trinar de pássaros, Adonias ouviu uma voz semelhante a de seu filho. Ao voltar-se para ver quem era, encontrou um belo jovem que cantarolava uma canção. Ao contemplar em sua face o brilho da sabedoria e da pureza, Adonias alegrou-se por haver encontrado aquele a quem poderia honrar. Aquele jovem, que era uma cópia fiel do príncipe, chamava-se Samael.

Colocando-lhe um anel no dedo, o rei conduziu-o ao palácio, onde, recebido por Melquisedeque que ofereceu-lhe muitos presentes, entre os quais o direito de estar sempre ao seu lado.

Adonias preparou um grande banquete em honra a Samael, para o qual todos foram convidados. Ao contemplá-lo ao lado do rei, os súditos o aclamaram com alegria, acreditando ser o próprio príncipe. Exaltavam com júbilo as virtudes daquele formoso jovem, quando revelou-se Melquisedeque, posicionando-se com um sorriso à direita de seu pai.

No banquete, Samael foi honrado por todos. Realmente ele era digno de residir na mansão do monte, pois havia nele um perfeito reflexo das virtudes que coroavam o amado príncipe.

Salém crescia em felicidade e paz. Com alegria, os súditos reuniam-se a cada dia ao amanhecer para ouvirem, cantarem e tocarem as sublimes composições de Melquisedeque, que inspiravam atos de bondade e paz.

Entre as amizades nascidas e fortalecidas em virtude da música harmoniosa, sobressaía aquela que unia o príncipe a Samael. Desde que passara a residir na mansão do monte, Samael tornara-se seu companheiro constante. Passavam longas horas juntos, meditando sobre as leis do pergaminho. Com admiração, o súdito honrado via o filho de Adonias transformar aquelas leis em lindas canções. As doces melodias nasciam dos seus lábios como o perfume de uma flor.

Consciente da importância da música na preservação da harmonia e paz em Salém, o príncipe, além do canto, passou a dedicar-se à música instrumental, sendo o seu instrumento preferido o alaúde. Era por meio desse instrumento que conseguia expressar com maior perfeição a riqueza de seu íntimo.

Dos seis anos de prova, cinco, finalmente, passaram. Adonias, feliz por ver que até ali todos os habitantes de Salém haviam permanecido leais aos princípios contidos no pergaminho, convocou-os para um banquete, no qual faria importantes revelações.

Tendo tomado seus lugares diante do trono, os súditos, com alegria uniram as vozes entoando os cânticos da paz, sendo regidos por Samael.

Depois de ouvi-los, o rei, emocionado, dirigiu-se a seu filho, abraçando-o em meio aos aplausos da multidão agradecida. Todos reconheciam que a paz e a alegria em Salém, eram em grande medida devidas ao amor e dedicação do querido príncipe, que era o autor daquelas doces canções.

Naquele momento de reconhecimento e gratidão, Adonias revelou os seus planos mantidos até então em segredo. Com voz pausada, disse-lhes: - Súditos deste reino de paz, minh'alma está repleta de alegria por contemplar nesse dia vossas faces mais radiantes que outrora. Vossas vestes continuam alvas e puras, como quando as recebestes de minhas mãos. A harmonia de vossas vozes e instrumentos, hoje são maiores.

Tendo dito estas palavras, o rei acrescentou com solenidade: - Um ano de prova ainda resta, ao fim do qual sereis examinados. Permanecendo fiéis como até aqui, sereis honrados confirmados como súditos deste reino de paz. Contudo, se alguém for achado em falta, será banido, ainda que este julgamento nos traga muita tristeza e sofrimento.

As palavras do rei levaram os súditos a uma profunda reflexão. Todos, examinando-se, indagavam reverentes: - Estaremos aprovados?! Certos de que seriam vitoriosos, pois amavam Salém e suas leis, uniram as vozes num cântico expressivo de fidelidade. Ao terminarem o cântico, Adonias revelou-lhes seu grande segredo:

- Aqueles que forem aprovados, herdando este reino de paz, receberão como rei o meu filho, a quem darei o trono glorificado dessa Salém vitoriosa. A revelação do rei foi aclamada por todos com muito júbilo. Adonias, contudo, ainda não lhes revelara todo o seu plano, por isso pedindo-lhes silêncio, prosseguiu:

- O meu filho empunhará um cetro especial, no qual selarei todo o direito de domínio seu cetro, simbolizando toda a harmonia, será um alaúde. Diante desta revelação que a todos sensibilizou, o príncipe prostrando-se aos pés de seu pai, chorou motivado por muita alegria. Enquanto isto, todos o aplaudiam com euforia, ansiando ver o raiar desse dia em que a paz seria vitoriosa.

Adonias, chamando para junto de seu filho a Samael, concluiu dizendo: - No governo dessa Salém vitoriosa, tenho proposto fazer de Samael o primeiro depois de Melquisedeque. A ele será confiado o pergaminho das leis, devendo ser o guardião da honra desse reino triunfante.

Samael, ao conhecer os planos de Adonias quanto ao futuro de Salém, encheu-se de euforia.

Contemplava agora risonho aquela cidade sem igual, imaginando seu futuro de glória. Considerando as palavras do rei, de que ele seria o segundo no reino, deixou ser dominado por um sentimento de exaltação. Ele, que até ali, em obediência às leis do pergaminho, vivera uma vida de humildade, começava a orgulhar-se de sua posição. Em seu devaneio sentia-se junto ao trono, tendo os súditos de Salém a seus pés, aclamando com louvores sua grandeza. Samael, totalmente dominado por esse sentimento, não dava por conta de que estava sendo conduzido para um caminho perigoso. O orgulho que o seduzira, estava gerando o egoísmo que logo se manifestaria em cobiça.

Uma semana após a revelação de Adonias, os súditos promoveram uma festa em homenagem a Melquisedeque, o futuro rei de Salém. Vendo-o aclamado por tantos louvores, Samael teve o coração tomado por um estranho sentimento de inveja, fruto do orgulho e do egoísmo. Não podia suportar o pensamento de ser deixado em segundo plano. Não era ele tão formoso e sábio quanto o príncipe?! Era quase impossível disfarçar tal sentimento de infelicidade.

Outrora, Samael encontrara indizível prazer nos momentos em que, ao lado do príncipe, recitava as leis contidas no pergaminho, que eram transformadas em lindas canções. Agora, tais momentos tornaram-se desagradáveis, pois aqueles princípios contrariavam os seus ideais. Decidiu, contudo, não revelar seus sentimentos de revolta. Suportaria o antiquado pergaminho até que, com sua autoridade, pudesse bani-lo do novo reino que seria estabelecido. Não seria ele o guardião daquelas leis? Essa "vitória" procuraria alcançar mediante sua influência e sabedoria.

Julgando poder influenciar o filho de Adonias com seus sonhos de grandeza, Samael aproximou-se dele com euforia, e passou a falar-lhe das glórias do reino vindouro, onde os dois, cobertos de honras, desfrutariam dos louvores de uma Salém vitoriosa. Seriam eles os heróis do mais perfeito reino estabelecido entre os homens.

As delirantes palavras do súdito honrado trouxeram preocupação e tristeza ao coração do jovem príncipe, pois não refletiam os ensinamentos de amor e humildade do pergaminho.

Vendo o seu íntimo amigo em perigo, Melquisedeque, com uma ternura jamais revelada, conduziu-o para junto do trono, onde, tomando o pergaminho, passou a ler compassadamente os seguintes parágrafos:

- O reino de Salém será firmado sobre a humildade, pois esta virtude é a base de toda verdadeira grandeza.

A humildade é fruto do amor, sendo contrária ao orgulho, que pode manter uma criatura presa ao pó, fazendo-a contentar-se com suas limitações, iludindo-a como se as mesmas fossem de infinito valor. A humildade consiste no esquecimento de si, e este, numa vida de abnegado serviço pelos semelhantes.

Samael, esforçando-se para encobrir sua indignação ante a leitura do pergaminho que para ele era ultrapassado, disse ao príncipe, em tom de conselho amigo:

- Meu bom companheiro, reinaremos numa Salém vitoriosa, que fulgurará muito acima deste pergaminho ,cujos princípios foram cumpridos fielmente nesses anos de prova. A plena liberdade não será a glória de Salém? Pois saiba que, completa liberdade não coexistirá com estas leis, cujo objetivo encerra-se ao fim dos cinco anos. Caberá a nós dois coroarmos Salém com a honra de uma total liberdade, que gerará uma felicidade sem fim. Tal liberdade é impossível existir sob as limitações do pergaminho.

O filho do rei ficou muito abalado ante as palavras de seu amigo, que evidenciavam loucura. Como libertá-lo desse caminho de morte?!

Ninguém em Salém, além de Melquisedeque, conhecia a triste condição de Samael. Com paciência, o príncipe procurava conscientizá-lo do real valor do pergaminho, cujas leis não podiam jamais ser alteradas, pois isto seria o fim de toda a paz.

Os conselhos do príncipe despertaram finalmente o seu coração. Meditando sobre suas palavras, conscientizou-se de estar seguindo por um caminho enganoso.

Ao ver nos olhos daquele a quem tanto amava as lágrimas do arrependimento, o filho de Adonias alegrou-se com sua vitória sobre o orgulho e o egoísmo.

Os dias que seguiram-se à libertação, foram cheios de realizações; O príncipe revelava-se ainda mais amigo, disposto a dar tudo de si para que seu companheiro pudesse prosseguir triunfante no caminho da humildade. Naqueles dias de júbilo, foi dada a ele a honra de conhecer o cetro que estava sendo moldado.

Num momento de descuido, Samael que voltara a desfrutar paz de espírito, permitiu que seu coração novamente ficasse possuído por um sentimento de grandeza, que fez desencadear nova tormenta em sua alma. Esse sentimento misto de orgulho e cobiça lhe sobreveio no momento em que o príncipe mostrava-lhe o dourado alaúde, no qual estava sendo impresso o selo de todo o domínio.

De sua mansão Samael contemplava Salém em seu resplendor matinal. Vendo-a, qual noiva adornada à espera de seu rei, cobiçou-a. Em seu delírio passou a formular planos de conquista. Já podia sentir-se exaltado sobre o seu trono, tendo nas mãos o cetro precioso. Todos aclamariam-no como o libertador da opressão daquelas leis. Salém seria um reino de completa liberdade e prazer. Dominado por esta cobiça, passou a maquirar planos de conquista.

Samael decidiu agir sutilmente entre os súditos, levando-os a ver no pergaminho um impecílio à real liberdade. Em sua missão de engano, agiria com aparente bondade, revelando interesse pelo crescimento da felicidade de todos.

Pondo em prática seus planos, passou a visitar os súditos em suas mansões, falando-lhes das glórias do reino vindouro, onde desfrutariam completa liberdade.

Grande era a sua influência em Salém. Todos admiravam sua beleza e sabedoria, tendo-o como um perfeito apóstolo da justiça e do amor. Ninguém podia imaginar que em meio àquela atmosfera de júbilo e gratidão uma armadilha sutil estava sendo colocada, nas garras da qual muitos poderiam cair por descuido.

Em sua sedutora missão, Samael não falava contra o pergaminho, aliás, louvava-o por haver exercido naqueles seis anos prestes a findarem ,uma missão de prova. Em sua lógica, contudo, procurava mostrar que, no reino vindouro, quando todos estivessem aprovados, estariam acima daquelas leis. Seus argumentos, aparentemente corretos, preparavam-lhe o caminho para afirmar abertamente que, no novo reino, a existência do pergaminho, seria um entrave à concretização da verdadeira liberdade. As sementes da rebelião lançadas por Samael não tardaram a germinar no coração de muitos em Salém. Isto acontecia a seis meses do Yom Kipur, quando o destino de todos seria selado. Um terço dos habitantes ,seduzido pelo terrível engano, exaltava-o agora, em completo desprezo às leis e ao príncipe, a quem julgavam ultrapassados.

Adonias, que sofria ao ver o surgimento de toda essa rebeldia, convocou os súditos para uma reunião de emergência. Na face de todos podia-se ver as contrastantes disposições.

Com voz compassiva, o rei passou a revelar-lhes, como jamais fizera antes, a grande importância das leis registradas no pergaminho, mostrando que elas eram a base de toda a prosperidade e paz. Se tais leis fossem banidas, toda felicidade e glória se extinguiriam, dando lugar ao caos.

Depois de mostrar a necessidade das leis, Melquisedeque, movido por um forte desejo de salvar aqueles a quem tanto amava, ergueu diante de todos o pergaminho e, com voz cheia de bondade ofereceu-lhes o perdão e a oportunidade de recomeçarem no caminho da paz. Suas palavras a todos emocionou, ficando até mesmo Samael ficou a princípio motivado, contudo, o orgulho impediu-lhe novo arrependimento. Desta maneira, o súdito honrado, quando ainda podia olhar arrependido para o pergaminho, endureceu-se em sua rebeldia, decidindo prosseguir até o fim. Esta decisão, todavia, não a manifestaria prontamente, pois idealizara um traiçoeiro plano.

Ao findar o encontro da oportunidade, Samael convocou seus seguidores para uma reunião secreta, que foi realizada sob o manto da noite, junto ao riacho de Cedrom que ficava fora dos muros de Salém.

Após maldizer o pergaminho e a todos aqueles que o defendiam, começou a falar-lhes de seus planos de vingança e traição:- Como vocês sabem, os seis anos da prova estão se esgotando, restando, a partir de hoje, vinte e quatro semanas para o dia da coroação. Se vocês quiserem ter-me como rei em lugar de Melquisedeque, poderei roubar-lhe o cetro, apoderando-me do reino.

Samael passou a explicar-lhes os lances da traição, dando-lhes as devidas orientações sobre a maneira de agirem a partir daquela data:- Precisamos manter uma aparência de fidelidade ao pergaminho e ao príncipe até que chegue o momento de agirmos. O golpe será dado na noite que antecede o dia da coroação. À meia-noite, furtivamente nos ausentaremos de Salém. Roubarei nessa noite o cetro e, juntos, fugiremos para o profundo vale onde estão as cidades de Sodoma e Gomorra. Ali nos armaremos, e marcharemos contra Salém, subjugando nossos inimigos. Acabaremos então com o pergaminho e com todos aqueles que se recusarem prestar obediência ao nosso governo.

Sobrevieram dias de aparente tranqüilidade e paz Samael, fingindo fidelidade, estava sempre ao lado do príncipe, demonstrando admiração pelas suas novas composições que exaltavam as leis do pergaminho. Os seguidores de Samael, da mesma maneira, uniam as vozes em louvores que expressavam a grandeza dos princípios aos quais repugnavam.

Melquisedeque, cheio de alegria por ver aproximar-se o dia de sua coroação, ensaiava com os súditos os cânticos da vitória, os quais compusera especialmente para aquela ocasião. Com felicidade falava a todos sobre seus sonhos em tornar Salém cada vez mais honrada por sua beleza e harmonia.

Samael, em sua maldade velada, zombava do príncipe. Já previa a dor que lhe traria o golpe da traição. Naqueles dias de aparente paz, o súdito rebelde procurou conhecer o lugar em que o cetro ficaria oculto até o dia da coroação. O príncipe, sem nada desconfiar, revelou-lhe todo o segredo: a sala, o cofre com seu enigma, o rico estojo e, finalmente o tesouro. Contemplando-o o astuto Samael animou-se ao ver estampado em seu bojo o selo do domínio; Compreendeu que, aquele que o possuísse, teria nas mãos o reino de Salém. Somente alguns dias, pensou, e teria sob seu poder aquele instrumento precioso.

O sol declinou trazendo para Salém o dia que significaria vitória ou derrota.

Pouco antes do anoitecer, Samael deixara o palácio onde passara todo o dia ao lado do príncipe, ajudando-o nos preparativos para a cerimônia da coroação. Dirigindo-se para sua mansão, saudou as trevas com um sorriso maldoso. Como ansiara por aquela noite!

Enquanto os fiéis, embalados pela emoção da feliz vitória, revisavam sob a luz de candeias os adornos de seus instrumentos, de vestes e mansões, certificando-se que seriam aprovados na manhã seguinte, Samael e seus seguidores faziam seus últimos preparativos para desferirem o golpe.

À meia-noite, seguindo as instruções de Samael, todos os seus seguidores abandonaram silenciosamente suas mansões, rumando-se ao profundo vale de Cedrom, onde esperariam pelo seu novo rei.

Samael, por sua vez, dirigiu-se aos fundos do palácio, por onde esperava entrar sem ser notado, indo ao encontro do cetro. Evitando qualquer ruído, transpôs o portal, dirigindo-se silenciosamente à sala que guardava o precioso cetro.

Naquele momento, o príncipe que, insone rolava em seu leito, pressentindo algum perigo, dirigiu-se ao quarto de seu pai e o despertou dizendo:- Meu pai, ouvi ruídos de passos no interior do palácio.

Afagando a cabeça de seu filho, Adonias, sonolento respondeu-lhe:

- Filho, não se preocupe. Deite-se comigo e durma tranqüilamente. Daqui a pouco raiará o alvorecer e você terá nas mãos o alaúde dourado. O príncipe, tranqüilizado pelas palavras confiantes de seu pai, entregou-se a um sono de lindos sonhos em que vivia ao lado de Samael e de todos os súditos de Salém, os momentos festivos da coroação. Enquanto isso, o rebelde com as mãos trêmulas, apossava-se do cetro. Naquele momento, teve a idéia de levar somente o alaúde, deixando o estojo em seu devido lugar. Com um sorriso cheio de maldade, imaginou o momento em que o rei entregaria ao seu filho aquele estojo vazio.

Levando consigo o cetro, Samael dirigiu-se apressadamente ao lugar em que seus seguidores o aguardavam. Ao encontrá-los, deu vazão a todo o seu orgulho proclamando:- Agora eu sou o rei de Salém. Quem possui um cetro como o meu? Com ele domino a terra e o mar. A minha força está nas trevas, pois através dela o conquistei.

Festejando a vitória, a turba ruidosa afastou-se para distante de Salém, seguindo rumo às cidades corrompidas da planície, onde pretendiam armarem-se para a conquista de seu reino.

O sol surgiu no horizonte, trazendo a luz do dia da expiação (Yom Kipur). Despertando de seu sono de lindos sonhos, o príncipe apronta-se para a cerimônia do juízo e da coroação. Vestes especiais de linho fino, adornadas com fios de ouro e pedras preciosas, foram-lhe preparadas. Depois de vestir-se, Melquisedeque encaminhou-se para o encontro de seus súditos, na extremidade sul de Salém. Dali os conduziria numa marcha festiva rumo ao palácio situado ao norte, sobre o monte Sião.

Adonias, fazendo soar um longo chifre, convocou a todos para a reunião do julgamento. Deixando suas mansões, todos os remanescentes dirigiram-se para a praça do portão sul, levando consigo seus instrumentos musicais.

Ao encontrar-se com aqueles fiéis, Melquisedeque ficou surpreso pela ausência de muitos. Esse mistério doía-lhe na alma, pois lhe ocultava-lhe a face mais querida de seu amigo Samael. Deixando seus seguidores reunidos, o príncipe saiu à procura dos ausentes. Em sua busca infrutífera, dirigiu-se finalmente à mansão do monte, onde chamou por Samael; Sua voz, contudo, não trouxe nenhuma resposta além de um eco vazio, que traduzia ingratidão.

Lendo no triste vazio a traição, sentiu vontade de chorar. Num só momento veio-lhe à mente todo o passado daquele a quem buscara com tanta dedicação conservá-lo em sua glória, através de conselhos sábios. Recordou daqueles dias que seguiram à sua recuperação; Como se alegrara com a certeza de que seu amigo não mais voltaria a cair! Levando-o a pressentir a tragédia, veio-lhe a lembrança as indagações de Samael sobre o alaúde, o qual mostrou-lhe num gesto de amizade. A memória deste fato, somada aos passos ouvidos no interior do palácio naquela noite, deu-lhe a certeza que Salém corria perigo. Não suportando essa possibilidade de traição, prostrou-se em pranto, ferido pela terrível ingratidão daquele a quem dedicara tanto amor.

Curvado pela dor, permaneceu por algum tempo procurando encontrar algum consolo. Enxugou finalmente as lágrimas, decidido a fazer qualquer sacrifício a fim de devolver a Salém sua glória e poder, redimindo-lhe o cetro das mãos da rebeldia.

Consolidado pela certeza da vitória, Melquisedeque retornou para junto dos súditos fiéis. Ocultando-lhes seu sofrimento, bem como o motivo da ausência de tantos, o príncipe guiou-os em marcha triunfal rumo ao palácio.

Ao aproximarem-se do monte Sião, galgaram os alvíssimos degraus da escadaria, sendo seguidos pela multidão exultante. Doía-lhe na alma a expectativa de ver morrer nos lábios dos fiéis, naquela manhã, o seu alegre canto, devido o golpe da traição.

Encontravam-se agora no interior do palácio, diante do magnífico trono que esperava pelo jovem rei. Na base do trono, jazia aberto, em meio a um arranjo de flores, o pergaminho das leis. Junto dele podia-se ver a linda coroa, feita de ouro e pedras preciosas, bem como o estojo daquele cetro que simbolizava toda a harmonia de Salém.

Os súditos estavam felizes, pois sabiam que seriam achados dignos de herdar aquele reino de paz. Aguardavam agora o momento da coroação, quando o seu novo rei os regeria de seu trono com seu cetro precioso, num cântico triunfal.

Em meio aos aplausos das hostes vitoriosas, Melquisedeque dirigiu-se a seu pai, que o recebeu com um carinhoso abraço. O momento era deveras solene. As hostes silenciaram-se na expectativa da coroação. O estojo seria aberto e, todos testemunhariam a exaltação do querido príncipe. Com o coração pulsando forte pela alegria, Adonias curvou-se sobre o estojo, abrindo-o cuidadosamente; Ao encontrá-lo vazio, a alegria de seu semblante deu lugar à uma expressão de indizível preocupação e tristeza, pois naquele cetro selara o destino daquele reino de paz.

Ao ver seu pai e todos os súditos aflitos pela ausência do cetro e de tantos amigos que deveriam estar com eles naquele momento, Melquisedeque consolou-os com a promessa de que buscaria o cetro. Inconscientes dos riscos e perigos que aguardavam o príncipe em seu caminho, os súditos despediram-se dele, vendo-o partir apressadamente.

O alvorecer daquele dia que seria o da coroação, alcançou os rebeldes distantes de Salém, a caminho das cidades da planície. Naquele manhã, Samael encheu-se de fúria ao ver que o precioso alaúde estava adornado com inscrições das leis contidas no pergaminho. Tomando uma pedra pontuda, passou a danificar o cetro, raspando-lhe todas as palavras de amor e justiça. Suas harmoniosas cordas estavam agora desafinadas sobre o seu bojo ferido, mas continuava sendo precioso, pois sobre ele jazia selado o domínio de Salém. Possuí-lo, significava ser dono de todo o poder.

Ao chegarem à altura em que o caminho bifurcava-se, Samael ordenou a seus seguidores que prosseguissem rumo a Gomorra, enquanto ele iria até Sodoma, onde permaneceria por dois dias, juntando-se depois a eles.

Esperou pela noite para entrar em Sodoma. Quando ali entrou, caminhou pelas ruas estreitas sem ser notado, até encontrar uma casa isolada sobre uma elevação. Fazendo do cetro sua arma, invadiu a casa matando seus moradores, enquanto dormiam. Apossou-se dessa maneira daquela residência onde, solitário, maquinaria seus planos para a tomada de Salém.

O entardecer daquele dia que seria o da coroação, alcançou o filho de Adonias a caminhar pelo pedregoso caminho rumo ao vale. Seus olhos carregados de tristeza e anseio voltam-se para o solo, em busca dos rastros dos rebeldes. A lembrança da ingratidão daqueles a quem tanto amava, o fez chorar. Suas lágrimas, refletindo os últimos lampejos daquele sol poente, assemelham-se a gotas de sangue jorrando de um coração ferido. Ele chorava não por causa dos perigos que lhe sobreviriam naquela fria noite, mas pela infeliz sorte daqueles que haviam trocado a paz de Salém pela violência daquelas cidades da planície.

O seu único consolo era a lembrança daqueles que, apesar de todas as tentações, haviam permanecido fiéis. A eles prometera devolver o cetro, e isto o faria apesar de qualquer sacrifício.

Depois de uma longa noite de insônia em que o príncipe ficou recostado ao lado do caminho, raiou a luz de um dia que seria decisivo.

Ao aproximar-se de Sodoma naquela manhã, o pensamento de estar tão próximo do cetro de sua amada Salém, fez com que se esquecesse de toda a fadiga, abreviando seus passos rumo ao desafio. Ao abeirar-se do grande portão da cidade, ficou tomado por um temor, ao ouvir ruídos espantosos de desarmonia, que traduziam o orgulho, o egoísmo e a cobiça que ali dominavam todos os corações, fazendo-os explodir na orgia de uma maldade sem fim.

Seria um grande risco expor-se à violência gratuita daquela cidade. Esse pensamento o fez deter-se a um passo do portal, onde estremeceu curvou a frente em indizível luta íntima. Era tentado a recuar, mas lutava com todas as forças de sua alma contra esse pensamento de fracasso.

Pensando na triste sorte de Salém, cujo domínio estava sendo pisado no interior daquela cruel Sodoma, Melquisedeque tomou uma firme decisão: como um destemido guerreiro haveria de avançar, e, mesmo que tivesse de enfrentar o acúmulo de todos os perigos, prosseguiria, até erguer em suas mãos vitoriosas o cetro amado.

Resoluto e esperançoso, transpôs o portão de Sodoma, mergulhando naquele mundo estranho. Tudo ali era o oposto de Salém, começando pelas pedras ásperas e sujas de suas construções. Sodoma era um reino de trevas.

A presença contrastante do príncipe foi logo notada por muitos que, em tumulto o acercaram. A pureza de caráter expressa em sua meiga face e o esplendor de suas vestes, encheram-nos de espanto, e recuaram como que vencidos por uma força invisível. Dominados pela fúria, passaram a perseguí-lo à distância, decididos a fazê-lo recuar. Jogavam-lhe pedras e lama tentando macular-lhe as vestes, mas não o atingiam, enquanto ele avançava em sua ansiosa busca. Desistiram finalmente de perseguí-lo, ao entardecer.

O filho de Adonias percorrera todas as ruas e becos à procura do precioso cetro, mas em vão. Ao ver tombar no horizonte o sol, anunciando a chegada de mais uma escura e fria noite, seu coração ficou oprimido por uma grande agonia. Ali, naquele último beco, quase que vencido pela exaustão e pelo desespero, inclinou a frente, desfazendo-se em pranto. Seus lábios, pronunciaram em meio aos soluços as seguintes palavras:- Salém, Salém, você não pode perecer! O seu cetro precisa ser redimido das garras da rebeldia! Mas quando e onde vou encontrá-lo?! Já não restam forças em mim, e a esperança de redimi-lo antes da noite me abandona!

O príncipe, em sua suprema angústia, não percebia que outro gemido de dor, procedente de cordas arrebatadas de um alaúde humilhado, fazia-se ouvir naquele entardecer.

Subtamente, o fraco gemido penetrou seus ouvidos, reanimando-o com a certeza de que o grande momento da redenção havia chegado. Enxugando as lágrimas, reuniu as últimas forças correndo em direção à uma pequena casa situada sobre um monte, de onde parecia vir o som.

Ao dirigir-se à porta entreaberta, deteve-se ao contemplar uma cena chocante, de humilhante escravidão: Samael, envolvido por um manto sujo, castigava o cetro de Salém. Tanto o rapaz quanto o cetro achavam-se tão desfigurados, que não restavam neles quase que nenhum traço da glória perdida. Aquele cetro, contudo, mesmo arrasado como estava, era muito precioso, pois nele jazia o selo do domínio de Salém.

A contemplação daquele que fora seu maior amigo e daquele cetro idealizado como símbolo de toda a harmonia, em tão trágica condição, comoveu profundamente o príncipe, fazendo-o chorar em alta voz. Somente então o súdito rebelde percebeu sua presença indesejada. Estremeceu, levantou-se, e, cheio de ira perguntou-lhe:- O que o trouxe a Sodoma?

Apontando para o cetro danificado, Melquisedeque exclamou:- A glória de Salém está destruída!!!

Com uma gargalhada, Samael zombou de sua tristeza, dizendo:

- Agora eu sou o rei de Salém. Vocês que são fiéis ao pergaminho, tornar-se-ão meus escravos.

Sem se importar com as palavras de afronta de Samael, o príncipe, movido por uma infinita angústia, lhe disse:- Samael, Salém está ferida por sua traição. Por que você trocou o seu lar de justiça e amor por esse vale de injustiça, ódio e morte?! Agora, se não deseja retornar à Salém arrependido, devolva-lhe o cetro. Foi para redimi-lo que, a despeito de todos os perigos, descí a esse vale hostil.

Conhecendo o propósito do príncipe, o rebelde encheu-se de raiva e cerrando os punhos disse-lhe :- Eu o odeio Melquisedeque!

Tendo dito isto, arremessou o cetro ao chão, e pisando-o acrescentou:

- Tenho vontade de fazer o mesmo com você.

Diante dessa afronta, o príncipe não sentiu nenhum temor, mas compaixão. Transportando-se ao feliz passado, lembrava-se dos momentos felizes em que tinha sempre ao seu lado a Samael; Ele era um jovem puro e humilde de coração; Por que permitira ser escravizado pela ilusão do orgulho e do

egoísmo?! Quão doloroso era ver aquele jovem que, por sua beleza e simpatia, havia sido honrado acima de todos os súditos, agora arruinado pela cobiça! Não fora o sonho do príncipe ter junto ao seu trono glorificado, aquele que lhe era o mais precioso amigo?! Essa tragédia feria-lhe a alma. Contudo, a triste condição do cetro o atingia ainda mais, pois ele fora feito como o símbolo de toda a harmonia, e estava sendo desfeito sob os pés da ingratidão.

Surpreso por não ver nos olhos de Melquisedeque nenhuma expressão de temor, porém de piedade, Samael sentiu-se frustrado em suas afrontas que visam amedrontá-lo, levando-o desistir de sua missão. Diante da postura digna do príncipe, que em silente dor o contemplava, sentiu-se envergonhado. Essa fraqueza, contudo, foi banida pelo orgulho que dominava o seu coração. Começou então a planejar algo terrível, para humilhar e ferir o príncipe, fazendo-o sofrer ainda mais. Com escárnio disse-lhe:

- O cetro de Salém poderá ser seu, se você conseguir pagar-me o preço de seu resgate. Com um brilho nos olhos, o príncipe perguntou-lhe:

- Qual é o preço? Samael, com um sorriso maldoso, respondeu-lhe pausadamente:

- O preço não é ouro nem prata, mas dor e sangue. Você deverá despir-se completamente de suas vestes, deitando-se ao chão. Deverá suportar nessa condição, espancamentos, até que o sol se ponha. Se você estiver disposto a submeter-me, sem reagir, o cetro será inteiramente seu. Estremecido ante tão cruel proposta, o filho de Adonias olhou para o sol que pairava distante sobre uma nuvem. Passou a travar em seu coração uma luta intensa. A princípio, o horror do sacrifício quase o dominou, levando-o a recuar, mas o pensamento de ver Salém escravizada pela rebeldia, levou-o finalmente à decisão de pagar o preço do resgate, entregando-se ao humilhante sofrimento.

Tendo tomado a firme decisão de resgatar o cetro, o príncipe, tirou as vestes, colocando-as sobre uma pedra. Deitou-se em seguida naquele solo frio, com a frente voltada para o poente.

Impiedosamente, Samael começou a espancá-lo, fazendo uso do próprio cetro como instrumento de tortura. Gemendo pela dor dos golpes que o faziam sangrar, o príncipe mantinha o olhar fixo no sol que parecia deter-se sobre a nuvem. Atordoado pela dor, contemplou finalmente o sol prestes a se pôr. Alentado pela vitória que se aproximava, murmura baixinho:- Salém, Salém, daqui a pouco terei em meus braços o teu cetro precioso que, em minhas mãos, tornar-se-á num instrumento de justiça e paz. Ouvindo a promessa do príncipe feita por entre gemidos, Samael bradou-lhe com fúria:- O teu sofrimento não trará nenhum alvorecer para Salém, pois tuas mãos jamais serão capazes de tocar no cetro.

Depois de fazer essa afronta, Samael apossou-se de uma pedra pontuda, preparando-se para desferir os últimos golpes.

Enquanto pensava sobre a feliz vitória de Salém, Melquisedeque sentiu seu braço direito sendo comprimido pelos pés de Samael. Seguiu a esse rude gesto um golpe que o fez contorcer-se em agonia. Sua mão fora vazada cruelmente, passando a jorrar abundante sangue da ferida aberta. Essa mesma violência foi descarregada logo depois sobre sua mão esquerda.

Não suportando a agonia causada por esses derradeiros golpes, o filho de Adonias, ensangüentado, mergulhou nas trevas de um profundo desmaio

Ao cessar de golpear o príncipe, o súdito rebelde ficou possuído por um estranho horror ao contemplar na face daquele que somente lhe fizera o bem, o torpor da morte. Procurava não recordar o passado, mas, irresistente, sentia ser arrastado aos dias de sua feliz inocência em Salém. Revestido de ricas vestes estava sempre ao lado do príncipe que, com dedicação, ensinava-lhe a cada dia suas canções que falavam de paz.

Nas indesejadas lembranças pelas quais era arrastado, reviveu seus primeiros passos no caminho do orgulho e do egoísmo. Lembrou-se dos incessantes conselhos e rogos daquele que fora seu melhor amigo, para que desistisse daquele caminho que poderia conduzi-lo à infelicidade.

Depois de ser arrastado em lembranças por todo aquele passado de felicidade destruída por sua culpa, Samael teve consciência de sua ingratidão. Horrorizado pelo que fizera, curvou-se sobre o corpo ensangüentado de Melquisedeque, e desesperou-se ao vê-lo sem vida. Não suportando o peso da grande culpa, deixou às pressas aquele lugar, desejando ocultar-se distante, sob as trevas da fria noite.

Depois de um profundo desmaio, o príncipe começou a voltar à consciência; Em delírios que o transportavam ao seio de sua amada Salém, ele revivia momentos vívidos e sonhados: Com alegria contemplava a face de seu maior amigo, para quem estendeu a mão com um sorriso. Mas seu gesto foi frustrado por uma profunda dor. Em meio aos aplausos dos súditos vitoriosos, recebe de seu pai o cetro, mas ao tocá-lo, sente uma irresistível dor em suas mãos.

Com esses sonhos frustrados pela dor, Melquisedeque despertou para a realidade. Estava nu, ferido e solitário, em um lugar perigoso, longe do abrigo e carinho de Salém. Mais doloroso era pensar que tudo aquilo fora a retribuição de alguém que fora o alvo principal de todas as dádivas de seu amor.

O príncipe, sem poder mover-se, considerando a grande traição passou a chorar sem consolo. Lamentava não por sua dor, mas pela perda daqueles que haviam trocado o carinho e a justiça de Salém pelo desprezo e ódio que os reduziram finalmente a cinzas sobre aquele vale condenado. Através das lágrimas, o príncipe contemplava o céu que, semelhante a um manto tinto de sangue, estendia-se banhado na luz do sol poente. Lembrou-se então do alaúde pelo qual pagara tão alto preço. Onde estaria ele?

Em sua desesperada fuga, Samael deixara o cetro abandonado junto ao corpo ferido de Melquisedeque. Quando ele o viu, esqueceu-se de toda a dor, e abraçou-o com suas mãos feridas. Acariciando-lhe o bojo arruinado, disse-lhe com um sorriso:- Você é meu novamente. Eu o comprei com o meu sangue".

Samael que, dominado pelo estranho horror, fugira após cometer o horrível crime, deteve-se a um passo do portão de Sodoma. Ali, impulsionado pelo orgulho, arrependeu-se com indignação de sua fraqueza. Por que fugira depois de conquistar tão grande vitória? Não era seu plano destruir o reino de Salém, para estabelecer seu próprio reino? Lembrando-se do cetro, decidiu retornar para tomá-lo. Por que o deixara abandonado junto ao cadáver daquele odiado príncipe?

Reunindo suas poucas forças, Melquisedeque dirigiu-se tropeçadamente ao lugar em que deixara suas vestes.

Depois de vestir-se, tendo junto ao peito o cetro amado, o filho de Adonias, com profunda emoção fez um juramento antes de deixar aquele lugar de seu sofrimento. Acariciando o cetro diz-lhe:- Meu querido cetro, você foi criado como um emblema da harmonia que procede da justiça e do amor. Toda a glória de Salém repousava sobre você quando a rebeldia em sua ingratidão escravizou-o, arrastando-o para este vale hostil. Aqui você foi ferido e humilhado, vindo a tornar-se um instrumento de impiedade nas mãos do tirano. Eu, porém, o redimi com o meu sangue. Agora nossas feridas serão restauradas, e em breve seremos entronizados em meio aos louvores de uma Salém vitoriosa. Quando esse sonho se concretizar, testemunharemos juntos o fim daqueles que se levantaram contra nós para nos ferir. Samael e seus seguidores serão devorados pelo fogo que reduzirá às cinzas Sodoma e Gomorra. Concluindo seu solene juramento, o jovem príncipe, já oculto pelas trevas da noite e deixou aquela colina, e sobre ela as marcas de seu sofrimento.

Desde que o filho do rei partira, prometendo retornar com o cetro, Salém vivia momentos de indizível anseio. Em pranto, o rei e os súditos remanescentes lembravam-se de todo aquele feliz passado desfeito pela ingratidão dos rebeldes. O que mais lhes torturava era a ausência do príncipe e do cetro, sem os quais todo o brilho daquele reino de paz se ofuscaria.

Desejando consolar o coração de seus súditos, Melquisedeque avançava em meio à noite rumo aos montes que cercavam Salém. Ainda que enfraquecido e ferido, prosseguia em sua marcha ascendente, esperando alcançar sua pátria pela manhã.

Aquela longa e escura noite foi finalmente vencida pelos raios do alvorecer. Em Salém a esperança em rever Melquisedeque com o seu cetro estava quase banida quando, ao olharem para o Monte das Oliveiras, viram-no descendo pelo caminho do Getsêmani. Quando o encontraram no profundo vale de Cedrom, ficaram assustados com sua aparência: sua face estava pálida e seu manto encharcado de sangue. Mesmo assim, ele sorria expressando grande alegria.

Ao perguntarem-no sobre o porque daquelas marcas de sangue, Melquisedeque retirou de sob o manto suas mãos feridas, revelando-lhes entre elas o cetro redimido.

Depois de contar-lhes os passos que o levaram ao resgate do cetro, os súditos, emudecidos, prostraram-se reverentes aos seus pés, aclamando-o como seu redentor e rei.

Em meio aos louvores das hostes redimidas, o príncipe foi introduzido no palácio real, onde sob os cuidados de seu amoroso pai, deveria restabelecer-se de seu sofrimento. O cetro desfigurado, agora mais precioso, seria também restaurado, devendo tornar-se mais belo que antes.

O dia da coroação foi fixado para o próximo Yom Kipur. Naquele dia, Melquisedeque selaria com o cetro restaurado o triunfo de todos os fiéis, bem como a condenação dos rebeldes.

Poucos instantes após a saída de Melquisedeque, Samael chegara ao local onde o deixara aparentemente sem vida, ao lado do alaúde. Sem entender aquele misterioso desaparecimento, ele prosseguiu para Gomorra, onde seus seguidores o esperavam. Ao vê-los, proclamou sua "vitória" sobre o odiado príncipe e sobre o cetro, os quais massacrara em Sodoma, não restando aos seguidores do pergaminho nenhuma esperança.

Suas palavras agradaram a turba rebelde, que passou a comemorar a "conquista" entregando-se à orgia. Zombavam agora da justiça e do amor, exaltando a Samael como rei vitorioso.

Obteriam agora armas, com o propósito de avançarem sobre Salém, desferindo-lhe o último golpe; Juntaram-se a eles em seu maléfico propósito, muitos criminosos que foram recebidos como mestres no manejo de arcos e flechas.

Em sua loucura, Samael ordenou o banimento de todo calendário, pois em seu reino de "liberdade" não estariam sujeitos a nenhum cômputo de tempo. As leis da moralidade foram também banidas, surgindo com isso um completo caos. Essa desordem, revelou-se de maneira mais patente no barulho estridente e cacofônico, ao qual proclamaram como a nova música.

Dominados pelo egoísmo, Samael e seus seguidores alimentavam-se de ilusões, inconscientes de que seus dias estavam contados. Os frutos da rebelião não tardariam em atrair sobre eles o fogo da destruição.

Dividindo seus seguidores em pequenos grupos, Samael passou a comandá-los em atos violentos que aterrorizavam os moradores das planícies; Por esse tempo, eles escondiam-se nas cavernas situadas próximas ao mar salgado.

O respeito e o medo dos guerrilheiros de Samael, levou finalmente os reis de quatro cidades a procurarem-no, propondo alianças de paz. Eram eles: Bara, rei de Sodoma, Bersa, rei de Gomorra, Senaab, rei de Adama, Semeber, rei de Seboim e Segor, o rei de Bela. Por essa época, esses reis pagavam tributos a Cordolaamor, rei de Elam que, acompanhado pelos exércitos de quatro outras cidades, os haviam subjogado no vale de Sidim junto ao mar salgado.

Fortalecido pelas alianças, Samael tornou-se mais ousado em suas investidas, levando o terror e a destruição aos territórios de cidades distantes. Os exércitos de Cordolaamor e seus aliados que retornavam nesses dias de outras conquistas, enfurecidos pelas provocações de Samael, marcharam contra os quatro reis, vencendo-os novamente no vale de Sidim. Foi nessa ocasião que levaram cativos os habitantes de Sodoma, entre os quais encontrava-se o meu sobrinho Ló.

Acovardados diante do furor dos cinco reis, Samael e seus seguidores esconderam-se em suas cavernas, ao norte do mar salgado.

Os doze meses contados a partir do grande sacrifício estavam prestes a terminar. O cetro, totalmente restaurado, resplandecia em seu estojo, enquanto o príncipe, igualmente restabelecido das feridas causadas pela rebeldia, alegrava-se ao ver chegar o Yom Kipur de sua coroação. Enquanto isso, ele compunha lindas canções que expressavam o seu amor por Salém.

Naqueles doze meses, a cidade da paz tornara-se mais bela, sendo adornada qual noiva para o grandioso dia da coroação.

A uma semana para o Yom Kipur, Samael, totalmente inconsciente de que o dia de seu julgamento se aproximava, reuniu os seus seguidores, anunciando-lhes que a próxima missão seria a conquista de Salém. Antes de avançarem, contudo, ele subiria sozinho para verificar os pontos vulneráveis da cidade.

Depois de ser aplaudido pela turba, Samael partiu em sua missão de reconhecimento. Enquanto avançava sozinho, procurava não lembrar-se daqueles momentos que trouxeram-lhe terror pela culpa, mas, dominado por uma força superior, foi arrastado em suas lembranças para aquele monte da cruel tortura.

Todo o seu passado começou a vir-lhe à lembrança, como um peso esmagador.

Quando despertou-se de suas lembranças das quais não conseguiu fugir, já era noite. A escuridão que o envolvia pareceu-lhe o prenúncio de um triste fim. Esse desânimo, contudo, procurou bani-lo com a lembrança do exército que o esperava, pronto para cumprir suas ordens, na conquista de Salém, onde não haveria lembranças daquele pergaminho.

O alvorecer o alcançou próximo de Salém. Ao avistar o monte das Oliveiras, veio-lhe à lembrança a última vez que o transpôs, deixando para trás a cidade vencida. Quantas noites haviam passado desde então? Ele perdera a noção de tempo, não sabendo que justamente doze meses haviam se passado. Não podia imaginar que, raiava naquela manhã o Yom Kipur, o dia de seu julgamento.

Ao chegar ao topo do monte das Oliveiras naquela manhã, Samael surpreendeu-se ao ver que a cidade tornara-se mais bonita que outrora; Toda ela estava adornada de ramos e flores, como uma donzela à espera de seu noivo. Contudo, Salém estava abandonada, não havendo nenhum sinal de vida em todas as suas mansões. Isto o fez concluir que os golpes que haviam aniquilado o príncipe e o cetro, trouxeram como conseqüência todo aquele abandono. Ele não sabia, contudo, que naquele momento todos os remanescentes daquele reino, encontravam-se ocultos no grande salão do palácio, aguardando pelo momento mais glorioso, da coroação de Melquisedeque.

Imaginando-se exaltado sobre o trono abandonado, tendo a seus pés os exércitos vitoriosos, o rebelde penetrou na cidade, dirigindo-se apressadamente ao palácio. Ao transpor o portal principal que dá entrada ao salão principal, ficou surpreso ao ver ali reunidos uma multidão de fiéis. Sobre um áureo tablado, enfeitado de flores talhadas em pedras preciosas, encontra-se o trono vazio. Na base do trono estava o pergaminho das leis, uma coroa de ouro cheia de pedras preciosas e o estojo que deixara vazio naquela noite de traição. Sem entender o enigma, Samael escondeu-se por trás de uma coluna, temendo ser reconhecido, e ficou observando.

Os súditos, com expressão de feliz expectativa olhavam para o trono vazio. Onde encontravam eles motivos para toda essa alegria, se haviam perdido o seu rei juntamente com o cetro? Samael questionava sobre esse mistério, quando Adonias, aplaudido pelos súditos, encaminhou-se para junto do trono. Com voz cheia de emoção pela vitória, o fundador de Salém anunciou que havia chegado o momento tão sonhado da coroação. Um brado de triunfo ecoou pelos ares quando, anunciado pelo seu pai, entrou o amado príncipe encaminhando-se em direção do trono. Ao vê-lo coberto por um manto de glória, Samael ficou possuído por um terrível pavor, e procurou fugir. Descobriu, contudo, que todos os portais do grande salão estavam fechados por fora.

Teve início a cerimônia da coroação. Era um momento deveras solene. Adonias, num gesto reverente, tomou a rica coroa, colocando-a na frente de seu filho. Prostrando-se depois sobre o estojo, abriu-o cuidadosamente, tirando dele o alaúde restaurado, cuja beleza e brilho eram muito superiores à sua primeira condição, ao sair das mãos de Adonias o seu luthier. Assentando-se no trono em meio às aclamações dos súditos, Melquisedeque passou a dedilhar o cetro, tirando dele acordes de muita harmonia e paz. Todos se aquietaram para ouvirem suas novas composições que expressavam o seu profundo amor pelo cetro e por todo aquele reino de paz.

Grande emoção invadia o coração de todos naquele momento, levando-os às lágrimas. Samael, sem forças para reagir, sentia-se torturado por aqueles acordes que torturavam faziam reviver em sua mente suas oportunidades perdidas, numa terrível tortura para sua consciência.

Melquisedeque compusera para aquele momento especial, canções que retratavam os momentos mais marcantes da história de Salém; Quando passou a cantar sobre a amizade que tinha por Samael, sua voz embargava-se pelas lágrimas que não conseguia conter. Triste para ele era cantar sobre a queda daquele que era-lhe o maior amigo! Cantou então sobre o alto preço que teve de pagar pela reconquista do cetro, que representa a honra de Salém.

Ao contemplarem aquelas mãos marcadas pelas cicatrizes, tocando com tanta maestria e carinho o cetro restaurado, os súditos tomados por forte emoção, prostraram-se em pranto.

Ao ver nas mãos de Melquisedeque aquele alaúde que, em suas mãos fora instrumento de tortura, Samael compreendeu, tarde demais o quanto errara, desviando-se dos conselhos do príncipe; Quantas vezes aquelas mãos sobre as quais descarregara toda aquela violência haviam sido estendidas num esforço de salvá-lo, e ele as havia negligenciado. Agora, era tarde demais! Tarde demais!!!

Os súditos triunfantes que, reverentes, haviam sido conduzidos a todo aquele passado de felicidade, traição, dor e triunfo, uniram finalmente as vozes numa jubilosa proclamação: Verdadeiros e justos são os teus princípios, ó rei de Salém. Digno és de reinar em glória e majestade entre os louvores de teus fiéis, porque em teu sacrifício nos livraste das ameaças das trevas, fazendo renascer em nosso coração a alegria do alvorecer.

Esse cântico de exaltação foi seguido pela cerimônia de confirmação de todos os fiéis em sua vitória. O filho de Adonias, com o seu cetro redimido, passou a selar com um toque especial do cetro, a vitória de cada um. Formou-se para tanto uma longa fila de fiéis exultantes.

Os súditos confirmados, à medida em que iam recebendo o toque de aprovação do rei, posicionavam-se ao lado direito do trono, onde permaneciam aguardando pela confirmação dos outros.

Os olhares que, iluminados de alegria, haviam acompanhado o selamento dos últimos justos, pousaram sobre a figura estranha de Samael que, dominado por uma força irresistível, encaminhava-se cabisbaixo em direção do trono. Seu aspecto era horrível: seu semblante havia sido deformado pelo mal; suas vestes estavam sujas e mal cheirosas; tudo nele repugnava, ao ponto de ninguém reconhecê-lo.

Em meio ao espanto dos súditos, Melquisedeque ergueu-se de seu trono como que ferido por uma grande dor; De seus lábios os súditos ouvem uma dolorosa exclamação:

- Samael, Samael!!! A figura deplorável daquele que fora tão belo, encheu a todos de tristeza, e começaram a prantear. Eles lamentavam por saber que o destino de Samael e de todos aqueles que o seguiram, poderia ter sido muito diferente, se eles houvessem atendido aos rogos de amor de Adonias e de seu filho. Não era o plano do rei e o sonho de Melquisedeque tê-lo como o guardião do pergaminho, sendo o segundo em honra naquele reino?

Samael que, reconhecendo sua desventura, aproximara-se cabisbaixo do trono, ao presenciar toda aquela lamentação, é novamente iludido pelo orgulho, julgando tratar-se de uma demonstração de fraqueza de seus inimigos. A lembrança de seu exército que fortalecido o aguarda na planície, ilude-o com a certeza de que será vitorioso sobre Salém. Com esse pensamento, ergue a frente marcada pelo ódio e, fitando o rei, levanta o punho cerrado e o desafia, desdenhando de sua autoridade, com a ameaça de tomar-lhe o trono.

Ainda que condoídos por sua perdição, os súditos de Salém não suportaram a ousada afronta daquele enlouquecido jovem que, depois de causar tanto sofrimento, ainda era capaz de erguer-se com tamanho desafio.

O vitorioso rei que com tanto prazer selara com o seu cetro a conquista dos fiéis, ergueu-o dolorosamente para o selamento da triste sorte dos rebeldes. Imobilizado por uma força estranha, Samael, sem desviar os olhos do cetro, ouviu dos lábios do rei a proclamação de seu julgamento e de todos os seguidores:

Prisioneiros de uma força invisível, ficariam retidos em suas cavernas por seis anos, sendo depois visitados pelo fogo do juízo que os destruiria juntamente com as cidades que a eles se aliaram. Ao ir para a cama depois daquele dia de tantas emoções, o jovem rei, imerso nas lembranças daquele passado de felicidade e dor, rolava em sua cama insone. Quando finalmente adormeceu, teve um sonho muito significativo.

No sonho, apareceu-lhe um anjo luminoso, que saudou-o com um sorriso, dizendo-lhe que todo o Universo acompanhava com atenção todo aquele drama que estavam vivendo, que o mesmo tinha um sentido prefigurativo, retratando acontecimentos passados e futuros, que envolvia todo o vasto universo. As palavras do anjo despertaram em Melquisedeque um grande desejo de conhecer a história desse drama cósmico.

Conhecendo o seu anseio, o anjo arrebatou-o no sonho revelando-lhe um distante futuro. Diante de seus olhos manifestaram-se as glórias de uma nova e esplêndida Salém, cujas muralhas e mansões eram feitas de pedras preciosas; Os portais da cidade eram de pérolas. Suas amplas avenidas eram de ouro puro. A cidade era quadrangular e se estendia por centenas de quilômetros. Estava dividida em dois setores distintos: Norte e Sul. Ao Sul elevavam-se incontáveis mansões, habitações eternas de anjos e de seres humanos redimidos; Ao Norte havia um lindo paraíso ao qual o anjo revelou ser o jardim do Éden. Ali, em ambas as margens do rio da vida, havia campos repletos de todo tipo de vegetação, com flores e frutos em abundância. Viviam ali em perfeita harmonia, todas as espécies de insetos, aves e animais.

No meio do paraíso podia-se ver uma montanha fulgurante, a qual o anjo afirmou ser o monte Sião, o lugar do trono de Deus. Era daquele monte que emanava o rio da vida, fluindo por toda a cidade. Quando alcançaram o topo da montanha sagrada, o rei de Salém ficou deslumbrado com o cenário visto ao seu redor. Encontrava-se na parte mais elevada de Sião a mais linda de todas as edificações revelado pelo anjo como o palácio de Deus. Aquela magnífica construção era sustentada por sete colunas, todas de ouro transparente, engastadas de lindas pérolas. Ao redor do palácio, floresciam a mais exuberante vegetação: havia ali o pinheiro, o cipreste, a oliveira, a murta, a romãzeira e a figueira, curvada ao peso de seus figos maduros.

Enquanto admirava-se ante a beleza daquele lugar, o anjo disse-lhe que a nenhum ser humano fora dado o privilégio de ver o interior daquele palácio de Deus. A ele seria dada esta honra, pois fora escolhido para ser o portador das mais amplas revelações sobre o reino da luz.

Ao transporem com reverência um dos portais de pérolas, prostraram-se em adoração, enquanto ouviam o cântico de uma multidão de serafins, que circundavam o trono, em constante louvor Àquele que Era, que É e que Sempre Será.

Ao olhar para Aquele que estava assentado sobre o trono, Melquisedeque ficou surpreso ao descobrir a figura de um homem. Ele estava coberto por um manto de linho fino, de uma alvura sem igual, e tinha sobre a cabeça uma coroa formada por sete coroas sobrepostas, repletas de pedras preciosas.

Ao olhar para as mãos que sustentavam o cetro, o filho de Adonias ficou surpreso ao descobrir nelas cicatrizes de ferimentos, semelhantes àquelas em suas mãos. O anjo afirmou-lhe ser o Messias, a manifestação visível de Yahwéh, o Deus Invisível.

Atraído para o cetro resplandecente, com o qual o Messias governava sobre todo o Universo, o rei de Salém viu nele o selo do domínio, e nele escrito o nome: Israel.

Tomado por profunda emoção, Melquisedeque prostrou-se ante o Rei daquela eterna Salém, e, revivendo ali a história de sua pequena cidade, teve desejo de conhecer o grande drama da história universal. Conhecendo o desejo de seu coração, o anjo disse-lhe:

- Agora lhe farei conhecer a história desta gloriosa Salém. Tudo o que lhe for mostrado na visão, você deverá registrar fielmente em seis pergaminhos que serão costurados um ao outro, formando um único rolo. Você terá seis anos para escrevê-los. Ao fim dos sete anos, você receberá das mãos de um ancião um vaso contendo um rolo especial, com muitas revelações importantes, destacando-se a história de Salém. Você tomará esse rolo, e o costurará como o primeiro dos sete, formando um único rolo. Depois de selá-lo, você e o ancião o guardarão no vaso, levando-o para uma caverna que eu lhes mostrarei ao norte do mar salgado, onde permanecerá esquecido até que chegue os últimos dias, quando será resgatado e revelado ao mundo por meio de um pequeno beduíno. Depois de falar ao rei de Salém estas palavras, o anjo conduziu-o em visão a um infinito passado, quando o Universo ainda não existia. Uma história muito parecida com a de Salém passou a desdobrar-se diante de seus olhos; porém, numa dimensão infinitamente maior, começando pela criação do reino da luz. Com admiração contemplou a

formação de bilhões de mundos e estrelas, repletos de vida e felicidade que passaram a girar em torno da Salém Celeste, o paraíso de Deus.

Sua atenção voltou-se depois para o mais belo de todos os querubins que, honrado pelo Criador, passou a residir com Ele em Seu palácio. Uma eternidade de felicidade e paz parecia embalar aquele reino, quando a mesma experiência de egoísmo e rebeldia vivida por Samael, começou a repetir-se na vida daquele anjo amado.

Cenas de uma grande rebelião começaram a ser mostradas a Melquisedeque, envolvendo todos os habitantes do Universo. O querubim honrado, semelhante a Samael, seduzira um terço das hostes que, passaram a reverenciá-lo como rei.

Em meio às cenas daquele grande conflito, o rei de Salém testemunhou a criação do planeta Terra, sobre a qual surgiu o homem como cetro racional daquele reino disputado.

Com agonia viu o momento em que o chefe da rebelião aproximou-se sutilmente do paraíso, apossando-se do ser humano, depois de seduzi-lo com tentações. Ouviu então o seu brado, numa proclamação de vitória. A partir daquele momento, o inimigo de Deus passou a arruinar o ser humano, apagando nele todos os traços da glória divina, como Samael fizera com o cetro.

A sua própria experiência, ao declarar naquela manhã aos súditos de Salém sua decisão de ir em busca do cetro perdido, começou a repetir-se diante de Seus olhos.

Reunindo as hostes que haviam permanecido fiéis ao Seu governo, o Criador passou a revelar um plano de resgate: Ele haveria de ir em busca do homem, e o remiria, ainda que isto lhe custasse infinito sacrifício. Diante desta revelação, o filho de Adonias prostrou-se comovido, ao descobrir que em sua vida tivera a honra de retratar o próprio Messias.

Todo o drama vivido pelo filho de Adonias em sua angustiante busca, até o momento de seu suplício pela redenção do cetro, foi ganhando amplitude naquela visão que abarcava toda uma eternidade. Diante de seus olhos desfilavam cenas de uma grande batalha que, sem trégua se estenderia até o dia do juízo final, quando o Messias vitorioso empunhará o cetro redimido, selando com ele a condenação de todas as hostes rebeldes.

Através das revelações recebidas do anjo, Melquisedeque tomou conhecimento do grande livramento alcançado dez dias antes de sua coroação, em Rosh Hashaná, quando diante de trezentos pastores com seus vasos incendiados, exércitos de cinco reis tombaram, saindo livres os cativos.

Conhecendo nossa intenção de subir à Salém por ocasião de Sukot, o rei fez preparativos para uma grande festa, na qual comemoraríamos juntos a vitória sobre toda a desarmonia gerada pelo orgulho e pelo egoísmo.

Foi por isso que ao chegarmos a Salém, ficamos surpresos com toda aquela honrada recepção.

Ocupar-me com o relato de todos esses acontecimentos, fez-me passar por todo este sétimo ano, quase sem notar os seus dias, que passaram velozes. Estamos hoje às portas de um novo Rosh Hashanah, quando os 300 pastores tocarão os chifres, convocando todos aqueles que possuem as pérolas, para a reunião solene de Yom Kipur. Cinco dias depois seremos recebidos em Salém para a festa de Sukot.

A certeza de que acontecimentos importantes ainda deverão ser relatados até o momento em que o vaso será deixado na caverna, fez-me reservar um espaço no rolo, no qual registrarei, dia após dia, os fatos, até a consumação desta história.

Hoje é Rosh Hashaná, o dia mais feliz de minha vida, pois meus braços puderam envolver finalmente o filho da promessa. A primeira coisa que Sara fez ao recebê-lo, foi colocar-lhe em sua mãozinha direita a segunda pérola que o Messias lhe dera no dia de sua conversão, na qual estava escrito nome Isaque que significa "riso", o nome de Melquisedeque e o nome de Salém.

Dois dias antes do Yom Kipur, Isaque foi circuncidado, conforme a ordem de Yahwéh.

Desde que os pastores começaram a tocar seus chifres em Rosh Hashanah, todos aqueles que possuíam pérolas do vaso, deixaram suas tendas, dirigindo-se em pequenos grupos, para junto do Carvalho de Mambré.

Ao chegar o Yom Kipur, o dia da reunião solene, meus pastores informaram-me que todos que aqueles que haviam recebido pérolas, haviam comparecido ao encontro, não faltando nenhuma pessoa. Era maravilhoso ver a alegria estampada no semblante de toda aquela multidão, que ansiava pela subida à Salém. Todos tinham uma história para contar, de como foram mal compreendidos e humilhados por aqueles que não receberam a salvação representada pelas pérolas. O único consolo que tinham naquele tempo, vinha da certeza de que subiriam a Salém para a festa de Sukot.

No primeiro dia da festa de Sukot, a multidão foi subdividida pequenos grupos de doze pessoas, para subirmos em ordem à Salém.

Tendo o vaso com o rolo em minhas costas, posicionei-me à frente da multidão, sendo seguido por Sara e Isaque, que vinham montados num camelo; Logo atrás vinha Ló e suas filhas; um pouco atrás, os trezentos pastores seguidos por todos os fiéis.

Iniciávamos nossa escalada quando, acompanhado por todos os seus súditos, surgiu Melquisedeque vindo ao nosso encontro, fazendo vibrar pelos ares o som festivo de muitos instrumentos musicais, comemorando a grande vitória.

Depois de saudar-nos, o filho de Adonias conduziu-nos numa marcha festiva até adentrarmos os portais de Salém, que encontra-se agora mais bonita que outrora.

Diante do trono, todos os remidos foram coroados por Melquisedeque, começando em seguida o grande banquete.

Grande foi a alegria do rei de Salém quando entreguei-lhe o vaso com o meu manuscrito. Levando-me para uma sala especial do palácio, ele mostrou-me os seis manuscritos nos quais registrara a história do Universo, segundo fora-lhe mostrada em sonho.

Ao receber o meu manuscrito, ele o costurou aos demais, vindo a ser o primeiro do grande rolo.

No último dia da festa de Sukot, o rolo foi aberto diante de toda a multidão de fiéis. Depois de ler uma boa parte do meu manuscrito, o filho de Adonias, tomando em seus braços o pequeno Isaque, afirmou:- Na descendência desta criança haverá de cumprir-se todas as coisas escritas neste manuscrito.

Tendo dito isto, o rei o abençoou, devolvendo-o à Sara.

Depois de abençoar Isaque, Melquisedeque passou a falar sobre o futuro do rolo que permaneceria por quase quatro milênios ocultos em uma caverna, sendo finalmente encontrado por um beduíno da tribo de Taamireh. Ao sair de sua caverna, o rolo enfrentaria a oposição de muitos eruditos que o declarariam apócrifo. Viria, contudo, o momento, em que suas revelações seriam confirmadas, e muitos seriam transformados pelas suas mensagens, preparando-se para o dia do juízo final.

Tradução de Diógenes Oliveira

OS BENJAMITAS E ARCÁDIA

OS MISTÉRIOS DA ARCÁDIA ARCÁDIA

(O Cárdio e os primórdios da iniciação)

(trechos extraído do livro "A Idade das Luzes" de Arthur Franco)

Citada por Aristóteles a Clemente de Alexandria, de Herodoto a Nicolas de Poussin.

A Arcádia foi importante no desenvolvimento de todos os Antigos Mistérios, Iniciaticos.

ARCADIA HISTÓRICA

Segundo os estudiosos Curtis N. Runnels (Scientific American, março/95) , Arcádia remonta 48.000aC.

Ao centro da Península do Peloponeso há cerca de 50.000 anos atrás, causando, através de milênios de esgotamento dos recursos da terra, uma severa erosão que gerou a terra árida , repleta de arbustos e rochas, que conhecemos atualmente.

Até o século IV aC Arcádia foi a parte mais afastada do Peloponeso, com o dialeto de características mais antigas, os cultos religiosos mais singulares e com a mais primitiva reputação . O dialeto arcaico arcadiano sobreviveu com uma notável semelhança com o dialeto levado por colonos gregos a Chipre cerca de 1200 aC. Este dialeto grego os cipriotas continuaram a usar até os meados do período clássico (século V aC) , mantendo a escrita silábica.

Os arcadianos , juntamente com os frígios e os egípcios, tem a fama de serem os povos mais antigos do mundo. (Herodotus, The History, Willian Bernon Publ., USA , 1952 , Book II, 2,p. 49) .

Os frígios eram habitantes da Frígia , localizada ao sul do Mar Mármora, que une o Mar Negro ao Mar Egeu, numa região atualmente pertencente à Turquia. Frígia e Arcádia, em linha reta não distam mais que 530 Km.

Em "os Mistérios de Elêusis, em 1800 aC. , retratam o profundo pitagorismo arcadiano, só perdendo em

antigüidade para os Mistérios da Samotrácia, uma ilha do Mar Egeu a cinqüenta milhas de Tróia e cem milhas de Frígia.

Se por um lado na Grécia não é discutida a antigüidade de Arcádia, no Egito tampouco, a confiarmos no discurso de Platão, no Timeu, quando o sacerdote egípcio diz a Solon, referindo-se a Atenas: "De nossas duas cidade, a mais velha é a vossa, por mil anos, pois recebeu vossa semente de Gaia e Hefaiéstos. Esta é mais recente . Ora, depois que esta região foi civilizada, escoou-se, mostram nossos escritos mostram sagrados , a cifra de oito mil anos." (Platão, Timeu. Ed. Hemus , São Paulo , 1981 , p. 72).

O sacerdote da cidade egípcia de Saís, referiu-se a Atenas, a cidade grega regida pela deusa homônima, filha de Hephaestus. Mas Atenas regia também a própria Saís, filha de Neilus, o egípcio . Daí a anterioridade requerida pelo sacerdote do Nilo.

O próprio Heródoto testemunha a origem egípcia da deidades gregas:

"Quase todos os nomes dos deuses vieram à Grécia a partir do Egito. Minhas pesquisas provam que todos eles eram derivados de uma fonte estrangeira, e minha opinião é que o Egito forneceu o maior número. Pois com a exceção de Netuno e de Dioscúri e Juno , Vesta , Themis , as Graças e as Nereidas , os outros deuses eram conhecidos desde tempos imemoriais no Egito. Isso eu afirmo na autoridade dos próprios egípcios." (Herodotos, Book II , 50 , p. 60).

Já na Grécia , Arcádia era lembrada com anterioridade mesmo na origem dos deuses.

E isso são apenas quanto à lua, que teria vindo após os arcadianos. O próprio Zeus, segundo os antigos gregos, de suas três origens, duas procediam da Arcádia; "Um em Alexandria , o filho de Aether, os outros dois (Zeus) , sendo filho de Cronos, um em Greta e outro novamente em Arcádia." (Clement of Alexandria, Exhortation to the Greeks, Harvard University press, 1953, p. 57).

Apolo , por sua vez, para o qual Aristóteles enumera cinco origens, tem uma delas a partir de Silenius originando o arcadiano Nomius. ou pastor. (Clement of Alenxadria op. Cit., p. 59)

ARCÁDIA, O OLIMPO ESOTÉRICO OU O CORAÇÃO

Em 1656 aC., Arcádia representa um ideal muito mais profundo que todo panteão olímpico (Arcadismo ou Neoclassicismo) . Enquanto o Olimpo representa a idealização humana de, pretensamente, unir-se a Deus (Zeus) externamente na mais pura forma, Arcádia representa a concreção dos "deuses" terrestres, essenciais para a jornada terrena. Inicialmente, Arcádia originou o próprio Olimpo. Enquanto o Olimpo se exteriorizava e se poluía nas mãos dos sacerdotes e das paixões humanas, Arcádia permanecia pura, original, tal como sua língua e crenças religiosas, mas representando o centro imaculado. Por esta razão duas das três origens de Zeus provém da Arcádia. Se ao Olimpo cabe a intelectualidade religiosa, o cérebro, a Arcádia - o inóspito centro do Peloponeso - se deve ao coração. Enquanto os gregos - e toda a humanidade -dirigiam-se em massa às figuras externas, às idealizações, ao exotérico, Arcádia lembrava o centro , a origem o esotérico .

Ela representa a terceira etapa nos Mistérios de Elêusis, coroada pela epopéia ou pelo extase da compreensão. E o centro do corpo mental, que está no centro do corpo emocional, que por sua vez está no centro do corpo emocional, que por sua vez está no centro do corpo físico. Todos estes centros se encontram no coração , e lá luz é dada aos neófitos.

DE ARCÁDIA A ARCTURUS

O nome Arcádia advém de Arkades, que em grego significa povo do Urso (Arka) filho de Kallisto conhecida como Ursa Maior.

Esta ligação, será primordial para entender muitos movimentos posteriores ligados à tradição iniciática e sua proximidade com a história da tribo de Benjamim é muito grande.

Na linguagem celta original Arth significa Ursa, enquanto Arktos, palavra grega que designa Urso.

Estando representada pelas duas constelações - pela Ursa Maior (Arktos) e pela Ursa menor (Arkas) Arcádia tem também na próxima constelação do Boiadeiro (Bootes) uma forte ligação com sua lenda. (vide site sobre o Novo Planeta do Milênio Tao Bootes) . Arthur e seus cavaleiros serão uma continuação da sagrada tradição arcadiana . Uma das primeiras indicações deste fato está justamente na constelação de Bootes, a qual teve na antiguidade, o nome latino de Portitor Ursae ou o guardador da Ursa de Arcádia. Sua primeira estrela Alfa de Bootes - chama-se justamente Arcturus! Arcturus traduz-se originalmente o "Guardião do Urso".

Esses fatos serão muito importantes para compreendermos a alegoria do quadro de Poussin, "LES BERGERS D ARCADIE" - Os pastores da Arcádia, e os mistérios ligados a Rennes Le Chateau no século XIX . (vide site Rennes Le Chateau).

HEBREUS, GREGOS E FENÍCIOS - OS PRIMÓRDIOS.

Segundo os historiadores antigos, a cidade de Sidon, na Fenícia, remonta a data de 2900 aC. Uruk, a mais poderosa cidade na Suméria, remonta, entre 2900 a 2500 aC.

A fundação de Uruk é magnificamente retratada na lenda de Ichtar (vide site da lenda de Ichtar). Filha de Anu, que divide o poder com ela , criando o culto à Grande Mãe.

O período em torno do qual deve ter reinado o lendário Guilgamesh, rei de Uruk , é 2750 aC. E retratado como o quinto rei de Uruk. Na epopéia de Guilgamesh , é relatado um dilúvio que bem pode ser situado em 4000 aC, segundo as evidências geológicas.

O CULTO A ICHTAR E OS BENJAMITAS

É muito importante termos em conta esta lenda para entendermos a destruição da tribo de Benjamim 1500 anos depois. A destruição dos cultos à Mãe, com o monoteísmo patriarcal, não poderia ter ocorrido sem o que se torna estéril à criação.

Na profundidade, está narrativa representa a vinda do Messias Moisés (Marte) e a necessidade de permanência dos cultos à Mãe (Vênus).

A lenda de Ichtar e da saga dos benjamitas está repleto de alusões à relação feminino - Vênus, seja pela sua designação em casa do céu, pelos 600 benjamitas que sobreviveram, mas que não podiam ter filhos.

Moisés sabia disto quando deu sua benção aos filhos de Israel:

"Disse também a Benjamim; O muito amado do Senhor habitará nele confiadamente , morará como em tálamo nupcial todo o dia , e descansará em seus braços." (Deuteronomio 33:12).

Este desígnio foi esquecido por Israel quando as onze tribos se juntaram para acabar com a tribo de Benjamim, proibindo as mulheres de casar com seus filhos em 1150 aC. Justamente a eles, os benjamitas de longos cabelos, será confiada Jerusalém, a casa , a Mãe , sede do Altíssimo , representada pelo templo.

OS AQUEANOS DE CABELOS LONGOS E AS TRIBOS SEMITAS

Os primeiros invasores foram aos aqueanos de cabelos longos, sobre os quais falou Homero. Aqui vemos um precursor do que ocorreria com os benjamitas: A fuga de uma tribo de Israel para a região da Grécia. Sabemos que a tribo de Dan era afeita ao mar e às grandes viagens. As notícias de que teriam iniciado o culto a Deusa sob forma de Danna ou Diana tem ainda mais fundamento quando sabemos que este povo, os aqueanos se confundem muito com a tribo de Dan .

Em primeiro lugar, à semelhança dos aqueanos ,os da tribo de Dan eram conhecidos por seus cabelos

longos. Seu mais famoso filho foi Sansão , cuja poderosa força advinha dos cabelos. Os livros bíblicos dos Macabeus I e II, mostram inequivocadamente a ligação muito antiga dos judeus com os gregos de Esparta.

Os espartanos , chamados na Bíblia pela denominação de Homero Lacedemônios, receberam uma embaixada judia e corresponderam-se com Jônatas, governante da Judéia de 160 a 143 aC. Seu governante Ario, referiu-se assim aos antigos laços entre Esparta e a Judéia:

"Ario, rei dos espartanos , ao sumo sacerdote Onias, Saúde!. Achou-se aqui uma escritura sobre os espartanos e os judeus que eles são irmãos e que todos vêm da linhagem de Abraão." (Macabeus I, 12: 20 - 21).

OS PATRIARCAS DE ISRAEL (2000 - 1750 aC.)

Por esta época são situados os Patriarcas de Israel: Abraão , Isaac e Jacó . Há muita discordância quanto à época em que viveram os patriarcas, mas é plausível que tenham se centrado neste período. Thare tomou seu filho Abrão (mais tarde Abraão) de Ur , na Mesopotâmia, que juntamente com sua esposa Sarai migrou com ela até o noroeste. A intenção era ir a Canaã, mas acabaram se assentando perto do Hiran (Síria). Thare morreu em Haram com 205 anos de idade. Em Haran, Deus chamou a Abrão, dizendo-lhe para se dirigir a um novo local que lhe seria mostrado a Abrão (75) recebeu também a promessa de que seria feito do seu povo uma grande nação . Foi a primeira aliança de Deus com os Hebreus, Abrão, Sarai, seu sobrinho Lot e seu clã atravessaram a Síria ate Canaã, chegando a Shechem, cidade costeira logo ao Sul de Biblos. O trajeto de Ur a Haram e de lá a Shechem era comprovadamente uma tradicional rota comercial da época. Em Shechem aparece o Senhor novamente a Abrão, dando aquela terra a seus descendentes . Sendo Sarai estéril, Abrão (86) teve o filho Ismael com com a escrava de Sarai , Hagar . Depois de Israel, o senhor aparece novamente a Abrão (99) renovando seu pacto e chamando-o, a partir daí , de Abraão, e à sua mulher de Sara (90). Deus determina a Abraão e todos os machos , à partir de oito dias, façam a circuncisão como sinal do pacto. Diz o Senhor , então , a Abraão e Sara, que teriam um filho, o que a princípio não crêem. Um ano depois eles têm Isaac. Pela aliança Isaac continuaria a governar o povo. Após a morte de Sara, Abraão casou-se com Keturah e teve muitos filhos, os quais cresceram e herdaram Canaã e as terras para onde se dirigiram. Isaac sozinho herdou a Terra Prometida. Abraão morreu com 175 anos. Quando Isaac tinha 60 anos nasceram os gêmeos Esaú e Jacó . A aliança de Deus foi renovada com Isaac e Jacó, e fez dos hebreus o povo escolhido Jacó morreu aos 147 anos.

MOISÉS (1300 aC.) Época provável do nascimento de Moisés em algum lugar no Delta do Nilo ou nordeste do Egito. Há muita controvérsia quanto à época de seu nascimento e do Êxodo. Os eventos que ocorreram no Egito logo antes do Êxodo podem ser situados no século XIII aC., quando se comprova a ampla utilização de mão-de-obra para as obras de Ramsés II . A estela de Merneprah, de cerca de 1230 aC. , menciona Israel entre as várias tribos canaanitas, o que coloca o Êxodo no início do século XIII. O fato é que os semitas, acostumados há séculos com um livre trânsito pela fronteira egípcia, subitamente se viram forçadas a se retirarem pelo total esquecimento de um contrato de trabalho informal feito anteriormente com José. Não existe indicação que uma atitude como a de mandar matar crianças - como ocorreu ao nascer Moisés - pudesse ocorrer com Ramsés ou seu sucessores imediatos. Moisés, cujo nome claramente é de origem egípcia como Tutmósis e Amósis, pertencia a um grupo semita que mais tarde seria conhecido por Hebreus. Eram trabalhadores pagos que, provavelmente , estavam no Egito há centenas de anos antes do faraós decidirem escravizá-los ou expulsá-los. Devem Ter sido descendido das doze tribos de Israel, que deveram sua origem a Abraão, Isaac e Jacó.

Diz o livro do Êxodo que , para diminuir a população hebraica, todos os bebês hebreus deviam ser sacrificados. Ao nascer, Moisés foi colocado por sua mãe numa cesta flutuando Nilo abaixo. Seus irmãos mais velhos, Aarão e Miriam, permaneceram em casa. Foi resgatado por uma filha do Faraó, crescendo no palácio. Apenas mais tarde soube que era hebreu.

Num passeio de inspeção entre os hebreus, ele matou um soldado egípcio e foi forçado a fugir do Egito para Midian, na Arábia. Lá encontrou-se com Deus, sob o nome de Yahweh, que significa "Aquele que cria". Deus mandou-o ao Egito para libertar seu povo escravizado. O Faraó sempre segundo o Êxodo - não queria livrar-se da mão-de-obra para as obras gigantescas que estava implementando. Após uma série de milagres e confrontações, os hebreus foram permitidos abandonar a escravidão. As forças de

destruição libertas por Deus passaram sobre os hebreus. Este festival é celebrado pelos hebreus como o "Festival da Passagem". Os hebreus atravessaram o Mar Vermelho e ficaram 40 anos na Península do Sinai e na margem Oriental do Rio Jordão. Quando no Monte Sinai, Moisés deu aos hebreus os Dez Mandamentos. Com isto fazia um pacto com Deus e seu povo duraria para sempre. As leis visavam estabelecer uma relação entre Deus e seu povo e entre o povo e os indivíduos. Mas o povo estava tão desgostoso com as provações que desejaram, inclusive retornar ao Egito, voltando à adoração pagã. Deus quis abandoná-los, mas Moisés suplicou a graça. Moisés liderou os Israelitas até a margem Oriental do rio Jordão e atravessou-os até a Terra prometida. Seu último ato oficial foi renovar o pacto com os sobreviventes da árdua jornada de 40 anos.

Subiu então ao topo do Monte Pegash, de onde deus permitiu que visse a terra prometida, a qual não foi-lhe permitido penetrar. Os hebreus nunca mais o viram, nem sua tumba é conhecida. Antes de abandonar o povo, Moisés designou Josué como seu sucessor.

Josué, divide as terras em sete partes entre os filhos de Israel. Josué dirige-se a todos os filhos de Israel em Silo, onde puseram o tabernáculo do testemunho, e diz: "Esta é a herança dos filhos de Benjamim com os seus limites à roda, e segundo suas famílias. E as suas cidades foram: Jericó e Beth-hagla e o vale de Cassis, Beth-Araba e Samarain e Bethel, e Avim, e Afara e Ofer, a cidade de Emona e Ofni e Gabee: doze cidades com suas aldeias. Gabaon e Ramá e Beroth, e Mesfe e Cafara e Amosa, e Recem, Jarefel e Tharela, e Sela, Elef e Jebus, que é Jerusalém, Gabaath e Cariath; 14 cidades com suas aldeias. Esta é a possessão dos filhos de Benjamim segundo as suas famílias. (Josué 18: 20.28)

A Saga Benjamita (1150 aC)

Nesta época provável ocorreu a morte de Josué, com 110 anos, segundo a Bíblia. Morre também Eleazar, filho de Aarão, primo de Josué. Depois disso, reunidos os filhos de Israel, o Senhor escolheu Judá para chefiar o povo, como se antevira nas bênçãos relatadas por Moisés. Começa o livro dos Juizes, e após as conquistas de Judá nota-se mais claramente o papel dos Benjamitas. Não eram guerreiros por conquista, mas se fosse necessário eram os mais valentes. Cabendo-lhes Jerusalém, não a conquistaram à força, como as outras tribos. Vejamos: Juizes 1:21 - "Mas os filhos de Benjamim não destruíram aos Jebuseus, que moravam em Jerusalém; e os Jebuseus habitaram em Jerusalém, com os filhos de Benjamim, até o dia de hoje".

A Expulsão dos Benjamitas : Juizes

Mas o povo constantemente caía na idolatria, e necessitava de líderes que os guiasse. "O Senhor lhes colocou juizes que lhes mostravam o caminho."

Os hebreus foram, talvez, os primeiros a expressarem em larga escala a inflexibilidade monoteísta, através da imposição de Jeová. Não é a toa que surgiram os Essênios para resgatar um Judaísmo que, segundo eles, se havia perdido (vide site Manuscritos do Mar Morto). Afinal, entre o povo hebreu os limites entre a antiga e a nova lei não estavam muito claros.

Um dos exemplos dessa contradição está na determinação de Deus a Jacob para que lhe construísse um templo (Genesis 35:1), e na atitude do patriarca nos versículos seguintes, ordenando a destruição dos outros Deuses e o temor por Deus. O resultado de atitudes como essas foram movimentos radicais mesmo internamente, dentro das próprias 12 tribos. Estendendo-se mais tarde nas relações com o mundo árabe. Após as disputas e o arrependimento com José, a luta interna entre os seguidores da Mãe Ichtar e os devotos do pai de Jeová foi descrita em Juizes 19, com os habitantes de Gábaa.

"Nesta cidade habitavam os adoradores de Ichtar, que não quiseram dar morada a um viajante cansado com sua mulher. Quando um velhinho os acolheu, bateram à sua porta bandidos que queriam molestá-lo. O velho foi até a porta, pediu clemência ao homem e, em troca, ofereceu-lhe sua filha donzela e a mulher do hóspede para satisfazê-las. Eles levaram a hóspede e devolveram-na pela manhã, morta".

Isto mostra a consideração nula que os homens tinham com representante da beleza e fertilidade. Isso refletiu-se na sociedade judaica no futuro, excluindo-a totalmente de alguns mistérios iniciáticos ou mesmo na sociedade profana. (vide Abraão e Lot)

"O levita que viajava, ao ver sua mulher morta, dividiu seu corpo em 12 pedaços, entregando-os a cada

uma das 12 tribos, para que tomassem providências quanto aos agressores, que eram da região de Benjamim. Só que , fazendo isto, agiu tal qual Deus falou dos próprios Benjamitas: repartiu os despojos , após o ataque do lobo arrebatador."

Quando deste desastre, os aliados fizeram uma maldição - Juizes 21:1-3 diz: "Juraram também os filhos de Israel em Masfa e disseram : "nenhum de nós dará sua filha por mulher aos filhos de Benjamim. E vieram todos à casa de Deus em Silo, e assentados na sua presença até a tarde, levantaram a voz e começaram a chorar com grande pranto, dizendo: "Senhor Deus de Israel, por que aconteceu ao teu povo esta desgraça, o ser hoje cortada uma das tribos?"

Logo depois o lamento é repetido: "E os filhos de Israel, tocados de pesar pelo que tinha acontecido a seu irmão Benjamim, começaram a dizer: Foi cortada de Israel uma tribo, de onde não de tomar mulheres?"

Porque nós juramos todos que lhes não daríamos nossas filhas? Confrontados com a possibilidade de extinção de uma tribo inteira, os mais velhos em Bethel, haveria em breve um festival. E as mulheres de Shiloh, cujos homens haviam permanecido neutros na guerra, seriam considerados justos. Os benjamitas sobreviventes foram instruídos a partir para Shiloh e esconder-se nas vinhas para raptar as mulheres."

Como lembram os autores de O Santo Graal e a Linhagem Sagrada, os Dossiers Secrets, de Henry Lobineau (uma compilação publicada em privado e depositada na Biblioteca Nacional da França sob o número 40 Im I 249) , insistem muito nesta passagem. A quase extinção da tribo de Benjamim - só sobraram 600 homens - faz supor que estes tenham seguido para o oeste, em direção a Tiro, de onde podem Ter começado a migração semítica para o Ocidente. Este é o início da Saga dos hebreus pelo mundo, antes mesmo da união de Israel sob seu primeiro rei, Saul (aliás um Benjamita). Na verdade, as trocas comerciais eram muito ativas já há muito tempo entre as civilizações do Mar Egeu, os Egípcios e os Fenícios. Existem indicadores, inclusive, de que a tribo hebraica de Dan fizesse parte das incursões dos chamados povos do mar no levante contra a Síria e Palestina. A tribo de Dan dividia com a de Benjamim a faixa de oeste a leste entre o Mediterrâneo e o Mar Morto, estando mais próxima do Mediterrâneo.

De qualquer forma, qualquer que tenha sido a recuperação dos benjamitas, os Dossiers Secrets de Henry Lobineau afirmam que a guerra com os seguidores Belial foi um ponto crucial da questão. Ao que parece muitos benjamitas - senão a maioria deles partiram para o exílio.

Está escrito no Dossiers Secrets:

UM DIA , OS FILHOS DE BENJAMIM DEIXARAM SEU PAÍS , ALGUNS PERMANECERAM. DOIS MIL ANOS MAIS TARDE GODFROI DE BOUILLON, TORNOU-SE REI DE JERUSALÉM E FUNDOU A ORDEM DO SINAI.

Assim, Poussim quis exprimir o mistério nos seus dois quadros.

"Os Pastores de Arcádia", descobriu-se sem dúvida o segredo do tesouro diante do qual os descendentes camponeses e pastores, meditam sobre "Et In Arcadia Ego". (vide site Rennes le Château).

Na Bíblia, em Deut. 33, é dito sobre Benjamim; "Este é o bem amado do Eterno. Ele habitará em segurança junto a ele, e residirá entre suas espátulas". Também em Josué 18 que o destino será por herança aos filhos de Benjamim, entre as catorze cidades e suas aldeias.

A TRIBO DE BENJAMIM, DE DAN E A FUGA PARA ARCADIA

A região dos Benjamitas era exatamente esta região onde se situa Jerusalém, numa faixa que une o Mar Morto ao Mediterrâneo. Na verdade, no início a faixa mais próxima do Mar pertencia à tribo de Dan. Pode-se, então, melhor compreender as lendas posteriores de que imigrantes de Dan, que iniciaram o culto à Deusa Diana, tenham emigrado para a Europa nos primórdios da civilização grega. Os benjamitas seguiram naturalmente este caminho, dadas as facilidades de trânsito comercial para aquela região.

Nesse período deve Ter ocorrido a migração para Arcádia, na Grécia, ou para Tróia, que estava nas mãos dos gregos de Micenas. Arcádia estava exatamente no centro do reino de Micenas.

Em sua "História da Guerra do Peloponeso", Thucydides (460-400) descreve os primórdios do estado grego, dando-nos uma idéia do que era a chamada região da Arcádia e sua posição especial em relação às outras províncias. Nota-se que, a exemplo da maioria das regiões da Grécia, sua condição climática e o solo eram magníficos, fazendo da Arcádia um alvo potencial - como de resto as outras regiões - da cobiça e do ataque de outros povos. Este ambiente impedia estas regiões de terem sua população radicada, pois a todo momento estavam sujeitas a uma invasão. Entretanto, de todas as regiões climaticamente favorecidas, apenas Arcádia não estava sujeita ao que Thucydides definiu de formações de "facções", que dilacerava, o estado em favor do individualismo egoísta. Por que Arcádia era exceção? A Attica não era cobiçada pois que seu solo era pobre. Daí o seu desenvolvimento mais calmo e seguro, longe da cobiça dos outros povos. Mas Arcádia, o que tinha? É provável que fosse a forte influência da religião e hábitos fortemente cosmopolitas dos hebreus que lá emigraram com a expulsão dos hebreus benjamitas e com a migração do povo de Dan. Como de resto aconteceu em todos os lugares para onde emigrou o povo hebraico, eles adaptaram-se às mais variadas condições, graças à sua união como povo e à sua versatilidade para absorver novas culturas, ao mesmo tempo em que aceleravam o desenvolvimento das regiões. O fato é que Thucydides não explica por que Arcádia é uma exceção, exceto pela aridez do solo. Algo em seu povo fazia-os manter uma união como estado maior que as outras região da Grécia, de condições geográficas semelhantes. Talvez tenha sido a mesma coisa que mantém, há 4 000 anos, unido o povo de Israel em torna de uma mesma cultura, algo que seus primos, companheiros e contemporâneos - os fenícios - também souberam representar: a harmonia através da cultura e do comércio livres, fatores comuns a toda civilização estável.

Thucydides, no primeiro capítulo de sua obra diz:

"...é evidente que o país agora chamado Hellas não tinha, nos tempos antigos, população estável; ao contrário, migrações eram de ocorrência freqüente, as muitas tribos prontamente abandonando suas casas sob a pressão de força maior. Sem comércio, sem liberdade de comunicação seja por terra ou mar, cultivando não mais de seu território que as exigências da vida requeriam, destituídos de capital, nunca plantando sua terra (pois eles não podiam dizer quando um invasor viria e levaria tudo, e quando eles viessem não teriam muros para barra-los), pensando que as necessidades de sustento do dia-a-dia poderiam ser supridas em um lugar tanto quanto noutra, eles não se preocupavam em mudar de residência e, conseqüentemente, não construíram grandes cidades nem atingiram qualquer outra forma de grandeza. Os solos mais ricos eram sempre os mais sujeitos a essas mudanças de senhores, tal como na Tessália, na Beócia, na maior parte do Peloponeso - excetuando-se Arcádia - e as partes mais férteis do resto de Hellas. A benevolência das terras favoreceu o engrandecimento de cada um individualmente, criando, assim, facções que revelaram-se uma fértil fonte de ruína. Por conseguinte a Attica, da pobreza de seu solo desfrutou desde um período remoto a liberdade das facções, nunca mudando seus habitantes. (Thucydides, The Peloponnesium War, Book I, 1,2, Enc. Britannica, 1952, p.349)

O renascimento grego e as migrações semitas

Em 900 a.C. houve o restabelecimento da população originária da imigração benjamita (em trona de 110. a.C.)

Existe uma lenda grega que diz que o filho do rei Belus, Danaus, chegou à Grécia com suas filhas um noivado o culto oficial dos arcadianos.

Segundo alguns autores, esse mito registraria a chegada de colonos da Palestina no Peloponeso. Afirma-se que Belus advém de bel on Baal, ou talvez Belial do U. T.

Vale Notar que um dos clãs da tribo de Benjamim era o clã de Bela, e que o parentesco entre Israel e Esparta já foi declarada no livro dos Macabeus.

O termo Dan é novamente visto na mitologia céltica nos confirmando a sua ligação com a mãe, ã semelhança dos vizinhos e irmãos da tribo de Dan, os Benjamitas.

Dara é um antigo nome da Deusa-mãe. Bacal, representando o culto à Mãe e sua consorte era Nanna. Dara aparece, então associado a Ana, deriva de D'ana, considerada mãe dos deuses.

Posteriormente este nome Dana evoluiu e para a designação distinta de todas as mulheres com o termo Dama. No Francês, Dame, que assim como no português designa Dama.

Segundo outros estudiosos, a quem davam o nome de Beal (a vida em tudo). Essa deidade era identificada como o sol, assim como o Baal dos fenícios, e seguindo a tendência de todos os outros centros solares com a América, Egito e Grécia.

Não é de se admirar que os Benjamitas não abandonam o antigo culto e a veneração ao aspecto feminino de Deus.

Mesmo Jesus, deu importância ao elemento feminino em seu trabalho de evangelização, transformando-se o sítio de Betânia, a principal base para seus trabalhos.

HITLER, JUDAÍSMO E OCULTISMO

HOLOCAUSTO - HITLER E O JUDAÍSMO

"O Senhor te dispersará entre todos os povos desde uma extremidade da terra à outra. Lá servirás a deuses estranhos, que tu e teus pais ignoram, a madeiras e pedras. Também não terás repouso entre estes povos, nem a planta de teu pé terá descanso, por que o Senhor te dará ali um coração medroso, uns olhos lânguidos, e uma alma consumida de tristeza. Tua vida estará como suspensa diante de ti. Temerás de noite e de dia, e não acreditarás na tua vida. Pela manhã dirás: Quem me dera a tarde? E à tarde: Quem me dera a manhã? Por causa do temor do teu coração, com que serás aterrado, e por causa daquelas coisas que verás com os teus olhos." (Deuteronômio 28: 64-67)

Ezequiel predisse que os judeus seriam dispersados de seu país e se espalhariam pelo mundo e que retornariam mais tarde. (Em 1948, Israel voltou a ser nação outra vez após quase 2000 anos).

Hitler tinha alguma ligação com o ocultismo. Muitas histórias estranhas sobre o Nazismo surgiram após a queda do terceiro Reich.

Há uma evidência da atividade oculta nos níveis mais elevados do partido que foram proibidos em Deut. 18: 10-11. " Não se ache entre vós quem purifique seu filho ou filha, fazendo-os passar pelo fogo, nem quem consulte adivinhos os observe sonhos e agouros, nem quem se malefícios, nem quem seja encantador, nem quem consulte os nigromantes os adivinhos, os indague dos mortos a verdade".

Mas nenhuma é mais estranha que a de Hitler e a lança de Longinus.

De acordo com a tradição, a lança de Longinus era a lança que tinha perfurado Jesus. A profecia do VT informou que nem um osso do Messias seria quebrado, e a lança de Longinus muito contribuiu para que a profecia fosse cumprida pois, a não reação de Jesus ao ser perfurado, favoreceu o diagnóstico de que ele já havia morrido.

Daniel havia predito que o Messias seria proclamado Rei de Israel.

Hitler, por outro lado, acreditava que tendo a lança em seu poder, poderia conquistar o mundo. A lança que Hitler acreditou ser verdadeira, havia sido possuída por homens vitoriosos em batalhas. Homens como Constantino, Justiniano, Attila, Theodoric, Theodosius, Alaric, Carlos Magno, que após 47 batalhas só perdeu porque deixou cair acidentalmente a lança.

Nos dias de hoje, a lança pertence a casa de Habsburg e está no museu de Hoffburg, em Viena. Em 1938, Hitler a apreendeu em nome do Reich. Ficou por 6 anos na Igreja de Santa Catarina até ser removida para um local seguro, subterrâneo, pelo tenente Walter William Chifre, número da série 01326328, dos EUA, em 30 de abril de 1945 às 2:10 horas.

As ligações do Nazismo com o ocultismo e organizações políticas ocultas, serão avaliadas neste site. Hitler costumava consultar a astrologia, e seu horóscopo. Estas informações foram dadas por Ilse Braun, irmã de Eva à John Tolland.

Se Hitler era realmente interessado por horóscopo, explica-se o fato de Rosenberg suicidar-se três dias antes de sua execução programada com Goering e Alfred Rosenberg, o principal ideologista do Nazismo a quem Hitler escolheu como o editor do jornal do partido.

Para um homem apontado como Anticristo e nasceu na semana santa, (20/04/1889) é provável que ele tenha acreditado ser um predestinado. Aliás, todos sabem que ele pensava ser algum destinado pois ele falava sempre à seus amigos: "Você ouvirá muito sobre mim. Espera até que meu tempo venha". Depois que Hitler sobreviveu numa explosão em uma trincheira após Ter ouvido uma voz lhe dizer para se afastar de onde estava. Isso ocorreu em 1915 na primeira Grande Guerra. Ele seguiu as instruções e se afastou 60 pés e logo a explosão se fez ouvir, matando todos os soldados que ali permaneceram.

Este incidente ajudou a confirmar sua opinião de que tenha sido conservado para uma finalidade especial na vida.

E assim com Napoleão antes dele, também consultava horóscopos astrológicos, Hitler também acreditou ser um predestinado. Alguns povos também acham que Napoleão seja um Anticristo. De fato, quando Hitler foi a Paris em junho de 1940, ficou uma hora olhando o túmulo de Napoleão, o que é muito estranho, considerando que ele tenha permanecido em Paris aproximadamente cinco a seis horas, conforme cita William L. Shirer.

Uma interpretação literal da Bíblia prediz o advento do filho da perdição, que foi identificado como o Anticristo. O Apocalipse prediz que o número de seu nome será 666.

Todos sabemos que há Satanistas e que sempre agem nas atividades ocultas.

O Apóstolo Paulo Em Efésios 6:12 diz "Jesus disse que antes de seu segundo advento haveria um afastamento da verdade e que os homens cairiam em doutrinas demoníacas."(2 Tess 2: 1-5)

Michel Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln promoveu a idéia que Jesus e Maria Madalena tiveram filhos, que se misturaram em gerações com a Dinastia Merovíngia de Reis franceses, assim fazendo dos descendentes Merovíngios também descendentes de Jesus. Afirma que é o objetivo do Priory de Sion (Monastério do Sinai) colocar um descendente Merovíngio de Jesus num trono Francês ou Europeu futuro.

Nomearam diversas famílias como os Sinclair da Grã-Bretanha, cujo nome quer dizer "A Luz Sagrada" em francês. (vide site sobre Rennes le Chatêau)

O Castelo da família Sinclair situa-se em Roslyn na Escócia e significa "Sangue de Cristo".

Note que em numerologia, Sinclair também dá 666.

Milhares de nomes, locais e situações dão esse número como final. É preocupante ver como inúmeras pessoas apostam nisso.

O Nazismo empreendeu uma manifestação segregacionista, com manipulação religiosa com técnicas antigas de cantos, cerimoniais, símbolos, repetições rítmicas hipnotizantes das massas, oratória de encantamento, cor e luz.

Hitler e sua habilidade de oratória modificou o destino do mundo. Talvez, até seja um tipo de predestinação pois, ficou na história.

Creio que todo cuidado é pouco ao se analisar a "descendência sagrada", a fim de não cairmos em erro.

Convenhamos que Jesus realmente tenha se casado; aliás o que é plausível se ele for mesmo um rabino, que sua esposa tenha sido Maria Madalena ou Betânia, que tenha tido filhos, o que também é plausível caso ele tenha sido casado. Que após a crucificação, a família tenha seguido para o Sul da França e se unido à dinastia Merovíngia e aos reis franceses, ou Europeus em geral, e que haja pelo menos 500 indivíduos com algum tipo de seguimento dinástico do sangue sagrado.

Generosamente, coloco-me à disposição para crer até que um deles possa ser um homem de bem ou predestinado, precursor, mensageiro e que faça todo o bem possível.

Nesse caso o que devemos fazer? Colocar um Habsburg no trono? Como assim? Seria isso mesmo que o Monastério de Sinai estaria supostamente desejando?

Jesus, nos evangelhos de João, anuncia que enviará um Consolador; "O Espírito da Verdade" que esclarecerá todas as coisas.

Pressinto algo sério neste momento de insatisfação coletiva com o capitalismo devorador da paz e promovedor da competição e consumismo. Acho que esse movimento não está tão relacionado com o bem da humanidade como seria de se esperar.

Jesus pregou, como peregrino, em regiões inóspitas,, anunciando o reino de Deus e muitos não o ouviram, pois esse Reino pertence a um reino prioritariamente mental. Foi alvo de escárnio e zombaria. Os seus não O reconheceram.

O que se espera de uma linhagem sagrada? Uma monarquia sacerdotal? Um Rex Mundi?

O que foi realmente o holocausto e o movimento anti-semita que ainda existe em vários lugares?

Se Hitler conhecia algo desse movimento e ambicionava seu lugar, explica a necessidade de extinguir todos os possíveis descendentes de Jesus. E de que modo o faria? Tornando-os odiosos e fomentando sua destruição.

Face ao exposto, verificamos que Hitler tinha a lança de Longinus, e memorizou todas as obras que falavam da linhagem sagrada. Acreditava em oráculos e não destruiu os judeus nem a esperança de um mundo melhor.

A BÍBLIA DE St. JAMES

A BÍBLIA E SUAS TRADUÇÕES.

A BÍBLIA DE ST JAMES.

COMENTÁRIOS.

A Bíblia do Rei James foi criada por um grupo de tradutores católicos e protestantes. Esta era a única maneira de produzir um texto geralmente aceitável, mas a tentativa de neutralidade não foi bem sucedida. Os católicos tentaram junto ao parlamento Inglês, sobressairem-se e os protestantes acusaram os tradutores de estarem a favor dos católicos, Em todo caso, a Bíblia sobreviveu, mas os tradutores tiveram que usar a "exatidão política." Depois de muitos debates, e divergências sobre as palavras "politicamente corretas."

Fizeram ressurgir palavras que já não eram usadas na língua inglesa por séculos. Palavras obscuras, velhas e obsoletas foram trazidas à tona a fim de fornecer a exatidão política para a Bíblia do rei James, mas que ninguém poderia compreender. Ao mesmo tempo, William Shakespeare fazia do mesmo modo com suas peças.

Se nos olharmos os livros de referência que existiram antes de James e de Shakespeare e os que existiram imediatamente após, veremos que o vocabulário da língua inglesa aumentou por mais de cinquenta

por cento, em conseqüência das palavras trazidas da obscuridade pelos escritores do século XV.

Embora eminentemente poética, a língua da Bíblia inglesa autorizada é completamente diferente de toda a língua falada por qualquer um na Inglaterra ou seja lá onde for.

Não carrega nenhuma relação com o grego ou ao latim de que foi traduzida. Mas desta interpretação canônica aprovada, todas as Bíblias inglesas restantes emergiram em suas várias formas. Apesar de todas as suas dificuldades, remanesce ainda a mais próxima de todas as traduções da língua inglesa dos manuscritos gregos originais. Todas as versões inglesas modernas, corrompidas significativamente, são completamente insustentáveis para o estudo sério por qualquer um, porque têm suas próprias anotações específicas.

Nós podemos citar uma versão extrema de como se trabalha na prática. Podemos olhar uma Bíblia emitida atualmente (hoje) em Papua no Pacífico em Nova Guiné onde há tribos que experimentam a familiaridade em uma base diária com um animal que não o porco. Na edição atual de sua Bíblia, cada animal mencionado no texto, se originalmente é um é um boi, leão, burro, carneiro ou o quer que seja, agora é um porco! Mesmo Jesus, o "Cordeiro tradicional de Deus", nesta Bíblia é o "Porco de Deus" ! Assim, para facilitar a confiança o melhor possível nos Gospels, nos devemos olhar os Manuscritos gregos originais com suas palavras usadas freqüentemente em hebreu e aramaico. E assim fazendo nós descobrimos que a história do nascimento de Jesus foi deturpado em índice elevado, mal entendido, mal traduzido ou perdido simplesmente os nexos.

Isso acontece porque as palavras originais não têm nenhuma contraparte direta em outras línguas.

Nós fomos orientados que o pai de Jesus, José era um carpinteiro. "Por que não? Diz assim nos gospels. Mas isso não foi dito no gospels original.

A melhor tradução , disse realmente que José era um mestre de ofício. A palavra "carpinteiro" era simplesmente o conceito do tradutor de um artesão.

Qualquer um que conheça a Maçonaria, por exemplo, reconhecerá o termo " ofício". O texto denotou simplesmente que José era mestre ou professor.

Vamos olhar a água e o vinho de Canaã, depois da história em que a Bíblia nos diz, e que era um evento sobrenatural, um milagre. O casamento de Canaã é descrito somente em João . É relatado que quando quiseram o vinho, sua mãe, Maria diz: "Acabou o vinho".

Os Gospels nos diz que a pessoa que ocupava o cargo, era mestre de cerimônias. Isto define especificamente que era uma cerimônia de casamento (bodas). Porém os costumes judeus da época desmentem o costume romano e por isso, é adaptado. A festa só poderia ser um pré-casamento (noivado) . Pois o vinho nessas festas só eram disponíveis aos priests e aos judeus celibatários, não aos homens casados, noviços ou quaisquer que não fossem "santificados". O ritual de purificação da água foi permitido somente para um, conforme foi indicado no livro de João.

Quando chegou a hora do ritual, Maria não aprovou a discriminação e a direção da atenção de Jesus que ainda não tinha o status de Messias e então respondeu: "Ainda não é chegada a minha hora".

Então Maria quis sair do "convencional" abandonando a água completamente: "Vinho para todos!". O mestre de cerimônias não fez comentários sobre milagres; simplesmente sua perplexidade, pois o vinho continuou a ser servido. Sugere-se que o casamento de Canaã era do próprio Jesus devido à sua mãe estar no comando e não estar associada ao nível de convidada comum. O único problema é que os judeus só poderiam fazer esta festa em junho pois os casamentos sempre ocorriam em setembro e os noivos esperavam três meses. Exceto se os tradutores compuseram os eventos, narrando duas festas distintas em uma.

NOTA: Se hoje o judaísmo não aceita o Novo Testamento é principalmente devido a deturpação romana de seus costumes mais antigos. Não há nada mais desagradável do que ver nossa cultura deturpada pela ignorância dos costumes culturais.

Os Evangelhos contam uma história que nem sempre estão de acordo com outros Evangelhos canônicos.

Nos anais oficiais da Roma Imperial, Pilatos e a Crucificação são mencionados. Podemos determinar com precisão neste diário cronológico dos historiadores e reguladores romanos, que a crucificação ocorreu em março Páscoa do ano 33 aC. A reunião de Betânia segundo o anunciado realizou-se antes desse evento. (vide site sobre Os Mistérios de Renes Le Chateau)

Naturalmente, os judeus consideravam o casamento sagrado e a procriação uma obrigação . Se Jesus realmente casou-se, exceto se um dos cônjuges fosse estéril, não haveria procriação; e que é claro, não teria passado em branco, conforme é narrado em inúmeras passagens do VT. Por outro lado, Jesus aparece nos Evangelhos com uma dinastia ou linhagem de Davi; há vários relatos sobre isso.

Nessa época, Judéia era oprimida pelos romanos que a ocuparam . As autoridades foram controladas pelos romanos com a força ocupacional militar; os movimentos de resistência eram comuns Jesus foi esperado e, no final, tinha-se tornado o Messias anunciado.

Na Judéia Jesus era chamado "Um homem "sábio", "Um mestre" e "O rei". Nada se falava sobre sua divindade. Quando os Manuscritos do Mar Morto identificaram o Messias de Israel como o comandante militar supremo de Israel, não é nenhum segredo que os apóstolos andavam armados. Na época do recrutamento, Jesus certificou-se de que todos usavam espadas. No final da verdadeira história, Pedro atingiu a orelha de Malchus, e Jesus também disse " Eu não vim trazer a paz, mas sim a espada".

Os altos escalões de Jerusalém estavam satisfeitos com a posição da potência militar estrangeira. Mas fora eles, muitos hebreus não quiseram compartilhar de seu Deus com qualquer um outro. Para os Fariseus e os Saduceus , os Judeus eram povos escolhidos por Deus. Mas havia outros como os Nazarenos, os Essênios que foram influenciados por uma doutrina mais liberal, mais ocidental. No evento, a missão de Jesus falhou; foi considerado insurrecto.

Gentio, em língua moderna, significa árabe-não-judeu da raça e ainda é assim hoje lá.

Pôncios Pilatos realmente condenou Jesus ante o conselho do Sinédrio.

Como era ilegal para o Conselho do Sinédrio trabalhar à noite ou na Páscoa, decidiu-se que Ele seria sentenciado pelo governador romano que já tinha outros prisioneiros acusados de insurreição.

Segundo a tradução grega, Cristo quer dizer "(o rei) . Era conhecido como Jesus o Cristo ou Jesus o Rei. Jesus era da linhagem da coroa real de Judá (Davi) conforme numerosas narrativas nos Evangelhos e nas epístolas de Paulo. Conseqüentemente , Jesus emergiu com status duplo de um "Rei-Sacerdote" ou um "Rei Peixe".

Segundo as "Sociedades Secretas", Jesus morreu quando Maria Madalena esperava seu segundo filho e foi exilada da Judéia devido à implicação política que a envolveu, junto com Felipe, Lázaro e alguns outros familiares. Viajou (com arranjo do rei Herodes - Agripa II) para viver na propriedade de Herodes perto de Lyon , em Gaul (que se transformou mais tarde em França)

Sua vida e seu trabalho na França, especialmente em Provence e Languedoc, aparecia não somente na história europeia como também na igreja católica romana, até que sua história foi suprimida pelo Vaticano.

Maria Madalena exilada é comentada no Apocalipse que a descreve como grávida naquele tempo . Fala também de como as autoridades romanas a perseguiram subseqüentemente a ela, a seus filhos e seus familiares.

O simbolismo do Graal é tradicionalmente um cálice que contém o sangue de Jesus.

Também deve ser considerado que, há 3.500aC, o cálice era considerado o órgão feminino que chama-se hoje útero. Outra representação do cálice é a das embarcações côncavas que carregam alguma coisa.

Maria Madalena morreu em Provence em 63aC e neste mesmo ano, José de Arimatéia construiu o castelo de Glastonbury, na Inglaterra como um memorial à rainha messiânica. Esta foi a primeira igreja cristã do mundo.

Jesus, que aos doze anos, foi a Inglaterra com José de Arimatéia, foi homenageado , na posteridade, com muitas lendas e histórias sobre o "rei peixe".

Mas, quem era José de Arimatéia, homem que pediu o corpo de Jesus na crucificação?

Nos anos 900dC, a Igreja Romana anunciou que José de Arimatéia era tio da Mãe de Jesus e a partir daí, retratos o colocavam como um homem idoso. Entretanto , os registros históricos de José, o descreveram muito mais novo. Está registrado que ele morreu aos 80 anos em 82aC em 27 de julho o que o coloca com 32 anos na época da crucificação.

Conseqüentemente, não é nada surpreendente que José tenha negociado com Pilatos para colocar Jesus em seu próprio túmulo de família.

Nos anos 600 dC, o Cálice e o Graal foram considerados heresias pelo Vaticano e os escritos de Merlim foram proibidos expressamente pelo conselho ecumênico, e a igreja original de Jesus transformou-se num "Córrego subterrâneo". Nessa época, a igreja controlava a maioria da literatura de domínio público,

e assim a tradição do Graal transformou-se em alegoria para sobreviver e a sua mensagem, foi passada secretamente para a posteridade, seja por cartas de tarot e baralho comum, escritos esotéricos e artes simbólicas.

Mas porque o graal e os escritos de Merlim causariam tal problema à Igreja Católica? Porque dentro do contexto de suas escritas, falavam do descendente de Jesus da linhagem de Davi e que Roma não poderia suportar outra vez.

Interferia na posição dinástica dos papas e bispos de Roma que se auto-elegeram para serem Reis supremos por "Uma sucessão Apostólica à partir do primeiro bispo, Pedro.

Em primeiro lugar, Pedro nunca foi o primeiro bispo de Roma!

As constituições do Vaticano dizem que o primeiro bispo de Roma era o Príncipe Linus da Grã-Bretanha, filho de Caractacus o Pendragon

Em 1100, os Cavaleiros Templários e sua catedrais góticas (vide site os Templários) eram considerados uma enorme ameaça à igreja patriarcalista devido à seu culto a Jesus e Maria Madalena.

Os cardeais sabiam que seus domínios cairiam se os descendentes de Jesus surgissem. Então a inquisição selvagem esmagou tudo que interferisse no poder dos bispos.

Em 1208 e o papa Inocêncio III enviou 30.000 soldados para Languedoc no Sul da França . Ali viviam os Cátaros (puros) que diziam ser guardiães de um segredo misterioso e de um grande tesouro sagrado que poderia arruinar o Cristianismo ortodoxo.

A cruzada Albigense do Papa, durou 36 anos e massacrou 10.000 pessoas inocentes. O tesouro nunca foi encontrado.

Em 1231, o papa Gregório IX autorizou matar qualquer um que iniciou-se na heresia do Graal.

Em 1252, a tortura foi formalmente oficializada, junto com a execução por fogo. As vítimas eram torturadas até confessar e tendo confessado, eram executadas, e se não confessasse , a tortura não terminaria e então, eram queimados lentamente, iniciado pelos pés , membro por membro , sobre um fogo aberto. Estas perseguições e punições selvagens foram empreendidas brutalmente por séculos e atingiam também os judeus, os muculmanos e protestantes a partir do século XV.

Mas a inquisição nunca terminou formalmente. Recentemente, em 1965, fla foi rebatizada como "Congregação Sagrada".

O movimento do Saint Graal seguiu seu curso formalmente. As escritas foram patrocinados, em sua maior parte pelos corte do Graal da França (Champanhe ,D'Anjou e outros), também pelos cavaleiros Templários.

O segredo do Tesouro Sagrado, no século XII, estavam em mãos dos Templários e, mesmo com o massacre da inquisição em 1307 pelo Rei Felipe, o Belo e o papa Clemente V, não conseguiram encontrá-lo. Eles foram de Languedoc par Paris e numa noite, 18 navios seguiram par a Escócia onde receberam as boas vindas pelo Rei Robert o Bruce que junto com a nação Escocesa, haviam sido excomungados pelo papa.

LEITURA COMPLEMENTAR

A seguinte leitura foi dada em abril de 1998 por Laurence Garden.

"Cavaleiro Sagrado da Igreja Céltica de St. Columbus , é um genealogista de qualidade internacional. Cavaleiro de Saint Germain, é Attache presidencial do Conselho Europeu dos Príncipes - um corpo consultivo estabelecido em 1946. "E unido formalmente ao protetor nobre da casa real dos Stuarts, fundada em St. Germain, em Laye, 1962 e é o Jacobite Historiographer Real "BLOODLINE , STARFIRE & ANUNNAKI"

"Essencialmente nós não estaremos olhando estritamente a história, mas na história vista de uma posição que seja diferente da norma.

A história não é o evento, é o registro do evento.

A história é escrita por todas as sortes de razões, mas principalmente pelos vencedores. E como todas as coisas, a história de ontem como hoje, nos dizemos o que nós supomos saber e nós aprendemos da maneira que supomos aprender.

Escreve-se por razão políticas, interesses investidos, parlamentares ou religiosos ou por quaisquer outras razões.

Há um ano que "Bloodline do Grail Holy" foi publicado. Trata-se da linhagem Messiânica que descendeu de Jesus ao dia atual.

Foi concernido comparando o NT Gospels, os primeiros escritores Gospels originais da época e com os registros judeus e crônicas romanos.

O que nós encontramos quando olhamos o texto original da era, é uma história completamente diferente da que nos sabemos hoje.

As doutrinas tais como as de que Jesus foi nascido de uma virgem e que ele era o filho primogênito de Deus. Tais coisas não são relatadas, no todo, nos originais da época.

O NT nos dá realmente detalhes da descendência de Jesus de Davi (pg. 11)

Os arquivos romanos informam que eles coletaram documentações à respeito da linhagem messiânica em 70dC. Estes documentos ainda existem.

A pergunta é; O que fez o rei Davi de tão importante?

A Bíblia explica que a linhagem do rei Davi, começou com Adão e Eva e seu filho Seth progrediu até Noé e relaciona-se a Abraão que se transformou no Patriarca da nação hebréia. Que Abraão levou sua família par fora da Mesopotâmia em Canaã, e seus descendentes foram para o Egito e depois, retornaram à Canaã pela mão de Moisés.

Mesmo assim indaga-se em que esta linha era assim especial.

Ao contrário.

Seus antepassados vaguearam no território, sem ter significação como, por exemplo; os faraós do Egito naquele tempo.

O único fato relevante é que foi dito a Abraão que este povo era escolhido por Deus. Porém, este Deus que escolheu este povo, conduziu-os para uma série de guerras e fome. Tão pouco foram demasiado brilhantes.

No VT. Jeová não apareceu em todas as cenas. No livro de Êxodos, Abraão consultou a El Shaddai. De repente, Jeová desapareceu e nós encontramos El Shaddai que quer dizer "A Grande Montanha" ou o Senhor da Montanha.

Quando Moisés perguntou ao Senhor da Montanha (Jeová) realmente quem era, foi respondido: Eu Sou o que Sou."

No VT. também foi chamado Adonai.

Na verdade, em Canaã, El Shaddai, Adonai, Eloim e Baal significa "Senhor da Montanha".

Um outro nome surge no VT em Gênesis = Enki.

A Bíblia diz o "Macho e a fêmea, Ele uniu-os e chamou-os Adão". Os registros antigos usam o termo Adama, que significa "da terra".

Sabemos que Adão e Eva foram os "primeiros de algo". Os registros Sumerianos dizem que eram as primeiras "ramificações" ou "filiais" que soletrado como ela é hoje e significa "clone".

Assim, o "homem" Adão não é o primeiro na terra. É o primeiro tipo de uma forma especificamente planejada de ser.

Nos primeiros capítulos de Gêneses, isso ficou bem claro "Façamos o homem semelhante a nós". O detalhe para o plural nada monoteísta e que se repete logo após, "O homem se tornou como um de nós".

Nos registros do Isaque encontramos o nome de sua mãe (matriz) e é chamada Niskhursag, que significa "A Senhora da Vida" e a Senhora do Embrião. O termo "Eva" quer dizer "Vida".

Traduzindo a Bíblia em sua essência, as palavras parecem dizer algo muito mais profundo e seu simbolismo aproxima-se mais com a nossa atualidade.

A palavra clone hoje, é adaptada para uma circunstância nova, em genética. Há pouco tempo era usada da forma como a Bíblia relata (imitar, à semelhança de).

O VT informa que Adão e Eva foram criados à semelhança de.

Os cientistas descobrem fósseis de crânios do gênero humano , que remontam há milhares de séculos antes do registro Sumerianos da Bíblia, por conseqüente, podemos crer que a raça Adâmica obedeceria a um critério "especial", "intrigante" que ainda não podemos suspeitar.

O que nós temos é uma sucessão especificamente modelada que, julgando por sua prosa militar, por sua influência política, por sua liderança de grandes grupos, tinham uma consciência mais adiantada. Nos termos de cultura, de sabedoria, e da intuição em geral, não há nenhuma dúvida de que este povo são avançados. E isto, parece que ocorre em todas as gerações e esta linha que segue na direção do Rei Davi e eventualmente com Jesus.

Reconheceu-se naquele tempo esta linhagem e que nós , nos dias de hoje, chamamos de DNA . Seria um importante gene que se move de geração por geração e que é relacionado ao X (fêmea)

A estrutura do DNA que dá a habilidade a reis - sacerdotes, vem sempre através da mãe (por exemplo, a ênfase dada à Maria).

A tradição judaica é sempre reivindicar que ser um descendente, se deve `a sua mãe. Não importa se seu pai não seja um judeu.

Como a Igreja Romana, os judeus mantinham as mulheres fora das posições de autoridade. Criaram um patriarcalismo.

Um evento curioso na história judaica é a genealogia, sempre respeitada através dos tempos, de Adão a Jesus e, num piscar de olhos a tradição judaica não mais forneceu dados à posteridade. Por que?

SINAI

As escavações arqueológicas 1891, são restritas a regras de exploração. No Egito e na Mesopotâmia, tiveram que ser aprovadas e só foram financiadas por determinada fontes. E estas fontes eram

controladas por um grupo de autoridades. Uma destas autoridades designadas era o "Fundo Egípcio de Exploração", que foi fundada na Grã-Bretanha em 1981.

Nas primeiras páginas dos artigos da associação do Fundo Egípcio informava : "O objetivo dos fundos é promover o trabalho da escavação com a finalidade de ilustrar as narrativas do VT".

O que isso significa na realidade é : Se algo fosse encontrado pelos arqueólogos que estejam de acordo com as escrituras como é ensinada hoje, seria o público informado sobre ela ; qualquer outra coisa, seria considerada mitologia.

Se não servisse interpretação, não chegaria ao domínio público. Isso foi há 100 anos atrás.

Nós sofremos ainda de muitos regulamentos e, de acordo com as leis vigentes no País, a descoberta é colocada num envoltório e fechado secretamente a da montanha do Sinai.

Há poucas informações nos círculos internos acadêmicos e nada escrito para o domínio público.

No contexto do livro do Êxodos há uma montanha significativa nomeada na Bíblia. Situa-se na Península do Sinai , que é um triângulo entre o Egito e o Jordão. É conhecida pelo nome de Horeb. Foi chamada mais tarde de Sinai e depois, para Horeb outra vez. Esse é o nome que remanesce enquanto nos incorporamos a progressão de história e essa história e a de Moisés, tirando os Israelitas do Egito e seu encontro com Jeová na montanha sagrada.

Há aproximadamente 1360aC, não existia nenhuma montanha chamada Sinai e nem na época de Jesus.

A montanha do Sinai, escritos nos registros geográficos, realmente não existiu por outros 400 anos dC. A tradução do VT que nos temos hoje, foi compilada pouco anos antes do século X dC, e é somente 600 anos mais antiga que o NT.

Assim quando davam os nomes de lugares nessa época, davam os nomes que sabiam naquele momento e não necessariamente o nome que se aplicava no tempo de Moisés. Assim o povo do século X saberia exatamente do local que havia referência.

O Monte Sinai está atualmente no sul da península do triângulo e foi batizada por monges cristãos gregos que lá construíram uma pequena missão , pois decidiram que ali era o Sinai.

Hoje ainda existe um local chamado Monastério de Santa Catarina.

Seria realmente a Montanha do Sinai Bíblico?

O Êxodos pode explicar o local onde a verdadeira Montanha Sagrada estava e o percurso que Moisés e os Israelitas fizeram entre o Egito e o Jordão.

Seguindo a rota dada no Êxodos, ficaria centenas de milhas afastado do Monastério do Sinai que é mostrado nos mapas de hoje.

Além disso, dista centenas de milhas do Mar Vermelho onde Moisés separou as águas.

Quanto ao Monte Horeb atual , é uma incógnita.

Em árabe, Horeb quer dizer "deserto". O Monte Horeb e montanhas de deserto são bem conhecidas.

Fica a 2000 pés acima do nível do mar, exatamente onde o livro do Êxodos revela a rota do Egito.

Em 1890, Egíptólogo Britânico Flinders Petry da Universidade de Londres, patrocinado pelo "Fundo Egípcio de exploração, publicou confidencialmente os resultados de seu trabalho; mapas, fotografias, registros foram entregues , porém, com suas anotações e não foi colocado à disposição do público e suas anotações só poderiam ser lidos por membros oficiais.

Segundo relato bíblico, os Israelitas derreteram ouro (para fazer o carneiro de ouro) ; lá não havia nenhum resquício de materiais de fundição.

Porém encontraram lajes de pedra e abaixo destas, armazenados com cuidado 4 a 5 toneladas de um tipo de pó, o mais fino e branco possível. Embalados firmemente no assoalho. Não havia indícios de metalurgia em milhas de distância, mas pó brancos eram obtidos de queimadas de plantas para produzir alcalinos. Porque queriam alcalinos?

Por outro lado, porque o fariam a 2600 pés da montanha e não no vale?

Os resultados nunca foram publicados.

A Bíblia nos forneceu alguns nomes de livros, como os livros dos chefes de Jehovah, o livro do Senhor, o livros de Jasher; todos seriam importantes em nossa história, mas não estão na nossa Bíblia, à exceção de serem mencionados. Porque não foram incluídos?

O livro de Jasher era Egípcio, filho de Caleb, juiz e oficial da equipe de funcionários de Moisés.

Jasher era mais bonito que Moisés.

Tem outro livro de Jasher mais antigo, mas foi excluído da Bíblia. Estaria entre Deuteronômio e Josué.

Neste livro , Jeová não dava instruções unicamente à Moisés, mas também a Jethro. Esses originais dizem que Jethro era o Senhor da montanha. O Senhor da Montanha, em hebreu era El-Shaddai e este é particularmente importante porque quando Moisés vai à montanha pela primeira vez se encontrar com Jeová que diz "Eu sou o que sou", ele indica: "Eu sou esse que Abraão chama de El Shaddai, ou em outras versões "Eu sou o Senhor de Abraão", lembrando que Abraão o nomeava El Shaddai.

El Shaddai, conforme está nos textos da Mesopotâmia revela que o "Senhor da Montanha" era o líder dos Vulcans (artesão, mestres que fizeram o Shemana nas fornalhas).

Há uma ligação principal aqui. Jethro é de algum modo importante para este, com o Senhor da Montanha no cargo do templo.

Se Jethro era o Senhor da Montanha, ele teria dado a Moisés as leis e as ordenanças.

Então, toda história da reunião de Jeová com Moisés, conforme nos fomos conduzidos a compreender, seria um erro.

Não há nenhuma menção no livro de Jasher sobre isso. Ele menciona Jethro. Moisés casou-se com a filha de Jethro.

Outra coisa importante : as tábuas da testemunha que foram passadas por Jeová (ou Jethro ?)

Endereço postal: Casa de Columba, Caixa 20 Do Po, Fiverton Ex 16 5y p, reino Unido.

MONTE SINAI

O Monte Sinai, onde segundo a Bíblia, Moisés recebeu de Deus as tábuas com os Dez mandamentos, fica no deserto de Neguev, no sul de Israel, e não na desértica península egípcia do Sinai, que ganhou seu nome por se acreditar que nela estaria o Monte Bíblico. É o que diz o arqueólogo italiano Emanuel Anati, que passou 19 anos fazendo escavações em Karkom, monte que já era sagrado pelos povos que habitaram suas proximidades na Idade do Bronze e onde foram encontradas restos de altares, objetos de cultos e lápides. "O Monte Sinai, segundo o Êxodos é o Karkom, na cidade de Eilat, às margens do Mar Vermelho."

A descoberta de um altar feito de pedra talhada em forma de meia-lua, "Símbolo do deus babilônico, Sin," coincide com a tese de que Sin derivou o nome Sinai para o Monte.

"Eu ,Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas nas Igrejas. Eu Sou a Raiz e Geração de Davi, a resplandecente Estrela da Manhã."(Apoc. 22:06)

DE ADÃO ATÉ OS NOSSOS DIAS...

CRONOLOGIA BÍBLICA

"O CÂNON SAGRADO - (Velho Testamento)

A palavra CÂNON significa Uma Lei (ou Regra em Geral); os livros que compõe as "Sagradas Escrituras" de um modo geral, são chamados de "O Sagrado Cânon", ou regra comum da moral e dos deveres religiosos, dada pela inspiração. (Dicionário de "Webster").

As "Sagradas Escrituras" que formam o Cânon Sagrado, vem desde os tempos da criação, chegando de Adão até Moisés, passando de pai para filho, ao tempo do patriarcado hebraico.

A Moisés, atribui-se a autoria dos cinco primeiros livros das "Sagradas Escrituras", chamados de A Lei de Moisés (ou, Pentateuco), que são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio; Moisés foi instruído por Deus, a escrever (Êx. 17:14; 34:27); de Moisés até João Batista surgiram vários profetas e escritores que, inspirados por Deus, divulgaram as "Sagradas Escrituras". (Mt. 11:3; II Pe. 1:21).

O Cânon do "Velho Testamento", como comprovado por JESUS, divide-se em três partes, a saber: A Lei de Moisés (ou, Pentateuco), Os Profetas (ou, Profecias) e os Salmos (ou, Sabedoria).

A Lei de Moisés, compreende os cinco primeiros livros do "Velho Testamento"; Os Profetas, são todos os livros escritos advindos através de mensagens guiadas e inspiradas por Deus, cujos escritos trazem os seus nomes; e Os Salmos, são os agioágrafos (ou, Ketubim).

O Cânon dessas três divisões do VELHO TESTAMENTO, contendo 39 livros (uma verdadeira Biblioteca - daí, Bíblia), foi agrupado pelos israelitas, até aos dias de Jesus Cristo, como segue:

A Lei de Moisés:

Livro Abrev. Cap. Vers.

Gênesis Gn 50 1.533

Êxodo Êx 40 1.213

Levítico Lv 27 859

Números Nm 36 1.288

Deuteronômio Dt 34 959

5 livros 187 5.852

Os Profetas:

Josué Js 24 658
Juízes Jz 21 619
Rute Ru 4 85
I Samuel I Sm 31 811
II Samuel II Sm 24 695
I Reis I Rs 22 818
II Reis II Rs 25 719
I Crônicas I Cr 29 942
II Crônicas II Cr 36 822
Esdras Es 10 280
Neemias Ne 13 406
Ester Et 10 167
Jó Jó 42 1.070
Isaías Is 66 1.291
Jeremias Jr 52 1.364
Lamentações Lm 5 154
Ezequiel Ez 48 1.273
Daniel Dn 12 357
Oséias Os 14 197
Joel Jl 3 73
Amós Am 9 146
Obadias Ob 1 21
Jônas Jn 4 48
Miquéias Mq 7 105
Naum Na 3 47
Habacuque Hc 3 56
Sofonias Sf 3 53
Ageu Ag 2 38
Zacarias Zc 14 211
Malaquias Ml 4 55
30 livros 541 13.580

Os Salmos:

Salmos Sl 150 2.461
Provérbios Pv 31 915
Eclesiastes Ec 12 222
Cantares Ca 8 117
4 livros 201 3.715

Balanço:

A Lei de Moisés
5 livros 187 cap. 5.852 vers.
Os Profetas
30 livros 541 cap. 13.580 vers.
Os Salmos
4 livros 201 cap. 3.715 vers.
39 livros 929 cap. 23.147 vers.

O "Velho Testamento" originalmente foi escrito em Hebraico, exceto no livro de Daniel (de 2:4 até o fim do capítulo 7) e poucos versículos do livro de Esdras, que foram escritos em Aramaico (língua que se falava no Império dos Caldeus, na Babilônia).

O CÂNON SAGRADO - (Novo Testamento)

O CÂNON SAGRADO (Novo Testamento), originalmente foi escrito em grego, exceto o livro de São Mateus, que foi originalmente escrito em hebraico, sendo depois, vertido para o grego. Quanto ao CÂNON SAGRADO (Velho Testamento), ainda podemos informar que, posteriormente foi traduzido para o grego, por um grupo de 70 sábios judeus, convocados por Ptolomeu Filadelfo (rei do Egito - 285 / 247 a. C.); daí, o nome de SETUAGINTA à essa versão das "Sagradas Escrituras".

O rei Ptolomeu Filadelfo deu essa incumbência aos 70 judeus, porque sabia do que está escrito no livro de Romanos 3:1 –2, onde se lê: Qual, é logo, a vantagem do judeu? Muita, em toda a maneira, porque, primeiramente, AS PALAVRAS DE DEUS LHE FORAM CONFIADAS.

Então, pelos judeus e não por outro povo qualquer, foram assim enfeixados Os ORÁCULOS DE DEUS, formando esse Sagrado Cânon, que é o Velho Testamento - onde aparece a diferença (livros e porções apócrifas) entre as versões católicas (45 livros) e as versões protestantes que seguem a SETUAGINTA (39 livros), que Jesus reconheceu como verdadeiro guia da verdade.

O CÂNON do Novo Testamento, compreende os seguintes livros:

Evangelhos:

Livro Abrev. Cap. Vers.

Mateus Mt 28 1.071

Marcos Mc 16 678

Lucas Lc 24 1.151

João Jo 21 879

Históricos:

Atos At 28 1.007

Romanos Rm 16 433

I Coríntios I Co 16 437

II Coríntios II Co 13 256

Gálatas Ga 6 149

Efésios Ef 6 155

Filipenses Fp 4 104

Colossenses Cl 4 95

I Tessalonicenses I Ts 5 89

II Tessalonicenses II Ts 3 47

I Timóteo I Tm 6 113

II Timóteo II Tm 4 83

Tito Tito 3 46

Filemom Fm 1 25

Hebreus Hb 13 303

Tiago Tg 5 108

I Pedro I Pe 5 105

II Pedro II Pe 3 61

I João I Jo 5 105

II João II Jo 1 13

III João III Jo 1 15

Judas Jd 1 25

Profético:

Apocalipse Ap 22 405

Total

27 livros 260 Cap. 7.958 vers.

Como foram muitas as pessoas que fizeram essa divulgação, aconteceu, como é natural entre os humanos, uma certa diversificação entre os escritores, justificando-se para tal, o longo período que ocorreu, desde a peregrinação no deserto (1567 a. C.) até a descoberta (dentro de umas vasilhas de barro de oleiro, numa caverna no lugar chamado "Qumram", próximo ao mar Morto - Oriente Médio) dos escritos originais do livro de Isaías (1949 a. D.). Tais originais, sanaram todas as dúvidas até então existentes, entre versões bíblicas - na passagem de Isaías. 65:20 e o acréscimo do Apocalipse 12:18 além da equivocada tradução de Apocalipse 22:14.

Por derradeiro, informamos que a denominação BÍBLIA é uma forma reduzida do vocábulo Biblioteca (coleção de livros); a palavra LIVRO deriva de Biblius (que vem de rolos escritos) que eram feitos na cidade de "Biblos" (Egito), onde havia muito papiro - planta aquática têxtil (semelhante ao junco), da qual se extrai o papel.

OS LIVROS APÓCRIFOS DA BÍBLIA

Os livros APÓCRIFOS da Bíblia, foram desconsiderados de inspiração Divina pelos 70 sábios judeus

convocados por Ptolomeu Filadelfo (rei do Egito - 285 / 247 a. C.), para examinarem os "Oráculos de Deus" - pois, esse rei conhecia o texto de Romanos 3:1 e 2; daí, surgiu a versão SETUAGINTA (derivada dos 70 judeus).

O vocábulo APÓCRIFO significa Não Autêntico.

Os livros apócrifos, são sete: Tobias, Judite, Sabedoria (de Salomão), Eclesiástico, Baruc, I Macabeus e II Macabeus; as porções apócrifas, são: Ester (que é acrescentado os versículos 4 a 10, no capítulo dez) e também, mais os capítulos 11 a 16 deste livro; Carta de Jeremias (cap. 6, no livro de Baruc); O Cântico dos Três Mancebos (passagens 3:23-90 e 98-100, no livro de Daniel); História de Suzana (também, no livro de Daniel 13:1-65); Bel e o Dragão (também, no livro de Daniel 14:1-42 - totalizando cinco porções).

TOBIAS, além de não haver o texto original em hebraico, as versões gregas e latinas, discordam entre si, conforme se constata na versão católica "Beneditinos" editora Ave Maria, 1968 - pág.29.

JUDITE, o autor demonstra que está escrevendo por inspiração própria. (Ide pág.30).

SABEDORIA (de Salomão), traz a doutrina da imortalidade da alma que é contradita em I Timóteo 6:16, onde se lê: o único que possui a imortalidade . . . que conflita com o último parágrafo sobre a "Sabedoria" (Ide, pág.37).

ECLESIÁSTICO, a versão "Vulgata Latina" difere da grega e só foi incorporada mais tarde, pelos católicos. (Ibide, pág.38).

BARUC, apesar de ser um escrito de muita exortação ao arrependimento e ao pecador penitenciar-se, os historiadores não reconhecem o autor, como o mesmo personagem que serviu de secretário de Jeremias (Jeremias 36:26 e 32), pela seguinte razão: O examinador que tem profundo conhecimento cronológico da história do povo de Deus, sabe que, dado às circunstâncias dos escritos em hebraico (1:1-15 e 3:8 a .C.) conflita com 3:9 a 4:4 e 4:5 a 5:9 escrita em grego - o que é discrepante.

Os dois livros de MACABEUS, são os que trazem maior discordância duma doutrina fundamental, qual seja: O Culto aos mortos apresentado em II Macabeus 12:38-45, que o "Cânion Sagrado" afirma ser errado - veja e compare: Os filhos estão em honra, sem que ele (o pai morto) o saiba; ou ficam minguados, sem que ele (o morto) o perceba. (Jó 14:14 e 21). Numa outra passagem, lemos: Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio (ao sepulcro). (Salmo 115:17, versão protestante - 113 B, versão católica). Mas os mortos não sabem coisa alguma . . . a sua memória jaz no esquecimento . . . na sepultura para onde tu vais, não há obra . . . (Eclesiastes 9:5, 6 e 10).

ESTER, são suplementos escritos num grego assaz e tardio, sendo que, na primeira parte, não ocorre nenhuma vez o nome de Deus; estas porções, foram acrescentadas por S. Jerônimo (no século IV) e totalmente desconhecidas dos hebreus. (Consulte-se a versão "Beneditinos" editora Ave Maria, 1968 - pág. 30).

CARTA DE JEREMIAS, exorta os judeus exilados, para evitarem a idolatria de Babilônia e foi escrita cem anos antes de Cristo; nota-se uma desconformidade cronológica de mais de quatrocentos anos de diferença, idade que os homens não mais estavam alcançando , naquela época.

As TRÊS porções do livro de Daniel (O Cântico dos Três Mancebos - História de Suzana - Bel e o Dragão), estão inseridas em grego (língua, que não era falada na Babilônia, na época do cativeiro hebraico); S. Jerônimo decidiu incluir na Bíblia católica, porque considerou de grande edificação moral, o que é outra coisa. (Veja-se os comentários na versão "Beneditinos" editora Ave Maria, 1968 - pág. 42).

Nenhum dos Profetas verdadeiros, nem JESUS e nem os Apóstolos, fazem qualquer referência a estes livros e porções apócrifos , o que demonstra total ausência de inspiração Divina e desconhecimento dos mesmos.

Por derradeiro, informo que: A divisão da BÍBLIA em capítulos, foi feita no século XIII, por Estêvão Langton e a divisão dos capítulos em versículos, foi feita no século XVI, por Roberto Stephanus.

OS LIVROS INEXISTENTES DA BÍBLIA

No "Cânion Sagrado" ou, Sagradas Escrituras (a Bíblia), há referências de LIVROS que não foram coletados; simplesmente, eles não constam porque, não foram encontrados até hoje.

São NOVE LIVROS INEXISTENTES, conforme segue:

- 1 - Livro dos Justos (Js. 10:41; II Sm. 1:18);
- 2 - Livro dos Sucessos de Salomão (I Rs. 11:41);
- 3 - Livro de Gade, o vidente (I Cr. 29:29);
- 4 - Livro do profeta Natã (I Cr. 29:29; II Cr. 9:29);
- 5 - A Profecia de Aías (II Cr. 9:29);
- 6 - A História do profeta Ido (II Cr. 9:29; 12:15; 13:22);
- 7 - Livro de Semaías, o profeta (II Cr. 12:15);

- 8 - As Crônicas de Jeú (II Cr. 20:34);
9 - A Epístola aos Laodicenses (Cl. 4:16).

NÚMEROS QUE IMPRESSIONAM

Estudando-se a BÍBLIA, minuciosamente, obtém-se números expressivos, que impressionam ao leitor, como segue:

- 01 - A Bíblia declara 2.008 vezes, que o ALTÍSSIMO é o seu único Autor, sendo que, no "Novo Testamento" esta declaração é feita 525 vezes.
02 - Jesus afirma 50 vezes, que a Bíblia é a Palavra de Deus.
03 - A palavra IMORTAL, só se encontra uma vez em toda a Bíblia (protestante), e isto em referência à Divindade (I Tm. 1:17); não há nenhuma outra passagem bíblica (protestante), que fale de uma alma "imortal".
04 - O nome JESUS encontra-se mil vezes; e o nome CRISTO encontra-se 500 vezes - no Novo Testamento.
05 - A segunda vinda de Jesus Cristo é mencionada 318 vezes - no Novo Testamento.
06 - Na Bíblia há 603 Mandamentos - e não somente os Dez Mandamentos do Decálogo.
07 - Na Bíblia há 365 Não Temas - um para cada dia do ano.
08 - A palavra DOMINGO não ocorre nenhuma vez na Bíblia.
09 - A palavra SÁBADO ocorre 87 vezes (no Velho Testamento) e 54 vezes (no Novo Testamento) - totalizando 14 vezes em toda a Bíblia (protestante).
10 - A Bíblia contém 773.698 Palavras Inspiradas, escritas com um total de 3.566.480 letras.
11 - O capítulo mais longo da Bíblia é o Salmo 119 (com 174 versículos) e o capítulo mais curto é o Salmo 117 (com 2 versículos).
12 - O versículo central da Bíblia é o SALMO 118:8;
maior versículo é o Ester 8:9;
o menor versículo é o S. Lucas 20:30.
13 - O nome próprio mais comprido existente na Bíblia é o mencionado em Isaías 8:3: MAER-SALAL-HAS-BAZ (masculino).
14 - A palavra SENHOR, encontra-se 7.698 vezes mencionada na Bíblia.
15 - O homem que mais viveu, METUSALÉM (969 anos).

A CRONOLOGIA DA HISTÓRIA

- 0001 - Adão - viveu 930 anos (aos 130, com a esposa Eva gerou Seth) a 0930
0130 - Seth - viveu 912 anos (aos 105, gerou Enos) a 1042
0235 - Enos - viveu 905 anos (aos 90, gerou Cainã) a 1140
0325 - Cainã - viveu 910 anos (aos 70, gerou Maalaleel) a 1235
0395 - Maalaleel - viveu 895 anos (aos 65, gerou Jered) a 1290
0460 - Jered - viveu 962 anos (aos 162, gerou Enoch) a 1422
0622 - Enoch - viveu 365 anos e não morreu (aos 65, gerou Metusalém) a 0987
0687 - Metusalém - quem mais viveu - 969 anos (aos 187, gerou Lamec; a 1656
0874 - Lamec - viveu 777 anos (aos 182, gerou Noé) a 1651
1056 - Noé - viveu 950 anos (aos 500, gerou Sem - Cã e Jafé) 2006
1556 - Sem - viveu 600 anos (aos 100, gerou Arfaxad) a 2156
1656 - DILÚVIO > (De 2.580 à 2.579 a.C.) a 1675
1656 - Arfaxad - viveu 438 anos (aos 35, gerou Salá) a 2094
1691 - Salá - viveu 433 anos (aos 30, gerou Heber) a 2124
1721 - Heber - viveu 464 anos (aos 34, gerou Peleg) a 2185
1755 - Peleg - viveu 239 anos (aos 30, gerou Reú) a 1994
1785 - Reú - viveu 239 anos (aos 32, gerou Serug) a 2024
1817 - Serug - viveu 230 anos (aos 30, gerou Naor) a 2047
1847 - Naor - viveu 148 anos (aos 29, gerou Therá) a 1995
1876 - Therá - viveu 205 anos (aos 70, gerou Abraão) a 2081
1946 - Abraão "Pai da Fé" - viveu 175 anos e gerou aos 86, com Hagar: Ismael; aos 100, com Sara: Isac; com Quetura: Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Jisboque e Suá; este patriarca morreu, em 2121
2032 - Ismael "Pai dos Árabes" viveu 137 anos, tendo gerado os "12 Príncipes ismaelitas": Nebaiote,

Quedar, Adbeel, Mibsão, Misma, Duzmá, Massá, Hadade, Tema, Jetur, Nafise, Quedemá além da filha Hadar; morreu, 2169
 2046 – Isac "Pai dos Hebreus" viveu 180 anos e aos 60, gerou com esposa Rebeca, os gêmeos Esaúe Jacó; morreu em 2226
 2106 – Jacó "Pai dos Israelitas" viveu 147 anos e gerou com Léia: Rubem, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom e Diná; com Bila: Dã e Naftali; com Zilpa: Gade e Aser; com Raquel: José e Benoni [mudado para Benjamim]; com Tamar Er, Onã e Selá; chegou ao Egito, com 130 anos, patriarcando 66 pessoas; morreu, em 2253
 0000 – PATRIARCAS 4.235 anos (De 4.235 à 1.999 a.C.) a 2236
 2236 – SERVIDÃO no Egito 430 anos (De 1.999 à 1.569 a.C.) a 2666
 2666 – PEREGRINAÇÃO no Deserto 40 anos (De 1.569 à 1.529 a.C.) até 2706
 2586 – Moisés "O Legislador" viveu 120 anos e gerou com Zípora: Gérson e Eliezer; porém, com a concubina Tarbis não gerou; morreu (e foi levado ao céu, pelos anjos), em 2706
 2706 – TEOCRACIA de Israel 396 anos (De 1.529 à 1.133 a.C.) 3102
 3102 – 01º rei Saul (foi mau e reinou 40 anos) a 3142
 3142 – 02º rei David (foi bom e reinou 40 anos) a 3182
 3182 – 03º rei Salomão (foi bom e reinou 40 anos) a 3222
 3222 – 04º rei Roboão (foi mau e reinou 17 anos) a 3239
 3239 – 05º rei Abias (foi mau e reinou 3 anos) a 3242
 3242 – 06º rei Asa (foi bom e reinou 41 anos) a 3283
 3283 – 07º rei Josafá (foi bom e reinou 25 anos) a 3308
 3308 – 08º rei Jeorão (foi mau e reinou 8 anos) a 3316
 3316 – 09º rei Acazias (foi mau e reinou 1 ano) 3317
 3317 – 10º rainha Atalaia (usurpou o filho Acazias, foi má e reinou 7 anos) 3324
 3324 – 11º rei Joás (filho de Acazias, foi bom e reinou 40 anos) 3364
 3364 – 12º rei Amazias (foi bom e reinou 29 anos) a 3393
 3393 – 13º rei Uzias (foi bom e reinou 52 anos) a 3445
 3445 – 14º rei Jotão (foi bom e reinou 16 anos) a 3461
 3461 – 15º rei Acaz (foi mau e reinou 16 anos) a 3477
 3477 – 16º rei Ezequias (foi bom e reinou 29 anos) a 3506
 3506 – 17º rei Manassés (foi mau e reinou 55 anos + 11 anos cativo de Assarhaddón [rei da Assíria) a 3572
 3572 – 18º rei Amom (foi mau e reinou 2 anos) a 3574
 3574 – 19º rei Josias (foi bom e reinou 31 anos) a 3605
 3605 – 20º rei Jeoacaz (reinou 3 meses e foi deposto pelo Faraó Neco) a 3605
 3605 – 21º rei Eliaquim (constituído pelo Faraó Neco depois Jeoaquim reinou 11 anos, sendo deposto pelo rei Nabucodonosor) até 3616
 3616 – 22º rei Joaquim (reinou 3 meses, foi constituído e deposto pelo rei Nabucodonosor a 3616
 3616 – 23º rei Zedequias (reinou 11 anos, foi constituído e deposto pelo rei Nabucodonosor) a 3627
 3102 – MONARQUIA de Israel 525 anos (De 1.133 à 608 a.C.) a 3627
 3627 – CATIVEIRO na Babilônia 70 anos (De 608 à 538 a.C.) a 3697
 1656 – BABILÔNIA 2041 anos (De 2.579 à 538 a.C.) a 3697
 3697 – MEDO-PERSA 207 anos (De 538 à 331 a.C.) a 3904
 3904 – GREGOS 163 anos (De 331 à 168 a.C.) a 4067
 3482 – Fundação de ROMA por Rômulo e Remo (Em 753 a.C.)
 3482 – Sacro Império Romano 1.143 anos (De 753 a.C. à 395 a. D até 4625
 4625 – Imp. Romano Oc. ROMA 81 anos (De 395 à 476 a. D.) 4706
 4625 – Imp. Romano Or. CONST. 1.058 anos (De 395 à 1.453 a. D.) até 5683
 0000 – Pré-História (De Adão 4.235 ao Dilúvio 2.580 a.C.) a 1656
 1657 – História (De 2.579 à queda da Babilônia 538 a.C.) a 3697
 3697 – Tempo de Angústia (De 538 ao nascimento de Jesus Cristo) até 4235
 4235 – JESUS CRISTO "O Salvador do Mundo" (De 0005 à 0038 a. D.) até 4268
 4268 – Idade Antiga (De 0038 à divisão do Imp. Romano 0395 a. D.) a 4625
 4625 – Idade Média (De 0395 à queda de Constatinópla 1.453 a. D.) até 5683
 5683 – Idade Moderna (De 1.453 à queda da Bastilha 1.789 a. D.) até 6019
 6019 – Idade Contemporânea (De 1.789 à 2.001 a. D.) 6231
 5730 – BRASIL > (De 1.500 até hoje) a 6231

??? – O FIM desta era. ???

EVANGELHO GNÓSTICO DE JOÃO

Atos de João

Complemento de Mateus 26, versículos 29A até 30

Antes que fosse preso pelo julgamento dos Judeus, O Mestre nos reuniu a todos e disse: "Antes que eu seja entregues a eles, cantaremos um hino ao Pai e, em seguida, iremos ao encontro daquilo que nos espera."

Ele pediu que nos déssemos as mãos em roda e colocando-se no meio, disse: "Respondei-me Amém."

Começou , então a cantar um hino que dizia: "Gloria ao Pai". E nós ao redor lhe respondíamos: "Amém".

"Glória á Graça; glória ao Espírito; glória ao Santo; glória a sua glória." - Amém.

"Nós o louvamos, ó Pai; nós lhe damos graças, ó Luz em que não habita as trevas." - Amém.

"Agora direi porque damos graças:"

"Devo ser salvo e salvarei." - Amém.

"Devo ser liberto e libertarei."-Amém.

"Devo ser gerado e gerarei."-Amém.

"Devo ouvir e serei ouvido."-Amém.

"Devo ser lembrado e sempre lembrarei."-Amém.

"Devo ser lavado e lavarei."-Amém.

"A Graça dança em conjunto, eu devo tocar a flauta, dançai todos."-Amém.

"O reino dos anjos cantam louvores conosco."-Amém

"Ao universo pertence àquele que participa da dança."-Amém.

"Quem participa da dança, não sabe o que vai acontecer."-Amém.

"Devo ir mas vou ficar."-Amém.

"Devo honrar e devo ser honrado."-Amém.

"Não tenho morada mas estou em todas os lugares."-Amém.

"Não tenho templo mas estou em todos os templos."-Amém.

"Sou um espelho para aquele que me contempla."-Amém.

"Sou uma porta para aquele que bate."Amém.

"Sou um caminho para ti que passa."Amém.

"Se seguires minha dança, compreendes o que falo, guarda silêncio sobre meus mistérios."

"Tu, que participa da dança, compreende o que faço, pois a ti pertence esse sofrimento.!

"Tu não poderia de maneira alguma compreender o que sofre, se Eu não tivesse sido enviado como Logos do Pai."

"Viste o que sofro, me viste sofrendo, e não ficaste incessível, mas sim profundamente perturbado."

"Tu, que pela perturbação alcançaste a sabedoria, tens em mim um leito: repousa em mim."

"Saberás quem sou quando Eu tiver partido. O que pareço ser agora, não sou. Tu verás quando vieres."

"Se soubesse como sofrer, seria capaz de não sofrer mais. Aprende a sofrer e tornar-te-ás capaz de não mais sofrer."

"O que não sabes, eu mesmo vou ensinar. Sou teu Deus. Quero andar no mesmo ritmo das almas santas. Aprende comigo a palavra da sabedoria."

"Dize-me de novo: Glória ao Pai; glória ao Logo; glória ao Espírito Santo.

"Tu queres saber o que sou? Com a palavra revelei tudo, e não fui de modo algum revelado."

"Compreende bem: Eu estarei aqui. Quando tiveres compreendido, diz: Glória ao Pai !"-Amém.

MATEUS 26 versículo 30

Depois do Canto dos Salmos, saíram para o monte as Oliveiras.

A revelação do mistério da cruz

dos Atos de João

Depois que o Senhor dançou conosco, meu amado, ele foi embora.

E nós ficamos como homens supresos e entorpecidos, e partimos para aqui e acolá.

E assim eu o ví sofrer, e não esperei por seu sofrimento, mas parti para o Monte das Oliveiras e chorei sobre o que veio a se passar. E quando ele estava pendurado sobre a cruz na Sexta-feira, na sexta hora do dia, veio uma escuridão sobre toda a terra.

E meu Senhor ficou no meio da caverna, iluminando-a disse:

"João, para o povo lá em baixo em Jerusalem,
Eu estou sendo crucificado e perspassado com lanças e espinhos,
e estão me dando vinagre e bÍlis para beber.
Mas para você Eu estou falando, escutai o que eu digo.
Eu coloquei em tua mente para vires a esta montanha
para que possais ouvir o que um discípulo
deve aprender de seu mestre e homem de Deus."

E quando ele disse isto, mostrou-me uma cruz de Luz firmemente fixa,
e em volta da cruz uma grande multidão, que não tinha nenhuma forma definida,
e na cruz estava uma outra forma, com a mesma aparência.
E eu ví o Senhor, ele mesmo, sobre a cruz, sem nenhuma forma,
mas apenas um tipo de voz; não aquela voz que conhecíamos,
mas uma que era doce e gentil e verdadeiramente a voz de Deus, que me disse:

"João, deve haver um homem para ouvir estas coisas de mim:
pois eu preciso de um que esteja pronto para ouvir.
Esta cruz de Luz é algumas vezes chamda de Logos por mim,
para vossos propósitos, algumas vezes Mente, algumas vezes Jesus.
Algumas vezes Cristo, algumas vezes uma porta, algumas vezes um caminho,
algumas vezes pão, algumas vezes semente, algumas vezes ressurreição,
algumas vezes Filho, algumas vezes Pai, algumas vezes Espírito, algumas vezes Vida,
algumas vezes Pistis (Fé), algumas vezes Charis (graça);
e assim é chamada para propósitos do homem."

"Mas o que é verdadeiramente,
como conhecida em sí mesma e dito por nós, é que:
É a distinção de todas as coisas;
e a forte elevação do que está firmemente fixo, fora do que é instável,
e a harmonia da Sabedoria, sendo Sabedoria em harmonia.
Mas há lugares à direita e à esquerda,
Poderes, Autoridades, Principalidades e demônios,
ameaças, paixões, diabos, Satan, e a raiz inferior
de onde a natureza das coisas transientes provém."

"Esta cruz então é aquela que unificou todas as coisas pela palavra e
que as separou do que é transitório e inferior,
e que também compactou coisas dentro de mim.
Mas esta não é aquela cruz de madeira que você deverá ver quando descer daqui;
nem eu sou o homem que está sobre aquela cruz.
Eu, quem agora você não vê, mas apenas ouve a minha voz.
Eu fui tomado para ser aquilo o que eu não sou,
Eu, que não sou o que para muitos eu fui;
mas o que eles irão dizer de mim é penoso e indigno de mim.
Desde então o lugar de meu repouso não deve ser nem visto nem revelado.
Muito mais deverei eu, o Senhor deste lugar, ser nem visto nem revelado."

"A multidão ao redor da cruz, que não é de uma forma, é a natureza inferior.
E aqueles que voce viu na cruz, mesmo que eles ainda não tenham uma forma -
nem todos os membros daquele que desceu foram ainda reunidos.
Mas quando a natureza humana é tomada,
e a raça que vem a mim e obedece a minha voz,
então aquele que agora me ouve,
deverá unir-se a esta raça e não será mais o que ele é agora,
mas estará acima deles, como eu estou agora.

Por tanto tempo enquanto não te chamastes meu,
eu não sou o que sou, mas se me ouvís,

tú também como um ouvinte deverás ser o que eu era,
quando fores como eu sou comigo mesmo,
pois de mim tú és o que eu sou.

Portanto ignore os muitos e despreze aqueles que estão fora do mistério;
pois deves saber que eu sou totalmente com meu Pai, e o Pai comigo."

"Assim eu não sofri nada daquelas coisas das quais irão dizer de mim;
mesmo o sofrimento que eu mostrei a você e ao resto em minha dança,
eu desejo que isto seja chamado de mistério.
Pois o que voce é, que eu mostrei a voce, como voce vê;
mas o que eu sou, é apenas conhecido por mim mesmo, e ninguém mais.

Deixa me ter o que é meu;
o que é teu deves ver através de mim;
mas a mim deves ver não verdadeiramente o que eu sou, como eu disse,
mas aquilo que voce, meu parente, é capaz de saber.

Tú ouvistes que eu sofri, e eu não sofri,
e aquilo que eu não sofri, ainda assim eu sofri,
e que eu fui transpassado, ainda assim eu não fui ferido,
que eu fui pendurado, ainda assim eu não fui pendurado,
que o sangue fluiu de mim, ainda assim ele não fluiu,
e, numa palavra,
aquilo que eles dizem de mim, eu não confirmo,
mas aquilo que eles não dizem,
estas coisas, eu sofri.

Agora, que coisas são estas, que eu secretamente mostro a voce;
pois eu sei que tú irás entender.
Tú deves conhecer a mim, então, como um tormento do logos,
o sangue do logos, as feridas do logos, o jejum do logos, a morte do logos.
E assim eu digo, descartando minha humanidade.
O primeiro então que deves conhecer é o Logos, depois deves
conhecer o Senhor, e em terceiro lugar o homem, e o que ele sofreu."

Quando ele disse estas coisas para mim, e outros a quem eu não sei como dizer, como ele desejava,
ele foi tomado, sem que ninguém da multidão o visse. E descendo, eu rí deles todos, pois ele havia me
dito o que eles diziam dele; e eu guardei esta única coisa em minha mente, que o Senhor realizou tudo
como um símbolo (sinal)
e uma liberação para a conversão e salvação do homem.

O EVANGELHO DE MARIA MADALENA

INTRODUÇÃO

Salvador disse: " Todas as espécies, todas as formações, todas as criaturas estão unidas, elas
dependem umas das outras, e se separarão novamente em sua própria origem. Pois a essência da
matéria somente se separará de novo em sua própria essência. Quem tem ouvidos para ouvir que
ouça."

**Pedro lhe disse: " Já que nos explicaste tudo, dize-nos isso também: o que é o pecado do
mundo?"**

**Jesus disse: "Não há pecado ; sois vós que os criais, quando fazeis coisas da mesma espécie
que o adultério, que é chamado 'pecado'. Por isso Deus Pai veio para o meio de vós, para a
essência de cada espécie, para conduzi-la a sua origem."**

**Em seguida disse: "Por isso adoceis e morreis [...]. Aquele que compreende minhas palavras,
que as coloque-as em prática. A matéria produziu uma paixão sem igual, que se originou de algo
contrário à Natureza Divina. A partir daí, todo o corpo se desequilibra. Essa é a razão por que
vos digo: tende coragem, e se estiverdes desanimados, procurais força das diferentes
manifestações da natureza. Quem tem ouvidos para ouvir que ouça."**

**Quando o Filho de Deus assim falou, saudou a todos dizendo: "A Paz esteja convosco. Recebei
minha paz. Tomai cuidado para ninguém vos afaste do caminho, dizendo: 'Por aqui' ou 'Por lá',**

Pois o Filho do Homem está dentro de vós. Segui-o. Quem o procurar, o encontrará. Prossegui agora, então, pregai o Evangelho do Reino. Não estabeleçais outras regras, além das que vos mostrei, e não instituais como legislador, senão sereis cerceados por elas." Após dizer tudo isto partiu.

Mas eles estavam profundamente tristes. E falavam: "Como vamos pregar aos gentios o Evangelho ao Reino do Filho do Homem? Se eles não o procuraram, vão poupar a nós?" Maria Madalena se levantou, cumprimentou a todos e disse a seus irmãos: "Não vos lamentais nem sofrais, nem hesiteis, pois sua graça estará inteiramente convosco e vos protegerá. Antes, louvemos sua grandeza, pois Ele nos preparou e nos fez homens". Após Maria ter dito isso, eles entregaram seus corações a Deus e começaram a conversar sobre as palavras do Salvador. Pedro disse a Maria: "Irmã, sabemos que o Salvador te amava mais do que qualquer outra mulher. Conta-nos as palavras do Salvador, as de que te lembrás, aquelas que só tu sabes e nós nem ouvimos."

Maria Madalena respondeu dizendo: "Esclarecerei a vós o que está oculto". E ela começou a falar essas palavras: "Eu", disse ela, "eu tive uma visão do Senhor e contei a Ele: 'Mestre, apareceste-me hoje numa visão'. Ele respondeu e me disse: 'Bem aventurada sejas, por não teres fraquejado ao me ver. Pois, onde está a mente há um tesouro'. Eu lhe disse: 'Mestre, aquele que tem uma visão vê com a alma ou como espírito?' Jesus respondeu e disse: "Não vê nem com a alma nem com o espírito, mas com a consciência, que está entre ambos - assim é que tem a visão [...]".

E o desejo disse à alma: 'Não te vi descer, mas agora te vejo subir. Por que falas mentira, já que pertences a mim?' A alma respondeu e disse: 'Eu te vi. Não me viste, nem me reconheceste. Usaste-me como acessório e não me reconheceste.' Depois de dizer isso, a alma foi embora, exultante de alegria.

"De novo alcançou a terceira potência, chamada ignorância. A potência, inquiriu a alma dizendo: 'Onde vais? Estás aprisionada à maldade. Estás aprisionada, não julgues!' E a alma disse: 'Por que me julgaste apesar de eu não haver julgado? Eu estava aprisionada; no entanto, não aprisionei. Não fui reconhecida que o Todo se está desfazendo, tanto as coisas terrenas quanto as celestiais.'

"Quando a alma venceu a terceira potência, subiu e viu a quarta potência, que assumiu sete formas. A primeira forma, trevas; a segunda, desejo; a terceira, ignorância; a quarta, é a comoção da morte; a quinta, é o reino da carne; a sexta, é a vã sabedoria da carne; a sétima, a sabedoria irada. Essas são as sete potências da ira. Elas perguntaram à alma: 'De onde vens, devoradoras de homens, ou onde vais, conquistadora do espaço?' A alma respondeu dizendo: 'O que me subjugava foi eliminado e o que me fazia voltar foi derrotado..., e meu desejo foi consumido e a ignorância morreu. Num mundo fui libertada de outro mundo; num tipo fui libertada de um tipo celestial e também dos grilhões do esquecimento, que são transitórios. Daqui em diante, alcançarei em silêncio o final do tempo propício, do reino eterno'."

Depois de ter dito isso, Maria Madalena se calou, pois até aqui o Salvador lhe tinha falado. Mas André respondeu e disse aos irmãos: "Dizei o que tendes para dizer sobre o que ela falou. Eu, de minha parte, não acredito que o Salvador tenha dito isso. Pois esses ensinamentos carregam idéias estranhas". Pedro respondeu e falou sobre as mesmas coisas. Ele os inquiriu sobre o Salvador: "Será que ele realmente conversou em particular com uma mulher e não abertamente conosco? Devemos mudar de opinião e ouvirmos ela? Ele a preferiu a nós?" Então Maria Madalena se lamentou e disse a Pedro: "Pedro, meu irmão, o que estás pensando? Achas que inventei tudo isso no mau coração ou que estou mentindo sobre o Salvador?"

Levi respondeu a Pedro: "Pedro, sempre fostes exaltado. Agora te vejo competindo com uma mulher como adversário. Mas, se o Salvador a fez merecedora, quem és tu para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhece bem. Daí a ter amado mais do que a nós. É antes, o caso de nos envergonharmos e assumirmos o homem perfeito e nos separaremos, como Ele nos mandou, e pregarmos o Evangelho, não criando nenhuma regra ou lei, além das que o Salvador nos legou."

Depois que Levi disse essas palavras, eles começaram a sair para anunciar e pregar.

A CRIAÇÃO DO UNIVERSO

Pseudo-Epígrafo de Gênesis
Livro de Melquisedeque
A Criação do Universo I

Antes que existisse uma estrela a brilhar, antes que houvesse anjos a cantar, já havia um céu, o lar do Eterno, o único Deus.

Perfeito em sabedoria, amor e glória, viveu o Eterno uma eternidade, antes de concretizar o Seu lindo sonho, na criação do Universo.

Os incontáveis seres que compõem a criação foram, todos, idealizados com muito carinho. Desde o íntimo átomo às gigantescas galáxias, tudo mereceu Sua suprema atenção.

Movendo-Se com majestade, iniciou Sua obra de criação. Suas mãos moldaram primeiramente um mundo de luz, e sobre ele uma montanha fulgurante sobre a qual estaria para sempre firmado o trono do Universo. Ao monte sagrado Deus denominou: Sião.

Da base do trono, o Eterno fez jorrar um rio cristalino, para representar a vida que d'Ele fluiria para todas as criaturas.

Como sala do trono, criou um lindo paraíso que se estendia por centenas de quilômetros ao redor do monte Sião. Ao paraíso denominou: Éden.

Ao sul do paraíso, em ambas as margens do rio da vida, foram edificadas numerosas mansões adornadas de pedras preciosas, que se destinavam aos anjos, os ministros do reino da luz. Circundando o Éden e as mansões angelicais, construiu Deus uma muralha de jaspe luzente, ao longo da qual podiam ser vistos grandes portais de pérolas.

Com alegria, o Eterno contemplou a Capital sonhada.

Carinhosamente, o grande Arquiteto a denominou: Jerusalém, a Cidade da Paz.

Deus estava para trazer à existência a primeira criatura racional. Seria um anjo glorioso, de todos o mais honrado. Adornado pelo brilho das pedras preciosas, esse anjo viveria sobre o monte Sião, como representante do Rei dos reis diante do Universo.

Com muito amor, o Criador passou a modelar o primogênito dos anjos. Toda sabedoria aplicou ao formá-lo, fazendo-o perfeito. Com ternura concedeu-lhe a vida; o formoso anjo, como que despertando de um profundo sono, abriu os olhos e contemplou a face de seu Autor.

Com alegria, o Eterno mostrou-lhe as belezas do paraíso, falando-lhe de Seus planos, que começavam a se concretizar. Ao ser conduzido ao lugar de sua morada, junto ao trono, o príncipe dos anjos ficou agradecido e, com voz melodiosa, entoou seu primeiro cântico de louvor. Das alturas de Sião, descortinava-se, aos olhos do formoso anjo, Jerusalém em sua vastidão e esplendor. O rio da vida, ao deslizar sereno em meio à Cidade, assemelhava-se a uma larga avenida, espelhando as belezas do jardim do Éden e das mansões angelicais.

Envolvendo o primogênito dos anjos com Seu manto de luz, o Eterno passou a falar-lhe dos princípios que haveriam de reger o reino universal. Leis físicas e morais deveriam ser respeitadas em toda a extensão do governo divino.

As leis morais resumiam-se em dois princípios básicos: amar a Deus sobre todas as coisas e viver na fraternidade com todas as criaturas. Cada criatura racional deveria ser um canal por meio do qual o Eterno pudesse jorrar aos outros vida e luz. Dessa forma, o Universo cresceria em harmonia, felicidade e paz.

Depois de revelar ao formoso anjo as leis de Seu governo, o Eterno confiou-lhe uma missão de grande responsabilidade: seria o protetor daquelas leis, devendo honra-las e revela-las ao Universo prestes a ser criado. Com o coração transbordante de amor a Deus e aos semelhantes, caber-lhe-ia ser um modelo de perfeição: seria Lúcifer, o portador da luz. O príncipe dos anjos; agradecido por tudo, prostrou-se ante o amoroso Rei, prometendo-lhe eterna fidelidade.

O Eterno continuou Sua obra de criação, trazendo à existência inumeráveis hostes de anjos, os ministros do reino da luz. A Cidade Santa ficou povoada por essas criaturas radiantes que, felizes e gratas, uniam as vozes em belíssimos cânticos de louvor ao Criador.

Deus traria agora à existência o Universo que, repleto de vida, giraria em torno de Seu trono firmado em Sião. Acompanhado por Seus ministros, partiu para a grandiosa realização.

Depois de contemplar o vazio imenso, o Eterno ergueu as poderosas mãos, ordenando a materialização das multiformes maravilhas que haveriam de compor o Cosmo. Sua ordem, qual trovão, ecoou por todas as partes, fazendo surgir, como que por encanto, galáxias sem conta, repletas de mundos e sóis - paraísos de vida e alegria -, tudo girando harmoniosamente em torno do monte Sião. Ao presenciarem tão grande feito do supremo Rei, as hostes angelicais prostraram-se, fazendo ecoar pelo espaço iluminado um cântico de triunfo, em saudação à vida. Todo o Universo uniu-se nesse cântico de gratidão, em promessa de eterna fidelidade ao Criador.

Guiados pelo Eterno, os anjos passaram a conhecer as riquezas do Universo. Nessa excursão sideral, ficaram admirados ante a vastidão do reino da luz. Por todas as partes encontravam

mundos habitados por criaturas felizes que os recebiam em festa. Os anjos saudavam-nos com cânticos que falavam das boas novas daquele reino de paz.

Tão preciosa como a vida, a liberdade de escolha, através da qual as criaturas poderiam demonstrar seu amor ao Criador, exigia um teste de fidelidade. Com o propósito de revelá-lo, o Eterno conduziu as hostes por entre o espaço iluminado, até se aproximarem de um abismo de trevas que contrastava com o imenso brilho das galáxias. Ao longe, esse abismo revelara-se insignificante aos olhos dos anjos, como um pontinho sem luz; mas à medida de sua aproximação, mostrou-se em sua enormidade. O Criador, que a cada passo revelava aos anjos os mistérios de Seu reino, ficou ali silencioso, como que guardando para Si um segredo. As trevas daquele abismo consistiam no teste da fidelidade. Voltando-Se para as hostes, o Eterno solenemente afirmou:

-"Todos os tesouros da luz estarão abertos ao vosso conhecimento, menos os segredos ocultos pelas trevas. Sois livres para me servirem ou não. Amando a luz estareis ligados à Fonte da Vida".

Com estas palavras, fez Deus separação entre a luz e as trevas, o bem e o mal. O Universo era livre para escolher seu destino.

Pseudo-Epígrafo de Gênesis

Livro de Melquisedeque

A Criação do Universo II

O tão acalentado sonho do Criador se concretizara. Agora, como Pai carinhoso, conduzia as criaturas através de uma eternidade de harmonia e paz. Em virtude do cumprimento das leis divinas, o Universo expandia-se em felicidade e glória.

Havia um forte elo de amor, que a todos unia fortemente. Os seres racionais, dotados da capacidade de um desenvolvimento infinito, encontravam indizível prazer em aprender os inesgotáveis tesouros da Sabedoria divina, transmitindo-os aos semelhantes. Eram como canais por meio dos quais a Fonte da Eterna Vida nutria a todos de amor e luz.

Em Jerusalém, os ministros do reino reuniam-se ante o soberano Rei, sempre prontos a cumprir os Seus propósitos. Era através de Lúcifer que o Eterno tornava manifesto os Seus desígnios. Depois de receber uma nova revelação, ele prontamente a transmitia às hostes angelicais. Estas, por sua vez, a compartilhavam com a criação. Em célere vôo os anjos rumavam para as terras planetas capitais, onde, em grandes assembléias, reuniam-se os representantes dos demais mundos.

Em muitas dessas assembléias, Lúcifer fazia-se presente, enchendo os participantes de alegria e admiração. Perfeito em todas as virtudes, ele os cativava com sua simpatia. Nenhum outro anjo conseguia revelar como ele os mistérios do amor do Eterno.

O Universo, alimentando-se da Fonte da Vida, expandia-se numa eternidade de perfeita paz. A obediência às leis divinas era o fundamento de todo progresso e felicidade. Ainda que conscientes do livre-arbítrio, jamais subira ao coração de qualquer criatura o desejo de se afastar do Criador. Assim foi por muito tempo, até que tal problema irrompeu na vida daquele que era o mais íntimo do Eterno.

Lúcifer, que dedicara sua vida ao conhecimento dos mistérios da luz, sentiu-se aos poucos atraído pelas trevas. O Rei do Universo, aos olhos de quem nada pode ser encoberto, acompanhou com tristeza os seus passos no caminho descendente que leva à morte. A princípio, uma pequena curiosidade levou Lúcifer a se aproximar daquele abismo profundo. Contemplando-o, ele começou a indagar o porquê de não poder compreender o seu enigma. Retornando a seu lugar de honra, junto ao trono, prostrou-se ante o divino Rei, suplicando-Lhe:

- Pai, dá-me a conhecer os segredos das trevas, assim como me revelas a luz.

Ante o pedido do formoso anjo, o Eterno, com voz expressiva de tristeza, disse-Lhe:

- Meu filho, você foi criado para a luz, que é vida.

Convencendo-se de que o Criador não lhe revelaria os tesouros das trevas, Lúcifer decidiu compreender por si mesmo o enigma. Julgava-se capacitado para tanto.

Só Deus sabia o que se passava no coração de Lúcifer. O anjo, que fora criado para ser o portador da luz, estava divorciando-se em pensamentos do bondoso Criador que, num esforço de impedir o desastre, rogava-lhe permanecer a Seu lado.

Uma tremenda luta passou a travar-se em seu íntimo. O desejo de conhecer o sentido das trevas era imenso, contudo, os rogos daquele amoroso Pai, a quem não queria também perder, o torturavam. Vendo o sofrimento que sua atitude causava ao Criador, às vezes demonstrava arrependimento, mas voltava a cair.

Antes de criar o Universo, Deus já previra a possibilidade de uma rebelião. O risco de conceder liberdade às criaturas era imenso, mas, sem este dom, a vida não teria sentido.

Ele queria que a obediência fosse fruto de reconhecimento e amor, por isso decidiu correr o grande risco.

Ainda que prosseguisse na busca do sentido das trevas, Lúcifer não pretendia abandonar a luz. Esforçava-se para chegar a uma combinação entre essas partes que, no reino do Eterno, coexistiam separadas. Finalmente, com um sentimento de exaltação, concebeu uma teoria enganosa, que pretendia apresentar ao Universo como um novo sistema de governo, superior ao governar do Eterno. Denominou sua Lei "a ciência do bem e do mal".

Estruturada na lógica, a ciência do bem e do mal revelou-se atraente aos olhos de Lúcifer, parecendo descerrar um sentido de vida superior àquele oferecido pelo Criador, cujo reino possibilitava unicamente o conhecimento experimental do bem. No novo sistema, haveria equilíbrio entre o bem e o mal, entre o amor e o egoísmo, entre a luz e as trevas.

Ao longo do tempo em que amadurecera em sua mente a ciência do bem e do mal, Lúcifer soube guardar segredo diante do Universo. Continuava em seu posto de honra, cumprindo a função de Portador da Luz. Contudo, por mais que procurasse fingir, seu semblante já não revelava alegria em servir ao Eterno.

O divino Rei, que sofria em silêncio, procurava, por meio de Suas revelações de amor, preparar as criaturas racionais para a grande prova que se aproximava. Sabia que muitos dariam ouvido à tentação, voltando-Lhe as costas. A noite da provação faria sobressair, contudo, os verdadeiros fiéis - aqueles que serviam ao Criador não por interesse, mas por amor.

Ao ver que a hora da prova chegara, e que Lúcifer estava pronto para traí-Lo diante do Universo, o Eterno, que jamais cessara de revelar os tesouros de Sua sabedoria, tornou-se silencioso e contemplativo. O silêncio fez reviver no coração das hostes a lembrança daquela primeira excursão sideral, quando, depois de lhes mostrar as riquezas do reino da luz, Deus tornou-se silencioso ante aquele abismo. Lembrem-se de Suas palavras: "Todos os tesouros da luz estarão abertos ao vosso conhecimento, menos os segredos ocultos pelas trevas. Sois livres para me servirem ou não. Amando a luz estareis ligados à Fonte da Vida".

Lúcifer, que passara a cobiçar o trono de Deus, indagou-Lhe o motivo de Seu silêncio. O Criador, contemplando-o com infinita tristeza, disse-lhe: "É chegada a hora das trevas. Você é livre para realizar seus propósitos".

Vendo que o momento propício para a propagação de sua teoria havia chegado, Lúcifer convocou os anjos para uma reunião especial. As hostes, desejosas de conhecer o significado do silêncio do Pai, tomaram seus lugares junto ao magnífico anjo, que sempre lhes revelara os tesouros do reino da luz.

Lúcifer começou seu discurso exaltando, como de costume, o governo do Eterno. Num amplo retrospecto, lembrou-lhes as grandiosas revelações que os enriquecera em toda aquela eternidade.

O silêncio divino, apresentou-o como sendo a indicação de que o Universo alcançara a plenitude do conhecimento oriundo da luz. Silenciando, o Eterno abria-lhes caminho para o entendimento de mistérios ainda não sondados, mantidos até então além dos limites de Seu governo.

Surpresas, as hostes tomaram conhecimento da experiência de Lúcifer sobre as trevas. Com eloqüência, ele falou-lhes da ciência do bem e do mal, indicando-a como o caminho das maiores realizações.

O efeito de suas palavras logo se fez sentir em todo o Universo. A questão era decisiva e explosiva, gerando pela primeira vez discórdia. Os seres racionais, em sua prova, tinham de optar por permanecer somente com o conhecimento da luz, o qual Lúcifer afirmava haver chegado ao seu limite, ou se aventurar no conhecimento da ciência do bem e do mal. No começo, os anjos debateram-se diante da questão, sendo logo depois todo o Universo posto à prova. Dir-se-ia que a ciência do bem e do mal haveria de arrebanhar a maior parte das criaturas, mas, aos poucos, muitos que a princípio se empolgaram com a teoria, despertaram para a ilusão da mesma, reafirmando sua fidelidade ao reino da luz. Ao fim desse conflito, que se arrastou por longo tempo, revelou-se um terço das estrelas do céu ao lado de Lúcifer, e as restantes, ainda que abaladas pela prova ao lado do Eterno.

A ciência do bem e do mal fora apregoada por Lúcifer como um novo sistema de governo. Mas como exercê-lo, se o Eterno continuava reinando em Sião? O conselho, formado pelos anjos

rebeldes, passou a tratar disso. Decidiram, finalmente, solicitar-Lhe o trono por um tempo determinado, no qual poderiam demonstrar a excelência do novo sistema de governo. Caso fosse aprovado pelo Universo, o novo sistema se estabeleceria para sempre; caso contrário, o domínio retornaria ao Criador.

Foi assim que Lúcifer, acompanhado por suas hostes, aproximou-se d'Aquele Pai sofredor, fazendo-Lhe tal pedido.

O Eterno não era ambicioso, apenas queria bem às Suas criaturas. Se a ciência do bem e do mal consistisse realmente num bem maior, não Se oporia à sua implantação, cedendo o trono a seus defensores. Mas Ele sabia que aquele caminho conduziria à infelicidade e à morte.

Movido por Seu amor protetor, o Criador desatendeu o pedido das hostes rebeldes, que se afastaram enfurecidas.

Lúcifer e suas hostes passaram a acusar o divino Rei, proclamando ser o seu governo de tirania. Afirmavam ser sua permanência no trono a mais patente demonstração de Sua arbitrariedade. Não lhes concedera liberdade de escolha? Por que neutralizá-la agora, impedindo-os de pôr em prática um sistema de governo superior?

As acusações das hostes rebeldes repercutiram por todo o Universo, fazendo parecer que o governo do Eterno era injusto.

Isto trouxe profunda angústia àqueles que permaneciam fiéis ao reino da luz. Não sabendo como refutar tais acusações, essas criaturas, emudecidas pela dor moral, ansiavam pelo momento em que novas revelações procedentes do Criador pudessem aclarar-lhes os mistérios desse grande conflito.

As acusações e blasfêmias das hostes rebeldes alcançavam o ponto culminante quando o Eterno, num gesto surpreendente, ergueu-se de Seu trono, como que pronto a deixá-lo. Os infiéis, na expectativa de uma conquista, aquietaram-se, enquanto um sentimento de temor penetrava no coração dos súditos da luz. Entregaria Ele o domínio de toda a criação, para livrar-Se das vis acusações? De acordo com a lógica a partir da qual Lúcifer fundamentava seus ensinamentos, não restava outra alternativa ao Criador. Nesta tremenda expectativa, o Universo acompanhava os passos de Deus.

Num gesto de humildade, o Criador despojou-Se de Sua coroa e de Seu manto real, depondo-os sobre o alvo trono. Em Seu semblante não havia expressão de ressentimento ou ira, mas de infinito amor e tristeza.

Com solenidade, o Eterno proclamou que o momento decisivo chegara, quando cada criatura deveria selar sua decisão ao lado da luz ou das trevas. Numa ampla revelação, alertou para as conseqüências de um rompimento com a Fonte da Vida.

Lúcifer e seus seguidores estavam conscientes da seriedade daquele momento.

Vendo que o Trono permanecia vazio, Lúcifer e suas hostes, dominados pela cobiça, romperam definitivamente com o Criador

Ao ver um terço dos súditos transpor as divisas da eterna separação, Deus deixou extravasar a dor angustiante que por tanto tempo martirizava Seu coração, curvando-Se em inconsolável pranto. Contemplando Seus filhos rebeldes, ergueu a voz numa lamentação dolorosa: "Meus filhos, meus filhos! Já não posso chamá-los assim! Queria tanto tê-los nos braços meus! Lembro-Me quando os formei com carinho! Vocês surgiram felizes e perfeitos, em acordes de esperança em eterna harmonia!

Vivi para vocês, cobrindo-os de glória e poder! Vocês foram a minha alegria! Por que seus corações mudaram tanto? O que mais poderia eu ter feito para fazê-los permanecer comigo? Hoje minh'alma sangra em dor pela separação eterna! Como olharei para os lugares vazios onde tantas vezes rejubilantes ergueram as vozes em hosanas festivas, sem me vir à mente um misto da felicidade e dor?! Saudade infinita já invade o meu ser, e sei que será eterna!

Hoje o meu coração rompeu e quebrou-se; as cicatrizes carregarei para sempre!

Depois de proclamar em pranto tão dolorosa lamentação, o Eterno, dirigindo-Se a Lúcifer, o causador de todo o mal, disse:

"Você recebeu um nome de honra ao ser criado. Agora não mais o chamarão Lúcifer, mas Satã, O Senhor das Trevas".

Depois de lamentar a perdição das hostes rebeldes, o Eterno, em lentos passos, ausentou-se do jardim do Éden, lugar do trono Universal.. Onde seria agora a Sua morada....

As hostes fiéis acompanharam reverentes os Seus misteriosos passos de abandono, que pareciam descerrar um futuro difícil, de sofrimentos e humilhações. Ocupariam os rebeldes o divino trono, profanando-o como domínio do pecado? Esta indagação torturava o coração dos súditos do Eterno.

Deixando Sua amada Cidade, o Senhor da luz conduziu-Se, em meio às glórias do Universo, em direção do abismo imenso, a respeito do qual silenciara até então. Ali deteve-Se mais uma vez, emudecido, enquanto parecia ler nas trevas um futuro de grandes lutas. Ante o sofrimento do Eterno, expresso na tristeza de Seu semblante, os fiéis puderam finalmente compreender o significado daquele misterioso abismo: consistia numa representação simbólica do reino da rebeldia.

Na face entristecida de Deus manifestou-se, por fim, um brilho que aos fiéis animou. Erguendo os poderosos braços ante as trevas, ordenou em alta voz: "Haja luz."

Imediatamente, a luz de Sua presença inundou o profundo abismo e, triunfando sobre as trevas, revelou um mundo inacabado, coberto por cristalinas águas. Com esse gesto, iniciava o Eterno uma grande batalha pela reivindicação de Seu governo de luz;

batalha do amor contra o egoísmo; da justiça contra a injustiça; da humildade contra o orgulho; da liberdade contra a escravidão; da vida contra a morte. Batalha que, sem trégua, se estenderia até que, no alvorecer almejado, pudesse o divino Rei retornar vitorioso ao santo monte Sião, onde, entronizado em meio aos louvores dos remidos, reinaria para sempre em perfeita paz. As trevas, em sua fuga, apontavam para o aniquilamento final da rebeldia.

As águas abundantes que cobriam aquele mundo, até então oculto, simbolizavam a vida eterna que para os fiéis seria conquistada pelo amor que tudo sacrifica.

O mundo revelado era a Terra. Visitada pelas trevas e pela luz, ela seria o palco da grande luta.

Rejubilavam-se os fiéis ante o triunfo da luz naquele primeiro dia, quando as trevas em sua fúria rolaram sobre o planeta, sucumbindo-o em densa escuridão. A luz, que parecia vencida, renasceu vitoriosa num lindo alvorecer.

Ao raiar a luz do segundo dia, o Eterno ordenou: "Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre água e águas."

Imediatamente, o calor de Sua luz fez com que imensa quantidade de vapor se elevasse das águas, envolvendo o planeta num manto de transparência anil. Surgiu assim a atmosfera, com sua mistura perfeita de gases que seriam essenciais à vida que em breve coroaría o planeta. O Criador, contemplando a expansão, denominou-a "céus".

A atmosfera, que cheia de brilho envolvia a Terra, sombreou-se ao sobrevir o crepúsculo de um outro entardecer.

Pseudo-Epígrafo de Gênesis

Livro de Melquisedeque

A Criação do Universo III

Ao serem vencidas as trevas no terceiro dia, o Criador prosseguiu Sua obra, fazendo surgir os imensos continentes que ainda estavam sob a superfície das águas. Com as mãos erguidas ordenou: "Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar e apareça a porção seca."

Em pronta obediência, as cristalinas águas cederam sua posição superior à porção seca que se ergueu, sobrepondo-se a elas.

Nas regiões baixas da Terra, as águas continuariam refletindo o brilho celeste, sendo um refrigério para as criaturas sedentas.

Nesse gesto de humildade, as águas prefiguravam o Criador, que na grande luta desceria ao mais profundo abismo para fazer renascer nas almas sedentas a vida eterna.

Contemplando a face daquele novo mundo, o Eterno denominou a parte seca "terra", e ao ajuntamento das águas chamou "mares".

Com Sua poderosa voz prosseguiu, ordenando: "Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela sobre a terra."

Em obediência ao mando divino, a superfície sólida do planeta revestiu-se de toda sorte de vegetação: lindos prados a florir, campos verdejantes entrecortados por rios cristalinos, florestas sem fim.

Enquanto com admiração as hostes contemplavam as belezas daquela criação, surpreenderam-se ao reconhecer sobre o novo planeta o jardim do Éden, lugar do trono divino. O Eterno, pelo poder de Sua palavra, o havia transferido para o seio daquele mundo especial, onde em justiça seria confirmado o governo do Universo.

Contemplando Sua obra, o Criador com felicidade exclamou: "Eis que tudo é muito bom." As hostes fiéis agora podiam compreender melhor a importância da luz divina. Sua ausência havia ofuscado, naquela noite, as belezas de Sião.

Nesse novo dia, o Criador expressaria o Seu grande poder, dando à Terra luminares que a encheriam de luz e calor. Esses luminares permaneceriam para sempre como símbolos da presença espiritual do Eterno, que é a fonte de toda a luz.

Contemplando o espaço escuro e vazio que se estendia ao redor da Terra, com potente voz ordenou: "Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; sejam eles para sinais e para tempos determinados, para dias e anos. E sejam para luminares na expansão dos céus para alumiar a Terra."

Imediatamente, o espaço tornou-se radiante pelo brilho do sol e pelo reflexo de planetas e estrelas. Ante esta demonstração de poder, as hostes fiéis curvaram-se em reverente adoração. No quarto dia, o Eterno criou os mundos de nosso sistema solar não para serem habitados como a Terra, mas para o equilíbrio do sistema. Encheriam também o céu de fulgor, abrandando as trevas das noites terrenas.

Volvendo os olhos para a Terra, as hostes alegraram-se por vê-la radiante em cores. Bem próximo dela podia-se ver a Lua que, com seu reflexo prateado, afugentaria as profundas sombras noturnas.

Envolvidos por esse cenário encantador, os filhos da luz, rejubilantes, saudaram o alvorecer do quinto dia, que seria de muitas surpresas. O Eterno tornaria a Terra festiva pela presença de infindáveis espécies de animais irracionais que habitariam toda a superfície do planeta. Essa criação teria continuidade no sexto dia. Erguendo as poderosas mãos, o Criador, olhando primeiramente para as cristalinas águas, ordenou: "Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente."

De imediato, as águas tornaram-se ondulantes pela presença de incontáveis espécies de répteis. Desde os seres microscópicos até as grandes baleias, todos surgiram em completa harmonia, refletindo em sua natureza o amor do Criador.

Pousando os olhos sobre a atmosfera anil que repousava sobre as verdejantes florestas, o Eterno continuou: "Voem as aves sobre a face da expansão dos céus".

Mediante Sua ordem, os Céus encheram-se de pássaros coloridos que, voando em todas as direções, tinham no coração um cântico de gratidão pela vida. Esse cântico encheu o ar, misturando-se com o perfume das matas floridas.

Contemplando com prazer Suas criaturas terrenas, o Eterno abençoou-as dizendo: "Frutificai e multiplicai-vos e enchei as águas nos mares, e as aves se multipliquem na Terra."

Alvorecer do sexto dia. Erguendo os potentes braços, o Eterno ordenou: "Produza a Terra alma vivente conforme a sua espécie: gado, répteis e bestas-feras da terra, conforme a sua espécie." Sua voz poderosa foi prontamente ouvida e, nas florestas e campos, pôde-se ver o resultado de Seu poder criador. Animais de todas as espécies despertaram numa existência feliz, em meio a um paraíso de perfeita paz.

Movendo-Se com majestade, o Eterno baixou às glórias do novo mundo, dirigindo-Se ao jardim do Éden, lugar do divino trono. Os anjos da luz acompanharam-no reverentes, detendo-se qual nuvem sobre os céus do paraíso. Todo Universo observava com profundo interesse o desdobramento dos atos do Criador, em resposta às acusações de seus inimigos.

O momento era decisivo. Tudo indicava que o Eterno demonstraria não ser tirano nem egoísta, coroando alguém sobre o monte Sião. Satã e seus seguidores não duvidavam de que o reino lhes seria entregue e reinariam vitoriosos no seio daquele antigo abismo, onde as trevas e a luz agora se entrelaçavam. Os súditos da luz estremeceram ante essa perspectiva.

Junto à fonte do rio da vida, o Eterno curvou-Se solenemente e, com os elementos naturais da Terra, começou a moldar, com muito carinho, uma criatura especial. Depois de alguns instantes, estava estendido diante do Criador o corpo, ainda sem vida, do primeiro homem. O Eterno contemplou-o e, após acariciar-lhe a face fria e descorada, soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida e o homem começou a viver.

Como que despertando de um sono, o homem abriu os olhos e contemplou a face meiga de Seu Criador que, sorrindo, beijou-lhe a face agora corada e cheia de vida. Emocionou-se ao ouvir o Eterno dizer-lhe com voz suave e cheia de afeição: "Meu filho, meu querido filho!" Por ter nascido do solo, o primeiro homem recebeu o nome de Adão.

As hostes fiéis que admiradas testemunhavam a grandiosa realização divina, emocionadas ante o gesto humano, prostraram-se também em reverente adoração. Uniram então as vozes num cântico de júbilo em saudação àquela criatura especial, que despertava para a vida num momento tão decisivo para o Universo.

Com o coração cheio de felicidade, Adão uniu-se aos anjos em seu cântico de louvor. Sua voz, ao ecoar pelos arredores floridos, misturou-se ao canto das aves e ao mugir de animais que se aproximavam em festa.

Num passeio de surpresas inesquecíveis, Adão foi conscientizado das belezas de seu lar. Com admiração, contemplou o monte Sião, donde jorrava o rio da vida, numa cascata de luz. Com intensa alegria, Adão tomava conhecimento das infindáveis espécies de animais que povoavam o jardim. Todos eram mansos e submissos e viviam em perfeita harmonia e felicidade. Observando os animais, Adão percebeu que eles desfrutavam de um companheirismo especial. Via por toda parte casais felizes que viviam um para o outro. Seus pensamentos voltaram-se para o Seu Companheiro. Olhou ao derredor e ficou surpreso por não vê-Lo. O Eterno havia Se ocultado propositalmente, tornando-Se invisível.

Adão sentia-se solitário em meio àquele paraíso. Com quem partilharia sua felicidade e seu amor? Havia ali os animais, mas eles eram irracionais, não podendo compartilhar de seus ideais. Nascia em seu coração, ao caminhar solitário naquele entardecer, um desejo ardente de encontrar alguém que pudesse estar sempre a seu lado.

Enquanto Adão olhava para as distantes colinas na esperança de ver alguém, o Eterno apresentou-Se ao seu lado e disse-lhe: "Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma companheira."

Adão ficou feliz ao ouvir do Criador essa promessa, justamente no momento em que tanto ansiava ter alguém para estar sempre visível a seu lado.

Tomado por um profundo sono, Adão reclinou-se no peito de seu amoroso Criador que, com carícias, o fez adormecer. Em seu subconsciente surgiram os primeiros sonhos : Contempla o olhar meigo do Eterno; ouve o som harmonioso da música angelical; descobre as maravilhas ao derredor: o monte Sião com seu arco-íris; o rio da vida; os prados em flor; os animais que o saúdam em festa. Repetem-se em seus sonhos as cenas que o envolveram em seu anseio; olha ao derredor na esperança de encontrar seu companheiro, mas não o vê. Sente-se solitário em seu sonho, e isso o faz procurar alguém com quem possa compartilhar sua existência. Seu olhar estende-se por campinas verdejantes, divisando ao longe colinas floridas. Enquanto caminha esperançoso, sente a brisa mansa a afagar-lhe os cabelos macios. Conversa com a brisa: "Brisa, você parece ser quem tanto procuro; você me afaga os cabelos; beija minha face; você tem o perfume das verdes matas. Se eu pudesse ver sua face, beijá-la-ia; se eu pudesse tocar os seus cabelos, faria longas tranças e as enfeitaria com as flores do nosso jardim!"

Após caminhar em sonho pelos prados do paraíso, Adão deteve-se enquanto contemplava a paisagem ao redor. Admirou-se por não ver o efeito da brisa nos ramos floridos. Mas como, se a sentia calidamente no rosto? Começou então a despertar de seu sonho. Ainda com os olhos fechados lembrou-se do momento em que, sonolento, recostara-se no peito do Eterno. Seria a brisa o afago de Suas mãos? Com esta indagação abriu os olhos e emocionou-se ao contemplar uma linda mulher que, com as mãos perfumadas, acariciava-lhe a face com amor. Era a brisa de seu sonho; a promessa de um Criador que só queria fazê-lo feliz.

Agora Adão era completo, pois tinha Eva, que era carne de sua carne e ossos de seus ossos. Tomando-a pela mão, Adão convidou-a para um passeio de surpresas inesquecíveis. Mostraria à sua companheira as belezas de seu lar.

Sensibilizada Eva detinha-se a cada passo, atraída pelas flores que exalavam suaves perfumes; pelos pássaros que gorjeavam alegres cantos; pelos animais que os seguiam submissos; pela vegetação de ricos matizes; pelas águas cristalinas do rio da vida que jorravam em cascata do monte Sião. Tudo no paraíso era perfeito e belo, mas nada se igualava ao ser humano, criado à imagem de Deus. Voltaram-se um para o outro em admiração e carícias. Embalados por esse amor, permaneceram até o entardecer.

Com deleite, o jovem casal passou a contemplar o sol poente que, através de rosados raios, coloria o céu em lindo arrebol. Era o sexto dia que chegava ao seu final, dando lugar às horas de um dia especial: o sábado. Esse dia, em seu significado, seria solene para todos os súditos do Eterno, pois seu alvorecer traria a vitória para o reino da luz.

Indagavam o sentido das trevas quando, por entre as ramagens, viram um lindo luar, cujos raios prateados banhavam a natureza em suave luminosidade. Todo o céu estava iluminado pelo fulgor das estrelas. Admirados, descobriram que a noite somente era trevas quando se olhava para baixo.

Adão e Eva em sua inocência não sabiam que aquela noite simbolizava o futuro sombrio da humanidade. Quando o compreendessem, ficariam confortados ao contemplar o fulgor dos

céus: o luar falaria de esperança e as estrelas cintilantes testemunhariam o interesse das hostes da luz em aclarar-lhes as trevas morais, dando alento aos pecadores. Mas seriam iluminados apenas aqueles que, desviando os olhos da Terra, contemplassem os altos céus.

Após contemplar por algum tempo o céu em sua luminosidade, o casal, lembrando-se das belezas do paraíso, voltou os olhos, buscando divisá-las. Estavam, porém, ocultas em meio às sombras. Quanto almejavam o alvorecer, pois somente ele traria consigo o paraíso!

Ante o anseio do coração humano, o Eterno surgiu em meio às trevas, devolvendo ao casal a alegria de se encontrar novamente num jardim colorido.

Banhados em suave luz, caminhavam agora por prados verdejantes e floridos. o brilho do Criador despertava a natureza por onde passavam, colorindo e alegrando tudo em derredor. O casal, admirado, aprendeu que ao lado do Eterno poderiam ter um paraíso em plena noite. Sentindo-se sonolentos, Adão e Eva recostaram-se no colo do amoroso Pai, que os faz adormecer docemente, esperançosos de um despertar feliz. Deitando-os sobre a relva macia, o Eterno elevou-Se indo para junto das hostes contemplativas. Voltaria a manifestar-Se ao alvorecer, fazendo o casal despertar para o mais solene acontecimento, que reduziria a pó as vis acusações dos inimigos.

A noite escura e fria, através de suas longas horas, parecia zombar da luz. Ofuscaria para sempre as belezas da criação? Oh, jamais! O sol não recuaria ante a imponência das trevas; surgiria em breve como um libertador, arrebatando com seus cálidos raios a natureza das frias garras, dando-lhe vida e cor.

Num último desafio, as trevas tornaram-se densas nas horas que antecederam o alvorecer. A noite arregimentava suas forças para lutar pelo domínio usurpado.

Finalmente, surgiu no leste um lampejo que parecia falar de esperança em um novo dia. O céu aos poucos tornou-se colorido de um vermelho vivo. As trevas impotentes recuaram ante a força crescente da luz e foram consumidas em sua fuga. A natureza

começou a despertar da longa noite, refletindo em seu seio os saudosos raios. Flores abriram-se, exalando perfumes de alegria; animais e aves, silenciados pela noite, uniram as vozes num cântico triunfal em saudação ao alvorecer daquele dia grandioso.

A negra noite chegara ao fim, dando lugar à luz do dia sonhado - dia que para Deus tinha um sentido especial, pois prefigurava a final vitória de Seu reino sobre o domínio da rebeldia.

O Eterno agora despertaria Seus filhos humanos que, banhados pela luz de Sua presença, haviam adormecido na esperança de um alvorecer feliz. Numa marcha festiva, todas as hostes santas, com cânticos de vitória, acompanharam-nO rumo ao paraíso

banhado em luz. Quando já estavam próximos, o Criador deteve-Se contemplando o casal adormecido, e exclamou suavemente: "Acordem meus filhos." Sua voz penetrou nos ouvidos de Adão e Eva, despertando-os para a mais feliz comunhão. Quão depressa raiara a acalentada manhã, trazendo em sua luz o doce paraíso, perdido naquela noite! Com alegria o casal saudou o divino Criador, unindo-se aos anjos em antífonas triunfais.

O Universo vivia um momento deveras solene. Naquela manhã festiva, o Eterno haveria de revelar a grandeza de Seu caráter, que é justiça e amor. As acusações de que Seu governo era de egoísmo e tirania seriam refutadas.

Aos olhos de todas as criaturas racionais do vasto Universo, Deus conduziu o jovem casal ao monte Sião, lugar do divino trono. Ali, ante o estremeamento das hostes emudecidas, o Criador, num gesto surpreendente, cobriu o homem com o manto real, colocando sobre sua cabeça a coroa que fora cobiçada por Lúcifer.

Movidos por profunda gratidão pela suprema honra conferida, Adão e Eva prostraram-se reverentes, depondo aos pés do Criador sua coroa preciosa, em sinal de submissão. Seguiu-se a esse gesto humano um brado de vitória que sacudiu toda a Criação. Os filhos da luz, que por tanto tempo haviam sofrido afrontas e humilhações ante as constantes acusações das hostes rebeldes, exaltaram em retumbante louvor o Deus bendito, que em Sua obra de justiça desmentira os inimigos, revelando Seu caráter de humildade, desprendimento e amor.

Tendo constituído o homem como o senhor de toda a criação, o Eterno, com voz solene, passou a conscientizá-lo da grandiosidade de sua missão. Como um guardião, deveria cuidar do paraíso, mantendo límpida a fonte do rio da vida. As leis da justiça e do amor, fundamentos do reino da luz, deveriam ser honradas. Como um cetro racional, caberia ao homem, em gesto de reconhecimento e gratidão, aceitar livremente o governo d'Aquele que o criou.

As hostes, que maravilhadas testemunhavam a revelação do desprendimento divino, compreenderam que o Senhor da Luz não governaria mais o Universo, a não ser com o

consentimento humano. O homem, pela vontade do Eterno, fora feito o árbitro da criação; em seu glorioso ser, feito à imagem do Criador, resplandecia o selo do eterno domínio.

Após revelar ao casal a infinita honra e responsabilidade de sua missão, o Criador conscientizou-o do conflito espiritual que se travava pela conquista do domínio universal: Lúcifer, que por incontáveis eras servira ao divino Rei em Sião, havia sido corrompido pelo orgulho e pelo egoísmo, sendo seguido por um terço das hostes racionais; buscavam agora destronar o Eterno, desonrando-O com vis acusações. Tendo revelado ao ser humano a dolorosa situação em que o Universo se encontrava, o Eterno, num gesto solene, mostrou-lhe duas altaneiras árvores que, carregadas de grandes frutos, se erguiam em ambas as margens do rio que nascia do trono. A que se elevava à direita revelou o Senhor ser a árvore da vida monumento do reino da luz. A que se erguia à outra margem revelou ser a árvore da ciência do bem e do mal - símbolo da rebeldia. Comendo do fruto da árvore da vida, o homem manifestaria sua submissão ao Criador, que é Fonte de vida e luz. Comer da outra árvore seria entregar ao inimigo o domínio de Sião. O inevitável resultado desse passo seria a morte eterna, não somente para o ser humano, mas para toda a criação, que se reduziria ao caos sob a fúria da rebeldia.

Após contemplar demoradamente as duas altaneiras árvores, que externavam em seus frutos tão infinita responsabilidade, Adão prostrou-se ante o Criador, dizendo: "Digno és Senhor de reinar sobre o Universo, pois pela Tua sabedoria, amor e poder todas as coisas foram criadas e subsistem."

O sábado, emblema do triunfo divino, encheu-se de louvor. Todos os filhos da luz uniram-se ao ser humano no mais harmonioso cântico de exaltação Àquele cuja grandeza é sem par.

Foi com espanto que Satã e seus seguidores testemunharam a grandiosa realização do Eterno. Presenciaram com amargura a alegria dos fiéis ante a coroação do homem- acontecimento que lançara por terra as fortes acusações que eles haviam levantado contra o governo divino. Cheios de frustração e ira, consideravam agora sua triste condição. Quão terrível e humilhante era-lhes o pensamento de verem seus planos de rebeldia desfazerem-se diante do Criador, semelhantes às sombras daquela noite. Se pudessem, pensavam, encheriam o sábado de trevas, banindo da mente dos súditos do Eterno qualquer esperança de vitória.

Finalmente, em suas considerações, Satã e seus liderados compreenderam que lhes restava uma oportunidade: no meio do jardim do Éden, nas alturas de Sião, elevava-se, junto ao rio da vida, a árvore da ciência do bem e do mal. Bastaria um gesto humano, nada mais, e teriam sob seu poder, para sempre, o domínio cobiçado. Mas como seduzi-lo?

Animado ante a perspectiva de uma conquista, Satã procurou, com engenhosidade, arquitetar um plano de abordagem. Sabia que, se falhasse em sua tentativa, todas as esperanças de triunfo ter-se-iam diluído, desfazendo-se todos os seus sonhos de aventura. Concluiu que o engano haveria de ser sua poderosa arma. Não fora através dele que conseguira dominar um terço das hostes celestes?! Aguardaria, portanto, um momento propício para armar sua cilada.

Pseudo-Epígrafo de Gênesis

Livro de Melquisedeque

A Criação do Universo IV

No Éden pairava uma perfeita paz. Por todos os lados os passarinhos faziam ouvir seus alegres trinos em louvor constante ao Criador. Toda a natureza a florir parecia proclamar um reino de eterna alegria. Os animais sempre submissos ao homem, o senhor daquele paraíso encantador. Tudo era felicidade para o casal; mas esta tornava-se mais intensa na viração daqueles dias primaveris. O arrebol, que com sua beleza coloria o céu prenunciando as escuras noites, anunciava-lhes também o momento da visita diária do Eterno. Juntos, sob a luz de Sua presença, passavam longo tempo em conversação. Com ânimo, o casal contava ao Senhor as surpreendentes maravilhas que iam descobrindo a cada dia na natureza. Deus, com carinho, descerrava-lhes o significado de cada ser.

Como Ele fora bom, trazendo-os à existência e concedendo-lhes um lar tão cheio de delícias! Ao despertarem para as alegrias de cada dia, vinham-lhes à lembrança as carícias e o doce canto do Eterno, que os fazia adormecer todas as noites.

A vida de Adão e Eva no Éden não era de ociosidade. A eles foi recomendado o cuidado do jardim. Sua ocupação não era cansativa, ao contrário, era agradável e revigorante. O Criador indicara o trabalho como uma fonte de benefícios para o homem, a fim de ocupar-lhe a mente e

fortalecer-lhe o corpo, desenvolvendo-lhe todas as faculdades. Na atividade mental e física, o homem encontrava um elevado prazer.

Era comum ao jovem casal receber visitas de seres celestes. Aos visitantes sempre tinham novidades a relatar e perguntas a fazer. Passavam longo tempo ouvindo deles sobre as maravilhas do reino de luz. Através desses visitantes, Adão e Eva passaram a ter amplo conhecimento da rebelião de Lúcifer e de suas eternas conseqüências. Aos visitantes, Adão e Eva sempre pediam que lhes ensinassem os harmoniosos cânticos celestiais. Como se deleitavam ao unirem as vozes ao coro angelical!

Em Sua onisciência, Deus tinha conhecimento do terrível intento do inimigo. Convocando as Suas hostes principais, revelou-lhes com pesar o iminente perigo que pairava sobre o Universo. Satã haveria de armar uma cilada, a fim de levar o homem a comer da árvore da ciência do bem e do mal. Ante essa revelação, os filhos da luz ficaram temerosos, pois conheciam a tremenda facilidade de Satã em enlaçar criaturas inocentes e atirá-las em suas malhas de morte. No solene concílio, sem a autorização de Deus, decidiram enviar, com urgência, mensageiros para advertirem o homem do grande perigo. Dois poderosos anjos foram encarregados dessa decisiva missão.

Imediatamente, os mensageiros comissionados irromperam pelos portais de Jerusalém, alcançando o seio do espaço infinito.

Em instantes, transpuseram imensidões, cruzando todo o universo.

Podiam agora divisar a pouca distância o Jardim do Éden, onde o destino do Universo estava para ser decidido.

Adão e Eva viram então no límpido céu o sinal da aproximação dos visitantes celestes e a eles ergueram os braços numa alegre saudação. Adão e Eva admiraram-se, porém, por não verem no semblante deles a mesma alegria. Os visitantes traziam na face uma expressão de anseio que eles não podiam entender. Tentaram mudar-lhes a triste feição, contando-lhes as novas descobertas feitas no paraíso. Os mensageiros, todavia, não tendo tempo disponível como outrora, interromperam-nos com palavras de advertência. Satã haveria de armar-lhes uma cilada, a fim de levá-los a comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Se dessem ouvi dos à tentação, fariam sucumbir toda a criação no abismo de um eterno caos.

Os anjos lembraram-lhes que o reino lhes fora confiado como um sagrado depósito, devendo, em uma vida de fidelidade, honrar Aquele que por amor esvaziou-Se, colocando-Se numa posição de hóspede do ser humano. Adão e Eva deveriam ser

firmes ante as insinuações do inimigo, pois assim selariam a eterna vitória do reino da luz.

Falando-lhes da feliz recompensa que se seguiria ao seu triunfo, os anjos revelaram que era plano de Deus a transferência de Jerusalém Celeste para a Terra. Ali, novamente acoplada ao paraíso, permaneceria para sempre. E o homem, submisso ao Criador, reinaria pelos séculos sem fim sobre o monte Sião, em meio aos louvores das hostes universais.

Mas tudo isso dependia inteiramente do posicionamento humano frente às tentações do inimigo, que faria de tudo para arrebatá-lo o reino.

Adão e Eva ficaram temerosos ao conhecerem os planos de Satã, mas foram consolados ao saber que ele não poderia fazer-lhes nenhum mal, forçando-os a comer do fruto proibido. Se, porventura, procurasse intimidá-los com seu poder, todas as hostes do Eterno viriam em seu socorro.

Os mensageiros da luz concluíram sua missão recomendando ao casal permanecerem vigilantes, tendo sempre em mente a responsabilidade que sobre eles repousava.

Adão e Eva, agradecidos pelas advertências dos anjos, uniram as vozes num cântico de promessa em uma eterna vitória.

Estavam certos de que jamais abandonariam o bendito Criador, ouvindo a voz do tentador.

Animados ante a promessa humana, os dois mensageiros retornaram ao seio da Jerusalém Celeste onde, junto às hostes santas, aguardariam com anseio o anelado triunfo.

Satã viu aproximarem-se do paraíso os mensageiros e ouviu o canto do homem prometendo uma eterna vitória. Esse cântico fez com que sua inveja e ódio aumentassem de tal maneira que não os pôde conter. Disse então a seus seguidores que em breve faria silenciar aquela voz.

As hostes rebeldes ficaram curiosas para conhecer os planos de seu chefe, mas foram por ele advertidas de que deveriam aguardar até que tudo ficasse para sempre decidido. Se o homem ouvisse sua voz, comendo do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, seria vitorioso, possuindo para sempre o domínio do Universo. Caso o homem resistisse, permanecendo fiel ao Criador, já não haveria qualquer esperança para eles.

O paraíso parecia estar envolvido por uma eterna segurança, mas no semblante do homem podia ser vista uma expressão de temor. Desde a partida dos anjos, Adão e Eva permaneciam

silenciosos, meditando com reverência sobre a tremenda responsabilidade de sua missão. Pensavam na seriedade daquela iminente prova que haveria de selar o seu futuro e o de toda a Criação. Animados, contudo, ante o pensamento da vitória, uniram mais uma vez as vozes num cântico que expressava a certeza do triunfo anelado.

Satã, que observava atentamente o casal, percebeu estar chegando a sua oportunidade. Aproximou-se de forma invisível do paraíso, e ficou esperando o melhor momento.

Inconsciente da presença do inimigo, o casal continuava em sua desprevenida alegria. No semblante transtornado de Satã estampou-se um maldoso sorriso, ao presenciar um descuido do casal: em sua exaltação, haviam afastando-se um do outro. O astuto inimigo, não perdendo tempo, apossou-se de uma serpente, a mais bela do paraíso, fazendo-a aproximar-se graciosamente de Eva.

Eva, que assentada no gramado brincava com os animais, percebeu a presença da atraente serpente, cujo corpo refletia as cores do arco-íris. Ficou admirada ao vê-la colher flores e frutos do jardim, depositando-os a seus pés. Agradecida, tomou-a nos braços, dedicando-lhe afeto.

Tendo conquistado a afeição da mulher, Satã, em sua astúcia, começou a atraí-la para junto da árvore da ciência do bem e do mal. Sem se dar conta do perigo, Eva acompanhou a serpente até a árvore da prova. Ali, tendo nos braços o inimigo velado, acariciou-o e disse-lhe palavras de carinho. Tendo nos olhos o brilho da sedução, a serpente pôs-se a falar. Suas palavras eram cheias de sabedoria e ternura e sua voz como a de um anjo. Eva mal pôde crer no que via. Sua alegria tornou-se imensa por ter nos braços uma criatura tão fantástica. Passaram a conversar sobre muitas coisas: o amor; as belezas do jardim; o poder do Criador. Eva ficou admirada ante o conhecimento tão vasto da serpente, que discorria com maestria sobre qualquer assunto. Envolvida por essa experiência, Eva esqueceu-se completamente de seu companheiro. Nem sequer passavam pela sua mente as advertências dos anjos.

Subitamente o coração de Adão pulsou forte por não ver Eva a seu lado. Ergueu então a voz num grito ansioso. Sua voz, ecoou pelo paraíso, contudo, não trouxe consigo uma resposta. O silêncio quase o sufocou. Em sua aflição pôs-se a correr de um lado para outro, procurando-a, em vão. Nessa ansiosa busca, sentiu a brisa afagar-lhe os cabelos e recordou seu primeiro sonho. Essa lembrança, no entanto, desfez-se ante o pensamento do perigo que os ameaçava. Com a mente tomada por um grande senso de culpa, Adão apressou o passo na aflitiva procura. Onde estaria a sua amada? Mais uma vez ergueu a voz num grito ansioso que repercutiu por todo jardim: "Eva, onde você está?" Aguardou uma resposta, mas ouviu somente um eco vazio que o desesperou.

Lembrou-se da árvore da ciência do bem e do mal; ali era o único lugar que não fora procurado. Com a serpente em seus braços, Eva interrogou-a a respeito de muita coisa. Maravilhou-se ao perceber que a serpente a sobrepujava grandemente em conhecimento. Cheia de curiosidade, perguntou à serpente:

- Onde está a fonte de seu tão grande saber? Responda-me, pois quero também possuí-la.

Sem perder tempo, Satã, apontando para a árvore da ciência do bem e do mal, respondeu:

- Ali está a fonte de todo meu saber.

Ele conta então uma mentirosa história: disse que era uma serpente como as demais, comendo dos frutos do paraíso. Provando certo dia daquele fruto especial, recebeu, como que por encanto, todas as virtudes.

Olhando para a árvore da ciência do bem e do mal, Eva ficou surpresa e confusa. Privaria o Criador em seu amor algo tão bom às suas criaturas?! Vendo-a surpresa, Satã perguntou:

- É assim que Deus disse: Não comereis de todas as árvores do jardim?

Eva, inquieta, respondeu:

- Dos frutos das árvores do jardim comemos, mas do fruto dessa árvore que você diz ser fonte de sabedoria, disse Deus: "Não comereis dele, para que não morrais."

A serpente em tom de desdém disse:

- Isso é falso. Se fosse assim, eu teria morrido. Certamente o Eterno os proibiu de comer dessa árvore para impedir que o homem venha a se tomar como Ele, conhecendo todas as coisas.

As palavras sedutoras da serpente causaram confusão na mente de Eva. Em quem confiaria?

Tinha em mente a lembrança da ordem do Criador e de sua sentença, mas ao mesmo tempo tinha diante de si uma prova palpável que O contradizia.

Num desafio, a serpente colheu frutos da árvore proibida e passou a saboreá-los. Colocando um fruto nas mãos da mulher, incentivou-a a comer, dizendo:

- Não disse o Eterno que se alguém tocasse nesse fruto morreria?

Em Jerusalém havia grande comoção. Poderosos anjos apresentaram-se diante do Criador, solicitando permissão para esmagarem o covarde inimigo, oculto naquela serpente. O Eterno, contudo, impediu-lhes tal ação. Deviam respeitar o livre-arbítrio concedido ao homem, podendo ele manifestar sua escolha sob a tentação do inimigo.

Os filhos da luz sofriam imensamente ao verem a mulher duvidando dAquele que tão bondosamente lhes dera a vida e a oportunidade de reinarem naquele paraíso. Como poderia duvidar de quem lhes dedicava tanto amor?!

Eva vacilava em sua convicção ao contemplar o fruto em suas mãos. Seu brilho, seu encanto, uma forte magia atraía aquele fruto a sua boca. Por alguns momentos o futuro pareceu-lhe sombrio e aterrador, mas venceu esse sentimento, pensando nas glórias que haveria de conquistar ao comer aquele fruto. Ainda um tanto indecisa, ergueu vagarosamente as mãos até tocar o fruto com os lábios.

Os súditos do reino da luz, estremecidos, inclinaram-se tomados por grande espanto. Parecia quase impossível, àquela altura, a mulher voltar atrás.

Enquanto pálidos os fiéis indagavam sobre uma possível esperança, presenciaram com horror a terrível decisão de Eva: resolvera romper para sempre com o Criador, tornando-se cativa da morte.

O Eterno, que em silêncio e dor contemplava aquela cena de rebelião, curvou a fronte.

Os fiéis, que em pânico julgavam-se vencidos, foram conscientizados de que nem tudo estava perdido. Se Adão resistisse à tentação, permanecendo fiel ao Eterno, ele selaria a grande vitória. Eva, que fora vítima de um engano, poderia ser conscientizada de seu erro, sendo favorecida com o perdão divino.

Quando Adão em sua angustiada corrida alcançou o lugar da árvore, já era tarde demais. Assentada junto ao rio, Eva saboreava despreocupadamente o fruto proibido. Adão estremeceu. Seria mesmo o fruto da prova? Num gesto de esperança olhou para a árvore da ciência do bem e do mal, mas em pranto reconheceu a triste condenação. Cheio de tristeza contemplou sua esposa, mas não encontrou palavras para despertá-la para tão amarga realidade. Em completo desespero, ergueu a voz numa dolorosa exclamação:

"Eva, Eva, o que você está fazendo!"

Ao comer do fruto proibido, a mulher foi tomada por emoções que a fizeram imaginar haver alcançado uma esfera superior de vida. Ao ouvir a voz de seu esposo, ainda tomada pelas ilusórias emoções, ergueu a fronte estampando um sorriso, mas surpreendeu-se ao vê-lo chorando.

Com profunda amargura, Adão procurou saber a razão que a levava a rebelar-se contra o Eterno.

Eva, prontamente, passou a contar-lhe a fantástica história da sábia serpente.

Satã sabia que essa história de serpente jamais convenceria o homem a comer do fruto da árvore proibida. Precisava encontrar uma maneira sutil de levá-lo a selar sua sorte seguindo os passos de sua esposa. Tendo Eva sob seu poder, resolveu fazer dela o objeto tentador. Aguardaria o momento oportuno para enlaça-lo.

No dia em que dela comerdes, certamente morrereis. A lembrança desta sentença deixava Adão muito aflito. A expectativa de ver sua amada perecendo em seus braços, era demais para suportar. Esta aflição, contudo, foi diminuindo, ao ver que ela continuava feliz e carinhosa ao seu lado, como se nenhum mal lhe houvesse acontecido. Aliviado, Adão voltou a sorrir, correspondendo aos afetos de sua companheira. Rendia-se às mais doces emoções, longe de saber que era o inimigo quem o envolvia naqueles abraços.

Nesse momento de enlevo, Eva começou a falar-lhe de sua experiência com a ciência do bem e do mal. Falou-lhe dos tesouros da sabedoria que lhe haviam sido abertos. Em seu novo reino, viveria muito feliz. Entretanto, essa felicidade seria incompleta sem a participação de seu esposo. Falou-lhe da impossibilidade de retroceder em seus passos, e insistiu para que ele a seguisse.

Depois de falar-lhe de sua decisão, Eva, com um doce sorriso, estendeu-lhe as mãos contendo um fruto, pedindo-lhe que o comesse numa demonstração de seu amor por ela.

Com a voz tentadora em seus ouvidos, Adão assentou-se no gramado em profunda reflexão. Sua face tornou-se novamente pálida e suas mãos trêmulas. Temia rebelar-se contra o Criador, mas ao mesmo tempo compreendia que não conseguiria viver separado de sua companheira, a quem amava com infinito amor. Eva era carne de sua carne, a extensão de seu ser.

Sentia-se angustiado ao ter de tomar uma decisão tão séria.

A palidez do rosto de Adão refletiu-se no semblante de todos os fiéis ao Eterno. Ouviram a insinuação do inimigo e perceberam com horror a vacilação do homem. A indecisão de Adão

deixava-os desesperados. Obedecesse ele àquela proposta de Satã, toda felicidade seria eternamente banida. Nas decisões do ser humano estava o destino de todo o Universo. Depois de intensa luta íntima, Adão olhou para sua companheira; a ela unira-se em promessas de uma eterna entrega. Não a deixaria só agora. Partilharia com ela os resultados da rebelião. Tomou então das mãos de Eva um fruto e, num gesto apressado, levou-o à boca. Procurando abafar a voz de sua consciência, que lhe falava de uma eterna perdição, Adão lançou-se nos braços de sua esposa, desfrutando o alto preço de sua rebelião. Satã, com brados de triunfo, deixou o paraíso, voando rapidamente para junto de suas inumeráveis hostes, que aguardavam ansiosas o resultado de tão arriscada tentativa. Ao saberem da desgraça humana, uniram-se numa estrondosa festa. Sentiam-se seguros. Sião agora lhes pertencia por direito, podendo lá estabelecer um reino eterno, jamais sendo molestados pelas leis do Eterno.

Em todo o Universo os filhos da luz sofriam e pranteavam a derrota. Nunca houvera tanta tristeza e horror ante o futuro. As vozes que viviam a entoar louvores ao Criador proferiam agora lamentações.

O Eterno, antes mesmo de criar o Universo já havia previsto esse triunfo da rebeldia e, em Sua sabedoria e amor, idealizara um plano de resgate. Ordenou que Seus mais poderosos anjos circundassem imediatamente o jardim do Éden, impedindo que Satã tomasse posse do monte Sião. Consoladas ante a manifestação divina, as potentes criaturas, em pronta obediência, romperam o espaço infinito, circundando em instantes o paraíso, no seio do qual o ser humano, já transtornado pelo pecado, vivia o negror de uma noite que seria longa e cruel.

Sendo a autoridade do Eterno fundamentada na justiça, de que maneira poderia justificar Suas ações diante dos inimigos? Não entregara por Sua vontade o reino ao homem, e esse por livre escolha não o submetera a Satã? Enquanto surpresas as criaturas racionais consideravam as ações decisivas de Deus, ouviram Sua potente voz que, repercutindo por toda a criação, trazia a revelação do grande mistério - revelação tão maravilhosa que a partir daquele momento, por toda a eternidade, ocuparia a mente dos fiéis, sendo tema para as mais doces meditações.

O Eterno falou primeiramente sobre a terrível condenação que pendia sobre o homem e toda a criação. Disse que, ao se desligar da Fonte da Vida, o homem havia se precipitado em tão profundo abismo que não poderia ser alcançado pelo Seu braço de justiça e poder. Humilhado e torturado pelas garras do inimigo, não restava ao homem outra sorte além da morte - fruto doloroso de sua espontânea rebelião.

Considerando a situação humana, as hostes da luz não viam possibilidades de triunfo. Sabiam que só o homem poderia retomar o domínio do inimigo, devolvendo-o ao Criador. Mas o ser humano, eternamente escravizado em sua natureza, seria incapaz de tal vitória.

Com voz melodiosa e cheia de ternura, Deus revelou o plano da redenção, dizendo: "Na verdade, o homem colherá o fruto de sua rebelião numa terrível morte. Não posso, com o meu poder, mudar-lhe a sorte. Se assim agisse, seria injusto diante de meu decreto. Mas farei cair toda a condenação sobre um Substituto que surgirá na descendência humana. Esse Homem não trará em suas mãos as algemas da morte, sendo inocente e incontaminado em Sua natureza. Como representante da raça humana, enfrentará Satã e o vencerá. Após triunfar nessa batalha, provando que o amor é mais forte que o egoísmo, que a verdade é mais forte que a mentira, que a humildade é mais poderosa que o orgulho, o fiel Substituto erguerá as mãos vitoriosas não para saudar a grande conquista, mas para tomar das mãos da humanidade escravizada a taça de sua condenação. Sorverá assim, submisso, o cálice da eterna morte. Esse imenso sacrifício abrirá aos seres humanos uma oportunidade de serem redimidos, voltando aos braços do Criador, juntamente com o domínio perdido."

As hostes, surpresas ante a revelação do Eterno, indagaram a identidade d'Esse Substituto. O Criador, com um sorriso amoroso, disse-lhes:

"Parte de Mim será esse Homem. O Meu Espírito repousará sobre uma virgem, e nela será gerado um Filho Santo. Esse menino será divino e humano. Em sua humanidade, ele será submisso à divindade que n'Ele habitará. Os remidos verão n'Ele o Pai da Eternidade, o Criador e Redentor, o Rei dos reis. O Seu nome será Yoshua (nome hebraico que traduzido significa o Eterno salva)."

Assumindo a natureza humana, Deus poderia pagar o resgate, morrendo em lugar dos pecadores.

As hostes da luz ficaram emudecidas ao conhecer o plano do Criador. O pensamento de verem-no submeter-se a tão penoso sacrifício, a fim de redimir o domínio perdido, era demais para

suportarem. Não havia, contudo, outra esperança de vitória, a não ser através dessa amorosa entrega.

Após desfrutar o pecado, o jovem casal sentiu-se mal. Inicialmente sentiram um grande vazio no coração, que logo foi preenchido pelo remorso e pela tristeza. Perceberam que, inspirados pela cobiça, haviam selado sua triste sorte e a de toda a criação. Parecia-lhes ouvir ao longe o gemido de um Universo vencido.

O sol, que os enchera de vida e calor naquele dia, ocultava-se no horizonte, anunciando-lhes uma negra noite. O arrebol, que até ali anunciara-lhes o feliz encontro com o Criador, parecia envolvê-los numa sentença de que jamais despertariam para um novo dia. Com o olhar voltado para o frio solo, vinha-lhes à lembrança a sentença: "No dia em que dela comerdes, certamente morrereis." Desesperadas lágrimas rolavam em seus rostos ao aguardarem o trágico fim.

Ao considerar o motivo de sua rebelião, Adão começou a recriminar sua esposa por ter dado ouvidos à serpente. Eva, por sua vez, procurando desculpar-se, lançou a culpa sobre o Criador, dizendo: "Por que o Eterno permitiu que a serpente me enganasse?!"

O amor que reinava no coração humano desaparecia, dando lugar ao orgulho e ao egoísmo, que se fundiam em ressentimentos e ódio. Sua natureza já não era pura e santa, mas corrompida e cheia de rebeldia. Tudo estava mudado. Mesmo a brisa mansa que até ali os havia banhado em carícias refrescantes, enregelava agora o culposo par. As árvores e os canteiros floridos, que eram seu deleite, consistiam agora em empecilhos ao caminharem sem rumo naquela noite.

O propósito de Satã em encher o sábado de trevas parecia haver se cumprido. Naquela noite, não existia sequer o reflexo prateado do luar para falar-lhes de esperança. As estrelas cintilantes, suspensas no escuro céu, estavam ofuscadas pela dor.

Baixavam sobre o mundo as trevas de uma longa noite de pecado - sombras sob as quais tantos se arrastariam sem esperança de um alvorecer.

A noite já ia alta e as trevas pareciam envolver o triste casal em eternas sombras quando surgiu repentinamente um brilho no céu, que ia aumentando à medida que se aproximava da Terra. O casal estremeceu, pois sabia que era o Criador que vinha dar-lhes o castigo. Vencidos pelo pânico, puseram-se a correr, distanciando-se do monte Sião, o lugar da vergonhosa queda. Justamente para ali viram o Criador dirigir-Se. Eles, que sempre corriam ao encontro do amoroso Pai, atraídos por Sua luz, fugiam agora desesperados em busca de lugares escuros, de densa floresta.

O Eterno, movido por infinito amor, passou a seguir os passos do casal fugitivo. Como tudo se transformara! Seus filhos não conseguiam mais ver n'Ele um Pai de amor, mas alguém que, irado, buscava castigá-los.

Movido por forte anseio de abraçar Seus filhos humanos, Deus fez ecoar a voz numa indagação: "Adão, onde vocês se encontram?" Sua voz, ao soar em meio às trevas, trazia consigo somente um eco vazio .

Quantos, enganados por Satã, fugiriam de Sua presença no decorrer da longa noite de pecado, julgando-No um Senhor tirano, que vive buscando falhas e fraquezas nos pecadores, a fim de castigá-los! O Criador, todavia, não desistiria de procurá-los pelos vales sombrios do reino da morte, até conquistar um povo arrependido.

Adão e Eva, exaustos pela pressurosa fuga, esconderam-se por entre a folhagem de um pé de figueira. Reconhecendo sua nudez, procuraram fazer aventais cosendo aquelas folhas. Vestidos assim, julgaram poder livrar-se do sentimento de vergonha ante o Criador.

O Eterno, aproximando-Se do local onde o casal se escondia, perguntou:

- Adão, onde estão vocês?

Não podendo mais se ocultar de Deus, Adão ergueu-se juntamente com sua companheira e, cabisbaixos, apresentaram-se ao Criador, prostrando-se trêmulos a Seus pés. Não conseguiram encará-Lo mais, devido ao senso de culpa.

O Criador, carinhosamente, tomou-os pelas mãos, erguendo-os do chão, e, com expressão de tristeza no semblante, perguntou-lhes:

- Por que vocês fugiram de Mim? Acaso comeram do fruto da árvore da ciência do bem e do mal?

Adão, todo trêmulo, com voz entrecortada de temor, respondeu:

- A mulher que me deste por companheira, ela deu-me o fruto e eu comi.

Com esta resposta, Adão procurava desculpar-se, lançando a culpa sobre sua companheira.

Voltando-Se para Eva, o Eterno indagou-lhe:

- Por que você fez isso?

Eva prontamente respondeu-Lhe:

- Aquela serpente me enganou e eu comi.

Ambos não queriam reconhecer a culpa, lançando-a sobre outrem. Em suma, atribuíam ao Criador a responsabilidade por todo o mal praticado: "Por que concedera-lhes o livre-arbítrio? Por que criara a mulher? Por que criara a serpente?"

Deus observava Seus filhos que, tímidos e desconcertados, permaneciam diante de Si. Com profunda tristeza, Ele previu que essa seria a experiência de incontáveis seres humanos no decorrer da história. Quantos haveriam de se perder por não reconhecerem a própria culpa! Quantos procurariam justificar-se, lançando seus erros sobre os outros e até mesmo sobre o Criador!

Com palavras brandas, o Eterno procurou fazê-los reconhecer sua culpa. Somente reconhecendo sua necessidade, poderiam ser ajudados.

Olhando para as frágeis vestes tecidas por mãos pecadoras, disse ao casal:

- Filhos, essas vestes são insuficientes, logo secando se desfarão. Vocês precisam de vestes duradouras, que possam cobrir vossa nudez, livrando-vos da condenação. Se vocês quiserem, Eu posso dar-lhes essa veste.

Ante as palavras bondosas do Criador, que traziam esperança, o casal prostrou-se arrependido, despindo-se de suas ilusórias vestes, símbolos de seu fracasso. Almejavam agora as vestes da salvação, prometidas pelo divino Pai.

Pseudo-Epígrafo de Gênesis

Livro de Melquisedeque

A Criação do Universo V

Depois de contemplar Seus filhos que, arrependidos, jaziam a Seus pés, o Eterno tomou-os carinhosamente pelas mãos e os levantou. Alegrou-se em poder revelar ao homem caído o plano da redenção.

Deus passou a descerrar-lhes primeiramente os amargos resultados de sua queda, dizendo: "Filhos, vocês selaram o destino de toda a criação nas garras da morte. A desarmonia já permeia a natureza, procurando destruir nela todas as virtudes. O abismo no qual vocês imergiram pela desobediência é por demais profundo para que possam ser alcançados pelo meu poderoso braço. Assim, desligado da Fonte da Vida, não resta mais ao ser humano outra sorte além da morte."

Depois de proferir estas palavras que revelavam uma triste sorte, o Eterno convidou o casal a segui-Lo. Cabisbaixos, Adão e

Eva, em pranto, seguiram o Criador em Seus passos de justiça, que encaminhavam-nos ao lugar da vergonhosa queda, onde supunham encontrar o doloroso fim.

Enquanto caminhavam, contemplavam através das lágrimas as belezas adormecidas banhadas pela luz de Deus. Viam os inocentes animais, que não tinham consciência da grande dor

Subitamente, o casal se deteve, vencido por intenso pranto; seus vacilantes passos os haviam levado para junto de um cordeiro, o animalzinho mais querido. Seus olhinhos de meiguice haveriam também de se apagar!

Enxugando-lhes as lágrimas, o Eterno ordenou-lhes tomar nos braços o inocente cordeiro.

Envolvendo-o junto ao peito, acompanharam silenciosamente os passos do Criador, até alcançarem o topo do monte Sião, lugar da vergonhosa queda. Contemplando ali os restos dos rubros frutos, com ímpeto lhes veio à mente a lembrança da sentença divina: "No dia em que dela comerdes, certamente morrereis."

O terrível momento chegara. O homem culpado deveria sorver o amargo cálice da morte, sucumbindo sem esperança. Consciente de sua perdição, o casal percebeu, com horror, que as mãos que os trouxeram para a vida empunhavam agora um cutelo pontiagudo de pedra.

Trêmulos, prostraram-se e esperaram pelo cumprimento da justa sentença.

Enquanto emudecidos pelo medo, Adão e Eva aguardavam o golpe que os reduziria a pó, sentiram o toque macio das mãos divinas que os erguiam para uma nova vida. A condenação, contudo, haveria de recair sobre um substituto.

Colocando nas mãos de Adão o cutelo, o Criador lhe disse:

- O cordeiro morrerá em lugar de vocês.

Adão deveria sacrificá-lo.

Assustado ante a ordem de Deus, o casal, em pranto, pôs-se a clamar:

- Senhor, o cordeirinho não, ele é inocente! Com expressão de justiça, o Eterno acrescentou:

- Se ele não morrer, vocês não poderão ter as vestes das quais falei.

Ante a insistência do Criador, Adão, todo tremulo, num esforço doloroso, cravou no peito do cordeirinho aquela aguda pedra.

O golpe foi fatal, e o animalzinho, vertendo seu precioso sangue, mergulhou nas trevas de uma noite sem fim.

Contemplando o cordeirinho inerte sobre a relva ensangüentada, o casal ergueu a voz e chorou. Começavam a compreender a enormidade de sua tragédia. Quão terrível era a morte! Ela, em seu poder, apagara toda a luz dos olhos do inocente animal.

Inclinando-Se silenciosamente sobre o corpo inerte do cordeiro, o Eterno tirou-lhe a pele revestida de branca lã e com ela fez túnicas para cobrir a nudez do casal. Após vesti-los perguntou-lhes com carinho:

- Vocês entenderam o sentido de tudo isto?

Em profunda reflexão, por entre soluços de reconhecimento e gratidão, o casal exclamou:

- Ele morreu em nosso lugar, para dar-nos suas vestes!

Adão e Eva, embora compreendessem aquela realidade física, estavam longe de entender o significado daquele acontecimento.

A eles o Criador revelaria o mistério do divino amor.

Com expressão de infinita misericórdia, Deus passou a revelar ao ser humano o sentido daquele doloroso sacrifício, dizendo:

O inocente cordeirinho, que hoje padeceu, simboliza um homem que haverá de nascer. Em seus olhos haverá a mesma meiguice, o mesmo amor. Revestido por uma vida justa, como a branca lã que cobria o cordeiro, esse homem crescerá como um renovo sobre a Terra, não tendo nas mãos as algemas do pecado. Em sua aparência, esse homem não trará a pompa de um rei, por isso será desprezado por muitos. Será um homem de dores, pois cairá sobre si o peso de todas as provações. Em sua fidelidade ao reino da luz, esse homem lutará contra o inimigo usurpador, vencendo-o finalmente. Após triunfar em suas

lutas, tomará sobre si o fardo de vossa condenação que lhe causará uma terrível morte. Ele será traspassado por causa da vossa rebelião e moído pelas vossas iniquidades. Será oprimido e humilhado, mas não abrirá a sua boca, como o cordeirinho que hoje entregou-se pacificamente. Sucumbindo na morte, ele vos concederá os méritos de sua vitória. Envolvidos por suas vestes de justiça, estareis livres da condenação. A vida eterna alcançareis assim, mediante o sacrifício desse homem justo que haverá de nascer.

Adão e Eva, que num misto de gratidão e dor ouviram a revelação de tão grande salvação, indagaram reverentes a respeito desse homem especial que em sua descendência haveria de surgir, a fim de cumprir tão imenso sacrifício.

O Criador, olhando-os ternamente, movido por um amor que supera mesmo a morte, os envolveu num carinhoso abraço e revelou:

- De Meu sofrimento surgirá este Homem!

- Nós somos merecedores da morte Senhor, mas Tu és inocente e não debes sofrer em nosso lugar!

Enxugando-lhes as lágrimas, o Eterno com ternura lhes falou:

- Meus filhos, Eu os amo com um eterno amor.

- Após sorver o cálice da eterna morte, Este Homem retomará a vida e subirá ao céu. Intercederei ali pelo homem perdido, concedendo a todos aqueles que, arrependidos, aceitarem meu sacrifício, as vestes de minha vitória. Juntos, triunfaremos finalmente sobre o reino do pecado que se desfará em cinzas sob nossos pés. Criarei então um novo Céu e uma nova Terra, onde unicamente a justiça e o amor reinarão. Viveremos assim para sempre, num reino de perfeita harmonia e paz.

O Criador, que acompanhado pelo casal permanecia ainda sobre o monte Sião, concluiu Suas revelações dizendo: "O jardim do Éden ficará agora vazio. O ser humano, durante a longa noite de pecado, vagueará em seu exílio. Não andará, contudo, sozinho: o Eterno, também peregrino, trilhará com o homem toda a estrada espinhosa, até poderem juntos galgar o monte perdido, triunfando gloriosamente sobre o reino da morte. A árvore da ciência do bem e do mal monumento da rebeldia será então desfeita, dando lugar a uma árvore gloriosa que, unindo sua copa à árvore da vida, se tornará no arco comemorativo da grande vitória. Sobre o santo monte redimido, repousará então para sempre o torno universal, que pelos fiéis triunfantes será nomeado: o trono de Deus e do Cordeiro."

Adão e sua companheira, após ouvirem palavras tão confortadoras e cheias de esperança, ergueram a voz num cântico de gratidão e louvor. Conheciam agora o infinito amor de seu Criador e estavam dispostos a servi-Lo.

Depois de consolar o casal, Deus levou-os para fora do Éden. Não lhes foi fácil se despedir daquele precioso lar; ali haviam despertado para a vida nos braços do Eterno; ali desfrutaram

momentos de pura felicidade, em companhia do Criador, dos anjos e dos dóceis animais. Uma saudade infinita parecia envolver o casal em seus passos de abandono.

Foi com espanto que Satã e seus súditos presenciaram a intervenção do Eterno. Ficaram abalados ante a surpreendente revelação do plano de resgate. Com raivosa frustração, compreenderam que, se de fato a promessa divina se concretizasse, não restaria nenhuma esperança.

Depois de refletir sobre tudo o que acontecera, uma grande ira apossou-se de seu coração. Não estava disposto a reconhecer a redenção do ser humano. Faria todos os esforços para retê-lo, juntamente com o reino que lhe fora entregue.

Quando o casal, acompanhado pelo Criador, alcançou o vale ferido pela morte, amanhecia. Ali Satã os enfrentou com fúria, numa tentativa de se apossar novamente do ser humano. O casal ficou trêmulo em face do inimigo, mas as mãos protetoras de Deus os acalmaram.

Expressando no semblante a firmeza de uma justiça que é eterna, o Eterno silenciou as ameaças do inimigo com as seguintes palavras: "O ser humano Me pertence, pois Eu o comprei com o meu sangue".

Ao caminharem junto ao Criador, Adão e Eva observavam com tristeza os sinais da morte estampados naquela natureza antes tão cheia de vida. As belas flores, que haviam desabrochado para exalar aromas eternos, pendiam agora murchas; os passarinhos, que com alegria os saudavam em cada alvorecer com os seus trinos, voavam agora distantes, fazendo soar tão tristes cantos! Tudo estava mudado na natureza. A ciência do bem e do mal não trouxera nenhum bem ao Universo, mas um intenso conflito espiritual e físico.

Ante as conseqüências devastadoras de sua queda, o casal, vencido por uma indizível tristeza, prostrou-se arrependido e chorou amargamente. Deus, que também compungido pela dor contemplava o cenário desolador, procurou, com palavras de esperança, confortá-los. Falou-lhes sobre o novo Céu e a nova Terra que um dia criaria, onde a paz e o amor voltariam a reinar em cada coração. Ali viveriam sempre juntos, não trazendo na frente as marcas da tristeza, mas coroas de eterna vitória.

Ali enxugaria as lágrimas de suas faces e essas jamais voltariam a umedecer os seus olhos.

Amparando Adão e Eva em seus passos, o Criador conduziu-os através de um vale ferido, até alcançarem o sopé de uma colina. Galgaram-na em lentos passos, enquanto trocavam palavras de ânimo e esperança. Seus pés alcançaram finalmente a relva macia que cobria o topo espaçoso daquela colina. Era sobre aquele lugar que o casal via a cada dia o sol declinar, banhando o céu e os vales de um vermelho vivo, como o sangue que jorrara do peito do cordeiro.

O sol declinava em sua jornada, anunciando a chegada de mais uma triste noite - a primeira fora do paraíso. Num calmo gesto, o Eterno, mostrando-lhes o vale sobranceiro à colina, falou-lhes com carinho: "Aqui será vossa provisória morada. Daqui podereis contemplar o paraíso que por algum tempo permanecerá na Terra, até ser recolhido ao seu lugar de origem, no seio da Jerusalém Celeste. Ali, protegido pela justiça, aguardará o alvorecer da vitória. Quando esse grande dia chegar, retornaremos juntos a Sião, onde seremos coroados em glória, num reino de eterna felicidade e paz".

Depois de dizer estas palavras, Deus ordenou ao casal que construísse naquele lugar um altar de pedras, sobre o qual a cada semana, na noite que antecede o sábado, deveriam imolar um cordeiro, pela memória de Seu sacrifício. Como sinal de Sua presença, e para a certeza de que seus pecados seriam perdoados, Ele acenderia um fogo sobre o altar, o qual duraria toda a noite, até consumir por completo a oferta do sacrifício.

Para que o ser humano pudesse firmar sua fé sobre as verdades reveladas, e não na manifestação visível da pessoa do Criador, Ele haveria de permanecer invisível daquele momento em diante. Somente em ocasiões especiais, quando se fizesse necessário Sua aparição ou a de anjos para novas revelações e advertências, isto ocorreria.

O Eterno disse-lhes com amor: "Filhos, embora vocês tenham de permanecer neste ambiente hostil, não precisam temer, pois Eu permanecerei ao lado de vocês. Serei um companheiro amigo nesta jornada; levarei sobre os meus ombros suas dores, seus anseios, suas lutas. Quando, tentados pelo inimigo, estiverem a ponto de ceder, poderão encontrar abrigo em meus braços, que sempre estarão estendidos para salvá-los e, se algum dia vocês não resistirem, e pela fúria do inimigo forem arrastados para as profundezas do abismo, não se desesperem julgando não haver esperança, pois Eu estarei ali para acudi-los com o meu perdão e força. Tenham sempre em mente o significado das vestes

recebidas das minhas mãos, pois elas falam da redenção que ao homem pertence. Descansem filhos meus, nos meus braços de amor."

O Criador deixou o casal adormecido sobre a relva, depois de beijar-lhes as faces já marcadas pelo sofrimento. Sua luz dissipou-se ao tornar-Se invisível, dando lugar às trevas daquela primeira noite fora do paraíso.

Deus, ainda que invisível, permanecia ao lado de Adão e Eva ali na colina. O sofrimento deles era o Seu sofrimento, como também a esperança de um dia retornarem vitoriosos a Sião.

Longa seria a noite do pecado, e renhida a batalha pela reconquista do reino perdido. O triunfo da luz requereria da parte de Deus um sacrifício imenso. Na pessoa do Messias, a seu tempo, ele nasceria entre os homens, com a missão de pagar o preço do resgate. Por meio dEle muitos seriam libertos das garras do inimigo: todos aqueles que O aceitassem como Salvador e Rei. Contra esses escolhidos, o inimigo arregimentaria todas as forças procurando fazê-los cair. Em sua visão do futuro, o Criador contemplou com alegria o triunfo final dos redimidos. Havia sido extremamente provados, mas em tudo foram mais do que vencedores por meio dAquele que os redimiou das trevas para o reino da luz.

Depois de antever os sofrimentos que adviriam da grande luta, o Eterno estendeu o olhar pelas planícies cativas, contemplando ali as hostes rebeldes dispostas para a luta. O objetivo desses exércitos, era apossar-se novamente do ser humano, no qual estava selado o direito de domínio sobre o Universo.

Contrária à natureza do Criador é a guerra, mas para defesa de Seus filhos, estava disposto a empregar o Seu poder. Sua força, contudo, somente seria empregada com justiça. Se o ser humano recusasse essa proteção oferecida mediante o sacrifício do Messias, Deus nada poderia fazer para impedir que o mesmo perecesse nas garras do inimigo. Adão e Eva, contudo, haviam se arrependido de seu grande pecado, recebendo pela misericórdia de Deus vestes de salvação, simbolizadas pelas peles do cordeiro sacrificado.

Justificado pela entrega do casal, o Eterno convocou Seus poderosos exércitos para a peleja. Em pronta obediência as hostes da luz irromperam pelo espaço sideral em direção à Terra, circundando qual forte muralha a colina, portadora daquele tesouro redimido pelo sangue do divino Rei.

Ao ser humano fora conferido no Éden o dever de cuidar da natureza : preparavam canteiros para as flores; colhiam frutos para mantimento; dirigiam os animais em seu inocente viver, adestrando-os para que lhes fossem úteis. Essas ocupações tinham sido para eles fontes de desenvolvimento e prazer. Agora, apesar das adversidades, deveriam continuar realizando esse dever. O trabalho em si, realizado segundo as ordens do Criador, já anulava muitos ataques do inimigo.

As primeiras ocupações do casal naquela manhã, trouxeram-lhes revelações do grande amor de Deus, até então desconhecidas. Ao reunirem as pedras para construção do altar, experimentaram a dor de feridas que jorram sangue, como também a fadiga que faz minar suor. Sentindo e contemplando tudo na própria carne, amaram mais o Salvador, para quem o altar construído prefigurava feridas maiores, que verteriam todo o Seu sangue, como também fadigas que minariam toda a seiva de Sua vida.

O olhar de saudade e de esperança do casal de agora em diante, jamais pousaria no Éden distante, sem discernir primeiro o altar dos sacrifícios. Esse altar, com suas manchas de suor e sangue, permaneceria como uma lembrança da dor e do sofrimento que, depois de umedecer os lábios dos seres humanos, transbordaria na taça do Criador.

Após contemplar por longo tempo o paraíso da eterna vida que estendia-se muito além daquele altar escuro de morte, o casal experimentou o doce alívio do descanso.

Desejosos de conhecer as paisagens de seu novo lar, Adão e Eva, animados pela esperança, saíram a passear. Seus passos conduziram-nos por caminhos de sorrisos e de lágrimas; de encantos e desilusões; de flores que desabrochavam delicadas, banhadas em perfume, e de flores despetaladas, tombadas murchas e sem cheiro; de animais ainda dóceis e submissos e de animais inimigos, ferozes e ameaçadores. O casal discernia em seu passeio as divisas de dois mundos: o da luz e o das trevas; do amor e do egoísmo; da esperança e do desespero; da harmonia e da desarmonia; da vida e da morte. Essa visão encheu-lhes de tristeza e choraram longamente. Essa tristeza aumentaria ainda mais no futuro, quando descobrissem o aprofundamento dessas divisas no seio de sua descendência.

Seis arrebois já haviam colorido os céus anunciando ao casal as noites escuras e frias que com seu manto de trevas desfazia todas as imagens vivas, menos a esperança de revê-las coloridas no alvorecer de luz.

Aproximava-se agora a hora do sacrifício, quando o rude altar, abrasado em sua justiça clamaria pôr sangue. Se não lhe oferecessem a oferta, explodiria com certeza, envolvendo todo o mundo com suas chamas; Já não haveria então alvorecer, nem esperança de Éden a florir. Quão precioso é o sangue! Sangue é vida; vida é luz! Para um ser aquela noite tornar-se-ia eterna, sem alvorecer! Esse ser deveria assumir a culpa de todo o mundo, dando o seu sangue ao rude altar.

Adão e Eva depois de refletirem por longo tempo, contemplando o berço da morte construído pôr suas mãos, entreolharam-se inquietos com essa questão decisiva: Quem se oferecerá? Essa indagação nascida de sua culpa, fez vibrar no profundo de suas lembranças a voz do bendito Criador em Sua revelação de infinita bondade: - Eu os amo com um eterno amor; Eu morrerei em vosso lugar".

Agradecido, o casal prostrou-se reverentemente ante o sedento altar, vendo-o pela fé, saciado pelo dom do eterno amor.

Naquela tarde de sexta-feira, Deus submetia o ser humano a uma tremenda prova de fé. Eles tinham diante de si o altar de pedras, construído conforme a ordem divina, mas não havia nenhuma ovelha para o sacrifício. Em seu anseio, lembravam-se do Éden, onde havia muitos rebanhos.

Ao verem o sol tombar no horizonte, Adão e Eva passaram a clamar a Deus por socorro, pois sabiam que somente um milagre poderia providenciar-lhes, naquele derradeiro momento, um cordeiro para o sacrifício.

Quando as sombras do anoitecer começaram a envolver a colina, o casal que vivia tão dura prova de fé, discerniu um pontinho branco que saltitava no gramado vindo em direção deles. À medida em que se aproximava, aquele vulto parecia falar de esperança, de vida e calor. Ao verem que o grande milagre acontecera, correram ao encontro do cordeiro, envolvendo-o nos braços. Ele estava fatigado, mas não descansaria: daria descanso. Estava sedento, mas não beberia: daria de beber ao altar que clamava por sangue. Aquele cordeiro tinha vontade de viver nos braços do homem, mas morreria, para que esse pudesse viver nos braços de Deus. Era um perfeito simbolismo do Redentor que deixaria Sua glória, vindo em busca do pecador.

As trevas de mais uma noite baixaram lentamente envolvendo toda a natureza em sua prisão. Sua força, porém, seria quebrada diante do ser humano, pelo brilho de um fogo especial, aceso pelas mãos do divino perdão sobre o corpo sem vida do inocente cordeiro.

Em meio à noite o altar clama; o homem triste exclama, enquanto o cordeiro, mudo, não reclama ao ser estendido para a morte.

As mãos que construíram o altar erguem-se agora, não para acariciar como outrora, mas para ferir, sangrando o preço do perdão. Só um gesto, nada mais, e a estrela se apagará para sempre dos olhos inocentes, fazendo brilhar na face culpada a luz da salvação.

Adão, trêmulo hesita em compaixão. No cordeirinho manso e submisso, pronto a morrer em seu lugar, vê o Salvador prometido. Com o coração arrependido, num esforço doloroso, crava o cutelo de pedra no peito do animalzinho que perece em suas mãos sem sequer dar um gemido. O poder da noite imediatamente é quebrado pelo brilho do fogo da aceitação. Sua luz revela ao ser humano sua trágica condição: Vendo as mãos manchadas pelo sangue inocente, o casal sente-se culpado por aquela morte. Em pranto ajoelham-se ante o altar que já não lhes reclama sangue, mas oferece luz, aceitando o imerecido perdão.

Erguendo-se, o casal contempla demoradamente o corpo ferido do pobre cordeirinho, sem poder agradecer-lhe pela riqueza concedida em troca de seu tão rude golpe.

Banhados pela suave luz do sacrifício, Adão e sua companheira permanecem a meditar, até serem vencidos por um profundo sono. Recostando-se ao solo coberto de relva macia, adormecem docemente sob os cálidos raios do perdão, certos de que seu brilho e calor perdurariam até serem as trevas daquele sábado desvanecidas completamente pelo fulgurante sol.

A luz do cordeiro, desde que fora acesa sobre o altar naquela noite, permanecia em constante guerra com as trevas. Por várias vezes crescia em brilho, afugentando para distante a fria escuridão, banhando a natureza com os seus raios de vida. Por vezes, as trevas trazendo o seu vento frio, quase bania por completo a chama. Essa, todavia, num grande esforço alimentava-se do sangue do cordeiro, lançando ao alto sua ardente chama, inundando de luz e calor tudo aquilo que havia ao redor.

O conflito entre a luz nascida do sacrifício e as trevas naquela noite, descerravam aos fiéis do Universo muitas lições importantes - verdades que ocupariam suas mentes por toda a eternidade. Naquela chama, ora ardente em seu brilho, ora fustigada pelos ventos da noite, os fiéis viam uma representação do conflito milenar entre o bem e o mal; conflito que sem trégua se

estenderia até o alvorecer . O Eterno, no penhor de Seu futuro sacrifício, acendera em meio das trevas, a luz da verdade, e essa seria mantida acesa no coração do ser humano, em virtude de Seu sangue que seria derramado para remissão da culpa. Contra essa luz, o inimigo arremessaria todos os ventos frios da maldade, banindo do coração de muitos o seu doce brilho. Quantos jazeriam perdidos por recusarem a luz do perdão divino, ficando envoltos pelas trevas da escura noite!

Depois de longas horas de combate, surge no céu os sinais do amanhecer. A escuridão que com ira havia lançado seus ventos sobre a imorredoura chama procurando bani-la, torna-se confusa ante os sinais do amanhecer. O céu tingido de um vermelho vivo, faz lembrar o sangue que jorrara do peito do cordeiro para que a chama do perdão pudesse iluminar a noite humana. Em meio ao colorido de sangue, surge no horizonte o fulgurante sol, trazendo em seus aquecidos raios o sabor da vitória, envolvendo tudo com sua vida. O alvorecer em seu saudoso afeto, acaricia o distante paraíso, levando de seu amado seio em sua brisa matinal o aroma da saudade, numa mensagem de consolo e esperança às criaturas sofredoras do vale da morte. Banhados pelos cálidos raios e pela brisa da esperança, o casal desperta em mais um sábado, cujo simbolismo aponta para o descanso no reino de Deus, ao culminar o grande conflito entre a luz e as trevas.

Para além daquele altar coberto de cinzas, Adão e Eva contemplam demoradamente o saudoso paraíso. Ainda que distantes em seu exílio, alegram-se com a certeza de que o sacrifício do Messias fará raiar para eles o sábado dos sábados: aquele de lágrimas para sempre banidas; de sol sempre a brilhar num límpido céu; de cordeiros sempre vivos a brincar pelo gramado; dia sem anoitecer, quando não haverá mais altar coberto de sangue e cinzas. Suspiram por esse dia de glória, quando Des Se fará eternamente visível, levando nas mãos as marcas de Seu infinito amor pelos Seus filhos.

Adão e Eva que estavam acostumados às flores eternas no paraíso, aquelas que não as viram desabrochar, viam-nas agora surgirem em tenros botões, em meio às ameaças de espinhos prontos a ferirem. Essas tenras flores, sem importarem-se com os espinhos, exalavam perfumes suaves de louvor e gratidão, jamais se cansando de agradar o ambiente. Quando fustigada pelos ventos frios da noite, essas flores não se ressentiam, mas ofereciam seu aroma, que transformava a fúria dos ventos em brisas perfumadas de um alvorecer.

Movidos por profunda gratidão, o casal acompanhava atentamente o ministério de amor daquelas flores que, jamais se cansavam de abençoar, oferecendo sua beleza e perfume como alívio para aqueles que eram feridos pelos rudes espinhos.

Aquelas flores singelas e puras, depois de mostrar em sua curta vida que o perdão e o amor são mais fortes que todos os ventos e espinhos, num último esforço de comunicar alegria, exalavam seu perfume, tombando murchas e sem vida sobre o solo frio. Ali, esquecidas, transformavam-se em insignificante pó que era espalhado pelo vento.

A morte das flores, ainda que parecesse fracasso, revelou ao casal o mistério do renascimento da vida: Morrendo, as flores davam vida aos frutos que, por sua vez, depois de servirem de alimento, doavam suas sementes cheias de vida. Na morte dessas sementes, renascia o milagre da vida, multiplicando as árvores com suas flores prontas a repetir o ensinamento do amor e do sacrifício.

A natureza, portanto, embora maculada pelo pecado, revelava o mistério oculto do plano da redenção. Cada flor a desabrochar em meio aos espinhos, em sua curta vida de amor, era um símbolo do Salvador que nasceria entre os espinhos da maldade, para com o seu perfume consolar o coração dos aflitos. Semelhante à flor, o Messias depois de provar que o amor e o perdão são mais fortes que todos os ventos do ódio; que a verdade e a justiça do reino de Deus são maiores que todos os enganos e injustiças do reino do inimigo, verteria a seiva de sua vida, morrendo para redimir os culpados.

Pseudo-Epígrafo de Gênesis
Livro de Melquisedeque
A Criação do Universo VI

Consolados pelas revelações da natureza, Adão e sua companheira, aprendiam a cada dia a amar mais o Salvador. Cresciam em sabedoria, humildade e santidade. Todas as virtudes destruídas pelo pecado, renasciam no coração.

A colina, sob a proteção dos anjos da luz, tornou-se numa miniatura do Éden distante. Entre os animais reunidos e domados com amor, haviam muitas ovelhas. Na noite que antecedia cada sábado, Adão tinha, por ordem do Criador, de repetir o doloroso ato. Quanta amargura e

arrependimento sobrevinham ao casal ao baixarem as trevas da noite do sacrifício! Quanto consolo lhes trazia a chama do perdão que jamais deixara de brilhar sobre o altar. O decisivo valor do sacrifício, para que a vida pudesse florescer sob a proteção divina, levou o casal a valorizar imensamente o seu pequeno rebanho. Cada sexta-feira, contudo, passou a trazer consigo, além da dor, uma inquietação: - Quem doará seu sangue ao altar quando a última ovelha perecer?

Aos olhos do casal maravilhado, aconteceu enfim o milagre do amor, renovando-lhes a esperança de viverem outras semanas sob o brilho da chama do perdão: uma ovelha, a mais gorda delas, passou a sangrar como em sacrifício; De sua dor, nasceram-lhes quatro cordeirinhos.

Cheios de alegria e gratidão, Adão e Eva prostraram-se ante o Salvador invisível, tendo nas mãos aquelas novas criaturinhas que traziam em seus olhos a mesma meiguice e disposição para o sacrifício.

Seguros de que novos milagres multiplicariam seus dias, o casal uniu sua voz como outrora, num cântico de gratidão e adoração ao Criador que, como os cordeirinhos nasceria também da dor para cumprir em sua vida o maior de todos os sacrifícios, para salvação da humanidade. O Eterno, embora invisível aos olhos de Seus filhos humanos, permanecia bem próximo, acompanhado por um exército de anjos, em incansável ministério de cuidado e proteção. O casal estava inconsciente de que a doce calma e paz reinantes naquela colina, bem como toda a sua prosperidade, eram frutos de tão intensa luta. Se os seus olhos fossem abertos para as cenas que ocorriam invisíveis, ficariam tomados de espanto; Quão terrível era o inimigo e suas hostes em suas constantes investidas com o propósito de arruinar o ser humano, arrebatando-o das mãos do Criador.

Depois de contemplar os de cordeiro, Deus fitou o casal com ternura, revelando-lhes algo que os surpreendeu e alegrou:

- Quando desses cordeiros trinta e seis houverem subido ao altar, os vossos braços envolverão o primeiro filho que, como eles surgirá também da dor. Esse filho em sua infância lhes trará alegria saltando como os cordeirinhos em vosso lar. Devereis instruí-lo com dedicação nas leis da harmonia, mostrando-lhes o caminho da redenção. Como vocês, ele será livre para escolher o rumo a seguir. Aceitando o ensinamento, sua vida será vitoriosa; rejeitando-o, caminhará para a derrota.

Adão e Eva ouviram com alegria a promessa divina, mas ao mesmo tempo experimentaram no profundo do ser um temor ao conscientizar-se da responsabilidade que teriam. Sabiam que Satã faria todos os esforços para levar a criança prometida à perdição.

Era noite alta quando o Criador, depois de acariciar seus filhos, os deixou adormecidos sobre o gramado macio.

Depois da promessa, cada cordeirinho levado ao altar fazia pulsar mais forte no ventre materno a esperança da alegria que em breve alcançariam. Trinta e seis finalmente baixaram às trevas cumprindo o tempo determinado pelo Criador em que a primeira criança receberia a luz.

Com as mãos ainda manchadas pelo sangue do sacrifício, Adão amparou sua esposa que, aos pés do altar prostou-se vencida pela dor que lhe trouxe o primeiro filho. A pequena criança não trazia na face a alegria da liberdade, mas o choro de sua prisão; Esse pranto duraria a noite inteira, não fosse o brilho daquela chama aquecida de esperança que, logo atraiu a atenção de seus olhinhos atentos. Envolvendo-o com alegria, Eva consolada de seu sofrimento, disse: "Alcansei do Senhor a promessa". Deu-lhe então o nome de Caim.

Depois de envolver o filhinho com as peles macias de um cordeiro, o casal permaneceu acordado a meditar. Muitos eram os pensamentos que ocupavam suas mentes: pensamentos de alegria, de gratidão, de esperança e de anseio pelo senso da responsabilidade que agora pesava sobre seus ombros.

Acariciando com ternura a pequena criança, o casal amadureceu em sua experiência, compreendendo melhor o misterioso amor de Deus que, para salvar Seus filhos, dispôs-se a morrer em lugar deles.

Adão e Eva não estavam sozinhos em suas reflexões: todos os seres inteligentes do Universo consideravam com interesse sobre o futuro daquele indefeso bebê que no íntimo trazia um reino de dimensões infinitas, a ser disputado pelos dois poderes em luta.

Vendo a criança esboçar o seu primeiro sorriso, o casal subitamente lembrou-se da promessa do Criador que era confirmada em cada sacrifício: Ele nasceria da mulher como criança, com a missão de redimir a humanidade. Não seria Caim já o cumprimento da promessa? O infante com seus olhinhos brilhantes de alegria se parecia tanto com os cordeirinhos que nasciam e

cresciam com a missão de serem sacrificados! Considerando assim, o casal apertando o filhinho junto ao peito começou a chorar sem consolo. Quão terrível, seria oferecer seu filhinho inocente ao rude altar!

Para o casal compungido pela dor, surgiu em fim o brilhante sol fazendo reviver com seus cálidos raios as promessas que apontavam para um Salvador que, ainda no futuro, nasceria também da dor para cumprir o eterno plano de redenção.

Abençoada pelo Criador e envolvida pelo amor e cuidado dos pais, a criança se desenvolvia em sua natureza física e mental, tornando-se a cada dia alvo maior de uma incansável batalha entre as hostes espirituais.

Adão e Eva, ansiosos por fazê-lo compreender as verdades da salvação, tomavam-no nos braços a cada alvorecer e, à beira do altar lhe apontavam o Éden distante, contando aquelas histórias de emoção as quais o pequeno Caim ainda não conseguia compreender. Qual foi a alegria daqueles pais, ao vê-lo numa manhã de sol, apontar com a mãozinha para o lar da saudade, pronunciando o nome sagrado do Criador. Emocionados tomaram-no nos braços, pedindo-o para repetir esse sublime nome que, qual chave de felicidade, sempre descerrava-lhes um paraíso de eterno amor. Todas as hostes da luz inclinaram-se com alegria ao ouvir a pequena criança pronunciar o nome do divino Rei.

As semanas iam se passando trazendo consigo novas vítimas para o altar, e o pequeno Caim, alvo da atenção e cuidado de Deus, das hostes da luz e daqueles amantes pais incansáveis na missão de instruí-lo, agrupando suas poucas palavras, sempre curiosos com tudo passou a interrogar.

O dia declinava quando o menino, que jazia ao colo de sua mãe, perguntou-lhe:

- Mamãe, por que o sol sempre vai-se embora, deixando a gente no frio da escuridão?"

Eva, surpresa contemplou seu filho, sem encontrar palavras para responder-lhe a indagação que trouxe-lhe à lembrança o passado de felicidade destruído por sua culpa. Após um momento de silêncio, beijando a face do pequeno Caim, disse-lhe:

- Filhinho, um dia o sol virá para ficar, trazendo em seus raios um mundo só de harmonia; já não haverá animaizinhos a brigar, nem cordeirinhos a morrerem sobre o altar"

Caim, insatisfeito com as palavras da mãe, demonstrou não ter paciência para aguardar esse dia que jazia em distante futuro. Repetia em pranto: - "Eu quero o sol hoje , amanhã não!"

Eva, pacientemente, procurou acalmar seu filho, falando sobre a luz de Deus, que pode tornar a noite em dia. Ele o amava e poderia encher seu coraçãozinho de brilho, de alegria e paciência.

Poderia assim, aguardar feliz o dia de seus sonhos.

Balançando a cabecinha em rejeição ao consolo da mãe, Caim proferiu entre soluços: -"Eu quero o sol porque eu posso vê-lo, ao Eterno não".

Como uma seta dolorosa as palavras de rebeldia de Caim penetraram no coração de Eva, fazendo-a chorar amargamente. Uma tristeza infinita pairava sobre o coração do Criador rejeitado. Esboçavam-se nos gestos de Caim os primeiros passos pelo caminho descendente da rebeldia. Quantos o seguiriam rumo à morte!

Inconsciente da tristeza que abatera-se sobre o reino da luz, Adão, ao ver o sol declinar no horizonte, deixou seu trabalho no campo rumando-se para casa. Tinha um cântico no coração ao caminhar para mais um encontro com os seus.

Ao aproximar-se do altar, viu junto dele sua companheira prostrada em pranto. O pequeno Caim jazia também ali a chorar. Tomando-o nos braços, Adão perguntou-lhe com anseio: -"O que aconteceu meu filho?" Caim tristemente respondeu: -"Mamãe deixou o sol ir embora"

Amparando o filho com seu braço esquerdo, Adão pousou sua mão direita sobre o ombro de Eva, mas não encontrou palavras para consolá-la. A frase dita por seu filhinho, pareceu rasgar-lhe o coração, fazendo-o reviver a queda.

Depois de refletir, Adão sentindo-se culpado respondeu para Caim: -"Foi o papai quem deixou o sol ir embora meu filho!".

Com soluços de grande tristeza, Adão uniu-se a eles no pranto. A lembrança do Salvador, contudo, o consolou. Enxugando suas lágrimas e as de seu filhinho, disse-lhe com ternura: - "Podemos nos alegrar filhinho ,pois Deus prometeu fazer o sol para sempre brilhar no céu; ele será como o fogo que surge no altar, banindo as trevas da noite".

Com os olhinhos voltados para o último clarão do arrebol, Caim permaneceu sem consolo.

Naquele entardecer, não houve como de costume um alegre jantar. A pequena família, entristecida, permaneceu a meditar por longas horas, até sonolentos adormecerem sob a luz das estrelas.

O inimigo e suas hostes, em sarcasmo de maldade zombaram naquela noite do sofrimento de Deus e Seus fiéis. Repetindo as palavras de rebeldia do pequeno Caim, ufanava-se como vencedor. Num desafio ao Criador pronunciou : - Veja como esse meu pequeno escravo te rejeita! O mesmo se dará com todos aqueles que hão de nascer. Estou certo de que o direito de domínio jamais sairá de minhas mãos.

Todas as hostes rebeldes repetiram em eco as afrontas do enganador, humilhando os súditos da luz que sofriam do lado do Eterno.

Com suas afrontas, o inimigo procurava fazer Deus desistir de Seu plano de redenção. Se isso acontecesse, seu reino de trevas se estenderia por toda a eternidade , suplantando o domínio da luz.

Em resposta ao desafio do inimigo, o Eterno afirmou solenemente : - Ainda que todos me rejeitem , Eu cumprirei a promessa.

O Criador não suportava o pensamento de ver o pequeno Caim caminhar para a perdição. Por ele intercedia a cada dia, oferecendo ante a justiça o Seu sangue que verteria. Anjos poderosos guardavam-no a cada momento, espancando as trevas espirituais que o acercavam procurando torná-lo insensível aos benefícios da salvação , que eram ilustrados pelos símbolos.

Adão e Eva em seu incansável ministério de amor, todos os dias ensinavam a Caim as lições espirituais ilustradas na natureza. Em cada sábado procuravam firmar em sua mente juvenil a esperança de uma vida eterna, que seria fruto do sacrifício do Salvador. Ele depois de viver uma vida sem pecado, morreria como um cordeiro , para poder expulsar para sempre as trevas.

A contemplação do Éden distante banhado em sol fez nascer no coração juvenil de Caim pensamentos de aventura. Ele começou a pensar : "Este paraíso não está tão longe como afirmam papai e mamãe. Por que esperar e sofrer tanto tempo?! Ele é tão belo! É dele que surge todos os dias o sol! Se o conquistarmos, será fácil deter a luz em sua nascente; Assim viveremos num paraíso de eterno sol.

As idéias de aventura de Caim, enchiam o coração de Adão e Eva de tristeza. Viam que seu interesse era somente pelo tempo presente; ele sonhava com um paraíso de felicidade e luz conquistado por sua força. Em seus planos, não sentia necessidade de um Salvador; - Para que, se era tão jovem, inteligente , cheio de vida e ideais?- dizia.

Os dias de lutas, intercessões e sacrifícios pelo destino de Caim foram se passando.

Oportunidades preciosas surgiam em cada dia diante dele para se apegar ao Salvador, mas a todas rejeitava, uma por uma. Em sua incredulidade chegou a duvidar da existência desse Deus, o qual jamais vira.

Aos pais que, aflitos mas sempre com paciência, procuravam livrá-lo da perdição para a qual estava caminhando, prometeu um dia , após sorrir com ar de incredulidade, crer no Criador e em Seu plano de salvação, caso Ele se tornasse visível na hora do sacrifício.

Com ardente fé, aqueles pais passaram a clamar ao Eterno. Sua presença visível poderia, quem sabe, salvar aquele filho querido que a cada dia tornava-se mais rebelde.

O Criador ouviu o clamor dos pais aflitos. Embora soubesse que Sua aparição dificilmente quebraria no coração do jovem Caim seu espírito rebelde, estava disposto a cumprir o pedido. Estenderia os braços amigos a Caim, procurando com amor conquistar-lhe o coração. Como conhecia os seus anseios e sonhos de aventura, facilmente poderia identificar-Se com ele, cativando-o, pois era também Alguém que sempre carregara no peito sonhos de aventura; Não fora a criação do Universo uma grande aventura?! Não fora o Seu sonho vê-lo cravejado de sóis fulgurantes, iluminando bilhões de mundos com o seu brilho?! Não era também o Seu maior atravessar o vale da morte, em busca da conquista do Éden distante, prendendo para sempre o Sol em seu céu?! Tinham muita coisa em comum!

Caim estava curioso naquela sexta-feira. Na face dos pais, via ânimo e alegria, frutos de uma fé grandiosa. Incentivado por essa expressão de confiança, o jovem passou a ajudá-los nos preparativos para o santo sábado.

O Sol finalmente esquivou-se rolando para o poente, deixando como de costume seu rastro de saudade que anunciava medo. Em meio às trevas, Caim discerniu o vulto branco do cordeiro sendo erguido para o altar pelas mãos do pai - esse incansável sacerdote que sempre estava implorando ao Criador pela salvação de seu amado filho.

Com a mão erguida, Adão preparava-se para o golpe que poderia, quem sabe, quebrar no coração de Caim sua incredulidade, fazendo nascer num só momento a crença na salvação. De seus lábios escapa-se então a prece da fé: - Pai Eterno, ouve o meu pedido; Meu filho precisa de Ti! Somente um olhar Teu poderá conquistá-lo. Venha Senhor!!

Esta oração sincera caiu nos ouvidos daquele filho comovendo-o. Somente a prece já seria suficiente para convencê-lo da existência real de um Salvador.

Um forte brilho envolveu logo toda a colina banhando também o vale oriental. Os olhos arregalados de Caim pousaram então nos olhos amáveis do Criador, que trazia na face um brilho superior ao do sol, mas não ofuscante. Contemplando-O com admiração, Caim exclamou: - Ele é jovem como eu, e se parece com o Sol!

Adão e Eva, comovidos pela grande saudade tinham vontade de saltar ao peito do Salvador e beijá-Lo, mas deixaram que Ele Se encontrasse primeiro com Caim. Com alegria, viram o precioso filho envolvido nos braços do grande amigo, que era parecido com o seu astro. Depois de longo abraço, Deus abraçou e beijou também o querido casal, companheiros no sofrimento.

Caim, conquistado pela afeição do Pai Eterno, mostrou-Lhe seus animais de estimação e seu pequeno jardim carregado de lindas flores. Como estava encantado por vê-los coloridos naquela noite desfeita pelo brilho do Criador, como sob a luz do dia! Parecia até mesmo que o Sol baixara a eles.

Ao pensar no Sol, Caim como o amava muito, passou a falar sobre ele dizendo:

- Como ele é belo e bom! Quando ele vai-se embora, deixa em suas lágrimas de sangue um sentimento de tristeza e temor. Tudo desaparece em sua ausência: os animais, o jardim; até os passarinhos silenciam os seus cantos! ...Mas basta ele dizer que vai aparecer, tudo se enche de encanto; A natureza se desperta de mansinho, parecendo ainda temer as trevas, mas quando as vê fugir, fica alerta e canta; Os animais, os passarinhos, o jardim,... tudo volta a viver feliz! Mas, esta felicidade sempre acaba!!!

Após falar estas palavras, Caim fitando o Criador indagou curioso:

- Papai sempre diz que foi você quem criou o Sol. É verdade?

Com um sorriso de sinceridade Deus respondeu-Lhe que sim.

- Quando Você o fez no princípio, continuou Caim, ele já fugia para o poente?

- Ele nunca foge, respondeu o Eterno, é o mundo quem foge dele. Ele fica triste com essa ingratidão!

--Mas como? Perguntou Caim, contemplando curioso Sua face de luz.

Com palavras carinhosas, Deus passou a contar-Lhe a história de Lúcifer que, em sua ingratidão baniu de seus olhos e dos olhos de uma multidão de criaturas, o brilho de Sua face - o Verdadeiro Sol. Depois de assim agir, iludiu a muitos dizendo que foi o Sol quem fugiu deles. Com sua astúcia, continuou o Criador, o anjo rebelde procurou arrastar o ser humano para as trevas, e conseguiu. O Sol naquele dia, chorou tantas lágrimas de sangue, que banhou todo o céu. Em seu último suspiro de luz, porém, ele prometeu ao mundo já tomado pelas trevas, voltar um dia a brilhar para sempre, enchendo todo o seu seio de vida.

Após falar-Lhe estas palavras, o Eterno fitando aquele jovem, com expressão de tristeza nos olhos concluiu dizendo: - Hoje, o anjo rebelde promete a seus seguidores que irá com sua força deter o sol, mas ele jamais conseguirá realizar esse plano, pois não possui o laço que poderá detê-lo: o amor.

Cabisbaixo, Caim ouviu dos lábios do Criador essa história de promessas, a qual já se cansara de ouvir de seus pais. Essa história não Lhe dava prazer, pois mostrava uma noite longa de sacrifícios sobre o altar, e de um Salvador a perecer em dor. Em realidade, Caim não via razões para tudo isso. Por que não banir logo o sofrimento colorindo as trevas de luz?!

Num esforço para conquistá-lo, o Eterno com muito amor fitou aquele jovem insatisfeito, e disse-Lhe que, somente o sangue de Seu sacrifício poderia fazer o Sol para sempre brilhar, num reino de eterna felicidade e paz. Não havia outro caminho para essa conquista. Por isso, deveria ser paciente, descansando-se sob o Seu cuidado.

Após conversar por longo tempo com Caim, na tentativa de fazê-lo reconhecer sua necessidade de salvação, Jeová voltando-Se para o casal, passou a consolá-los com a promessa do nascimento de outro filho. Mais trinta e seis sacrifícios seriam contados, e seus braços envolveriam o segundo filho. Nasceria também da dor, mas traria nos olhos o brilho e o consolo da salvação. O seu testemunho de fidelidade ficaria perpetuado por todas as gerações, no símbolo de um altar coberto de sangue.

As semanas iam se passando, trazendo ao casal novas de alegrias e tristezas : de um coração cheio de vida a pulsar no ventre de Eva, e de um vazio com cheiro de morte a crescer no coração do jovem Caim. Ainda que ele tenha ficado deslumbrado ante a manifestação de Deus, em nada essa aparição mudou-lhe sua maneira arrogante de pensar sobre o sentido da vida. Ele não via sentido nos sacrifícios oferecidos no altar. Nos dias que seguiram o seu encontro com o Criador, ele argumentava com os seus pais dizendo: - Se eu fosse poderoso como o Eterno, eu jamais me submeteria ao sacrifício para reconquistar o reino perdido. Ele é forte, e brilha como o sol. Ele poderia com uma só palavra expulsar todas as trevas, devolvendo-nos o paraíso. Para que tanto sofrimento?! Com essa argumentação, Caim supunha-se mais sábio que o Criador. Quem sabe, num próximo encontro teria oportunidade de aconselhá-Lo.

Dessa forma, o jovem Caim aprofundava-se cada vez mais no abismo do orgulho e do egoísmo - lugar de ilusões para onde se ia, pensando estar caminhando para a vitória. Não fora Lúcifer juntamente com um terço das hostes celestes atraídos por essa mesma ilusão?! O bondoso Deus , todavia, não selaria o destino de Caim sem antes procurar de todas as formas salvá-lo da ruína eterna. Essa graça imerecida, fruto do divino amor, seria concedida a todo o ser humano que viesse a nascer neste mundo.

NOS TEMPOS DE ABRAÃO

A história de Salém

Esta é a história de Salém, segundo ouvi dos lábios de Melquisedeque por ocasião da festa de sukot, cinco dias depois do livramento de Ló e suas filhas.

Tudo começou com um sonho no coração de um homem chamado Adonias. Ele possuía muitas riquezas, mas a nada prezava mais que a justiça e a paz que nascem da sabedoria e do amor. Cansado com as injustiças que predominavam por toda a terra de Canaã, Adonias resolveu edificar um reino que fosse regido por leis de amor e de justiça. O nome da capital desse reino seria Salém, a Cidade da Paz.

Os súditos de Salém não empunhariam arcos nem flechas, mas seriam treinados na arte musical. Cada habitante de Salém teria sempre ao alcance de suas mãos um instrumento musical, para expressar por meio dele a paz e a alegria daquele novo reino. Juntos formariam uma poderosa orquestra na luta contra a desarmonia que nasce do orgulho e do egoísmo.

O primeiro passo de Adonias para a concretização de seu plano, foi elaborar as leis do novo reino, as quais ele escreveu em um pergaminho. Os súditos de Salém não poderiam mentir, furtar, odiar, nem matar seus semelhantes. O orgulho e o egoísmo eram apontados como causa de todo o mal, portanto, não poderiam existir naquele lugar de paz.

As leis do pergaminho requeriam a prática da humildade, da sinceridade, da amizade, e, acima de tudo, do amor, que é a maior de todas as virtudes.

Depois de registrar no pergaminho as leis que regeriam aquele reino, Adonias passou a arquitetar Salém. Seria uma cidade a princípio pequena, com habitações para mil e duzentas pessoas. Como lugar de sua edificação, foi escolhida uma região alta de Canaã, ao ocidente do Monte das Oliveiras. Em pouco tempo, a realização de Adonias começou a atrair pessoas de todas as partes que, de perto e de longe, vinham para conhecer os palácios e as mansões que estavam sendo edificadas. Admirados ante a beleza daquela cidade tão alva, os visitantes perguntavam sobre quem seriam os seus moradores. Adonias mostrava-lhes o pergaminho, dizendo que Salém destinava-se aos limpos de coração - aqueles que estivessem dispostos a obedecerem suas leis.

-----*****-----

A edificação da cidade foi finalmente concluída, e Salém revelou-se formosa como uma noiva adornada, à espera de seu esposo.

Assentado em seu trono, Adonias examinava os numerosos pretendentes que chegavam de todas as partes, desejosos em ser súditos daquele reino. Aqueles que, prometendo fidelidade às leis eram aprovados, recebiam três dotes do rei: o direito a uma mansão, vestes de linho fino e um instrumento musical no qual deveriam praticar.

A cidade ficou finalmente repleta de moradores. Cheio de alegria, Adonias convocou a todos para a festa de inauguração de Salém, no decorrer da qual proclamou um decreto que determinaria o futuro daquele reino, dizendo:

- A partir deste dia, que é o décimo do sétimo mês, seis anos serão contados, nos quais todos os moradores serão provados. Somente aqueles que permanecerem leais, progredindo na prática das leis do pergaminho, serão confirmados como herdeiros deste reino de paz. Aqueles que forem enlaçados por culpas e transgressões serão banidos pelo juízo.

As palavras do rei levaram todos a um profundo exame de coração, e alegraram-se com a certeza de que alcançariam vitória sobre todo o orgulho e egoísmo, que são as raízes de todos os males.

-----*****-----

Adonias tinha um único filho a quem dera o nome de Melquisedeque. A beleza, ternura e sabedoria desse filho amado haviam sido sua inspiração para a edificação de seu reino. Melquisedeque tinha doze anos de idade, quando Salém foi inaugurada. Era plano de Adonias coroá-lo rei sobre os súditos aprovados, ao fim dos seis anos. Este plano, ele o manteria em segredo até o momento devido.

O príncipe, com suas virtudes e simpatia, tornou-se logo muito querido de todos em Salém. Ele tinha sempre nos lábios um sorriso e uma palavra de carinho. Apreciava estar junto aos súditos em seus lares, recitando-lhes as leis do pergaminho em forma de lindas canções que vivia a compor. Sua presença trazia ao ambiente uma atmosfera de felicidade e paz. Esse amado príncipe possuía, de fato, todas as virtudes necessárias para ser rei de uma Salém vitoriosa.

-----*****-----

Adonias edificara uma mansão especial junto ao palácio, com o propósito de ofertá-la ao súdito cuja vida expressasse mais perfeitamente as leis do pergaminho. Diariamente ele observava os moradores, procurando entre eles essa pessoa a quem desejava honrar.

Passeava pelas alamedas de Salém, quando, por entre o trinar de pássaros, Adonias ouviu uma voz semelhante a de seu filho. Ao voltar-se para ver quem era, encontrou um belo jovem que cantarolava uma canção. Ao contemplar em sua face o brilho da sabedoria e da pureza, Adonias alegrou-se por haver encontrado aquele a quem poderia honrar. Aquele jovem, que era uma cópia fiel do príncipe, chamava-se Samael.

Colocando-lhe um anel no dedo, o rei conduziu-o ao palácio, onde foi recebido por Melquisedeque que ofereceu-lhe muitos presentes, entre os quais o direito de estar sempre ao seu lado.

Adonias preparou um grande banquete em honra a Samael, para o qual todos foram convidados. Ao contemplá-lo ao lado do rei, os súditos o aclamaram com alegria, acreditando ser ele o próprio príncipe. Exaltavam com júbilo as virtudes daquele formoso jovem, quando revelou-se Melquisedeque, posicionando-se com um sorriso à direita de seu pai.

No banquete, Samael foi honrado por todos. Realmente ele era digno de residir na mansão do monte, pois havia nele um perfeito reflexo das virtudes que coroavam o amado príncipe.

-----*****-----

Salém crescia em felicidade e paz. Com alegria, os súditos reuniam-se a cada dia ao amanhecer para ouvirem, cantarem e tocarem as sublimes composições de Melquisedeque, que inspiravam atos de bondade e paz.

Entre as amizades nascidas e fortalecidas em virtude da música harmoniosa, sobressaía aquela que unia o príncipe a Samael. Desde que passara a residir na mansão do monte, Samael tornara-se seu companheiro constante. Passavam longas horas juntos, meditando sobre as leis do pergaminho. Com admiração, o súdito honrado via o filho de Adonias transformar aquelas leis em lindas canções. As doces melodias nasciam dos seus lábios como o perfume de uma flor.

Consciente da importância da música na preservação da harmonia e paz em Salém, o príncipe, além do canto, passou a dedicar-se à música instrumental, sendo o seu instrumento preferido o alaúde. Era por meio desse instrumento que conseguia expressar com maior perfeição a riqueza de seu íntimo.

-----*****-----

Dos seis anos de prova, cinco, finalmente, passaram. Adonias, feliz por ver que até ali todos os habitantes de Salém haviam permanecido leais aos princípios contidos no pergaminho, convocou-os para um banquete, no qual faria importantes revelações.

Tendo tomado seus lugares diante do trono, os súditos, com alegria uniram as vozes entoando os cânticos da paz, sendo regidos por Samael.

Depois de ouvi-los, o rei, emocionado, dirigiu-se a seu filho, abraçando-o em meio aos aplausos da multidão agradecida. Todos reconheciam que a paz e a alegria em Salém eram em grande medida devidas ao amor e dedicação do querido príncipe, que era o autor daquelas doces canções.

Naquele momento de reconhecimento e gratidão, Adonias revelou os seus planos mantidos até então em segredo. Com voz pausada, disse-lhes:

- Súditos deste reino de paz, minh'alma está repleta de alegria por contemplar nesse dia vossas faces mais radiantes que outrora. Vossas vestes continuam alvas e puras, como quando as recebestes de minhas mãos. A harmonia de vossas vozes e instrumentos hoje são maiores.

Tendo dito estas palavras, o rei acrescentou com solenidade:

- Um ano de prova ainda resta, ao fim do qual sereis examinados. Permanecendo fiéis como até aqui, sereis honrados, confirmados como súditos deste reino de paz. Contudo, se alguém for achado em falta, será banido, ainda que este julgamento nos traga muita tristeza e sofrimento.

As palavras do rei levaram os súditos a uma profunda reflexão. Todos, examinando-se, indagavam reverentes: - Estaremos aprovados?!

Certos de que seriam vitoriosos, pois amavam Salém e suas leis, uniram as vozes num cântico expressivo de fidelidade. Ao terminarem o cântico, Adonias revelou-lhes seu grande segredo:

- Aqueles que forem aprovados, herdando este reino de paz, receberão como rei o meu filho, a quem darei o trono glorificado dessa Salém vitoriosa.

A revelação do rei foi aclamada por todos com muito júbilo. Adonias, contudo, ainda não lhes revelara todo o seu plano, por isso, pedindo-lhes silêncio, prosseguiu:

- O meu filho empunhará um cetro especial, no qual selarei todo o direito de domínio. Seu cetro, simbolizando toda a harmonia, será um alaúde.

Diante desta revelação que a todos sensibilizou, o príncipe, prostrando-se aos pés de seu pai, chorou motivado por muita alegria. Enquanto isto, todos o aplaudiam com euforia, ansiando ver o raiar desse dia em que a paz seria vitoriosa.

Adonias, chamando para junto de seu filho a Samael, concluiu dizendo:

- No governo dessa Salém vitoriosa, tenho proposto fazer de Samael o primeiro depois de Melquisedeque. A ele será confiado o pergaminho das leis, devendo ser o guardião da honra desse reino triunfante.

-----*****-----

Samael, ao conhecer os planos de Adonias quanto ao futuro de Salém, encheu-se de euforia.

Contemplava agora risonho aquela cidade sem igual, imaginando seu futuro de glória. Considerando as palavras do rei, de que ele seria o segundo no reino, deixou ser dominado por um sentimento de exaltação. Ele, que até ali, em obediência às leis do pergaminho, vivera uma vida de humildade, começava a orgulhar-se de sua posição. Em seu devaneio sentia-se junto ao trono, tendo os súditos de Salém a seus pés, aclamando com louvores sua grandeza. Samael, totalmente dominado por esse sentimento, não dava por conta de que estava sendo conduzido para um caminho perigoso. O orgulho que o seduzira estava gerando o egoísmo que logo se manifestaria em cobiça.

-----*****-----

Uma semana após a revelação de Adonias, os súditos promoveram uma festa em homenagem a Melquisedeque, o futuro rei de Salém. Vendo-o aclamado por tantos louvores, Samael teve o coração tomado por um estranho sentimento de inveja, fruto do orgulho e do egoísmo. Não podia suportar o pensamento de ser deixado em segundo plano. Não era ele tão formoso e sábio quanto o príncipe?! Era quase impossível disfarçar tal sentimento de infelicidade.

Outrora, Samael encontrara indizível prazer nos momentos em que, ao lado do príncipe, recitava as leis contidas no pergaminho, que eram transformadas em lindas canções. Agora, tais momentos tornaram-se desagradáveis, pois aqueles princípios contrariavam os seus ideais. Decidiu, contudo, não revelar seus sentimentos de revolta. Suportaria o antiquado pergaminho até que, com sua autoridade, pudesse bani-lo do novo reino que seria estabelecido. Não seria ele o guardião daquelas leis? Essa "vitória" procuraria alcançar mediante sua influência e sabedoria.

Julgando poder influenciar o filho de Adonias com seus sonhos de grandeza, Samael aproximou-se dele com euforia, e passou a falar-lhe das glórias do reino vindouro, onde os dois, cobertos de honras, desfrutariam os louvores de uma Salém vitoriosa. Seriam eles os heróis do mais perfeito reino estabelecido entre os homens.

As delirantes palavras do súdito honrado trouxeram preocupação e tristeza ao coração do jovem príncipe, pois não refletiam os ensinamentos de amor e humildade do pergaminho.

Vendo o seu íntimo amigo em perigo, Melquisedeque, com uma ternura jamais revelada, conduziu-o para junto do trono, onde, tomando o pergaminho, passou a ler compassadamente os seguintes parágrafos:

- O reino de Salém será firmado sobre a humildade, pois esta virtude é a base de toda verdadeira grandeza.

A humildade é fruto do amor, sendo contrária ao orgulho, que pode manter uma criatura presa ao pó, fazendo-a contentar-se com suas limitações, iludindo-a como se as mesmas fossem de infinito valor. A humildade consiste no esquecimento de si, e este, numa vida de abnegado serviço aos semelhantes. Samael, esforçando-se para encobrir sua indignação ante a leitura do pergaminho que para ele era ultrapassado, disse ao príncipe, em tom de conselho amigo:

- Meu bom companheiro, reinaremos numa Salém vitoriosa, que fulgurará muito acima deste pergaminho, cujos princípios foram cumpridos fielmente nesses anos de prova. A plena liberdade não será a glória de Salém? Pois saiba que, completa liberdade não coexistirá com estas leis, cujo objetivo encerra-se ao fim dos cinco anos. Caberá a nós dois coroarmos Salém com a honra de uma total liberdade, que gerará uma felicidade sem fim. Tal liberdade é impossível existir sob as limitações do pergaminho.

O filho do rei ficou muito abalado ante as palavras de seu amigo, que evidenciavam loucura. Como libertá-lo desse caminho de morte?!

-----*****-----

Ninguém em Salém, além de Melquisedeque, conhecia a triste condição de Samael. Com paciência, o príncipe procurava conscientizá-lo do real valor do pergaminho, cujas leis não podiam jamais ser alteradas, pois isto seria o fim de toda a paz.

Os conselhos do príncipe despertaram finalmente o seu coração. Meditando sobre suas palavras, conscientizou-se de estar seguindo por um caminho enganoso.

Ao ver nos olhos daquele a quem tanto amava as lágrimas do arrependimento, o filho de Adonias alegrou-se com sua vitória sobre o orgulho e o egoísmo.

Os dias que seguiram-se à libertação foram cheios de realizações. O príncipe revelava-se ainda mais amigo, disposto a dar tudo de si para que seu companheiro pudesse prosseguir triunfante no caminho da humildade. Naqueles dias de júbilo, foi dada a ele a honra de conhecer o cetro que estava sendo moldado.

Num momento de descuido, Samael, que voltara a desfrutar paz de espírito, permitiu que seu coração novamente ficasse possuído por um sentimento de grandeza, que fez desencadear nova tormenta em sua alma. Esse sentimento misto de orgulho e cobiça lhe sobreveio no momento em que o príncipe mostrava-lhe o dourado alaúde, no qual estava sendo impresso o selo de todo o domínio.

-----*****-----

De sua mansão Samael contemplava Salém em seu esplendor matinal. Vendo-a, qual noiva adornada à espera de seu rei, cobiçou-a. Em seu delírio passou a formular planos de conquista. Já podia sentir-se exaltado sobre o seu trono, tendo nas mãos o cetro precioso. Todos o aclamariam como o libertador da opressão daquelas leis. Salém seria um reino de completa liberdade e prazer. Dominado por esta cobiça, passou a maquinar planos de conquista.

Samael decidiu agir subtilmente entre os súditos, levando-os a ver no pergaminho um empecilho à real liberdade. Em sua missão de engano, agiria com aparente bondade, revelando interesse pelo crescimento da felicidade de todos.

Pondo em prática seus planos, passou a visitar os súditos em suas mansões, falando-lhes das glórias do reino vindouro, onde desfrutariam completa liberdade.

Grande era a sua influência em Salém. Todos admiravam sua beleza e sabedoria, tendo-o como um perfeito apóstolo da justiça e do amor. Ninguém podia imaginar que, em meio àquela atmosfera de júbilo e gratidão, uma armadilha sutil estava sendo colocada, nas garras da qual muitos poderiam cair por descuido.

Em sua sedutora missão, Samael não falava contra o pergaminho, aliás, louvava-o por haver exercido naqueles seis anos, prestes a findarem, uma missão de prova. Em sua lógica, contudo, procurava mostrar que, no reino vindouro, quando todos estivessem aprovados, estariam acima daquelas leis. Seus argumentos, aparentemente corretos, preparavam-lhe o caminho para afirmar abertamente que, no novo reino, a existência do pergaminho seria um entrave à concretização da verdadeira liberdade.

-----*****-----

As sementes da rebelião lançadas por Samael não tardaram a germinar no coração de muitos em Salém. Isto acontecia a seis meses do Yom Kipur, quando o destino de todos seria selado. Um terço dos habitantes, seduzido pelo terrível engano, exaltava-o agora, em completo desprezo às leis e ao príncipe, a quem julgavam ultrapassados.

Adonias, que sofria ao ver o surgimento de toda essa rebeldia, convocou os súditos para uma reunião de emergência. Na face de todos podia-se ver as contrastantes disposições.

Com voz compassiva, o rei passou a revelar-lhes, como jamais fizera antes, a grande importância das leis registradas no pergaminho, mostrando que elas eram a base de toda a prosperidade e paz. Se tais leis fossem banidas, toda felicidade e glória se extinguiriam, dando lugar ao caos.

Depois de mostrar a necessidade das leis, Melquisedeque, movido por um forte desejo de salvar aqueles a quem tanto amava, ergueu diante de todos o pergaminho e, com voz cheia de bondade, ofereceu-lhes o perdão e a oportunidade de recomeçarem no caminho da paz. Suas palavras a todos emocionou. Até mesmo Samael ficou a princípio motivado, contudo, o orgulho impediu-lhe novo arrependimento. Desta maneira, o súdito honrado, quando ainda podia olhar arrependido para o pergaminho, endureceu-se em sua rebeldia, decidindo prosseguir até o fim. Esta decisão, todavia, não a manifestaria prontamente, pois idealizara um traiçoeiro plano.

-----*****-----

Ao findar o encontro da oportunidade, Samael convocou seus seguidores para uma reunião secreta, que foi realizada sob o manto da noite, junto ao riacho de Cedrom, que fica fora dos muros de Salém. Após maldizer o pergaminho e a todos aqueles que o defendiam, começou a falar-lhes de seus planos de vingança e traição:

- **Como vocês sabem, os seis anos da prova estão se esgotando, restando, a partir de hoje, vinte e quatro semanas para o dia da coroação. Se vocês quiserem ter-me como rei em lugar de Melquisedeque, poderei roubar-lhe o cetro, apoderando-me do reino.**

Samael passou a explicar-lhes os lances da traição, dando-lhes as devidas orientações sobre a maneira de agirem a partir daquela data:

- **Precisamos manter uma aparência de fidelidade ao pergaminho e ao príncipe até que chegue o momento de agirmos. O golpe será dado na noite que antecede o dia da coroação. A meia-noite, furtivamente nos ausentaremos de Salém. Roubarei nessa noite o cetro e, juntos, fugiremos para o profundo vale onde estão as cidades de Sodoma e Gomorra. Ali nos armaremos, e marcharemos contra Salém, subjugando nossos inimigos. Acabaremos então com o pergaminho e com todos aqueles que se recusarem prestar obediência ao nosso governo.**

-----*****-----

Sobrevieram dias de aparente tranqüilidade e paz. Samael, fingindo fidelidade, estava sempre ao lado do príncipe, demonstrando admiração pelas suas novas composições que exaltavam as leis do pergaminho. Os seguidores de Samael, da mesma maneira, uniam as vozes em louvores que expressavam a grandeza dos princípios aos quais repugnavam.

Melquisedeque, cheio de alegria por ver aproximar-se o dia de sua coroação, ensaiava com os súditos os cânticos da vitória, os quais compusera especialmente para aquela ocasião. Com felicidade falava a todos sobre seus sonhos em tornar Salém cada vez mais honrada por sua beleza e harmonia.

Samael, em sua maldade velada, zombava do príncipe. Já previa a dor que lhe traria o golpe da traição. Naqueles dias de aparente paz, o súdito rebelde procurou conhecer o lugar em que o cetro ficaria oculto até o dia da coroação. O príncipe, sem nada desconfiar, revelou-lhe todo o segredo: a sala, o cofre com seu enigma, o rico estojo e, finalmente o tesouro. Contemplando-o, o astuto Samael animou-se ao ver estampado em seu bojo o selo do domínio. Compreendeu que aquele que o possuísse teria nas mãos o reino de Salém. Somente alguns dias, pensou, e teria sob seu poder aquele instrumento precioso.

-----*****-----

O sol declinou trazendo para Salém o dia que significaria vitória ou derrota.

Pouco antes do anoitecer, Samael deixara o palácio onde passara todo o dia ao lado do príncipe, ajudando-o nos preparativos para a cerimônia da coroação. Dirigindo-se para sua mansão, saudou as trevas com um sorriso maldoso. Como ansiara por aquela noite!

Enquanto os fiéis, embalados pela emoção da feliz vitória, revisavam sob a luz de candeias os adornos de seus instrumentos, de vestes e mansões, certificando-se que seriam aprovados na manhã seguinte, Samael e seus seguidores faziam seus últimos preparativos para desferirem o golpe.

À meia-noite, seguindo as instruções de Samael, todos os seus seguidores abandonaram silenciosamente suas mansões, rumando-se ao profundo vale de Cedrom, onde esperariam pelo seu novo rei.

Samael, por sua vez, dirigiu-se aos fundos do palácio, por onde esperava entrar sem ser notado, indo ao encontro do cetro. Evitando qualquer ruído, transpôs o portal, dirigindo-se silenciosamente à sala que guardava o precioso cetro.

Naquele momento, o príncipe que, insone rolava em seu leito, pressentindo algum perigo, dirigiu-se ao quarto de seu pai e o despertou dizendo:

- **Meu pai, ouvi ruídos de passos no interior do palácio.**

Afagando a cabeça de seu filho, Adonias, sonolento respondeu-lhe:

- **Filho, não se preocupe. Deite-se comigo e durma tranqüilamente. Daqui a pouco raiará o alvorecer e você terá nas mãos o alaúde dourado.**

O príncipe, tranqüilizado pelas palavras confiantes de seu pai, entregou-se a um sono de lindos sonhos em que vivia ao lado de Samael e de todos os súditos de Salém, os momentos festivos da coroação.

Enquanto isso, o rebelde, com as mãos trêmulas, apossava-se do cetro. Naquele momento, teve a idéia de levar somente o alaúde, deixando o estojo em seu devido lugar. Com um sorriso cheio de maldade, imaginou o momento em que o rei entregaria ao seu filho aquele estojo vazio.

Levando consigo o cetro, Samael dirigiu-se apressadamente ao lugar em que seus seguidores o aguardavam. Ao encontrá-los, deu vazão a todo o seu orgulho proclamando:

- **Agora eu sou o rei de Salém. Quem possui um cetro como o meu? Com ele domino a terra e o mar. A minha força está nas trevas, pois através delas o conquistei.**

Festejando a vitória, a turba ruidosa afastou-se para distante de Salém, seguindo rumo às cidades corrompidas da planície, onde pretendiam armarem-se para a conquista de seu reino.

-----*****-----

O sol surgiu no horizonte, trazendo a luz do dia da expiação (Yom Kipur). Despertando de seu sono de lindos sonhos, o príncipe apronta-se para a cerimônia do juízo e da coroação. Vestes especiais de linho fino, adornadas com fios de ouro e pedras preciosas, foram-lhe preparadas. Depois de vestir-se,

Melquisedeque encaminhou-se para o encontro de seus súditos, na extremidade sul de Salém. Dali os conduziria numa marcha festiva rumo ao palácio situado ao norte, sobre o monte Sião.

Adonias, fazendo soar um longo chifre, convocou a todos para a reunião do julgamento. Deixando suas mansões, todos os remanescentes dirigiram-se para a praça do portão sul, levando consigo seus instrumentos musicais.

Ao encontrar-se com aqueles fiéis, Melquisedeque ficou surpreso pela ausência de muitos. Esse mistério doía-lhe na alma, pois lhe ocultava a face mais querida de seu amigo Samael.

Deixando seus seguidores reunidos, o príncipe saiu à procura dos ausentes. Em sua busca infrutífera, dirigiu-se finalmente à mansão do monte, onde chamou por Samael. Sua voz, contudo, não trouxe nenhuma resposta além de um eco vazio, que traduzia ingratidão.

Lendo no triste vazio a traição, sentiu vontade de chorar. Num só momento veio-lhe à mente todo o passado daquele a quem buscara com tanta dedicação conservá-lo em sua glória, através de conselhos sábios. Recordou aqueles dias que seguiram à sua recuperação. Como se alegrara com a certeza de que seu amigo não mais voltaria a cair! Levando-o a pressentir a tragédia, vieram-lhe à lembrança as indagações de Samael sobre o alaúde, o qual mostrou-lhe num gesto de amizade. A memória deste fato, somada aos passos ouvidos no interior do palácio naquela noite, deu-lhe a certeza de que Salém corria perigo. Não suportando essa possibilidade de traição, prostrou-se em pranto, ferido pela terrível ingratidão daquele a quem dedicara tanto amor.

Curvado pela dor, permaneceu por algum tempo procurando encontrar algum consolo. Enxugou finalmente as lágrimas, decidido a fazer qualquer sacrifício a fim de devolver a Salém sua glória e poder, redimindo-lhe o cetro das mãos do rebelde.

Consolado pela certeza da vitória, Melquisedeque retornou para junto dos súditos fiéis. Ocultando-lhes seu sofrimento, bem como o motivo da ausência de tantos, o príncipe guiou-os em marcha triunfal rumo ao palácio.

-----*****-----

Ao aproximarem-se do monte Sião, galgaram os alvíssimos degraus da escadaria, sendo seguidos pela multidão exultante. Doía-lhe na alma a expectativa de ver morrer nos lábios dos fiéis, naquela manhã, o seu alegre canto, devido ao golpe da traição.

Encontravam-se agora no interior do palácio, diante do magnífico trono que esperava pelo jovem rei. Na base do trono, jazia aberto, em meio a um arranjo de flores, o pergaminho das leis. Junto dele podia-se ver a linda coroa, feita de ouro e pedras preciosas, bem como o estojo daquele cetro que simbolizava toda a harmonia de Salém.

Os súditos estavam felizes, pois sabiam que seriam considerados dignos de herdar aquele reino de paz. Aguardavam agora o momento da coroação, quando o seu novo rei os regeria de seu trono com seu cetro precioso, num cântico triunfal.

Em meio aos aplausos das hostes vitoriosas, Melquisedeque dirigiu-se a seu pai, que o recebeu com um carinhoso abraço. O momento era deveras solene. As hostes silenciaram-se na expectativa da coroação. O estojo seria aberto e todos testemunhariam a exaltação do querido príncipe.

Com o coração pulsando forte pela alegria, Adonias curvou-se sobre o estojo, abrindo-o cuidadosamente. Ao encontrá-lo vazio, a alegria de seu semblante deu lugar a uma expressão de indizível preocupação e tristeza, pois naquele cetro selara o destino daquele reino de paz.

Ao ver seu pai e todos os súditos aflitos pela ausência do cetro e de tantos amigos que deveriam estar com eles naquele momento, Melquisedeque consolou-os com a promessa de que buscaria o cetro. Inconscientes dos riscos e perigos que aguardavam o príncipe em seu caminho, os súditos despediram-se dele, vendo-o partir apressadamente.

-----*****-----

O alvorecer daquele dia que seria o da coroação alcançou os rebeldes distantes de Salém, a caminho das cidades da planície. Naquele manhã, Samael encheu-se de fúria ao ver que o precioso alaúde estava adornado com inscrições das leis contidas no pergaminho. Tomando uma pedra pontuda, passou a danificar o cetro, raspando-lhe todas as palavras de amor e justiça. Suas harmoniosas cordas estavam agora desafinadas sobre o seu bojo ferido, mas continuava sendo precioso, pois sobre ele jazia selado o domínio de Salém. Possuí-lo, significava ser dono de todo o poder.

Ao chegarem à altura em que o caminho bifurcava-se, Samael ordenou a seus seguidores que prosseguissem rumo a Gomorra, enquanto ele iria até Sodoma, onde permaneceria por dois dias, juntando-se depois a eles.

Esperou pela noite para entrar em Sodoma. Quando ali entrou, caminhou pelas ruas estreitas sem ser notado, até encontrar uma casa isolada sobre uma elevação. Fazendo do cetro sua arma, invadiu a casa matando seus moradores, enquanto dormiam. Apossou-se dessa maneira daquela residência onde, solitário, maquinaria seus planos para a tomada de Salém.

-----*****-----

O entardecer daquele dia que seria o da coroação alcançou o filho de Adonias a caminhar pelo pedregoso caminho rumo ao vale. Seus olhos carregados de tristeza e anseio voltam-se para o solo, em busca dos rastros dos rebeldes. A lembrança da ingratidão daqueles a quem tanto amava o fez chorar. Suas lágrimas, refletindo os últimos lampejos daquele sol poente, assemelham-se a gotas de sangue jorrando de um coração ferido. Ele chorava não por causa dos perigos que lhe sobreviriam naquela fria noite, mas pela infeliz sorte daqueles que haviam trocado a paz de Salém pela violência daquelas cidades da planície.

O seu único consolo era a lembrança daqueles que, apesar de todas as tentações, haviam permanecido fiéis. A eles prometera devolver o cetro, e isto o faria apesar de qualquer sacrifício.

Depois de uma longa noite de insônia em que o príncipe ficou recostado ao lado do caminho, raiou a luz de um dia que seria decisivo.

Ao aproximar-se de Sodoma naquela manhã, o pensamento de estar tão próximo do cetro de sua amada Salém fez com que se esquecesse de toda a fadiga, abreviando seus passos rumo ao desafio. Ao abeirar-se do grande portão da cidade, ficou tomado por um temor, ao ouvir ruídos espantosos de desarmonia, que traduziam o orgulho, o egoísmo e a cobiça que ali dominavam todos os corações, fazendo-os explodir na orgia de uma maldade sem fim.

Seria um grande risco expor-se à violência gratuita daquela cidade. Esse pensamento o fez deter-se a um passo do portal, onde estremeceu curvou a frente em indizível luta íntima. Era tentado a recuar, mas lutava com todas as forças de sua alma contra esse pensamento de fracasso.

Pensando na triste sorte de Salém, cujo domínio estava sendo pisado no interior daquela cruel Sodoma, Melquisedeque tomou uma firme decisão: como um destemido guerreiro haveria de avançar, e, mesmo que tivesse de enfrentar o acúmulo de todos os perigos, prosseguiria, até erguer em suas mãos vitoriosas o cetro amado.

Resoluto e esperançoso, transpôs o portão de Sodoma, mergulhando naquele mundo estranho. Tudo ali era o oposto de Salém, começando pelas pedras ásperas e sujas de suas construções. Sodoma era um reino de trevas.

A presença contrastante do príncipe foi logo notada por muitos que, em tumulto, o cercaram. A pureza de caráter expressa em sua meiga face e o esplendor de suas vestes encheram-nos de espanto, e recuaram como que vencidos por uma força invisível. Dominados pela fúria, passaram a persegui-lo à distância, decididos a fazê-lo recuar. Jogavam-lhe pedras e lama tentando macular-lhe as vestes, mas não o atingiam, enquanto ele avançava em sua ansiosa busca. Desistiram finalmente de persegui-lo, ao entardecer.

-----*****-----

O filho de Adonias percorrera todas as ruas e becos à procura do precioso cetro, mas em vão. Ao ver tombar no horizonte o sol, anunciando a chegada de mais uma escura e fria noite, seu coração ficou oprimido por uma grande agonia. Ali, naquele último beco, quase vencido pela exaustão e pelo desespero, inclinou a frente, desfazendo-se em pranto. Seus lábios pronunciaram em meio aos soluços as seguintes palavras:

- Salém, Salém, você não pode perecer! O seu cetro precisa ser redimido das garras da rebeldia! Mas quando e onde vou encontrá-lo?! Já não restam forças em mim e a esperança de redimi-lo antes da noite me abandona!

O príncipe, em sua suprema angústia, não percebia que outro gemido de dor, procedente de cordas arrebatadas de um alaúde humilhado, fazia-se ouvir naquele entardecer.

Subitamente, o fraco gemido penetrou seus ouvidos, reanimando-o com a certeza de que o grande momento da redenção havia chegado. Enxugando as lágrimas, reuniu as últimas forças correndo em direção a uma pequena casa situada sobre um monte, de onde parecia vir o som.

Ao dirigir-se à porta entreaberta, deteve-se ao contemplar uma cena chocante, de humilhante escravidão: Samael, envolvido por um manto sujo, castigava o cetro de Salém. Tanto o rapaz quanto o cetro achavam-se tão desfigurados, que não restavam neles quase nenhum traço da glória perdida. Aquele cetro, contudo, mesmo arrasado como estava, era muito precioso, pois nele jazia o selo do domínio de Salém.

A contemplação daquele que fora seu maior amigo e daquele cetro idealizado como símbolo de toda a harmonia, em tão trágica condição, comoveu profundamente o príncipe, fazendo-o chorar em alta voz. Somente então o súdito rebelde percebeu sua presença indesejada. Estremeceu, levantou-se, e, cheio de ira perguntou-lhe:

- O que o trouxe a Sodoma?

Apontando para o cetro danificado, Melquisedeque exclamou:

- A glória de Salém está destruída!!!

Com uma gargalhada, Samael zombou de sua tristeza, dizendo:

- Agora eu sou o rei de Salém. Vocês que são fiéis ao pergaminho, tornar-se-ão meus escravos.

Sem se importar com as palavras de afronta de Samael, o príncipe, movido por uma infinita angústia, disse-lhe:

- Samael, Salém está ferida por sua traição. Por que você trocou o seu lar de justiça e amor por esse vale de injustiça, ódio e morte?! Agora, se não deseja retornar à Salém arrependido, devolva-lhe o cetro. Foi para redimi-lo que, a despeito de todos os perigos, desci a esse vale hostil.

Conhecendo o propósito do príncipe, o rebelde encheu-se de raiva e, cerrando os punhos, disse-lhe :
-Eu o odeio Melquisedeque!

Tendo dito isto, arremessou o cetro ao chão, e pisando-o acrescentou:

- Tenho vontade de fazer o mesmo com você.

Diante dessa afronta, o príncipe não sentiu nenhum temor, mas compaixão. Transportando-se ao feliz passado, lembrava-se dos momentos felizes em que tinha sempre ao seu lado a Samael. Ele era um jovem puro e humilde de coração. Por que permitira ser escravizado pela ilusão do orgulho e do egoísmo?! Quão doloroso era ver aquele jovem que, por sua beleza e simpatia, havia sido honrado acima de todos os súditos, agora arruinado pela cobiça! Não fora o sonho do príncipe ter junto ao seu trono glorificado, aquele que lhe era o mais precioso amigo?! Essa tragédia feria-lhe a alma. Contudo, a triste condição do cetro o atingia ainda mais, pois ele fora feito como o símbolo de toda a harmonia, e estava sendo desfeito sob os pés da ingratidão.

Surpreso por não ver nos olhos de Melquisedeque nenhuma expressão de temor, porém de piedade, Samael sentiu-se frustrado em suas afrontas que visavam amedrontá-lo, levando-o desistir de sua missão.

Diante da postura digna do príncipe, que em silente dor o contemplava, sentiu-se envergonhado. Essa fraqueza, contudo, foi banida pelo orgulho que dominava o seu coração. Começou então a planejar algo terrível, para humilhar e ferir o príncipe, fazendo-o sofrer ainda mais. Com escárnio disse-lhe:

- O cetro de Salém poderá ser seu, se você conseguir pagar-me o preço de seu resgate.

Com um brilho nos olhos, o príncipe perguntou-lhe:

- Qual é o preço?

Samael, com um sorriso maldoso, respondeu-lhe pausadamente:

- O preço não é ouro nem prata, mas dor e sangue. Você deverá despir-se completamente de suas vestes, deitando-se ao chão. Deverá suportar nessa condição, espancamentos, até que o sol se ponha. Se você estiver disposto a submeter-me, sem reagir, o cetro será inteiramente seu.

Estremecido ante tão cruel proposta, o filho de Adonias olhou para o sol que pairava distante sobre uma nuvem. Passou a travar em seu coração uma luta intensa. A princípio, o horror do sacrifício quase o dominou, levando-o recuar, mas o pensamento de ver Salém escravizada pela rebeldia, levou-o finalmente à decisão de pagar o preço do resgate, entregando-se ao humilhante sofrimento.

-----*****-----

Tendo tomado a firme decisão de resgatar o cetro, o príncipe tirou as vestes, colocando-as sobre uma pedra. Deitou-se em seguida naquele solo frio, com a frente voltada para o poente.

Impiedosamente, Samael começou a espancá-lo, fazendo uso do próprio cetro como instrumento de tortura. Gemendo pela dor dos golpes que o faziam sangrar, o príncipe mantinha o olhar fixo no sol que parecia deter-se sobre a nuvem. Atordoado pela dor, contemplou finalmente o sol prestes a se pôr.

Alentado pela vitória que se aproximava, murmurou baixinho:

- Salém, Salém, daqui a pouco terei em meus braços o teu cetro precioso que, em minhas mãos, tornar-se-á num instrumento de justiça e paz.

Ouvindo a promessa do príncipe feita por entre gemidos, Samael bradou-lhe com fúria:

- O seu sofrimento não trará nenhum alvorecer para Salém, pois suas mãos jamais serão capazes de tocar no cetro.

Depois de fazer essa afronta, Samael apossou-se de uma pedra pontuda, preparando-se para desferir os últimos golpes.

Enquanto pensava sobre a feliz vitória de Salém, Melquisedeque sentiu seu braço direito ser comprimido pelos pés de Samael. Seguiu a esse rude gesto um golpe que o fez contorcer-se em agonia. Sua mão fora vazada cruelmente, passando a jorrar abundante sangue da ferida aberta. Essa mesma violência foi descarregada logo depois sobre sua mão esquerda.

Não suportando a agonia causada por esses derradeiros golpes, o filho de Adonias, ensangüentado, mergulhou nas trevas de um profundo desmaio.

Ao cessar de golpear o príncipe, o súdito rebelde ficou possuído por um estranho horror, ao contemplar na face daquele que somente lhe fizera o bem, o torpor da morte. Procurava não recordar o passado, mas, irresistente, sentia ser arrastado aos dias de sua feliz inocência em Salém. Revestido de ricas vestes estava sempre ao lado do príncipe que, com dedicação, ensinava-lhe a cada dia suas canções falando de paz.

Nas indesejadas lembranças pelas quais era arrastado, reviveu seus primeiros passos no caminho do orgulho e do egoísmo. Lembrou-se dos incessantes conselhos e rogos daquele que fora seu melhor amigo, para que desistisse daquele caminho que poderia conduzi-lo à infelicidade.

Depois de ser arrastado em lembranças por todo aquele passado de felicidade destruída por sua culpa, Samael teve consciência de sua ingratidão. Horrorizado pelo que fizera, curvou-se sobre o corpo ensangüentado de Melquisedeque, e desesperou-se ao vê-lo sem vida. Não suportando o peso da grande culpa, deixou às pressas aquele lugar, desejando ocultar-se distante, sob as trevas da fria noite.

-----*****-----

Depois de um profundo desmaio, o príncipe começou a voltar à consciência. Em delírios que o transportavam ao seio de sua amada Salém, ele revivia momentos vividos e sonhados. Com alegria contemplava a face de seu maior amigo, para quem estendeu a mão com um sorriso. Mas seu gesto foi frustrado por uma profunda dor. Em meio aos aplausos dos súditos vitoriosos, recebe de seu pai o cetro, mas, ao tocá-lo, sente uma irresistível dor em suas mãos.

Com esses sonhos frustrados pela dor, Melquisedeque despertou para a realidade. Estava nu, ferido e solitário, em um lugar perigoso, longe do abrigo e carinho de Salém. Mais doloroso era pensar que tudo aquilo era a retribuição de alguém que fora o alvo principal de todas as dádivas de seu amor.

O príncipe, sem poder mover-se, considerando a grande traição, passou a chorar sem consolo. Lamentava não por sua dor, mas pela perdição daqueles que haviam trocado o carinho e a justiça de Salém pelo desprezo e ódio que os reduziriam finalmente a cinzas sobre aquele vale condenado. Através das lágrimas, o príncipe contemplava o céu que, semelhante a um manto tinto de sangue, estendia-se banhado na luz do sol poente. Lembrou-se então do alaúde pelo qual pagara tão alto preço. Onde estaria ele?

Em sua desesperada fuga, Samael deixara o cetro abandonado junto ao corpo ferido de Melquisedeque. Quando ele o viu, esqueceu-se de toda a dor, e alcançou-o com suas mãos feridas. Acariciando-lhe o bojo arruinado, disse-lhe com um sorriso:

- Você é meu novamente. Eu o comprei com o meu sangue.

-----*****-----

Samael que, dominado pelo estranho horror, fugira após cometer o horrível crime, deteve-se a um passo do portão de Sodoma. Ali impulsionado pelo orgulho, arrependeu-se com indignação de sua fraqueza. Por que fugira depois de conquistar tão grande vitória? Não era seu plano destruir o reino de Salém, para estabelecer seu próprio reino? Lembrando-se do cetro, decidiu retornar para tomá-lo. Por que o deixara abandonado junto ao cadáver daquele odiado príncipe?

Reunindo suas poucas forças, Melquisedeque dirigiu-se tropegamente ao lugar em que deixara suas vestes.

Depois de vestir-se, tendo junto ao peito o cetro amado, o filho de Adonias, com profunda emoção, fez um juramento antes de deixar aquele lugar de seu sofrimento. Acariciando o cetro, disse-lhe:

- Meu querido cetro, você foi criado como um emblema da harmonia que procede da justiça e do amor. Toda a glória de Salém repousava sobre você quando a rebeldia em sua ingratidão escravizou-o, arrastando-o para este vale hostil. Aqui você foi ferido e humilhado, vindo a tornar-se um instrumento de impiedade nas mãos do tirano. Eu, porém, o redimi com o meu sangue. Agora nossas feridas serão restauradas, e em breve seremos entronizados em meio aos louvores de uma Salém vitoriosa. Quando esse sonho se concretizar, testemunharemos juntos o fim daqueles que se levantaram contra nós para nos ferir. Samael e seus seguidores serão devorados pelo fogo que reduzirá a cinzas Sodoma e Gomorra.

Concluindo seu solene juramento, o jovem príncipe, já oculto pelas trevas da noite, deixou aquela colina, e sobre ela as marcas de seu sofrimento.

-----*****-----

Desde que o filho do rei partira, prometendo retornar com o cetro, Salém vivia momentos de indizível anseio. Em pranto, o rei e os súditos remanescentes lembravam-se de todo aquele feliz passado desfeito pela ingratidão dos rebeldes. O que mais lhes torturava era a ausência do príncipe e do cetro, sem os quais todo o brilho daquele reino de paz se ofuscava.

Desejando consolar o coração de seus súditos, Melquisedeque avançava em meio à noite rumo aos montes que cercavam Salém. Ainda que enfraquecido e ferido, prosseguia em sua marcha ascendente, esperando alcançar sua pátria pela manhã.

Aquela longa e escura noite foi finalmente vencida pelos raios do alvorecer. Em Salém a esperança em rever Melquisedeque com o seu cetro estava quase banida quando, ao olharem para o Monte das Oliveiras, viram-no descendo pelo caminho do Getsêmani. Quando o encontraram no profundo vale de Cedrom, ficaram assustados com sua aparência: sua face estava pálida e seu manto encharcado de sangue. Mesmo assim, ele sorria expressando grande alegria.

Ao perguntarem-no sobre o porquê daquelas marcas de sangue, Melquisedeque retirou de sob o manto suas mãos feridas, revelando-lhes entre elas o cetro redimido.

Depois de contar-lhes os passos que o levaram ao resgate do cetro, os súditos, emudecidos, prostraram-se reverentes aos seus pés, aclamando-o como seu redentor e rei.

Em meio aos louvores das hostes redimidas, o príncipe foi introduzido no palácio real, onde, sob os cuidados de seu amoroso pai, deveria restabelecer-se de seu sofrimento. O cetro desfigurado, agora mais precioso, seria também restaurado, devendo tornar-se mais belo que antes.

O dia da coroação foi fixado para o próximo Yom Kipur. Naquele dia, Melquisedeque selaria com o cetro restaurado o triunfo de todos os fiéis, bem como a condenação dos rebeldes.

-----*****-----

Poucos instantes após a saída de Melquisedeque, Samael chegara ao local onde o deixara aparentemente sem vida, ao lado do alaúde. Sem entender aquele misterioso desaparecimento, ele prosseguiu para Gomorra, onde seus seguidores o esperavam. Ao vê-los, proclamou sua "vitória" sobre o odiado príncipe e sobre o cetro, os quais massacrara em Sodoma, não restando aos seguidores do pergaminho nenhuma esperança.

Suas palavras agradaram a turba rebelde, que passou a comemorar a "conquista", entregando-se à orgia. Zombavam agora da justiça e do amor, exaltando a Samael como rei vitorioso.

Obteriam agora armas, com o propósito de avançarem sobre Salém, desferindo-lhe o último golpe.

Juntaram-se a eles, em seu maléfico propósito, muitos criminosos que foram recebidos como mestres no manejo de arcos e flechas.

Em sua loucura, Samael ordenou o banimento de todo calendário, pois em seu reino de "liberdade" não estariam sujeitos a nenhum cômputo de tempo. As leis da moralidade foram também banidas, surgindo com isso um completo caos. Essa desordem revelou-se de maneira mais patente no barulho estridente e cacofônico, ao qual proclamaram como a nova música.

Dominados pelo egoísmo, Samael e seus seguidores alimentavam-se de ilusões, inconscientes de que seus dias estavam contados. Os frutos da rebelião não tardariam a atrair sobre eles o fogo da destruição.

Dividindo seus seguidores em pequenos grupos, Samael passou a comandá-los em atos violentos que aterrorizavam os moradores das planícies. Por esse tempo, eles escondiam-se nas cavernas situadas próximas ao mar salgado.

O respeito e o medo dos guerrilheiros de Samael levaram finalmente os reis de quatro cidades a procurarem-no, propondo alianças de paz. Eram eles: Bara, rei de Sodoma; Bersa, rei de Gomorra; Senaab, rei de Adama; Semeber, rei de Seboim, e Segor, o rei de Bela. Por essa época, esses reis pagavam tributos a Cordolaamor, rei de Elam, que, acompanhado pelos exércitos de quatro outras cidades, os haviam subjugado no vale de Sidim junto ao mar salgado.

Fortalecido pelas alianças, Samael tornou-se mais ousado em suas investidas, levando o terror e a destruição aos territórios de cidades distantes. Os exércitos de Cordolaamor e seus aliados que retornavam nesses dias de outras conquistas, enfurecidos pelas provocações de Samael, marcharam contra os quatro reis, vencendo-os novamente no vale de Sidim. Foi nessa ocasião que levaram cativos os habitantes de Sodoma, entre os quais encontrava-se o meu sobrinho Ló.

Acovardados diante do furor dos cinco reis, Samael e seus seguidores esconderam-se em suas cavernas, ao norte do mar salgado.

-----*****-----

Os doze meses contados a partir do grande sacrifício estavam prestes a terminar. O cetro, totalmente restaurado, resplandecia em seu estojo, enquanto o príncipe, igualmente restabelecido das feridas causadas pela rebeldia, alegrava-se ao ver chegar o Yom Kipur de sua coroação. Enquanto isso, ele compunha lindas canções que expressavam o seu amor por Salém.

Naqueles doze meses, a cidade da paz tornara-se mais bela, sendo adornada qual noiva para o grandioso dia da coroação.

A uma semana para o Yom Kipur, Samael, totalmente inconsciente de que o dia de seu julgamento se aproximava, reuniu os seus seguidores, anunciando-lhes que a próxima missão seria a conquista de Salém. Antes de avançarem, contudo, ele subiria sozinho para verificar os pontos vulneráveis da cidade.

Depois de ser aplaudido pela turba, Samael partiu em sua missão de reconhecimento. Enquanto avançava sozinho, procurava não se lembrar daqueles momentos que lhe trouxeram terror pela culpa, mas, dominado por uma força superior, foi arrastado em suas lembranças para aquele monte da cruel tortura.

Todo o seu passado começou a vir-lhe à lembrança, como um peso esmagador.

Quando despertou de suas lembranças, das quais não conseguiu fugir, já era noite. A escuridão que o envolvia pareceu-lhe o prenúncio de um triste fim. Esse desânimo, contudo, procurou bani-lo com a

lembrança do exército que o esperava, pronto para cumprir suas ordens, na conquista de Salém, onde não haveria lembranças daquele pergaminho.

O alvorecer o alcançou próximo de Salém. Ao avistar o monte das Oliveiras, veio-lhe à lembrança a última vez que o transpôs, deixando para trás a cidade vencida. Quantas noites haviam passado desde então? Ele perdera a noção de tempo, não sabendo que justamente doze meses haviam se passado. Não podia imaginar que raiava naquela manhã o Yom Kipur, o dia de seu julgamento.

Ao chegar ao topo do monte das Oliveiras naquela manhã, Samael surpreendeu-se ao ver que a cidade tornara-se mais bonita que outrora. Toda ela estava adornada de ramos e flores, como uma donzela à espera de seu noivo. Contudo, Salém estava abandonada, não havendo nenhum sinal de vida em todas as suas mansões. Isto o fez concluir que os golpes, que haviam aniquilado o príncipe e o cetro, trouxeram como conseqüência todo aquele abandono. Ele não sabia, contudo, que naquele momento todos os remanescentes daquele reino, encontravam-se ocultos no grande salão do palácio, aguardando pelo momento mais glorioso da coroação de Melquisedeque.

Imaginando-se exaltado sobre o trono abandonado, tendo a seus pés os exércitos vitoriosos, o rebelde penetrou na cidade, dirigindo-se apressadamente ao palácio. Ao transpor o portal principal que dava entrada ao salão principal, ficou surpreso ao ver ali reunida uma multidão de fiéis. Sobre um áureo tablado, enfeitado de flores talhadas em pedras preciosas, encontra-se o trono vazio. Na base do trono estava o pergaminho das leis, uma coroa de ouro cheia de pedras preciosas e o estojo que deixara vazio naquela noite de traição. Sem entender o enigma, Samael escondeu-se por trás de uma coluna, temendo ser reconhecido, e ficou observando.

Os súditos, com expressão de feliz expectativa, olhavam para o trono vazio. Onde encontravam eles motivos para toda essa alegria, se haviam perdido o seu rei juntamente com o cetro? Samael questionava sobre esse mistério, quando Adonias, aplaudido pelos súditos, encaminhou-se para junto do trono. Com voz cheia de emoção pela vitória, o fundador de Salém anunciou que havia chegado o momento tão sonhado da coroação. Um brado de triunfo ecoou pelos ares quando, anunciado pelo seu pai, entrou o amado príncipe encaminhando-se em direção ao trono. Ao vê-lo coberto por um manto de glória, Samael ficou possuído por um terrível pavor, e procurou fugir. Descobriu, contudo, que todos os portais do grande salão estavam fechados por fora.

Teve início a cerimônia da coroação. Era um momento deveras solene. Adonias, num gesto reverente, tomou a rica coroa, colocando-a na frente de seu filho. Prostrando-se depois sobre o estojo, abriu-o cuidadosamente, tirando dele o alaúde restaurado, cuja beleza e brilho eram muito superiores à sua primeira condição, ao sair das mãos de Adonias o seu luthier. Assentando-se no trono em meio às aclamações dos súditos, Melquisedeque passou a dedilhar o cetro, tirando dele acordes de muita harmonia e paz. Todos se aquietaram para ouvirem suas novas composições que expressavam o seu profundo amor pelo cetro e por todo aquele reino de paz.

Grande emoção invadia o coração de todos naquele momento, levando-os às lágrimas. Samael, sem forças para reagir, sentia-se torturado por aqueles acordes que faziam reviver em sua mente suas oportunidades perdidas, numa terrível dor para sua consciência.

Melquisedeque compusera para aquele momento especial, canções que retratavam os momentos marcantes da história de Salém; Quando passou a cantar sobre a amizade que tinha por Samael, sua voz embargou-se pelas lágrimas que não conseguia conter. Triste para ele era cantar sobre a queda daquele que foi-lhe o maior amigo! Cantou então sobre o alto preço que teve de pagar pela reconquista do cetro, que representa a honra de Salém.

Ao contemplarem aquelas mãos marcadas pelas cicatrizes, tocando com tanta maestria e carinho o cetro restaurado, os súditos tomados por forte emoção, prostraram-se em pranto.

Ao ver nas mãos de Melquisedeque aquele alaúde que, em suas mãos fora instrumento de tortura, Samael compreendeu, tarde demais o quanto errara, desviando-se dos conselhos do príncipe; Quantas vezes aquelas mãos sobre as quais descarregara toda aquela violência haviam sido estendidas num esforço de salvá-lo, e ele as havia negligenciado. Agora, era tarde demais! Tarde demais!!!

-----*****-----

Os súditos triunfantes que, reverentes, haviam sido conduzidos a todo aquele passado de felicidade, traição, dor e triunfo, uniram finalmente as vozes numa jubilosa proclamação:

Verdadeiros e justos são os teus princípios, ó rei de Salém. Digno és de reinar em glória e majestade entre os louvores de teus fiéis, porque em teu sacrifício nos livraste das ameaças das trevas, fazendo renascer em nosso coração a alegria do alvorecer.

Esse cântico de exaltação foi seguido pela cerimônia de confirmação de todos os fiéis em sua vitória. O filho de Adonias, com o seu cetro redimido, passou a selar com um toque especial do cetro, a vitória de cada um. Formou-se para tanto uma longa fila de fiéis exultantes

Os súditos confirmados, à medida em que iam recebendo o toque de aprovação do rei, posicionavam-se ao lado direito do trono, onde permaneciam aguardando pela confirmação dos outros.

Os olhares que, iluminados de alegria, haviam acompanhado o selamento dos últimos justos, pousaram sobre a figura estranha de Samael que, dominado por uma força irresistível, encaminhava-se cabisbaixo em direção do trono. Seu aspecto era horrível: seu semblante havia sido deformado pelo mal; suas vestes estavam sujas e mal cheirosas; tudo nele repugnava, ao ponto de ninguém reconhecê-lo. Em meio ao espanto dos súditos, Melquisedeque ergueu-se de seu trono como que ferido por uma grande dor; De seus lábios os súditos ouviram uma dolorosa exclamação:

- Samael, Samael!!!

A figura deplorável daquele que fora tão belo, encheu a todos de tristeza, e começaram a prantear. Eles lamentavam por saber que o destino de Samael e de todos aqueles que o seguiram, poderia ter sido muito diferente, se eles houvessem atendido aos rogos de amor de Adonias e de seu filho. Não era o plano do rei e o sonho de Melquisedeque tê-lo como o guardião do pergaminho, sendo o segundo em honra naquele reino?

-----*****-----

Samael que, reconhecendo sua desventura, aproximara-se cabisbaixo do trono, ao presenciar toda aquela lamentação, foi novamente iludido pelo orgulho, julgando tratar-se de uma demonstração de fraqueza de seus inimigos. A lembrança de seu exército que fortalecido o aguardava na planície, iludiu-o com a certeza de que seria vitorioso sobre Salém. Com esse pensamento, ergueu a fronte marcada pelo ódio e, fitando o rei, levantou o punho cerrado e o desafiou, desdenhando de sua autoridade, com a ameaça de tomar-lhe o trono.

Ainda que condoídos por sua perdição, os súditos de Salém não suportaram a ousada afronta daquele enlouquecido jovem que, depois de causar tanto sofrimento, ainda era capaz de erguer-se com tamanho desafio.

O vitorioso rei que com tanto prazer selara com o seu cetro a conquista dos fiéis, ergueu-o dolorosamente para o selamento da triste sorte dos rebeldes. Imobilizado por uma força estranha, Samael, sem desviar os olhos do cetro, ouviu dos lábios do rei a proclamação de seu julgamento e de todos os seguidores: Prisioneiros de uma força invisível, ficariam retidos em suas cavernas por seis anos, sendo depois visitados pelo fogo do juízo que os destruiria juntamente com as cidades que a eles se aliaram.

-----*****-----

Ao ir para a cama depois daquele dia de tantas emoções, o jovem rei, imerso nas lembranças daquele passado de felicidade e dor, rolava em sua cama insone. Quando finalmente adormeceu, teve um sonho muito significativo.

No sonho, apareceu-lhe um anjo luminoso, que saudou-o com um sorriso, dizendo-lhe que todo o Universo acompanhava com atenção todo aquele drama que estavam vivendo, e que o mesmo tinha um sentido prefigurativo, retratando acontecimentos passados e futuros, que envolvia todo o vasto universo.

As palavras do anjo despertaram em Melquisedeque um grande desejo de conhecer a história desse drama cósmico.

Conhecendo o seu anseio, o anjo arrebatou-o no sonho revelando-lhe um distante futuro. Diante de seus olhos manifestaram-se as glórias de uma nova e esplêndida Salém, cujas muralhas e mansões eram de pedras preciosas; Os portais da cidade eram de pérolas. Suas amplas avenidas eram de ouro puro. A cidade era quadrangular e se estendia por centenas de quilômetros. Estava dividida em dois setores distintos: Norte e Sul. Ao Sul elevavam-se incontáveis mansões, habitações eternas de anjos e de seres humanos redimidos; Ao Norte havia um lindo paraíso ao qual o anjo revelou ser o jardim do Éden. Ali, em ambas as margens do rio da vida, havia campos repletos de todo tipo de vegetação, com flores e frutos em abundância. Viviam ali em perfeita harmonia, todas as espécies de aves e animais. No meio do paraíso podia-se ver uma montanha fulgurante, a qual o anjo afirmou ser o monte Sião, o lugar do trono de Deus. Era daquele monte que emanava o rio da vida, fluindo por toda a cidade. Quando alcançaram o topo da montanha sagrada, o rei de Salém ficou deslumbrado com o cenário visto ao seu redor. Encontrava-se na parte mais elevada de Sião a mais linda de todas as edificações revelado pelo anjo como o palácio de Deus. Aquela magnífica construção era sustentada por sete colunas, todas de ouro transparente, engastadas de lindas pérolas. Ao redor do palácio, floresciam a mais exuberante vegetação: havia ali o pinheiro, o cipreste, a oliveira, a murta, a romãzeira e a figueira, curvada ao peso de seus figos maduros.

Enquanto admirava-se ante a beleza daquele lugar, o anjo disse-lhe que a nenhum ser humano fora dado o privilégio de ver o interior daquele palácio de Deus. A ele seria dada esta honra, pois fora escolhido para ser o portador das mais amplas revelações sobre o reino da luz.

Ao transporem com reverência um dos portais de pérolas, prostraram-se em adoração, enquanto ouviam o cântico de uma multidão de serafins, que circundavam o trono, em constante louvor Àquele que Era, que É e que Sempre Será.

Ao olhar para Aquele que estava assentado sobre o trono, Melquisedeque ficou surpreso ao descobrir a figura de um homem. Ele estava coberto por um manto de linho fino, de uma alvura sem igual, e tinha sobre a cabeça uma coroa formada por sete coroas sobrepostas, repletas de pedras preciosas.

Ao olhar para as mãos que sustentavam o cetro, o filho de Adonias ficou surpreso ao descobrir nelas cicatrizes de ferimentos, semelhantes àquelas em suas mãos. O anjo afirmou-lhe ser o Messias, o Grande Melquisedeque, a manifestação visível de Yahweh, o Deus Invisível.

Atraído para o cetro resplandecente, com o qual o Messias governava sobre todo o Universo, o rei de Salém viu nele o selo do domínio, e nele escrito o nome: Israel.

Tomado por profunda emoção, Melquisedeque prostrou-se ante o Rei daquela eterna Salém, e, revivendo ali a história de sua pequena cidade, teve desejo de conhecer o grande drama da história universal. Conhecendo o desejo de seu coração, o anjo disse-lhe:

- Agora lhe farei conhecer a história desta gloriosa Salém. Tudo o que lhe for mostrado na visão, você deverá registrar fielmente em um rolo. Você terá seis anos para escrevê-los. Ao fim dos sete anos, você receberá das mãos de um ancião um vaso contendo um rolo especial, com muitas revelações importantes, entre as quais estará a história de Salém. Você tomará esse rolo, e o costurará ao seu, formando um único rolo. Você o devolverá juntamente com o vaso ao patriarca para que ele o leve ao lugar que lhe mostrarei, onde ficará oculto até o fim dos dias. As revelações desse grande rolo, consistirão na luz e no consolo que enviarei aos escolhidos por ocasião da última semana de anos da história.

Depois de falar ao rei de Salém estas palavras, o anjo conduziu-o em visão a um infinito passado, quando o Universo ainda não existia.

Uma história muito parecida com a de Salém passou a desdobrar-se diante de seus olhos; porém, numa dimensão infinitamente maior, começando pela criação do reino da luz. Com admiração contemplou a formação de bilhões de mundos e estrelas, repletos de vida e felicidade que passaram a girar em torno da Salém Celeste, o paraíso de Deus.

Sua atenção voltou-se depois para o mais belo de todos os querubins que, honrado pelo Criador, passou a residir com Ele em Seu palácio. Uma eternidade de felicidade e paz parecia embalar aquele reino, quando a mesma experiência de egoísmo e rebeldia vivida por Samael, começou a repetir-se na vida daquele anjo amado.

Cenas de uma grande rebelião começaram a ser mostradas a Melquisedeque, envolvendo todos os habitantes do Universo. O querubim honrado, semelhante a Samael, seduzira um terço das hostes que, passaram a reverenciá-lo como rei.

Em meio às cenas daquele grande conflito, o rei de Salém testemunhou a criação do planeta Terra, sobre a qual surgiu o homem como cetro racional daquele reino disputado.

Com agonia viu o momento em que o chefe da rebelião aproximou-se subtilmente do paraíso, apossando-se do ser humano, depois de seduzi-lo com tentações. Ouviu então o seu brado, numa proclamação de vitória. A partir daquele momento, o inimigo de Deus passou a arruinar o ser humano, apagando nele todos os traços da glória divina, como Samael fizera com o cetro.

A sua própria experiência, ao declarar naquela manhã aos súditos de Salém sua decisão de ir em busca do cetro perdido, começou a repetir-se diante de Seus olhos.

Reunindo as hostes que haviam permanecido fiéis ao Seu governo, o Criador passou a revelar um plano de resgate: Ele haveria de ir em busca do homem, e o remiria, ainda que isto lhe custasse infinito sacrifício. Diante desta revelação, o filho de Adonias prostrou-se comovido, ao descobrir que em sua vida tivera a honra de retratar o próprio Messias.

Todo o drama vivido pelo filho de Adonias em sua angustiante busca, até o momento de seu suplício pela redenção do cetro, foi ganhando amplitude naquela visão que abarcava toda uma eternidade.

Diante de seus olhos desfilavam cenas de uma grande batalha que, sem trégua se estenderia até o dia do juízo final, quando o Messias, o Grande Melquisedeque, vitorioso, empunharia o cetro redimido, selando com ele a condenação de todos os filhos de Belial..

-----*****-----

Através das revelações recebidas do anjo, Melquisedeque tomou conhecimento do livramento alcançado por ocasião de sua coroação, quando diante de trezentos pastores com seus vasos incendiados, exércitos de cinco reis tombaram, saindo livres os cativos.

Conhecendo nossa intenção de subir à Salém por ocasião de Sukot, o rei fez preparativos para uma grande festa, na qual comemoraríamos juntos a vitória sobre toda a desarmonia gerada pelo orgulho e pelo egoísmo.

Foi por isso que ao chegarmos a Salém, ficamos surpresos com toda aquela honrada recepção.

-----*****-----

Ocupar-me com o relato de todos esses acontecimentos, fez-me passar por todo este sétimo ano, quase sem notar os seus dias, que passaram velozes. Estamos hoje às portas de um novo Rosh

Hashanah, quando os 300 pastores tocarão os chifres, convocando todos aqueles que possuem as pérolas, para a reunião solene de Yom Kipur. Cinco dias depois seremos recebidos em Salém para a festa de Sukot.

A certeza de que acontecimentos importantes ainda deverão ser relatados neste rolo, fez-me reservar um espaço, no qual registrarei, dia após dia, os fatos, até a consumação desta história que estamos vivendo.

-----*****-----

Rosh Hashaná! Esse foi o dia mais feliz de minha vida, pois meus braços puderam receber o filho da promessa. A primeira coisa que fiz, foi colocar-lhe em sua mãozinha direita a segunda pérola que o Messias deu a Sara no dia de sua conversão; Ele a segurou com firmeza, alegrando-nos com a certeza de que viverá para sempre ao nosso lado.

Dois dias antes do Yom Kipur, Isaque foi circuncidado, conforme a ordem do Eterno.

Desde que os pastores começaram a tocar seus chifres em Rosh Hashanah, todos aqueles que possuem pérolas do vaso, deixaram suas tendas, dirigindo-se em pequenos grupos, para junto do Carvalho de Mambré.

Ao chegar o Yom Kipur, o dia da reunião solene, meus pastores informaram-me que todos aqueles que haviam recebido as pérolas, haviam comparecido ao encontro, não faltando nenhuma pessoa. É maravilhoso ver a alegria estampada no semblante de toda essa multidão que anseia pela subida à Salém. Todos trazem uma história para contar, de como foram vitoriosos sobre tantos desafios e provações. Todos estão felizes com a expectativa da subida à Salém para a festa de Sukot.

No primeiro dia da festa de Sukot, a multidão foi subdividida em pequenos grupos de doze pessoas, para subirmos em ordem à Salém.

Tendo sobre os ombros o vaso com o rolo, posicionei-me à frente da multidão, sendo seguido por Sara e Isaque que vinham montados num camelo; Logo atrás vinha Ló e suas filhas; um pouco atrás, os trezentos pastores seguidos por todos os fiéis.

Iniciávamos nossa escalada quando, acompanhado por todos os seus súditos, surgiu Melquisedeque vindo ao nosso encontro, fazendo vibrar pelos ares o som festivo de muitos instrumentos musicais, comemorando a grande vitória.

Depois de saudar-nos, o filho de Adonias conduziu-nos numa marcha festiva até adentrarmos os portais de Salém, que encontra-se agora mais bonita que outrora.

Antes de iniciar o banquete, Melquisedeque coroou todos os vencedores, enquanto as hostes de Salém faziam soar seus instrumentos, comemorando a feliz vitória..

-----*****-----

Grande foi a alegria do rei de Salém quando entreguei-lhe o jarro com o manuscrito. Ao desenrolá-lo, fiquei surpreso ao ver sua atenção voltar-se para a última parte do rolo que ainda estava vazia. Como se estivesse lendo algo ali, ele me disse:

-Abraão, de tudo o que você escreveu , nada me comove mais do que o relato que você registrará na última parte de seu manuscrito.

Melquisedeque mostrou-me em seguida um rolo escrito por dentro e por fora, no qual escrevera naqueles seis anos a história do Universo, conforme revelações feitas a ele por um anjo. Tomando o meu manuscrito, ele o costurou ao seu formando um grande rolo. Tendo feito isto, enrolou-o cuidadosamente, colocando-o dentro do jarro.

Ao chegar o oitavo dia da festa, num ato que surpreendeu a todos, o rei enalteceu o jarro, colocando-o sobre o seu trono. Ao ver o vaso que fora tão humilhado e rejeitado, agora glorificado em meio aos louvores de Salém, senti uma forte emoção e chorei; Era impossível olhar para ele, sem pensar no seu significado: era um perfeito símbolo do Messias prometido. Por intermédio dele, muitas vidas haviam sido libertas e transformadas, começando pela minha. Sem o dom daquele vaso, eu não teria hoje em meus braços meu querido Isaque pelo qual Sara e eu esperamos por tanto tempo.

Depois de entronizar o jarro, o filho de Adonias, chamando-me para junto do trono, passou a honrar-me perante todos os fiéis; Tomando a caixinha de ouro na qual colocara as 144 pérolas do dízimo, ele colocou-a em minhas mãos, afirmando ser um presente seu para Isaque. Como se não bastasse, ele tomou o vaso que continha o valioso rolo e, colocando-o aos meus pés, disse que ele pertencia a mim e aos meus descendentes para sempre.

Com o coração repleto de alegria, prostrei-me diante do rei que me oferecia tão precioso dom, estendendo-lhe as mãos com a caixinha das pérolas. Tomando-a de minhas mãos, ele a colocou dentro do vaso, sob o rolo, e reafirmou sua doação.

Ao dirigir-me ao aposento naquela noite, tendo ao meu lado Sara, Isaque e o jarro com o seu tesouro, experimentava uma felicidade jamais sentida em toda a minha vida. Como me era difícil pegar-me ao sono, fiquei acordado por longo tempo, imaginando o futuro de glória de Isaque e do vaso, cuja

mensagem de amor, justiça e paz, levaria esperança aos meus descendentes por todas as gerações, até a vinda do Messias. Imaginando esse futuro feliz adormeci e tive um sonho no qual muito sofri.

No sonho, o Eterno apareceu-me e disse:

-Abraão, toma agora o vaso o qual tanto ama, e leva-o ao Mar Salgado, onde lhe mostrarei uma caverna na qual você o ocultará.

Depois de dar-me esta ordem, o Eterno entregou-me uma machadinha e um manto de linho, com o qual envolvi o vaso. Comecei então uma dolorosa jornada, levando sobre os ombros aquele que simbolizava a concretização de todas as minhas esperanças. Quando cheguei à região norte do mar, fui conduzido para junto da caverna que deveria ocultar o jarro. Colocando-o sobre uma pedra, num gesto de despedida, passei a acariciá-lo enquanto contemplava os adornos e inscrições que o embelezavam; O pensamento de que não mais o teria comigo, enchia-me de profunda tristeza. Meus olhos voltaram-se para a figura de Melquisedeque que inclinava-se para receber o vaso repleto de pérolas. Derrepente a figura do rei começou a ganhar vida e movimento, e foi crescendo até que todo o vaso transformou-se num belo jovem que me olhava com amor. Pensei a princípio que fosse o rei de Salém, mas olhando para suas mãos, não encontrei as cicatrizes. Ao ver que seus olhos eram tão parecidos com os de Sara, perguntei-lhe o nome. Ele respondeu-me com um sorriso, que era Isaque, o meu filho.

Alegrava-me na presença de Isaque, quando a voz divina novamente soou-me aos ouvidos dizendo:

- Abraão, toma agora o seu filho a quem ama, e sacrifica-o com a machadinha que eu lhe dei(1)

Aterrorizado ante a ordem divina, caí aos pés de Isaque, não encontrando forças nem coragem para realizar o terrível ato. Contudo, ele consolou-me, afirmando estar disposto a cumprir a vontade divina. Depois de terrível luta íntima, tomei a decisão de sacrificar meu filho.

Ao erguer-me, vi que Isaque se contorcia em grande agonia, enquanto o seu corpo tornava-se coberto de chagas que cheiravam mal. Sentia desejo de socorrê-lo, curando-lhe as chagas, mas a voz insistia em sua ordem, para que eu o sacrificasse. Tomei então a machadinha e a ergui sobre o seu pescoço. Quando meus braços moviam-se para o golpe, um forte clarão nos iluminou, e senti que a machadinha não mais estava em minhas mãos.

Ao erguer a fronte, deparei com o peregrino que anunciara o nascimento de Isaque. Ele estava vestido com vestes brilhantes, de linho fino, branco e puro; Seu rosto brilhava como o sol, enquanto olhava-me com infinito amor. Abraçando-me, ele enxugou minhas lágrimas e disse:

- Abraão, agora sei que você verdadeiramente me ama, porque não me negou nem o jarro nem o seu filho a quem você ama. Por causa desse amor, eu transformarei você no pai da fé, e muitos povos e nações se alegrarão na luz do rolo que lhe foi dado.

Tendo dito estas palavras, o Peregrino, encaminhando-se para Isaque que contorcia-se em dor, colocou as mãos sobre sua cabeça. Esse contato fez com que todas as impurezas que manifestavam-se em chagas purulentas no corpo de meu filho, fossem transferidas para o Seu corpo, enquanto a Sua glória era transferida para Isaque. Fiquei possuído por um misto de alívio e pesar; Alívio por ver Isaque restaurado, mas aflito por contemplar o Messias oprimido por tantas culpas. Por entre gemidos de dor ele afirmou:

- Eu morrerei, para que Isaque e sua descendência possa ser justificada, redimida e glorificada perante Yahweh.

Ao voltar-me para o meu filho que fora liberto, vi que em seu lugar fora ocupado por doze jovens que se chamavam: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulon, José, Benjamim, Dã, Naftalí, Gad, Aser.

Quando lhes apresentei o Peregrino sofrido, eles o menosprezaram por não verem nele nenhuma beleza que os atraíssem. Finalmente eles o conduziram como um cordeiro, e o sacrificaram, lançando o seu corpo dentro daquela caverna.(2)

Sobrevieram logo depois as trevas de uma longa noite, na qual fomos atacados por um grande exército que, depois de ferir-nos, arrancou-nos de nossa terra, espalhando-nos por entre as nações. Ali, todos os que nos encontravam nos humilhavam e perseguiam, acusando-nos da morte do Peregrino, e assim sofremos por toda a noite. Quando o dia estava quase raiando, sobreveio-nos o maior sofrimento, pois nossos inimigos, depois de uma pequena trégua, investiram sobre nós com a intenção de nos destruir completamente. O Eterno, contudo, bendito seja o Seu nome, teve compaixão de nós e nos libertou, reconduzindo-nos para a Terra Prometida. Mas mesmo ali não encontramos descanso, pois tínhamos de estar sempre atentos, defendendo-nos de muitos inimigos que procuravam nos destruir.

Cansados desses conflitos, nos aproximamos de nossos inimigos e propusemos uma aliança de paz; Quando o acordo estava prestes a se concretizar, um desentendimento envolveu-nos num conflito ainda maior. Enquanto ouvíamos gritos de todos os lados clamando contra nós, vimos baixar as trevas de mais uma escura noite.

Angustiado, passamos a clamar ao Eterno, dizendo: - Até quando Senhor buscaremos a paz e não a acharemos?! Ansiamos pelo descanso que nos prometestes, mas somente encontramos o furor de nossos inimigos! Auxilia-nos Senhor! Até quando teremos de esperar?!

Enquanto clamava em minha angústia, o Senhor veio ao meu encontro e disse-me:

- Abraão, olha para o céu e conta o número das estrelas.

Ao olhar para o céu, vi que as estrelas moviam-se formando pequenos grupos de doze. Esses grupos por sua vez, juntavam-se de doze em doze, em formações perfeitas de 144 estrelas. Finalmente todo o céu cobriu-se por esses agrupamentos estelares: eram ao todo 40 grupos, somando um total de 5760 estrelas.

Enquanto imaginava o que poderia significar o número daquelas estrelas, vi surgir no meio delas outra especial que foi aumentando em brilho e grandeza. A sua luz crescente, deu-me a certeza de que aquela noite seria finalmente vencida, e alcançaríamos um alvorecer de paz.

A estrela número 5761 continuou aumentando até que tornou-se do tamanho da Lua, e nela pude ler em letras muito brilhantes a palavra: Sábado, e abaixo o nome de Israel.

Quando os raios que emanavam das letras sagradas começaram a penetrar as trevas da noite, atraindo a atenção de muitos sobre a Terra, ventos fortes vindos do Norte começaram a soprar, trazendo pesadas e negras nuvens em direção da estrela. Formou-se um cerco de trevas, enquanto camadas sobre camadas de nuvens foram comprimindo a estrela que, sem forças para resistir, foi-se apagando até que mergulhou em completa escuridão.

Com o coração aflito, continuei olhando na direção da estrela oculta, sem perder a esperança de que ela seria liberta das garras daquelas nuvens ameaçadoras.

Em diferentes partes do céu escurecido pelas nuvens, começaram a surgir pontinhos de luz que foram se agrupando de sete em sete, até alcançarem o total de 483 estrelas. Sem temerem as ameaças das nuvens escuras, elas foram-se aproximando mais e mais até formarem um anel de luz em torno da estrela opressa. O brilho dessas pequenas estrelas fez renascer a esperança de um livramento, e a estrela cativa emitiu por entre as nuvens um tênue raio de confiança.

Ao estreitarem-se cada vez mais em torno da estrela escurecida, as 483 estrelas se fundiram finalmente a ela, comunicando-lhe sua luz. Nesse momento, um grande clarão tomou conta do céu, e todas as nuvens foram desfeitas, perdendo o seu domínio. A junção de todas essas estrelas, deu origem a uma estrela de incomensurável esplendor, semelhante ao Sol. Em forma de uma coroa que pairava sobre ela, podia-se ler: Yom Kipur - É chegado o Último Jubileu.

Assim que surgiu no céu a estrela do Último Jubileu, veio ao nosso encontro um pequeno beduíno, carregando sobre os ombros um pesado jarro. Sua face estava marcada por uma grande luta, mas refletia a luz da estrela que lhe dava consolo e indizível alegria. Em seu jarro estava escrito em grandes letras o seguinte: **"Caiu! Caiu a grande Babilônia! Sai dela povo meu! (3)**

Aproximando-se dos doze filhos de Israel, o pequeno beduíno saudou-os com um sorriso, e disse-lhes que viera de muito longe, trazendo-lhes uma mensagem e um presente da parte do Rei de Salém. Curiosos, mas ao mesmo tempo desconfiados, eles assentaram-se e ficaram esperando, enquanto o beduíno enfiava suas mãos no jarro. A primeira coisa que ele tirou dali foi um pequeno manuscrito com uma mensagem intitulada: O Último Jubileu: Um Texto de Melquisedeque. Os doze olharam entre si surpresos, pois o título da carta estava relacionado com as palavras escritas na última estrela. Ansiosos por conhecerem o conteúdo do manuscrito, eles o tomaram e passaram a ler as seguintes palavras: "Falarei sobre o Ano Jubileu, que encontra-se em Levítico 25:13. Nós lemos: Neste ano jubileu, tornará cada um à sua possessão". Esta é uma parte do mandamento que cumprir-se-á nos últimos dias, no Período da Remissão, quando aqueles que estão em cativeiro serão libertos, conforme as palavras de Isaías: "O Senhor enviou-me para proclamar libertação aos cativos."(3)

O Libertador é o Messias, que foi prefigurado por Melquisedeque, rei de Salém. Ele era e sacerdote do Deus Altíssimo, e pronunciou uma bênção sobre o nosso pai Abraão.

Como Sumo Sacerdote, o Messias que é nosso eterno Melquisedeque, receberá por herança o domínio sobre todas as coisas, e Abraão tomará parte nesta herança. Não somente Abraão, como também sua descendência terá esse privilégio, quando ela se unir a Deus numa eterna aliança. Naquele tempo, o próprio Senhor será a herança e patrimônio de Seu povo.

No último jubileu, Deus restaurará o Seu povo, e eles retornarão, cada um, ao seu patrimônio. A libertação referida na Lei do Jubileu deve ser entendida com o sentido de remissão de suas culpas, e não haverá mais punição para aqueles que forem justificados. Isto ocorrerá na última semana de uma série de setenta semanas de anos, envolvendo nove precedentes jubileus.(5)

Ao chegar o Dia do Juízo do Último Jubileu, todos aqueles que se colocam do lado da justiça, terão suas culpas anuladas, ao passo que os injustos e maus colherão as conseqüências de tudo o que semearam, e encontrarão o seu fim. (6)

Começará então o Ano do Favorável, do qual fala o profeta Isaías (61:2), que será marcado pelo Favor de Deus, pois o Rei da Justiça, Aquele que foi prefigurado por Melquisedeque, receberá o Seu domínio. Ele assentar-se-á entre as hostes santas no Céu, e executará várias sentenças de julgamentos, como foi predito por Davi: "Deus assentou-se em concílio entre os seres celestes, para realizar

juízo".(7) Por meio desse juízo, Israel será absolvido de suas culpas, e retornará ao seu lugar de eminência em meio aos povos. Esse retorno ocorrerá em cumprimento da Lei do Jubileu. Ao mesmo tempo em que a palavra "Favor" indica o triunfo dos filhos de Deus, ela aponta também para a destruição dos ímpios. Salmos 7: 9 e 10 faz referência a esse juízo, dizendo: "Deus é o juiz dos povos. Põe fim à maldade dos ímpios e confirma o justo". Serão desarraigados todos os filhos de Belial, aqueles que desafiam os estatutos de Deus, e pervertem a justiça. O futuro Rei da Justiça, que é Melquisedeque (o Messias) executará sobre eles a justiça de Deus, estabelecendo ao mesmo tempo os justos. Acompanhado pelos exércitos celestes, ele dará fim aos intentos dos ímpios, fazendo com que os filhos de Deus fiquem em eminência.

O juízo em questão é o mesmo Dia da Retribuição do qual fala o profeta Isaías: "Como são belos sobre os montes os pés daquele que proclama a paz (Shalom), o mensageiro que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação; que diz a Sião: O teu Deus agora é aclamado Rei."(8) A palavra paz (shalom) pode também ser lida como (shillum) que significa "retribuição".

O mensageiro prometido se manifestará no Último Jubileu, e proclamará a sua mensagem de paz, dizendo: " O Senhor enviou-me para confortar todos os que choram." (9) O conforto que ele trará, consistirá numa revelação das sucessivas eras da história do mundo, desde o princípio da criação até o fim. Naquele tempo, os filhos de Belial se aliarão com o propósito de perverter toda a justiça, mas serão confundidos pelos julgamentos de Deus.

O reino de Deus em Sião, será estabelecido mediante a aliança que Melquisedeque (o Rei da Justiça) fará com todos os justos , destruindo ao mesmo tempo os filhos de Belial.

O mandamento do jubileu fala também de um forte som de trombeta que repercutirá por toda a terra, no dia dez do sétimo mês.(10) Aplicando-se aos últimos dias, isto se refere à uma poderosa manifestação divina que sacudirá o mundo, preparando-o para a Era Messiânica" (*)

(*) O texto em destaque é uma tradução livre do manuscrito original encontrado na Gruta 11 de Qunram, em janeiro de 1956, por beduínos da tribo de Taamireh.

Depois de lerem com atenção as promessas contidas no pergaminho, os doze voltaram-se para o beduíno que, curvando-se sobre o jarro, tomou um grande rolo de pele de cordeiro, escrito por dentro e por fora. Antes de entregar-lhes, afirmou que a mensagem de consolo prometida no manuscrito que haviam lido, estava contida naquele rolo especial. Ao abrirem-no, vi que era o Livro de Melquisedeque, composto pelo manuscrito do rei de Salém e pelo meu. A leitura dos relatos ali contidos comoveu-os profundamente, levando-os a compreenderem que aquele a quem menosprezaram e entregaram para a morte, era o Messias prometido, o grande Melquisedeque que, em virtude de seu sacrifício, os libertara naquele Último Jubileu. Cheios de arrependimento, choraram amargamente, mas foram consolados pelas revelações contidas no manuscrito do rei, onde as sucessivas eras da história eram contadas em ricos detalhes, desde o princípio da criação até aquele tempo.

Ao terminarem a leitura do Livro de Melquisedeque, os doze prostraram-se reverentes, e louvaram ao Eterno pelo consolo que lhes enviara, através de tão humilde mensageiro.

Curvando-se sobre o jarro, o menino tomou uma caixinha de ouro ornamentada com pedras preciosas, na qual haviam 144 pérolas de variados tamanhos. Afirmando ser um presente de Melquisedeque para eles, o beduíno passou a distribuí-las, doze para cada, começando por Rúben. Aquelas pérolas simbolizavam a vitória que haviam alcançado mediante a concretização de uma nova e eterna aliança com o grande Melquisedeque, que é o Messias.

Depois de louvarem ao Eterno pelas pérolas que selavam a vitória alcançada, os doze, num gesto de reconhecimento e gratidão, passaram a honrar o humilde beduíno que, por meio de lutas e sacrifícios, resgatara das trevas todos aqueles tesouros, para ofertar-lhes naquele Jubileu. Representando os seus irmãos, Rúben, o primogênito, tomou um de seus melhores mantos e cobriu o corpo desnudo do menino. Aquecido por aquele manto que simbolizava sua maior conquista, o beduíno emocionou-se ao ver que ele trazia, do lado de seu coração, um distintivo precioso, com a gravura de uma cruz vermelha da qual saíam raios dourados. Isto fez com que reconhecesse que toda aquela honra recebida, pertencia ao Messias que resgatou-o das profundezas de uma caverna, conduzindo os seus passos através de caminhos perigosos e solitários, até que pudesse entregar aos filhos de Israel os tesouros contidos no jarro. Ele devia também aquela conquista aos seus três irmãos, sem os quais não teria encontrado aquele presente do rei de Salém. A lembrança de seus irmãos o fez chorar com saudade, e desejou muito beijar suas faces, compartilhando com eles toda a honra recebida.

Num gesto surpreendente que consolou o coração do menino, Rúben tomou três de suas pérolas mais brilhantes e, colocando-as numa caixinha vermelha, entregou-as ao menino e disse:

- Estas pérolas são para os seus irmãos.

Logo depois surgiram ao longe a figura de três beduínos que caminhavam ao nosso encontro, trazendo vasos em seus ombros. Quando os viu, o menino alegrou-se ao descobrir que eram os seus irmãos. O mais velho tinha em seu jarro uma inscrição que dizia: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a

hora de seu juízo.(11) O segundo trazia no vaso a mesma inscrição contida no jarro do menino, porém em letras menores e menos brilhantes: Caiu, caiu a Grande Babilônia!(12) O terceiro carregava um vaso um pouco maior que os dois anteriores, e nele estava escrita uma advertência: Se alguém adorar a besta ou a sua imagem, e receber o sinal na fronte, ou na mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se acha preparado sem mistura, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. Abaixo desta advertência, em grandes letras lia-se o seguinte: Aqui está a perseverança dos santos, daqueles que guardam os mandamentos de Deus e tem a fé do Messias.(13)

Quando eles viram o seu irmão mais novo em honra perante os filhos de Israel, correram ao seu encontro e prostraram-se, depondo os seus jarros aos seus pés. Em grande pranto revelaram o seu arrependimento pelo desprezo e sofrimentos pelos quais o fizeram passar. O pequeno beduíno inclinou-se para os seus irmãos com amor e, beijando suas faces, falou-lhes que tudo o que lhes acontecera, fora para o bem.

Depois de consolarem-se, os filhos de Israel prepararam um banquete em homenagem ao pequeno beduíno e seus irmãos. No banquete o rolo foi mais uma vez aberto, e todos se alegraram com sua mensagem. Quando estavam quase no fim da festa, o menino honrou seus irmãos na presença de todos, dando-lhes as pérolas recebidas de Rúben. O mais velho recebeu a pérola menor, o do meio a pérola de tamanho médio, e o mais novo a maior. Eles ficaram felizes ao receberem aquelas jóias que simbolizavam sua vitória.

Todos tinham agora suas pérolas, menos o menino, cuja alegria consistia em ver os filhos de Israel e seus irmãos enriquecidos pelos presentes do Rei. A maior e mais brilhante de todas as pérolas, contudo, Rúben separara para ele. Quando a recebeu, seu coração transbordou de indizível alegria, vendo nela o símbolo de seu triunfo. Na pérola havia três inscrições: Melquisedeque, Eliahu Hanavi e Nova Jerusalém.

Depois da festa, o pequeno beduíno procurou pelo seu jarro, e ficou surpreso ao encontrá-lo repleto de pérolas. Com muito esforço tomou-o em seus braços, levando-o para junto de seus irmãos que tinham os seus jarros vazios. Começando pelo primogênito, ele foi compartilhando o tesouro, até que todos os vasos se encheram com aquelas lindas pérolas.

Renascidos pelo arrependimento e movidos pela gratidão, os três beduínos juntamente com os doze filhos de Israel, seguiram os passos do menino na realização de uma importante obra sobre a Terra. Sua missão seria abrir perante o mundo o Rolo de Melquisedeque, oferecendo a todos quantos aceitassem sua mensagem, aquelas pérolas que simbolizam a vida.

Durante seis dias a humanidade teria a oportunidade de conhecer a mensagem do rolo, e as advertências escritas naqueles jarros, apossando-se das pérolas da salvação. Ao fim dos seis dias, os jarros se esvaziariam e o rolo seria fechado.

Enquanto os dias da oportunidade se escoavam, multidões acorriam de todas as partes em busca da mensagem do rolo e das pérolas. Olhando para os céus, descobri que a cada novo dia daquela semana de livramento, uma nova estrela surgia ao lado da estrela do jubileu, iluminando cada vez mais a Terra com a sua glória.

Ao fim dos seis dias de oportunidade, o mundo achava-se dividido em duas classes de pessoas: os possuidores das pérolas da salvação, que são os filhos de Deus e os que rebelaram-se contra a mensagem do rolo, os filhos de Belial.

Ao expirar-se o tempo da oportunidade, no momento em que as seis estrelas do jubileu enchiam toda a Terra com sua claridade, soou uma voz desde os céus dizendo: **Está Consumado! Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; quem é justo, faça justiça ainda, e quem é santo, santifique-se ainda. Eis que cedo venho, e esta comigo a minha recompensa, para retribuir a cada um segundo a sua obra. Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o derradeiro, o princípio e o fim. Bem aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas. Ficarão de fora os feiticeiros, os adúlteros, os homicidas, os idólatras e todo o que ama e pratica a mentira.(14)**

Quando o Messias, que é Melquisedeque, proclamou o decreto, o rolo foi fechado, pois não havia mais pérolas nos jarros. Subitamente as seis estrelas se apagaram, mergulhando o mundo em completa escuridão. Surgiu então no céu uma estrela vermelha, cujos raios traziam luz e proteção para os filhos de Deus, ao passo que para os ímpios traziam trevas e sofrimento. Isto fez com que eles blasfemassem contra Deus, levantando-se contra os Seus redimidos.

No momento mais difícil, quando as mãos dos ímpios pesavam sobre os justos prestes a destruí-los, a Terra foi sacudida por um grande terremoto.(15) Em meio às nuvens negras, surgiu o brilho de uma estrela que foi crescendo rapidamente, até cobrir todo o céu. Hozanas de vitória ecoaram por todas as partes quando os remidos contemplaram a face do Messias que vinha em seu socorro, acompanhado

pelos exércitos dos céus. Diante de sua presença majestosa, os ímpios fugiram, mas foram consumidos pelo fogo.(16)

O Messias fez soar sua trombeta, e todos os justos mortos ressurgiram com corpos perfeitos e imortais. Logo depois, os justos vivos foram transformados, recebendo, igualmente, corpos incorruptíveis. Acompanhados pelos anjos, fomos arrebatados para o encontro com nosso Rei e Salvador nos ares. Ele nos recebeu com indizível alegria, e nos conduziu numa viagem inesquecível rumo à Nova e Eterna Jerusalém. (17)

Ao entrarmos na Cidade Santa, ficamos deslumbrados diante de tantas maravilhas. Fomos conduzidos ao paraíso, onde fora preparado um grande banquete para nós Ali, diante do trono, em meio às hosanas angelicais, fomos coroados pelo Messias, recebendo um reino de paz que jamais findará. Enquanto desfrutava as delícias do Éden, acordei e vi que tudo fora um sonho. Levantando-me, tomei Isaque nos braços e, sentando-me do lado do jarro, os acariciei até o alvorecer, enquanto relembrava as cenas marcantes de meu sonho.

Ao encontrar-me com Melquisedeque naquela manhã, desejei contar-lhe o meu sonho. Mas antes que eu lhe dissesse algo, ele fitou-me com um olhar muito parecido com o do Messias, e deu-me uma ordem:

-Abraão, toma agora o jarro que você tanto ama e leve-o ao Mar Salgado, onde lhe mostrarei uma caverna na qual você o esconderá.

Tomando uma machadinha e um manto de linho, o rei acompanhou-me até a caverna que eu vira no sonho, onde assentei-me para registrar estas últimas palavras. O rolo será agora lacrado, e será deixado no silêncio da caverna, e permanecerá oculto até que seja aberto perante as nações, no Último Jubileu.

Referências: (1) Gênesis 22: 1, 2; (2)Isaias 53; (3)Apocalipse 18: 2,4; (4)Isaias 61: 1; (5) Levítico 25:10; Daniel 9: 24,25; (6) Levítico 25:9; (7)Salmo 82: 1; (8) Isaias 52:7; (9) Isaias 61: 3; (10) Levítico 25: 9; (11) Apoc. 13:7; (12) Apoc. 13:9; (13)Apoc. 13:9 - 12; (14)Apoc. 22: 11-15; (15) Apoc. 16: 17-21; (16) S. Mateus 24: 29-31; (17)I Coríntios 15: 50-55; Apoc. 21 e 22.

O código da bíblia

Este site irá mostrar como e de onde surgiu a idéia de um certo "código", presente na Bíblia, que está trazendo alarde em várias partes do mundo, já há algum tempo. Esse código é uma revelação de Deus, segundo o Pr.Rogério da Costa: "No livro de Daniel, Deus o deu duas revelações, uma diretamente acessível — a saber, o próprio conteúdo bíblico —, e uma outra revelação selada, sendo esta última chamada de Código da Bíblia".

Esta revelação selada permaneceu oculta por cerca de 3200 anos, e desde o ano de 1997 as comunidades científica e judaica estão alarmadas com a descoberta de informações que vieram à tona com a descoberta do computador.

A divulgação mundial da descoberta de um código na bíblia judaica (antigo testamento), veio através de um livro intitulado de "O Código da Bíblia", escrito por um jornalista americano chamado Michael Drosnin, que foi o divulgador do assunto. Todavia Drosnin é apenas o canal da informação, pois o verdadeiro descobridor é um cientista judeu, chamado Dr.Eliyahu Rips, que reside há mais de vinte anos no estado de Israel e que atualmente é professor na Universidade Hebraica da capital Jerusalém. A prova da autenticidade desta descoberta se dá na precisão de mais de mil fatos que aconteceram, com detalhes e datas, tudo codificado nos cinco livros de Moisés (O Torah), tais como: o assassinato de dois membros da família Kennedy, o atentado à bomba de Oklahoma, a eleição de Bill Clinton, tudo desde a II Guerra Mundial até o caso Watergate, do Holocausto Nazista até a bomba de Hiroshima, da chegada do homem à Lua até a queda de um cometa em Júpiter, a descoberta da data da Guerra do Golfo vinte e um dias antes de ela acontecer, a data do assassinato de Ytzhak Rabin mais de um ano antes do crime ter ocorrido em Tel-Aviv.

O interessante é que o código aparece no inverso do texto bíblico, além da surpreendente descoberta de que em cada profecia messiânica do antigo testamento, apesar de os judeus não aceitarem a Jesus como o Messias, aparece no código a seguinte frase: "O meu nome é Jesus, Eu sou o Messias". Contudo, o código apresenta três fatos que na seqüência das informações ainda não aconteceram:

1º. O código apresenta a I e a II Guerras Mundiais com todos os detalhes, as datas e os nomes dos envolvidos. Na seqüência, em torno do sobrenome do ex-ministro de Israel, Benjamim Netanyahu, e da palavra Jerusalém, o código apresenta as seguintes frases:

- Dia da III Guerra Mundial;
- Todo o seu povo irá para a guerra;
- Holocausto atômico em Jerusalém;
- 9 de Av - 5760/5766 (calendário judaico), que traduzido para o nosso calendário gregoriano será em

torno de 25 de julho de 2000/2006. Porém, o calendário judaico não tem vogais para se saber a relação entre 2000 e 2006.

2º. O código apresenta vários terremotos, desde os que aconteceram há muito tempo até os mais recentes. Ex.: o maior terremoto do mundo, que aconteceu na China em 1976, na cidade de Tang Chan, onde mais de 800.000 chineses morreram. E continuando, o código apresenta mais três grandes terremotos que virão: dois deles entre os anos de 2000 e 2006, sendo um na China e outro no Japão, e um outro em Los Angeles (EUA) com informações que, segundo o código, indicam o seu total desaparecimento do mapa em 2010.

3º. O código apresenta o choque de um cometa com o planeta Júpiter, que aconteceu em 1994. Em sua seqüência aparece a queda de três cometas gigantes no planeta Terra; a primeira em 2006, a segunda em 2010 e a terceira em 2012, sendo que esta última se esfacelará antes do choque. A predição de dois cometas caindo na Terra encontra-se no livro das revelações (Ap. 8:8-10)

O CÓDIGO DA BIBLIA

Resumo do livro de M. Drosnin

No final do século XVIII, um sábio judeu, conhecido como Genius de Vilna, referindo-se à Torah, os cinco primeiros livros da Bíblia, afirmou:

"A regra é que tudo o que foi, tudo o que é e tudo o que será, até o fim dos tempos, está incluído na Torah da primeira à última palavra. E não só num sentido geral, mas nos detalhes de cada espécie e de cada um individualmente, com detalhe dos detalhes de tudo o que lhe aconteceu desde o dia de seu nascimento até sua morte" (O Código da Bíblia, p.18, de M. Drosnin).

Transcorria a Segunda Grande Guerra Mundial, quando um rabino da Tchecoslováquia chamado H.M. Weissmandel, movido pelo desejo de encontrar um possível código na Bíblia, começou a contar as letras hebraicas da Torah. Já no primeiro capítulo de Gênesis, notou que, saltando 50 letras e depois outras 50, e assim por diante, soletrava-se a palavra TORAH. Admirado, viu que o mesmo resultado podia ser encontrado nos demais livros que compõem a Torah. Este surpreendente resultado, que não pareceu-lhe casual, levou-o a escrever um pequeno livro, falando de sua descoberta.

Cinqüenta anos depois, o Dr. Eliahu Hips, um matemático de fama mundial, que é catedrático na Universidade de Jerusalém, ouviu através de um rabino, sobre esse curioso livro, cuja única cópia podia ser encontrada na Biblioteca Nacional de Israel. Curioso, Hips foi em busca de tal livro, e pode comprovar o curioso fato em sua própria Bíblia.

Hips, lembrou-se de outros cientistas que, muito antes dele, haviam investido tempo à procura de um possível código na Bíblia. Isaac Newton fora um deles. Newton, que havia imaginado a mecânica do sistema solar, havia descoberto a força da gravidade, aprendeu o hebraico, e passou metade de sua vida tentando descobrir esse código, o qual acreditava existir.

O Dr. Eliahu Hips, tinha uma grande vantagem sobre Newton: ele possuía uma ferramenta poderosa: o computador. **Quando recorri ao computador, afirmou Hips, achei a brecha. Encontrei palavras codificadas, numa quantidade muito maior do que o permitido pelo acaso randômico da estatística, e então soube que estava chegando a algo de real importância" (O Código da Bíblia, p. 21).**

Juntou-se ao Dr. Eliahu Rips em sua pesquisa, dois outros eruditos judeus, Doron Witztum, e Yoav Rosemberg. Desenvolveram um sofisticado modelo matemático que, quando implementado por um computador, confirma que o Antigo Testamento, não só a Torah, contem mensagens codificadas. Prepararam inicialmente uma tese denominada **"Seqüências Alfabéticas Equidistantes no Livro de Gênesis"**. Introduziram a tese com um resumo de seu significado:

"A análise randômica indica que informações ocultas estão estremeadas no texto do Gênesis, sob a forma de seqüências alfabéticas equidistantes. O efeito é significativo em 99,998%. Observou-se, que quando o Livro do Gênesis é escrito como séries bidimensionais, seqüências alfabéticas equidistantes formando palavras com sentidos correlatos aparecem freqüentemente em estreita proximidade. Foram desenvolvidas ferramentas quantitativas para mensurar este fenômeno. A análise de randomização mostra que o efeito é significativo ao nível de 0.00002" (O Código da Bíblia, p.22 e apêndice 1).

Na experiência inicial - o que seria posteriormente empregado em toda a Torah e outros livros da Bíblia - todas as letras hebraicas que compõe o livro de Gênesis, foram unidas formando um único fluxo, sem nenhum espaço, como originalmente foi escrito. Organizaram todo o texto num quadrado perfeito, havendo tanto nas linhas horizontais como nas verticais, a mesma quantidade de letras, exceto na última linha. Foi nesse quadrado perfeito, que o código começou a ser revelado, primeiramente no livro do Gênesis, depois em toda a Torah, em palavras cruzadas que na tela do computador se apresentam em diferentes cores.

Ao observarem que algumas palavras iniciavam-se em uma extremidade do texto, dando continuidade na outra, resolveram unir essas extremidades formando um cilindro, no qual a primeira linha se une à

segunda, a segunda à terceira, e assim continuamente, até alcançar a linha final. Com esse modelo, qualquer palavra que surgisse, poderia ser lida numa única seqüência.

Para confirmarem a não casualidade das revelações que poderiam encontrar codificadas na Bíblia, os pesquisadores submeteram ao teste outras obras, entre elas a versão hebraica de Guerra e Paz, de Tolstoi, que tem a mesma dimensão da Torah. Em todas as experiências realizadas nessas obras, o resultado foi nulo, sem a presença de nenhum código.

A experiência inicial, foi buscar nomes de personagens importantes da história do judaísmo, desde os dias bíblicos até nossos dias. Fizeram uma relação com 32 nomes. Ficaram impressionados com o resultado, pois além do nome de cada um deles, podia-se ver as datas em que nasceram e morreram. Matematicamente falando, as probabilidades de encontrar randomicamente essas informações codificadas, eram de 1 em 10 milhões.

Tomaram então os 32 nomes e as 64 datas, e as misturaram em 10 milhões de combinações diferentes, de modo que 9.999.999 seriam incompatíveis e só um emparelhamento seria correto. Eles então rodaram esse programa no computador, para ver quais dos 10 milhões de exemplos alcançariam melhor resultado, e só os nomes e as datas corretas se uniram na Bíblia.

Harold Gans, um decodificador da Agencia de Segurança Nacional, dos Estados Unidos, ouviu com incredulidade sobre a descoberta dos israelenses, e procurou-os com o intento de desmascarar esse código da Bíblia, que para ele não passava de uma farsa ridícula. Gans preparou seu próprio programa de computador, e ao submeter o livro de Gênesis ao teste, surpreendeu-se ao ver os nomes dos 32 personagens, acompanhados pelas datas de nascimento e morte. Dominado pelo fato curioso, indagou sobre a possibilidade de encontrar junto aos nomes desses personagens, os nomes das cidades em que viveram. O resultado foi fantástico: ali estavam as cidades nomeadas ao lado de cada sábio. Desta maneira, o primeiro a tentar desmascarar o código da Bíblia, acabou comprovando-o.

Rips e seus amigos, submeteram seu ensaio aos mais rigorosos testes que foram aplicados pelos maiores matemáticos do mundo, muitos deles ateus, e todos eles se dobraram diante do fato incomum. Diante de seus olhos, na tela do computador, estava uma prova de a Bíblia foi elaborada por uma inteligência infinitamente superior que a dos homens. Descobriram ser tão complexo o código da Bíblia, que todos os computadores do mundo trabalhando juntos, seriam incapazes de elaborar algo semelhante.

Rips é religioso, e não teve dúvidas de que ao descobrirem tal código, estavam sendo conduzidos por Deus para alguma revelação especial. O seu próximo passo, depois da experiência com o livro do Gênesis, foi uma busca em toda a Torah. O que poderiam revelar aquelas 304.805 letras, organizadas em seqüência ininterrupta? Teria o código algo a dizer sobre os grandes acontecimentos da história? Movido por um sentimento de curiosidade e temor, Rips e seus amigos começaram suas buscas, e ficaram surpresos com os resultados precisos e detalhados. Procuraram primeiramente por Holocausto, e o computador, rastreando velozmente todo o texto, letra por letra, começando da primeira até à última, buscando a palavra chave e as demais correlatas, em saltos aritméticos que iam crescendo de números simples até alcançar milhares de letras; Com espanto, viram surgir finalmente, concentradas na tela do computador, uma revelação surpreendente pelos seus detalhes. Ali estavam, diferenciadas pelas cores, as palavras: Hitler, Homem Mau, Nazista Inimigo, Massacre.

Outro rastreamento do texto, revelou formações mais detalhadas sobre o Holocausto. A expressão Nazista, surgiu codificada com as palavras Na Alemanha; As palavras Fornos e Extermínio, apareceram vinculadas ao nome Eichmann - aquele que comandou o grande massacre.

Avançando em suas buscas, descobriram que todos os líderes da Segunda Guerra Mundial, apareciam juntos naquele código: Roosevelt, Churchill, Stalin e Hitler.

Rips e seus amigos, ficaram fascinados ao verem que o código da Bíblia não se calava sobre nenhum dos grandes acontecimentos da história. Napoleão, por exemplo, está codificado junto com França, Waterloo e Elba. A grande Revolução comunista que mudou a face do século XX, está codificada junto à palavra Rússia, e o ano em que triunfou 5678 (1917).

Procuraram por Einstein, e viram surgir na tela do computador o seu nome, cruzado por outras palavras e frases: Ciência, Um Novo e Excelente Entendimento, Ele Revolucionou a Realidade Presente, Uma Pessoa Inteligente.

Edison encontra-se codificado com Eletricidade e Lâmpada Elétrica. Grandes artistas e escritores, inventores e cientistas de todos os tempos encontram-se codificados. Beethoven e Bach estão ambos codificados com Compositores Alemães.

Todos os assassinatos que mudaram o curso da história humana, encontram-se codificados: Abraham Lincoln, Mahatma Gandhi, Anwar Sadat, a maioria deles com detalhes que revelam a data e o nome do assassino. Na única vez em que aparece Presidente Kennedy, a palavra seguinte na mesma seqüência do código é morrer. O nome da cidade Dallas, em que seria alvejado encontra-se codificado, junto ao nome do assassino Oswald. O nome do presidente egípcio Anwar Sadat aparece junto com o nome do

assassino Chaled baleará Sadat, acompanhado pela data do crime 8 Tishri, e a ocasião do atentado, um desfile militar.

Depois de descobrir uma infinidade de nomes de pessoas, acontecimentos e datas que marcaram a história da humanidade, o Dr. Eliahu Rips e seus amigos começaram a indagar se aquele código da Bíblia, poderia indicar-lhes acontecimentos futuros. Por essa ocasião, final de dezembro de 1990, nações do Ocidente, lideradas pelos Estados Unidos da América, formavam um grande cerco contra o Iraque, devido sua invasão recente ao Kuwait. Rips procurou pelo nome de Sadan, e ficou espantado com o que surgiu na tela de seu computador. Ali estavam, destacadas em cinco cores diferentes, num padrão de palavras cruzadas, o nome de Sadan Hussein, acompanhado por surpreendentes revelações: Inimigo, Ele escolheu um dia, Guerra, Missil, Fogo no Terceiro Dia de Shevat (18 de janeiro de 1991).

Diante desta revelação, Rips ficou preocupado, mas ao mesmo tempo eufórico. Pela primeira vez o código revelava um acontecimento vinculado à uma data ainda futura. Foram três semanas de muita expectativa. Ao chegar o dia marcado no código, Rips, como toda a população de Israel achavam-se de sobreaviso para um possível ataque do Iraque. Confirmou-se naquele dia aquela previsão que fora codificada na Bíblia há mais de 3.000 anos, quando caiu sobre Tell Aviv o primeiro de uma série de mísseis scuds lançados sobre Israel. Rips, tomado por um sentimento de reverência, concluiu que Deus, descerrara-lhes o código da Bíblia, com o propósito de provar aos incrédulos a importância das Sagradas Escrituras, e ao mesmo tempo, alertar para grandes acontecimentos que se aproximavam. O código da Bíblia, cujas revelações já haviam sido confirmadas por vários pesquisadores eruditos de Israel e do mundo, despertou finalmente o interesse de pessoas dentro do governo de Israel. Assim como os reis de Israel no passado, procuravam nas pedras da estola sacerdotal, Urim e Tumim, respostas para os seus temores, os agentes secretos do Mossad, haveriam de recorrer ao código da Bíblia(Ver I Samuel 28: 6).

Rips, dada a importância de sua descoberta, conscientizou-se de que a mesma teria de ser amplamente publicada, para que todo o mundo pudesse conhecer suas revelações, mas não sabia como isso haveria de acontecer. Visitou-o naqueles dias, Michael Drosnin, jornalista e repórter da Washington Post; Depois de ouvir de um amigo sobre a surpreendente descoberta de Rips em relação à guerra do Golf., Drosnim, que era ateu, fora até ele, mais movido pelo desejo de ridiculá-lo do que verificar o fato. A primeira coisa que o jornalista fez, foi tomar uma Bíblia que estava sobre a mesa, desafiando Rips a mostra-lhe tal profecia sobre o Iraque. Sorrindo, Rips disse-lhe que o código da Bíblia, somente podia ser lido através do computador.

Cheio de incredulidade, Drosnin viu Rips digitar o nome de Sadan no espaço para busca. Surgiu em instantes o impressionante resultado. Rips fez o mesmo teste em Guerra e Paz, e nada apareceu. Drosnin estava pasmado. Aquilo era uma prova de que uma inteligência muito superior à nossa, foi capaz de codificar dentro de um texto tão amplo como a Torah, acontecimentos futuros.

Drosnin, que jamais se interessara pela Bíblia, decidiu investigar em seu computador o código. Rips forneceu-lhe para tanto todos os disquetes com o programa de procura e os textos da Torah e Guerra e Paz. Retornando aos Estados Unidos, Drosnin não pensava em outra coisa, passando longas horas em sua pesquisa. Depois de rever tudo o que já havia sido encontrado, ele começou a fazer suas próprias buscas.

Em maio, de 1994, Drosnin ficou surpreso com o que encontrou. Ele havia lido sobre o cometa Shoemaker - Levi, que segundo a previsão dos astrônomos haveria de chocar-se com Júpiter no dia 16 de julho daquele ano, dois meses depois. Ao procurar por Júpiter , encontrou-o numa seqüência horizontal, e cruzando-o em linha perpendicular, numa representação gráfica da queda do cometa, estava o seu nome completo, acompanhado pela mesma data que fora anunciada pelos astrônomos, o que veio a se cumprir com precisão.

Falando sobre o efeito desta descoberta em sua vida, Drosnin afirmou:

"Esta descoberta foi tão dramática que me fez voltar a acreditar em tudo. Durante aqueles dois anos de investigação, eu estava sempre me perguntando: - Será que isso é mesmo verdade? Teria alguma inteligência não-humana realmente codificado a Bíblia?" Cada manhã eu acordava duvidando de tudo, apesar das provas esmagadoras " (O Código da Bíblia, p. 35).

Drosni, compreendeu que a ausência de uma única letra na Torah, anularia todo o esquema. O próprio Yohua, referindo-se à integridade da Lei, que é a Torah, jurou: **"Em verdade vos digo que até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da Lei, sem que tudo seja cumprido"** (S.Mateus 5: 18). Para que este propósito divino fosse cumprido, os massoretas, os judeus que ao longo dos séculos trabalharam incansavelmente copiando a Bíblia, exerceram um cuidado extremo. Ao fim de cada cópia, contavam todas as letras do texto; Se a soma delas não correspondesse ao original, o livro era lançado ao fogo.

Pouco tempo depois de encontrar no código da Bíblia a surpreendente revelação sobre o cometa Shoemaker - Levi, Drosnin ficou profundamente abalado, quando ao digitar o nome de Ytzhak Rabin, viu surgir na tela, atravessando o seu nome, na única vez em que aparece, em saltos de 4.772 letras, a sentença Assassino que assassinará. Junto à sentença, encontrava-se o ano judaico 5.756, que começaria em finais de 1995. Naquela mesma noite, 1 de Setembro de 1994, Drosnin voou para Israel com o propósito de alertar o primeiro ministro, tentando preveni-lo para que evitasse esse trágico fim. Chegando a Israel, não conseguindo contato direto com Ytzhak Rabim, fez chegar até ele uma carta, através do poeta Chaim Guri que era amigo íntimo do primeiro ministro. A parte principal de sua carta dizia o seguinte:

"A razão pela qual estou lhe dizendo isso, é que, na única vez em que seu nome completo - Yitzhak Rabim - está codificado na Bíblia, as palavras " Assassino que assassinará" o cruzam. Este fato não deve ser ignorado, pois os assassinatos de Anuar Sadat e de John e Robert Kennedy também estão codificados na Bíblia - no caso de Sadat, com o nome e sobrenome de seu matador, bem como a data e local do crime e como ele se deu. Penso que você corre perigo real; mas esse perigo pode ser evitado" (Iden. 13).

Rabim não levou a sério a advertência. Um ano depois, em 4 de novembro de 1995, confirmou-se a trágica previsão, no início do ano indicado. Somente então, Drosnin e Rips, descobriram que próximo ao nome de Rabim, encontravam-se codificadas outras informações relacionadas ao crime, incluindo o nome da cidade Tel Aviv e o nome do assassino Amir.

Outra frase codificada no conjunto de palavras e frases ligadas ao assassinato de Rabim, era a seguinte: A partir do dia quinto de Adar todo o seu povo para a guerra. O dia 5 de Adar no calendário judaico, cairia no ano seguinte em 25 de fevereiro. O que poderia acontecer naquela data, capaz de desviar Israel de seus esforços para a paz, levando-o para uma posição de guerra?

Quando chegou o dia 25 de fevereiro de 1996, Israel foi atingido pelo pior ataque terrorista dos últimos três anos. Um jovem palestino, com uma bomba presa ao corpo, explodiu um ônibus em Jerusalém, matando 23 pessoas. Nos nove dias seguintes, duas outras bombas terroristas, elevaram o número de mortos para 61.

Antes destas bombas começarem a explodir no dia previsto, a nação de Israel, sensibilizada com o assassinato de Yitzhak Rabim por um próprio judeu, estava quase que em massa disposta a elegerem como novo primeiro ministro, Shimon Peres, um dos arquitetos da paz com os palestinos. Concorria com ele um oponente da paz chamado Netanyahu, cujas possibilidades de sair vitorioso nas eleições, eram mínimas, até que começaram a ocorrer os atentados. Sua pregação contra aquela paz com os palestinos começou então a ganhar força entre os israelenses, mas uma grande maioria ainda parecia apoiar a paz.

Uma semana antes da histórica eleição de 29 de maio de 1996 em Israel, Drosnin que era favorável à pacificação de Simon Peres, procurou no código da Bíblia pelo seu nome e nada foi revelado com relação à uma possível vitória. Experimentou então Netanyahu, e viu surgir para sua surpresa: Primeiro-ministro Netanyahu, eleito, Bibi. Bibi é o seu apelido em Israel.

Quando se confirmou a vitória de Netanyahu, Drosnin, juntamente com o Dr. Eliahu Rips, fizeram uma minuciosa procura no código da Bíblia, e ficaram surpresos ao verem que o nome do novo primeiro ministro, encaixava-se justamente entre Yitzhak Rabim, seu assassino Amir, logo acima da frase Todo o seu povo para a guerra.

Associadas ao nome de Netanyahu, começaram a descobrir outras formações de frases e palavras: Sua vida será ceifada; Assassinado; Para grande horror; Holocausto atômico.

Rips e Drosnin ficaram apavorados ao verem o nome do novo primeiro ministro associado a todas essas declarações de catástrofe. Aquele código da Bíblia, que os atraía pouco a pouco, conquistando confiança através de suas curiosas revelações, os encaminhava agora num crescendo, aturdindo-os com sua misteriosa voz. Qual seria a próxima revelação desse código?

Com profundo temor, depois de lerem na tela do computador, associadas ao nome de Netanyahu, as duas espantosas palavras: Holocausto Atômico, eles procuraram descobrir o que revelariam estas mesmas palavras em formações de saltos aritméticos diferentes. Na primeira experiência encontraram:

Holocausto Atômico, No fim dos dias. Depois encontraram: **Fim dos dias, Pragas, Salvem!.** O código da Bíblia revelou-lhes finalmente a mais espantosa de todas as revelações. Drosnin descreve esta descoberta com as seguintes palavras: "Quando abrimos o código em busca da Terceira Guerra Mundial, descobrimos que o ano em que ela poderia começar estava predito num pergaminho de 22 linhas que é a essência da Bíblia. Tal pergaminho é chamado "Mezuzah". Contém 170 palavras que, dentre todas as 304.805 letras dos cinco livros originais da Bíblia, Deus ordenou fossem mantidas num rolo de pergaminho em separado e colocado na entrada de cada residência. "Em 5760 " e "Em 5766", os anos 2000 e 2006, estão codificados naquelas 170 palavras. "Guerra Mundial" na única vez em que está codificada em toda a Bíblia, aparece no mesmo trecho, e cruza um dos versículos sagrados.

"Holocausto Atômico" na única vez em que está codificado na Bíblia, também aparece junto com os dois mesmos anos nos mesmos versículos do pergaminho...E no local em que os anos **2000 e 2006** estão codificados, o texto oculto do pergaminho sagrado alerta-nos sobre a guerra: **Bombardearão seu país, terror, devastação, está sendo lançada"**(O Código da Bíblia, 123,124).

O pergaminho sagrado conhecido como "Mezuzah", que em suas 170 palavras hebraicas contém codificadas tão sérias predições, consiste no texto de Deuteronômio 6: 4 - 9 que diz:

"Ouve, Israel: o Senhor teu Deus é o Único Senhor. Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força. Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração. Tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, andando pelo caminho, deitando-te e levantando-te. Também as atarás na tua mão por sinal, e te serão por faixa entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais da casa, e nas portas".

Drosnin continua: "Não poderia ser por mero acaso que os anos mais claramente codificados junto com "Guerra Mundial" estivessem ambos, ocultos nas 170 palavras que foram preservadas num rolo de pergaminho em separado durante três mil anos, e ainda hoje são presos ao umbral da porta de quase todos os lares em Israel. Se uma simples letra estiver faltando, um Mezuzah não pode ser utilizado.

"Alguém" queria ter absoluta certeza de que, não importa o que pudesse acontecer ao restante da Bíblia, essas 170 palavras, esse rolo de pergaminho seria preservado, tal como originalmente escrito, com seu código intácto" (O Código da Bíblia, 124).

Para enfatizar a seriedade das advertências reveladas no texto da Mezuzah, Drosnin conclui:

"E aquele antigo código, que agora predizia que a Terceira Guerra Mundial poderia começar dentro de uma década, também predissera que a Segunda Guerra Mundial começaria " em 5700 " - no nosso calendário moderno, 1939 / 1940...Armagedon nos anos 2000 - 2006 era o alerta codificado nos mesmos versículos sagrados da Bíblia, o código cuidadosamente preservado no Mezuzah" (O Código da Bíblia, 124).

Drosnin, sempre indagou o porque ele, um ateu, fora envolvido nessa questão tão séria. Poucos dias após a morte de Rabim, ele fizera esta pergunta para o Dr. Eliahu Rips, que respondeu-lhe: - É justamente por isso que você está envolvido nisso. Você pode contar ao mundo moderno sobre o código da Bíblia.

Sentindo ser esta a sua missão, Michael Drosnin, que já trabalhou no Washington Post e no Wall Street Journal; autor de Citizen Hughs, livro que esteve na lista de best-sellers do New York Times, escreveu o seu novo livro, O Código da Bíblia, onde revela a impressionante história de sua descoberta, as pesquisas que foram feitas, bem como suas comprovações. Desde o seu lançamento nos Estados Unidos em 1997, O Código da Bíblia tem sido um best-seller absoluto, e tem se mantido no alto da lista dos livros mais vendidos em todos os países onde já foi publicado, entre os quais, Inglaterra, Alemanha, França, Itália, África do Sul, Austrália, Japão, Portugal, Espanha, Holanda, Brasil, etc.

MANUSCRITO DE ABRAÃO

Eu estava descansando sob a sombra do Carvalho de Mambré, junto à tenda, quando vi chegar apressadamente um dos servos de meu sobrinho Ló. Quase sem fôlego, ele passou a relatar-me sobre a tragédia: houvera no dia anterior uma batalha entre as cidades da planície, envolvendo quatro reis contra cinco. Como resultado, Sodoma fora derrotada e muitos de seus habitantes levados cativos, entre eles o meu sobrinho Ló. A notícia deixou-me muito aflito, pois ao mesmo tempo em que sentia que precisaria sair em seu socorro, via-me frágil, sem nenhuma possibilidade de me sair vitorioso.

Sempre fui um homem pacífico e detesto aqueles que derramam sangue. Tenho muitos servos, mas poucos sabem manejar espadas e lanças, pois desde a infância são treinados como pastores. Em lugar de espadas, eles manejam bordões com os quais conduzem os rebanhos. Em lugar de escudos, carregam vasos em suas cinturas, sempre cheios de água fresca para matarem sua sede e refrigerarem as ovelhas cansadas. Em lugar de vinho para se embebedarem, carregam presos em seus cintos pequenas botijas com o azeite das oliveiras, com os quais untam as feridas do rebanho. Em lugar de ressonantes trombetas eles sopram pequenos chifres, com os quais convocam o rebanho para o curral. Imaginando como seria um combate entre os meus servos e os exércitos daqueles cinco reis vitoriosos, comecei a rir. Enquanto gargalhava, a voz d'Aquele que sempre me guia soou aos meus ouvidos, dizendo:

- Abraão, Abraão! Não menosprezes os instrumentos dos pastores, pois santificados pelo fogo do sacrifício, haverão de conquistar o grande livramento.

O Eterno passou a dar-me ordens, fazendo-me avançar pela fé, sem saber como tal livramento haveria de realizar-se.

O primeiro passo foi a convocação de todos os pastores que, deixando seus rebanhos, dirigiram-se ao Carvalho de Mambré, trazendo seus instrumentos pastoris. Eram ao todo 600 pastores.

Ordenei que esvaziassem os jarros, colocando neles o azeite da botija.

Depois de cumprirem esta ordem, pedi que tomassem cada um a lâ de uma ovelha, misturando-a com o azeite dos jarros.

Depois destas coisas, o Eterno mandou-me tomar um grande vaso de barro, enchendo-o até a metade com o azeite das oliveiras.

Ao concluir esta tarefa, o Senhor mandou-me fazer um longo pavio de lâ, ficando a metade dentro do azeite e a outra parte presa acima do vaso.

Depois destas coisas, o Senhor ordenou-me acender o pavio com o fogo do altar.

Ao aproximar-me do fogo sagrado que ainda ardia sobre o sacrifício da manhã, uma pequena fagulha saltou para o pavio, e pouco a pouco foi-se alimentando do azeite até tornar-se numa labareda que podia ser vista de longe.

-----*****-----

Com o vaso nos ombros comecei uma longa caminhada rumo às cidades da planície, sendo acompanhado pelos pastores. Logo começaram a surgir escarnecedores que, ao verem-me com aquele vaso incandescente em pleno dia, passaram a dizer que eu ficara louco. Ao espalhar esta notícia, muitos vieram ao meu encontro, aconselhando-me a retornar para a tenda, abandonando aquele vaso que seria capaz de destruir a boa reputação que eu havia conquistado entre eles.

Quando eu lhes falei sobre os exércitos e sobre minha missão juntamente com os pastores, eles concluíram que de fato eu ficara louco. Tentaram tirar-me o vaso pela força, mas, agarrando-me a ele, impedi que o tirassem de mim.

Envergonhados diante de tudo aquilo, muitos pastores começaram a se afastar: alguns retornaram para suas tendas, enquanto outros uniram-se àqueles que riam de meu comportamento estranho.

Sentindo-me sozinho com aquele pesado vaso sobre os ombros, comecei a angustiar-me. Ansiava encontrar alguém com quem pudesse compartilhar minha experiência, mas todos lançavam-me olhares de reprovação.

Lembrei-me de Sara, minha amada esposa. Em obediência à voz do Eterno, havíamos trilhado por muitos caminhos, estando ela sempre ao meu lado, animando-me a prosseguir mesmo nos momentos mais difíceis. Com certeza Sara me traria consolo e forças para continuar firme, conduzindo o vaso da salvação.

Enquanto avançava pelo caminho pensando em Sara, ela surgiu no meio da multidão. Ao dirigir-me a ela, fiquei surpreso e desalentado ao notar em seus olhos o mesmo menosprezo daqueles que zombavam de mim.

-----*****-----

Lembrando-me da ordem do Criador de que teria de libertar meu sobrinho Ló, fui andando sozinho pelo caminho. Ao colocar-me no lugar daqueles que me achavam louco, eu dava-lhes razão, pois, em condições normais, nenhuma pessoa sai de casa, sem rumo definido, levando em pleno dia um vaso com uma labareda, afirmando estar marchando contra o exércitos de cinco reis. Realmente parecia se tratar de uma grande loucura. Mesmo assim, a despeito de todas as humilhações e palavras que falavam contra mim, eu avançava rumo ao vale.

Toda aquela zombaria foi finalmente diminuindo à medida em que me distanciava do Carvalho de Mambré.

Começaram a sobrevir ao meu coração muitas dúvidas quanto ao meu futuro. Ficava às vezes aflito com o pensamento de que toda a minha experiência, desde a convocação dos pastores até aquele momento, poderia ser, de fato, demonstração de insanidade.

Cheio de dúvidas, comecei a pensar na possibilidade de abandonar à beira do caminho o jarro, retornando para minha tenda. Esses eram os conselhos de alguns pastores e amigos que, condoídos de minha solidão, ainda vinham ao meu encontro, aconselhando-me a retornar. Ali, diziam, eu poderia conquistar novamente a confiança dos pastores, voltando a ser, quem sabe, até mesmo um sacerdote honrado como antes. Sobre o altar, diziam, havia um fogo muito maior do que aquele que eu carregava nos ombros.

Estava a ponto de retornar quando Sara veio ao meu encontro, contando-me sobre o desprezo que muitos pastores lançavam contra mim. Ela estava consternada, pois toda aquela desonra recaía também sobre ela, ao ponto de não sentir mais desejo de permanecer junto ao altar.

Depois de alertar-me, Sara passou a falar-me de um plano: poderíamos, quem sabe, nos mudar para uma cidade distante, onde esqueceríamos todo aquele vexame.

Esquecendo-me da voz que me mandara seguir rumo à planície, respondi que eu estaria disposto a acompanhá-la para qualquer lugar, se ela permitisse que eu levasse o jarro; Ele seria o nosso altar, aquecendo e iluminando nossas noites com sua chama.

Ao ouvir sobre o vaso, Sara voltou a irar-se, afirmando não entender minha teimosia em continuar levando sobre os ombros aquele símbolo de vergonha e desprezo. Depois de dizer-me tais palavras, voltou-me as costas, retornando para a tenda.

-----***-----

Angustiado por não poder agradar Sara, prossegui rumo ao futuro incerto, sendo orientado unicamente pela chama, cujo brilho aumentava à medida que as trevas adensavam-se. Comecei então a meditar sobre aquele fogo que me acompanhava com seu brilho e calor.

Eu estava acostumado a ver o Fogo Sagrado entronizado sobre o altar de pedras, em meio aos louvores de muitos pastores, dentre os quais eu me destacava como mestre e sacerdote. Naqueles momentos de adoração, eu me vestia com os melhores mantos, e fazia questão de realizar o sacrifício somente quando todos os meus servos estivessem reunidos ao meu redor, para que ouvissem meus conselhos e advertências. Na hora do sacrifício, eu erguia minha espada desembainhada e, com palavras amedrontadoras, proclamava a grandeza do Senhor dos Exércitos, o Deus Todo Poderoso que domina sobre os Céus e a Terra. Vibrando a espada num movimento ameaçador, eu representava diante de meus pastores a imagem de um Deus severo, que está sempre pronto a revidar qualquer afronta. Depois dessa demonstração de soberania e poder, eu tomava uma ovelha das mãos de um pastor, e a amarrava sobre o altar. Para que ficasse bem patente a ira divina, eu pisava sobre o seu pescoço, golpeando-a severamente, até vê-la perecer. Depois eu descia do altar e ficava esperando pelo Fogo Sagrado que jamais deixou de manifestar-se sobre o sacrifício.

Eu aprendera desde a infância a reverenciar o Fogo Sagrado, crendo ser ele uma revelação visível do Eterno, o Grande Deus Invisível. Até então, eu o vira como um Fogo Único e Indivisível. Agora, ao transportar em humilde jarro a chama que se desprendera do Altar, meus pensamentos agitavam-se com o surgimento de um novo conceito sobre o Criador: o conceito de um Deus Sofredor que é capaz de desprender-se do grande Deus representado pelo Fogo, para acompanhar o pecador em sua jornada.

Arrepentido, prostrei-me diante do jarro e chorei amargamente. Estava consciente de que todo o zelo demonstrado junto ao Altar, tinha por finalidade a exaltação de meu orgulho, e não do amor daquele que me acompanhava pelo caminho.

Subitamente, gravou-se-me na mente a convicção de que aquela pequena chama que se desprendera do Fogo Sagrado era uma representação do Messias, que Se desprenderia do Eterno para ser o Deus Conosco, companheiro em todas as nossas jornadas. Ao sobrevir-me esta convicção, a chama alegrou-se, tornando-se mais brilhante e calorosa.

Com o coração transformado, prossegui pelo caminho rumo ao vale, levando sobre os ombros o jarro que me trouxera depois de tanto desprezo, a alegria de uma nova revelação sobre o caráter do Criador.

-----***-----

Momentos difíceis começaram a surgir em minha caminhada, quando ventos frios vindos do mar salgado começaram a arremeter-se contra a pequena chama, procurando apagá-la. Eu a amparava com o meu corpo, andando muitas vezes de lado e mesmo de costas, mas sempre avançando rumo ao vale.

Ao romper a luz do dia, achei-me a um passo da planície. Comecei a encontrar pelo caminho muitos rebanhos que eram conduzidos por rudes pastores. À medida que avançava entre eles, ocorriam tumultos e confusões, pois muitas ovelhas e cabras assustavam-se com o meu vaso ardente, debandando-se por todas as partes. Isto fez com que a maioria dos pastores ficassem irritados com a minha presença em seu meio.

Sabendo que não poderia ficar retido naquele vale, prossegui rumo a Sodoma. Enquanto avançava, começou a acontecer algo interessante: muitas ovelhas, meigas e submissas, começaram a acompanhar-me. Eram poucas a princípio, mas pouco a pouco seu número foi aumentando, até que passei a andar com dificuldade, devido ao grande número de ovelhas que me seguiam. Ao longe eu podia ver os pastores, enfurecidos, pela perda de suas ovelhas mais bonitas.

Ao chegar à cidade de Sodoma, a encontrei vazia e devastada. Seguindo os rastros deixados pelos exércitos e pela multidão de cativos, fui aproximando-me cada vez mais do alvo de minha missão. Ao chegar à campina de Dã, pude avistar ao longe o grande acampamento dos soldados, ao pé de um outeiro. Sem pressa, encaminhei-me para lá, conduzindo o meu novo rebanho.

Do alto do monte, pude observar o acampamento em toda a sua extensão. Havia milhares de soldados comemorando a vitória. Enquanto isso, centenas de cativos jaziam amontoados no meio do arraial, humilhados e sem esperança. Diante desse quadro, fiquei imaginando como poderia se dar o livramento.

Minha presença despertou curiosidade em alguns soldados que, ao ver-me com o vaso fumegante, aproximaram-se. Quando me perguntaram sobre o motivo de minha presença naquele lugar, eu disse-lhes que viera libertar meu sobrinho Ló. Minhas palavras tornaram-se motivos de muitos gracejos em todo o acampamento. Depois disso, passaram a escarnecer de Ló. Em pouco tempo, toda aquela zombaria transformou-se em gritos de vingança, e proclamaram que, na manhã seguinte, todos os cativos seriam exterminados, começando pelo meu sobrinho.

Enquanto eu tentava imaginar o que o Senhor poderia fazer para alcançar o livramento, vi surgir ao longe o vulto de pastores que se encaminhavam em minha direção, vindos de Sodoma. Pensei a princípio que fossem os pastores inimigos que vinham arrancar-me o rebanho conquistado com amor. Tal receio logo desapareceu dando lugar a um sentimento de muita alegria, quando descobri que eram os meus pastores fiéis. Ele foram aproximando-se em pequenos grupos de doze, até alcançarem o total de 300 pastores. Ao olhar para eles, pude notar em seus semblantes os sinais de uma grande luta espiritual que tiveram de enfrentar, para estarem do meu lado. Contaram-me da experiência de muitos companheiros que, desanimados, haviam lançado fora o azeite e a lã de seus vasos, retornando para as suas tendas. Falaram-me de como, na noite anterior, haviam aprendido a amar a luz de meu jarro, que para eles tornara-se como uma estrela guia.

Alegrou-me com a presença de meus humildes pastores, quando vieram em nossa direção Aner, Escol e Manre, acompanhados por 15 homens armados. Eram fiéis amigos que, conhecendo os perigos que enfrentaríamos naquele vale, vieram socorrer-nos. Para que não atrapalhassem o plano divino, pedi-lhes que permanecessem escondidos até o alvorecer, quando receberiam orientações sobre como participar da missão.

Comecei a orientar os pastores, seguindo as instruções da voz divina que soava de dentro da chama: A primeira tarefa dos pastores seria cuidar do rebanho até o anoitecer.

Ao retornarem, ordenei que amarrassem os novelos de lã embebidos em azeite na ponta de seus bordões, colocando-os dentro dos jarros que deveriam ser mantidos suspensos de boca para baixo. Passei a incendiá-los com o fogo de minha labareda, até que as trezentas tochas ficaram ardendo, mas, ocultas no interior daqueles vasos.

Ordenei a quarenta de meus corajosos pastores que, no momento indicado por um sinal, deveriam avançar silentes para o meio do acampamento, circundando todos os cativos que jaziam amontoados no meio do arraial. Ao mesmo tempo, os 260 pastores restantes deveriam circundar todo o acampamento, aguardando pelo sinal de quebrarem os vasos com os chifres.

Orientado pela voz da chama, indiquei-lhes os sinais: quando a última tocha se apagasse no acampamento, deveriam ficar atentos, pois uma pequena lamparina seria acesa por um dos cativos. Assim que a lamparina começasse a arder, deveriam correr cada um para o seu lugar, evitando qualquer ruído para que não fossem notados.

O sinal para quebrarem os vasos com os chifres, erguendo bem alto a tocha, era o apagar da lamparina.

Depois dessas orientações, os 260 pastores, ocultos pelas sombras da noite, espalharam-se pelo vale, e ficaram esperando pelo momento de se posicionarem ao redor do acampamento. Enquanto isso, os 40 se posicionaram próximos a uma passagem vulnerável, através da qual haveriam de alcançar os cativos.

Já era alta noite quando a tocha do último soldado apagou-se, sobrevindo completa escuridão e silêncio sobre o arraial.

Entre os cativos, havia um homem que naquela noite vivia a maior angústia de sua vida. Era o meu sobrinho que, depois de tornar-se alvo de tantos abusos e humilhações, tomara conhecimento do castigo que os aguardava pelo alvorecer.

Naquela noite, Ló tinha seus pensamentos voltados para o seu tio. Lembrava-se com arrependimento do momento em que me deixara, mudando-se para as campinas de Sodoma. Em seu desespero, sentiu desejo de rever minha face e pedir-me perdão por ter-se afastado de mim. Justamente naquele momento, Ló foi atraído pelo brilho de uma tocha que ardia sobre o outeiro. Ao fitar o brilho, imaginou estar tendo uma visão, pois o mesmo revelava-lhe a face de seu querido tio.

Querendo mostrar-me o seu rosto, Ló apalpou em meio às trevas, até encontrar uma pequena lamparina que trouxera em seu alforje. Frustrado, percebeu que não havia nela nenhum azeite. Concluiu que a lâmpada apagada e seca era um símbolo de sua vida vazia e sem fé.

Sem desviar os olhos de meu rosto iluminado pela chama do jarro, num desesperado gesto de fé, Ló apalpou o pavio de sua lamparina, descobrindo nele um resto de azeite. Curvando-se, passou a ferir as pedras do fogo, até que uma faísca saltou para o pavio. Sem que soubesse, Ló estava comandando, com seus gestos, os passos para um grande livramento.

Os trezentos pastores ao verem o tênue brilho da lamparina, encaminharam-se rapidamente para os seus postos e ficaram aguardando o apagar da pequena chama.

Desde o momento em que Ló erguera-se com sua diminuta chama, fiquei olhando para os seus olhos que fitavam os meus. Vi que sua face trazia sinais de indizível angústia e maus tratos. Mesmo assim pude ler em seus olhos que a esperança e a fé ainda não o haviam abandonado. O fogueiro de sua

lâmpada, contudo, não resistiria por muito tempo. Era necessário que se apagasse, para sinalizar a grande vitória.

Quando a escuridão voltou a cobrir a face de Ló, meus trezentos pastores arremeteram os chifres contra os vasos que mantinham ocultas as tochas ardentes. Um forte ruído, como de cavalaria em combate, ecoou por todas as partes, enquanto as tochas eram suspensas pelos bordões. Os trezentos chifres, usados até então para conduzir o rebanho, soavam agora como trombetas de conquistadores. Todo o acampamento despertou num único salto e, sem saberem como escapar de tão terrível investida que partia de fora e de dentro, os soldados começaram a lutar entre si, enquanto meus pastores permaneciam em seus lugares, fazendo soar os chifres.

Os cativos ficaram muito espantados a princípio, mas pouco a pouco foram tomando consciência do grande livramento que estava se operando em seu favor.

Quando amanheceu, revelou-se aos nossos olhos um cenário de completa destruição. Todo o arraial estava coberto por milhares de corpos rasgados pelas próprias espadas e lanças. Somente uns poucos conseguiram fugir daquele acampamento de morte, mas foram perseguidos pelos meus 18 aliados que estavam armados, sendo alcançados em Hobá, situada à esquerda de Damasco. Enquanto isso, os cativos, agora libertos, recuperavam todas as riquezas que haviam sido saqueadas pelos inimigos.

-----****-----

Do cimo do outeiro, enquanto eu vibrava com a alegria dos cativos naquela manhã de liberdade, ouvi a voz do Eterno falando-me do meio da chama:

- Este livramento que hoje se concretiza, representa o livramento que hei de operar nos últimos dias, salvando os remanescentes de teus filhos, do cerco de numerosas nações que se aliarão a Gog com o propósito de destruí-los. Naquele dia em que triunfarem sobre o meu povo, a minha indignação será mui grande, e contenderei com ele por meio da peste e do sangue; chuva inundante, grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre farei cair sobre ele, sobre as suas tropas e sobre os muitos povos que estiverem com ele. Assim, eu me engrandecerei, vindicarei a minha santidade e me darei a conhecer aos olhos de muitas nações; e saberão que eu sou o Senhor. E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de Graça e de Súplicas; olharão para Mim a quem traspassaram, prantear-me-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por mim como se chora amargamente pelo primogênito. Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza.(1)

-----*****-----

A chama, que para mim tornara-se uma representação do Messias prometido, apagou-se no momento em que desci ao encontro dos pastores e dos muitos cativos agora libertos. Cheios de alegria e de admiração, todos queriam saber como tornara possível tão grande livramento, somente com a utilização daquelas tochas e chifres. Falei-lhes da importância daquele fogo que se desprendera do Altar, para libertá-los naquele vale, identificando-o com o Messias Salvador.

Ao ver que todos carregavam em seus corpos e mantos a sujeira da escravidão, convidei-os a seguirem-me até o rio Jordão, onde poderiam banhar-se para purificação de seus pecados, pois aquele era o yom kipur, o dia do perdão.

Somente três pessoas atenderam ao convite: Ló e suas duas filhas mais novas. Os demais retornaram contaminados para suas casas.

Antes de partir, o rei de Sodoma veio ao meu encontro, prometendo dar-me todas as riquezas recuperadas naquela manhã. Eu recusei sua oferta, para que jamais alguém possa dizer que eu me enriqueci com aquele saque.

Permanecemos acampados às margens do rio Jordão, nas proximidades de Jericó por quatro dias. Naqueles dias de descanso, todos ficaram livres das impurezas, deixando-as nas águas do Jordão. Esse era um preparo especial para nossa subida a Salém, onde comemoraríamos a vitória nos dias de sukot.

-----****-----

Cheios de alegria, iniciamos uma caminhada ascendente rumo à cidade de Salém, inconscientes da feliz surpresa que nos aguardava. Eu seguia à frente tendo ao meu lado Ló e suas duas filhas, e atrás vinham os 300 pastores, conduzindo o grande rebanho.

À medida em que avançávamos, comecei a notar que o meu jarro tornara-se muito pesado. Ao baixá-lo, fiquei surpreso ao descobrir que ele se enchera de pérolas de variados tamanhos e brilhos.

Ao avistarmos ao longe a alva cidade, começamos a ouvir sons de uma grande festa. Acordes harmoniosos repercutiam pelos montes, enquanto avançávamos pelo caminho.

Minha curiosidade em conhecer aquela cidade e o seu jovem rei era imensa, pois muito já ouvira sobre sua grandeza e fama. Tratava-se de um reino diferente, onde os súditos eram treinados não no manejo

de arcos e flechas, mas no domínio de instrumentos musicais. Melquisedeque, o seu jovem rei, regia a todos com um cetro muito especial: um alaúde, pelo qual pagara um preço elevado.

Enquanto crescia em mim a alegria por estar nos aproximando da cidade do grande Rei, vimos uma multidão vestida de linho fino, puro e resplandecente, saindo ao nosso encontro. Todos tangiam instrumentos musicais e cantavam um hino de vitória. À frente da multidão vinha um jovem tocando um alaúde, trazendo na frente uma coroa repleta de pedras preciosas, que brilhavam sob a claridade do sol poente. Eu tive a certeza de que aquele era o tão aclamado rei de Salém.

Ao nos encontrarmos, ficamos surpresos com a saudação que nos fizeram. Inclinando-se diante de mim, Melquisedeque afirmou:

- Bendito és tu Abraão, servo do Deus Altíssimo, que possui os Céus e a Terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos .(2)

-----*****-----

Surpresos pela festiva recepção, fomos introduzidos na cidade, onde a beleza das mansões e jardins nos causou muita admiração. Tudo ali era puro e cheio de paz. Salém estava em festa, pois teria início naquele entardecer a festa de sukot.

Fomos recebidos no palácio real, edificado sobre o monte Sião. Ali uma nova surpresa nos aguardava: a grande sala do trono estava toda adornada com representações de nossa vitória sobre os inimigos. Havia no centro uma mesa muito comprida, coberta por toalhas de linho fino adornadas com fios de ouro e pedras preciosas. Sobre a mesa havia 304 coroas, cada uma trazendo a inscrição do nome de um vencedor. Num gesto que novamente nos surpreendeu, Melquisedeque, tomando as coroas, começou a colocá-las na cabeça de cada um de nós, começando por Ló e suas filhas. Estávamos todos admirados pelo fato do rei de Salém conhecer-nos individualmente, e por ter preparado aquelas coroas muito antes de sermos vencedores.

Eu observava a alegria de meus companheiros coroados, quando, tomando uma coroa semelhante à sua, o rei de Salém dirigiu-se a mim com um sorriso. Ao levantá-la sobre minha cabeça, notei algo que até então não havia percebido: suas mãos traziam cicatrizes de profundos ferimentos. Vencido por um sentimento de gratidão, prostrei-me aos seus pés e, comovido, beijei suas bondosas mãos, banhando-as com minhas lágrimas.

Ao levantar-me, perguntei-lhe o significado daquelas cicatrizes. Com um meigo sorriso, ele prometeu contar-me a história daquele próspero reino, e do quanto lhe custara a sua paz.

-----*****-----

Depois de coroar-nos, Melquisedeque nos fez assentar ao redor da grande mesa, e passou a servir-nos pão e vinho. A partir daquele momento, passamos a honrá-lo como sacerdote do Deus Altíssimo.

Num gesto de gratidão, tomei o jarro que se enchera de pérolas e o coloquei aos pés do rei. Tomando-o nos braços, ele passou a acariciá-lo sem atentar para o brilho das pérolas. Expressando gratidão por aquela oferta, ele disse-me que aceitaria o jarro; Quanto às pérolas, ele aceitaria somente o dízimo delas.

Imediatamente passei a contar as jóias, separando as mais belas para o rei. Havia um total de 1440 pérolas, das quais lhe entreguei 144. Ele as guardou cuidadosamente em uma caixinha de ouro puro, em cuja tampa havia lindos adornos marchetados de pedras preciosas.

Depois de receber o dízimo que simbolizava o grande livramento operado por Deus na planície, Melquisedeque chamou para junto de si um de seus súditos que era mestre em adornos e pinturas, ordenando-lhe embelezar o vaso com uma linda gravura que retratasse o momento em que eu o ofertei.

Enquanto o jarro era pintado, Melquisedeque passou a contar-me a história de seu reino, desde sua fundação até aquele momento em que estávamos comemorando a grande vitória sobre os inimigos.

Ao devolver-me o vaso, agora honrado pela mais bela gravura e inscrições que exaltavam a justiça e o amor, o rei de Salém ordenou-me levá-lo com aquelas pérolas. Durante seis anos eu e meus pastores deveríamos contar para todos a história daquele jarro que transportara a chama vitoriosa do altar. A todos aqueles que, com arrependimento, aceitassem a salvação representada por sua história, deveríamos oferecer uma pérola. Ao fim dos seis anos, as pérolas acabariam. Já não haveria oportunidade de salvação. Sobreviria então o sétimo ano, no qual haveria um tempo de grande angústia e destruição, quando somente existiria proteção para aqueles que possuíssem as pérolas. Por essa ocasião, as cidades da planície seriam totalmente destruídas pelo fogo do juízo, e os demais povos impenitentes, seriam dizimados pelas pragas.

Depois de revelar-nos sobre os sete anos que ainda restavam, dentro dos quais teríamos uma missão importante a cumprir, Melquisedeque nos afirmou que nossa experiência consistia numa parábola que representa a história universal, com ênfase no livramento dos filhos de Israel nos últimos dias. Ele o previu com as seguintes palavras:

Ao chegar a plenitude dos tempos, todos os esforços humanos em busca da paz se frustrarão. Naquele tempo, numerosas nações se aliarão contra o reino de Jerusalém, e sobrevirá um tempo

de angústia qual nunca houve para os filhos de Israel. Depois de um terrível conflito, verão numerosos exércitos invadindo sua terra, numa aparente vitória. No momento mais difícil, quando as suas forças estiverem esgotadas, o Eterno intervirá em Seu favor, lançando por terra os numerosos inimigos.(3)

Toda a humanidade testemunhará, com espanto as cenas de livramento. Naquele dia, muitos povos e poderosas nações se posicionarão ao lado do Senhor dos Exércitos. Naquele dia acabará a cegueira dos filhos de Jacó, e olharão para Aquele a quem traspassaram, e chorarão amargamente por ele como se chora por um filho unigênito.

Naquele dia os eleitos de Deus compreenderão as palavras do Livro:

Ouvi-me, vós, que estais à procura da justiça, vós que buscais o Eterno. Olhai para a rocha da qual fostes cavados, para a caverna da qual fostes tirados. Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, aquela que vos deu a luz. Ele estava só quando o chamei, mas eu o abençoei e o multipliquei. O Senhor consolou a Sião, consolou todas as suas ruínas; ele transformará o seu deserto em um Éden e as suas estepes em um jardim. Nela encontrarão gozo e alegria, cânticos de ações de graças e som de música.(4)

Naquele dia, os remidos consolados por uma ampla revelação que desvenda os grandes segredos da historia universal, com alegria cantarão:

"Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama boas novas e anuncia a salvação, do que diz a Sião: O teu Deus reina! Porque o Eterno consolou o seu povo, ele redimiu Jerusalém. O Senhor descobriu o seu braço santo aos olhos de todas as nações, e todas as extremidades da terra viram a salvação do nosso Deus.(5)

O grande livramento se cumprirá no início de uma nova semana de anos, ao fim de um ciclo determinado de dez jubileus. Durante seis anos, toda a humanidade, iluminada pela maior revelação do amor e da justiça de Deus, terá oportunidade de romper com o império do pecado, unindo-se aos filhos de Israel em sua marcha de purificação e restauração do reino da luz.

Então acontecerá que todos os sobreviventes das nações que marcharam contra Jerusalém subirão, ano após ano, para prostrar-se diante do Rei e Senhor dos Exércitos, e para celebrar a festa de Sukot. E acontecerá que aquele das famílias da Terra que não subir e não vier, haverá contra ele a praga com que o Eterno ferirá as nações que não subirem para celebrar a festa de Sukot.(6)

Naqueles anos de oportunidade, soará por todas as partes do mundo o último convite de misericórdia, num apelo para que todos os pecadores se arrependam e se unam ao Criador numa eterna aliança. Por todas as partes se ouvirá o brado divino:

Observai o direito e praticai a justiça, porque a minha salvação está prestes a chegar e a minha justiça a manifestar-se. Bem-aventurado o homem que assim procede, o filho do homem que nisto se firma, que guarda o sábado e não o profana e que guarda sua mão de praticar o mal. Não diga o estrangeiro que se entregou ao Senhor: - Naturalmente Deus vai excluir-me do seu povo, nem diga o eunuco: - Não há dúvida, eu não passo de uma árvore seca. Pois assim diz o Senhor aos eunucos que guardam os meus sábados e optam por aquilo que é a minha vontade, permanecendo fiéis à minha aliança: Hei de dar-lhes, na minha casa e dentro dos meus muros, um monumento e um nome mais precioso do que teriam com filhos e filhas; hei de dar-lhes um eterno nome, que não será extirpado. E, quanto aos estrangeiros que se entregarem ao Senhor para servi-lo, sim, para amar o nome do Eterno e tornarem-se servos seus, a saber, todos os que se abstêm de profanar o sábado e que se mantêm fiéis à minha aliança, trá-los-ei ao meu santo monte e os cobrirei de alegria na minha casa de oração. Os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão bem aceitos no meu altar. Com efeito, a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos.(7)

Na última semana de anos, os filhos de Belial se aliarão contra os filhos da Luz, e os acusarão como causadores de toda a desarmonia no mundo. Em oposição à santificação do sábado que é o sinal da aliança entre Deus e seus escolhidos, muitas nações imporão outro dia para o culto, não podendo comprar nem vender todos aqueles que se mantiverem fiéis à aliança do Eterno.(8)

Ao fim dos seis anos, o rolo se fechará e não haverá mais oportunidade de salvação. Desprotegidos, os ímpios sofrerão os juízos divinos que se manifestarão nas sete últimas pragas. Desesperados, muitos correrão de um lado para o outro em busca da mensagem do rolo, mas não a encontrarão. Durante o sétimo ano, os escolhidos de Deus passarão por grandes provas, pois serão condenados pelas nações como os causadores de todo o caos que sobrevirá ao mundo em conseqüência dos juízos.(9)

Ao consumir-se os sete anos, o Messias se manifestará nas nuvens do céu, acompanhado por todas as hostes celestes, para salvação de seu povo. Ao tocar Sua trombeta, os fiéis falecidos ressuscitarão revestidos de glória; os vivos vitoriosos serão transformados num abrir e fechar de olhos, recebendo corpos perfeitos. Juntos, todos os remidos serão arrebatados para a Nova e Eterna Jerusalém, numa viagem inesquecível que começará no primeiro dia da festa de Sukot. Depois de sete dias de feliz ascensão, chegarão à Cidade Santa para comemorarem, diante do trono, no oitavo dia da festa, a

grande vitória. Como que a sonhar, os resgatados do Senhor entrarão na Cidade Santa, encontrando ali o jardim do Éden, no meio do qual eleva-se o monte Sião, o lugar do trono de Deus. Coroados pelo Messias, os remidos entoarão o cântico da vitória, fazendo vibrar por todo o espaço os acordes de incontáveis instrumentos musicais. (10)

-----*****-----

Depois de proferir todas essas predições, Melquisedeque disse-nos novamente que toda a experiência que estávamos vivendo, era prefigurativa, e teríamos ainda de cumprir importantes tarefas nos próximos sete anos: Durante seis anos a história do jarro deveria ser contada aos pecadores, dando-lhes a oportunidade de arrependem-se, apossando-se das pérolas que simbolizam salvação; Ao fim dos seis anos, na véspera de Rosh Hashanah as pérolas acabariam, ficando fora do abrigo todos aqueles que não a receberam.

Ao ouvir tais palavras do rei de Salém, sobreveio-me grande angústia, por lembrar-me dos últimos passos de Sara. Eu temia que ela, em sua incredulidade, não aceitasse uma pérola. Se isto acontecesse, os meus lindos sonhos cairiam por terra, pois não conseguiria ser feliz em sua ausência. Lendo nos meus olhos a angústia, Melquisedeque consolou-me com uma promessa:

- Abraão, daqui a seis anos o Eterno visitará sua tenda, e sua esposa será curada de sua aridez. Ela se converterá e lhe dará um filho que se chamará Isaque.

-----*****-----

Ao findar a festa de Sukot, retornamos às nossas tendas junto ao Carvalho de Mambré. À medida que íamos avançando pelo caminho, muitas pessoas nos cercavam, admirados pela beleza do vaso repleto de pérolas. A todos contávamos a história de sua chama redentora, e dávamos as pérolas àqueles que aceitavam a salvação.

Quando chegamos ao Carvalho de Mambré, uma multidão de pessoas nos esperava. Muitos tinham ouvido falar do miraculoso livramento operado através daquele jarro que fora alvo de tanto menosprezo. Agora, estavam todos emudecidos ao vê-lo glorificado.

Juntamente com os meus pastores, continuamos a proclamar o infinito amor de Deus revelado pela chama. O número daqueles que procuravam pelas pérolas ia aumentando, dia após dia, e todos éramos felizes.

Os dias, os meses e anos foram-se passando, e a quantidade de pérolas foram diminuindo dentro do vaso. Estávamos vivendo agora os últimos meses do sexto ano, que era o último da oportunidade. À medida que os dias se passavam, aumentava em meu coração uma preocupação e uma angústia, pois Sara até então não tomara interesse em apossar-se de sua pérola, apesar de meus constantes rogos. Naqueles momentos de aflição em que clamava a Deus pela salvação de Sara, meu único consolo eram as últimas palavras do rei de Salém, de que ao fim dos seis anos ela seria transformada.

Vivíamos agora os últimos dias do sexto ano. A consciência de que o tempo estava esgotando fazia com que muitas pessoas nos procurassem de manhã até à noite, para apossarem-se das pérolas da salvação. Com o coração ferido por indizível aflição, eu insistia com Sara, procurando convencê-la de sua necessidade em tomar, o quanto antes, uma pérola, pois as mesmas estavam ficando escassas. Sem atentar para a minha angústia, Sara desdenhava de meus apelos, afirmando que aquelas pérolas não tinham nenhum valor para ela.

-----****-----

Depois de uma noite de vigília em que, desesperadamente, procurei convencer minha amada a apossar-se sua pérola, aceitando a salvação representada por aquele vaso, vi o sol surgir trazendo a luz do último dia, véspera de Rosh Hashaná. Ao olhar para dentro do vaso naquela manhã, vi que restavam apenas três pérolas. Ao admirar-lhes o brilho, comecei a imaginar que a maior seria para o meu filho prometido, a de tamanho intermediário seria a de Sara, e a menor seria a minha. Esse pensamento trouxe-me alívio e esperança. Mas, ao mesmo tempo, comecei a preocupar-me com a possibilidade de chegarem pessoas procurando por elas. Se viessem, eu não poderia negá-las. Tomado por essa preocupação, permaneci sentado sob o Carvalho de Mambré. Na viração do dia, sobreveio-me um grande estremecimento quando vi ao longe três peregrinos que caminhavam rumo à nossa tenda. Comecei a clamar ao Eterno para que eles mudassem de rumo, mas meus clamores não foram atendidos. Dominado por uma indizível amargura, corri até eles e, depois de prostrar-me, convidei-os para a sombra.

Tomando uma bacia com água, passei a lavar-lhes os pés, limpando-os da poeira do caminho. Ao ver os pés feridos e calejados daqueles homens, senti compaixão por eles. Compreendi que haviam vindo de muito longe, enfrentado perigos e desafios, com o propósito de pegarem em tempo as pérolas. Vi que eles eram mais merecedores que eu, Sara e nosso filho prometido.

Ao lavar os pés do terceiro, meu coração que, até então estava aflito, encheu-se de paz e alegria. Imaginava naquele momento, quão terrível seria se aquele terceiro peregrino não houvesse se unido aos dois primeiros naquela caminhada. Nesse caso eu seria obrigado a tomar da última pérola, subindo

sem minha amada para Salém. Se eu tivesse de passar por essa experiência, a pérola que simboliza a alegria da salvação, se tornaria num símbolo de minha solidão e tristeza, pois a vida longe do carinho de Sara seria para mim o maior castigo, como a própria morte.

Depois de lavar-lhes os pés, comecei a servir-lhes o alimento que foi especialmente preparado para eles. Enquanto os servia em silêncio, eu ficava esperando pelo momento em que eles perguntariam pelas pérolas. Mas, sem revelar nenhuma pressa, eles falavam sobre a longa caminhada que fizeram, sobre as cidades por onde haviam passado. Eu perguntei-lhes se conheciam Salém. Eles responderam-me afirmativamente, acrescentando que naqueles seis anos, muitas obras haviam sido realizadas naquela cidade, em preparação para uma grande festa que estava para realizar-se dentro de mais um ano, por ocasião de Sukot.

As palavras daquele terceiro peregrino, o mais falante deles, começaram a trazer-me, misteriosamente, um sentimento de esperança. Ao olhar para os seus olhos, vi que ele se parecia com Melquisedeque. Lembrava-me da última promessa feita pelo rei de Salém, quando o terceiro peregrino perguntou-me com um sorriso:

- Abraão, onde está Sara sua mulher?!

Atônito, perguntei-lhe:

- Como você sabe o meu nome e o nome de minha esposa?

O peregrino respondeu-me:

- Não somente sei o nome de vocês, como também sei que daqui a um ano vocês terão um filho que será chamado Isaque.

Ao ouvir as palavras do visitante, corri para dentro da tenda a fim de chamar minha esposa, para que ouvisse as palavras daquele peregrino.

Ao vê-la, o peregrino perguntou-lhe:

- Sara, por que você riu de minhas palavras?

Assustada, Sara, respondeu:

- Eu não ri, meu Senhor!

- Não diga que não riu, pois eu a vi rindo dentro da tenda. Afirmou o peregrino.

Consciente de estar diante de alguém que conhecia o seu íntimo, Sara perguntou-lhe:

- Quem és tu Senhor?!

- Eu sou a Chama que se desprende do fogo do Altar para estar no vaso de seu esposo! Eu sou o Messias, o Deus que sofre humilhações e desprezo por amor ao seu povo!

Tendo feito esta revelação, o peregrino estendeu suas mãos sobre a cabeça de Sara para abençoá-la. Somente então vi que elas estavam marcadas por cicatrizes semelhantes às do rei de Salém.

O peregrino, com muita ternura, começou a falar ao coração de minha amada, resgatando-a de sua incredulidade:

- Sara, você é preciosa aos meus olhos! Todo o seu passado de descrença e infertilidade está perdoado! Tenho para você um futuro glorioso, pois você se tornará mãe de muitos povos e nações!

Depois de dizer estas palavras, o nobre visitante encaminhou-se para o jarro e, inclinando-se, tomou dele as três pérolas restantes. Dirigindo-se a Sara, entregou-lhe duas pérolas, e disse-lhe:

- Uma é para você e a outra é para o seu filho Isaque.

Com a vida transformada pelo amor do Eterno, Sara prostrou-se agradecida aos pés daquele peregrino que a salvara no último momento. Quando a vi prostrar-se submissa, meu coração por tantos anos aflito, rompeu-se em lágrimas de alegria e gratidão, e caí aos pés de meu Redentor e Rei.

Depois de consolar-nos com a certeza de nossa eterna salvação, o peregrino entregou-me a última pérola. Quando apertei-a em minhas mãos, senti grande luz e paz inundar-me todo o ser, e passei a louvar ao Eterno pela certeza de que teria para sempre ao meu lado minha querida Sara e o filho, que, segundo a promessa, dentro de um ano nasceria.

-----****-----

Depois destas coisas, o Eterno despediu-se de Sara e dos pastores que ali se encontravam, e convidou-me a acompanhá-los até o outeiro que fica defronte do vale. Ao chegarmos àquele lugar, o Eterno despediu-se de seus dois companheiros, enviando-os para uma missão especial em Sodoma. Do cimo do monte contemplávamos os férteis vales e florestas que, como um paraíso, estendiam-se em ambas as margens do rio Jordão, circundando as prósperas cidades, dentre as quais destacavam-se Sodoma e Gomorra.

Fora sobre aquela colina que, depois da contenda entre os meus pastores e os pastores de Ló, dei-lhe a oportunidade de escolher o rumo a seguir, pois não poderíamos permanecer juntos. Atraído pelas riquezas da campina, ele decidiu mudar-se para lá.

Ao olhar para o meu companheiro que ficara silente desde o momento em que avistamos a campina, fiquei surpreso ao vê-lo chorando. Perguntei-lhe o motivo de sua tristeza, e Ele, soluçando, respondeu:

- Este é para mim um dia de muita tristeza, pois pela última vez meus olhos podem pousar sobre este vale fértil. Choro pelos habitantes dessas cidades que não sabem que os seus dias acabaram!

A declaração do Messias trouxe-me à lembrança todos aqueles cativos que haviam sido libertos seis anos antes. Infelizmente, quase todos rejeitaram o banho da purificação, retornando imundos para suas casas. Unicamente Ló e suas filhas aceitaram a salvação, tomando posse de suas pérolas. Pensando numa possibilidade de livramento para aquele povo, perguntei ao Eterno:

- E se por acaso existir, naquelas cidades, cinqüenta pessoas justas; mesmo assim elas serão destruídas?

O Senhor disse-me que se houvesse cinqüenta justos, toda a planície seria poupada.

- E se houver 45 justos?

- Se houvesse ali 45 justos, todas aquelas cidades seriam poupadas.(11)

Continuei com minhas indagações até chegar ao número dez. O Eterno disse-me que, se houvesse dez justos naquelas cidades, toda a planície seria poupada.

Torturado por uma indizível agonia de espírito, o Senhor voltou a chorar amargamente, enquanto com voz embargada, pronunciava um triste lamento:

- Sodoma e Gomorra, quantas vezes quis Eu ajuntar os seus filhos, como a galinha ajunta os seus pintainhos debaixo das asas, mas você não aceitou minha proteção. Por que você trocou a luz da minha salvação pelas trevas deste reino de morte?! Meus ouvidos estão atentos em busca de pelo menos uma prece, mas tudo é silêncio! Minhas mãos estão estendidas, prontas a impedir o fogo do juízo, mas vocês recusam o meu socorro!

Curvando-me ao lado de meu companheiro sofredor, uni-me a Ele na lamentação. Naquele momento de dor, tive a certeza de que Melquisedeque também sofria por todos aqueles que haviam trocado o amor e a paz de Salém pelas ilusões daquele vale de destruição.

Depois de um longo pranto, o Messias consolou-me com a revelação de que os seus dois companheiros encontravam-se naquele momento em Sodoma, com a missão de salvar Ló e suas filhas, livrando-os da morte. Suas palavras trouxeram-me alívio, e prostrei-me agradecido aos seus pés.

Antes de partir, o Eterno encarregou-me de uma missão, dizendo:

- Tome um rolo vazio e registre nele a história do vaso e a história de Salém, conforme ouviu dos lábios de Melquisedeque. Dentro de um ano, você e todos aqueles que aceitaram a salvação, deverão subir à Salém para a festa de Sukot. Naquele dia, entregará ao rei de Salém o jarro, oferecendo dentro dele, como presente, o rolo.

Naquela mesma tarde, em obediência às ordens do Senhor, comecei a registrar a história vivida por mim e por meus pastores, desde o momento em que parti rumo ao vale, levando sobre as costas o vaso com sua labareda.

No dia seguinte, o sol já ia alto, quando, ao mencionar a cidade de Sodoma no manuscrito, lembrei-me que aquele era o dia de sua destruição. Com o coração acelerado, corri para lá e fiquei espantado com o cenário que se estendeu diante de meus olhos: em lugar daquele vale fértil, semelhante a um paraíso, havia um deserto fumegante, sem nenhuma vida. No lugar das cidades de Sodoma e Gomorra, havia uma cratera, para onde as águas do mar salgado escorriam.

Abalado ante essa visão de destruição, retornei à tenda com o coração entristecido. A lembrança de tantas pessoas que, por rejeitarem o perdão divino, haviam sido consumidas pelo fogo, deixou-me profundamente abalado. Nos dias seguintes, não encontrei forças para escrever. Retornei outras vezes ao outeiro, com a esperança de que tudo aquilo fosse um pesadelo, mas em lugar do vale fértil eu somente conseguia enxergar aquele caos.

Demorou vários dias para que eu voltasse a ter ânimo para prosseguir com os escritos do rolo.

Referências: (1)Ezequiel 38; Zacarias 12: 10; (2) Genesis 14:18-24; (3)Jeremias 30:7-8; (4) Isaias 51:1-3;(5)Isaias 52:7; (6)Zacarias 14:16-19; (7)Isaias 56:1-8;(8) Apocalipse13: 15-18; (9)Apocalipse 15; Sonfonias 1:13-18; (10)S.Mateus 24:30,31; Apocalipse 14:1-5; 21:1-5; (11) Gênesis

Texto do Evangelho de Tomé, importante evangelho pseudepígrafo do século II d.C. descoberto em Nag Hammadi, no Egito.

O estudo da literatura apócrifa e pseudepígrafa, uma literatura extrabíblica ou não-canônica, é muito útil para conhecermos as convicções de judeus e cristãos pertencentes a grupos variados espalhados pelos mais diferentes lugares do mundo greco-romano. Neste site encontram-se os principais textos apócrifos e pseudepígrafos judaicos e cristãos, além de Padres da Igreja e textos gnósticos de Nag Hammadi, Egito.

Site sobre o Evangelho de Tomé, escrito copta do século II d.C., contendo 114 ditos ou sentenças de Jesus. Um dos mais importantes manuscritos pseudepígrafos do NT entre todos os até hoje

encontrados. Pertence ao grupo dos mais de 1200 papiros de Nag Hammadi, no Egito, descobertos a partir de 1945.

A INFÂNCIA DE CRISTO SEGUNDO TOMÉ

O Evangelho de Tomé foi escrito no século I e relata a vida do Senhor Jesus dos cinco aos doze anos. Segundo os estudiosos, é parte de um livro mais antigo ainda, tendo tido diversas versões escritas em grego, siríaco, latim, georgiano e eslavo.

O Evangelho de Tomé relata a vida de Jesus a partir do ponto onde termina o Evangelho de Tiago, encerrando-se com o episódio de Jesus no Templo de Jerusalém, entre os doutores, o que também ocorre no Evangelho de Pedro, sobre a infância do Salvador.

Como os Evangelhos Apócrifos já citados, tem uma importância histórica fundamental, pois preenche uma séria lacuna, provocada pela omissão desse período nos Evangelhos Canônicos. Aqui são relatados os primeiros milagres do Salvador, numa narrativa singela e cheia de beleza, que resgata essa importante fase na vida do Senhor Jesus.

Os Evangelhos Apócrifos da Infância de Cristo fornecem importantes e interessantes informações, esclarecendo pontos importantes dos Evangelhos Canônicos, omissos ou um tanto vagos a respeito de determinados aspectos da vida de Jesus Menino.

Eu, Tomé Israelita, julguei necessário levar ao conhecimento de todos os irmãos descendentes dos gentios, a Infância de Nosso Senhor Jesus Cristo e tantas quantas maravilhas ele realizou, depois de nascer em nossa terra. O princípio é como segue.

II

Esse Menino Jesus, que na época tinha cinco anos, encontrava-se um dia brincando no leito de um riacho, depois de haver chovido. Repesando o correnteza em pequenas poças, tornava-as instantaneamente cristalinas, dominando-as somente com sua a palavra.

Fez depois uma massa mole com barro e com ela formou uma dúzia de passarinhos. Era um Sabbath e havia outros meninos brincando com ele. Um certo homem judeu, vendo o que Jesus acabara de fazer num dia de festa, foi correndo até seu pai, José, e contou-lhe tudo:

— Olha, teu filho está no riacho e juntando um pouco de barro fez uma dúzia de passarinhos, profanando com isso o dia do Sabbath.

José foi ter ao local e, ao vê-lo, ralhou com ele dizendo:

— Por que fazes no Sabbath o que não é permitido?

Jesus, batendo palmas, dirigiu-se às figurinhas, ordenando-lhes:

— Voai!

Os passarinhos foram todos embora, gorjeando. Os judeus, ao verem isso, encheram-se de admiração e foram contar aos seus superiores o que haviam visto Jesus fazer.

III

Encontrava-se ali presente o filho de Anás, o escriba, e teve a idéia de fazer escoar as águas represadas por Jesus, usando uma planta de vime.

Ante essa atitude, Jesus indignou-se e disse:

— Malvado, ímpio e insensato. Será que as poças e as águas te estorvavam? Ficarás agora seco como uma árvore, sem que possas dar folhas, nem raiz nem frutos.

Imediatamente o rapaz tornou-se completamente seco. Os pais pegaram o infeliz, chorando a sua tenra idade, e o levaram ante José, maldizendo-o por ter um filho que fazia tais coisas.

IV

De outra feita, Ele andava em meio ao povo e um rapaz que vinha correndo esbarrou em suas costas. Irritado, Jesus disse-lhe:

— Não prosseguirás teu caminho.

Imediatamente o rapaz caiu morto. Algumas pessoas que viram o que se passara, disseram:

— De onde terá vindo esse rapaz, pois todas as suas palavras tornam-se fatos consumados?

Os pais do defunto, chegando a José, interpelaram-no, dizendo:

— Com um filho como esse, de duas uma: ou não podes viver com o povo ou tens de acostumá-lo a abençoar e não a amaldiçoar, pois causa a morte aos nossos filhos.

V

José chamou Jesus à parte e admoestou-o da seguinte maneira:

— Por que fazes tais coisas, se elas se tornam a causa de nos odiarem e perseguirem?

Jesus replicou:

— Bem sei que essas palavras não vêm de ti, mas calarei por respeito a tua pessoa. Esses outros, ao contrário, receberão seu castigo.

No mesmo instante, aqueles que havia falado mal dele ficaram cegos.

As testemunhas dessa cena encheram-se de pavor e ficaram perplexas, confessando que qualquer palavra de sua boca, fosse boa ou má, tornava-se um fato e convertia-se numa maravilha. Quando José percebeu o que Jesus havia feito, agarrou sua orelha e puxou-a fortemente.

O rapaz indignou-se e disse-lhe:

— A ti é suficiente que me vejas sem me tocares. Tu nem sabes quem sou, pois se soubesses não me magoarias. Ainda que neste instante eu esteja contigo, fui criado antes de ti.

VI

Naquela época, encontrava-se em um local próximo um certo rabino de nome Zaqueu, o qual, ouvindo Jesus falar dessa maneira com seu pai, encheu-se de admiração ao ver que, sendo menino, dizia tais coisas.

Passados alguns dias, aproximou-se de José e disse:

— Vejo que tens um filho sensato e inteligente. Confia-o a mim para que aprenda as letras. Eu, de minha parte, juntamente com elas, ensinar-lhe-ei toda espécie de sabedoria e a arte de saudar os mais velhos, de respeitá-los como superiores e pais e de amar seus semelhantes.

Disse-lhe todas as letras com grande esmero e clareza, desde Alfa até Ômega. Jesus, porém, fixou seus olhos no rabino Zaqueu e indagou-lhe:

— Como te atreves a explicar Beta aos outros, se tu mesmo ignoras a natureza do Alfa? Hipócrita! Explica primeiro a letra A, se é que sabes, e depois acreditaremos em tudo o que disseres com relação a B.

Começou a interrogar o professor sobre a primeira letra, porém este não pôde responder-lhe.

Disse então a Zaqueu, na presença de todos:

— Aprende, professor, a constituição da primeira letra e repara como tem linhas e traços médios, aqueles que vêes unidos transversalmente, conjuntos, elevados, divergentes... Os traços contidos na letra A são de três sinais: homogêneos, equilibrados e proporcionados.

VII

O professor Zaqueu, quando ouviu a exposição feita pelo menino sobre tantas e tais alegorias acerca da primeira das letras, ficou desconcertado diante da resposta e da erudição que ele manifestava. Disse aos presentes:

— Pobre de mim! Não sei o que fazer, pois eu mesmo procurei a confusão ao trazer este jovem para junto de mim. Leva-o, então, irmão José! Rogo-te! Não posso suportar a severidade do seu olhar. Não consigo fazer com que seu discurso seja inteligível para mim. Este jovem não nasceu na terra. É capaz de dominar até mesmo o fogo. Talvez tenha nascido antes da criação do mundo. Não sei qual o ventre que pôde tê-lo carregado e qual seio pôde havê-lo nutrido. Ai de mim! Meu amigo, estou aturdido. Não posso seguir o vôo de sua inteligência. Enganei-me, pobre de mim! Queria muito ter um aluno e deparei-me com um mestre. Percebo perfeitamente, amigos, a minha confusão, pois, velho e tudo o mais, deixei-me vencer por uma criança. É de se ficar arrasado e morrer por causa desse jovem, pois neste momento sou incapaz de olhá-lo fixamente. Que vou responder quando todos me disserem que me deixei vencer por um rapazote? Que vou explicar a respeito do que ele me disse sobre as linhas da primeira letra? Não sei, amigos, porque ignoro a origem e o destino dessa criatura. Por isso te rogo, irmão José, que o leves para casa. É algo extraordinário: ou um Deus ou um anjo, ou já não sei o que dizer.

VIII

Enquanto os judeus se entretinham em dar conselhos a Zaqueu, o menino pôs-se a rir com muita vontade e disse:

— Frutificai agora vossas coisas e abri os olhos à luz os cegos de coração. Vim de cima para amaldiçoar-vos e depois charmar-vos para o alto, pois esta é a ordem daquele que me enviou por vossa causa.

Quando o menino terminou de falar, sentiram-se imediatamente curados todos aqueles que haviam caído sob a maldição. Desde então, ninguém ousava irritá-lo para que ele não os amaldiçoasse ou viessem a ficar cegos.

IX

Dias depois, encontrava-se Jesus brincando num terraço. Um dos meninos que estavam com ele caiu do alto e morreu. Os outros, ao verem isso, foram-se embora e somente Jesus ficou. Pouco depois chegaram os pais do morto e puseram a culpa nele.

Disse-lhes Jesus:

— Não, não. Eu não o empurrei.

Apesar disso, eles o maltrataram. Jesus deu um salto de cima do terraço, vindo cair junto ao cadáver. Pôs-se a gritar bem alto:

— Zenon — assim se chamava o menino, — levanta-te e responde-me: fui eu quem te empurrou?

O morto levantou-se num instante e disse:

— Não, Senhor. Tu não me jogaste, porém me ressuscitaste.

Ao ver isso, todos os presentes ficaram consternados. Os pais do menino glorificaram a Deus por aquele maravilhoso feito e adoraram a Jesus.

X

Poucos dias depois, estava um jovem cortando lenha nas redondezas e aconteceu que o machado escapou e cortou a planta do seu pé. O infeliz estava morrendo rapidamente por causa da hemorragia. Sobreveio por isso um grande alvoroço e juntou muita gente. Também Jesus veio ter ali. Depois de abrir espaço à força por entre a multidão, chegou junto do ferido e com suas mãos apertou o pé injuriado do jovem, que num instante ficou curado.

Disse então ao rapaz:

— Levanta-te já! Continua cortando lenha e lembra-te de mim!

A multidão, quando se deu conta do que havia acontecido, adorou o Menino dizendo:

— Verdadeiramente, o Espírito de Deus habita esse rapaz.

XI

Quando tinha seis anos, sua mãe deu-lhe certa vez um cântaro para que fosse enchê-lo de água e o trouxesse para casa. No caminho, Jesus tropeçou nas pessoas e a vasilha quebrou-se. Ele, então, estendeu o manto com o qual se cobria, encheu-o de água e levou-o a sua mãe. Esta, ao ver tal maravilha, pôs-se a beijar Jesus e foi guardando em seu íntimo todos os mistérios que o via realizar.

XII

Certa vez, sendo tempo de sementeira, saiu Jesus com seu pai para semear trigo em sua propriedade. Enquanto José esparramava as sementes, o Menino Jesus teve também vontade de semear um grãozinho de trigo. Após ceifar e debulhar, sua colheita somou cem coros, equivalente a quase quarenta mil litros. Convocou em sua propriedade todos os pobres da região e repartiu com eles os grãos. José, depois, levou para si o restante.

Jesus tinha oito anos, quando operou este milagre.

XIII

Seu pai, que era carpinteiro, fazia arados e cangas. Certa vez, recebeu o encargo de fazer uma cama para certa pessoa de boa posição. Aconteceu que uma das tábuas era mais curta que a outra e por isso José não sabia como proceder.

Então o Menino Jesus disse a seu pai:

— Põe no chão ambas as tábuas e iguala-as pela metade.

Assim fez José. Jesus foi até à outra extremidade, pegou a tábua mais curta e esticou-a, deixando-a tão comprida quanto a outra.

José, seu pai, encheu-se de admiração ao ver o prodígio e cobriu o menino de abraços e beijos dizendo:

— Feliz de mim, porque Deus me deu este menino.

XIV

José, percebendo que a inteligência do menino ia amadurecendo ao mesmo tempo que a idade, quis novamente impedir que ele permanecesse analfabeto, por isso levou-o até um outro professor e colocou-o a sua disposição.

Disse o professor:

— Ensinar-te-ei, em primeiro lugar as letras gregas, depois as hebraicas.

Era evidente que o professor conhecia bem a capacidade do rapaz e sentia medo dele. Depois de escrever o alfabeto, entretinha-se com ele por um longo tempo, sem obter nenhuma resposta de seus lábios.

Finalmente disse-lhe Jesus:

— Se és mestre de verdade e conheces perfeitamente as letras, dize-me primeiro qual é o valor de Alfa e então eu te direi qual é o de Beta.

Irritado, o professor bateu-lhe na cabeça. Quando o Menino Jesus sentiu a dor, amaldiçoou-o e imediatamente o professor desmaiou e caiu de bruços no chão.

O jovem voltou para casa de José. Este encheu-se de pesar e disse a Maria que não o deixasse sair de casa, porque todos aqueles que o aborreciam vinham a morrer.

XV

Passado algum tempo, outro professor, que era amigo íntimo de José, disse-lhe:

— Leva teu filho à escola. Talvez com delicadeza eu possa ensinar-lhe as letras.

José replicou:

— Se te atreveres, irmão, leva-o contigo.

O professor o aceitou com muito receio e preocupação, porém o menino demonstrou boa vontade e progredia a olhos vistos.

Certo dia, ele entrou impetuosamente na sala de aula e encontrou um livro colocado sobre a carteira. Pegou-o e, sem parar para ler as letras que nele estavam escritas, abriu sua boca e começou a falar, levado pelo Espírito Santo, ensinando a Lei aos circunstantes que o escutavam. Uma grande multidão, que havia se juntado, ouvia-o, cheia de admiração pela maravilha da sua doutrina e pela clareza de suas colocações, considerando que era uma criança que assim lhes falava.

José, quando soube disso, encheu-se de medo e correu imediatamente até a escola, receando que também aquele professor pudesse ter sido maltratado.

Este, porém, disse-lhe:

— Saiba, irmão, que recebi este menino como se fosse um aluno comum e acontece que está sobejando graça e sabedoria. Leva-o, por favor, para tua casa!

Ao ouvir essas palavras o menino sorriu e disse:

— Agradeço a ti, por haveres falado com retidão e dado um testemunho justo. Será curado aquele que anteriormente foi castigado.

Imediatamente o outro professor sentiu-se bem. José pegou o menino e foram para casa.

XVI

Certa vez, José mandou seu filho Tiago juntar lenha e trazê-la para casa. O Menino Jesus acompanhou-o, mas aconteceu que, enquanto Tiago recolhia os gravetos, uma cobra picou-lhe a mão. Tendo caído no chão, ficou completamente largado e estando já para morrer, quando Jesus aproximou-se e assoprou a mordida. Imediatamente desapareceu a dor, a cobra explodiu e Tiago recobrou imediatamente a saúde.

XVII

Aconteceu depois, nas vizinhanças de José, que um menino que vivia doente veio a falecer. Sua mãe chorava inconsolavelmente. Jesus, ao tomar conhecimento da dor daquela mãe e do tumulto que se formava, acudiu rapidamente. Encontrando o menino já morto, tocou-lhe o peito e disse:

— Pequenino, falo contigo! Não morras, mas vive feliz e fica com tua mãe!

No mesmo instante, o menino abriu os olhos e sorriu. Então disse Jesus à mulher:

— Anda, pega-o, dá-lhe leite e lembra-te de mim!

Ao presenciar o acontecido, os circunstantes encheram-se de admiração e exclamaram:

— Na verdade, este menino ou é um Deus ou um anjo de Deus, pois tudo o que sai da sua boca torna-se um fato consumado.

Jesus saiu dali e pôs-se a brincar com os outros jovens.

XVIII

Dias depois, sobreveio um grande tumulto, onde construía uma casa. Jesus levantou-se e dirigiu-se até o local. Vendo ali um cadáver estendido no chão, tomou-lhe a mão e dirigiu-se a ele nos seguintes termos:

— Homem, falo contigo! Levanta-te e termina teu trabalho!

Ele se levantou em seguida e o adorou. A multidão que viu essa cena encheu-se de admiração e disse:

— Esse rapaz deve ter vindo do céu, pois tem livrado muitas almas da morte e ainda seguirá livrando mais durante sua vida.

XIX

Quando contava doze anos seus pais, como de costume, foram em caravana até Jerusalém, para assistir às festas da Páscoa. Quando as festas terminaram, voltavam para casa. No instante de partir, o Menino Jesus retornou a Jerusalém, enquanto seus pais pensavam que o encontrariam na comitiva.

Depois do primeiro dia de marcha, puseram-se a buscá-lo entre os seus parentes. Não o encontrando, preocuparam-se muito e voltaram a Jerusalém para procurá-lo.

Finalmente, depois do terceiro dia, encontraram-no no templo, sentado em meio aos doutores, escutando-os e fazendo-lhes perguntas.

Todos estavam atentos a ele e admiraram-se de ver que, menino como era, deixava os anciões e mestres do povo sem palavras, averiguando os principais pontos da lei e as parábolas dos profetas.

Aproximando-se, Maria, sua mãe, disse-lhe:

— Meu filho, por que agiste assim conosco? Veja com que preocupação temos estado a te procurar!

Jesus, porém, respondeu:

— E por que me procuravas? Não sabias acaso que devo ocupar-me das coisas que se referem ao meu Pai?

Os escribas e fariseus indagaram a ela:

— És tu, acaso, a mãe deste menino?

Ela respondeu:

— Assim é.

Eles retrucaram:

— Pois feliz de ti entre as mulheres, já que o Senhor teve por bem bendizer o fruto do teu ventre, por que semelhantes glória, virtude e sabedoria não ouvimos nem vimos jamais. Jesus levantou-se e seguiu sua mãe. Era obediente a seus pais. Sua mãe guardava todos esses fatos no seu coração. Enquanto isso Jesus ia crescendo em idade, sabedoria e graça. Graças sejam dadas a ele por todos os séculos dos séculos. Amém.

ADVENTISTA, CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA, CONGREGACIONAL, LUTERANA, ANGLICANA

CALVINISTA, METODISTA, CATÓLICA, ASSEMBLÉIA, JEOVÁ, ORTODOXA, UNIVERSAL, BATISTA, PRESBITERIANA, LBV, QUADRANGULAR

Igreja Adventista do Sétimo Dia

Histórico

Igreja Adventista do Sétimo Dia (o nome adventista é uma referência à sua crença no advento, segunda vinda de Jesus), surgiu entre as décadas de 1850 e 1860 concomitantemente nos Estados Unidos e na Europa. O padre Jesuíta chileno Manuel Lacunza que nasceu em 1731, escreveu um livro singular – La Venida Del Mesias em Gloria y Majestad. Conhecido desde 1785, o livro do padre Jesuíta foi impresso em 1812.

Esta publicação agitou os meios religiosos, e foi precursora do movimento Adventista dos que crêem na segunda vinda de Jesus. No início do século passado, no seio das igrejas evangélicas, o movimento alastrou-se, tendo como foco o advento, ou o retorno pessoal de Jesus. Daí surgiu a palavra Adventista, caracterizando uma das crenças fundamentais da Igreja.

Dentro deste movimento, uma atenção especial foi dada ao estudo da Bíblia, tanto do Novo como do Velho Testamento. Surgiu também a compreensão de que do dia do repouso Bíblico de acordo com Êxodo 20, bem o relato do Velho Testamento e confirmado por nosso Senhor Jesus Cristo no Novo Testamento. A observância do quarto mandamento da Lei de Deus como uma homenagem semanal ao Criador e ao Salvador que deveria voltar a terra, caracterizou também a nova igreja que surgia na metade do século passado tomando forma legal em 1863, nos Estados Unidos.

No Brasil, a mensagem Adventista chegou através de impressos que ingressaram nas colônias de imigrantes alemães e austríacos, nos estados de Santa Catarina, São Paulo e Espírito Santo. Um livro bem conhecido, “Der Grosse Kampf”(O grande Conflito), em alemão, chegou às mãos do jovem Guillerme Stein Jr, na época noivo de Maria Krahembuhl.

Este livro descreve a história universal sob o enfoque religioso e bíblico, dando, além do vislumbre do passado, uma projeção quanto ao futuro, em termos proféticos, tendo como base especialmente os livros de Daniel e Apocalipse.

Após sua leitura, este jovem resolveu unir-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia, e foi batizado no Brasil, em 1895, nas proximidades de Piracicaba, estado de S. Paulo. Nesta ocasião outros batismos também ocorreram em Santa Catarina entre as pessoas batizadas estava Guillerme Belz .

Guilherme Belz nasceu na Pomerânia, Alemanha, em 1835. Veio para o Brasil e estabeleceu-se na região de Braunschweig (hoje Gaspar Alto), a cerca de 18 quilômetros de Brusque.

Certa ocasião, ao voltar das compras na Vila de Brusque, notou algo de especial nos papéis envolvidos nas mercadorias. O papel de embrulho trazia um texto escrito em alemão. A leitura do impresso deixou Belz pensativo por várias semanas, até que, ao visitar o irmão Carl, descobriu que este havia comprado um livro do alcoólatra Frederich Dressler - livro que "coincidentemente" tratava, dentre outras coisas, do mesmo assunto do folheto. O livro era o Comentário Sobre o Livro de Daniel, de Urias Smith e também estava escrito em alemão.

Nascido em família cristã Guilherme tinha o hábito de ler a Bíblia. Depois de pesquisar profundamente a Palavra de Deus aos cinqüenta e quatro anos Guilherme decide-se pela fé Adventista e se torna uns dos primeiros a ser batizado no Brasil. Belz e sua família tornaram-se missionários voluntários na região onde moravam, no interior de Santa Catarina. Pouco tempo depois, algumas famílias já se reuniam para estudar a Bíblia. Em maio de 1893, por designação da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o missionário Albert B. Stauffer chegou ao Brasil. Juntamente com outros missionários, Stauffer espalhou a literatura adventista em Indaiatuba, Rio Claro, Piracicaba e outras localidades.

Assim, os primeiros interessados na mensagem Adventista, em São Paulo, foram surgindo, o mesmo crescimento aconteceu no Estado do Espírito Santo, onde Stauffer espalhou vários exemplares do livro O Grande Conflito, da escritora Ellen White. Os adventistas que viviam em São Paulo e no Espírito Santo, estavam totalmente alheios a existência dos irmãos de Santa Catarina que há alguns anos professavam a mesma fé. Em agosto de 1894, chegou ao Brasil outro missionário adventista: Willian

Henry Thurston. Willian, acompanhado da esposa Florence, veio dos Estados Unidos com a missão de estabelecer um entreposto de livros denominacionais no Rio de Janeiro, para atender aos missionários no Brasil. Thurston trouxe duas grandes caixas de livros e revistas impressos em inglês, alemão e pouca coisa em espanhol.

Na época, não havia nada publicado em português, pois a Casa Publicadora Brasileira só iniciaria suas atividades a partir de 1900. Para chegar ao seu destino, muitos impressos eram despachados nos navios, outros nos barcos fluviais a vapor (ou mesmo a remo), outros ainda em carros de boi, em lombo de burro e, às vezes, em alguns lugares, nas costas dos missionários. Em 1896 o casal Stein começa a trabalhar no Colégio Internacional de Curitiba, Paraná, a primeira instituição educacional Adventista do Brasil.

Igreja Católica
Apostólica Brasileira
Histórico

Igreja Católica Apostólica Brasileira foi fundada em 1945 pelo então bispo da Igreja Católica Apostólica Romana, dom Carlos Duarte Costa.

Por discordar pública e formalmente dos dogmas da Igreja oficial, dom Carlos foi excomungado pelo Santo Ofício no dia 6 de junho de 1945.

No dia 18 de agosto do mesmo ano, fez um manifesto à nação, anunciando a fundação da Igreja Católica Apostólica Brasileira.

Muitos padres e bispos foram ordenados a partir desta data. Esta Igreja possui atualmente cerca de 40 bispos, 300 padres, 2 milhões e 500 mil fiéis em 22 dioceses, com filiais espalhadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e do Sul do Mato Grosso.

Após a morte do seu fundador a Igreja Católica Apostólica Brasileira se dividiu em:

Igreja Católica Apostólica Nacional
Igreja Católica Apostólica Trinitária
Igreja Católica Ecumênica
Igreja Católica Apostólica Ecumênica Episcopal
Igreja Católica Apostólica Cristã
Igreja Católica Apostólica de Jerusalém

Igreja Evangélica
Congregacional do Brasil
Histórico

Igreja Evangélica Congregacional do Brasil foi fundada aos 19 de agosto de 1855, em Petrópolis, Rio de Janeiro, pelo casal missionário inglês Sarah Kalley e Robert Reid Kalley.

Este casal chegou ao Rio de Janeiro no mês de maio daquele ano. Por não encontrar lugar adequado na capital, alugaram uma residência em Petrópolis, GERNHEIM(significa Lar muito amado). Neste local, dona Sarah ministrou a primeira aula bíblica a 5 crianças, contando a história do profeta Jonas. O número de membros foi aumentando e nos domingos seguintes já funcionava, também, a classe de adultos dirigida pelo doutor Kalley.

Esta igreja, conhecida no Rio de Janeiro como Igreja Fluminense, teve a sua 1ª sede no centro da cidade. Foi o 2º templo a ser fundado em sua história e hoje é tombado como patrimônio histórico. Com o crescimento do número de congregados o pastor Kalley começou a realizar cultos também na cidade de Niterói. Seus seguidores passaram por momentos difíceis, até de muitas perseguições, por isso o templo de Niterói só pode ser inaugurado em 1899. Neste período também foi fundada a Igreja Evangélica Congregacional de Pernambuco, em Recife. O crescimento da Igreja assustou autoridades da época. Na Assembléia Provincial, o deputado Castro e Silva fez um requerimento, pedindo informações sobre o doutor Kalley. Em resposta, o missionário mandou imprimir uma carta aberta, que mandou distribuir entre todos os deputados e pessoas importantes da sociedade carioca. A carta aberta foi o principio para mudar alguns conceitos religiosos deste período. Através da Igreja Fluminense foi instituída a liberdade civil para não católicos, por meio de casamentos, atos fúnebres e sepultamentos. Um século depois a Igreja Evangélica Congregacional do Brasil possui hoje 307 igrejas e está em fase de senso oficial, para saber quantos membros realmente possui.

Igreja Evangélica
de Confissão Luterana

Histórico

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) tem sua origem na chamada Reforma Protestante da Igreja Católica Apostólica Romana, liderada pelo padre Martin Lutero, na Alemanha, século XVI. A divulgação do pensamento de Lutero difundiu-se rapidamente. Uma imprensa criada pelos reformadores veiculava seus escritos. As missas começaram a ser reformuladas e celebradas em idioma compreensível ao povo.

A Reforma levou Padres e freiras a deixarem conventos. Alguns casaram-se. O povo começou a receber pão e vinho na Santa Ceia (Eucaristia) conforme Jesus Cristo ensinou. Do mesmo modo, segundo os reformadores, dos sete sacramentos da Igreja Católica, somente dois podiam ser considerados bíblicos: o batismo e a Santa Ceia.

Príncipes que adotaram os princípios doutrinários de Martin Lutero foram proibidos por Carlos V de continuar a Reforma Luterana nas Igrejas em seus territórios. Diante dessa proibição imperial, os príncipes luteranos protestaram contra a medida do imperador. Pelo seu protesto contra o imperador e a decisão de continuar a Reforma Luterana, passaram a ser conhecidos como "protestantes". Em 1530, os líderes protestantes escreveram a Confissão de Augsburgo, onde colocaram os principais baluartes doutrinários do luteranismo. Desde a sua origem a IECLB encontra nas comunidades sua base de sustentação mais importante. A idéia de uma Igreja participativa quer resgatar a importância das comunidades, valorizar a participação dos membros, instituições e setores que formam a Igreja. No Brasil desde 1824, o luteranismo está presente em quase 3 mil cidades cobrindo todos os Estados, com suas 410 paróquias. Em 1982, foi fundado o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, o CONIC, que representa um dos mais importantes espaços ecumênicos no Brasil. Os membros da IECLB no país somam cerca de 1,2 milhão de pessoas. A maior concentração está na região Sul, e 54% dos membros vivem em área rural. Em 1947, dois anos após a Segunda Guerra Mundial, criou-se, com sede em Genebra, Suíça, a Federação Luterana Mundial. A IECLB é uma das 124 igrejas filiadas a esta federação. A ela estão filiadas igrejas luteranas de 69 países, congregando 57,6 milhões de pessoas dos 61 milhões de luteranos do mundo inteiro.

A IECLB integra o Conselho Mundial de Igrejas, que reúne 320 igrejas cristãs no mundo inteiro.

Também participa do Conselho Latino-Americano de Igrejas, que congrega mais de 150 Entidades e igrejas filiadas na América do Sul e Caribe.

Igreja Anglicana

Histórico

Igreja Anglicana é conhecida nos EUA como Igreja Episcopal. Muito mais do que fruto de uma ação isolada do rei Henrique VIII, a Igreja Anglicana surgiu de um movimento histórico. Os primeiros sinais da Reforma inglesa começaram, na verdade, com Anselmo (1034-1109), que aceitou o convite para ser Arcebispo de Cantuária sob duas condições: que as propriedades da igreja fossem devolvidas pelo rei e que o arcebispo fosse reconhecido como conselheiro do rei em matéria religiosa. A luta que começou entre a Coroa e a Igreja confirmou, mais tarde, que a Inglaterra fez sua reforma religiosa debruçada sobre si mesma. Henrique VIII não fundou uma nova igreja, mas simplesmente separou a igreja que já existia na Inglaterra da tutela e controle romanos por razões políticas, econômicas, religiosas e até pessoais. Durante quase mil anos a Igreja da Inglaterra esteve sob o domínio direto de Roma. Henrique VIII rompeu essa antiga filiação eclesiástica com o apoio do Parlamento. Separada e independente, a Igreja da Inglaterra continuou sua caminhada milenar na história, alternando períodos de influência ora romanistas, ora protestantes. Em 1559, começou o reinado de Isabel I, e com ela veio o controvertido Ato de Uniformidade, que devolveu à rainha o mesmo poder sobre a igreja que tinha Henrique VIII. A era elisabetana foi um período de apogeu. Foi nessa época que começou a colonização da América, onde a igreja anglicana se desenvolveu com rapidez e se organizou principalmente depois da independência americana em 1776. A igreja americana teve seu primeiro bispo em 1784 e manteve a igreja livre do poder civil. Assegurada a sucessão apostólica, a igreja americana se desenvolveu rapidamente, criando dioceses, paróquias e inúmeras instituições. Em 1824, foi fundado o Seminário Teológico de Virgínia, de onde mais tarde saíram os missionários que estabeleceram a igreja anglicana no Brasil. Em diversas partes do mundo, as igrejas anglicanas se tornaram autônomas, ou seja, igrejas nacionais ou regionais (incluindo parte de uma nação ou mais de uma nação), formando o que hoje se chama províncias anglicanas ou igrejas anglicanas em permanente comunhão com Cantuária. Esse conjunto de províncias, igrejas nacionais ou regionais, forma a grande família da Comunhão Anglicana. No Brasil, a Igreja Anglicana se chama Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Voltada especialmente para os brasileiros, ela começou intencionalmente em 1890, quando os missionários americanos Lucien Lee Kinsolving e James Watson Morris estabeleceram a primeira missão em Porto Alegre.

No ano seguinte, chegaram William Cabell Brown, John Gaw Meem e a professora leiga Mary Packard. Hoje, liderada pelo arcebispo de Cantuária, a Igreja Episcopal tem templos, missões e instituições educacionais e assistenciais em 150 diferentes localidades do país, concentrando-se a maior parte no Rio Grande do Sul. Ao longo de sua história, acumulou uma relação de 95 mil membros batizados e 45 mil confirmados. No mundo, os anglicanos são mais de 70 milhões de membros espalhados por 38 províncias, 450 dioceses em 165 diferentes países nos hemisférios norte e sul. A Conferência de Lambeth é o único encontro anglicano que inclui uma representação de todas as dioceses anglicanas do mundo. A cada 10 anos todos os bispos da Comunhão se encontram sob a presidência do arcebispo de Cantuária para discutir os principais problemas e negócios da Igreja. A primeira conferência foi realizada em 1867 reunindo 76 bispos sob a presidência do Arcebispo Charles Longley. E a última ocorreu em 1998 com a presença de 730 Bispos (11 mulheres), presididos pelo Arcebispo George Carey. A maioria dos bispos anglicanos vem da África e outras regiões do Antigo Terceiro Mundo, e não da Grã-Bretanha e dos países brancos e desenvolvidos.

Igreja Calvinista Histórico

Igreja Calvinista foi fundada em Genebra, na Suíça, em 1541 por João Calvino. Difundiu-se pela Alemanha, França, Holanda, Hungria, e foi levada à Escócia por John Knox. Provocou grande influência sobre a Igreja Anglicana e suas subdivisões.

Nos Estados Unidos, a Igreja Calvinista estabeleceu forte raiz, e mais tarde, expandiu-se pela América Latina.

Nos dias de hoje, as tradicionais Igrejas Calvinistas são conhecidas como "reformadas" ou "presbiterianas". O nome "presbiteriana" refere-se a sua forma de governo, que se dá através do Conselho de Presbíteros de cada comunidade.

Igreja Metodista Histórico

“As minhas doutrinas são simplesmente os princípios fundamentais do cristianismo.” John Wesley

O movimento metodista surgiu na Inglaterra do século XVIII, fruto de uma profunda experiência pessoal do Pastor anglicano John Wesley, com Deus. Sentindo seu coração aquecido, ele teve certeza do perdão e aceitação divina e isto se tornou o centro de sua mensagem. John foi sempre auxiliado por seu irmão Charles Wesley. Como igreja propriamente, o metodismo organizou-se primeiro nos EUA e, depois da morte de seu fundador, na Inglaterra. Desde o início esta Igreja não buscou inovar, mas guardar a teologia anglicana. Embora Wesley tivesse sido proibido de pregar na Igreja Anglicana. Por isso, em 1739, em Bristol, ele começou então a falar ao ar livre, nas portas das fábricas e das minas de carvão. Seu ministério lançou as bases para a grande reforma da igreja metodista acontecida futuramente na Inglaterra. Em 1748 os irmãos Wesley inauguraram a Escola de Kingswood. No ano de 1751 chegaram à Escócia.

Em 1755 organizaram o primeiro culto do pacto com Deus. Em 1760 - as primeiras missões da Igreja Metodista pela América. No ano 1769, surgiu a primeira escola dominical. Em 1774 realizou-se a primeira Conferência Metodista na Foundery (Londres).

Em 1780, o povo metodista publicou uma coleção de hinos. No ano de 1747, Charles e John Wesley visitaram a Irlanda pela primeira vez. Em 1786, os primeiros missionários metodistas partiram para a Índia. Atualmente formam uma comunidade de aproximadamente 80 milhões de pessoas. A maior parte concentra-se nos Estados Unidos.

A chegada do metodismo no Brasil

Em 1835 ocorre a primeira tentativa de vinda e fixação do metodismo no Brasil através de missionários norte-americanos. Devido a grande recessão econômica nos Estados Unidos, os primeiros missionários não obtêm sucesso. Só depois da Guerra Civil Americana é que os metodistas vieram para ficar. O primeiro núcleo metodista foi montado em Santa Bárbara D'Oeste, no interior de São Paulo, onde, através do trabalho do Rev. Junias Eastham Newman, foi organizada uma paróquia metodista entre os norte-americanos que por ali tinham imigrado após a guerra. Por solicitação destes imigrantes, vieram missionários metodistas para trabalhar junto aos brasileiros, utilizando nosso idioma. O primeiro a chegar foi o Rev. J. J. Ranson. A Igreja Metodista no Brasil tem se destacado pelo seu trabalho educativo. A primeira de suas escolas foi fundada em 1881 em Piracicaba, estado de São Paulo, por

Miss Martha Hit Watts, gerando, com o seu crescimento, a atual UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba.

Igreja Católica Apostólica Romana Histórico

Igreja Católica Apostólica Romana foi fundada na Palestina e em Israel por Jesus Cristo e seus apóstolos no ano 33 do primeiro século da Era Comum. No ano 64, começaram a surgir os primeiros escritos do Novo Testamento, as cartas de Paulo e o Evangelho de Marcos. A Igreja foi oficialmente fundada após a ressurreição de Jesus, no domingo de Pentecostes, com a chegada do Espírito Santo (At 2). Ganhou força com a liderança de Pedro e a inteligência de Paulo. Cresceu em número, primeiro em Jerusalém, e foi se espalhando pelo mundo graças à pregação e ao cuidado dos apóstolos. Naquela época, Roma era a senhora do mundo. E os apóstolos sentiram a necessidade de promover o deslocamento do cristianismo para o centro do Império, a fim de facilitar a pregação do Evangelho. O cristianismo contrariava os interesses do Império. Por isso, a Igreja foi violentamente perseguida. Tiago, assassinado; João, deportado na ilha de Patmos (Apocalipse); Pedro, preso várias vezes e crucificado de cabeça para baixo. Paulo foi perseguido e também martirizado em Roma. Mesmo assim, a Igreja se manteve. Como dizia São Policarpo: "O sangue dos mártires é semente de novos cristãos." Clemente Romano, ainda no século I, testemunhou esses martírios. Irineu de Lião apresenta, no século II, a lista dos sucessores de Pedro até aquela data. A arqueologia, através de escavações, confirmou a morte de Pedro e Paulo em Roma ao encontrar seus respectivos túmulos. São mais de 400 papas na linha sucessória de Pedro a João Paulo II.

Assembléia de Deus Histórico

Em 1900 surgiu um movimento pentecostal que rapidamente se espalhou pela Suécia, Índia e em 1914 se instalou fortemente nos Estados Unidos: Assembléia Geral.

Nesse mesmo ano vários pastores se reuniram e já contavam com mais de cem congregações. Então decidiram dar-lhe o nome de Assembléia de Deus.

No dia 18 de junho de 1911, por deliberação unânime, foi fundada a Assembléia de Deus no Brasil. Os líderes, Daniel Berg e Gunnar Vingren, lançaram as bases do movimento e as raízes se estenderam por todo o território com a denominação de Igreja Assembléia de Deus. Aos 11 de janeiro de 1968 a denominação foi registrada oficialmente como pessoa jurídica, com o nome de Assembléia de Deus. Com um grande número de membros espalhado pelo mundo inteiro, a Assembléia de Deus é uma entidade religiosa pentecostal, com doutrinas fundamentadas na Bíblia Sagrada. Ela afirma: "Temos como fundamento nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo". A Assembléia de Deus, no geral, é uma Igreja que se emprega em todas as áreas relativas ao Evangelho. Todas em um único sentido: levar ao conhecimento da humanidade que só Jesus Salva.

Testemunhas de Jeová Histórico

Salão do Reino das Testemunhas de Jeová. A religião das Testemunhas de Jeová, que nasceu em 1872, tem Charles Taze Russel como um dos seus principais fundadores. Um pouco antes, em 1870, com 18 anos de idade, Russell organizou, pela primeira vez, uma classe bíblica em Pittsburgh. Em 1879, ele procurou popularizar as suas idéias e doutrinas co-publicando a revista "THE HERALD OF THE MORNING" com seu fundador Barbour. Em 1884, Russell tomou o controle da publicação dando-lhe o novo nome de "ANNOUNCING JEHOVAH'S KINGDOM" (A SENTINELA ANUNCIA O REINO DE JEOVÁ), e fundou a "ZION'S WATCH TOWER TRACT SOCIETY", agora conhecida como "WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY", SOCIEDADE BÍBLICA TORRE DE VIGIA. Depois da morte de Russel, no dia 31 outubro de 1916, um advogado do Missouri chamado Joseph Franklin Rutherford assumiu o controle da Sociedade Torre de Vigia. Em 1931, ele mudou o nome da organização para "AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ." Depois de Rutherford presidiram a Sociedade, Nathan Knorr e Frederic William Franz. Atualmente, o presidente da Torre de Vigia é Milton G. Henchel Fico. As Testemunhas de Jeová têm hoje mais de 6 milhões de membros em todo o mundo. As estatísticas indicam que 740 casas são solicitadas para recrutar cada um dos quase 200 mil novos membros que assumem os

ensinamentos desta religião a cada período. As Testemunhas de Jeová se organizaram em 90 mil congregações distribuídas por 235 países. Sua característica marcante é o trabalho de visita aos lares, fazendo circular a Bíblia e suas revistas de porta em porta.

Igreja Ortodoxa Oriental Histórico

A Igreja Católica Ortodoxa Oriental nasceu no tempo dos apóstolos e sobrevive até nossos dias pela força da tradição, da Bíblia e dos sete Sacramentos. Até o ano 842 ela estava unida à Santa Sé e fazia parte da única Igreja Católica Apostólica Romana.

No entanto, desde o começo, foram surgindo questionamentos. As Igrejas do Oriente negavam a supremacia do Papa, um líder das Igrejas do Ocidente. No século IX, os desentendimentos foram intensificados. O Papa Nicolau I depôs o Patriarca Fócio de seu posto. Este revidou com uma carta sinodal, fazendo acusações de ordem disciplinar e doutrinárias. Tempos depois, em 1054, o Patriarca Miguel Cerulário comandou a separação das duas igrejas, fazendo nascer a Igreja Católica Oriental, até hoje com sede em Constantinopla, no Oriente Médio. Em 1764 foi construída a primeira Igreja Ortodoxa em Londres, na Inglaterra, pelos esforços do Patriarca de Alexandria, Mateus. Várias tentativas de união entre Roma e Constantinopla foram feitas mas sem resultados. Em 1965, o Papa Paulo VI e o patriarca Atenágoras I, em nome do ecumenismo, anularam a excomunhão que existia entre as duas igrejas. Na Grécia e na Finlândia ela se tornou uma Igreja estatal. Quase toda a população é católica ortodoxa. Nos Estados Unidos os ortodoxos formam uma comunidade de cinco milhões de fiéis, decorrentes da imigração da Europa Oriental. A Igreja Ortodoxa encontra-se hoje espalhada pelo mundo inteiro: Europa (de Portugal à Rússia), Ásia (Médio e Extremo Oriente), Américas (do Brasil ao Canadá), África (Uganda, Quênia) e Oceania (Austrália), num total de mais de 350 milhões de seguidores.

Igreja Universal do Reino de Deus Histórico

Fundada no dia 9 de julho de 1977 pelo bispo Edir Macedo, no Rio de Janeiro, a Igreja Universal do Reino de Deus, nasceu do movimento neopentecostal, que se baseia na manifestação carismática do Espírito Santo. Este movimento promove grande concentração de pessoas, reforça com veemência uma mudança de vida radical, se utiliza fortemente da oratória e dos Meios de Comunicação de Massa. Naquele tempo, Edir Macedo abriu uma porta desejando ensinar “o povo a ter fé num Deus vivo”. Sem condições para alugar um imóvel, passou a realizar reuniões num coreto do jardim do bairro do Méier. Os cultos eram freqüentados de tal maneira que, lentamente, motivaram o aluguel dos primeiros espaços. Dos cinemas, as reuniões passaram a ser realizadas em uma loja, que fora uma antiga funerária, no bairro da Abolição, Zona Norte do Rio de Janeiro. Naquela época, a divulgação era feita por dez obreiros. Eles colavam folhetos de evangelização nos postes e convidavam as pessoas a participarem dos cultos. Cruzada do Caminho Eterno, Igreja da Bênção e, finalmente, Igreja Universal do Reino de Deus são os nomes utilizados na formação da atual Igreja. A IURD crescia muito rapidamente. O barracão de uma antiga fábrica de móveis na avenida Suburbana parecia ser o local ideal. O galpão se tornou o grande Templo da Abolição com capacidade inicial para 1.500 fiéis. Logo, foi preciso ampliar a capacidade para duas mil pessoas. O próprio Macedo testemunha sempre a respeito: “quando alugamos o galpão, isto foi considerado um gesto louco, pois o aluguel do imóvel era muito caro”. Essa ousadia, entretanto, contribuiu para fazer da Universal o que ela é hoje: uma Igreja que não pára de se expandir. Os planos para a Igreja sempre foram grandes. Já nas pregações realizadas desde o coreto do Méier, ele costumava dizer que a Universal tinha por “objetivo pregar o evangelho aos quatro cantos do mundo e, para isso, seria necessário usar os meios de comunicação”. Determinado e com total liderança, Macedo conseguiu, por intermédio da TV, do rádio, livros, jornais, revistas e filmes que a IURD tem produzido. Inicialmente O despertar da fé com 15 minutos de duração, foi transmitido pela Rádio Metropolitana. Em seguida, o programa foi veiculado na extinta TV Tupi, canal 6, no Rio de Janeiro, passando a ser retransmitido em São Paulo e nos demais estados. Depois, a Igreja alugou alguns espaços e assumiu a direção de outras emissoras, criando uma rede de rádios e TVs que divulgavam o seu trabalho. Os obreiros daquele tempo, muitos deles, hoje bispos, pernoitavam na Igreja. Ao amanhecer, bem cedo, já estavam de prontidão à espera dos que chegavam em busca de apoio e orientação espiritual. A primeira campanha de prosperidade aconteceu quando, certo dia, o então pastor Macedo ficou preocupado porque o povo não estava sendo abençoado financeiramente.

Depois de orar, pediu que alguém escrevesse um pedido e separasse 12 toalhas e 12 bacias com água. Doze obreiros foram escolhidos para ajudar. Essa corrente passou a ser realizada todos os sábados. Na primeira vez, apenas metade do templo ficou cheia. Na segunda, a Igreja ficou quase lotada e, na terceira, os lugares já eram disputados. As ofertas foram dadas espontaneamente pelas pessoas e muitas obtiveram bênçãos financeiras. A abertura da segunda IURD, a de padre Miguel, transformou um simples casebre num verdadeiro "barracão da fé". Depois foram abertas as igrejas do Grajaú, Inhaúma, Duque de Caxias, Nova Iguaçu e muitas outras. Hoje ela está presente em todo o Brasil. Inauguram-se, em média, mais de três igrejas por domingo. Sabe-se apenas que até 1998, existiam mais de três mil templos espalhados pelo país inteiro. Diante desse crescimento a Igreja resolveu, além de inaugurar mais templos e ampliar os já existentes, construir catedrais nos estados, para que funcionassem como sedes. Em São Paulo, além da Catedral da Fé em Santo Amaro, Zona Sul, outras nove catedrais foram construídas em diferentes áreas, incluindo a região metropolitana e o interior. É, entretanto, no Rio de Janeiro que está localizada a maior catedral do Brasil, sede mundial da igreja, o Templo da Glória do Povo de Israel.

No exterior

A primeira IURD no exterior, a Universal Church, foi fundada nos Estados Unidos, em julho de 1980, num amplo galpão em Mount Vermont, Nova York, pelo próprio bispo Macedo. Dali, partiu para Manhattan, Brooklyn e outros bairros nova-iorquinos, atingindo outras cidades e estados norte-americanos. Só na Califórnia, a Igreja conta com dezenas de templos. Em Los Angeles foi inaugurada a Catedral da Fé (onde funcionou o Million Dollar Theater) com capacidade para 2.500 pessoas. Ainda na América do Norte, ela se expandiu para o Canadá e México. Quase todos os países das América Latina, Central e Caribe possuem templos: Argentina, Paraguai, Venezuela, Uruguai, Bolívia, Colômbia, Peru, Chile, República Dominicana, Guatemala, El Salvador, Honduras, Jamaica, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Equador e outros. Na Europa, a Universal começou em Portugal. Logo se expandiu para a Espanha, França, Inglaterra e Itália. As transformações ocorridas no cenário político, após a queda do muro de Berlim, proporcionaram a sua entrada também na Alemanha unificada. A abertura do Leste Europeu e o fim do comunismo permitiram o acesso à Rússia e Romênia. Na Holanda, Bélgica, Luxemburgo e Suíça, a IURD vem conquistando o seu espaço. O continente africano, considerado um dos mais carentes, conheceu o trabalho da Igreja Universal a partir de 1992. A primeira igreja foi aberta em Johannesburg, África do Sul. Hoje ela está em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Quênia, Lesoto, Guiné Bissau, Costa do Marfim, Malawi, Uganda etc.

Mesmo enfrentando conflitos locais, guerras civis, fome, miséria e tragédias naturais, esta Igreja além da evangelização mantém obras assistenciais. o Help Centre, na África do Sul, distribui alimentos, roupas e fornece ajuda para a população carente. Na Ásia, a IURD está presente no Japão, Índia e Filipinas, mantendo trabalhos sociais e cumprindo a tarefa de evangelizar. Ela chegou ao ano 2000 atuando em mais de 70 países.

Igreja Batista Histórico

Igreja Batista nasceu no ano de 1604, numa pequena comunidade inglesa, dissidente do anglicanismo. Esta comunidade participou ativamente do grande movimento de reforma radical da Igreja, cujos seguidores eram chamados de anabatistas rebatizados.

Esta primeira Igreja Batista, fundada pelo pastor anglicano, John Smyth, era conhecida também como "dos Batistas Gerais". Ele não se conformava com a organização (episcopado) e liturgia dos anglicanos. Por isso, Smyth, no período de fundação do movimento, sofreu pressões e ameaças, tendo que se exilar na Holanda com a sua comunidade. Em 1612, alguns batistas voltaram à Inglaterra e abriram a primeira igreja.

Quase duzentos anos depois, o batista William Carey iniciou o movimento missionário entre os cristãos reformados. Em 1810 sugeriu uma Conferência Missionária internacional interigrejas. Contudo não chegou a concretizar, até que em 1910 se realizou a Conferência Missionária Mundial em Edimburgo. Esta conferência é considerada o início do movimento ecumênico até hoje. A sede mundial da Aliança Batista situa-se em Washington, Estados Unidos.

Igreja Presbiteriana Histórico

Igreja Presbiteriana surgiu na Europa fundada no século XVI por João Knox, sob inspiração do sistema

doutrinário e eclesiástico de João Calvino. Nos primeiros anos os presbiterianos começaram a emigrar para as colônias norte americanas. Organizou-se em 1706 o seu primeiro presbitério na Filadélfia, Ministério - educação e evangelismo.

Principalmente os escoceses e irlandeses se arraigaram na Pensilvânia, Nova Jersey e Virgínia. Nesse tempo, Wilian Tenent e seus filhos conseguiram fundar a Universidade de Princeton, outros colégios e universidades. Então surgiu a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Ela deu ênfase à educação e cresceu assustadoramente no mundo inteiro. No Brasil desde o dia 12 de agosto de 1859, com a chegada do pastor Ashbel Green Simonton ao Rio de Janeiro, a Igreja Presbiteriana tem deixado as suas marcas profundas. Sobretudo nas áreas da educação, da cultura, das artes, da ciência e, acima de tudo, contribuindo para a transformação moral e espiritual do povo brasileiro, desde os tempos do Brasil Império.

Religião de Deus (LBV)

Histórico

A origem da religião de deus, o amor universal:

“Jesus ensinou aos seus discípulos que Deus é amor. Seu novo mandamento é o amor divino humanizado. Ora, ao nos trazer o mandamento dos mandamentos, o Cristo fundou a Religião do Amor de Deus (...)” - Paiva Netto

Este espírito de religiosidade foi sendo descortinado ao longo da história humano-espiritual do Planeta:

AS QUATRO REVELAÇÕES DA PALAVRA DE DEUS:

1ª- A de Deus, confiada por Jesus a Moisés, contida no Decálogo, exatamente como se encontra no Velho Testamento da Bíblia Sagrada;

2ª- A de Jesus, trazida pessoalmente por Ele, e que está nos Quatro Evangelhos – Mateus, Marcos, Lucas e João;

3ª- A dos Espíritos, cujos instrumentos pioneiros no século XIX, foram Kardec e Roustaing;

4ª- A de Deus, do Cristo e do Espírito Santo, que é a Revelação do Novo Mandamento ou do Amor Universal, incluindo o Apocalipse de Deus, dado a João por Jesus na Ilha de Patmos e agora integralmente revelado ao mundo pelo Espírito da Verdade (...)

AS QUATRO FASES EVOLUTIVAS DA RELIGIÃO DE DEUS:

1ª- LBV anti-sectária, campo neutro de todas as religiões e filosofias existentes na Terra;

2ª- Religião do Novo Mandamento de Jesus;

3ª- Religião do Amor Universal;

4ª- Religião de Deus, o Cristianismo do Cristo ou Cristianismo Total.

Desta forma, podemos compreender que a Religião de Deus, o Amor Universal, é o esforço de religação de todas as criaturas com o princípio Criador.

Igreja do Evangelho Quadrangular

Histórico

Igreja do Evangelho Quadrangular, também chamada de Cruzada Nacional de Evangelização foi fundada pela batista canadense, Aimée Semple McPherson.

Esta mulher tinha o dom da oratória. Nos primeiros tempos, pregando sua mensagem conseguiu alastrar a doutrina pelos Estados Unidos e outros 60 países, reunido um total de 22 mil adeptos. No verão de 1922, numa grande tenda em Oakland, Califórnia, manifestou-se o Espírito Santo de Deus com muito poder. A grande tenda que acomodava oito mil pessoas, estava superlotada, e mais uma grande multidão permanecia ao seu redor. Muitos tinham vindo de longe, e todos os corações estavam famintos da Palavra de Deus. Nesta noite, pregando sobre a visão do profeta Ezequiel (1,28), Aimée teve uma intuição: Os quatro animais representariam quatro títulos de Jesus Cristo. Sim, o homem significa o Salvador, o leão, o batizador, o vitelo, o médico, e a águia, o Rei que voltará. Aimée exclamou: "Este é um momento de alta inspiração.... É o Evangelho Quadrangular!"

No Brasil Aimée Semple McPherson e sua Igreja foram trazidas por Harold Willians e Raymond Boatright, em 1951. Ela foi atraindo muitas pessoas pela sua linguagem simples.

Começaram as pregações em São João da Boa Vista, São Paulo e mais tarde se estabeleceram na capital do Estado. Hoje, o número de membros da Igreja do Evangelho Quadrangular em todo o mundo passa de 3.331.561 participantes em 26.139 igrejas em 107 países. Até o final de 1999, havia 37.919 ministros e obreiros para realizar as obras assistenciais, dar auxílio econômico e ajudar pessoas a obter empregos, além do trabalho evangelístico.

RELIGIÕES E CRENÇAS

MAÇONARIA, ROSA CRUZ

Rosa Cruz
Histórico

Os Rosa-Cruzes tornaram-se conhecidos no século XVII, inicialmente na Alemanha, com o teólogo Johannes Valentin Andreas. Em 1610 surgiu o manuscrito de autor desconhecido Fama Fraternitatis Rosae Crucis Cinfessio Fraternitatis Rosae Crucis ad Euruditos Europae. E um novo manuscrito: Die Chymische Hochzeit Christian Rosenkreutz, também de autor desconhecido. Esses livros propunham a renovação da Igreja, do Estado e da sociedade, e um convite para que pessoas iluminadas entrassem para a fraternidade, com o ideal de salvar a Europa do atraso em que estava mergulhada na era medieval. Durante 120 anos a Fraternidade dos Rosa-Cruzes viveu no mais absoluto sigilo. Então, um novo escrito, o Fama Fraternitatis, foi bastante divulgado, conhecido e aceito pela população de vários países da Europa. Nesse tempo, Johannes Valentin Andreas decidiu declarar que os escritos "Rosa-Cruz" eram de sua autoria. Em 1632, em Paris, França, foi anunciado oficialmente um manifesto para a chegada dos rosa-crucianos. No início do século XX a doutrina passou por uma transformação, sob a direção de Max Heindel, incumbido pelo conselho superior da Ordem de torná-la mais aberta, mais atuante no novo século que se iniciava, com o objetivo de fazer deste um mundo melhor. Construiu-se uma sede mundial nos Estados Unidos, na Califórnia e, de lá para o mundo se irradia o conhecimento com cursos por correspondência, livros e treinamentos. Há dezenas de anos, Max Heindel escreveu O conceito Rosa-cruz do cosmos, obra máxima da Ordem na qual o conceito filosófico dos ensinamentos estão expostos com muita clareza.

Maçonaria
Histórico

Instituição que se apresenta como Caritativa, não é contra nenhuma religião e reconhece Deus como o Ser Supremo, o Arquiteto do Universo. Sua origem data de 1175, quando pedreiros ingleses, no intuito de guardarem em segredo a forma das construções góticas que tomava conta da Inglaterra, se organizaram sob a proteção de São João Batista. Eduardo VI terminou com a Fraternidade no ano de 1547, provocando a formação da Sociedade dos Pedreiros Livres. Abraçaram o Deísmo no século XVII e construíram o Templo da Humanidade em 1650. Em 1713 teve início a Moderna Maçonaria em Londres, que tinha como finalidade espalhar o Deísmo, os preceitos naturais e unir os homens sem distinção religiosa. Com a aceitação de ateus na sociedade pelo Grande Oriente da França, ocorreu o Grande Cisma dos maçônicos. Até então, segundo sua constituição, somente poderiam fazer parte da sociedade aqueles que acreditassem em Deus e na imortalidade da alma. Tal fato, gerou duas Maçonarias : a Regular, que é teísta e apolítica; e a Irregular, que admite ateus e é política. Possui lojas, templos, sessões, cerimônias, sinais de reconhecimento, insígnas e o maçom deve ajudar seus irmãos em qualquer ocasião. A escolha de seus membros é minuciosa, optando-se por membros que ocupam importantes cargos dentro da sociedade. No Brasil, a maçonaria foi trazida pelos portugueses e hoje já existem 600 lojas.

A MAÇONARIA

(Trechos extraídos do livro "As origens da Maçonaria" de Realino de Oliveira)

É uma instituição fraternal iniciática, composta por homens que congregam ideais construtivistas como a Fraternidade, a Igualdade e a Liberdade. Na Maçonaria exerce-se a caridade que é um dos seus princípios, seus ensinamentos são tradicionalmente transmitidos por meio de suas simbologias, alegorias e analogias. Sobre a sua origem, temos uma grande discussão. Alguns acreditam que a Maçonaria descende das Sociedades Iniciáticas do Antigo Egito, outros dos Antigos Construtores Medievais e tem alguns que reivindicam sua origem aos Cavaleiros Templários. A Maçonaria denominada simbólica, possui três graus de extrema importância que formam a base de seus ensinamentos. Os ensinamentos maçônicos são muito profundos, mas cabe ao verdadeiro maçom decifra-los e os que conseguem descobrem "grandes verdades".

RITOS MAÇÔNICOS

Denomina-se de rito maçônico um conjunto sistemático de cerimônias e ensinamentos maçônicos, esses variam de acordo com o período histórico, conotação, objetivo e temática dada pelo seu criador. Os ritos de hoje mais difundidos são: Os ritos de York, o rito Escocês Antigo e Aceito, o rito Francês ou Moderno.

No Brasil se exercem todos esses, mais se destacam também o rito Brasileiro e o Adonhiramita.

RITOS

Características:

ADONHIRAMITA - Criado pelo Barão de Tschoudy, ilustre escritor, em Paris, França no ano de 1766, de caráter místico e cerimonial, atualmente só em funcionamento no Brasil. Iniciou-se no Recife, em 1878. Ficou adormecido até que em 1976, por iniciativa de Lauro Sodré, grão-mestre, deu o caráter de regular, legítimo e legal para o rito. Este sofreu atualizações, para a sua forma atual.

ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO - Derivou-se do rito de Heredon, em primeiro de maio de 1786 foram fixados as regras e seus fundamentos, composto até hoje de 33 graus, atualmente é o rito mais difundido nos países latinos.

"As Brumas do Escocismo"

Texto extraído de Arthur Franco, "A idade das Luzes", Wodan, 1997, Porto Alegre, Brasil.

"Em 367 d.c., Irlandeses, Pictos e Saxões atacam por 3 frentes, de uma vez, as Ilhas Britânicas. As defesas da fronteira setentrional se deterioram. Elas são restauradas posteriormente por Theodósio. Com estas invasões os Scots começam a cristianização definitiva da Bretanha. Até então, os Pictos do Norte permaneciam praticamente intocados pela cultura romana, ou mesmo pela cultura céltica do sul. Apenas os gaélicos Scots, da Irlanda, conseguiram cristianizá-los. Vale a pena destacar um evento pouco citado pelos analistas entusiasmados e pelos estudiosos maçônicos. É que a origem desses mistérios ocidentais está ligada a esta região, onde fizeram-se os gaélicos cristianizados por Columbano, que ganhou o nome de seus conquistadores: a Scotland ou a terra dos Scots. Todas as lendas de Merlim procedem desta região, fronteira com o reino Picto (p.229).

As raízes da palavra Escocês a partir do inglês Scot, Scotch, tem profunda ligação com o pagamento dos obreiros entalhadores. (Schet = Egito) da madeira pelo seu trabalho, a partir da cultura céltica da Irlanda e do Norte da Grã Bretanha, co-irmã da civilização egípcia e com a qual tinha profundas ligações iniciáticas. De fato, a raiz mais antiga da palavra Scot está nas primeiras genealogias irlandesas e britânicas. As lendas contam que Heber Fionn, o 1º grande Monarca da Irlanda, morto em 1698 a.c., era a 22ª geração descendente de Niul (cujo nome originou a palavra Nilo) Niul, por sua vez, era trineto do bíblico Japhet e desposara uma princesa egípcia de nome Scota, daí se originando o termo Scots e seus descendentes. O trineto de Niul, por exemplo foi coroado rei da Scília com o nome de Heber Surt (ou Scot). O cristianismo funcionou como um elo de ligação entre as duas culturas. os druidas traduziram sua antiga tradição na nova mensagem cristã, mantendo acesa a chama do Conhecimento. Por isto, Jesus começou seu trabalho com a fuga de Maria e José ao Egito, tendo o epílogo de seu pré-liplo na Grã Bretanha, quando José de Arimatéia recolheu seu sangue no graal e levou-o até Glastonbury.

Inúmeras lendas contam que Jesus esteve com seu tio José na Inglaterra.

O ritual maçônico, até passar ao ritual atualmente conhecido como escocês, teve uma longa jornada que começou no período dos Duidas - os sacerdotes celtas, habitantes originais daquela região. Eles eram os depositários da Sabedoria Antiga, passando de boca e ouvidos pelos Iniciados de todo o mundo. Os escoceses - scots - irlandeses que colonizaram aquela região, celtas puros, foram responsáveis pelo sincretismo com a nova religião cristã.

Nos séculos XVII e XVIII, iniciados como o Conde de Saint Germain prepararam as bases para o Rito Escocês dos Maçons Antigos, Livres e Aceitos.

Segundo Jean Palou, dois fatos são certos: O Escocismo é uma forma de maçonaria regular, a forma mais antiga, sem dúvida, pois suas origens estão no ofício de pessoas que trabalham com a madeira antes de talhar a pedra. O Escocismo, no correr dos séculos, incorporou elementos iniciáticos de diferentes origens, que constituíram o sistema dos Graus Superiores. Estes últimos apareceram num determinado dia do século XVIII, porque essa exteriorização tinha-se tornado necessidade histórica e que nada tem a ver com a lenda stuardista nem com as influências jesuíticas.

Em 1717, quando foi fundada a primeira Grande Loja de Franco-Maçonaria em Londres, um grande Iniciado participou da ligação entre os antigos Mistérios Célticos e Cristãos no Ritual Escocês à esta época: O Cavaleiro Ramsay, que nesse mesmo ano tornou-se preceptor da Casa de Bouillon.

Os Bouillon eram descendentes dos antigos merovíngios, que por sua vez, continuaram a mais antiga tradição Céltica e Cristã com uma dinastia descendente do primeiro Rei Franco: Francus. Esse primeiro Rei Franco apareceu misteriosamente ao mesmo tempo em que a família de Jesus veio à França através de Marseilles. Godfroi de Bouillon, o conquistador de Jerusalém, era a 27ª geração após o primeiro Rei Cristão Clóvis; este, por sua vez, era a 26ª geração após Francus. Mas Clóvis era, também descendente da linhagem Real Britânica pela mãe de Clodomir IV, Rei dos Francos de 104 a 166 d.C.. A mãe de Clodomir IV, Athildis, era a 8ª geração após Anna, Rainha da Inglaterra e filha de José de Arimatéia, este, tio avô de Jesus.

As lendas de José de Arimatéia na Inglaterra, em Glastonbury, e a companhia de Jesus em suas constantes viagens a Mendip Hills à procura de Estanho para a região da Palestina, então, encontra-se

aqui uma preciosa ligação entre Jesus e seus descendentes do Graal, os Merovíngios, as tradições Célticas e Cristãs, os Bouillon e a origem do Rito Escocês. (vide site Rennes Le Château).

"Até hoje não se deu a devida atenção ao fato de Ramsay ter sido amigo do Príncipe de Bouillon e ao fato de que a primeira Cruzada foi exatamente dirigida por Godfroi de Bouillon, antepassado dos duques do qual Ramsay foi "o protegido" (Jean Palou, op.cit.,p72)

ESCOCÊS RETIFICADO (1782) - Esse rito consiste numa reformulação do REAA e o objetivo era retirar um conteúdo por alguns considerados desnecessários.

ESTRITA OBSERVÂNCIA - Criado em 1764 pelo barão Hund, com fundamento nas antigas "Ordens da Cavalaria". Era composto de 12 graus. Esse rito deu origem aos ritos da Alta Observância e o da Exata Observância.

RITO FRANCÊS OS MODERNO - A história desse rito se inicia em 1774, com a nomeação de uma comissão para se reduzir os graus, deixando apenas os simbólicos. No princípio houve uma forte oposição, então a comissão decidiu deixar 4 dos principais graus filosóficos; com o decorrer do tempo, algumas lojas adotaram o rito. Atualmente, é muito praticada na França e nos países que estiveram sob sua influência.

HEREDON OU PERFEIÇÃO - iniciado em Paris, em 1958.

YORK (ou Arco Real) - Acredita-se Ter sido criado por volta de 1743, foi levado à Inglaterra por volta de 1977, inicialmente foi composta de 4 graus, hoje possui 13, atualmente é o rito mais difundido no mundo.

MIZRAIM OU EGÍPCIO - Surgiu na Itália por volta de 1813, e em seguida foi levada à França por Marc, Michel e Joseph Bédarride. Mizr significa Egito em hebraico, e seus divulgadores afirmam ser derivado dos Antigos Mistérios Egípcios. Possuem 90 graus, divididos em 4 classes:

Mênphis ou Oriental - Foi introduzido em Marselha (França) pelos Maçons Marconis de Nègre e Mouret, no ano de 1838. Esse rito dirige seus ensinamentos como os de Mizraim para a tradição Egípcia, compõe-se de 92 graus divididos em 3 séries.

Mênphis-Mizraim - Rito criado com a reunião dos ritos de Mênphis e Mizraim em 1899 no Grande Oriente da França.

Mizraim-Mênphis - Rito criado com a reunião dos dois ritos, com conotação voltada ao Mizraim.

Adoção- Criado pelo grande Cagliostro (veja Alta Magia) na França em 1730, e reconhecido pelo Grande Oriente da França em 1774. Trata-se de um rito voltado para a temática egípcia e com participação de mulheres.

SCHRÖEDER - Criado por Frederik Luis Schröder, em 1766 na Alemanha, com a idéia de maçonaria. Conta apenas com suas características fundamentais iniciais, sem nenhum acréscimo, estudou muito as origens maçônicas para compor esse rito.

SWENDEBORG- Criado em 1721 pelo sueco Emmanuel Swendenborg, grande iluminista, teósofo, filósofo, psicólogo, físico e estudioso dos mistérios maçônicos, desenvolveu este rito em 8 graus, e deu origem aos ritos denominados iluministas.

A maçonaria é uma palavra francesa de origem latina, e o idioma francês originou-se entre os séculos VIII e XII.

Na história da Ordem, inclui-se razões bíblicas que levariam muitos a acreditarem que Jesus não morreu na cruz.

A MAÇONARIA EM SEU CARÁTER MORAL

(trechos extraídos de Eliphas Levi do livro "Ritual da Alta Magia)

ORIGENS MÁGICAS DA MAÇONARIA

A grande associação cabalística, conhecida na Europa sob o nome de Maçonaria, surge de repente no mundo, no momento em que o protesto contra a Igreja acaba de desmembrar a unidade Cristã. Os historiadores desta Ordem não sabem explicar-lhe a origem; mas dão-lhe por mãe uma associação de pedreiros formada no tempo da construção da catedral de Estrasburgo; outros dão-lhe Cromwell por fundador, sem entrarem em indagações se os ritos da Maçonaria inglesa do tempo de Cromwell não são organizados contra este chefe de anarquia puritana; há ignorantes que atribuem aos jesuítas, senão a fundação ao menos a continuação e a direção desta sociedade muito tempo secular e sempre misteriosa. À parte esta última opinião, que se refuta por si mesma, podem se conciliar todas as outras, dizendo que os irmãos maçons pediram aos construtores da catedral de Estrasburgo seu nome e os emblemas de sua arte, que eles se organizaram pela primeira vez publicamente na Inglaterra, a favor das instituições radicais e a despeito do despotismo de Cromwell. Pode-se ajuntar que eles tiveram os templários por modelos, os rosa-cruzes por pais e os joanitas por antepassados. Seu dogma é o de Zoroastro e de Hermes, sua regra é a iniciação progressiva, seu princípio é a igualdade regulada pela hierarquia e a fraternidade universal; são os continuadores da escola da Alexandria, herdeiros de todas

as iniciações antigas; são os depositários dos segredos do Apocalipse o do Zohar, o objeto de seu culto é a verdade representada pela luz; eles toleram todas as crenças e não professam senão uma só e mesma filosofia; eles não procuram senão a verdade; não ensinam senão a realidade e querem chamar progressivamente todas as inteligências à razão. O fim alegórico da maçonaria é a reconstrução do templo de Salomão; o fim real é a iniciação e as provas por graus.

REVOLUÇÃO FRANCESA E A MAÇONARIA

(trechos extraídos do lrm.: João Alves da Silva , Or.: De Maceió - Al)

Considera-se o 14 de julho de 1789 como a data da Revolução Francesa, porque foi nesse dia que o povo francês assaltou a célebre fortaleza da Bastilha, tomada após quatro horas de combate; cuja vitória fez o rei capitular completamente: Ironicamente, os cerca de 600 invasores da Bastilha foram encontrar encarcerados apenas sete presos: 2 loucos, 4 vigaristas e 1 lorde tarado.

Essa Bastilha começou a ser construída em 1369 e foi concluída em 1383. Seu construtor, Aubriot, foi o primeiro a ser nela encarcerado. Voltaire também foi preso ali em 1717, e lá concluiu sua primeira tragédia - Édipo - em 1718. Em 1726, voltou a ser encarcerado na Bastilha; liberto, seguiu para a Inglaterra retornando à França em 1729.

Luiz XVI (1754- 1793) era neto de Luiz XV (1715-1774) e tetraneto de Luiz XIV (1643-1715), o rei sol.. soberanos absolutos, donos de todo o poder, esses três homens governaram a França durante 150 anos. A Bastilha, que era símbolo do absolutismo, caiu em 14 de julho de 1789, mas Luiz XVI somente deixou de reinar em 22 de setembro de 1792, quando foi proclamada a República. Em 21 de janeiro de 1793, por decisão da Convenção Nacional que o condenou à guilhotina, num escrutínio em que 387 votaram a favor e 344 contra. Luiz XVI foi decapitado na Place de la Revolution, hoje Place de La Concordia..

A Revolução Francesa de 1789 foi feita então pela burguesia em virtude de gerar quase toda a renda da França e desejar reformas (administrativas, jurídicas, fiscais). Nenhum proeminente revolucionário era Maçon, embora quase todos Maçons fossem burgueses, já que lordes eram poucos. Da plebe não tinha ninguém. Não eram Maçons: Robespierre, Marat, Carmot, Danton, Condorcet, Jean Luiz David, Saint-Just, nem mesmo Antoine-François Marmoro, um dos principais editores de imprensa do período revolucionário e que, em 1791, cunhou a expressão LIBERTÉ, ÉGUALITÉ, FRATERNITÉ e a fez escrever nos edifícios públicos. Também não eram Maçons o libertino Mirabeau, preso várias vezes e eleito deputado do Terceiro Estado para os Estados Gerais e que também era grande orador e fundador dos primeiros jornais revolucionários.

Todavia era Maçon Orléans (Louis-Philippe Joseph), duque, príncipe de sangue, Grão-Mestre da Maçonaria que, eleito para a Constituinte e para a convenção, pertencente à bancada da Montanha e votou pela morte do rei, seu primo. Terminou preso e condenado por pertencer à família Bourbon; foi guilhotinado a 6 de novembro de 1793.

Pode-se querer alegar que a Revolução Francesa foi inspirada nos ideais de Voltaire, mas este iniciou-se na Maçonaria em 7 de abril de 1778, aos 84 anos de idade, e morreu a 30 de maio do mesmo ano, lamentando tê-la conhecido tão tarde e afirmando que os Maçons e os filósofos buscam o mesmo fim. Treze anos depois de sua morte, a Revolução Francesa trasladou sua esquiife para o Panteon, em homenagem àquele considerado "o libertador do pensamento humano", talvez por haver sido Voltaire o profeta de uma Revolução inevitável a qual não estaria presente como testemunha do seu vaticínio.. Para com a Revolução, Voltaire contribuiu apenas com o vocábulo que trouxe para a filosofia política. Entretanto, Maçons desavisados proclamam que a revolução Francesa foi feita pela Maçonaria, inspirada na sua divisa LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE, criada por um profano e adotada depois da Revolução.

O envolvimento da Maçonaria na Revolução Francesa, nasceu da imaginação do jesuíta francês Agostinho Barruel que, em 1797, publicou uma obra intitulada "Memória para servir à História do Jacobinismo". Tal obra foi publicada na Alemanha sob o título FEITOS NOTÁVEIS PARA SERVIR À HISTÓRIA DO JACOBINISMO E AS PROVAS DE UMA CONSPIRAÇÃO CONTRA TODAS AS RELIGIÕES E TODOS OS GOVERNOS DA EUROPA, QUE EXISTE NAS REUNIÕES SECRETAS DOS FRANCO-MAÇONS, DOS ILUMINADOS E DAS SOCIEDADES DE LEITURA.

Nela Barruel afirma: "Nesta Revolução Francesa, tudo, até nos seus crimes mais espantosos, tudo foi previsto, meditado, constituído, resolvido, estatuído; tudo tem tido o efeito da mais profunda perversidade

. pois que foi preparado, conduzido por homens que tinham, sozinhos, o fio das conspirações há muito tempo tramadas dentro das sociedades secretas".

Barruel atribuía a Diderot, d'Alembert, Voltaire e a outros Maçons, a inspiração da Revolução, incluiu entre os cúmplices d'Argenson, Choiseul, Malesherbes, Turgot, e sobretudo Necker. Em sua obra afirma: A conjuração visa, antes de tudo, destruir o Cristianismo".

MACONARIA

segunda parte

As sociedades secretas passaram por um momento decisivo após a Revolução Francesa pois, acusados de incitar a desordem, passou a ser perseguida por acusações, algumas extremamente injustas, de aliciar assassinatos.

Espanha e Portugal empenharam as mais cruéis perseguições contra as sociedades, agora mais que secretas, embora, os ilustres fidalgos e reis que participavam dessas confrarias, não tardaram a permitir suas reuniões.

Os Papas Pio VII, Leão XII, Pio VIII e Pio IX continuaram confirmando os anátemas de seus predecessores, e de uma forma mais violenta o fez em 1884 Leão XIII, definindo-a, em sua "Encíclica Humanum Genus", como "Opus Diabuli".

Todas estas acusações mostram uma falta de conhecimento da verdadeira natureza dessas sociedades.

Muito se escreveu e falou recentemente, através de inimigos de sociedades secretas e de sua orientação libertadora de consciências, sobre o domínio internacional que supostamente se pretende exercer, como fim principal de sua organização. Fala-se de uma obediência oculta da "Internacional Hebraica", que tem por fim derrubar todos os governos e que faz parte os "Protocolos dos Sábios de Sion", nos quais particularmentese afirma esta oculta conexão entre sociedades secretas e o judaísmo, e que encontraram eco em vários ambientes nacionalistas, especialmente na França e Alemanha. Com base nisso, algumas sociedades têm evitado judeus em suas frentes, o que é considerado uma espécie de racismo e preconceito, já que os judeus são uma minoria.

O QUE SE APRENDE

Os temas de estudo e as práticas espirituais são abordadas do ponto de vista do Ocultismo Tradicional e seguem o caminho deixado pelos expoentes da espiritualidade. São dirigidos àqueles que desejam um despertar das qualidades fundamentais do Espírito de Busca. A jornada espiritual é fundamentalmente individual na medida em que cada um é ao mesmo tempo o autor, diretor e intérprete da sua própria busca.

APRENDIZ - A liberdade é o ideal e a aspiração principal, cujos esforços se dirigem principalmente a libertar-se dos julgos das paixões, dos erros e vícios.

Seu símbolo é o prumo, executa esforço vertical às propensões negativas.

Deve também ter capacidade de demonstrar e colocar em prática a atividade construtiva. O malho, cinzel e esquadro são o simbolismo do primeiro grau. Busca a resposta: De onde viemos?

COMPANHEIRO - A igualdade é sua característica principal que aspira elevar-se interiormente até seu mais elevado ideal.

Seu simbolismo é o compasso, a alavanca e a régua. Busca a resposta: Quem somos?

RETROGRADAÇÃO

Muitos membros de quaisquer instituições, após ser preparado por anos e com zelo insuperável, passa por uma fase de retrogradação.

A maioria das instituições não aceitam isso e excluem membros de suas fileiras. Na verdade, é um fenômeno inerente da alma humana e os verdadeiros mestres têm que conhecer este passo, como uma redistribuição psíquica, ou seja, a necessidade de revisar o caminho percorrido, correspondendo de certa maneira à soma completa de toda nossa atividade e de nossos esforços (de todo nosso curriculum vitae) e que se impõem neste momento evolutivo, para poder passar adiante. Outro sentido não menos importante é o de retrogradação aparente que se cumpre inevitavelmente em vários aspectos da vida individual, como a primeira consquência da liberdade desacostumada, efeito do abandono de todas as regras e limitações. Há, muitas vezes, efetivamente, uma recaída de vícios, defeitos e erros que pareceriam serem definitivamente superados; sem dúvida, trata-se de fenômenos transitórios, pois chega um momento em que o movimento de retrocesso tem que deter-se, empenha-se então um novo progresso sobre uma base mais firme, mais sólida e segura, ingressando assim no campo da realidade, e cessando assim de ser escravo da aparência externa.

A lenda bíblica da queda do homem, associada com o uso indevido dessa força, procedente da misteriosa "Árvore da Vida", pode conduzir o homem, tanto à degeneração como a regeneração. Esta última é privilégio do Iniciado, que havendo dominado os sentidos, canaliza a força geradora para o objetivo supremo da Criação: o engendramento ou produção dentro do mesmo homem de um ser superior, o verdadeiro Mestre.

ORIGEM DAS SOCIEDADES SECRETAS

Desde os tempos mais remotos, uma parte das cultura ou de um certo tipo de cultura, era dirigida apenas a uma elite. O povo, sempre desprovido de tais acessos, só com pequenas exceções chegariam a ascender a algum conhecimento.

Devido a instabilidade dos países antigos, guerras, ataques de surpresa, escravidão em massa, as culturas eram ocultadas a fim de as preservarem dos inimigos.

As histórias bíblicas nos orientam de vários possuidores dessa cultura oculta, tendo com exemplo Moisés que, mestre em magia e ocultismo, não só demonstrou saber mais que os magos do Faraó, como o fez em toda sua vida.

Depositário de informações sumerianas, compilou o fantástico livro da Gênese, documento magnífico e antiquíssimo que remonta a saga de ocultistas como Noé, seus ascendentes e descendentes, em forma alegórica (princípio básico do ocultismo) e poética (característica dos mestres da magia).

Antes da Igreja Católica condenar quaisquer práticas que as suas próprias, como hereges, a magia gozava de altíssimo prestígio em todas as civilizações.

Os fenômenos mentais e/ou físicos sempre precederam a ciência e ambas eram irmanadas. Ser mago era, antes de tudo ser culto.

Exemplo para o prestígio do três Reis Magos que a Igreja não interferiu, além do próprio Moisés, que admiravelmente não foi retirado, embora que neste caso, o povo judeu os tinha no Torah.

Todas as narrativas da Bíblia foram passadas através de tradição oral, isto é, de boca em boca e, ficou preservada, haja vista a forma rigorosa dos hebreus que preservam até hoje, este tipo de virtude que, infelizmente não ocorre com outras raças e civilizações.

Caim e seus descendentes, Seth e seus descendentes, deixaram sua história, inclusive Noé, como os primeiros edificadores, mencionando a construção da "Arca de Noé", princípio da geometria Semita e regras chamadas ocultistas, conservando a perpetuação da arte anti-diluviana e a transmissão ampla a seus filhos.

É notório que os Egípcios, os Caldeus e os descendentes de Jafet que emigraram para as ilhas "Gentilis", eram todos hábeis na arte da Magia.

Finalmente fala-se na construção do Templo de Jerusalém por Salomão, sendo Hiram o Mestre de Obra (vide site "A Chave de Hiram").

Nabucodonosor, após ter destruído e saqueado esse mesmo Templo, construiu muralhas e edifícios na cidade, auxiliado por hábeis artífices da Judeia e de outros países que haviam sido levados cativos para a Babilônia. Cita-se os gregos, a Pitágoras, os romanos e os saxões, que com natural disposição para as artes ocultas, imitam os asiáticos.

Fazia-se mister que os ocultistas praticassem a religião oficial de seu País, por isso, lê-se na história de Templários, Maçons, estes serem católicos.

Considerando que o conhecimento, a sabedoria é supridora de todos os anseios humanos, praticar cultos locais não interfere no conhecimento da Sabedoria Universal, e evita dissensões, facilitando o acesso da cultura a ser implantada por todo mundo.

"A sabedoria é, antes de tudo, destinada a favorecer a toda a humanidade".

SOCIEDADES SECRETAS E ESOTERISMO

Esoterismo

Alquimia

Histórico

A alquimia do passado concentrava-se nos reinos vegetal e mineral e nas leis da física e da química. O alquimista tradicional possuía a capacidade de penetrar a substância e modificar a frequência da energia. A alquimia interior focaliza-se no estudo do Eu físico e não físico. O alquimista interior também tenta penetrar a manifestação e com o instrumento da fé faz o casamento alquímico com a divindade - a verdadeira fonte de toda a vida e poder tanto no macro como no microcosmos. O resultado prático da alquimia interior é que ela ensina a transformar energia destrutiva em construtiva, portanto ela se constitui em um dos elementos que trabalha para a melhora dos homens e do planeta. O uso dos instrumentos da palavra falada, da Chama Violeta, da visualização e outros, transforma o ódio em amor, a sexualidade em sensibilidade, o medo em criatividade e alegria. Pois a energia é elevada a um padrão de vibração superior e vai atingindo vibrações cada vez mais elevadas, até o ponto da transmutação. No seu objetivo de retornar à fonte o homem de hoje faz uso dos ensinamentos esotéricos desde Hermes Trimegisto a Saint Germain e usa as ferramentas básicas que o levam à felicidade.

Ele faz uso do:

Pensamento

EGITO ANTIGO

O Egito antigo contribuiu para o desenvolvimento esotérico, mais que os outros países, com o mistério das pirâmides, da esfinge, das antigas escolas de sacerdotes, rigidamente organizadas e reservadas apenas aos escolhidos que tão bem guardaram seus segredos jamais revelados ao mundo. Eram as escolas de iniciação. Iniciação não é conhecimento, é o resultado dele, pois é a ampliação da consciência e do estado de ser. É o encontro do místico com o que ele tanto buscou. Muitos se preparam para a iniciação, mas ela é para uns poucos que trabalharam árduo, além do mais, não depende da própria pessoa, mas de uma instância mais elevada ou transcendental, fora de seu âmbito de influência, que irá julgar seu grau de amadurecimento pessoal e seu desenvolvimento. São ainda hoje raras e secretas as escolas de iniciação. As escola-tempos egípcias funcionavam nas pirâmides, elas davam naturalmente formação doutrinária e ajuda pessoal de um mestre ao seu discípulo. Não havia retrocesso possível na iniciação. O candidato entrava, percorria o caminho da iniciação sem nenhum conhecimento do que o esperava, apenas suposições. Há indícios muito prováveis de que as pirâmides (3000 a.C.) foram construídas para serem a sede das escolas iniciáticas. Na verdade jamais foram utilizadas como túmulos, nem dos próprios faraós que as construíram. Dois renomados sábios apareceram nesse período do terceiro milênio antes de Cristo: Imhotep e Hardjedef.

CELTAS

Por volta da metade do segundo milênio A.E.C., as tribos de pastores e caçadores nômades - os chamados indo-europeus - que habitavam uma área ao redor do Mar Cáspio, no sul do que hoje é a Rússia, começaram a se disseminar para o leste e o oeste.

O avanço na região ocidental os levou a atravessar a Planície Européia, passando pelos Balcãs, para a Grécia e a Itália, alcançando o Mediterrâneo e a Ásia Menor. Caminharam também para o norte, para a Escandinávia, cujo clima era tão temperado, na época, que era possível plantar uvas nas terras onde hoje se encontra a Noruega. Nos lugares em que se estabeleceram, ao se misturar com as populações já existentes, os indo-europeus formaram as raízes raciais e linguísticas da maior parte das nações da Europa - inclusive os gregos e os romanos.

Mas foi apenas por volta do décimo século A.E.C. que um povo reconhecidamente celta começou a surgir, em uma área centralizada, mais ou menos onde hoje se encontra a Boêmia. Num período entre o oitavo e o sexto séculos A.E.C., esse povo deu início a novas migrações, que levaram seus integrantes ao norte da Itália, à Espanha e a partes da Escandinávia, assim como à França, à Bélgica e, mais tarde, às Ilhas Britânicas.

Suas constantes migrações e a permanência temporária nas terras da Boêmia, o "ninho da Europa", haviam colocado esse povo em contato com muitas outras culturas, dentre as quais os Citas foram os que maior influência sobre eles. Deles, os celtas herdaram (e aperfeiçoaram) a arte de domesticar cavalos (uma prova disto é que quase todas as palavras em latim que têm a ver com cavalos são de origem celta).

Os Citas influenciaram ainda a forma de vestir-se dos celtas (muito estranha para os hábitos romanos, da época, mas, de certa forma, adequada à nossa própria cultura), com calças compridas para cavalgar, túnicas de linho que alcançavam até os joelhos e capas, que vestiam por cima de toda a roupa. As mulheres usavam saias no dia-a-dia, mas também usavam calças, quando achavam conveniente.

Herdaram ainda dos Citas o hábito de deixar crescer enormes bigodes (que eles mesmos, bem-humorados, diziam servir para filtrar a cerveja que consumiam, pois, na época, a cerveja parecia mais uma sopa consistente que um líquido claro, como hoje). A vaidade e o cuidado no vestir-se também fazia dos celtas um povo "bárbaro" sem precedentes.

Tamanha era a importância que davam a isto que, na mitologia celta, várias lendas dedicam parágrafos inteiros às descrições das personagens, quer fossem homens ou mulheres. Vestimenta, compleição da pele, configuração do corpo, dentes, forma da face, etc, tudo recebia atenção detalhada. A boa aparência das mulheres era atribuída àquelas que eram "largas em cima e estreitas embaixo", sendo esta forma largamente reproduzida nas esculturas celtas.

Os homens celtas usavam um extrato de limão nos cabelos (sempre compridos), que não apenas os tingia, mas os deixava esticados para trás, em mechas. Este hábito exclusivamente celta é muito antigo, sendo anterior ao desenvolvimento da tintura de henna, desenvolvida pelos egípcios. As roupas e os cabelos dos celtas já faziam com que tivessem uma aparência fora do comum ao mundo greco-romano. Mas em muitas narrativas, eles nos são apresentados como um povo excepcionalmente alto. A palavra "gigante" é usada com frequência nas lendas sobre invasores da Escandinávia (provavelmente

referindo-se às invasões celtas neste território). As histórias de batalhas contra inimigos de estatura elevada foram passadas de geração para geração, acabando por serem assimiladas como lendárias batalhas dos heróis escandinavos contra verdadeiros gigantes.

Outra associação dos celtas com gigantes é encontrada em Diodoro, da Sicília, que viveu por volta de 40 A.C.E. Ele atribuiu a fundação da "Celtiberia", a região céltica da Espanha, hoje chamada Galícia, ao casamento entre Hércules (que Pitágoras caracterizava como um gigante) com uma princesa local. Notável e, em muitas narrativas, estarrecedor, era o hábito celta de permitir o comparecimento de lanceiros nus, pintados de azul, às batalhas. Prática tão contrária ao instinto de autopreservação, deixava os inimigos apavorados, diante da falta de medo da morte, demonstrada não só pelos guerreiros nus, como por todos os combatentes celtas.

Estrabão refere-se aos guerreiros celtas, que voltavam das batalhas trazendo, penduradas em suas selas, as cabeças cortadas daqueles que haviam caído sob seu ataque. Esses "troféus" também eram encontrados decorando as fachadas das casas e o mesmo autor menciona exemplos de cabeças embalsamadas em óleo de cedro, sendo exibidas aos convidados. De um modo geral, o ambiente em que viviam os celtas era de florestas, entre as quais podiam-se ver residências agrícolas isoladas, em geral, cercadas por muralhas de pedra ou madeira, pequenas fortalezas semelhantes às propriedades rurais encontradas ainda hoje nas ilhas do Canal. Os maiores centros populacionais da Gália, da Bretanha ou da Irlanda devem ter sido vistas pelos forasteiros como pouco mais que meras aldeias. Na obra "Comentários da Guerra Galesa", César descreve as aldeias que havia sobre as colinas, cercadas por muralhas defensivas, que ele chamava de "oppida", e fala das dificuldades que teriam de ser enfrentadas por um atacante que tentasse vencer a formidável estrutura defensiva de altos paredões e trincheiras. Os restos encontrados pelos arqueólogos em locais como Mont Beaurray, na região de Burgundy, comprovam o que ele escreveu.

Por trás desses gigantescos escudos, as casas, feitas de pedras, de formato geralmente circular, com telhados de barro bastante inclinados, eram montadas em volta de uma espécie de praça redonda, que servia para lugar de diversão (sediando festas e jogos), bem como para reuniões e assembleias. Quanto às casas em si, como não se usava cimento ou massa de argila, os encaixes eram perfeitos e, nos pontos em que havia movimento das peças, como no caso dos batentes das portas, eles construíam juntas por meio de um sistema de pinos de madeira que encaixavam em furos feitos nas pedras das paredes, à semelhança da técnica dos etruscos.

A decoração interna das casas era de grande valor para os celtas e variava de acordo com a riqueza de cada proprietário. Era comum o revestimento das paredes com metal (cobre e/ou prata, geralmente) com adornos em alto-relevo em prata e/ou ouro, quase sempre em belos trabalhos estilizados de animais, cujos olhos eram invariavelmente representados por pedras preciosas das mais variadas.

A economia celta era baseada na agricultura e na criação de animais domésticos. Outra grande fonte de lucro era a vasta exportação de metais (em forma de lingotes ou de produtos de arte já acabados) e do sal. Tudo isto permitia aos celtas uma vida próspera e voltada para o luxo. Entre os produtos preferencialmente importados, estavam os mais finos vinhos da região do Mediterrâneo.

A riqueza também lhe permitia desfrutar do gosto pelos adornos pessoais (valorizados igualmente por ambos os sexos), importando metais e pedras preciosas. Suas capas de lã eram fechadas por um alfinete ou por um broche, quase sempre feito de ouro ou prata, formando desenhos artísticos (no caso dos pobres, um simples espinho bastava).

Eles não dependiam dos estrangeiros para produzir quaisquer destes artigos. Eles próprios haviam desenvolvido as técnicas necessárias para esmaltar e banhar metais e seus próprios artistas eram dotados de uma brilhante originalidade criativa. Foi uma descoberta feita em La Tène, numa parte pouco profunda do lago Neuchâtel, na Suíça, em 1858, que fez os arqueólogos perceberem que os celtas não eram os bárbaros e ignorantes que todos pensavam.

O tesouro era composto de espadas, fivelas, lanças e ferramentas, todas dando testemunho da enorme capacidade artística e da confiança no manuseio dos metais. Diversas outras descobertas, apesar de menos dramáticas, foram feitas em leitos de rios, no fundo de inúmeros lagos, poços e túneis de todas as partes do mundo celta. Peças semelhantes àquelas encontradas em La Tène ainda eram provavelmente produzidas na Irlanda por volta do terceiro ou quarto séculos D.E.C.

Os desenhos, em padrões de anéis intercalados, que passaram a ser vistos como típicos dos celtas, tiveram como origem direta as formas da própria natureza, já que nenhum povo foi mais observador das coisas naturais. E mesmo as obras mais simples refletem não apenas os contornos, mas a própria essência do mundo vivo, suas formas, movimentos e ritmos. Apesar de letrados, os celtas usavam a leitura apenas na contabilidade ou para inscrições como aquelas feitas em moedas.

A razão para isto estava no fato de que os seus conceitos sobre a história, as leis e os conhecimentos práticos, eram considerados sagrados. Portanto, acreditavam que a exposição desses conceitos em forma escrita poderia levar à sua desvalorização e sacrilégio.

O efeito prático disto foi a não existência de uma literatura celta, apesar de haver entre eles uma brilhante e vigorosa história oral, cujos encarregados eram os bardos, membros de uma casta conhecida como "aes dana", a "nobreza da arte". Embora a vida nos domínios pagãos dos celtas fosse caracterizada, como muitos autores sugerem, pelo amor às festas, às brigas e à fornicção, esta sociedade demonstra hábitos, comportamentos, sensibilidade e insights psicológicos capazes de fascinar os observadores forasteiros que lhes foram contemporâneos.

Ammianus Marcellinus (historiador romano que viveu no quarto século AEC) notou positivamente que "... em nenhuma parte de seus territórios, pode-se ver mulher ou homem, por mais pobres que fossem, sujos ou a vestir trapos. Igual cuidado é aplicado à limpeza das casas, utensílios domésticos e objetos de uso diário." As boas maneiras, cortesia e, em particular, a hospitalidade, eram marcantes na vida social dos celtas e se estendiam aos estrangeiros, cujas necessidades imediatas de alimentos, bebida e hospedagem eram satisfeitas antes de qualquer pergunta ser feita a respeito de sua presença e intenções.

Mesmo as grandes festas às quais eles se haviam acostumado, estavam longe de ser orgias de gulodice animalesca. Os convidados sentavam-se sobre o capim ou peles, estendidas ao lado de uma mesa baixa, sendo sua posição escolhida segundo uma etiqueta de precedência, na qual os visitantes sempre desfrutavam de um lugar importante. Entre os alimentos servidos, incluíam-se a carne assada de vaca, carneiro e, especialmente de porco; a "parte dos campeões" era representada por um javali assado inteiro. A carne era servida com pão e todos tomavam cerveja e outras bebidas fermentadas em casa, além de vinho importado.

Em ocasiões assim, é claro que todos bebiam em excesso. Mas os abusos deste tipo eram exceções em uma sociedade guerreira como a deles, porque, como os homens gordos eram péssimos guerreiros, a obesidade era passível de punição. Por consenso geral entre os autores clássicos, os celtas eram um povo bastante supersticioso.

Considerando que a superstição não era algo de que os gregos ou romanos estivessem livres de todo, a conduta dos celtas, em sua vida ordinária, era tal que mostrava uma preocupação além do normal com o sobrenatural. Assim, constata-se que, mesmo as menores tarefas do dia-a-dia, como cozinhar, cuidar da lavoura, banhar-se, etc, envolviam alguma prática devocional.

Considerados um povo destemido e indomável, os celtas pareciam nada temer. De fato e paradoxalmente, as únicas coisas que podiam fazer um celta tremer de medo são as possibilidades de que a terra se abrisse e os engolisse, de que o mar subisse além dos seus limites e os inundasse e de que o céu caísse sobre suas cabeças.

Isto demonstra a crença dos 3 reinos sagrados (Terra, Mar e Céu), que constituíam a base e o equilíbrio que fornecia e permitia a vida; mostra também a noção dos "cataclismas", presentes em quase todas as lendas primitivas, que acompanharam o princípio dos tempos.

A base social celta era o Fine (clã), e a Tuath (tribo) em si era um agrupamento de diversos clãs, sob o comando de um chefe ou rei, denominado rig. Uma confederação de tribos formava os territórios Celtas. Embora etnicamente relacionadas, estas tribos não eram capazes de formar um grupo coeso e, menos ainda, uma nação. Em algum ponto de sua história, as tribos Celtas dividiram-se em dois grandes grupos, os Galeses e os Bretões, fornecendo-nos os nomes Gaélico e Britânico. Estes grupos distinguíam-se, entre outras coisas, pela linguagem.

Os Galeses permaneceram com a pronúncia tradicional e, na linguagem dos Bretões, o C e o Q foram substituídos por P ou B (então, por exemplo, o prefixo "Mac" -filho de- da língua galesa, passou a ser "ap" ou "map", na língua Bretã). Outra diferença entre estes grupos é a tradição da linhagem dos fine. A fundação de um clã Galês baseava-se em um ancestral comum, daí o prefixo "Mac" ("filho de...").

Isto tornava possível uma linhagem potencialmente infinita, com gerações sucessivas que adotam o mesmo nome após o prefixo. A fine Bretã, ao contrário, limitava-se a quatro gerações apenas, do pai até o tetraneto. A partir daí, havia uma separação, com uma compulsória divisão de tudo o que era comum, e os indivíduos separados começavam suas próprias fine, até a quarta geração. O chefe da fine exercia um cargo semelhante ao do chefe tribal, o rig. Apesar de tratar-se de um cargo, até certo ponto, hereditário, já que o chefe era sempre escolhido a partir de uma única fine real, não havia uma sucessão automática de pai para filho.

Quando um rig morria, a escolha do sucessor era assunto para deliberação em uma assembléia tribal, na qual todas as fine se faziam representar e as mediações, orientadas por estritas regras de discussão, eram feitas por druidas. A escolha dos chefes não era o único assunto que provocava as assembléias tribais. Algumas aconteciam na praça central das aldeias, mas as mais importantes, como aquelas realizadas durante os festivais religiosos, aconteciam nas proximidades dos cemitérios mais importantes.

Na maioria das sociedades tribais, o vínculo entre os vivos e os parentes mortos tinha importância suprema e os celtas não eram exceção. Em todos os eventos importantes, o rig era limitado em suas

ações e decisões por uma série de regras. Supõe-se que esta prática objetivasse evitar a instalação do despotismo.

Por exemplo, o *rig* era submetido a um juiz especial, o *brithem rig*, que arbitrava os casos em que as prerrogativas reais estivessem envolvidas. Fora do âmbito puramente tradicional e costumeiro, havia um código legal bastante estrito e complexo que era, em grande parte, administrado pelos druidas e transmitido de maneira verbal.

Este costume sobreviveu até hoje, de modo parcial. Uma classe de juristas itinerantes, os *brehons*, existiu na Irlanda até os tempos elisabetanos, quando foram dizimados. Na Ilha de Man, a não escrita "Lei do Peito", derivada das decisões de sucessivos *Deemsters* (juizes locais), é vista ainda hoje como tão válida como a lei escrita, que só passou a existir em 1423.

Os crimes eram punidos de várias formas, dependendo dos legisladores que os julgavam, com um consenso relativo. Havia uma série de crimes passíveis de condenação à morte. Eram chamados "Os 7 derramamentos de sangue", que constituíam em situações específicas de assassinato intencional (dentre elas o assassinato de uma amante do marido, pela esposa; o assassinato da esposa, pelo marido; assassinato de membro do próprio *fine*, fora de questões de honra; e outros perdidos nas névoas do tempo).

Todos que faziam parte da sociedade celta não apenas conheciam, mas exerciam seus direitos e liberdades. De fato, foi por causa disto que as regiões celtas se mostraram tão resistentes ao feudalismo, tendo conseguido, em muitos casos, evitá-lo por completo.

O casamento existia em aproximadamente 10 formas, embora nem todas sejam conhecidas. Havia o casamento, com juramentos de união eterna; o casamento com juramento válido por 1 ano e 1 dia (geralmente feito no *Beltaine*), com a opção de renovação dos votos; o casamento forçado; a sedução; a "união aceita pelo convite do outro", etc. A poligamia e o concubinato eram permitidos, embora não fossem preferenciais, mas eram também submetidos a regras rígidas, visando proteger os parceiros fixos das relações.

Tanto homens quanto mulheres desfrutavam da liberdade destas escolhas. A mulher desfrutava de regalias e liberdades incomuns, para as sociedades contemporâneas. Por lei, as mulheres podiam ter propriedades, mesmo sendo casadas; podiam escolher seus maridos; podiam se divorciar e tinham direito a compensações elevadas se fossem abandonadas ou molestadas.

As mulheres também desempenhavam um papel muito importante na vida prática. Elas podiam tomar lugar nas linhas de batalha e até subir para ocupar cargos de chefia (política ou bélica). A descendência era matrilinear, hábito que sobrevive até hoje no país de Gales e na Irlanda. Por exemplo, o rei *Conchobhar* é chamado "*Conchobar MacNessa*" conforme a nome da mãe. Isto também orienta as denominações dos *fine*. Todos os indivíduos livres (os celtas também possuíam escravos, embora seu número e efeito econômico fossem desprezíveis) eram "cotados" por um "Preço-de-Honra". Esta "cotação" era um misto das posses econômicas do indivíduo (medidas, como na maioria das sociedades primitivas, em cabeças-de-gado) e da nobreza de seus atos, bem como de sua linhagem. O Preço-de-Honra fornecia a base para o cálculo de compensações por perdas, mas também era empregado na prática celta de "Afianças", pela qual um indivíduo presta garantias de que outro cumprirá suas obrigações (sociais, econômicas ou de honra). No caso da pessoa garantida não cumprir com seus deveres o "fiador" teria seu Preço-de-Honra reduzido. Outros costumes caracteristicamente celtas incluíam o "Apadrinhamento" (*fostering*) e o Agravado.

O apadrinhamento consistia na adoção de uma criança por outra família, que se encarregava de sua criação e educação até a puberdade. Este hábito é amplamente demonstrado nos mitos celtas e sobreviveu até tarde, na era cristã, nas lendas Arturianas (Arthur foi apadrinhado e Kai era seu irmão adotivo). O Agravado (estritamente agravo contra alguém) era usado como forma de assegurar compensação de qualquer um que tenha falhado em cumprir uma incumbência ou contra quem o indivíduo tivesse queixas. Ignorar qualquer agravo feito resultaria na diminuição do Preço-de-Honra do indivíduo que o fizer.

Apesar de sua natureza essencialmente hierárquica, a sociedade celta não tem a estrutura piramidal da lealdade intervencional, encontrada nas sociedades feudais (onde cada uma das classes vivia na dependência da outra, colocada acima dela). No caso dos celtas, a união social dava-se por meio do costume de *celsine*, ou clientelismo.

A essência do costume estava no fato de que o indivíduo, uma *fine* ou uma *tuath* colocavam-se sob a proteção de outro (indivíduo, *fine* ou *tuath*), fazendo em troca um pagamento em espécie ou mesmo prestando serviço armado, caso lhes fosse exigido. Não havia qualquer risco de sacrifício dos direitos ou das liberdades e o *cele* (cliente) tinha toda a liberdade de retirar-se do acordo quando bem entendesse. Geralmente, esses acordos eram feitos depois que algum desastre natural (como a perda de uma colheita) atingia uma tribo, ou quando irrompia algum conflito entre clãs ou tribos.

Os celtas e os romanos: Por volta de 387 A.E.C., os romanos, imprudentemente, deixaram-se envolver em uma guerra entre os celtas e os etruscos, acabando por se transformar no objetivo de uma expedição punitiva. Os atacantes, avançando para o sul pela península itálica, conseguiram chegar até Roma e saquearam a Cidade Eterna, matando os poucos que não fugiram. Este incidente originou 3 legendários fatos. Um foi a salvação da Colina do Capitólio pelos gritos dos gansos sagrados, que avisaram da aproximação dos invasores, salvando o Templo de Júpiter da profanação. Apenas os refugiados do Capitólio salvaram-se desta investida.

O segundo foi a célebre frase do comandante celta. Conforme o resgate em ouro (exigido pelos conquistadores para sua retirada de Roma), um dignatário romano reclamou que a balança usada para pesar o ouro era viciada, favorecendo os celtas. O comandante das tropas, então, atirou sua espada sobre o prato dela, fazendo aumentar ainda mais o lastro e gritou: "Vae, victis!" ("Pior para os vencidos!"). O terceiro é a identidade do próprio comandante das tropas celtas. Pelos escritos históricos da época, ele foi identificado como "Brennus". Adiante na história, cerca de cento e dez anos depois deste ataque contra Roma, outra força expedicionária celta tentou marcha contra Delfos.

O oráculo foi consultado às pressas e declarou que o local seria "salvo pelas virgens brancas". Ainda assim, todos os tesouros das várias cidades-estados próximas à Delfos foram levados a locais mais seguros. O significado da profecia fica claro apenas quando a vitória celta é quase iminente. A neve começa a cair, prematura e profusamente, revelando a identidade das "virgens brancas". Diante desta virada de sorte, os comandantes celtas foram obrigados a matar seus próprios soldados feridos, para fugir rapidamente. O intrigante do episódio é notado quando, ao tentar estabelecer uma identidade do comandante de seus atacantes, os gregos foram informados de que os celtas foram liderados por um homem chamado "Brennus".

Os historiadores, ao notar a coincidência dos nomes dos comandantes das duas expedições, chegaram a duas conclusões (nenhuma comprovada): ou havia apenas um clã guerreiro envolvido nos ataques, ou que Brennus era o equivalente celta do nosso Silva. A verdade é que Brennus é o nome de um Deus celta também chamado de Brân ou Brân Vendigeit - Brân, o Abençoado. Portanto, o que temos aqui é uma expedição militar sob um padroeiro divino. Esse costume da personificação divina em batalhas importantes serviria para manter a coesão entre os guerreiros, provenientes de vários clãs e com rivalidades variadas entre si.

Em 225 A.E.C., Roma foi ameaçada uma vez mais, sendo necessários três exércitos para por fim ao massacre na batalha de Telamon, tendo um desses exércitos sido aniquilado, antes que os celtas sucumbissem. A conquista parcial dos territórios celtas só foi concretizada por volta de 71 A.E.C., quando a Brigantia foi anexada aos territórios romanos. A zona ocupada, entretanto, terminava na Muralha de Adriano, construída para evitar novos avanços, vindos dos territórios não conquistados (o que incluía a Irlanda e partes da Escócia e das Highlands). Sob a égide de Roma, a religião celta foi proibida e os druidas foram caçados e chacinados, nos quatrocentos anos em que durou a ocupação dos romanos. Com isso, as práticas foram forçadas a sobreviver em segredo, forçando-nos a herdar fragmentos do que foi uma prática sem igual.

'Fas est et ab hoste doceri'

'Neque irasci, neque admirari, sed intelligere'

Qabalah

A gnose dos hebreus sempre foi objeto de curiosidade, ultrapassando a filosofia, no que concerne às suas revelações secretas. O objetivo aqui, é dar um esboço de tal doutrina, visto ser complicado até mesmo para os adeptos explicá-la detalhadamente. Essa dificuldade se deve muito em função dos textos, em hebraico e aramaico, extremamente complexos escapando muitas vezes a compreensão. Bom, que é a Qabalah? Literalmente o termo significa "tradição". Historicamente, é outra coisa. Diz-se que Moisés "recebeu a Tora do Monte Sinai" nas "Pirquê Abat". Trata-se da Lei oral que foi transmitida a um grupo de homens: de Moisés a Josué, de Josué aos profetas e dos profetas aos velhos sábios. Na realidade, essa doutrina mística, centrada no contato com Deus, é apenas a transmissão de todo um mundo de conhecimentos profundos a poucas pessoas de alto valor.

Outra distinção é seu caráter masculino, ou seja, a presença feminina é excluída do meio qabalístico. Já no Templo de Jerusalém somente os homens, os "coanim", presididos pelo sumo sacerdote, o "coen gadol", se dedicavam às práticas religiosas. É verdade que os hebreus tem profetisas: Débora, Hilda e algumas filhas de místicos modernos, como Haiia, profundas conhecedoras do Zóar.

Nos rituais da Qabalah, só o sumo sacerdote tem o direito de pronunciar o nome de Deus. Existem vários nomes de Deus dentro da Qabalah, e todos eles são extremamente sagrados sendo que alguns jamais são pronunciados. Para se chegar a Qabalah dos dias de hoje, ouve uma série de transformações e mudanças, podendo ser distinguidas através dos vários tipos de Qabalah existentes. A Qabalah prática e a Qabalah especulativa são duas delas, que veremos mais a frente.

O "Séfer Ietsira"

Essa obra fundamental em seis curtos capítulos foi escrita em hebraico, num estilo muito conciso e obscuro, na Palestina ou Síria, entre os séculos III e IV. Sofreu influência da gnose pagã e cristã. É a primeira obra que revela, sob o aspecto místico, uma concepção filosófica dos elementos construtivos do mundo, sem considerar o elemento étnico-religioso. Seu autor é desconhecido. A criação ou formação do mundo está subordinada aos 10 números elementares, primeiros, chamados Sefirot, e as 22 letras do alfabeto hebraico que representam forças inatingíveis, submetidas a combinações que variam através de toda a criação.

As Sefirot não são etapas: "seu fim está no começo e seu começo está no fim". Através delas é que Deus criou tudo. Em resumo, as 10 Sefirot e as 22 letras constituem as 32 sendas místicas da sabedoria com as quais Deus criou o mundo. As 22 letras estão agrupadas assim: 3 letras mães - alef, mem, chin; 7 signos duplos e 12 signos simples. As 3 mães correspondem aos 3 elementos superiores caracterizados pelos sons: o ar, elemento central de onde jorra para o alto o fogo, elemento do mundo celeste e para baixo o elemento do mundo material.

Os 7 signos duplos correspondem aos 7 planetas, e os 12 signos simples aos 12 signos do Zodíaco. Essa divisão cosmológica aplica-se ao tempo, ao ano, ao espaço, isto é, ao macrocosmo (olam) e ao organismo humano, o microcosmo (nefeque). Como já dito, o Séfer Ietsira tem um alcance filosófico, mas também se presta à magia e à teurgia, cujo papel está bem determinado na mística da "Mercabá". Dá mesmo a entender que nas combinações das letras - empregadas no Talmud e mais amplamente nos símbolos ulteriores da Qabalah - se acha a constituição do mundo. Essa combinação das letras aplicada aos elementos, concebida sob um outro aspecto, desempenha papel importante na doutrina.

A Qabalah prática, a profética e a especulativa

A época dos gaonim na Babilônia, que sucedeu ao Talmud, tende ao mesmo tempo para o pietismo contemplativo através do ascetismo, do jejum, da abstinência, das mortificações, para a ascensão ao espaço celestial. Esse estado místico de aspecto quase decadente, vai desabrochar na Alemanha sob o aspecto de magia prática. Os judeus estavam estabelecidos na Alemanha há séculos, particularmente às margens do Reno e na Francônia. Esse impulso deve-se sem dúvida, as perseguições feitas e marcas deixadas pelas Cruzadas no espírito dos hebreus. Nos escritos de Eleazar de Worms encontram-se tratados relativos ao poder mágico e a eficácia dos nomes misteriosos de Deus.

Ai se encontram as masi antigas receitas para se criar o "golem", mediante uma mistura de letras e práticas mágicas. A criação do golem era considerada uma experiência sublime, e só muito mais tarde é que toda uma lenda foi criada sobre o tal homunculus. Os qabalistas espanhóis seguiriam outro caminho, bem mais filosófico (a Qabalah especulativa), em oposição à Qabalah prática, que caracterizava precedentemente a Escola Alemã. Nesse tempo, aparece uma figura muito importante: Abraão ben Samuel Abulafia, nascido em Saragoça, em 1240, com influências de Maimônides e da Escola Alemã. Esse místico visionário, que se baseia na revelação divina, vê na filosofia e na Qabalah etapas preparatórias da Qabalah profética. Essa profecia só se pode realizar através do estudo dos nomes de Deus. Abulafia recomendava o desapego, pelo exercício, de todos os objetos naturais para se viver na pura contemplação do nome Divino.

O espírito, assim preparado, transformaria-se gradualmente, podendo passar então à etapa da visão profética, onde os mistérios inefáveis do Nome divino e toda a glória de seu reino lhe seriam revelados. A tendência da Qabalah especulativa, de alto alcance filosófico, marca no pensamento judaico uma etapa considerável - coisa que não acontece com a outra tendência, que se limita a ação e a magia. Na alta antiguidade, José e Moisés distinguiram-se por certas práticas que tocam as raias da magia, porém são práticas subordinadas à ação divina, tendo sido realizadas em função de salvar o povo de Israel da fome, da escravidão e da miséria.

O Zóar

Quase toda a doutrina da Qabalah se encontra no Zóar, onde os místicos judeus vêem a obra canônica por excelência. No Zóar as meditações, que se prendem em alegorias místicas, as vezes confusas, tem uma profundidade oculta e encerram idéias penetrantes, sendo dotados de significações surpreendentes. Tais escrituras foram impressas pela primeira vez em 1558, em Cremona, e quase ao mesmo tempo em Mântua. Numerosas edições apareceram em Berlim, Amsterdã, Constantinopla e Varsóvia. Sua autoria é motivo de grandes discussões e controvérsia. A doutrina do Zóar não se apresenta de maneira uniforme, as vezes sendo um emaranhado de pensamentos representados por uma multiplicidade de símbolos difíceis de aprender. A doutrina apresenta um interesse particular para o conhecimento de Deus oculto, En-Sof (O Infinito), as suas relações com o universo e o homem por intermédio das Sefirot. Do ponto de vista metafísico, a doutrina abraça a totalidade.

As Sefirot

Para os qabalistas a atividade do En-Sof se manifesta nos dez atributos fundamentais de Deus, ou as dez Sefirot, que em seu vaivém, transmitem a vida divina. Elas não se situam entre o Um absoluto e o mundo dos sentidos; segundo a doutrina elas são exteriores ao Um.

As Sefirot tomam lugar em Deus e permitem ao homem percebê-lo. Sua potência divina, considerada como um organismo místico, permite aos qabalistas servirem-se da forma antropomórfica para esclarecerem os símbolos da Tora, onde a atividade divina está velada.

No Zóar seus nomes variam, segundo o aspecto pelo qual os consideramos. As duas imagens que os designam são o homem e a árvore. Essas Sefirot, incorporadas sob vários nomes ao Zóar, estão dispostas em 3 grupos de 3, que foram mais tarde conhecidos pelos seguintes nomes: 1º grupo de 3, olam ha muscal (mundo da inteligência); 2º grupo de 3, olam ha murgaque (mundo do sentimento); e 3º grupo de 3, olam ha mutba'a (mundo da natureza), o que perfaz um total de 9 Sefirot. A décima Sefira, Malcut (reino), encerra o conteúdo das qualidades de todas as Sefirot ou dos seres superiores para transmiti-las ao homem. As Sefirot revelam na mística judaica uma concepção própria e original, se se considerarem as combinações dinâmicas em que se iluminam mutuamente na subida e na descida. Além do mais, o lugar de cada uma delas na hierarquia não é tão rigoroso. Elas representam, em suas flutuações, o processo real da vida divina.

Algumas considerações

Os rosa-cruzes e os franco-maçons utilizam em suas doutrinas as idéias da Qabalah, servindo-se dos termos hebraicos. A interpretação da Qabalah assim adaptada não é fiel, talvez nem mesmo adequada. A Qabalah cristã, inspirada na Qabalah hebraica, apresenta no entanto, uma tendência que a distingue de todas as outras: seu eixo é o Cristo. A Qabalah é uma doutrina cheia de mistérios, simbolismos e de difícil assimilação. Porém, se mantém firme nos seus principais objetivos: o entendimento, aproximação e adoração de um único Deus. Quem admite vários deuses só pode ser objeto de repulsa aos olhos de um hebreu místico, educado desde a infância no amor do Deus Único.

HINDUÍSMO, TAOÍSMO, CONFUCIONISMO, BUDISMO

Hinduísmo

Histórico

O hinduísmo nasceu entre os anos 1500 e 1200 antes da Era Comum (AEC) na Índia.

Não se tem notícia de um fundador para esta religião, pois há muito mais tempo da sua fundação os hindus alimentam suas crenças baseadas no ciclo da vida, a lei do karma.

Há uma grande variedade de religiões, seitas e filosofias de vida, com muitos deuses, deusas, líderes e pensadores. Dentro dessa diversidade, no entanto, existe muita unidade no hinduísmo, pois entre os deuses três se destacam: Brahma, o criador – Shiva, o destruidor e Vishnu, o protetor.

E todos os deuses e toda criação fazem parte de um ser universal absoluto, o Deus dos hindus, o adorado Brahman (não confundir com Brahma da trilogia Brahma, Vishnu e Shiva).

Atualmente cerca de 745 milhões de hindus se espalham pelo mundo. A maioria vive na Índia, Indonésia, Paquistão, Birmânia, Ceilão, Malásia, África do Sul, Estados Unidos e em outros países através das organizações derivadas. No Brasil, há milhares de seguidores de religiões, seitas e filosofias hinduístas.

Taoísmo

Histórico

Taoísmo é uma Religião ancestral, que não apresenta nome de nenhum fundador. Inúmeras comunidades taoístas existiam desde tempos imemoriais na região onde atualmente se situa a China. A comunidade taoísta organizada da forma como existe hoje se originou com Huan Ti (o Imperador Amarelo) no ano de 2897 antes da era comum (AEC), ano em que Huan Ti fundou o Império e determinou o ano zero do Calendário Chinês, ainda em vigor. Em nossa civilização o taoísmo pode ser dividido em três períodos:

- anterior ao Imperador Amarelo (até 2897 antes da era comum);
- entre o Imperador Amarelo e Lao Tse (2897 a 1000 antes da era comum);
- após Lao Tse (após 1000 antes da era comum), sendo Lao Tse o iniciador da atual linhagem de Escolas Taoístas.

Todas as Ordens Taoístas são comandadas pela Ordem Ortodoxa –Unitária, fundada por Chan Tao Lin, Mestre Celestial (entre 33 e 156 da era comum.). A sede atual da Ordem fica no monte Log Hu (na Província Chiang Shi na China Continental).

O termo taoísmo é formado por dois ideogramas chineses: Tao que significa caminho, exprimindo a idéia de origem de todas as coisas; e Diao, que significa ensinamento. Portanto, Taoísmo corresponde à tradição que vem do passado, que revela a origem. Por isso o Caminho da Imortalidade. O objetivo

dos taoístas é denominado “Via do Retorno”, indicando a volta ao princípio. Nesse caminho, a virtude se efetiva através da mediação de consciência e da compreensão dinâmica do Universo para resgatar a ordem natural da vida. No taoísmo, a filosofia, a ciência, a religião e a cultura sempre caminham juntas. Segundo os ensinamentos dos grandes mestres, todos esses elementos devem estar presentes dentro de uma única percepção. Os Taoístas se concentram na China, Coréia, Mandchúria, Taiwan e Hong Kong. Atualmente somam aproximadamente 180 milhões de pessoas. No Brasil, a Sociedade Taoísta, com sede no Rio de Janeiro é presidida pelo Mestre Wu Jyh Cherng e realiza encontros semanais às terças feiras, buscando difundir este conhecimento em todo o território nacional.

Confucionismo
Histórico

“Transportai um punhado de terra todos os dias e fareis uma montanha” Confúcio

Fundado na China, no século VI A.C., por K’ong-Fou-Tzeu, também conhecido como Confúcio. Atualmente o número de membros atinge aproximadamente 400 milhões.

Fundamentação Doutrinária

Livros Sagrados

Os Cinco Clássicos (História, Poesia, Ritos, Mutações (I Ching), Anais da Primavera e Outono) – Considerado o Cânon do Confucionismo. Antigo livro chinês, usado até 1911 na formação de funcionários civis. Provavelmente Confúcio foi seu editor.

Quatro Livros (Analectos, Mêncio, O Grande Aprendizado, Doutrina do Significado) – Dentro da educação na China, deveria ser memorizado antes de ler “Os Cinco Clássicos”.

Ensinamentos

A formação familiar é o grande ideal confucionista, alcançado pelo respeito e o compromisso mútuo entre pais e filhos. Cada indivíduo deve respeitar para ser respeitado.

Cinco Relacionamentos – Para Confúcio a base para uma sociedade harmoniosa está nestes cinco relacionamentos: Pai - Filho / Marido – Esposa / Irmão mais velho - irmão mais novo / Imperador - Ministro / Amigo – Amigo.

Budismo
_Histórico

“Quando um homem tem algo a fazer, deixe-o fazer com toda a sua força.”

Buda - Cânon Pali

A religião budista surgiu na Índia, no ano 630 aec (antes da era comum), fundada por Sidarta Gautama, o primeiro Buda.

O Cânon Páli, principal texto dos budistas Theravada somente foi escrito em 80 aec.

Ainda nos primeiros séculos da era comum, a doutrina budista chegou à China e começou a se desenvolver o Budismo Mahayana, surgindo as primeiras imagens de Buda. Por volta de 372, o Budismo difundiu-se na Coréia, e mais tarde, em 642, começou a se desenvolver no Tibete. No Japão o Zen- budismo foi introduzido no ano 1191.

Em 1642, o principal líder budista do Tibete, o quinto Dalai Lama, tornou-se seu principal líder político. No ano seguinte construiu o palácio de Potala, em Lhasa.

A Grã-Bretanha teve sua primeira sociedade budista em 1907, seguida pela França e pela Alemanha. Nos Estados Unidos essa sociedade surgiu em 1930.

Durante o ano de 1967, o Budismo se fortaleceu ainda mais no Ocidente com o movimento Amigos da Ordem Budista Ocidental, fundado pelo monge inglês Sangharakshita.

Em 8 de novembro de 1997 foi criada no templo de Hsu Yun em Honolulu, Havaí, Estados Unidos, uma nova ordem de sacerdotes Zen, que tinha como objetivo disseminar os ensinamentos e a poesia do mestre Hsu Yun. O mestre Jy Din Shakya, herdeiro do Dharma do Mestre Hsu Yun, realizou a cerimônia de formação da ordem.

Atualmente existem cerca de 400 milhões de budistas no mundo. Em alguns países, esse número corresponde a maior parte de sua população. Na Tailândia, cerca de 92% dos 55 milhões de pessoas são budistas. Dos 124 milhões de habitantes do Japão, 33% são budistas. No Brasil, o número de budistas chega a 300 mil pessoas, quase 3% da população.

No Nepal, Tibete, Índia, Sri Lanka, Malásia, Mongólia, Camboja, Indonésia e Estados Unidos, a população budista estimada é de 1 a 10 milhões; enquanto na França e no Reino Unido o número

estimado é de 100 mil a 1 milhão. Canadá, Alemanha, Itália e Austrália apresentam uma população budista de 5 mil a 100 mil, aproximadamente.

FLORAL, ANJOS, NUMEROLOGIA, ASTROLOGIA

Misticismo

Terapia Floral

Histórico

Terapia Floral é um antiqüíssimo processo de cura, usando a energia vital das flores das plantas. Esse processo esteve perdido até os anos 30 do século XX quando o médico inglês, Dr. Edward Bach, resgatou o conhecimento. Até os anos 70 só havia os florais criados pelo Dr. Bach. Mas, como que obedecendo a uma orquestração invisível, nessa década, no mundo todo, começaram as pesquisas e as criações de novos sistemas que são, nos dias de hoje, incontáveis.

No plano em que vivemos as flores são a “essência” da planta e contêm o mais alto potencial de energia vital. Elas coroam a experiência do crescimento das plantas e contêm todas as propriedades etéricas da força da vida da planta. As Essências florais têm nos nossos dias, um papel curativo e educativo. Seu uso leva as pessoas a tomarem consciência dos aspectos sutis de seus seres. Elas reforçam a dinâmica psico-espiritual dos seres e essas pessoas, por sua vez, podem penetrar mais fundo nos aspectos mais profundos de sua cura. Por esse tipo de impacto elas podem ser consideradas como “tinturas líquidas de consciência” com uma sensível contribuição à ampliação da consciência humana.

Anjos

Histórico

Através dos tempos, na história da humanidade em todas as culturas e em todos lugares da terra, tem-se falado e escrito sobre essas criaturas que pertencem a um reino misterioso de outras dimensões, paralelas ao reino humano e não percebidas pelos nossos cinco sentidos, e por isso é impossível sua comprovação através da ciência. Entretanto, os livros sagrados das três principais religiões do Oriente e do Ocidente, o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, referem-se aos anjos no céu e na terra. E assim, para as pessoas religiosas, as referências na Bíblia, no Corão e em tantos escritos sagrados é prova suficiente da sua existência.

Numerologia

Histórico

A numerologia é o estudo do valor metafísico dos números. Ela surgiu antes do alfabeto, foi ensinada nos templos do Egito e da Ásia. Tão antiga quanto a astrologia essa ciência sagrada dos números nos fornece elementos para avaliarmos o caráter e o destino de uma pessoa através do estudo numerológico de seu nome. O primeiro grande numerólogo e matemático da história foi o místico Pitágoras, que estudou nas mais avançadas escolas iniciáticas de sua época: Egito, Palestina, Persia e Índia. Regressou à Grécia, após adquirir conhecimentos ocultos de todos os povos antigos e estabeleceu-se como professor e orientador dos jovens fundando a sua sociedade de estudantes, conhecida como Assembléia Central de Eruditos da Europa. Os estudantes das escolas pitagóricas eram classificados de acordo com seu grau de adiantamento em: Exotérici, Genuini, Mathematici e finalmente os adiantados, os Esoterici. O ensinamento era ministrado de acordo com o grau do discípulo. O conhecimento secreto não podia ser escrito. Daí a razão pela qual tão pouco chegou até nós sobre esses ensinamentos. Sabe-se que a instrução era formulada em duas grandes divisões: a ciência dos números e a teoria da magnitude. Foi na Cabala hebraica que a numerologia buscou a maior parte de seus ensinamentos, pois o alfabeto hebraico é que nos transmite o simbolismo do Egito antigo. Os antigos rabinos desenvolveram uma ciência de conceitos numéricos, a Cabala (Q.B.L.H - a doutrina recebida). A Cabala Grega é derivada da Cabala hebraica, pois os gregos não usaram suas letras como números simbolizando concepções mentais. Ela inclui a Cosmogonia, a Teologia e a Guematria ou Numerologia. Na numerologia, as letras hebraicas foram associadas a planetas, aos signos do zodíaco e aos números. E assim criou-se uma associação da qual resultou um mundo de relações com as quais as pessoas com conhecimento, podem fazer previsões sobre caráter, personalidade, acontecimentos futuros e a boa ou má sorte de uma pessoa.

Astrologia Histórico

A observação do céu, das constelações - que são as figuras formadas pelas estrelas fixas - e o movimento dos planetas entre elas, foram a base de todos os estudos científicos nos templos do antigo Egito, Caldéia, China e Índia. Os planetas são as estrelas errantes que, caprichosas, avançam por entre as estrelas fixas no sentido do Sol e da Lua e depois param, recuam e param novamente antes de retomarem a sua marcha. Esse estudo ocupou a atenção dos iniciados e formou a base de profundos e precisos ensinamentos. Tanto assim que o caminho do Sol através dos signos do zodíaco deu origem às histórias mitológicas como Os Doze Trabalhos de Hércules e A Conquista do Tosão de Ouro. E ainda mais, a escrita antiga cuneiforme dos caldeus, a antiga escrita chinesa e os hieróglifos egípcios tinham a forma de algumas constelações. Portanto a astrologia é anterior à alquimia, à magia, entre outras. Ela é a chave para os mitos dos livros sagrados, um dos caminhos da espiritualidade.

TEOSOFIA, ESPIRITISMO, UMBANDA

Teosofia

Esoterismo Histórico

Sociedade Teosófica, presente hoje em aproximadamente 60 países, foi fundada em Nova Iorque, EUA, aos 17 de novembro de 1875, por um pequeno grupo de pessoas, entre as quais se destacavam a russa Helena Petrovna Blavatsky e o norte-americano, coronel Henry Steel Olcott, seu primeiro presidente. Em 1878 Olcott e Helena Blavatsky partiram para a Índia. No dia 3 de abril de 1905 foi estabelecida legalmente a sede internacional da Sociedade Teosófica no bairro de Adyar, na cidade de Chennai (antiga Madras), estado de Tamil Nadu, no sul da Índia, onde permanece até hoje. Teosofia significa conhecimento de Deus, sabedoria divina. Expressão usada para a teosofia de Helena Blavatsky e depois, pelos seus seguidores. Entretanto, é o mesmo conceito antigo das escolas espiritualistas, que buscam estabelecer um contato direto com o divino, através da iluminação e do conhecimento. A Teosofia é uma filosofia, uma religião e uma ciência. Como filosofia explica o plano de evolução das almas, como religião oferece o método para acelerarmos conscientemente a evolução e atingirmos mais rapidamente a meta. E como ciência, trata essas questões cientificamente, com conhecimento através do estudo, da investigação e da experiência pessoal, e não pela crença teológica. Presente em países como Índia, Estado Unidos, Austrália, Itália, Inglaterra, Holanda, no Brasil a Sociedade Teosófica possui bases em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Campo Grande.

Espiritismo Histórico

"O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações. O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos espíritos, e das suas relações com o mundo corporal." Allan Kardec

Fundada na França no mês de abril de 1856, pelo bacharel em letras e ciências, e professor universitário, Hippolyte Denizard Rivail, o Allan Kardec, a religião Espírita prefere se identificar também como ciência de observação embasada numa doutrina filosófica. Vários outros nomes de cientistas importantes marcam presença na história do Espiritismo. Franz Anton Mesmer, médico alemão, assustou a Europa com seus prodígios na prática do espiritismo e do hipnotismo. Swedemborg, contemporâneo de Mesmer, era um filósofo místico e dizia ter recebido poder de Deus para explicar as Escrituras e comunicar-se com o outro mundo. Porém, foram as americanas Magie e Katie Fox, que deram início definitivo ao moderno Espiritismo. O espírito de Charles Rosna, assassinado aos 30 anos começou a se comunicar com essas irmãs. O fato teve uma divulgação tão grande que atraiu pessoas de muitos lugares. No Brasil, a primeira seção espírita registrada foi realizada no dia 17 de setembro 1865, em Salvador, Bahia, sob a direção de Luís Olímpio Teles de Menezes, que fundou nesse mesmo ano o primeiro centro espírita com o nome de Grupo Familiar do Espiritismo. No Rio de Janeiro, surgiu no dia 2 de agosto com o nome de Sociedade de Estudos Espíritos do Grupo Confúcio. Dois anos

depois, esses núcleos espíritas lançaram uma revista traduzida de várias obras fundamentais de Allan Kardec. Em 1883 foi fundada a revista Reformador que se tornou o órgão oficial da Federação Espírita Brasileira. Desde então se multiplicaram os grupos e centros espíritas sendo fundada a federação de âmbito estadual. Atualmente, o Espiritismo Kardecista conta com cerca de 6,9 milhões de adeptos e existem perto de 55 mil centros espalhados por todo território nacional. O Brasil é hoje o líder mundial do Espiritismo, mantendo uma sede no Rio de Janeiro.

Umbanda & Candomblé

Histórico

Vários cultos até hoje praticados no Brasil começaram na África, muito antes do período da escravidão, onde basicamente predominavam três religiões: cristianismo, islamismo e religiões tribais ou primais. Na realidade, os cultos afro-brasileiros vêm da prática religiosa das tribos. Por isso, cada uma tem a sua forma peculiar de chamar o nome de Deus, promover seus cultos, estruturar sua organização, celebrar seus rituais, contar sua história e expressar as suas concepções através dos símbolos. Os cultos afros inicialmente eram ritos de preservação cultural dos grupos étnicos. No Brasil eles associam-se à vinda de escravos negros trazidos de lugares como Nigéria, Benin e Togo. E também estão profundamente ligados à preservação da cultura, da arte e da religião dos negros.

Em diferentes momentos da história, aos poucos, as religiões afro-brasileiras foram se formando nas mais diversas regiões e estados. É justamente por isso que elas adotam diferentes formas e rituais, diferentes versões de cultos. O Candomblé é uma religião musical e culturalmente rica, pois sua dança tem papel muito importante nos rituais. O Candomblé é o culto afro que mais preserva as origens africanas em sua integridade, procurando evitar o sincretismo religioso.

Judaísmo

Histórico

A religião judaica iniciou-se com a idéia do Deus Único, no primeiro livro da Bíblia, o Gênesis. Por volta de 1800 a.C., Abraão deixou a cidade de Ur – atual sul do Iraque e partiu com sua esposa em busca da bênção de Deus: terras e descendentes. Tempos depois, os filhos dos filhos de Abraão, os israelitas, foram escravizados no Egito. E sofreram muito fazendo trabalhos forçados na fabricação de tijolos do faraó. Aproximadamente no ano 1200 a.c., liderados por Moisés, se libertaram da escravidão no Egito e, depois de peregrinar 40 anos no deserto, conquistaram Canaã, a Terra Prometida. Foi nesta passagem pelo deserto que Moisés recebeu as duas tábuas da Lei, colocadas na Arca da Aliança. A Arca da Aliança acompanhou os judeus durante toda a travessia do deserto, como sinal “da presença do Deus Único, Vivo e Verdadeiro”, fiel a seu povo e merecedor de toda a fidelidade. No ano 1000 a.c., a monarquia foi introduzida em Israel pelo rei Saul e atingiu seu ponto mais alto durante os reinados de Davi, que fortaleceu a tradição judaica, e de Salomão, que construiu o primeiro Templo de Jerusalém e nele guardou a Arca da Aliança. Cerca de 750 a.c., as lideranças no país sofreram decadência religiosa, moral e política. Isso provocou a reação dos profetas, que atacavam a opressão social, valorizando a justiça e os ideais éticos. O reino foi dividido em dois: Norte (Israel) e Sul (Judá) sendo Jerusalém a capital de ambos. O reino do norte foi destruído pelos assírios em 722 a.c., e tal destruição enfraqueceu o poder político e religioso daquela região. Pouco depois, em 587 a.c., os babilônios invadiram o reino do sul e destruíram o Templo de Jerusalém. A maior parte da população foi deportada para o exílio na Babilônia, e somente em 539 a.c., puderam retornar à sua terra. Passaram a ser conhecidos como judeus (palavra derivada de Judá e Judéia). Mais tarde, em 516 a.c., o Templo de Javé foi reerquido e ampliado pelo rei Herodes. Porém, uma revolta contra os romanos, em 70 d.c., resultou novamente na destruição do Templo. O Judaísmo passou a ser centrado nas sinagogas e os judeus se dispersaram pelo Mediterrâneo. Nos séculos XII e XIII, o judaísmo teve grande penetração na Espanha. No entanto, durante o século XIV, os judeus foram exilados da Inglaterra e da França e em seguida, no ano de 1492, foram perseguidos e expulsos também da Espanha. A Noruega instituiu uma lei em 1687 que negava aos judeus a permissão de entrar no país sem uma autorização. Somente no ano 1851, esta cláusula foi anulada. A maior perseguição aos judeus ocorreu entre 1933 a 1945, na Alemanha nazista, onde 6 milhões de judeus foram exterminados. Após a Segunda Guerra Mundial, no ano 1948, foi proclamado o Estado de Israel. Atualmente o número de judeus no mundo é de 14 milhões. Desse total, quase a metade vive nos Estados Unidos. Em Israel, há 5 milhões de judeus.

Islamismo

Histórico

**“Alá é grande. Eu testemunho que não há nenhum Deus senão Alá.
Eu testemunho que Maomé é o Profeta. Vem para a oração, vem para o triunfo.
Alá é grande. Não há nenhum Deus senão Alá.”
Prece Adhan**

A religião islâmica foi fundada em 610 EC (era comum) pelo profeta Maomé. O termo islamismo deriva da palavra “Islã” (que significa submissão), e seus seguidores são chamados de muçulmanos (aqueles que se submetem a Deus).

O calendário muçulmano iniciou-se no ano 622 da era comum, quando o profeta Maomé partiu para a cidade de Medina. No ano 749 EC, Bagdá se tornou a capital do islamismo. Os muçulmanos conquistaram a Espanha em 749, e a religião islâmica começou a se espalhar pela África, Ásia, Balcãs e sudeste da Europa a partir do ano 800.

Quando Maomé morreu, surgiram os califas, que passaram a liderar os muçulmanos por um grande período até o ano de 1942, quando ocorreu a queda do Império Otomano.

No período entre 998-1030 EC, o noroeste da Índia foi conquistado por Mahmud de Ghazna. O Sudeste Asiático sofreu a influência do Islamismo durante o período de 1588 a 1629, principalmente na Indonésia e Sumatra. Em 1757, com o término da Batalha de Palssey, na Índia, o controle muçulmano diminuiu naquela região, devido à vitória britânica.

A religião islâmica continuava sua expansão. Shehu Usman Dan Fodio, levou o Islamismo até a África ocidental durante o ano 1804. Foi estabelecido um estado muçulmano no Sudão, no período de 1885 a 1898, por Mahdi. Em 1947, o Paquistão foi criado pelos muçulmanos da Índia. No século XX, em busca de emprego e novas oportunidades, muitos muçulmanos emigraram para a Europa. Esta emigração resultou numa grande expansão da religião islâmica nas décadas de 80 e 90, se tornando a religião que mais se expandiu no Ocidente durante esse período. A maioria dos muçulmanos encontra-se no Oriente Médio, África e Ásia. Constitui 95% da população nos países como Afeganistão, Argélia, Bahrein, Egito, Guiné, Indonésia, Irã, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbia, Ilhas Maldiva, Mauritânia, Marrocos, Omã, Paquistão, Catar, Arábia Saudita, Senegal, Somália, Tunísia, Turquia, Emirados Árabes Unidos e Iêmen. No Cazaquistão, Tanzânia, Malásia e Moçambique, a população islâmica é de 50% a 75%. Na Índia, Rússia, Tailândia, Zâmbia, Gana, Quênia, Madagáscar, Suriname, o percentual está entre 10% e 50%. Com grande concentração na África e na Ásia, o islamismo é praticado por uma sétima parte da população mundial, se confirmando como a segunda maior religião do planeta.

No Brasil há um milhão de muçulmanos espalhados por todo o território nacional. As maiores comunidades se encontram nas cidades de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Curitiba, Rio Grande do Sul e Foz do Iguaçu. Em todo o país existem mais de uma centena de mesquitas e salas de oração. Só em São Paulo, capital, se encontram 5 mesquitas, incluindo a primeira edificada na América Latina, a mesquita Brasil, que começou a ser construída em 1929.

JORNAL "OS MISSIONÁRIOS

PERIÓDICO DA SOCIEDADE "OS MISSIONÁRIOS

**"QUERIDOS COMPANHEIROS DE JORNADA
PENSEI SER DE UTILIDADE ESCLARECER SOBRE O ISLAMISMO, VISTO QUE A IGNORÂNCIA É
A PRINCIPAL ARMA DE GUERRA."**

Quem são os árabes?

Árabes são originalmente os habitantes da península arábica. Maomé (570-632)

era um homem árabe que morava em Meca (ainda hoje a cidade mais importante da Arábia Saudita). Ele disse ter recebido uma revelação sobre a qual fundou

uma religião. Ao morrer, Maomé tinha conquistado por adesão ou pela força toda a região da Arábia Saudita atual. Os árabes que tinham se convertido à sua religião conquistaram militarmente uma série de regiões vizinhas. Suas populações se misturaram com o conquistador e adotaram língua e cultura árabes. Por isso, são chamados países árabes.

Arábia, Iêmen, Omã, Emirados Árabes Unidos (Abu-Dabi, Dhubai), Kwait, Qatar, Bahrein, Jordânia, Iraque, Síria, Líbano, Egito e todos os países do norte da África (Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos), mais dois países da África negra, Sudão (onde os árabes estão apenas no norte) e Somália, são países árabes. Essa definição mistura um conceito étnico original com outro lingüístico-cultural, mais amplo e tardio.

É mais ou menos como aconteceu com os latinos: o povo latino original era apenas aquele que morava em torno de Roma e constituiu os chamados romanos, que acabaram construindo um Império Romano e conquistando a maior parte do mundo que eles conheciam em sua época. Mas quando eles conquistaram outras regiões e se misturaram com suas populações, étnica e culturalmente, estas também passaram a ser chamadas de latinas (como o resto da Itália, a Espanha, a França, Portugal, a Romênia) e mais recentemente também as colônias destes, que adotaram sua língua (toda a América Latina, que no entanto, tem forte influência indígena).

Um exemplo disso: os árabes do Iêmen são diferentes dos egípcios, pois são compostos da mistura dos árabes do século 7 depois de Cristo (época da conquista) com os habitantes tradicionais da região. Mas todos os países árabes falam árabe, com variações de sotaque e dialeto entre os países mas diferenças que não impedem dois árabes cultos de países tão longínquos quanto Iraque e Marrocos de conversarem em árabe culto.

Parte dessa permanência da língua se deve ao fato de a religião muçulmana ser até hoje obrigatoriamente ensinada e praticada em árabe antigo (o mesmo que aconteceu com as línguas latinas até a Idade Média, quando os habitantes

dos diferentes países ainda falavam entre si em latim). Mas nem todos os árabes são muçulmanos. Pode-se dizer que hoje em dia o islamismo é maioria no conjunto dos países árabes, mas em nem todos eles é a força hegemônica: no Líbano, até a década de 1970, os cristãos eram maioria (deixaram de ser, por causa do crescimento dos muçulmanos); na Síria, até hoje, a Igreja Ortodoxa Síria tem uma presença marcante no universo religioso. Os cristãos que fundaram o Líbano moderno são árabes (como são árabes de religião cristã boa parte dos imigrantes sírios ou libaneses que vieram para o Brasil no começo do século 20, gente como os Maluf, Cury, Mafuz, Yunes entre muitos outros).

O que é o Islã?

É uma religião que professa a fé em Deus, chamado em árabe Alá (que é o mesmo Deus dos judeus e dos cristãos), e em Maomé, seu único profeta. Em árabe, islam é a fé ou temor à vontade do Senhor, o que inclui a crença em Deus (chamado Alá) como único deus e Maomé como seu profeta.

Quem são os islâmicos?

A palavra Islã é usada como nome da religião criada por Maomé e como a totalidade do povo que acredita na religião. Ou seja, corresponde ao mesmo tempo aos termos Judaísmo ou Cristianismo (nomes de religiões) e povo judeu ou cristandade (genérico para os adeptos das religiões). Quem segue o Islã é islamita, islâmico, maometano ou muçulmano (em árabe, muslim, o mesmo que em inglês). Nem todo islamita é árabe e nem todo árabe é islamita. A religião muçulmana não está organizada em torno de um líder único, como o Papa dos católicos, o que dá muitas características específicas, locais, regionais

ou
nacionais aos movimentos religiosos.

Quem são os muçulmanos?

Todos os que têm a fé ou temor na vontade de Deus (Alá). Em árabe se diz muslim (como no inglês). Em turco a palavra virou mussulman (se você falar em voz alta verá que é quase só uma diferença de pronúncia). Foi do turco que a palavra chegou ao português atual, muçulmano. Em árabe quer dizer a pessoa que teme o Senhor ou sua vontade. Nem todo muçulmano é árabe e nem todo árabe é muçulmano.

Quem é Alá?

É a palavra árabe para Deus, o Deus único que é o mesmo Deus dos judeus e o Pai de Cristo para os cristãos.

Quem é Muhammad?

É o nome em árabe do profeta Maomé (570-632). Muhammad nasceu na cidade de Meca, filho de um mercador pobre que morreu logo depois de seu nascimento. Sua mãe morreu quando ele tinha seis anos. O garoto foi criado por um tio e trabalhou como pastor de seu rebanho até os 25 anos, quando ele se juntou à caravana de uma senhora rica, chamada Kadidja, bem mais velha do que ele. Aos 40 anos, Maomé teve uma visão em que o Anjo Gabriel lhe dizia para ensinar a verdadeira religião a seu povo. O Deus de Maomé é o mesmo Deus único dos judeus e dos cristãos, mas ele entendia que essas duas religiões se afastaram da fé verdadeira. Depois de alguns anos em que ele ensinava discretamente sua religião, ele provocou a desconfiança dos poderosos governantes de Meca, que o expulsaram da cidade. Isso ocorreu no ano 622, episódio que se tornou conhecido como Hégira (a Fuga), que passou a contar como o ano 1 do calendário muçulmano (que é um calendário lunar como o dos judeus).

Maomé se abrigou em Medina, onde conquistou mais seguidores e logo se tornou o governador da cidade. Ele começou a atacar Meca e, em 630, conquistou a cidade. Ela se tornou a cidade sagrada dos muçulmanos e só pode ser visitada pelos seguidores da fé. Maomé, portanto, não só converteu-se ao monoteísmo de Abraão como recebeu uma revelação, uma profecia, que compõe o texto do "Corão", o livro santo dos islamitas. Por ser a versão mais recente da fé no mesmo Deus, os muçulmanos se consideram a forma mais bem acabada dessa crença e por isso reivindicam a condição de superior às duas versões mais antigas.

Mas essa crença na superioridade de sua religião não retira deles o respeito às duas outras fés monoteístas. Ao contrário, a religião islâmica carrega consigo o respeito ou a fé em muito do que caracteriza as duas outras. Assim, o livro sagrado do Islã é o "Corão", que contém a palavra divina narrada a Maomé. Mas são igualmente componentes importantes da fé islâmica o Pentateuco dos judeus e a vida de Cristo. As três religiões têm em Abrão (Ibrahim, em árabe) o seu patriarca. O túmulo de Abraão, na cidade de Hebron, está abrigado em uma construção que é ao mesmo tempo uma sinagoga e uma mesquita.

O que é sunita?

Quando Maomé morreu, em 632, deflagrou-se uma disputa pelo controle de seu legado. Os sunitas foram aqueles que aceitaram a sucessão tal como ocorreu. A palavra tem origem na expressão árabe "sunat anabi" (tradição do profeta). Seus seguidores formam 85% dos muçulmanos em todo o mundo.

O que é xiita?

Quando Maomé morreu, seu genro Ali reivindicou a hegemonia sobre o legado do profeta, considerando que a sucessão do profeta deveria ser por herança familiar (o que não ocorreu). Seus seguidores são chamados de "seguidores de Ali" ("shiat Ali", em árabe), origem de "xiismo". Seus seguidores são apenas 15% dos muçulmanos no mundo, mas formam a maioria no Irã. A palavra xiita foi associada a radicalismo quando os fundamentalistas xiitas tomaram o poder no Irã, com medidas ultraconservadoras sobre costumes e política internacional. Então, no Brasil, toda atitude ou movimento considerado radical começou a ser chamada de "xiita".

O Taleban seria, guardadas as devidas proporções, o mesmo que a Organização para Libertação Palestina? Ou seja, não é um Estado, é um grupo com "poder" de Estado?

Não. O Taleban é uma milícia (um exército informal) que conquistou o poder e, portanto, hoje governa o Afeganistão, inclusive com reconhecimento de alguns países, como o Paquistão. Hoje, o Taleban é mais comparável a um partido único em um regime ditatorial.

Os talebans são xiitas ou sunitas?

O Taleban é sunita. Em termos de costumes, é mais conservador ou avesso às tendências ocidentais do que o regime xiita que governa o Irã. Dois exemplos: as mulheres no Irã não se cobrem completamente como ocorre no Afeganistão; os iranianos podem ver tevê (embora sua programação seja controlada) e ter vídeos.

Por que o Irã não apóia o Taleban?

Não está clara a posição do Irã sobre os possíveis ataques norte-americanos ao Afeganistão, mas pode-se esperar protestos públicos contra a presença do "Grande Satã" (os EUA) no país vizinho, mas uma posição de neutralidade de fato (o que ocorreu dez anos atrás, na Guerra do Golfo, contra o Iraque, também inimigo do Irã). O Irã tem problemas com o Afeganistão porque o Taleban é sunita e predominantemente da etnia pashtun. Os pashtuns reprimem com violência a minoria xiita afegã que vive na fronteira com o Irã e já provocaram a morte de diplomatas iranianos na região da fronteira, criando tensão que quase causou uma guerra, no ano passado.

Além da sucessão, existe alguma diferença ideológica entre xiitas e sunitas ou eles concordam ideologicamente, mas a conduta xiita é mais radical?

Não é o fato de ser xiita ou sunita que provoca o fundamentalismo. Essas manifestações radicais existem entre as duas grandes divisões do islamismo.

Jesus é filho de Deus para os cristãos. Maomé seria o principal profeta dos

mulçumanos. E dos judeus, quem é?

Moisés. O responsável por conduzir o povo judeu para fora do exílio e da escravidão no Egito, de volta à Terra Prometida, recebeu de Deus as tábuas da lei e teria escrito os livros fundamentais da Bíblia judaica, a Torá, que corresponde aos primeiros livros da Bíblia cristã.

O termo "guerra santa" só vale para os mulçumanos ou qualquer religião pode convocar a sua? "Cruzadas" foram uma guerra santa do cristianismo?

As Cruzadas durante os primeiros séculos do milênio passado foram uma guerra santa dos cristãos para conquistar a Terra Santa e os lugares sagrados onde Jesus viveu e que estavam sob domínio de muçulmanos.

Religiosamente os palestinos são mulçumanos em sua maioria? Eles são um povo com influência árabe ou são árabes?

A maioria dos palestinos professa a religião muçulmana. Mas há também palestinos cristãos.

Quem é Abraão para o cristianismo e para o islamismo?

É o mesmo Abraão do judaísmo. É o patriarca que saiu da Caldéia (na Mesopotâmia; hoje, Iraque) e escolheu o monoteísmo, a fé em um Deus que proíbe que seu nome seja pronunciado (e por isso é chamado pelas três religiões, simplesmente "Deus"). Os árabes o chamam de Ibrahim.

Todos que usam turbante são muçulmanos?

Não, absolutamente. Um árabe cristão, no deserto, terá de usar turbante para proteger sua cabeça do sol. O turbante parece ter sido um traje de utilidade prática, mas por ser usado pelos árabes, associou-se culturalmente (e não doutrinariamente) à religião, por associação, não por essência. Os sikhs são uma religião única, muito popular na região do Punjab, noroeste da Índia. Eles não são islamitas, mas usam turbantes.

Os afegãos são árabes?

Não. Os habitantes do Afeganistão são originários de diversos povos, com línguas e tradições diferentes. O maior contingente é de pashtuns (ou afegãos), mas há também diversas minorias que falam línguas diferentes: tadjiques (que são maioria no Tadjiquistão, ao norte), uzbeques (que são maioria no Uzbequistão, a noroeste), e turkomenes (que são maioria no Turcomenistão), hazaras, entre outros povos. Os talebans, a milícia que controla 95% do país, são majoritariamente pashtuns e, como são fundamentalistas radicais, têm gerado tensões entre os habitantes dessas minorias. Embora 99% da população seja muçulmana, os movimentos políticos são organizados em torno das etnias, o que manteve viva a guerra civil mesmo após a expulsão dos soviéticos em 1989. Durante a guerra contra o controle soviético (1979-1989), muçulmanos de todo o mundo foram lutar no Afeganistão. Um contingente grande de árabes esteve lá. Muitos, como Osama bin Laden, ficaram desde então e por isso há árabes no cenário atual do país.

O que é Taleban?

Movimento político e religioso nascido em escolas religiosas da fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, o Taleban nasceu como uma reação contra a continuação da guerra civil pelos diversos movimentos armados que tinham vencido a guerra contra os russos. O Taleban catalisou o cansaço da população que queria destruir essas guerrilhas. Contou com apoio do Paquistão e tornou-se o movimento armado mais forte. Seu líder, Mohammad Omar, tem cerca de 40 anos e era desconhecido até 1995. Em pouco tempo, o movimento controlou 95% do país. Seus decretos proíbem a televisão, a internet e de diversos outros produtos característicos da sociedade moderna ocidental.

Todos os muçulmanos cobrem a cabeça?

Todos os muçulmanos praticantes devem cobrir a cabeça, como também ocorre com os judeus. Usam diferentes formas de chapéu, de acordo com o país e suas tradições (de pequenos solidéus parecidos com os dos judeus até os grandes turbantes de árabes e afegãos).

Todas as mulheres afegãs cobrem o corpo inteiro?

O "Corão", a bíblia dos muçulmanos, diz que a mulher deve cobrir o corpo sempre que estiver fora do ambiente familiar. Essa determinação não diz exatamente que partes do corpo. Em alguns países, isso correspondente a usar lenço sobre os cabelos. Ao assumir o poder, o Taleban determinou que todas as mulheres devem se cobrir inteiramente, com roupas que não deixam ver nem mesmo seus olhos.

Os palestinos e os israelenses, são todos um "povo só"?

O patriarca longínquo dos dois povos é o mesmo: Abraão (ou Ibrahim, em árabe). Ele casou-se com Sara com quem teve o filho Isaque (que seria o ancestral dos judeus). Com uma escrava, teve o filho Ismael, que seria o ancestral dos árabes. Mas fora essa proximidade arcaica, são dois povos diferentes há milhares de anos.

Os árabes têm pele escura?

Nem todos: árabes libaneses tendem a ter a pele branca e cabelos pretos, como os europeus mediterrânicos. Os da península arábica, pele mais escura. Os do norte da África, também. Isso, portanto, depende das regiões que habitam e dos povos com os quais os árabes se misturaram ali.

De onde vem o termo fundamentalismo?

Vem dos movimentos cristãos pentecostais norte-americanos, fortíssimos em Estados do centro dos Estados Unidos, como Oklahoma. O termo foi cunhado quando eles se tornaram o fiel da balança eleitoral, na eleição de 1980, vencida por Ronald Reagan contra Jimmy Carter. Reagan tinha um discurso de forte apelo religioso e despertou uma reação tradicionalista em pequenas seitas pentecostais, que pregavam uma recusa a diversas características e costumes da sociedade moderna norte-americana. Quando, ao longo dos anos 80 e 90, essas características foram notadas em seguidores de seitas islâmicas,

por extensão, o termo foi usado para defini-los também.

As primeiras aparições do termo para falar de muçulmanos referiam-se aos seguidores do aiatolá Khomeini, do Irã. Com o fim da "era Reagan" nos EUA, seu uso primordial foi esquecido. Ele é usado para definir movimentos cristãos (principalmente americanos), judeus (os ortodoxos) e também muçulmanos. Normalmente é usado como sinônimo de ultraconservador, de adesão à letra das leis fundamentais da religião, sem concessões ao tempo ou aos costumes de época.

Por que os palestinos (e vários vizinhos) têm tanto ódio dos EUA?

Como sempre, não devemos generalizar. Existem palestinos vivendo há décadas nos EUA e outros que vivem bem em Israel. Mas a reação da maioria, contra os EUA, se deve ao apoio dos Estados Unidos a Israel, na maioria das questões.

Como isso tudo poderá afetar o Brasil?

A economia deverá sofrer se a recessão mundial se agravar. Além disso, o preço do petróleo subiu e pode subir mais. Isso encarece os combustíveis e pode encarecer toda a cadeia produtiva no Brasil, pois os combustíveis estão na composição de praticamente todos os preços (quando não é usado na produção, é necessário ao transporte).

O que impediria de haver uma Terceira Guerra Mundial?

A hipótese de uma guerra mundial tal como foram as duas anteriores é muito improvável, pois ninguém apóia o terrorismo, ou seja, não se formam blocos que se opõem. No entanto, alguns analistas afirmam que a Terceira Guerra Mundial já começou e que é um outro tipo de guerra, uma época (prolongada) de conflitos isolados e sem nexos aparente entre si.

De onde vem esse ódio milenar dos muçulmanos contra os judeus?

Esse ódio não existe, essencialmente, trata-se de um mito contemporâneo. Em verdade, os muçulmanos sempre foram mais amigáveis com os judeus do que os cristãos. Alguns exemplos disso:

- a) os judeus foram expulsos da Terra Santa em torno do ano 100 d.C. e, enquanto a região foi dominada pelos cristãos, foram impedidos de voltar a Jerusalém. Quando os árabes muçulmanos conquistaram a região, levaram de volta a primeira comunidade judaica para a cidade (origem do bairro judeu da cidade velha);**
- b) quando milhões de judeus foram expulsos pelos "reis católicos" da Espanha em 1492, na maior limpeza étnica da história até o século 20, eles se abrigaram nos países do norte da África e da Europa do Leste;**
- c) Nesses países de maioria islâmica, os judeus expulsos da Europa (em 1497 foi a vez de Portugal expulsar todos os judeus portugueses do país) encontravam antiqüíssimas comunidades judaicas, algumas anteriores ao tempo de Cristo, vivendo entre muçulmanos;**
- d) quando na Europa medievos os judeus eram obrigados a viver em guetos, nos países de maioria muçulmana controlados pelo Império Otomano (turco) eles viviam normalmente e atingiam postos elevados da vida social;**
- e) quando o anti-semitismo cresceu na Europa no fim do século 19, o**

movimento de retorno à Terra Santa (chamado sionismo) levou milhares de judeus para a Palestina. A reação dos habitantes locais só começou a se manifestar mais fortemente depois da Primeira Guerra Mundial, já no século 20, quando grandes comunidades começaram a afetar o equilíbrio de poder político e econômico da região (ou seja, não se tratou jamais de uma perseguição religiosa, muçulmana contra judeus).

A população de judeus cresceu na Palestina com o movimento sionista e com as

fugas da Europa, onde os judeus eram perseguidos, principalmente mas não só pelos nazistas alemães. Logo após a Segunda Guerra Mundial, sobreviventes do

holocausto seguiram em massa para a Palestina e os líderes judeus locais passaram a defender explicitamente a criação de um Estado judeu. A reação dos habitantes da Palestina (maioria árabe de religião muçulmana) foi violentamente contra, com também a de outros países árabes da região. Mas até aquela altura não se falava de religião. Depois da criação de Israel, de

quatro guerras (1948, 1956, 1967, 1973) e conflitos menos intensos mas contínuos, a reação dos palestinos e dos vizinhos árabes, que perderam a hegemonia sobre a terra que habitavam antes, foi vestida de um discurso religioso.

Os turcos também são árabes?

Não. Os turcos são um povo originário do centro da Ásia que invadiu a Europa

e o Oriente Médio durante a Idade Média e conquistou, entre outras regiões, a Ásia Menor (que passou a se chamar Turquia), mas que habita também, por exemplo, o Azerbaijão, Turcomenistão e regiões da China (Turquestão chinês).

Em contato com povos de maioria islâmica (afegãos, persas, árabes), os turcos se converteram ao islamismo. Mas têm língua e tradições diferentes dos árabes.

Por que os libaneses e sírios são chamados de "turcos" no Brasil?

Porque quando começou a imigração de sírios e libaneses para o Brasil, no início do século 20, seus países não existiam, eram províncias do Império Otomano, dominado pelos turcos e com capital em Constantinopla ou Istambul (que fica na atual Turquia). Eram chamados, genericamente, de "turcos".

Seria como chamar um índio apache de "americano", ou seja: era correto na época (eles eram cidadãos turcos) mas impreciso e, com a independência dos seus países, passou a ser errado.

LÍNGUA E MANUSCRITOS DO NOVO TESTAMENTO

Língua e manuscritos do Novo Testamento

Os escritos do Novo Testamento se utilizaram do grego coíné (comercial), amplamente conhecido e utilizado no século I, como consequência do império de Alexandre, o Grande. Esse idioma possuía muitos recursos lingüísticos e precisão técnica, não encontrados no hebraico, o que permitiu uma maior e mais rápida propagação dos textos entre os povos (assim como o inglês moderno, nos tempos atuais). O grego chegou a ser considerado pela Igreja Católica como a língua do Espírito Santo.

Principais manuscritos

O Novo Testamento tem como característica principal uma imensa quantidade de escritos e evidências externas. Alguns manuscritos, entretanto, merecem destaque. São eles:

Os papiros - produzidos quando o movimento iniciado pelos discípulos de Jesus ainda era ilegal. Datam dos séculos II e III d.C. e constituem valioso testemunho da veracidade do Novo Testamento, pois surgiram a apenas uma geração dos autógrafos originais. Seus representantes mais importantes são: p52 ou fragmento de John Rylands (117 - 118 d.C.) - encontrado no Egito, contendo parte do Evangelho de João; p45, p46 e p47 ou Papiros Chester Beatty (250 d.C.) - contendo quase todo o Novo

Testamento (o p45 contém os Evangelhos e o livro de Atos dos Apóstolos; o p46, a maior parte das cartas de Paulo; e o p47, parte do Apocalipse); p66, p72 e p75 ou Papiros de Bodmer (175 - 225 d.C.) - igualmente importantes, incluindo-se entre eles Unciais cuidadosamente impressos e com muita clareza (o p66 contém parte do Evangelho de João e data do ano 200; o fragmento p72 contém cópias de Judas e de I e II Pedro; e o p75 contém a mais antiga cópia do Evangelho de Lucas (175 a.C.). Os Unciais - manuscritos em caracteres maiúsculos, escritos em velino e pergaminho. Constituem os escritos mais importantes do Novo Testamento, dos séculos III a V. Existem cerca de 297 Unciais, entre eles:

Códice Vaticano - é o mais antigo dos Unciais (325 - 350 d.C.) e foi desconhecido dos estudiosos bíblicos até 1475, quando foi catalogado na biblioteca do Vaticano; contém a maior parte do Antigo Testamento (versão dos LXX) com os apócrifos e o Novo Testamento em grego; Códice Sinaítico (Álefe) - data do século IV e possui poucas omissões; Códice Efraimita - originou-se em Alexandria, no Egito, em cerca de 345 d.C.; Códice Alexandrino - data do século V; Códice Beza ou Cambridge - cerca de 500 d.C.; é o manuscrito bilíngüe mais antigo do Novo Testamento. Foi escrito em grego e latim; Os Minúsculos - documentos escritos em caracteres minúsculos que datam dos séculos IX ao XV, somando mais de 4000 documentos, entre manuscritos e lecionários (livros muito utilizados nos cultos da Igreja, que continham textos selecionados da Bíblia para leitura, incluindo o Novo Testamento).

A SEPTUAGINTA ; O CONCÍLIO DE NICÉIA

Você Sabia que a Bíblia?

O nome "Bíblia" vem do grego "Biblos", nome da casca de um papiro do século XI a.C.. Os primeiros a usar a palavra "Bíblia" para designar as Escrituras Sagradas foram os discípulos do Cristo, no século II d.C.;

Ao comparar as diferentes cópias do texto da Bíblia entre si e com os originais disponíveis, menos de 1% do texto apresentou dúvidas ou variações, portanto, 99% do texto da Bíblia é puro. Vale lembrar que o mesmo método (crítica textual) é usado para avaliar outros documentos históricos, como a Ilíada de Homero, por exemplo;

É o livro mais vendido do mundo. Estima-se que foram vendidos 11 milhões de exemplares na versão integral, 12 milhões de Novos Testamentos e ainda 400 milhões de brochuras com extratos dos textos originais;

Foi a primeira obra impressa por Gutenberg, em seu recém inventado prelo manual, que dispensava as cópias manuscritas;

A divisão em capítulos foi introduzida pelo professor universitário parisiense Stephen Langton, em 1227, que viria a ser eleito bispo de Cantuária pouco tempo depois. A divisão em versículos foi introduzida em 1551, pelo impressor parisiense Robert Stephanus. Ambas as divisões tinham por objetivo facilitar a consulta e as citações bíblicas, e foi aceita por todos, incluindo os judeus;

Foi escrita e reproduzida em diversos materiais, de acordo com a época e cultura das regiões, utilizando tábuas de barro, peles, papiro e até mesmo cacos de cerâmica;

Com exceção de alguns textos do livro de Ester e de Daniel, os textos originais do Antigo Testamento foram escritos em hebraico, uma língua da família das línguas semíticas, caracterizada pela predominância de consoantes;

A palavra "Hebraico" vem de "Hebrom", região de Canaã que foi habitada pelo patriarca Abraão em sua peregrinação, vindo da terra de Ur;

Os 39 livros que compõem o Antigo Testamento (sem a inclusão dos apócrifos) estavam compilados desde cerca de 400 a.C., sendo aceitos pelo cânon Judaico, e também pelos Protestantes, Católicos Ortodoxos, Igreja Católica Russa, e parte da Igreja Católica tradicional;

A primeira Bíblia em português foi impressa em 1748. A tradução foi feita a partir da Vulgata Latina e iniciou-se com D. Diniz (1279-1325).

A Septuaginta

Os líderes do judaísmo em Alexandria foram responsáveis por uma tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, que integraria a Biblioteca de Alexandria, e foi chamada de Septuaginta (LXX), que significa setenta. Esta tradução já estava concluída em 150 a.C. e foi feita por eruditos judeus e gregos, provavelmente para o uso dos judeus alexandrinos. Assim que a igreja primitiva passou a utilizar a Septuaginta como Antigo Testamento, a comunidade judaica perdeu o interesse em sua preservação. Esta versão teve um papel muito importante para o estudo e divulgação do Antigo Testamento em outras línguas, já que os textos hebraicos apresentam grande dificuldade de compreensão.

Outras versões surgiram após a Septuaginta, devido à oposição do cânon judaico a esta tradução. São elas:

A versão de Áquila (130 a 150 d.C.) - manteve o padrão de pensamento e as estruturas de linguagem hebraicas, tornando-se uma das versões mais utilizadas pelos judeus;
A revisão de Teodócio (150 a 185 d.C.) - revisão de uma versão anterior - a LXX ou a de Áquila
A revisão de Símaco (185 a 200 d.C.) - preocupou-se com o sentido da tradução, e não com a exatidão textual. Exerceu grande influência sobre a Bíblia latina, pois Jerônimo fez grande uso desse autor para compor a Vulgata Latina;
Os Hécaxpla de Orígenes (240 a 250 d.C.) - promoveu-se uma visão comparativa dos textos hebraicos com a tradução dos LXX, de Áquila, de Teodócio e de Símaco, procurando harmonizar os textos em busca de uma tradução fiel do hebraico;
Uma edição do texto hebraico, por volta de 100 d.C., veio a estabelecer o texto massorético.

A Vulgata Latina

Sendo o grego, considerado pela Igreja como a língua do Espírito Santo, o latim assumiu o papel de língua popular imposta pelos soldados nas conquistas romanas, motivo pelo qual a Bíblia latina recebeu o nome de Vulgata.

Os Textos Massoréticos

Alguns sábios judeus, chamados massoretas, iniciaram, entre os séculos VI a X d.C., um trabalho de padronização dos textos hebraicos do Antigo Testamento. Estes textos, como se sabe, foram escritos praticamente sem vogais. No trabalho de padronização, foram inseridas as vogais nos textos originais, o que contribuiu para o desaparecimento dos mesmos.

O CONCÍLIO DE NICÉIA

325 D.C – É realizado o Concílio de Nicéia, província de Anatólia, na Turquia. Primeiro Concílio Ecumênico da Igreja, convocado pelo Imperador Constantino. Trezentos Bispos se reúnem para condenar o Arianismo – heresia que nega a Divindade de Jesus Cristo.

O momento decisivo sobre a doutrina da Trindade ocorreu neste Concílio, quando a igreja rejeitou a idéia ariana de que Jesus era a primeira e mais nobre criatura de Deus, e afirmou que Ele era da mesma "substância" ou "essência" (isto é, a mesma entidade existente) do Pai. Assim, há somente um Deus, não dois; a distância entre Pai e Filho está dentro da unidade divina, e o Filho é Deus no mesmo sentido em que o Pai o é. Dizendo que o Filho e o Pai são "de uma substância", e que o Filho é "gerado" ("único gerado, ou unigênito", João 1. 14,18; 3. 16,18, e notas ao texto da NVI), mas "não feito", o Credo Niceno, sem equívocos, reconhece a deidade do homem da Galiléia.

OS LIVROS RETIRADOS DAS SANTAS ESCRITURAS

Os quatro evangelhos canônicos, que se acredita terem sido **inspirados pelo Espírito Santo**, não eram aceitos como tais no início da Igreja. O bispo de Lyon, Irineu, explica os pitorescos critérios utilizados na escolha dos quatro evangelhos (**reparem na fragilidade dos argumentos...**) : "O evangelho é a coluna da Igreja, a Igreja está espalhada por todo o mundo, o mundo tem quatro regiões, e convém, portanto, que haja também quatro evangelhos. O evangelho é o sopro do vento divino da vida para os homens, e pois, como há quatro ventos cardiais, daí a necessidade de quatro evangelhos. (...) O Verbo criador do Universo reina e brilha sobre os querubins, os querubins têm quatro formas, eis porque o Verbo nos obsequiou com quatro evangelhos".

As versões sobre como se deu a separação entre os evangelhos canônicos e apócrifos, durante o Concílio de Nicéia no ano 325 D.C, são também singulares. Uma das versões diz que estando os bispos em oração, os evangelhos inspirados **foram depositar-se no altar por si só !!!** ... Uma outra versão informa que todos os evangelhos foram colocados por sobre o altar, e os apócrifos caíram no chão... Uma terceira versão afirma que o Espírito Santo entrou no recinto do Concílio em forma de pomba, através de uma vidraça (sem quebrá-la), e foi pousando no ombro direito de cada bispo, **cochichando nos ouvidos deles os evangelhos inspirados...**

A Bíblia como um todo, aliás, não apresentou sempre a forma como é hoje conhecida. Vários textos, chamados hoje de "apócrifos", figuravam anteriormente na Bíblia, em contraposição aos canônicos reconhecidos pela Igreja.

Segundo o Dicionário Aurélio, o termo **Apócrifos** significa :

" Entre os Católicos, Apócrifos eram os Escritos de assuntos sagrados que não foram incluídos pela

Igreja no Cânon das Escrituras autênticas e **divinamente inspiradas**". (destaque nosso).

Obs - Note que o próprio Dicionário Aurélio registra a expressão : "**divinamente inspiradas**". Por que será ?

Maria Helena de Oliveira Tricca, compiladora da obra Apócrifos, Os Proscritos da Bíblia, diz: "**Muitos dos chamados textos apócrifos já fizeram parte da Bíblia, mas ao longo dos sucessivos concílios acabaram sendo eliminados.** Houve os que depois viriam a ser beneficiados por uma reconsideração e tornariam a partilhar a Bíblia. Exemplos : O Livro da Sabedoria, atribuído a Salomão, o Eclesiástico ou Sirac, as Odes de Salomão, o Tobit ou Livro de Tobias, o Livro dos Macabeus e outros mais. **A maioria ficou definitivamente fora, como o famoso Livro de Enoch, o Livro da Ascensão de Isaías e os Livros III e IV dos Macabeus.**"

Perguntamos : Quais foram os motivos para excluir esses Livros das Santas Escrituras definitivamente ? Será que os "santos padres" daquela época se achavam superiores aos Apóstolos e mártires que vivenciaram de perto os acontecimentos relacionados a Cristo e ao judaísmo ? De que poder esses mesmos "santos padres" se revestiam a ponto de afirmarem que alguns Textos Evangélicos **não** representavam os ensinamentos e a Palavra de Deus ?

Visando maiores esclarecimentos, sugerimos, para aqueles que desejam aprofundar-se no assunto, uma leitura dos Livros que tratam com mais detalhe esse tema, os quais podem ser encontrados no Site Submarino

Existem mais de 60 evangelhos apócrifos, como os de Tomé, de Pedro, de Felipe, de Tiago, dos Hebreus, dos Nazarenos, dos Doze, dos Setenta, etc. Foi um bispo quem escolheu, no século IV, os 27 textos do atual Novo Testamento. Em relação ao Antigo Testamento, o problema só foi definitivamente resolvido no ano de 1546, durante o Concílio de Trento. Depois de muita controvérsia, acalorados debates e até luta física entre os participantes, **o Concílio decretou que os livros 1 e 2 de Esdras e a Oração de Manassés saíam da Bíblia.** Em compensação, alguns textos apócrifos foram incorporados aos livros canônicos, como o livro de Judite (acrescido em Ester), os livros do Dragão e do Cântico dos Três Santos Filhos (acrescidos em Daniel) e o livro de Baruque (contendo a Epístola de Jeremias).

Os católicos não foram unânimes quanto a inspiração divina nesses livros. No Concílio de Trento houve luta corporal quando este assunto foi tratado. Lorraine Boetner (in Catolicismo Romano) cita o seguinte : " O papa Gregório, o grande, declarou que primeiro Macabeus, um livro apócrifo, não é canônico. O cardeal Ximenes, em sua Bíblia poliglota, exatamente antes do Concílio de Trento, exclui os apócrifos e sua obra foi aprovada pelo papa Leão X. Será que estes papas se enganaram ? Se eles estavam certos, a decisão do Concílio de Trento estava errada. Se eles estavam errados, onde fica a infalibilidade do papa como mestre da doutrina ? "

No início do cristianismo, os evangelhos eram em número de 315, sendo posteriormente reduzidos para 4, no Concílio de Nicéia. Tal número, indica perfeitamente as várias formas de interpretação local das crenças religiosas da orla mediterrânea, acerca da idéia messiânica lançada pelos sacerdotes judeus. Sem dúvida, este fato deve ter levado Irineu a escrever o seguinte: " Há apenas 4 Evangelhos, nem mais um, nem menos um, e que só pessoas de espírito leviano, os ignorantes e os insolentes é que andam falseando a verdade ". Disse isso, mesmo diante dos acontecimentos acima relatados e que eram de conhecimento geral.

Havia então, os Evangelhos dos Naziazenos, dos Judeus, dos Egípcios, dos Ebionistas, o de Pedro, o de Barnabé, entre outros, **03 dos quais foram queimados**, restando apenas os 4 "sorteados" e oficializados no Concílio de Nicéia.

Celso, erudito romano, contemporâneo de Irineu, entre os anos 170 e 180 D.C, disse: "**Certos fiéis modificaram o primeiro texto dos Evangelhos, três, quatro e mais vezes, para poder assim subtraí-los às refutações**".

Foi necessária uma cuidadosa triagem de todos eles, visando retirar as divergências mais acentuadas, sendo adotada a de Hesíquies, de Alexandria; e de Pânfilo, de Cesaréia e a de Luciano, de Antióquia.

Mesmo assim, só na de Luciano existem 3.500 passagens redigidas diferentemente. **Disso resulta que, mesmo para os Padres da Igreja, os Evangelhos não são fonte segura e original.**

Os Evangelhos que trazem a palavra "segundo", que em grego é "cata", não vieram diretamente dos pretensos evangelistas.

A discutível origem dos Evangelhos, explica porque os documentos mais antigos não fazem referência à vida terrena de Jesus.

Não é razoável supor que uma "palavra divina" possa ser alterada assim tão fácil e impunemente por mãos humanas. Que fique na dependência de ser julgada boa ou má por juizes e dignitários eclesiásticos.

Roberto C. P. Júnior

Comprovando a veracidade do Novo Testamento

Comprovando a veracidade do Novo Testamento

Os manuscritos originais (autógrafos) não existem mais, e foram reconstituídos a partir de cópias produzidas pelos primeiros pais da Igreja primitiva, ainda sem denominação. Também foram utilizados nesta reconstituição os livros apócrifos, documentos não bíblicos e comentários documentais dos mesmos pais da Igreja que produziram as cópias. Os originais desapareceram principalmente devido à fragilidade do material utilizado para escrever os livros, e pela ilegalidade do movimento, em seu início, o que implicava em perseguição à Igreja.

A veracidade dos escritos, no entanto, pode ser comprovada historicamente pelos motivos abaixo:

Os Escritos de Marcos datam de 50 a 70 d.C.;

Vários papiros contendo fragmentos do Evangelho de João foram encontrados no Egito, datando do século II, apenas uma geração após os autógrafos;

Os escritos foram redigidos num momento muito próximo aos acontecimentos que os geraram;

Existem cerca de 5400 escritos do Novo Testamento;

O estilo dos escritos confere com aqueles utilizados no século I (grego coíné)

Inscrições e gravações em paredes, pilares, moedas e outros lugares são testemunhos do Novo Testamento;

Lecionários, que eram livros muito utilizados nos cultos da Igreja, continham textos selecionados da Bíblia para leitura, incluindo o Novo Testamento (Séc. IV - VI);

Os livros apócrifos, apesar de não canônicos, apresentam dependência literária dos textos canônicos, chegando a imitá-los no conteúdo e forma literária, e citam vários livros que compõem o Novo Testamento;

Os primeiros pais da Igreja comentam e fazem citações de praticamente todo o Novo Testamento.

Vale lembrar que os Evangelhos, que inauguram o Novo Testamento e contém os ensinamentos de Jesus, o Cristo, foram escritos por testemunhas oculares, à exceção do Evangelho de Lucas.

Traduções da Bíblia para o português

O pioneiro na tradução da Bíblia para o português foi D. Diniz (1279 - 1325). Conhecedor de latim clássico e leitor da Vulgata Latina, traduziu até o capítulo 20 do livro de Gênesis, abrindo caminho para seu sucessor, D. João I (1385 - 1433). Este atribuiu a tradução a padres letrados e o trabalho prosseguiu com seu sucessor, D. João II.

João Ferreira de Almeida

Nasceu em 1628, próximo a Lisboa. Convertido ao protestantismo, iniciou a tradução da Bíblia aos dezessete anos, mas perdeu seu primeiro manuscrito e reiniciou seu trabalho em 1648. Conhecia hebraico e grego, e utilizou-se de vários manuscritos dessas línguas para compor sua tradução. Em 1676, foi concluída a tradução do Novo Testamento, que só viria a ser publicada em 1681, na Holanda, por problemas de revisão. Quando de sua morte, em 1641, já havia traduzido o Antigo Testamento até o livro do profeta Ezequiel.

Seu trabalho foi continuado pelo pastor Jacobus op den Akker, de Batávia, em 1748. Cinco anos depois, em 1753, foi impressa a primeira Bíblia em português.

Antônio Pereira de Figueiredo

Nascido em Portugal em 1725, iniciou a tradução da Bíblia que foi editada em 1819. Baseou sua tradução na Vulgata de Jerônimo, por não dominar outros idiomas, e incluiu nesse trabalho os apócrifos. Essa Bíblia foi muito utilizada em países de língua portuguesa.

Matos Soares

Publicou uma tradução em 1930, baseada na Vulgata Latina, e incluiu os apócrifos. Sua tradução contou também com comentários a favor dos dogmas da Igreja Católica. Por isso, recebeu o apoio papal sendo a sua tradução a mais popular da Igreja Católica.

Nag Hammadi - ORAÇÃO DO APÓSTOLO PAULO
Oração do Apóstolo Paulo
(Nag Hammadi Codex I)

... tua luz, dá-me tua misericórdia, Meu Redentor,
redime-me, pois sou teu; aquele que veio de tí.

Tú és minha Mente; cultiva-me !
Tu és meu tesouro: abre-te para mim !
Tu és minha perfeição; leva-me para tí !
Tú és minha confiança; dá-me a Coisa Perfeita
que não pode ser apreendida !

Eu te invoco, aquele que é, e que pré-existiu no nome,
que é exaltado acima de qualquer outro nome,
Jesus Cristo, o Senhor dos Senhores, o Rei dos aeons;
dá-me as dádivas, das quais não te arrependas,
através do Filho do Homem, do Espírito, do Paráclito da verdade.
Dá-me, através do Evangelista,
autoridade quando te pedires;
e cura para meu corpo quando te pedires,
redime minha eterna alma luminosa e meu espírito
revela em minha mente, o Filho-Primeiro do Pleroma da graça !

Concede-me o que nenhum olho de anjo jamais viu,
e o que nenhum ouvido de arconte jamais ouviu,
e o que não entrou no coração do homem,
e que veio para ser angelical,
e que foi modelado segundo a imagem do Deus psíquico,
quando foi formada no princípio,
pois eu tenho fé e esperança.

E coloca sobre mim o teu amado, eleito,
e abençoada grandeza,
o Filho-Primeiro,
o Criado-Primeiro,
e o maravilhoso mistério de tua casa;
pois teus são o poder e a glória,
o louvor e a grandeza,
para sempre e sempre.
Amen.

Nag Hammadi - O EVANGELHO DE FILIPE

OS LIVROS APÓCRIFOS DA BÍBLIA

Os livros apócrifos da Bíblia são uma importante e complementar fonte de informação e conhecimento, acrescentando preciosos esclarecimentos às Sagradas Escrituras, principalmente naquilo que se refere à vida de Jesus Cristo entre os oito e os trinta anos.

O Evangelho de Filipe

O Evangelho de Filipe provavelmente foi escrito originalmente em grego, ainda que não seja possível precisar se no primeiro, segundo ou terceiro século. O exemplar encontrado entre os textos da biblioteca de Nag Hammadi é uma tradução para o copto, a língua do alto Egito no início de nossa era, provavelmente efetuada no quarto século.

Ao contrário dos evangelhos canônicos, o Evangelho de Filipe não contém uma narrativa sistemática da vida e ministério de Jesus em ordem cronológica. Ele segue a linha da tradição

oral de relatar, independente do contexto histórico, ensinamentos atribuídos a Jesus e interpretações de aforismos e práticas espirituais, presente em outros textos apócrifos, como o Evangelho de Tomé e o assim chamado Evangelho "Q" (inicial de Quelle, alemão para 'Fonte', que é tido como a fonte das logias do Senhor apresentadas nos evangelhos segundo Mateus e Lucas).

Dentre os ditados de Jesus em Filipe, nove são encontrados também, com algumas variações, nos evangelhos canônicos e oito são originais. A linguagem destes ditados é geralmente breve e enigmática. Sua interpretação requer o conhecimento da simbologia usada pelos grupos gnósticos daquela época.

O que torna o Evangelho de Filipe especialmente importante são as inúmeras passagens sobre os sacramentos que teriam sido instituídos por Jesus em sua forma original, antes de terem sido adaptados e ampliados pela Igreja para uso geral dos fiéis. Segundo a tradição esotérica, aqueles sacramentos eram ministrados somente aos discípulos do círculo interno, "os poucos", em circunstâncias que lembram os rituais dos Mistérios Maiores da antigüidade. Assim, as referências aos cinco sacramentos: o batismo, a crisma, a eucaristia, a redenção e a câmara nupcial, são feitas numa linguagem ainda mais velada do que a utilizada em outras partes do texto. Apesar do caráter oculto dessas passagens, elas oferecem ao estudioso uma clara indicação dos paralelos que existem entre as cinco grande Iniciações, as etapas da vida dos místicos e os sacramentos.

O EVANGELHO DE FELIPE

(pg 141) Um hebreu faz outro hebreu, e tal pessoa chama-se prosélito. Mas, um prosélito não faz outro prosélito (...) assim como eles (...) e fazem outros como a si mesmos, enquanto (outros) simplesmente existem.

O escravo só quer ser livre e não ambiciona adquirir os bens de seu senhor. Porém o filho não é somente um filho, pois reclama a herança do pai. Os que herdaram dos mortos estão eles mesmos mortos e herdaram os mortos. Os herdeiros do que é vivo estão vivos e são herdeiros tanto do que está vivo como do morto. Os mortos não são herdeiros de nada. Pois como pode aquele que está morto herdar? Se aquele que está morto herda o que é vivo ele não morrerá, mas o que está morto viverá ainda mais.

(pg 142) O pagão não morre, pois ele nunca viveu para que possa morrer. Aquele que acreditou na verdade encontrou a vida e corre o perigo de morrer, pois está vivo. A partir da vinda de Cristo, o mundo foi criado, as cidades embelezadas e os mortos levados embora. Quando éramos hebreus, éramos órfãos e só tínhamos a nossa mãe, mas, quando nos tornamos cristãos, tivemos tanto pai como mãe.

Os que semeiam no inverno colhem no verão. O inverno é o mundo, o verão é o outro reino eterno (eon). Semeemos no mundo para que possamos colher no verão. Por esta razão é apropriado que não oremos no inverno. O verão sucede o inverno. Porém, se algum homem colher no inverno ele, na verdade, não estará colhendo mas simplesmente arrancando, pois o inverno não oferecerá uma colheita para tal pessoa. Não só (...) que não (...) aparecerá, mas também no Sábado (...) é estéril.

Cristo veio para resgatar alguns, salvar outros para redimir ainda outros. Ele resgatou os forasteiros e fê-los seus. E colocou os seus separados, aqueles que havia dado como garantia segundo seu plano. Não foi só quando apareceu que Cristo ofereceu voluntariamente sua vida, mas ofereceu-a voluntariamente desde o dia em que o mundo surgiu. Então, ele veio primeiro para tomá-la, pois ela havia sido dada como garantia. Ela havia caído em mãos de ladrões e foi feita prisioneira. Mas Ele a libertou, resgatando as pessoas boas do mundo assim como as más. Luz e treva, vida e morte, direita e esquerda são irmãos entre si. São inseparáveis. Por isto, nem os bons são bons, nem os maus são maus, nem a vida é vida, nem a morte é morte. Assim é que cada um se dissolverá em sua origem primordial. Mas os que estão exaltados acima do mundo são indissolúveis, eternos.

Os nomes dados às coisas do mundo são muito enganadores, pois desviam nossos pensamentos do que é correto para o incorreto. Assim, quem ouve a palavra "Deus" não percebe o que é correto, mas sim o incorreto. O mesmo ocorre com "Pai", "Filho" e "Espírito Santo", "Vida", "Luz", "Ressurreição", "Igreja" e tudo o mais. As pessoas não percebem o que é correto mas sim o incorreto, (a menos) que tenham aprendido o que é correto. Os (nomes que se ouvem) estão no mundo (...) enganam. Se) estivessem no reino eterno (eon), não seriam jamais usados como nomes no mundo. Tampouco foram colocados entre as coisas do mundo. Eles têm um propósito no reino eterno.

Só há um nome que não se pronuncia no mundo, o nome que o Pai deu ao Filho, (pg 143) e que está acima de todas as coisas: o nome do Pai. Pois o Filho não se tornaria Pai, a não ser que usasse o nome do Pai. Aqueles que têm este nome conhecem-no, mas não o pronunciam. Mas, aqueles que não têm este nome não o conhecem.

A verdade fez com que os nomes surgissem no mundo por nossa causa, pois não é possível aprendê-la sem estes nomes. A verdade é uma única coisa; é muitas coisas por nossa causa, para nos ensinar com amor sobre esta coisa uma por meio de muitas coisas. Os regentes (arcontes) queriam enganar o homem, porque viram que ele tinha parentesco com aqueles que são verdadeiramente bons. Eles tomaram o nome daqueles que são bons e deram-no aos que não são bons, para que, por meio dos nomes, pudessem enganá-los e vinculá-lo aos que não são bons. E, depois, que favor os nomes lhes prestam! Fazem com que sejam tirados daqueles que não são bons e colocados entre os que são bons. Eles sabiam estas coisas, porque queriam apoderar-se do homem livre e torná-lo seu escravo para sempre.

Há poderes que (...) o homem, não querendo que ele seja (salvo), para que eles possam (...). Porque se o homem for (salvo, não haverá) nenhum sacrifício (...) e não serão oferecidos animais aos poderes. Na verdade, eram aos animais que eles ofereciam sacrifícios. Eles eram realmente oferecidos vivos, mas quando os ofertavam eles morriam. Quanto ao homem, ofereceram-no morto a Deus, e ele viveu.

Antes da vinda do Cristo não havia pão no mundo. Também no Paraíso, o lugar onde estava Adão, havia muitas árvores para alimentar os animais, mas não havia trigo para sustentar o homem. O homem costumava alimentar-se como os animais, mas quando veio Cristo, o homem perfeito, ele trouxe pão dos céus para que o homem pudesse ser nutrido com o alimento de homem. Os regentes pensavam que era por seu próprio poder e vontade que faziam o que estavam fazendo. Mas o Espírito Santo, em segredo, estava realizando tudo através deles, segundo sua vontade. A Verdade, que existia desde o princípio, está semeada por toda parte. E muitos vêem-na sendo semeada, mas são poucos os que a vêem sendo colhida.

Alguns dizem que Maria concebeu por obra do Espírito Santo. Mas eles estão enganados. Não sabem o que dizem. Quando uma mulher alguma vez concebeu por obra de outra mulher? Maria é a virgem que nenhum poder conspurcou. Ela é uma grande anátema para os hebreus, que são os apóstolos e (os) seus seguidores. Esta virgem que nenhum poder violou (...) os poderes violaram a si mesmos. O Senhor não (teria) dito "Meu (Pai que está nos) céus" (Mt 16:17) se não tivesse outro pai. Neste caso, teria dito simplesmente "(Meu Pai)".

(pg 144) O Senhor disse aos discípulos, (...) de cada casa. Tragam para a casa do Pai. Mas não tomem nem carreguem (nada) da casa do Pai.

"Jesus" é um nome oculto, "Cristo" é um nome revelado. Por esta razão, "Jesus" não está particularmente ligado a nenhuma língua; seu nome é sempre "Jesus". "Cristo", porém, em siríaco é "Messias" e em grego, "Cristo". Certamente todas as outras línguas referem-se a ele com suas próprias palavras. "O nazareno" é aquele que revela o que está oculto. Cristo tem tudo em si mesmo, seja homem, anjo ou mistério, e no Pai.

Os que dizem que o Senhor morreu primeiro e (então) se levantou estão enganados, pois ele primeiro se levantou e (então) morreu. Se alguém não alcança primeiro a ressurreição ele não morrerá. Assim como Deus vive, ele iria ...

Ninguém esconde um grande objeto de valor num lugar de destaque, mas muitas vezes se atiram milhares de tais objetos em algo que não vale um centavo. Vejam a alma: ela é uma coisa preciosa que se encontra num corpo desprezível.

Há os que têm medo de ressurgir nus. Por isto querem ressurgir na carne. Não sabem que são aqueles que vestem a (carne) que estão nus. (São) aqueles que (...) despir-se que não estão nus. "Nem a carne (nem o sangue) herdarão o Reino de (Deus)." (1 Co 15:50). O que é que não herdará? Aquilo que usamos. Mas também o que é isto que herdará? É aquilo que pertence a Jesus e a seu sangue. Por isto Ele disse: "Aquele que não come a minha carne e bebe o meu sangue não tem vida em si" (Jo 6:53). O que quer dizer isto? Sua carne é a Palavra (o Verbo), e seu sangue é o Espírito Santo. Quem recebe tais coisas tem alimento, bebida e vestimenta. Recrimino os outros que dizem que (a carne) não ressuscitará, pois uns e outros estão errados. Tu dizes que a carne não ressurgirá. Dize-me, então, o que ressuscitará para que possamos te aplaudir. Falas do Espírito na carne, que é também esta luz na carne. (Porém) isto também é matéria que se encontra na carne, pois tudo o que disseres, não estará fora da carne. É preciso ressurgir nesta carne, já que tudo existe nela. Neste mundo, aqueles que usam roupas valem mais do que as vestes. No Reino dos Céus, as vestes valem mais do que os que as usam. É por meio da água e do fogo que tudo é purificado -- o visível pelo visível, o oculto pelo oculto. Existem algumas coisas ocultas por meio das visíveis. Existe água na água e fogo na crisma.

(pg 145) *Jesus pegou-os todos de surpresa, porque Ele não apareceu como era, mas da maneira como (seriam) capazes de vê-lo. Apareceu aos grandes como grande, aos pequenos como pequeno, aos anjos como anjo, e aos homens como homem. Por isto sua palavra ocultou-se de todos. Alguns realmente o viram, pensando que estavam vendo a si mesmos. Mas quando apareceu gloriosamente aos discípulos sobre a montanha não era pequenino. Ele se tornou grande, mas fez com que os discípulos ficassem grandes, para que pudessem percebê-lo em sua grandeza.*

Disse naquele dia na ação de graças, "Vós que unistes a luz perfeita com o Espírito Santo, incorporai os anjos também a nós, como sendo as imagens". Não desprezeis o cordeiro, pois sem ele não é possível ver o Rei. Ninguém será capaz de ir ao Rei se estiver nu.

O homem celestial tem muito mais filhos do que o homem terreno. Se os filhos de Adão são muitos, apesar de morrerem, quanto mais os filhos do homem perfeito que não morrem e são continuamente gerados. O pai faz um filho, mas o filho não tem poder para fazer um filho. Pois aquele que foi gerado não tem o poder para gerar; o filho obtém irmãos para si, e não filhos. Todos os que são gerados no mundo, são gerados de maneira natural, enquanto os outros (são nutridos) do (lugar) do qual nasceram. Por ter sido destinado ao lugar celestial o homem (recebe) nutrição. (...) dele da boca. (E se) a palavra tivesse saído daquele lugar, ela receberia a nutrição da boca e se tornaria perfeita. Por isto a palavra perfeita concebe e dá nascimento por meio de um beijo. Por esta razão nós também nos beijamos uns aos outros. Somos concebidos da graça que nos é comum.

Havia três que sempre caminhavam com o Senhor: sua mãe, Mria, sua irmã e Madalena, que era chamada sua companheira. Sua irmã, sua mãe e sua companheira todas chamavam-se Maria. "O Pai" e "o Filho" são nomes simples; "Espírito Santo" é um nome composto. Eles estão em toda parte: acima e abaixo, no oculto e no revelado. O Espírito Santo está no revelado: está abaixo, e está no oculto: está acima.

Os santos são servidos por poderes malignos, pois estes ficam cegos, por obra do Espírito Santo, pensando que estão servindo um homem (comum), todas vezes que o fazem aos santos. Por isto um discípulo pediu um dia algo deste mundo ao Senhor. Ele lhe respondeu: "Pede a tua mãe, e ela te dará as coisas que pertencem a outrem".

(pg 146) *Os apóstolos disseram aos discípulos: "Que toda nossa oferenda adquira sal". Eles chamavam (Sophia) de "sal". Sem sal nenhuma oferenda (é) aceitável. Mas Sophia é estéril, (sem) filhos. Por esta razão é chamada de "um traço de sal". Sempre que eles quiserem (...) do seu jeito, o Espírito Santo (...) seus filhos são muitos.*

O que o Pai possui pertence ao filho. Enquanto este é pequeno, não se lhe confia o que é seu. Mas quando se faz homem, seu pai lhe dá tudo o que possui.

Aqueles que se desencaminharam, os que o próprio Espírito engendrou, geralmente se desencaminham também por causa do Espírito. Assim, com o mesmo sopro o fogo é atizado e apagado.

Echamoth é uma coisa e Echmoth outra. Echamoth é simplesmente Sabedoria, enquanto Echmoth é a Sabedoria da morte, aquela que conhece a morte, sendo chamada "a pequena Sabedoria".

Existem animais domésticos, como o boi, o burro e outros deste tipo. Outros são selvagens e vivem isolados nas regiões ermas. O homem ara o campo com animais domésticos e, com isto, sustenta-se e alimenta os animais, sejam mansos ou selvagens. Compare com o homem perfeito. Ele cultiva por meio de poderes que lhe são submissos, preparando o surgimento de todas as coisas. É por causa disto que todo o mundo se mantém, seja bom ou mal, da direita ou da esquerda. O Espírito Santo apacenta a todos e governa (todos) os poderes, os "mansos" e os "selvagens", bem como os que são únicos. Pois, na verdade ele (...) os mantém presos, para que (se ...) desejarem, eles não possam (escapar).

(Aquele que) foi criado é (lindo, mas) tu (não) acharias que os filhos dele são criações nobres. Se ele não fosse criado mas engendrado, tua acharias que os descendentes dele são nobres. Agora, porém, ele foi criado e gerou. O que há de nobre nisto? Primeiramente surgiu o adultério, em seguida assassinatos. E ele foi gerado no adultério, pois era o filho da serpente. Assim, tornou-se um assassino, como seu pai, e matou seu irmão. Na verdade, todo ato sexual que ocorra entre seres que não são semelhantes entre si é adultério.

Deus é um tintureiro. Assim como os bons corantes chamados de "autênticos" dissolvem-se nas coisas que são tingidas por eles, também o mesmo ocorre com aqueles a quem Deus tingiu. Como seus corantes são imortais, eles tornam-se imortais por meio de suas cores. Pois bem, Deus mergulha o que Ele mergulha na água.

Ninguém pode ver algo das coisas que realmente existem a menos que se torne como elas. Não é assim que se passa com o homem no mundo: ele vê o sol sem ser o sol; vê o céu, a terra e todas as outras coisas, mas ele não é estas coisas. Isto está de acordo (pg 147) com a verdade. Mas, tu viste algo daquele lugar e te converteste naquelas coisas. Viste o Espírito e te tornaste Espírito. Viste o Cristo e te tornaste Cristo. Viste o Pai e te tornarás o Pai. Assim, (neste lugar) vês todas as coisas e não (vês) a ti próprio, mas (naquele lugar) realmente vês a ti mesmo, e te tornarás o que vires.

A fé recebe, o amor dá. (Ninguém poderá receber) se não tiver fé. Ninguém será capaz de dar sem amor. Por esta razão, para que realmente possamos receber, cremos, e para que possamos amar, damos, pois se alguém dá sem amor não recebe benefício pelo que deu. Aquele que recebeu alguma outra coisa que não seja o Senhor ainda é um hebreu.

Os apóstolos que nos precederam chamavam-no assim: "Jesus, o Nazareno, Messias", isto é, "Jesus, o Nazareno, o Cristo". O último nome é "Cristo", o primeiro é "Jesus", o do meio é "o Nazareno". "Messias" tem dois significados, "o Cristo" e "o medido". "Jesus" em hebraico é "a redenção". "Nazara" é "a verdade". "O Nazareno", então, é "a verdade". "Cristo" ... foi medido. Foram "o Nazareno" e "Jesus" que foram medidos.

Quando a pérola é atirada na lama ela (não) passa a ser desprezada; tampouco se for banhada em óleo de bálsamo se tornará mais preciosa. Ela sempre manterá o seu valor aos olhos de seu dono. O mesmo ocorre com os filhos de Deus onde quer que estejam. Eles sempre têm valor aos olhos de seu pai.

Se disseres, "sou judeu", ninguém se inquietará; se disseres, "sou romano", ninguém se perturbará. Se disseres, "sou grego, bárbaro, escravo ou livre", ninguém se incomodará. Se disseres, "sou cristão", os (...) tremerão. Quisera que eu pudesse (...) desta forma, a pessoa cujo nome (...) não será capaz de resistir (ouvindo).

Deus é antropófago. Por isto os homens são sacrificados a ele. Antes dos homens serem sacrificados, sacrificavam-se animais, pois aqueles a quem eram sacrificados não eram deuses. Tanto as vasilhas de vidro como as de argila são feitas com o uso do fogo. Mas, se as de vidro quebram, elas são refeitas, pois surgiram por meio de um sopro. As de argila, no entanto, são destruídas, pois foram feitas sem sopro.

Um burro, girando uma pedra de moinho, caminhou cem milhas. Quando ele foi solto percebeu que ainda estava no mesmo lugar. Existem homens que fazem muitas (pg 148) jornadas, mas sem fazer nenhum progresso em qualquer direção. Quando o crepúsculo os surpreende, não encontraram nenhuma cidade nem vilarejo, nenhum produto humano nem fenômeno natural, poder nem anjo. Labutaram em vão, os coitados!

A eucaristia é Jesus, pois ele se chama "Pharisatha" em siríaco, que é "aquele que está estendido", pois Jesus veio para crucificar o mundo.

O Senhor entrou na loja de corantes de Levi, tomou setenta e duas cores diferentes e jogou-as na tina. Ao retirá-las estavam todas brancas. E ele disse: "Da mesma forma, o filho do homem veio (como) tintureiro".

A Sophia, que é chamada de "a estéril," é a mãe (dos) anjos. E a companheira do (...) Maria Madalena. (... amava-a) mais do que (todos) os discípulos (e costumava) beijá-la (frequentemente) em seus (...). Os demais (discípulos ...). Eles lhe disseram: "Por que a amas mais do que a todos nós?" O Salvador respondeu dizendo: "Por que não os amo como a ela? Quando um cego e uma pessoa normal estão juntos na escuridão, não são diferentes um do outro. Quando chega a luz, então, aquele que vê verá a luz, e o cego permanecerá na escuridão". O Senhor disse: "Bem aventurado aquele que é antes de chegar a existir. Pois, aquele que é foi e será."

A superioridade do homem não é óbvia à visão, mas encontra-se no que está escondido da vista. Por isto ele domina os animais que são mais fortes do que ele, grandes em termos do óbvio e do oculto. Isto os capacitam a sobreviver. Mas quando o homem se separa deles, mordem e matam uns aos outros. Devoram-se porque não encontram nenhum alimento. Porém, agora encontraram comida porque o homem preparou o solo.

Se alguém entra nágua e sai dela sem nada haver recebido e diz, "sou cristão," simplesmente tomou o nome emprestado a juro. Porém, se recebeu o Espírito Santo, recebe o nome de presente. Aquele que recebe um presente não precisa devolvê-lo. Mas, daquele que tomou emprestado a juro, o pagamento é exigido. É assim que (acontece com) quem experimenta um mistério.

Grande é o mistério do casamento! Pois (sem) ele o mundo (não existiria). Agora a existência do (mundo ...), e a existência (... casamento). Pense sobre o (... relacionamento), pois ele possui (...) poder. Sua imagem consiste numa (corrupção).

As formas dos espíritos malévolos abrangem machos e fêmeas. Os machos são os que se unem com as almas que habitam uma forma feminina, enquanto as fêmeas são as (pg 149) que se misturam com os que se encontram em forma masculina, porém que são desobedientes. E não se consegue escapar deles, pois detêm a pessoa se ela não receber um poder masculino ou feminino, o noivo e a noiva. Eles são recebidos na câmara nupcial espelhada. Quando as mulheres devassas vêem um homem sozinho, lançam-se sobre ele, entretendo-o e maculando-o. Igualmente, os homens voluptuosos, quando vêem uma mulher bonita sozinha, procuram persuadi-la e possuí-la, desejando corrompê-la. Porém, se vêem um homem com sua esposa juntos, a fêmea não pode se aproximar do homem, nem o macho da mulher. Assim, se a imagem e o anjo estão unidos um ao outro, não pode haver nenhum risco ao homem ou à mulher. Aquele que sai do mundo e portanto não pode mais ser detido pelo fato de ter estado no mundo, evidentemente, está acima do desejo do (...) e medo. Ele domina (...). É superior à inveja. Se (...) vem, eles o apanham e sufocam-no. E como (este) será capaz de escapar dos (grandes ...) poderes? Como será capaz de (...). Alguns (dizem), "Temos fé", para que (... os espíritos imundos) e os demônios. Pois, se tivessem o Espírito Santo, nenhum espírito imundo teria se agarrado a eles. Não tenha medo da carne nem a ame. Se a temeres, ela te dominará. Se a amares, ela te devorará e paralizará.

Ou se está neste mundo, na ressurreição ou no local intermediário. Deus me livre de encontrar-me lá! Neste mundo existe o bem e o mal. As coisas boas do mundo não são boas, e as coisas más não são más. Porém, depois deste mundo, existe mal que realmente é mal - o que é chamado de "o meio," o lugar intermediário. É a morte. Enquanto se está neste mundo é apropriado buscar-se a ressurreição, para que, quando venhamos a despir-nos da carne possamos encontrar o descanso e não caminhar no meio. Porque muitos se perdem no caminho. É melhor sair do mundo antes de pecar.

Alguns nem querem nem podem; outros não tiram proveito mesmo querendo: pois eles não agiram de acordo, (eles acreditam,) (...) torna-os pecadores. E se não querem, a justiça vai se esquivar deles em ambos os casos: e será sempre uma questão da vontade e não da ação. Um apóstólico, numa visão, percebeu algumas pessoas fechadas numa casa em fogo, presos com (...) flamejantes, deitados (...) em chamas (...) eles em (...) fé (...). E eles disseram, "(...) poderão ser salvos?" (...) "Eles não desejam isto. Receberam (...) castigo, que é chamado "a escuridão (...), porque (...)"

(pg 150) A alma e o espírito vieram à existência a partir da água e do fogo. É da água, do fogo e da luz que o filho da câmara nupcial (veio a existir). O fogo é a crisma, a luz é o fogo. Não estou me referindo ao fogo que não tem forma, mas ao outro fogo cuja forma é branca, que é brilhante e belo e que irradia beleza.

A verdade não veio nua ao mundo, mas veio em modelos e imagens. O mundo não receberá a verdade de qualquer outra forma. Há um renascimento e uma imagem do renascimento. Certamente é necessário nascer outra vez por meio da imagem. Qual delas? A ressurreição. A imagem deve levantar-se outra vez por meio da imagem. A câmara nupcial e a imagem devem entrar na verdade através da imagem: isto é a restauração. Não só aqueles que produzem o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo devem fazê-lo, mas (aqueles) que os produziram para ti. Se a pessoa não os adquire, o nome (cristão) também lhe será retirado. Porém a pessoa recebe a unção do (...) do poder da cruz. Este poder os apóstolos chamaram "a direita e a esquerda". Pois esta pessoa não é mais um cristão, mas Cristo.

O Senhor fez tudo num mistério, um batismo, uma crisma, uma eucaristia, uma redenção e uma câmara nupcial.

(...) ele disse, "Vim fazer (as coisas abaixo) como as coisas (acima, e as coisas) fora como aquelas (dentro. Vim para uni-las) no lugar". (...) aqui por meio de (modelos ...). Aqueles que dizem, "(Existe um homem celestial e) existe outro acima (dele)", estão enganados. Porque é o primeiro destes dois (homens) celestiais, aquele que se manifesta, que é chamado "aquele que está abaixo"; e aquele a quem pertence o oculto é (supostamente) o que está acima dele. Portanto, seria melhor dizerem, "O interior e o exterior, e o que está fora de exterior". Por causa disto o Senhor chamou a destruição "a escuridão exterior"; não existe nada além dela. Ele disse: "Meu Pai que está em segredo". Ele disse, "Entra em teu aposento, fecha a porta e ora a teu Pai que está em segredo" (Mt 6:6), aquele que está no interior de tudo. Mas o que está no interior de tudo é a plenitude. Mais interior do que ela não existe nada. É sobre isto que dizem, "O que está acima deles".

Antes do Cristo alguns saíram de um lugar no qual não conseguiam mais entrar e foram para onde não mais conseguiam sair. Então veio o Cristo. Ele retirou aqueles que entraram e pôs para dentro os que saíram.

Quando Eva ainda estava em Adão a morte não existia. Quando ela se separou dele a morte passou a existir. Se ele entrar outra vez e alcançar o seu ser primordial, a morte deixará de existir.

(pg 151) "Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste, ó Senhor?" (Mc 15:34 e outras). Foi na cruz que ele disse estas palavras, porque havia deixado aquele lugar.

(...) que foi gerado através dele que (...) de Deus.

O (...) dos mortos. (...) para ser, mas agora (...) perfeito. (...) carne, mas isto (...) é a verdadeira carne. (...) não é verdade, mas (...) só uma imagem do verdadeiro.

Uma câmara nupcial não é para os animais, nem para os escravos, nem para as mulheres violadas; mas é para os homens livres e virgens.

Somos realmente engendrados outra vez pelo Espírito Santo, mas somos engendrados pelo Cristo nos dois. Somos unguídos por meio do Espírito. Quando somos engendrados somos unidos. Ninguém pode ver-se na água ou num espelho sem luz. Tampouco podes ver-te na luz sem água ou espelho. Por esta razão, é apropriado batizar nos dois, na luz e na água. Pois bem, a luz é a crisma.

Havia três lugares específicos para sacrifício em Jerusalém. O que estava voltado para o poente era chamado de "o sagrado." Outro, voltado para o sul, era chamado de "o santo do santo." O terceiro, voltado para o nascente, era chamado "o santo dos santos," o lugar onde só o Sumo Sacerdote podia entrar. O Batismo é o edifício "sagrado." A Redenção é "o santo do santo," e a Câmara Nupcial "o santo dos santos." O Batismo inclui a Ressurreição (e a) Redenção; a Redenção (ocorre) na câmara nupcial. Mas a Câmara Nupcial ocorre naquele lugar que é superior ao (...) tu não encontrarás (...) são aqueles que oram (...) Jerusalém. (...) Jerusalém, (...) aqueles chamados "o santo dos santos" (... o) véu foi rasgado (...) câmara nupcial exceto a imagem (...) acima. Por esta razão seu véu rasgou-se de alto a baixo. Pois era apropriado que alguns de baixo fossem para cima.

Os poderes não vêem aqueles que estão vestidos com a luz perfeita e, por isto, não podem detê-los. A pessoa pode vestir-se sacramentalmente com esta luz na união.

Se a mulher não tivesse se separado do homem, ela não morreria com o homem. Sua separação tornou-se o começo da morte. Por isto o Cristo veio, para reparar a separação que houve no princípio e unir os dois outra vez e para dar vida àqueles que morreram devido à separação, unindo-os de novo. Mas a mulher uni-se a seu marido na câmara nupcial. Na verdade, aqueles que foram unidos na câmara nupcial não mais serão (pg 152) separados. Portanto, Eva separou-se de Adão porque não foi na câmara nupcial que ela se uniu a ele.

A alma de Adão chegou à existência por meio de um sopro. O companheiro de sua alma é o Espírito. Sua mãe é a coisa que lhe foi dada. Sua alma foi-lhe tomada e substituída por um (espírito). Quando ele estava unido (ao Espírito), (pronunciou) palavras incompreensíveis aos poderes. Eles o invejaram (...) parceiro espiritual (...) escondido (...) oportunidade (...) somente para eles (...) câmara nupcial para que (...)

Jesus apareceu (...) Jordão, a (plenitude do reino) dos céus. Ele que (foi engendrado) antes de todas as coisas foi engendrado novamente. Ele (que foi unguído) outrora foi unguído novamente. Ele que tinha sido redimido, redimiu (outros) por sua vez.

Realmente, um mistério deve ser dito. O pai de todas as coisas uniu-se com a virgem que havia descido, e o fogo brilhou para ele naquele dia. Ele apareceu na grande câmara nupcial. Portanto, seu corpo passou a existir naquele dia. Deixou a câmara nupcial como alguém que veio à existência por meio do noivo e da noiva. Desta forma, Jesus estabeleceu todas as coisas nela por meio deles. É conveniente que cada um dos discípulos entre em seu repouso.

Adão veio a ser por meio de duas virgens, do Espírito e da Terra virgem. O Cristo, portanto, nasceu de uma virgem para retificar a queda que houve no princípio.

Existem duas árvores crescendo no Paraíso. Uma sustenta (animais) e a outra sustenta homens. Adão (comeu) da árvore que nutria animais. (Ele) tornou-se um animal e produziu animais. Por esta razão os filhos de Adão adoram (animais). A árvore (...) fruto é (...) aumentado. (...) comeu o (...) fruto da (...) nutre homens, (...) homem. (...) Deus criou o homem. (... os homens) criaram Deus. É desta maneira que são as coisas no mundo, os homens criam deuses e adoram a sua criação. Seria apropriado que os deuses adorassem os homens!

Certamente a realização de um homem depende de sua habilidade. Por isto referimo-nos as suas realizações como suas "habilidades." Entre suas realizações encontram-se seus filhos. Eles têm sua origem num momento de repouso. Portanto, suas habilidades determinam o que ele pode realizar, mas este repouso mostra-se evidente nos filhos. Isto se aplica diretamente à imagem. Aqui está o homem feito de acordo com a imagem realizando coisas com sua força física, mas produzindo seus filhos com facilidade.

Neste mundo, os escravos servem os livres. No Reino dos Céus, os livres vão (pg 153) cuidar dos escravos: os filhos da câmara nupcial vão cuidar dos filhos do casamento. Os filhos da câmara nupcial têm (um só) nome: repouso. (De modo geral) eles não precisam tomar (nenhuma) outra forma (porque têm) a contemplação, (...). São numerosos (...) nas coisas (...) as glórias (...).

Aqueles (...) descem à água. (...) saem (da água), vão consagrar (...) aqueles que têm (...) em seu nome. Pois ele disse, "(Assim) devemos cumprir toda a justiça" (Mt 3:15).

Aqueles que dizem que devem morrer primeiro para depois ressuscitar estão enganados. Se eles não receberem primeiro a ressurreição enquanto estiverem vivos, quando morrerem não receberão nada. Assim também, quando falam sobre o batismo dizem, "O batismo é uma grande coisa," pois se as pessoas o receberem viverão.

Felipe, o apóstolo, disse: "José, o carpinteiro, plantou um jardim porque precisava de madeira para seu ofício. Foi ele que fez a cruz das árvores que plantou. Sua própria descendência ficou pendurada naquilo que ele plantou. Sua descendência foi Jesus, e o plantio foi a cruz." Mas a árvore da vida está no meio do jardim. Porém é da oliveira que recebemos a crisma, e da crisma a ressurreição.

Este mundo é um devorador de cadáveres. Todas as coisas que se comem nele também morrem. A verdade alimenta-se da vida. Portanto, ninguém nutrido pela (verdade) morrerá. Foi daquele lugar que Jesus veio e trouxe alimento. Aos que desejavam ele deu (vida para que) eles não morressem.

Deus (...) um jardim. O homem (...) jardim. Existem (...) e (...) de Deus. (...) As coisas que estão no (...) eu desejo. Este jardim (é o lugar em que) me dirão, "(... coma) isto ou não coma (aquilo, da maneira que) desejares." No lugar em que comerei todas as coisas está a árvore do conhecimento. Aquela matou Adão, mas aqui a árvore do conhecimento faz com que o homem viva. A lei era a árvore. Ela tem o poder para outorgar o conhecimento do bem e do mal. Ela nem o removeu do mal, nem o colocou no bem, mas criou a morte para aqueles que comiam dela. Pois quando ele disse, "Come isto, não coma aquilo," isto foi o começo da morte.

A crisma é superior ao batismo, pois foi a partir da palavra "crisma" que fomos chamados de "cristãos," e certamente não por causa da palavra "batismo." E é por causa da crisma que "o Cristo" recebeu seu nome. Porque o Pai ungiu o Filho, o Filho ungiu os apóstolos, e os apóstolos nos ungiram. Aquele que foi ungido tem tudo. Ele tem a ressurreição, a luz, a cruz e o Espírito Santo. O Pai deu-lhe isto na câmara nupcial; ele (pg 154) meramente aceitou (a dádiva). O Pai estava no Filho e o Filho no Pai. Isto é o Reino dos Céus.

O Senhor falou bem: "Alguns entraram no reino dos céus rindo, e saíram (...) porque (...) um cristão, (...). E logo que (... desceu) à água ele veio (...) tudo (deste mundo), (...) porque (...) um pouco, mas (... cheio de) menosprezo por este (...) reino dos (céus ...). Se ele despreza (...) e o desdenha um pouco (...) sairá rindo. Assim é também com o pão e o cálice de óleo, apesar de haver outro superior a estes.

O mundo foi criado por engano. Porque aquele que o criou queria fazê-lo imperecível e imortal. Ele não conseguiu realizar o seu desejo, pois o mundo nunca foi imperecível, e tampouco aquele que fez o mundo. Porque as coisas não são eternas, mas os filhos são. Nada será capaz de tornar-se eterno se não se tornar primeiramente um filho. Mas, ele que não tem a habilidade de receber, não será muito mais incapaz de dar?

O cálice da oração contém vinho e água, já que foi indicado para o tipo de sangue com o qual se realiza a ação de graça. Ele está pleno do Espírito Santo e pertence ao homem inteiramente perfeito. Quando bebermos deste cálice, receberemos o homem perfeito. A água viva é um corpo. Precisamos vestir-nos com o homem vivo. Portanto, quando ele está prestes a descer à água, despe-se para vestir-se com o homem vivo.

Um cavalo procria um cavalo, um homem gera um homem, um deus faz surgir um deus.

Compare (o) noivo e a (noiva). Eles vieram do (...). Nenhum judeu (...) (...) existiu. E (...) dos judeus. (...) cristãos, (...) estes (...) são referidos como "o povo escolhido de (...)," "o verdadeiro homem," "o filho do homem" e "a semente do filho do homem." Esta raça verdadeira é renomada no mundo ... em que os filhos da câmara nupcial moram.

Enquanto neste mundo a união é entre marido e mulher, um exemplo de força complementada pela fraqueza (?), no reino (eon) eterno, a forma de união é diferente, apesar de nos referirmos às duas pelo mesmo nome. Porém, existem outros nomes. Eles são superiores a todos os nomes indicados e são mais fortes do que o forte. Pois, quando ocorre uma demonstração de força, aparecem aqueles que se distinguem pela força. Estas coisas não são separadas, sendo ambas esta única coisa. Isto é aquilo que não será capaz de se elevar acima do coração de carne.

(pg 155) Não é preciso que aqueles que têm tudo conheçam a si mesmos? Alguns, de fato, que não conhecem a si mesmos, não serão capazes de gozar do que possuem.

Não só serão incapazes de deter o homem perfeito, mas não serão capazes de vê-lo, pois, se o virem, irão detê-lo. Não há outro meio para uma pessoa adquirir esta qualidade, exceto vestindo a luz perfeita (e) tornando-se também luz perfeita. Aquele que (a tiver vestido) entrará (...). Quem recebe tudo (...) deste lado (...) será capaz (...) aquele lugar, mas vai (... o meio) como imperfeito. Somente Jesus sabe o fim desta pessoa.

O sacerdote é inteiramente santo, até mesmo o seu corpo. Pois, se tomar o pão, o consagrará. Ele consagrará o cálice e tudo o mais que receber. Assim, como não vai consagrar o corpo também?

Ao aperfeiçoar a água do batismo, Jesus a esvaziou da morte. Assim descemos à água, mas não baixamos à morte para que não sejamos vertidos no espírito do mundo. Quando aquele espírito sopra, ele traz o inverno. Quando o Espírito Santo sopra, chega o verão.

Aquele que tem o conhecimento da verdade é um homem livre, porém o homem livre não peca, pois "aquele que peca é escravo do pecado" (Jo 8:34). A verdade é a mãe, o conhecimento o pai. Aqueles que pensam que o pecado não se aplica a eles são chamados de "livres" pelo mundo. "Conhecimento" da verdade "torna estas pessoas meramente arrogantes," que é o que as palavras "os tornam livres" significam. Isto lhes dá um sentimento de superioridade sobre todo o mundo. Mas "o amor constrói" (1 Co 8:1). Na verdade, aquele que, por meio do conhecimento, é realmente livre, torna-se um escravo, devido ao amor por aqueles que não foram ainda capazes de alcançar a liberdade do conhecimento. O conhecimento torna-os capazes de serem-se livres. O amor (nunca chama) algo de seu, (...) ele (...) possui (...). Ele nunca (diz, "Isto é seu") ou "Isto é meu," (mas, "Tudo isto) é seu." O amor espiritual é vinho e fragrância. Todos que com ele se ungem se deleitam nisto. Enquanto aqueles que foram ungidos estiverem presentes, os que estão por perto também se aproveitam (da fragrância). Porém, quando os que foram ungidos com o unguento se retirarem, deixando-os, então aqueles que não foram ungidos, mas estavam meramente por perto, permanecerão em meio a seu mau odor. O samaritano não deu ao homem ferido nada mais do que vinho e óleo. Isto nada mais é do que o unguento, que cura as feridas, pois "o amor cobre inúmeros pecados" (1 Pe 4:8).

(pg 156) As crianças que uma mulher dá a luz se parecem com o homem que a ama. Se o seu marido a ama, então eles se parecem com seu marido. Se este for um adúltero, então elas se parecerão com o adúltero. Com freqüência, se uma mulher (adúltera) se deita com seu marido por conveniência, enquanto seu coração está com o amante, com quem ela geralmente tem relações, a criança que ela terá nascerá parecendo-se com o adúltero. Portanto, vós que viveis com o Filho de Deus, não ameis o mundo, mas sim o Senhor, para que os filhos que vierdes a engendrar não se parecem com o mundo, mas com o Senhor.

O ser humano tem relação sexual com um ser humano. O cavalo com um cavalo, um jumento com um jumento. Membros de uma raça geralmente se associam (com) pessoas da mesma raça. Assim o Espírito se mistura com o Espírito, o pensamento se relaciona com o pensamento, e a (luz) compartilha (com a luz. Se) nasceres como um ser humano, será (um ser humano) que te amará. Se te tornares (um espírito), será o Espírito que se unirá a ti. Se te tornares pensamento, será o pensamento que se associará contigo. Se te tornares luz, é a luz que compartilhará contigo. Se te tornares um daqueles que pertencem ao alto, são aqueles que pertencem ao alto que repousarão em ti. Se te tornares um cavalo, um jumento, um touro, um cão, uma ovelha ou qualquer outro animal que estão fora ou embaixo, então, nenhum ser humano, espírito, pensamento ou luz será capaz de amar-te. Nem os que pertencem ao alto nem os que pertencem ao interior serão capazes de repousar em ti, e não terás parte deles.

Aquele que é escravo contra o seu desejo será capaz de tornar-se livre. Aquele que se tornou livre devido ao favor de seu mestre, e depois vendeu-se como escravo novamente, não será mais capaz de ser livre.

A agricultura no mundo requer a cooperação de quatro elementos essenciais. A colheita será reunida no celeiro somente se houver a ação natural da água, da terra, do vento e da luz. A agricultura de Deus, da mesma forma, é baseada em quatro elementos: fé, esperança, amor e conhecimento. A fé é a terra em que fincamos raiz. A esperança é a água por meio da qual somos nutridos. Amor é o vento por meio do qual crescemos. O conhecimento, então, é a luz, por meio da qual amadurecemos. A graça existe de (quatro maneiras: ela é) nascida da terra, é (celestial, ...) do mais alto céu, (...) no (...).

Bem aventurado é aquele que em nenhuma ocasião causou a uma alma (...). Esta pessoa é Jesus Cristo. Ele foi a toda parte e não prejudicou ninguém. Portanto, bem aventurado é aquele que age desta forma, porque é um homem perfeito. Pois a palavra (pg 157) nos diz que este tipo

de homem é difícil de encontrar. Como seremos capazes de realizar uma coisa tão nobre? Como esta pessoa dará consolo a todos? Acima de tudo, não é apropriado causar tristeza a ninguém - seja importante ou modesto, crente ou sem crença - dando, então, consolo somente àqueles que se comprazem em boas ações. Alguns acham vantajoso proporcionar auxílio aos que fazem o bem. Aquele que faz boas ações não pode auxiliar tais pessoas, pois não se apega ao que gosta. Porém, é incapaz de causar tristeza, já que não aflige a ninguém. Na verdade, aquele que faz o bem, às vezes, causa tristeza aos outros -- não que seja sua intenção fazer isto -- ao contrário, é a própria maldade dos outros que é responsável pela tristeza que sentem. Aquele que tem as qualidades (do homem perfeito) confere alegria aos bons. Algumas pessoas, no entanto, sentem-se terrivelmente aflitas com tudo isto.

Havia um chefe de família que tinha todas as coisas imagináveis: filhos, escravos, gado, cachorros, porcos, milho, cevada, palha, pastagens, (...), carne e bolotas. (Ele era, porém,) uma pessoa sensata e conhecia o alimento de cada um. Servia pão às crianças (...). Servia farinha aos escravos (e ...). Lançava cevada, palha e capim ao gado. Dispensava ossos aos cachorros e bolotas e lavagem aos porcos. O mesmo ocorre com o discípulo de Deus: se ele for uma pessoa sensata compreende as necessidades do discipulado. As formas corporais não o enganarão, e ele examinará a condição da alma de cada um falando de acordo. Existem muitos animais no mundo que se apresentam de forma humana. Quando o discípulo os indentifica, lança bolotas aos porcos, cevada, palha e capim ao gado, ossos aos cães. Aos escravos proporcionará somente as lições elementares, às crianças oferecerá a instrução completa.

Existe o Filho do Homem e o filho do Filho do Homem. O Senhor é o Filho do Homem, e o filho do Filho do Homem é aquele que cria por meio do Filho do Homem. O Filho do Homem recebe de Deus a capacidade para criar. Ele também tem a capacidade para gerar. Aquele que recebeu a habilidade para criar é uma criatura. Aquele que recebeu a habilidade para gerar é um descendente. Aquele que cria não pode gerar. Aquele que gera não tem o poder de criar. É dito, no entanto, "Aquele que cria gera." Mas, a sua denominada "prole" é meramente uma criatura. Por causa da (...) do nascimento, eles não são seus descendentes mas (...). Aquele que cria trabalha abertamente e é visível. Aquele que gera o faz (em privacidade), ficando escondido, já (pg 158) que (...) imagem. Da mesma forma, aquele que cria (o faz) abertamente. Mas, o que gera (engendra) os filhos em privacidade. Ninguém (pode) saber quando (o marido) e a esposa têm relações sexuais, a não ser os dois. Realmente, o casamento no mundo é um mistério para os que assumiram uma esposa. Se existe uma qualidade oculta no casamento da corrupção, maior ainda será o verdadeiro mistério do matrimônio não profanado! Ele não é carnal mas puro. Não pertence ao desejo mas à vontade. Não pertence à escuridão nem à noite, mas ao dia e à luz. Quando um casamento está aberto ao público, tornou-se prostituição, e a noiva faz o papel de prostituta não só quando é inseminada por outro homem, mas ainda quando sai de seu quarto e é vista. Ela só deve mostrar-se a seu pai, sua mãe, ao amigo do noivo e aos filhos do noivo. A estes é permitido entrar todos os dias na câmara nupcial. Aos outros resta simplesmente ansiar por ouvir a voz da noiva e deleitar-se com seu bálsamo. Eles que se alimentem das migalhas que caem da mesa, como os cães. O noivo e a noiva pertencem à câmara nupcial. Ninguém poderá ver o noivo e a noiva, a menos que (torne-se) um com eles.

Quando Abraão (...) que ele veria o que devia ver, (ele cortou) a carne do prepúcio, ensinando-nos que é apropriado destruir a carne.

(A maior parte das coisas) no mundo, enquanto suas (partes internas) estão ocultas, ficam de pé e vivem. (Se são reveladas), morrem, como é ilustrado pelo homem visível: (enquanto) os intestinos do homem estão escondidos, o homem está vivo; quando seus intestinos são expostos e saem de dentro dele, o homem morre. O mesmo ocorre com a árvore: enquanto a raiz está escondida ela brota e cresce. Se suas raízes são expostas, a árvore seca. Assim ocorre com todo nascimento no mundo, não só com o revelado, mas (também) com o oculto. Porque enquanto a raiz da maldade está escondida, esta permanece forte. Mas quando é reconhecida ela se dissolve. Quando é revelada ela morre. É por isto que a palavra disse: "O machado já está posto à raiz das árvores" (Mt 3:10). Ele não só cortará -- o que é cortado brota outra vez -- mas o machado penetra profundamente até trazer a raiz para fora. Jesus arrancou inteiramente a raiz de todas as coisas, enquanto outros só o fizeram parcialmente. Quanto a nós, que cada um cave em busca da raiz do mal que está dentro de si, e que ela seja arrancada do coração de cada um pela raiz. Ela será arrancada se nós a reconhecermos. Mas se a ignorarmos, o mal se enraizará em nós e produzirá seus frutos em nosso coração. Ele nos dominará. Seremos seus escravos. Ele nos mantém cativos, para que façamos o que não queremos e não façamos o que queremos. Ele é poderoso porque nós não o reconhecemos. Enquanto (existe) permanece ativo. A ignorância é a mãe de (todos os (pg 159) males). A ignorância resultará na (morte, porque)

aqueles que vivem na ignorância não foram, não (são) nem serão. (...) será perfeito quando toda a verdade for revelada. Porque a verdade é como a ignorância: enquanto está escondida repousa em si mesma, mas quando é revelada e reconhecida, passa a ser louvada porque é mais forte do que a ignorância e o erro. Ela dá liberdade. A Palavra disse, "Se conhecerdes a verdade, a verdade vos libertará" (Jo 8:32). A ignorância é uma escrava. Conhecimento é liberdade. Se conhecermos a verdade, encontraremos os frutos da verdade dentro de nós. Se nos unirmos com ela, nos trará a plenitude.

No momento temos as coisas manifestadas da criação. Dizemos, "Os fortes que são tidos em alta estima são grandes indivíduos. E os fracos que são desprezados são os obscuros." Contraste esta situação com as coisas manifestadas da verdade: elas são fracas e desprezadas, enquanto as coisas ocultas são fortes e tidas em alta estima. Os mistérios da verdade são revelados, ainda que por meio de modelos e imagens. A câmara nupcial, no entanto, permanece oculta. É o santo do santo. O véu inicialmente ocultava (a forma) como Deus controla a criação, mas quando o véu é rasgado e as coisas interiores são reveladas, esta casa ficará desolada, ou melhor, será (destruída). E toda a deidade (inferior) fugirá daqui, mas não para os santos (dos) santos, porque não será capaz de se misturar com a (luz) pura e com a plenitude (perfeita), mas para baixo das asas da cruz (e debaixo) de seus braços. Esta arca será (sua) salvação quando a enchente das águas surgir sobre eles. Se alguns pertencem a ordem sacerdotal, serão capazes de retirar-se para dentro do véu com o sumo sacerdote. Por esta razão o véu não se rasgou somente no alto, pois neste caso estaria aberto somente para os do alto; nem foi rasgado somente em baixo, pois neste caso teria sido revelado somente para os de baixo. Mas foi rasgado de alto a baixo. Aqueles acima abriram para nós as coisas abaixo, para que pudéssemos penetrar o segredo da verdade. Isto realmente é o que é tido em alta consideração (e) que é forte! E iremos lá por meio de modelos inferiores e formas de fraqueza. Eles são realmente inferiores quando comparados com a glória perfeita. Há uma glória que ultrapassa a glória e um poder que ultrapassa o poder. Portanto, as coisas perfeitas se abriram para nós, juntamente com as coisas ocultas da verdade. O santo dos santos foi revelado, e a câmara nupcial nos convida a entrar.

Enquanto ela estiver escondida, a fraqueza é realmente ineficaz, pois ela não foi removida do âmago da semente do Espírito Santo. Eles são escravos do mal. Mas, quando ela for revelada, então, a luz perfeita vai brilhar sobre todos. E todos os que (pg 160) estiverem em seu bojo (receberão a crisma). Então, os escravos serão libertados, (e) os cativos serão resgatados. "(Toda) planta (que) meu pai que está nos céus (não tiver) plantado será arrancada" (Mt 15:13). Aqueles que estiverem separados se unirão (...) e serão preenchidos. Quem (entrar) na câmara nupcial vai acender a (luz), porque (...) assim como nos casamentos que são (...) acontece a noite. Aquele fogo (...) só de noite e é apagado. Mas, por outro lado, os mistérios daquele casamento são aperfeiçoados de dia e sob a luz. Nem aquele dia nem sua luz jamais terminam. Se alguém tornar-se um filho da câmara nupcial, este receberá a luz. Se alguém não recebê-la enquanto estiver aqui, não será capaz de recebê-la no outro lugar. Quem receber aquela luz não será visto, nem poderá ser detido. E ninguém será capaz de atormentar uma pessoa como aquela, mesmo quando ela estiver vivendo no mundo. E também, quando se retirar do mundo, ela já terá recebido a verdade em imagens. O mundo tornou-se o reino (eon) eterno, porque o reino eterno é a plenitude para ela. E isto ocorre desta forma: é revelado a ela sozinha, não escondido na escuridão e à noite, mas escondido num dia perfeito e sob a luz sagrada.

F I M

Fonte: THE NAG HAMMADI LIBRARY

James M. Robinson (ed.)

Harper San Francisco, 1994, pg. 141-160

Tradução: Raul Branco

Revisão: Edilson Pedrosa

Nag Hammadi - O EVANGELHO DE PEDRO

OS LIVROS APÓCRIFOS DA BÍBLIA

Os livros apócrifos da Bíblia são uma importante e complementar fonte de informação e conhecimento, acrescentando preciosos esclarecimentos às Sagradas Escrituras, principalmente naquilo que se refere à vida de Jesus Cristo entre os oito e os trinta anos. Os livros apócrifos da Bíblia são uma importante e complementar fonte de informação e conhecimento, acrescentando preciosos esclarecimentos às Sagradas Escrituras, principalmente naquilo que se refere à vida de Jesus Cristo entre os oito e os trinta anos.

A INFÂNCIA DE CRISTO SEGUNDO PEDRO

Este é considerado o quinto Evangelho, escrito por Pedro, segundo relatos feitos por Nossa Senhora. Publicado pela primeira vez em 1677, conta com verões e, grego, latim, armênio e árabe.

Muita gente se indaga ainda hoje porque os Evangelhos da Bíblia não falam da infância e juventude de Cristo. Isso tem provocado inúmeras especulações, inclusive algumas que citam que o Mestre exilou-se junto aos monges do Tibete ou conviveu com os essênios, com cujos mestres instruiu-se. Admitir isso é negar a divindade de Cristo, pois se ele precisou de um mestre, seria mais lógico que, hoje em dia, adorássemos o seu mestre e não ele, o aprendiz. Isso fica bem claro nas passagens XLVIII e XLIX.

Nesta narrativa, há maiores detalhes sobre o encontro de Jesus com os sábios, no templo de Jerusalém, além de suas brincadeiras com as outras crianças e seu trabalho na companhia de José. Nas notas de rodapé, apresentamos trechos do Evangelho Armênio da Infância, uma versão ampliada do Evangelho da Infância, onde algumas passagens extras esclarecem momentos importantes da vida de Jesus. Esses livros foram considerados apócrifos pela Igreja, isto é, sem a inspiração divina, e excluídos dos textos originais que formaram, ao longo do tempo, a atual Bíblia. Quais foram os critérios utilizados para selecionar os livros inspirados divinamente foi algo que até hoje a Igreja não explicou de modo convincente. O que se sabe é que há relatos sobre a infância de Cristo, sobre a Natividade, sobre São José e outras, que não são aceitas como textos sagrados, muito embora contenham narrativas que completam diversas lacunas nos textos considerados sagrados.

O Evangelho da Infância mostra, de modo sensível e belo, o que foi a infância de Nosso Senhor Jesus Cristo, que desde a mais tenra idade já manifestava sua santidade. É um texto que encanta pela sua beleza, pela singeleza e pelas situações que retratam, onde o Cristo surge como a criança que foi, muito embora sua divindade o levasse a gestos inusitados, mas marcados pela sabedoria precoce e pela coerência de seus atos.

A INFÂNCIA DE CRISTO

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, Deus único.

Com o auxílio e a ajuda do Deus todo poderoso, começamos a escrever o livro dos milagres de nosso Salvador, Mestre e Senhor Jesus Cristo, que se intitula o Evangelho da Infância, conforme narrado por Maria, sua mãe, na paz do Nosso Senhor e Salvador. Que assim seja.

I. Palavras de Jesus no Berço

Encontramos no livro do grande sacerdote Josefo que viveu no tempo de Jesus Cristo, e que alguns chamam de Caifás, que Jesus falou quando estava no berço e que disse a sua mãe Maria:

- Eu, que nasci de ti, sou Jesus, o filho de Deus, o Verbo, como te anunciou o anjo Gabriel, e meu Pai me enviou para a salvação do mundo.

II. Viagem a Belém

No ano de 309 da era de Alexandre, Augusto ordenara que todos fossem recenseados em sua cidade natal. José partiu, então, conduzindo Maria, sua esposa. Vieram a Jerusalém, de onde se dirigiram a Belém para inscreverem-se no local onde ele havia nascido. Quando estavam próximos a uma caverna, Maria disse a José que sua hora havia chegado e que não poderia ir até a cidade.

- Entremos nesta caverna - disse ela.

O sol estava começando a se pôr. José apressou-se em procurar uma mulher que assistisse Maria no parto e encontrou uma anciã que vinha de Jerusalém.

Saudando-a, disse-lhe:

- Entra na caverna onde encontrarás uma mulher em trabalho de parto.

III. A Parteira de Jerusalém

Após o pôr-do-sol, José chegou com a anciã à caverna e eles entraram. Eis que a caverna estava resplandecendo com uma claridade que superava a de uma infinidade de labaredas e brilhava mais do que o sol do meio-dia. A criança, enrolada em fraldas e deitada numa manjedoura, mamava no seio da mãe. Ambos ficaram surpresos com o aspecto daquela claridade e a anciã disse a Maria:

- És tu a mãe desta criança?

Ao responder afirmativamente Maria, disse-lhe:

- Não és semelhante às filhas de Eva.

Respondeu Maria respondeu:

- Assim como entre as crianças dos homens não há nenhuma que seja semelhante ao meu filho, assim também sua mãe não tem par entre todas as mulheres.

A anciã disse então:

- Senhora e ama, vim para receber uma recompensa que perdurará para todo o sempre.

Maria lhe disse, então:

- Põe tuas mãos sobre a criança.

Quando a anciã o fez, foi purificada. Ao sair, ela disse:

- A partir deste momento, eu serei a serva desta criança e quero consagrar-me a seu serviço, por todos os dias da minha vida.

IV. A Adoração dos Pastores

Em seguida, quando os pastores chegaram e acenderam o fogo, entregando-se à alegria, as cortes celestes apareceram, louvando e celebrando o Senhor, a caverna parecia-se com um templo augusto, onde reis celestiais e terrestres celebravam a glória e os louvores de Deus por causa da natividade do Senhor Jesus Cristo. E esta anciã hebréia, vendo estes milagres resplandecentes, rendia graças a Deus, dizendo:

- Eu te rendo graças, ó Deus, Deus de Israel, porque os meus olhos viram a natividade do Salvador do mundo.

V. A Circuncisão

Quando chegou o tempo da circuncisão, isto é, o oitavo dia, época na qual o recém-nascido deve ser circuncidado segundo a lei, eles o circuncidaram na caverna e a velha anciã recolheu o prepúcio e colocou-o em um vaso de alabastro, cheio de óleo de nardo velho. Como tivesse um filho que comercializava perfumes, Maria deu-lhe o vaso, dizendo:

- Muito cuidado para não vender este vaso cheio de perfume de nardo, mesmo que te ofereçam trezentos dinares.

E este é o vaso que Maria, a pecadora, comprou e derramou sobre a cabeça e sobre os pés de Nosso Senhor Jesus Cristo, enxugando-os com seus cabelos.

Quando dez dias se haviam passado, eles levaram a criança para Jerusalém e, ao término da quarentena, eles o apresentaram no templo do Senhor, oferecendo por ele as oferendas prescritas pela lei de Moisés, que diz:

- Toda criança do sexo masculino que sair de sua mãe será chamada **o santo de Deus**.

VI. Apresentação no Templo

O velho Simeão viu o menino Jesus resplandecente de claridade como um facho de luz, quando a Virgem Maria, cheia de alegria, entrou com ele em seus braços. Uma multidão de anjos rodeava-o, louvando-o e acompanhando-o, assim como os satélites de honra seguem seu rei. Simeão, pois, aproximando-se rapidamente de Maria e estendendo suas mãos para ela, disse ao Senhor Jesus:

- Agora, Senhor, teu servo pode retirar-se em paz, segundo tua promessa, pois meus olhos viram tua misericórdia e o que preparaste para a salvação de todas as nações, luz de todos os povos e a glória de teu povo de Israel.

A profetisa Ana também estava presente, rendia graças a Deus e celebrava a felicidade de Maria.

VII. A Adoração dos Magos

Aconteceu que, enquanto o Senhor vinha ao mundo em Belém, cidade da Judéia, Magos vieram de países do Oriente a Jerusalém, tal como havia predito Zoroastro, e traziam com eles presentes: ouro, incenso e mirra. Adoraram a criança e renderam-lhe homenagem com seus presentes. Então Maria pegou uma das faixas, nas quais a criança estava envolvida, e deu-a aos magos que receberam-na como uma dádiva de valor inestimável. Nesta mesma hora, apareceu-lhes um anjo sob a forma de uma estrela que já lhes havia servido de guia, e eles partiram, seguindo sua luz, até que estivessem de volta a sua pátria.

VIII. A Chegada Dos Magos à sua Terra

Os reis e os príncipes apressaram-se em se reunir em torno dos magos, perguntando-lhes o que haviam visto e o que havia feito, como haviam ido e como haviam voltado e que companheiros eles haviam tido então durante a viagem. Os magos mostraram-lhes a faixa que Maria lhes havia dado. Em seguida, celebraram uma festa, acenderam o fogo segundo seus costumes, adoraram a faixa e a jogaram nas chamas. As chamas envolveram-na.

Ao apagar-se o fogo, eles retiraram o pano e viram que as chamas não haviam deixado nele nenhum vestígio. Eles se puseram então a beijá-lo e a colocá-lo sobre suas cabeças e sobre seus olhos, dizendo:

- Eis certamente a verdade! Qual é pois o preço deste objeto que o fogo não pode nem consumir nem danificar?

E pegando-o, depositaram-no com grande veneração entre seus tesouros.

IX. A Cólera de Herodes

Herodes, vendo que os magos não retornavam a visitá-lo, reuniu os sacerdotes e os doutores e disse-lhes:

- Mostrai-me onde deve nascer o Cristo.

Quando responderam que era em Belém, cidade da Judéia, Herodes pôs-se a tramar, em seu espírito, o assassinato do Senhor Jesus. Então um anjo apareceu a José, durante o sono, e disse-lhe:

- Levanta-te, pegue a criança e sua mãe e foge para o Egito.

Quando o galo cantou, José levantou-se e partiu.

X. Fuga para o Egito

Enquanto ele refletia sobre o caminho que ele devia seguir, a aurora o surpreendeu. A correia da sela se havia rompido ao se aproximarem de uma grande cidade, onde havia um ídolo, ao qual os outros ídolos e divindades do Egito rendiam homenagem e ofereciam presentes. Sempre que Satã falava pela boca do ídolo, os sacerdotes relatavam o que ele dizia aos habitantes do Egito e de suas margens. Um sacerdote tinha um filho de trinta anos que estava possuído por um grande número de demônios. Ele profetizava e anunciava muitas coisas. Quando os demônios se apossavam dele, rasgavam suas roupas e ele corria nu pela cidade, jogando pedras nos homens.

A hospedaria dessa cidade ficava perto deste ídolo. Quando José e Maria lá chegaram e se hospedaram, os habitantes ficaram profundamente perturbados e todos os príncipes e sacerdotes dos ídolos se reuniram ao redor desse ídolo, perguntando-lhe:

- De onde vem esta agitação universal e qual é a causa deste pavor que se apoderou de nossos país? O ídolo respondeu:

- Esse assombro foi trazido por um Deus desconhecido, que é o Deus verdadeiro, e ninguém a não ser ele é digno das honras divinas, pois ele é o verdadeiro Filho de Deus. À sua aproximação, esta região tremeu. Ela se emocionou e se assombrou e nós sentimos um grande temor por causa do seu poder. Neste momento, esse ídolo caiu e quebrou-se, tal como os outros ídolos que estavam no país. Sua queda fez acorrerem todos os habitantes do Egito.

XI. A Cura do Menino Endemoninhado

O filho do sacerdote, acometido do mal que o afligia, entrou no albergue insultando José e Maria, já que os outros hóspedes haviam fugido. Como Maria havia lavado as fraldas do Senhor Jesus e as estendera sobre umas madeiras, o menino possuído pegou uma das fraldas e colocou-a sobre sua cabeça. Imediatamente os demônios fugiram, saindo pela boca, e foram vistos sob a forma de corvos e serpentes. O menino foi curado instantaneamente pelo poder de Jesus Cristo e se pôs a louvar o Senhor que o havia libertado e rendeu-lhe mil ações de graça.

Quando seu pai viu que ele havia recobrado a saúde, exclamou, admirado:

- Meu filho, mas o que te aconteceu e como foste tu curado?"

O filho respondeu:

- No momento em que me atormentavam, eu entrei na hospedaria e lá encontrei uma mulher de grande beleza, que estava com uma criança. Ela estendia sobre umas madeiras as fraldas que acabara de lavar. Eu peguei uma delas e coloquei-la sobre minha cabeça e os demônios fugiram imediatamente e me abandonaram.

O pai, cheio de alegria, exclamou:

- Meu filho, é possível que essa criança seja o Filho do Deus vivo que criou o céu e a terra e, assim que passou por nós, o ídolo partiu-se, os simulacros de todos os nossos deuses caíram e uma força superior à deles destruiu-os.

XII. Os Temores da Sagrada Família

Assim se cumpriu a profecia que diz:

- Chamei o meu filho do Egito.

Quando José e Maria souberam que esse ídolo se havia quebrado, foram tomados de medo e de espanto e diziam:

- Quando estávamos na terra de Israel, Herodes queria que Jesus morresse e, com esta intenção, ele ordenou o massacre de todas as crianças de Belém e das vizinhanças. É de se temer que os egípcios nos queimem vivos, se eles souberem que esse ídolo caiu.

XIII. Os Salteadores

Eles partiram e passaram nas proximidades do covil de ladrões, que despojavam de suas roupas e pertences os viajantes que por ali passavam e, após tê-los amarrado, os arrastavam pelo deserto. Esses ladrões ouviram um forte ruído, semelhante ao do rei que saiu de sua capital ao som dos instrumentos musicais, escoltado por grande exército e por uma numerosa cavalaria. Apavorados, então, deixaram ali todo o seu saque e apressaram-se em fugir. Os cativos, levantando-se, cortaram as cordas que os prendiam e, tendo retomado sua bagagem, iam retirar-se, quando viram José e Maria que se aproximavam e perguntaram-lhes:

- Onde está este rei cujo cortejo, com seu barulho, assustou os ladrões a ponto de eles terem e nos libertado?

José respondeu:

- Ele nos segue.

XIV. A Endemoninhada

Chegaram em seguida a outra cidade, onde havia uma mulher endemoninhada. Quando ela ia buscar água no poço durante a noite, o espírito rebelde e impuro apossava-se dela. Ela não podia suportar nenhuma roupa, nem morar em uma casa. Todas as vezes que a amarravam com cordas e correntes,

ela as partia e fugia nua para locais desertos. Ficava nas estradas e perto de sepulturas, perseguindo e apedrejando aqueles que encontrava no caminho, de forma que ela era, para seus pais, motivo de luto. Maria viu-a e foi tomada de compaixão. Imediatamente Satã a deixou e fugiu sob a forma de um jovem rapaz, dizendo:

- Infeliz de mim, por tua causa, Maria, e por causa do teu filho!

Quando essa mulher foi libertada da causa de seu tormento, olhou ao seu redor e, corando por sua nudez, procurou seus pais, evitando encontrar as pessoas. Após haver vestido suas roupas, ela contou ao seu pai e aos seus o que lhe havia acontecido. Como eles fizessem parte dos habitantes mais distintos da cidade, hospedaram em sua casa José e Maria, demonstrando por eles um grande respeito.

XV. A Jovem Muda

No dia seguinte, José e Maria prosseguiram sua viagem. À noite chegaram a uma cidade onde estava sendo celebrado um casamento. Mas, em decorrência das ciladas do espírito maligno e dos encantamentos de alguns feiticeiros, a esposa ficara muda, de forma que ela não podia mais falar. Quando Maria entrou na cidade, trazendo nos braços o filho, o Senhor Jesus, aquela que havia perdido o uso da palavra avistou-o e imediatamente pegou-o em seus braços. Abraçou-o, apertando-o junto ao seu seio e cobrindo-o de carinho. Imediatamente o laço que travava sua língua partiu-se e seus ouvidos se abriram. Ela começou a glorificar e a agradecer a Deus que a havia curado. Naquela noite, houve uma grande alegria entre os habitantes dessa cidade, pois acreditavam todos que Deus e seus anjos haviam descido no meio deles.

XVI. Outra Endemoninhada

José e Maria passara três dias nesse lugar, onde foram recebidos com grande veneração e esplendidamente tratados. Munidos de provisões para a viagem, partiram dali e chegaram a uma outra cidade. Como ela era próspera e seus habitantes tinha boa reputação, eles pernoveram lá. Havia nessa cidade uma boa mulher. Um dia em que ela havia descido até o rio para lavar-se, um espírito maldito, assumindo a forma de uma serpente, havia se jogado sobre e cingido o seu ventre. Todas as noites estendia-se sobre ela. Quando essa mulher viu Maria e o Senhor Jesus que ela trazia contra o seio, rogou à Santa Virgem que lhe permitisse segurar e beijar a criança. Maria consentiu, e assim que a mulher tocou a criança, Satã abandonou-a e fugiu. Desde então ela não mais o viu. Todos os vizinhos louvaram o Senhor e a mulher recompensou-os com grande generosidade.

XVII. Uma Leprosa

No dia seguinte, essa mulher preparou água perfumada para lavar o menino Jesus e após o haver lavado, guardou essa água. Havia lá uma jovem cujo corpo assava, coberto pela lepra branca. Lavou-se ela com essa água e foi imediatamente curada. O povo dizia então:

- Não resta dúvida de que José e Maria e essa criança sejam Deuses, pois eles não podem ser simples mortais.

Quando eles se preparavam para partir, essa jovem, que havia sido curada da lepra, aproximou-se deles e rogou-lhes que lhe permitissem acompanhá-los.

XVIII. Um Menino Leproso

Eles consentiram e ela foi com eles. Chegaram a uma cidade, onde havia o castelo de um poderoso príncipe. Foram até lá e se hospedaram nele. A jovem, aproximando-se da esposa do príncipe, encontrou-a triste e chorando. Perguntou-lhe, então, qual a causa daquele pesar:

- Não te espantes de me ver entregue à aflição. Estou em meio a uma grande calamidade, que não ousou contar a ninguém.

A jovem tornou:

- Se me confessares qual é teu mal, talvez encontres remédio junto a mim.

A esposa do príncipe disse-lhe:

- Não revelarás este segredo a ninguém. Casei-me com um príncipe cujo império, semelhante a um império de um rei, estende-se por vastos estados e, após haver vivido por muito tempo com ele, ele não teve de mim nenhum descendente. Finalmente, eu concebi, mas trouxe ao mundo uma criança leprosa. Após havê-lo visto, ele não quis reconhecê-lo como seu filho e me disse para matar a criança ou entregá-la a uma ama para que a criasse num local tão afastado, para que não mais ouvíssemos sobre ela. Além disso, ele me mandou pegar o que é meu, pois não queria me ver mais. Eis porque me entrego à dor, deplorando a calamidade que sobre mim se abateu. Choro por meu marido e por meu filho.

A jovem respondeu-lhe:

- Pois não te disse que eu tenho para ti o remédio que te havia prometido? Eu também fui atingida pela lepra, mas fui curada por uma graça de Deus, que é Jesus, o filho de Maria.

A mulher perguntou-lhe, então, onde estava esse Deus do qual falava. A jovem respondeu-lhe:

- Ele está bem aqui, nesta casa".

Perguntou a princesa:

- Como pode ser isso, onde está ele?

A jovem respondeu:

- Aqui estão José e Maria. A criança que está com eles é Jesus e foi ele quem me curou dos meus sofrimentos.

- E por que meio pôde ele te curar? Não vais me contar? - quis saber a princesa.

A jovem explicou:

- Recebi de sua mãe a água na qual ele havia sido lavado, espalhei-la então sobre meu corpo e minha lepra desapareceu.

A esposa do príncipe ergueu-se, então, e recebeu José e Maria.

Preparou para José um magnífico festim, para o qual muitas pessoas foram convidadas. No dia seguinte, ela pegou água perfumada a fim de lavar o Senhor Jesus e ela lavou, com essa mesma água, o seu filho, que ela havia trazido consigo, e logo ele se curou da lepra.

Ela se pôs a cantar louvores a Deus e a render-lhe graças, dizendo-lhe:

- Feliz da mãe que te gerou, ó Jesus! A água com a qual o teu corpo foi lavado cura os homens que têm tua natureza.

Ela ofereceu presentes a Maria e dela despediu-se, tratando-a com grande deferência.

XIX. Um Feitiço

Chegaram a outra cidade onde deviam pernoitar. Foram à casa de um homem recém-casado que, atingido por um malefício, não podia desfrutar sua esposa. Após haverem eles passado a noite perto do homem, o encantamento quebrou-se. Quando o dia amanheceu, preparavam-se para prosseguir a viagem, mas o esposo impediu-os de partir e preparou-lhes um grande banquete.

XX. A História de um Mulo

No dia seguinte partiram e, ao se aproximarem de uma outra cidade, viram três mulheres que se afastavam de um túmulo, a verter em lágrimas. Maria, tendo-as visto, disse à jovem que os acompanhava:

- Pergunta-lhes quem são elas e qual a desgraça que se lhes abateu.

Elas não responderam mas puseram-se a interrogá-la, dizendo:

- Quem sois vós, e para onde ides? Pois o dia está terminando e a noite se aproxima.

A moça respondeu:

- Somos viajantes e procuramos uma hospedaria para passar a noite.

As mulheres disseram:

- Acompanhai-nos e passai a noite em nossa casa.

Eles seguiram essas mulheres e foram levados a uma casa nova, ornada e decorada por diversos móveis. Era inverno e a jovem moça, tendo entrado no quarto dessas mulheres, encontrou-as chorando e se lamentando. Ao lado delas, coberta por uma manta de seda, encontrava-se um mulo com forragem à sua frente. Elas davam-lhe de comer e o beijavam.

A jovem disse então:

- Ó, minha senhora, como é belo este mulo!

Elas responderam chorando:

- Este mulo que estás vendo é nosso irmão, que nasceu de nossa mãe. Nosso pai deixou-nos com sua morte grandes riquezas e nós só tínhamos este irmão, para quem tentávamos encontrar um casamento conveniente. Porém, mulheres dominadas pelo espírito da inveja, lançaram sobre ele, sem que soubéssemos, encantamentos. E uma certa noite, um pouco antes do amanhecer, estando fechadas as portas da nossa casa, encontramos nosso irmão transformado em mulo, tal qual o vês hoje. Entregamo-nos à tristeza, visto que não tínhamos mais nosso pai para consolar-nos. Consultamos todos os sábios do mundo, todos os magos e os feiticeiros, tentamos de tudo, mas nenhum deles nada pôde fazer por nós. Eis porque sempre que nosso coração está a ponto de explodir de tristeza. Nós nos levantamos e vamos, junto com a nossa mãe que aqui está, ao túmulo de meu pai e, após haver chorado, retornamos para cá.

XXI. Volta a Ser Homem

Ao ouvir tal coisas, a jovem disse:

- Tende coragem e parai de chorar, pois a cura de vossos males está muito próxima, em vossa morada.

Eu era leprosa, mas após haver visto essa mulher e a criança que está com ela e que se chama Jesus, e após haver derramado sobre meu corpo a água com a qual a sua mãe o havia lavado, eu me curei.

Eu sei que ele pode pôr um fim à vossa desgraça. Levantai-vos, aproximai-vos de Maria, conduzi-o aos vossos aposentos, revelai-lhe o segredo que acabais de me contar e suplicai-lhe piedade.

Ao ouvirem tais palavras proferidas pela jovem, elas se apressaram em ter com Maria. Levaram o mulo até o quarto e lhe disseram, chorando:

- Maria, Nossa Senhora, tem compaixão de tuas servas, pois nossa família está desprovida de seu chefe e não temos um pai ou um irmão que nos proteja. Este mulo que aqui vês é nosso irmão.

Algumas mulheres, com seus encantamentos, reduziram-no a este estado. Rogamos-te, pois, que tenhas piedade de nós.

Maria, comovida e chorando como as mulheres, ergueu o menino Jesus e colocou-o sobre o dorso do mulo, dizendo:

- Meu filho, cura este mulo através do teu grande poder e faz com que este homem recobre a razão, da qual foi privado.

Nem bem essas palavras haviam saído dos lábios de Maria e o mulo já havia retomado a forma humana, mostrando-se sob os traços de um belo rapaz. Não lhe restava nenhuma deformidade. Ele, sua mãe e suas irmãs adoraram Maria e, erguendo o menino acima de suas cabeças, beijaram-no, dizendo:

- Feliz de tua mãe, ó Jesus, Salvador do mundo! Felizes os olhos que gozam da felicidade da tua presença.

XXII. As Bodas

As duas irmãs disseram à mãe:

- Nosso irmão retomou a forma primitiva, graças à intervenção do Senhor Jesus e aos bons conselhos dessa jovem, que nos sugeriu recorrer a Maria e ao seu filho. Agora, já que nosso irmão não está casado, pensamos que seria conveniente que ele desposasse essa moça.

Após haverem feito este pedido a Maria e haver ela consentido, fizeram para as bodas preparativos esplêndidos. A dor transformou-se em alegria e o choro cedeu espaço ao riso. Elas só fizeram cantar e regozijar-se, enfeitadas com magníficas vestimentas e jóias preciosas. Ao mesmo tempo, entoavam cânticos de louvor a Deus, dizendo:

- Ó, Jesus, Filho de Deus, que transformaste nossa aflição em contentamento e nossas lamúrias em gritos de alegria!

José e Maria lá permaneceram por dez dias. Ao partirem, receberam demonstrações de veneração de parte de toda a família, que despediu-se deles chorando muito, principalmente a moça que se desfazia em lágrimas.

XXIII. Os Salteadores

Chegaram, em seguida, a um deserto. Como lhes haviam dito que era infestado de ladrões, prepararam-se para atravessá-lo durante a noite. Eis que, de repente, avistaram dois ladrões que dormiam e, perto deles, muitos outros ladrões, seus companheiros, que também estavam entregues ao sono. Esses dois ladrões chamavam-se Titus e Dumachus.

O primeiro disse ao outro:

- Eu te peço que deixes estes viajantes irem em paz, para que nossos companheiros não os vejam.

Tendo Dumachus recusado, Titus disse-lhe:

- Dou-te quarenta dracmas e fica com meu cinto como penhor.

Deu-lhe o cinto e, ao mesmo tempo, pediu que não desse alarme. Maria, vendo esse ladrão tão disposto a servi-los, disse-lhe:

- Que Deus te proteja com sua mão direita e que ele te conceda a remissão de teus pecados".

O Senhor Jesus disse a Maria:

- Daqui a trinta anos, ó minha mãe, os judeus me crucificarão em Jerusalém e estes dois ladrões serão postos na cruz ao meu lado: Titus à minha direita e Dumachus à minha esquerda. Neste dia, Titus me precederá no Paraíso.

Quando ele assim falou, sua mãe respondeu-lhe:

- Que Deus afaste de ti semelhante desgraça, ó meu filho!

Foram dar, em seguida, em uma cidade, cheia de ídolos. Quando eles se aproximavam, ela foi transformada em um monte de areia.

XXIV. A Sagrada Família em Mataréia

Foram ter, em seguida, a um sicômoro, que chamam hoje de Mataréia, e o Senhor Jesus fez surgir neste lugar uma fonte, onde Maria lavou sua túnica. O bálsamo que produz esse país vem do suor que escorreu pelos membros de Jesus.

XXV. A Sagrada Família em Mênfis

Foram então a Mênfis e, tendo visitado o faraó, permaneceram três anos no Egito, onde o Senhor Jesus fez muitos milagres, que não estão consignados nem no Evangelho da Infância, nem no Evangelho Completo.

XXVI. volta para nazaré

Depois de três anos, eles deixaram o Egito e voltaram para a Judéia. Quando já estavam próximos, José teve medo de entrar lá, porque acabara de saber que Herodes estava morto e que seu filho Arquelaus havia lhe sucedido. Um anjo de Deus apareceu-lhe, porém, e disse-lhe:

- José, vai para a cidade de Nazaré e estabelece ali tua residência.

XXVII. A Peste em Belém

Quando chegaram a Belém, havia uma proliferação de doenças graves e difíceis de serem curadas, que atacavam os olhos das crianças e lhes causavam a morte. Uma mulher, que tinha um filho atacado por esse mal, levou-o a Maria e encontrou-a banhando o Senhor Jesus.

A mulher disse-lhe:

- Maria, vê meu filho que sofre cruelmente.

Maria, ouvindo-a, disse-lhe:

- Pegue um pouco desta água com a qual eu lavei meu filho e espalha-a sobre o teu.

A mulher fez como lhe havia recomendado Maria e seu filho, depois de uma forte agitação, adormeceu.

Quando acordou, estava completamente curado.

A mulher, cheia de alegria, foi até Maria, que lhe disse:

- Rende graças a Deus por ele haver curado o teu filho.

XXVIII. Outro Menino Agonizante

Essa mulher tinha uma vizinha cujo filho fora atingido pela mesma doença e cujos olhos estavam quase fechados. Ele gritava e chorava noite e dia. Aquela cujo filho havia sido curado disse-lhe:

- Por que não levas teu filho a Maria, como eu fiz, quando o meu estava prestes a morrer e ele foi curado pela água do banho de Jesus?

A mulher foi pegar também daquela água e, assim que ela derramou sobre seu filho, ele foi curado.

Levou então seu filho em perfeita saúde para Maria, que lhe recomendou que rendesse graças a Deus e que não contasse a ninguém o que havia acontecido.

XXIX. O Menino no Forno

Havia na mesma cidade duas mulheres casadas com um mesmo homem e cada uma delas tinha um filho doente. Uma se chamava Maria e seu filho, Cleofás. Essa mulher levou seu filho a Maria, mãe de Jesus, e ofereceu uma bela toalha, dizendo-lhe:

- Maria, recebe de mim essa toalha e, em troca, dá-me uma das tuas fraldas.

Maria consentiu e a mãe de Cleofás confeccionou, com essa fralda, uma túnica, com a qual vestiu seu filho. Ele ficou curado e o filho de sua rival morreu no mesmo dia, o que causou profundo ressentimento entre essas duas mulheres.

Elas se encarregavam, em semanas alternadas, dos trabalhos caseiros e, um dia em que era vez de Maria, a mãe de Cleofás, ela estava ocupada aquecendo o forno para assar pão. Precisando de farinha, deixou seu filho perto do forno. Sua rival, vendo que a criança estava sozinha, pegou-a e jogou-a no forno em brasa e fugiu. Maria retornou logo em seguida, mas qual não foi o seu espanto, quando ela viu seu filho no meio do forno, rindo, pois ele havia subitamente esfriado, como se jamais houvesse sido aquecido. Ela suspeitou que sua rival o havia jogado ali. Tirou-o de lá, levou-o até a Virgem Maria e contou-lhe o que havia acontecido.

Maria disse-lhe:

- Cala-te, pois eu receio por ti se divulgares tais coisas!

Em seguida, a rival foi buscar água no poço e, vendo Cleofás brincando e percebendo que não havia ninguém por perto, pegou a criança e jogou-a no poço. Alguns homens que haviam vindo para tirar água viram a criança sentada na água, sem nenhum ferimento, e por meio de cordas tiraram-na de lá. Ficaram tão admirados com essa criança que renderam-lhe as mesmas homenagens devidas a um Deus.

Sua mãe, chorando, carregou-o até Maria e disse-lhe:

- Minha senhora, vê o que minha rival fez ao meu filho, jogando-o no poço. Ah, ela acabará, por certo, causando-lhe a morte!

Maria respondeu-lhe:

- Deus punirá o mal que te foi feito.

Alguns dias depois, a rival foi buscar água no poço e seus pés enroscaram-se na corda e ela caiu nele. Quando correram, acharam-na com a cabeça partida. Ela morreu, portanto, de uma forma funesta.

A palavra do sábio se cumpre em si:

- Cavaram um poço e jogaram a terra em cima, mas caíram no poço que eles mesmos haviam preparado.

XXX. Um Futuro Apóstolo

Uma outra mulher da mesma cidade tinha dois filhos, os dois doentes. Um morreu e o outro estava agonizando. Sua mãe tomou-o nos braços e levou-o até Maria.

Aos prantos, disse-lhe:

- Minha senhora, vem em meu auxílio e tem piedade de mim. Eu tinha dois filhos, acabo de perder um e vejo o outro a ponto de morrer. Imploro a misericórdia do Senhor.

E pôs-se a gritar:

- Senhor, tu és pleno em clemência e compaixão! Tu me deste dois filhos, me levaste um deles, pelo menos deixa-me o outro.

Maria, testemunha da sua extrema dor, sentiu pena e disse-lhe:

- Coloca teu filho na cama de meu filho e cobre-o com suas roupas.

Quando a criança foi colocada na cama, ao lado de Jesus, seus olhos já cerrados pela morte abriram-se e, chamando sua mãe em voz alta, pediu-lhe pão. Quando lhe deram, comeu-o.

Então sua mãe disse:

- Maria, eu sei que a virtude de Deus habita em ti, a ponto de teu filho curar as crianças que o tocam.

A criança que assim foi curada é o mesmo Bartolomeu se quem se fala no Evangelho.

XXXI. Uma Leprosa

Havia ainda no mesmo lugar uma leprosa que foi ter com Maria, mãe de Jesus, dizendo-lhe:

- Minha senhora, tem piedade de mim".

Maria quis saber:

- Que ajuda pedes tu? Queres ouro, prata ou queres te curar da lepra?

A mulher respondeu:

- Que podes fazer por mim?"

Maria disse:

- Espera um pouco, até que eu tenha banhado e posto meu filho na cama.

A mulher esperou e Maria, após o haver deitado, estendeu à mulher um vaso cheio de água do banho do seu filho e disse-lhe:

- Pega um pouco desta água e espalha-a sobre o teu corpo.

Assim que a doente obedeceu, curou-se e ela rendeu graças a Deus.

XXXII. Outra Leprosa

Ela partiu em seguida, após haver permanecido três dias junto de Maria, e foi para uma cidade onde morava um príncipe, que havia desposado a filha de um outro príncipe. Quando ele viu sua esposa, porém, percebeu entre seus olhos as marcas da lepra sob a forma de uma estrela e o seu casamento foi declarado nulo e não válido.

Essa mulher, vendo o desespero da princesa, perguntou-lhe a causa dessas lágrimas.

A princesa respondeu-lhe:

- Não me interrogues, pois a minha desgraça é tanta que eu não posso revelá-la a ninguém.

A mulher insistia em saber, dizendo que talvez conhecesse algum remédio.

Ela viu então as marcas da lepra entre os olhos da princesa.

- Eu também fui atingida por essa doença. Fui a Belém para tratar de negócios e lá entrei numa caverna onde vi uma mulher chamada Maria. Ela carregava uma criança que se chamava Jesus. Vendo-me atingida pela lepra, ela teve pena de mim e me deu um pouco da água na qual havia lavado o corpo de seu filho. Eu espalhei essa água sobre meu corpo e fui imediatamente curada.

A princesa disse-lhe então:

- Levanta-te, vem comigo e mostra-me Maria.

Ela foi, levando ricos presentes. Quando Maria a viu, disse:

- Que a misericórdia do Senhor Jesus esteja sobre ti.

Ela lhe deu um pouco da água na qual havia lavado seu filho. Assim que a princesa espalhou-a sobre o próprio corpo, ela se viu curada e rendeu graças ao Senhor, assim como todos os que ali estavam.

O príncipe, ao saber que sua esposa havia sido curada, recebeu-a, celebrou um segundo casamento, e rendeu graças a Deus.

XXXIII. Uma Jovem Endemoninhada

Havia, no mesmo lugar, uma jovem que Satã atormentava. O espírito maldito aparecia-lhe sob a forma de um dragão, que queria devorá-la. Ele já havia sugado todo o sangue, de maneira que ela se parecia com um cadáver. Todas as vezes em que ele se jogava sobre ela, ela gritava e, juntando as mãos sobre a cabeça, dizia:

- Desgraça, desgraça de mim, pois não existe ninguém que possa livrar-me deste horrível dragão. Seu pai, sua mãe e todos aqueles que a cercavam, testemunhas de sua infelicidade, entregavam-se à aflição e derramavam lágrimas, principalmente quando a viam chorar e gritar:

- Irmãos e amigos, não existirá ninguém que possa libertar-me deste monstro?

A princesa, que havia sido curada da lepra, ouvindo a voz dessa infeliz, subiu até o telhado de seu castelo e viu-a com as mãos unidas acima da cabeça, a verter copiosas lágrimas. Todos aqueles que a rodeavam estavam desolados.

Ela perguntou se a mãe dessa possuída vivia ainda. Quando lhe responderam que o seu pai e sua mãe estavam ambos vivos, ela disse:

- Tragam sua mãe até mim.

Quando esta chegou, ela lhe perguntou:

- É tua filha que está assim possuída?

A mãe, tendo respondido que sim, chorou, mas a princesa disse-lhe:

- Não revela o que vou te contar. Eu já fui uma leprosa, mas Maria, a mãe de Jesus Cristo, me curou. Se queres que tua filha tenha a mesma felicidade, leva-a a Belém e implora com fé a ajuda de Maria. Eu creio que voltarás cheia de alegria, trazendo tua filha curada. Imediatamente a mãe levantou-se e partiu. Foi procurar Maria e expôs-lhe o estado de sua filha. Maria, após tê-la ouvido, deu-lhe um pouco da água, na qual ela havia lavado seu filho Jesus, e disse-lhe para derramá-la sobre o corpo da possuída.

Em seguida deu-lhe uma fralda do menino Jesus, acrescentando:

- Pega isto e mostra-o a teu inimigo, todas as vezes em que o vir.

Dizendo isso, despediu-as com suas bênçãos.

XXXIV. Outra Possessa

Após haver deixado Maria, elas retornaram à sua cidade. Quando veio o tempo no qual Satã costumava atormentá-la, ele lhe apareceu sob a forma de um grande dragão. Ao ver a sua aparência, a jovem foi tomada pelo pavor, mas sua mãe disse-lhe:

- Não temas, minha filha! Deixa que ele se aproxime mais de ti e mostre-lhe esta fralda que nos deu Maria e veremos o que ele poderá fazer.

Quando o espírito maligno, que havia tomado a forma de um dragão, estava bem perto, a doente, tremendo de medo, colocou sobre sua cabeça a fralda e desdobrou-a. De repente, dela saíram chamas que se dirigiam à cabeça e aos olhos do dragão.

Ouviu-se, então, uma voz que gritava:

- Que há entre ti e mim, ó Jesus, filho de Maria? Onde encontrarei um abrigo que me livre de ti?

Satã fugiu apavorado, abandonando essa jovem e nunca mais apareceu. Ela se viu curada e, grata, rendeu graças a Deus, assim como todos os que haviam presenciado esse milagre.

XXXV. Judas Iscariotes

Havia nessa mesma cidade uma outra mulher cujo filho era atormentado por Satã. Ele se chamava Judas e sempre que o espírito maligno apoderava-se dele, ele tentava morder todos os que estavam à sua volta. Se estivesse sozinho, mordía suas próprias mãos e membros. A mãe desse infeliz, ouvindo falar de Maria e de seu filho Jesus, foi com seu filho nos braços até Maria.

Nesse meio tempo, Tiago e José haviam trazido o menino Jesus para fora da casa, para que pudesse brincar com as outras crianças. Eles estavam sentados fora da casa e Jesus com eles. Judas aproximou-se também e sentou-se à direita de Jesus e, quando Satã começou a agitá-lo como sempre o fazia, ele tentou morder Jesus. Como não podia alcançá-lo, dava-lhe socos no lado direito, de forma que Jesus começou a chorar. Nesse momento, entretanto, Satã saiu dessa criança sob a forma de um cão enraivecido.

Essa criança era Judas Iscariotes, que mais tarde trairia Jesus. O lado em que ele havia batido foi o lado que os judeus trespassaram com a lança.

XXXVI. AS Estatuazinhas de Barro

Quando o Senhor Jesus havia completado o seu sétimo ano, ele brincava um dia com outras crianças de sua idade. Para divertir-se, eles faziam com terra molhada diversas imagens de animais, de lobos, de asnos, de pássaros, cada um elogiando seu próprio trabalho e esforçando-se para que fosse melhor que o de seus companheiros. Então o Senhor Jesus disse para as crianças:

- Ordenarei às figuras que eu fiz que andem e elas andarão.

As crianças perguntaram-lhe se ele era o filho do Criador e o Senhor Jesus ordenou às imagens que andassem e elas imediatamente andaram. Quando ele mandava voltar, elas voltavam. Ele havia feito figuras de pássaros que voavam, quando ele ordenava que voassem, e que paravam, quando ele dizia para parar. Quando ele lhes dava bebida e comida, eles comiam e bebiam.

Quando as crianças foram embora e contaram aos seus pais o que haviam visto, eles disseram:

- Fugi, daqui em diante, de sua companhia, pois ele é um feiticeiro! Deixai de brincar com ele!

XXXVII. As Cores do Tintureiro

Certo dia, quando brincava e corria com outras crianças, o Senhor Jesus passou em frente à loja de um tintureiro, que se chamava Salém. Havia nessa loja tecidos que pertenciam a um grande número de habitantes da cidade e que Salém se preparava para tingir de várias cores. Tendo Jesus entrado na loja, pegou todas as fazendas e jogou-as na caldeira. Salém virou-se e, vendo todas as fazendas perdidas, pôs-se a gritar e a repreender Jesus, dizendo:

- Que fizeste tu, ó filho de Maria? Prejudicaste a mim e a meus cidadãos. Cada um pediu uma cor diferente e tu apareceste e puseste tudo a perder.

O Senhor Jesus respondeu:

- Qualquer fazenda que queiras mudar a cor, eu mudo.

Ele se pôs a retirar as fazendas da caldeira e cada uma estava tingida da cor que desejava o tintureiro. Os judeus, testemunhando esse milagre, celebraram o poder de Deus.

XXXVIII. Jesus na Carpintaria

José ia por toda a cidade, levando com ele o Senhor Jesus. Chamavam-no para que fizesse portas, arcas e catres e o Senhor Jesus estava sempre com ele. E sempre que a obra de José precisava ser mais comprida ou mais curta, mais larga ou mais estreita, o Senhor Jesus estendia a mão e ela ficava exatamente do jeito que queria José, de forma que ele não precisava retocar nada com sua própria mão, pois ele não era muito hábil no ofício de marceneiro.

XXXIX. Uma Encomenda do Rei

Um dia, o rei de Jerusalém mandou chamá-lo e disse:

- Eu quero, José, que me faças um trono segundo as dimensões do lugar onde costume sentar-me.

José obedeceu e, pondo mãos à obra, passou dois anos no palácio para elaborar esse trono.

Quando ele foi colocado no lugar onde deveria ficar, perceberam que de cada lado faltavam dois palmos à medida fixada.

Então o rei ficou bravo com José, que temendo a raiva do monarca, não conseguiu comer e deitou-se em jejum.

O Senhor perguntou-lhe qual era a causa do seu receio e ele respondeu:

- É que a obra na qual trabalhei durante dois anos está perdida.

O Senhor Jesus respondeu-lhe:

- Não tenhas medo e não percas a coragem. Pegue este lado do trono e eu o outro, para que possamos dar-lhe a medida exata.

José fez o que havia lhe pedido o Senhor Jesus e cada um puxou para um lado. O trono obedeceu e ficou exatamente com a dimensão desejada.

Os assistentes, vendo esse milagre, ficaram estupefatos e deram graças a Deus.

Esse trono fora feito com uma madeira do tempo de Salomão, filho de Davi, e que era notável por seus nós, que representavam várias formas de figuras.

XL. Os Meninos

Num outro dia, o Senhor Jesus foi até a praça e vendo as crianças que se haviam reunido para brincar, juntou-se a elas. Essas, tendo-o visto, esconderam-se e o Senhor Jesus foi até uma casa e perguntou às mulheres que estavam à porta, onde as crianças haviam ido. Como elas responderam que não havia nenhuma delas na casa, o Senhor Jesus disse-lhes:

- Que vocês estão vendo sob este arco?

Elas responderam que eram carneiros com três anos de idade e o Senhor Jesus gritou:

- Saí, carneiros, e vinde em direção ao vosso pastor.

Imediatamente as crianças saíram, transformadas em carneiros, e saltavam ao seu redor.

As mulheres, tendo visto isso, foram tomadas de pavor e adoraram o Senhor Jesus, dizendo:

- Jesus, filho de Maria, nosso Senhor, tu és verdadeiramente o bom Pastor de Israel. Tem piedade de tuas servas que estão em tua presença e que não duvidam, Senhor, que tu vieste para curar e não para perder.

O Senhor respondeu que as crianças de Israel estavam entre os povos como os Etíopes.

As mulheres disseram:

- Senhor, conheces as coisas e nada escapa à tua infinita sabedoria. Pedimos e esperamos a tua misericórdia. Devolve a essas crianças sua antiga forma.

O Senhor Jesus disse, então:

- Vinde, crianças, para que possamos brincar.

Imediatamente, na presença das mulheres, os carneiros retomaram a aparência de crianças.

XLI. Jesus Rei

No mês do Adar, Jesus reuniu as crianças e colocou-se como o seu rei. Elas haviam estendido suas roupas no chão para fazê-lo sentar-se sobre elas e haviam colocado sobre sua cabeça uma coroa de flores. Como os satélites que acompanham um rei, elas se haviam enfileirado à sua direita e à sua esquerda. Se alguém passava por lá, as crianças faziam parar à força e diziam-lhe:

- Vem e adora o rei, para que obtenhas uma feliz viagem.

XLII. Simão, o Cananeu

Nisso chegaram alguns homens que carregavam uma criança em uma liteira.

Esse menino havia ido até a montanha com seus colegas para apanhar lenha e, tendo encontrado um ninho de perdiz, pôs a mão para retirar os ovos. Uma serpente, escondida no ninho, no entanto, mordeu-o e ele chamou os companheiros para socorrê-lo.

Quando chegaram, eles o encontraram estendido no chão e quase morto. Alguns familiares vieram e levaram-no à cidade. Ao chegarem ao local onde o Senhor Jesus estava sentado em seu trono como um rei, com outras crianças à sua volta, como sua corte, essas foram ao encontro dos que carregavam o moribundo e disseram-lhes:

- Vinde e saudai o rei!

Como eles não queriam aproximar-se por causa da tristeza que sentiam, as crianças traziam-nas à força. Quando estavam na frente do Senhor Jesus, ele perguntou-lhe por que estavam carregando aquela criança.

Responderam que uma serpente a havia mordido e o Senhor Jesus disse às crianças:

- Vamos juntos e matemos a serpente!

Os pais da criança que estava prestes a morrer suplicaram para que os deixassem ficar, mas elas responderam:

- Não ouvistes que o rei disse vamos e matemos a serpente? Devemos seguir suas ordens.

Apesar da sua oposição, eles retornaram à montanha, carregando a liteira. Quando chegaram perto do ninho, o Senhor Jesus disse às crianças:

- Não é aqui que se esconde a serpente?

Eles responderam que sim e a serpente, chamada pelo Senhor Jesus, saiu e submeteu-se a ele.

O Senhor disse-lhe:

- Vai e suga todo o veneno que espalhaste nas veias dessa criança.

A serpente, arrastando-se, sugou todo o veneno que ela havia inoculado e o Senhor, em seguida, amaldiçoou-a e, fulminada, morreu logo em seguida. Depois o Senhor Jesus tocou a criança com sua mão e ela foi curada.

Como ela se pusesse a chorar, o Senhor Jesus disse-lhe:

- Não chores, serás meu discípulo!

Essa criança foi Simão de Cananéia, de quem se faz menção no Evangelho.

XLIII. Jesus e Tiago

Num outro dia, José havia mandado seu filho Tiago para apanhar lenha e o Senhor Jesus se havia juntado a ele para ajudá-lo. Quando chegaram ao lugar onde ficava a lenha, Tiago começou a apanhá-la e eis que uma víbora mordeu-o e ele se pôs a gritar e a chorar. O Senhor Jesus, vendo-o naquele estado, aproximou-se e soprou o local da mordida. Tiago foi imediatamente curado.

XLIV. O Menino que Caiu e Morreu

Um dia, o Senhor Jesus estava brincando com outras crianças em cima de um telhado e uma delas caiu e morreu na hora. As outras fugiram e o Senhor Jesus ficou sozinho em cima do telhado. Então os pais do morto chegaram e disseram ao Senhor Jesus: - Foste tu que empurraste nosso filho do alto do telhado.

Como ele negasse, eles repetiram mais alto:

- Nosso filho morreu e eis aqui quem o matou.

O Senhor Jesus respondeu:

- Não me acuseis de um crime do qual não tendes nenhuma prova. Perguntemos, porém, à própria criança o que aconteceu.

O Senhor Jesus desceu, colocou-se perto da cabeça do morto e disse-lhe em voz alta:

- Zeion, Zeion, quem foi que te empurrou do alto do telhado?

O morto respondeu:

- Senhor, não foste tu a causa da minha queda, mas foi o terror que me fez cair.

O Senhor recomendou aos presentes que prestassem atenção a essas palavras e todos eles louvaram a Deus por este milagre.

XLV. O Cântaro Quebrado

Maria havia mandado, um dia, o Senhor Jesus tirar água do poço. Quando ele havia cumprido a tarefa e colocava sobre a cabeça o cântaro cheio, ele partiu-se. O Senhor Jesus, tendo estendido o seu manto, levou para sua mãe a água recolhida e ela se admirou e guardou em seu coração tudo o que havia visto.

XLVI. Brincando com o Barro

Um dia, o Senhor Jesus estava na beira do rio com outras crianças. Havia cavado pequenas valas para fazer escorrer a água, formando assim pequenas poças. O Senhor Jesus havia feito doze passarinhos de barro e os havia colocado ao redor da água, três de cada lado. Era um dia de Sabbath e o filho de Hanon, o Judeu, veio e vendo-os assim entretidos, disse-lhes:

- Como podeis, em um dia de Sabbath, fazer figuras com lama?"

Ele se pôs, então, a destruir tudo. Quando o Senhor Jesus estendeu as mãos sobre os pássaros que havia moldado, eles saíram voando e cantando. Em seguida, o filho de Hanon, o Judeu, aproximou-se da poça cavada por Jesus para destruí-la, mas a água desapareceu e o Senhor Jesus disse-lhe:

- Vê como está água secou? Assim será a tua vida.

E a criança secou.

XLVII. Uma Morte Repentina

Certa noite, o Senhor Jesus voltava para casa com José, quando uma criança passou correndo na sua frente e deu-lhe um golpe tão violento que o Senhor Jesus quase caiu. Ele disse a essa criança:

- Assim como tu me empurraste, cai e não levantes mais.
No mesmo instante, a criança caiu no chão e morreu.

XLVIII. Jesus e o Professor

Havia, em Jerusalém, um homem, chamado Zaqueu, que instruía os jovens. Ele disse a José:

- José, por que não me envias Jesus para que ele aprenda as letras?

José concordou e também Maria. Levaram, pois, a criança para o professor e assim que ele o viu, escreveu o alfabeto e pediu-lhe que pronunciasse Aleph. Quando ele o fez, pediu-lhe para dizer Beth. O Senhor Jesus disse-lhe:

- Dize-me primeiro o que significa Aleph e aí então eu pronunciarei Beth.

O professor preparava-se para chicoteá-lo, mas o Senhor Jesus pôs-se a explicar o significado das letras Aleph e Beth, quais as letras de linhas retas, quais as oblíquas, as que tinham desenho duplo, as que tinham pontos, aquelas que não tinham e porque tal letra vinha antes da outra, enfim, ele disse muitas coisas que o professor jamais ouvira e que não havia lido em livro algum.

O Senhor Jesus disse ao professor:

- Presta atenção ao que vou te dizer!

E pôs-se a recitar clara e distintamente Aleph, Beth, Ghimel, Daleth, até o fim do alfabeto. O mestre ficou admirado e disse:

- Creio que esta criança nasceu antes de Noé.

Virando-se para José, acrescentou:

- Tu o conduziste para que eu o instruisse, mas esta criança sabe mais que todos os doutores.

Depois disse a Maria:

- Teu filho não precisa de ensinamentos.

XLIX. O Professor Castigado

Conduziram-no, em seguida, a um professor mais sábio e assim que o viu, ordenou:

- Dize Aleph!

Quando o Senhor Jesus disse Aleph, o professor pediu-lhe que pronunciasse Beth. O Senhor Jesus respondeu-lhe:

- Dize-me o que significa a letra Aleph e então eu pronunciarei Beth.

O mestre, irritado, levantou a mão para bater nele, mas sua mão secou instantaneamente e ele morreu. Então José disse a Maria:

- Daqui por diante, não devemos mais deixar o menino sair de casa, pois qualquer um que se oponha a ele é fulminado pela morte.

L. Jesus, o Mestre

Quando contava doze anos de idade, levaram Jesus a Jerusalém por ocasião da festa e, quando ele terminou, eles voltaram, mas o Senhor Jesus permaneceu no templo, em meio aos doutores, aos velhos e aos mais sábios dos filhos de Israel, que ele interrogava sobre diferentes pontos da ciência, mas também respondia-lhes as perguntas.

Jesus perguntou-lhes:

- De quem é filho o Messias?"

Eles responderam:

- Este é o filho de Davi.

Jesus respondeu:

- Por que então Davi, movido pelo Espírito Santo, chama-o Senhor, quando diz que o Senhor disse ao meu Senhor: senta-te à minha direita para que coloques teus inimigos aos teus pés?"

Um importante rabino interrogou-o, dizendo:

- Leste os livros sagrados?

O Senhor Jesus respondeu:

- Eu li os livros e o que eles contêm.

Dito isso, explicou-lhes as Escrituras, a lei, os preceitos, os estatutos, os mistérios que estão contidos nos livros das profecias e que a inteligência de nenhuma criatura pode compreender. E o principal entre os doutores disse:

- Eu jamais vi ou ouvi tamanha instrução. Quem credes que seja essa criança?

LII. Jesus e o Astrônomo

Havia lá um filósofo, astrônomo sábio, que perguntou ao Senhor Jesus se ele havia estudado a ciência dos astros. Jesus, respondendo-lhe, expôs o número de esferas e de corpos celestes, sua natureza e sua oposição, seu aspecto trinário, quaternário e sêxtil, sua progressão e seu movimento de leste para oeste, o cômputo e o prognóstico e outras coisas que a razão de nenhum homem escrutou.

LII. Jesus e o Médico

Havia entre eles um filósofo muito sábio em medicina e ciências naturais e quando ele perguntou ao Senhor Jesus se ele havia estudado a medicina, este expôs-lhe a física, a metafísica, a hiperfísica e a

hipofísica, as virtudes do corpo, os humores e seus efeitos, o número de membros e de ossos, de secreções, de artérias e de nervos, as temperaturas, calor e seco, frio e úmido e quais as suas influências, quais as atuações da alma no corpo, suas sensações e suas virtudes, a faculdade da palavra, da raiva, do desejo, sua composição e dissolução e outras coisas que a inteligência de nenhuma criatura jamais alcançou. Então o filósofo ergueu-se e adorou o Senhor Jesus, dizendo:

- Senhor, daqui em diante serei teu discípulo e ter servo.

LIII. Jesus É Encontrado

Enquanto Jesus assim falava, Maria apareceu, junto com José, pois fazia três dias que procuravam por Jesus. Vendo-o sentado entre os doutores, interrogando-os e respondendo-lhe alternadamente, ela lhe disse:

- Meu filho, por que agiste assim conosco? Teu pai e eu te procuramos e tua ausência causou-nos muita aflição.

Ele respondeu:

- Por que me procuráveis? Não sabíeis que convinha que eu permanecesse na casa de meu Pai? Eles não entendiam as palavras que ele lhes dirigia. Então os doutores perguntaram a Maria se ele era seu filho e tendo ela respondido que sim, eles exclamaram:

- Ó feliz Maria, que deste à luz tal criança.

Ele voltou com os pais para Nazaré e ele lhes era submisso em tudo. Sua mãe conservava todas as suas palavras em seu coração e o Senhor Jesus crescia em tamanho, em sabedoria e em graça diante de Deus e diante dos homens.

LIV. Via Oculta

Ele começou desde esse dia a esconder os seus segredos e seus mistérios, até que completou trinta anos, quando seu Pai, revelando publicamente sua missão às margens do Jordão, fez soar, do alto do céu, essas palavras:

- É meu filho bem-amado no qual coloquei toda minha complacência.

Foi quando o Espírito Santo apareceu sob a forma de uma pomba branca.

LV. Doxologia

É a ele que humildemente adoramos, pois ele nos deu a existência e a vida. Ele nos fez sair das entranhas de nossas mães, tomou, por nós, o corpo de homem e nos redimiu, cobrindo-nos com sua misericórdia eterna e concedendo-nos a graça do seu amor e de sua bondade.

A ele, portanto, glória, poder, louvores e domínio por todos os séculos.

Que assim seja!

Nag Hammadi - O EVANGELHO DE BARTOLOMEU

OS LIVROS APÓCRIFOS DA BÍBLIA

Os livros apócrifos da Bíblia são uma importante e complementar fonte de informação e conhecimento, acrescentando preciosos esclarecimentos às Sagradas Escrituras, principalmente naquilo que se refere à vida de Jesus Cristo entre os oito e os trinta anos.

A INFÂNCIA DE CRISTO SEGUNDO BARTOLOMEU

RESUMO

Jerônimo e Epifânio citam o Evangelho de Bartolomeu, onde se registra a conversa de Bartolomeu e Cristo com Belial, começando após a Ressurreição. Adão, o Diabo, o Inferno, Enoch e Elias são mencionados ao longo da narrativa, além de Maria comentar com os apóstolos detalhes da Concepção. Bastante significativo também é o trecho onde Belial comenta sua Queda.

EVANGELHO DE BARTOLOMEU

I

Depois que Nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou de entre os mortos, acercou-se dele Bartolomeu e abordou-o desta maneira:

- Desvela-nos, Senhor, os mistérios dos céus.

Jesus respondeu-lhe:

- Se não me despojar deste corpo carnal não os poderei desvelar.

Bartolomeu, pois, acercando-se do Senhor, disse-lhe:

-Tenho algo a dizer-lhe, Senhor.

Jesus, por sua vez, respondeu:

- Já sei o que me vais dizer. Dize-me, pois, o que quiseres. Pergunta e eu te darei a razão.

Bartolomeu, então, falou:

- Quando ias no caminho da cruz, eu te segui de longe. E te vi a ti, dependurado no lenho, e os anjos

que, descendo dos céus, te adoraram. Ao sobrevirem as trevas e eu estava a tudo contemplando. Eu vi como desapareceste da cruz e só pude ouvir os lamentos e o ranger de dentes que se produziram subitamente das entranhas da terra. Dize-me, Senhor, onde foste depois da cruz.

Jesus, então, respondeu desta forma:

- Feliz de ti, Bartolomeu, meu amado, porque te foi dado contemplar este mistério. Agora podes perguntar-me qualquer coisa que a ti ocorra, porque tudo dar-te-ei eu a conhecer. Quando desapareci da cruz, desci aos Infernos para dali tirar Adão e a todos que com ele se encontravam, cedendo às suplicas do arcanjo Gabriel.

Então disse Bartolomeu:

- E o que significa aquela voz que se ouviu?

Responde-lhe Jesus:

- Era a voz do Tártaro que dizia a Belial: a meu modo de ver, Deus se fez presente aqui. Quando desci, pois, com meus anjos ao Inferno para romper os ferrolhos e as portas de bronze, dizia ele ao Diabo: parece-me que é como se Deus tivesse vindo à terra. E os anjos dirigiram seus clamores às potestades, dizendo: levantai, ó príncipes, as portas e fazei correr as cortinas eternas, porque o Reino da Glória vai descer à terra. E o Inferno disse: quem é esse Rei da Glória que vem do céu a nós? Mas quando já havia descido quinhentos passos, o Inferno encheu-se de turbação e disse: parece-me que é Deus que baixa à terra, pois ouço a voz do Altíssimo e não o posso agüentar. E o Diabo respondeu: não percas o ânimo, Inferno; recobra teu vigor, que Deus não desce à terra. Quando voltei a baixar outros quinhentos passos, os anjos e potestades exclamaram: alçai as portas ao vosso Reino e elevai as cortinas eternas, pois es que está para entrar o Rei da Glória. Disse de novo o Inferno: ai de mim! Já sinto o sopro de Deus. E disse o Diabo ao Inferno: para que me assustas, Inferno? Se somente é um profeta que tem algo semelhante com Deus ... Apanhemo-lo e levemo-lo à presença desses que crêem que está subindo ao céu. Mas replicou o Inferno: e quem é entre os profetas? Informa-me. É, por acaso, Enoch, o escritor mui verdadeiro? Mas Deus não lhe permite baixar à terra antes de seis mil anos. Acaso te referes a Elias, o vingador? Mas este não poderá descer até o final do mundo. Que farei? Para nossa perdição, é chegado o fim de tudo, pois aqui tenho escrito em minha mão o número dos anos. Belial disse ao Tártaro: não te perturbes. Assegura bem teus poderes e reforça os ferrolhos. Acredita-me, Deus não baixa à terra. Responde o Inferno: não posso ouvir tuas belas palavras. Sinto que se me arreventa o ventre e minhas entranhas enchem-se de aflição. Outra coisa não pode ser: Deus apresentou-se aqui. Ai de mim! Aonde irei esconder-me de seu rosto, da sua força do grande Rei? Deixa-me que me esconda em tuas entranhas, pois fui criado antes de ti. Naquele preciso momento, entrei. Eu o flagelei e o ateí com correntes que não se rompem. Depois fiz sair a todos os Patriarcas e voltei novamente para a cruz.

- Dize-me, Senhor - disse-lhe Bartolomeu. - Quem era aquele homem de talhe gigantesco a quem os anjos levavam em suas mãos?

Jesus respondeu:

- Aquele era Adão, o primeiro homem que foi criado, a quem fiz descer do céu à terra. E eu lhe disse: por ti e por teus descendentes fui pregado na cruz. Ele, ao ouvir isso, deu um suspiro e disse: assim, rendo-me a ti, Senhor.

De novo disse Bartolomeu:

- Vi também os anjos que subiam diante de Adão e que entoavam hinos, mas um destes, o mais esbelto de todos, não queria subir. Tinha em suas mãos uma espada de fogo e fazia sinais somente a ti. Os demais rogavam que ele subisse ao céu, mas ele não queria. Quando, porém, tu o mandaste subir, vi uma chama que saía de suas mãos e que chegava à cidade de Jerusalém.

Disse Jesus:

- Era um dos anjos encarregados de vingar o trono de Deus. E estava suplicando a mim. A chama que viste sair de suas mãos feriu o edifício da sinagoga dos judeus para dar testemunho de mim, por terem eles me sacrificado.

Quando falou isso, disse aos apóstolos:

- Esperai-me neste lugar, porque hoje se oferece um sacrifício no paraíso e ali hei de estar para recebê-los.

Falou Bartolomeu:

- Qual é o sacrifício que se oferece hoje no paraíso?

Jesus respondeu:

- As almas dos justos, que saíram do corpo, vão entrar hoje no Éden e, se eu não estiver lá presente, não poderão entrar.

Bartolomeu continuou:

- Quantas almas saem diariamente deste mundo?

Disse-lhe Jesus:

- Trinta mil.-

Insistiu Bartolomeu:

- Senhor, quando te encontravas entre nós ensinando-nos tua palavra, recebia sacrifícios no paraíso?

- Respondeu-lhe Jesus:

- Em verdade te digo eu, meu amado, que, quando me encontrava entre vós ensinando-vos a palavra, estava simultaneamente sentado junto de meu Pai.

Disse-lhe Bartolomeu:

- Quantas almas nascem diariamente no mundo?

Responde-lhe Jesus:

- Uma só a mais do que as que saem do mundo.

Dizendo isto, deu-lhes a paz e desapareceu no meio deles.

II

1. Estavam os apóstolos em um lugar chamado Chiltura, com Maria, a Mãe de Jesus Cristo.

Bartolomeu, acercando-se de Pedro, André e João, disse-lhes:

- Por que não pedimos à cheia de graça que nos diga como concebeu ao Senhor e como pôde carregar em seu seio e dar à luz o que não pôde ser gestado?

Eles vacilaram em perguntar-lhe.

Disse Bartolomeu a Pedro:

- Tu, como corifeu e nosso mestre que és, acerca-te e pergunta-lhe.

Mas, ao ver todos vacilantes e em desacordo, Bartolomeu acercou-se dela e disse:

- Deus te salve, Tabernáculo do Altíssimo; aqui viemos todos os apóstolos a perguntar-te como concebeste ao que é incompreensível, e como carregaste em teu seio aquele que não pôde ser gestado, ou como, enfim, deste à luz tanta grandeza.

Maria respondeu:

- Não me interrogueis acerca deste mistério. Se começar a falar-vos dele, sairá fogo de minha boca e consumirá toda a terra.

Eles insistiram e Maria, não querendo dar-lhes ouvidos, disse:

- Oremos.-

Os apóstolos puseram-se de pé atrás de Maria. Esta disse a Pedro:

- E tu, Pedro, que és chefe e grande pilar, estás de pé atrás de nós? Pois não disse o Senhor que a cabeça do varão é Cristo e a da mulher é o varão?’

Eles replicaram:

- O Senhor plantou sua tenda em ti e em tua pessoa houve por bem ser contido. Tu deves ser nossa guia na oração.

Maria, então, disse-lhes:

- Vós sois estrelas brilhantes do céu. Vós sois os que devem orar.

Disseram eles:

- Tu deves orar, pois que sois a Mãe do Rei Celestial.

Maria colocou-se diante deles e elevando as mãos aos céus começou a dizer:

- Ó Deus, tu que és o Grande, o Sapientíssimo, o Rei dos séculos, inexplicável, inefável, aquele que com uma palavra deu consistência às magnitudes siderais, aquele que fundamentou em afinada harmonia a excelsitude do firmamento, aquele que separou a obscuridade tenebrosa da luz, aquele que alicerçou em um mesmo lugar os mananciais das águas; tu que deste base à terra, tu que não podendo ser contido nos sete céus, te dignaste a ser contido em mim sem dor alguma, sendo Verbo Perfeito do Pai, por quem todas as coisas foram feitas; da glória, Senhor, a teu magnífico nome, manda-me falar na presença de teus santos apóstolos.

Terminada a oração, disse:

- Sentemo-nos no chão e vem tu, Pedro, que és o chefe. Senta-te à minha direita e apoia com tua esquerda meu braço. Tu, André faz o mesmo do lado esquerdo. Tu, João, que és virgem, segura meu peito. E tu, Bartolomeu, põe-te de joelhos atrás de mim e apóia minhas costas para que, ao começar falar, meus ossos não se desarticulem.

Quando fizeram isso, começou ela a falar:

- Estando eu no templo de Deus, aonde recebia alimento das mãos de um anjo, apareceu-me certo dia uma figura que me pareceu ser angélica. Mas seu semblante era indescritível, e não levava nas mãos nem o pão nem o cálice, como o anjo que anteriormente tinha vindo a mim. Eis que de repente, rasgou-se o véu do templo e sobreveio um grande terremoto. Joguei-me por terra, não podendo suportar o semblante do anjo, mas ele estendeu-me sua mão e levantou-me. Olhei para o céu e vi uma nuvem de

orvalho que aspergiu-me da cabeça aos pés. Então ele enxugou-me com o seu manto e disse-me: salve, cheia de graça, cálice da eleita. Deu, então, um golpe com sua mão direita e apareceu um pão muito grande, que colocou sobre o altar do templo. Comeu em primeiro lugar e em seguida deu-o a mim também. Deu outro golpe com a orelha esquerda de sua túnica e apareceu um cálice muito grande e cheio de vinho. Bebeu em primeiro lugar e em seguida deu-o a mim também. E meus olhos viram um cálice transbordante e um pão. Disse-me, então: ao cabo de três anos, eu te dirigirei novamente minha palavra e conceberás um filho pelo qual será salva toda a criação. Tu és o cálice do mundo. A paz esteja contigo, minha amada, e minha paz te acompanhará sempre. Após isto, desapareceu de minha presença, ficando o templo como estava anteriormente.

Ao terminar de falar, começou a sair fogo de sua boca. Quando o mundo estava para ser destruído, apareceu o Senhor que disse a Maria:

- Não desveles este mistério, porque se o fizerdes no dia de hoje sofrerá a criação inteira um cataclismo.

Os apóstolos, consternados, temeram que o Senhor pudesse irar-se contra eles.

III

O Senhor caminhou com eles até o Monte Moria e se sentou no meio deles. Como tinham medo, hesitavam em perguntar-lhe. Jesus incitou-os:

- Perguntai-me o que quiserdes, pois dentro de sete dias partirei para o meu Pai e já não estarei visível a vós nesta forma.

Eles, vacilantes, disseram:

- Permite-nos ver o abismo, como nos prometeste.

Respondeu Jesus:

- Melhor seria para vós não verdes o abismo; mas, se o queres, segui-me e o vereis.

Ele os conduziu ao local chamado Cherudik, cujo significado é lugar de verdade, e fez um sinal aos anjos do Ocidente. A terra abriu-se como um livro e o abismo apareceu. Ao vê-lo, os apóstolos prostraram-se em terra, mas o Senhor os ergueu dizendo:

- Não vos dizia, há pouco, que não vos faria bem verdes o abismo?'

Jesus tomou-os de novo e pôs-se a caminho do monte das Oliveiras. Pedro disse a Maria:

- Oh tu, cheia de graça, roga ao senhor que nos revele os arcanjos celestiais.

Maria respondeu a Pedro:

- Oh tu, pedra escolhida por acaso não prometeu ele fundar sua Igreja sobre ti?

Pedro insistiu:

- A ti, que és um amplo tabernáculo, cabe perguntar.

Disse Maria:

- Tu és a imagem de Adão e este não foi formado da mesma maneira que Eva. Observa o sol e vê que, tal qual Adão, ele se avantajava em brilho aos demais astros. Observa também a lua e vê como está enodoada pela transgressão de Eva. Porque pôs Adão ao oriente e Eva ao Ocidente, ordenando a ambos que ofereçam a face mutuamente.

Quando chegaram ao cimo do monte o Senhor afastou-se um pouco deles, e Pedro disse a Maria:

- Tu és aquela que desfez a infração de Eva, transformando-a de vergonha em regozijo.

Quando Jesus retornou, disse-lhe Bartolomeu:

- Senhor, mostra-nos o inimigo dos homens para que vejamos quem é e quais são suas obras, já que nem mesmo de ti se apiedou, fazendo-te pender do patíbulo.

Jesus, fixando nele seu olhar, disse-lhe:

- Teu coração é duro. Não te é dado ver isso que pedes.

Então, Bartolomeu, todo agitado, caiu aos pés de Jesus, dizendo:

- Jesus Cristo, chama inextinguível, criador da luz eterna, tu que hás dado a graça universal a todos os que te amam e que nos hás outorgado por meio da Virgem Maria o fulgor perene da tua presença neste mundo, concede-nos o nosso desejo.

Quando Bartolomeu acaba de falar, o Senhor ergueu-se dizendo:

- Vejo que é teu desejo ver o adversário dos homens. Mas lembra-te que, ao fitá-lo, não apenas tu mas também os demais apóstolos e Maria caireis por terra e ficareis como mortos.

Mas todos lhe disseram:

- Senhor, vejamo-lo.

Então fê-los descer do monte das Oliveiras. E, havendo lançado um olhar enfurecido aos anjos que custodiavam o Tártaro, ordenou a Micael que fizesse soar a trombeta fortemente. Quando este o fez, Belial subiu aprisionado por 6 064 anjos e atado com correntes de fogo.

O dragão tinha de altura mil e seiscentos côvados e de largura, quarenta. Seu rosto era como uma centelha e seus olhos, tenebrosos. Do seu nariz saía uma fumaça mal-cheirosa e sua boca era como a face de um precipício.

Ao vê-lo, os apóstolos caíram por terra sobre os rostos e ficaram como que mortos. Jesus acercou-se deles, ergueu-os e infundiu-lhes ânimo.

Disse a Bartolomeu:

- Pisa com teu próprio pé sua cerviz e pergunta-lhe quais foram suas obras até agora e como engana os homens.

Jesus estava de pé com os demais apóstolos. Bartolomeu, temeroso, ergueu a voz e disse:

- Bendito seja desde agora e para sempre o nome de teu reino imortal.

Quando ele acabou de dizer isso, Jesus o exortou de novo:

- Anda, pisa a cerviz de Belial.

Bartolomeu caminhou apressadamente para Belial e pisou-lhe o pescoço, deixando-o a tremer.

Bartolomeu fugiu assustado, dizendo:

- Deixa-me pegar a borda de tuas vestes para que me atreva a aproximar-me dele.

Jesus respondeu-lhe:

- Não podes tocar a fímbria das minhas vestes porque não são as mesma que eu tinha antes de ser crucificado.

Disse-lhe Bartolomeu:

- Tenho medo, Senhor, de que, assim como não se compadeceu dos anjos, da mesma maneira me esmague também a mim.

Respondeu Jesus:

- Mas por acaso não se acertaram todas as coisas graças à minha palavra e à inteligência de meu Pai?

A Salomão se submeteram os espíritos. Vai tu, pois, em meu nome, e pergunta-lhe o que quiseres.

Ao fazer Bartolomeu o sinal da cruz e orar a Jesus, irrompeu um incêndio e as vestes do apóstolo foram tomadas pelas chamas.

Disse-lhe então Jesus de novo:

- Pisa, como te disse, na cerviz, de maneira que possas perguntar-lhe qual é o seu poder.

Bartolomeu, pois, se foi e pisou-lhe a cerviz, que trazia oculta até as orelhas, dizendo-lhe:

- Dizei-me quem és tu e qual é teu nome.

Bartolomeu, afrouxou-lhe um pouco as ligaduras e lhe disse:

- Conta tudo quanto tens feito.

Respondeu Belial:

- A princípio me chamava Satanail, que quer dizer mensageiro de Deus, Mas, desde que não reconheci a imagem de Deus, meu nome foi mudado para Satanás, que quer dizer anjo guardião do tártaro.

Bartolomeu falou de novo:

- Conta tudo sem nada ocultar.

Ele respondeu:

- Juro-te pela glória de Deus que, ainda que quisesse ocultá-lo, ser-me-ia impossível. Está aqui presente aquele que me acusa. E se me fosse possível vos faria desaparecer a todos da mesma maneira que o fiz com aquele que pregou para vós. Também fui chamado primeiro anjo porque, quando Deus fez o céu e a terra, apanhou um punhado de fogo e formou-me a mim primeiro e o segundo foi Micael, e o terceiro Gabriel, e o quarto Rafael, e o quinto Uriel, o sexto Xathsnael e assim outros seis mil anjos, cujos nomes me é impossível pronunciar, pois são os lictores de Deus e me flagelam sete vezes a cada dia e sete vezes a cada noite. Não me deixam um momento e são os encarregados de minar minhas forças. Os anjos vingadores são estes que estão diante do trono de Deus. Eles foram criados primeiro. Depois destes foi criada a multidão dos anjos: no primeiro céu há cem miríades; no segundo, cem miríades; no terceiro, cem miríades; no quarto, cem miríades; no quinto, cem miríades, no sexto, cem miríades; no sétimo, cem miríades. Fora do âmbito dos sete céus está o primeiro firmamento, onde residem as potestades que exercem sua atividade sobre o homem. Há também outros quatro anjos: Um é Bóreas, cujo nome é Vroil Cherum, tem na mão uma vara de fogo e neutraliza a força que a umidade exerce sobre a terra, para que esta não chegue a secar. Outro anjo está no Aquilon e seu nome é Elvisthá. Ealfatha tem a ser cargo o Aquilon. E ambos, ele e Mauch, que está na Bóreas, mantêm em suas mãos tochas incendiadas e varas de fogo para neutralizar o frio, o frio dos ventos, de maneira que a terra não se resseque e o mundo não pereça. Cedor cuida do Austro, para que o sol não perturbe a terra, pois Levenior apaga a chama que sai da boca daquele, para que a terra não seja abrasada. Há outro anjo que exerce domínio sobre o mar e reduz o empuxo das ondas. O mais não estou a revelar.

Insistiu Bartolomeu:

- Anda dize-me, malfeitor e mentiroso, ladrão desde o berço, cheio de amargura, engano, inveja e astúcia, velho réptil, trapaceiro, lobo rapace, como te arrumas para induzir os homens a deixar o Deus

vivo, criador de todas as coisas, que fez o céu e a terra e tudo que neles está contido? Pois és sempre inimigo do gênero humano.

Disse o Anticristo:

- Dir-te-ei. Es aqui uma roda que sobe do abismo e tem sete facas de fogo. A primeira delas tem doze canais.

Perguntou-lhe Bartolomeu:

- Quem está nas facas?

Respondeu o Anticristo:

- No canal ígneo da primeira faca ficam os inclinados ao sortilégio, à adivinhação e à arte de encantamento e também os que neles crêem e o buscam, já que por malícia de seu coração buscaram adivinhações falsas. No segundo canal de fogo vão os blasfemos, que maldizem de Deus, de seu próximo e das Escrituras. Também ficam aí os feiticeiros e os que os buscam e lhes dão crédito. Entre os meus encontram-se também os suicidas, os que se lançam à água, ou se enforcam, ou se ferem com a espada. Todos esses estarão comigo. No terceiro canal vão os homicidas, os que se entregam à idolatria e os que se deixam dominar pela avareza ou pela inveja, que foi o que me arrojou do céu à terra. Nos demais canais vão os perjuros, os soberbos, os ladrões, os que desprezam os peregrinos, os que não dão esmolas, os que não ajudam os encarcerados, os caluniadores, os que não amam o próximo e os demais pecadores que não buscam a Deus ou o servem debilmente. A todos esses eu os submeto ao meu arbítrio.

Tornou, então, Bartolomeu:

- Dize-me, diabo mentiroso e insincero! Fazes tu essas coisas pessoalmente ou por intermédio de teus iguais?

Respondeu-lhe o Anticristo:

- Oh se eu pudesse sair e fazer essas coisas por mim mesmo! Em três dias destruiria o mundo inteiro. Desgraçadamente, porém, nem eu nem nenhum dos que foram arrojados juntamente comigo podemos sair. Temos, todavia, outros ministros mais fracos que, por sua vez, atraem outros colegas aos quais emprestamos nossa vestimentas e mandamos semear insídias que enredem as almas dos homens com muita suavidade, afagando-as, para que se deixem dominar pela embriaguez, a avareza, a blasfêmia, o homicídio, o furto, a fornicação, a apostasia, a idolatria, o abandono da Igreja, o desprezo da Cruz, o falso testemunho, enfim, tudo o que Deus abomina. Isso é o que nós fazemos. A uns nós os deitamos ao fogo. A outros, nós os lançamos das árvores para que se afoguem. A uns rompemos pés e mãos e a outros lhes arrancamos os olhos. Estas e outras coisas são o que fazemos. Oferecemos ouro e prata e tudo mais que é cobiçável no mundo e àqueles que não conseguimos que pequem despertos fazemos-os pecar adormecidos. Também direi os nomes dos anjos de Deus que nos são contrários. Um deles chama-se Mermeoth, que é o que domina as tempestades. Meus satélites o conjuram e ele lhe dá permissão para que habitem onde queiram; mas ao voltar se incendeiam. Há outros cinquenta anjos que têm debaixo do seu poder o raio. Quando algum espírito, dentre os nossos, quiser sair pelo mar ou pela terra, esses anjos desferem contra ele uma descarga de pedra. Com isso ateam o fogo e fazem fender as rochas e as árvores. E quando conseguem dar conosco nos perseguem, obedecendo ao mandato daquele a quem servem. Graças a esse mandato, tu podes exercer poder sobre mim, pelo que me vejo obrigado, muito a meu pesar, a revelar-te o segredo e as coisas que não pensava dizer-te.

Continuou Bartolomeu:

- Que tens feito e o que continuas fazendo ainda? Revela-me, Satanás!

Este respondeu:

- Tinha pensado não confessar-te todo o segredo, mas, por aquele que preside ao Universo, cuja cruz me lançou ao cativo, não posso ocultar-te nada.

Disse o Senhor Jesus a Bartolomeu:

- Afrouxa-lhes as ligaduras e ordena-lhe que retorne a seu lugar até a vinda do Senhor. Quanto ao mais, já me encarregarei eu mesmo de revelar-vos. Porque é necessário nascer de novo para que aqueles que passaram pela prova possam entrar no Reino dos céus, de onde foi expulso este inimigo por sua soberba, juntamente com aqueles de cujo conselho se servia.

Após isso, disse o apóstolo Bartolomeu ao Anticristo:

- Volta condenado e inimigo dos homens, ao abismo até a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual há de vir julgar os vivos e mortos e ao mundo inteiro por meio do fogo e a condenar-te a ti e a todos os teus semelhantes. Não tentes daqui em diante continuar praticando isso que foste obrigado a revelar.

Satanás, lançando vozes misturadas com rugidos e gemidos, disse:

- Ai de mim, que tenho me servido de mulheres para enganar a tantos e acabei por ser burlado por uma virgem! Agora vejo-me aferrolhado e atado com cadeias de fogo pelo seu filho e estou ardendo de péssima maneira. Ó virgindade, que estás sempre contra mim! Ainda não se passaram os sete mil anos. como, pois, me vi condenado a confessar as coisas que acabo de dizer?

O apóstolo Bartolomeu, admirando a audácia do inimigo e confiando no poder do salvador, disse a Satã:

- Dize-me, imundíssimo demônio, a causa pela qual foste banido do mais alto do céu. Pois prometeste revelar-me tudo.

Respondeu o Diabo:

- Quando Deus se propôs a formar Adão, pai dos homens, à sua imagem, ordenou a quatro anjos que trouxessem terra das quatro partes do globo e água dos quatro rios do paraíso. Eu estava no mundo naquela ocasião e o homem passou a ser um animal vivente nos quatro rincões da terra onde eu estava. Então Deus o abençoou porque era sua imagem. Depois vieram render-lhe suas homenagens Micael, Gabriel e Uriel. Quando voltei ao mundo, disse-me o arcanjo Micael: adora essa figura que Deus fez segundo sua vontade. Eu me dei conta de que a criatura havia sido feita de barro e disse: eu fui feito de fogo e água e antes do que este. Eu não adoro o barro da terra. De novo me disse Micael: adora-o, antes que o Senhor se aborreça contigo. Eu repliquei: o Senhor não se irritará comigo. Eu vou colocar meu trono contra o dele. Então Deus enfureceu-se comigo, mandou abrir as comportas do céu e me arrojou à terra. Depois que fui expulso, perguntou o Senhor aos demais anjos que estavam às minhas ordens se se dispunham a render-se diante da obra que havia feito com suas mãos e eles disseram: assim como vimos que nosso chefe não dobrou sua cerviz, da mesma maneira não adoraremos um ser inferior a nós. Naquele momento mesmo foram eles expulsos como eu. Ficamos adormecidos durante um período de quarenta anos. Ao despertar, percebi que dormiam os que estavam abaixo de mim e os despertei, seguindo meu capricho. Depois discuti com eles uma forma de lograr o homem por cuja causa fui expulso do céu. Tomada a resolução, descobri como podia seduzí-lo. Tomei em minhas mãos umas folhas de figueira, enxuguei com elas o suor do meu peito e das minhas axilas e atirei-as ao rio. Eva, então, ao beber daquela água, conheceu o desejo carnal e o ofereceu ao marido. A ambos pareceu doce o sabor e não deram conta do amargo de haverem prevaricado. Se não houvessem bebido dessa água, jamais poderia eu enredá-los, pois outro meio eu não tinha para poder superá-los senão esse.

O apóstolo Bartolomeu pôs-se a orar, dizendo :

- Oh, Senhor Jesus Cristo! Ordena-lhe que entre no Inferno porque se mostra insolente comigo.

Disse Jesus Cristo a Satã:

-Vai, desce ao abismo e fica ali até minha chegada.

No mesmo instante o Diabo desapareceu.

Bartolomeu, caindo aos pés de Nosso Senhor Jesus Cristo, começou a dizer, banhado em lágrimas:

- Abba! Pai! Tu que continuas sendo único e glorioso Verbo do Pai, por que foram feitas todas as coisas; tu, a quem não te puderam conter os sete céus e que tiveste por habitar o seio de uma Virgem; a quem a Virgem gerou e deu à luz sem dor; tu, Senhor, elegeste aquela a quem verdadeiramente pudeste chamar mãe, rainha e escrava. Mãe, porque por ela te dignaste descer e dela tomaste carne mortal. E rainha porque a constituíste rainha das virgens. Tu que chamas os quatro rios e eles obedecem tuas ordens e se apressam a servi-te. O primeiro, o rio dos Filósofos, para a unidade da Igreja e da Fé, que foi revelada no mundo. O segundo, o Geon, porque foi feito da terra, ou também pelos dois testamentos. O terceiro, o tigre, porque aos que cremos no Pai, no Filho e no Espírito Santo, Deus único por quem foram feitas todas as coisas no céu e na terra, nos foi revelada a Trindade sempiterna, que está nos céus. O quarto, o Eufrates, porque tu te dignaste saciar toda alma vivente por meio do banho da regeneração, que representava a imagem dos Evangelhos que correm por toda a órbita da Terra e que te dignaste anunciar por teus servos, para que, por meio da confissão e da fé, sejam salvos todos os que crêem em teu nome grande e terrível e em teus santos Evangelhos, de maneira que possam alcançar a vida que ainda não possuem.

Continuou Bartolomeu:

- É lícito revelar estas coisas a todos os homens.

Disse-lhe Jesus:

- Pode dá-las a conhecer a todos que sejam crentes e observem este mistério que acabo de desvendar-vos. Pois entre os gentios há alguns que são idólatras, ébrios, fornicadores, maldosos, feiticeiros, malvados, que seguem as artimanhas do inimigo e que odeiam o próximo. Todos esses não são dignos de ouvir esse mistério. Mas são dignos de ouvi-lo todos os que guardam meus mandamentos, os que recebem em si as palavras de Vida eterna que não têm fim, e todos os que têm fim, e todos os que têm parte nos céus com os Santos, justos e fiéis no reino do meu Pai. Todos aquele que se hajam conservado imunes ao erro da iniquidade e hajam seguindo o caminho da salvação e da justiça, devem ouvir este mistério. E tu, Bartolomeu, és feliz, juntamente a tua geração.

Bartolomeu, ao escrever todas essas coisas que ouviu dos lábios de Nosso Senhor Jesus Cristo, mostrou toda sua alegria no rosto e bendisse o Pai, o Filho e o Espírito Santo, dizendo:

- Glória a Ti, Senhor, redentor dos pecadores, vida dos justos, amante da castidade.

O Senhor disse, então, batendo no peito:

- Eu, sou bom, manso e benigno, misericordioso e clemente, forte e justo, admirável e santo, médico e defensor de órfãos e viúvas, remunerador dos justos e fiéis, juiz de vivos e mortos, luz de luz e resplendor da claridade, consolador dos atribulados e cooperador dos pupilos; Alegrai-vos comigo, amigos meus, e recebei meu presente. Hoje vou dar-vos um dom celeste. A todos os que em mim tenham depositado suas aspiração e sua fé, e a vós, estou galardoando com a vida eterna.

Bartolomeu e os demais apóstolos puseram-se a glorificar o Senhor Jesus, dizendo:

- Glória a ti, pai dos céus, rei da vida eterna, foco de luz inextinguível, sol radiante e resplendor da claridade perpétua, reis dos reis, senhor dos senhores. A ti seja dada a magnificência, a glória, o império, o reino, a honra e o poder, juntamente com o Pai e o Espírito Santo. Bendito seja o Senhor Deus de Israel porque nos visitou e redimiu seu povo da mão de seus inimigos e usou conosco de misericórdia e justiça. Louvai a Nosso Senhor Jesus Cristo todas as nações e crede que ele é o juiz de vivos e mortos e o salvador dos fiéis. O qual vive e reina, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.

Amém.

Nag Hammadi - A HISTÓRIA DE JOSÉ - O CARPINTEIRO

OS LIVROS APÓCRIFOS DA BÍBLIA

Os livros apócrifos da Bíblia são uma importante e complementar fonte de informação e conhecimento, acrescentando preciosos esclarecimentos às Sagradas Escrituras, principalmente naquilo que se refere à vida de Jesus Cristo entre os oito e os trinta anos.

A HISTÓRIA DE JOSÉ, O CARPINTEIRO

Narrada por Jesus a seus apóstolos

Esta é a história da morte de José, conforme foi narrada pelo Senhor Jesus a seus apóstolos. Escrita no Egito, por volta do século IV, chegou até os tempos atuais apenas em uma versão copta e uma outra árabe, com algumas poucas diferenças.

Neste texto, o Senhor Jesus conta a história de José, o carpinteiro, cujo ofício era o de manufaturar arados e cangas. Fala de seus sentimentos, quando da aproximação da morte, avisado que foi por um anjo.

A narração da agonia e da morte de José é enriquecida por detalhes interessantes, como o da aproximação da morte, juntamente com seu séquito, inclusive com a presença do diabo.

Alguns detalhes importantes são apresentados, como o nome dos filhos e a idade de José, quando de seu casamento com Maria, enquanto que outros, como episódios da infância de Cristo, confirmam o que é apresentado nos Evangelhos de Pedro, Tiago e Tomé, sobre a Infância do Salvador. Importante alusão, no final do texto, é feita ao Anticristo, cuja vinda convulsionará todas as nações.

Quando nosso Salvador contou a vida de José, o Carpinteiro, a nós, os apóstolos, reunidos no monte das Oliveiras, nós escrevemos sua palavras e depois guardamo-las na biblioteca de Jerusalém. Além disso, deixamos consignado que o dia no qual o santo ancião separou-se do seu corpo: foi do dia 26 de Epep[1], na paz do Senhor. Amém.

Jesus Fala a Seus Apóstolos

Estava um dia nosso bom Salvador no monte das Oliveiras, com os discípulos a sua volta e dirigiu-se a eles com estas palavras:

- Meus queridos irmãos, filhos de meu amado Pai, escolhidos por Ele entre todos do mundo! Bem sabeis o que tantas vezes vos repeti: é necessário que eu seja crucificado e que experimente a morte, que ressuscite de entre os mortos e que vos transmita a mensagem do Evangelho para que vós, de vossa parte, o pregueis por todo o mundo.

Eu farei descer sobre vós uma força do alto, a qual vos impregnará com o Espírito Santo, para que vós, finalmente, pregueis para todas as pessoas desta maneira: fazei penitência! Porque vale mais um copo de água na vida vindoura do que todas as riquezas deste mundo. Vale mais pôr somente o pé na casa de meu Pai que toda a riqueza deste mundo.

Mais ainda: vale mais uma hora de regozijo para os justos que mil anos para os pecadores, durante os quais hão de chorar e lamentar, sem que ninguém preste atenção nem console seus gemidos. Quando, pois, meus queridos amigos, chegue a hora de ir-vos, pregai, que meu Pai exigirá contas com balança justa e equilibrada e examinará até as palavras inúteis que possais haver dito.

Assim como ninguém pode escapar à mão da morte, da mesma maneira ninguém pode subtrair-se de seus próprios atos, sejam eles bons ou maus. Além disso, vos tenho dito muitas vezes, e repito agora, que nenhum forte poderá salvar-se por sua própria força e nenhum rico, pelo tamanho da sua riqueza. E agora, escutai, que narrar-vos-ei a vida de meu pai José, o abençoado ancião carpinteiro.

Vuvez de José

Havia um homem chamado José, que veio de Belém, essa vila judia que é a cidade do rei Davi. Impunha-se pela sua sabedoria e pelo seu ofício de carpinteiro. Este homem, José, uniu-se em santo matrimônio com uma mulher que lhe deu filhos e filhas: quatro homens e duas mulheres, cujos nomes eram: Judas, Josetos, Tiago e Simão. Suas filhas chamavam-se Lísia e Lídia.

A esposa de José morreu, como está determinado que aconteça a todo o homem, deixando seu filho Tiago ainda menino de pouca idade. José era um homem justo e dava graças a Deus em todos os seus atos. Costumava viajar para fora da cidade com frequência para exercer o ofício de carpinteiro, em companhia de dois de seus filhos mais velhos, já que vivia do trabalho de suas mãos, conforme o que estabelecia a lei de Moisés.

Esse homem justo, de quem estou falando, é José, meu pai segundo a carne, com quem se casou na qualidade de consorte, minha mãe, Maria.

María no Templo

Enquanto meu pai José permanecia viúvo, minha mãe, a boa bendita entre as mulheres, vivia por sua parte no templo, servindo a Deus em toda a santidade.

Havia já completado doze anos. Passara os seus três primeiros anos na casa de seus pais e os nove restantes no templo do senhor.

Ao ver que a santa donzela levava uma vida simples e plena de temos a Deus, os sacerdotes conservaram entre si e disseram:

- Busquemos um homem de bem e celebremos o casamento com ele, até que chegue o momento de seu matrimônio. Que não seja por descuido nosso que lhe sobrevenha o período da sua purificação no templo, nem que venhamos a incorrer em um pecado grave.

Bodas de Maria e José

Convocaram, então, as tribos de Judá e escolheram entre elas doze homens, correspondendo ao número das doze tribos. A sorte recaiu sobre o bom velho José, meu pai, segundo a carne.

Disseram os sacerdotes a minha mãe, a Virgem:

- Vai com José e permanece submissa a ele, até que chegue a hora de celebrar teu matrimônio.

José levou Maria, minha mãe, para sua casa. Ela encontrou o pequeno Tiago na triste condição de órfão e o cobriu de carinhos e cuidados. Esta foi a razão pela qual a chamaram Maria, a mãe de Tiago. Depois de tê-la acomodado em sua casa, José partiu para o local onde exercia o ofício de carpinteiro. Minha mãe Maria viveu dois anos em sua casa, até que chegou o feliz momento.

A ENCARNAÇÃO

No décimo quarto ano de idade, Eu, Jesus, vossa vida, vim habitar nela por meu próprio desejo. Aos três meses de gravidez o solícito José voltou de suas ocupações. Ao encontrar minha mãe grávida, preso à turbacão e ao medo, pensou secretamente em abandoná-la.

Foi tão grande o desgosto, que não quis comer nem beber naquele dia.

Visão de José

Eis, porém, que durante a noite, mandado por meu Pai, Gabriel, o arcanjo da alegria, apareceu-lhe numa visão e lhe disse:

- José, filho de Davi, não tenhas cuidado em admitir Maria, tua esposa, em tua companhia. Saberás que o que foi concebido em seu ventre é fruto do Espírito Santo. Dará, então, à luz um filho, a quem tu porás o nome de Jesus. Ele apascentará os povos com o cajado de ferro.

Dito isso, o anjo desapareceu. José, voltando do sono, cumpriu o que lhe havia sido ordenado, admitindo Maria consigo.

Viagem a Belém

Então o imperador Augusto fez proclamar que todos deveriam comparecer ao recenseamento, cada um conforme seu lugar de origem. Também o bom velho se pôs a caminho e levou Maria, minha virgem mãe, até a sua cidade de Belém.

Como o parto já estava próximo, ele fez o escriba anotar seu nome da seguinte maneira:

- José, filho de Davi, Maria, sua esposa, e seu filho Jesus, da tribo de Judá.

Maria, minha mãe, trouxe-me ao mundo quando retornava de Belém, perto do túmulo de Raquel, a mulher do patriarca Jacó, a mãe de José e Benjamim.

Fuga para o Egito

Satanás deu um conselho a Herodes, o Grande, pai de Arqueleu, aquele que fez decapitar meu querido parente João. Ele me procurou para tirar-me a vida, porque pensava que meu reino era deste mundo. Meu Pai manifestou isso a José, numa visão, e este pôs-se imediatamente em fuga levado consigo a mim e a minha mãe, em cujos braços eu ia deitado.

Salomé também nos acompanhava. Descemos até o Egito e ali permanecemos por um ano, até que o corpo de Herodes foi presa da corrupção, como castigo justo pelo sangue dos inocentes que ele havia derramado e dos quais já nem se lembrava.

Retorno à Galiléia

Quando o iníquo Herodes deixou de existir, voltamos a Israel e fomos viver em uma vila da Galiléia chamada Nazaré. Meu pai José, o bendito ancião, continuava exercendo o ofício de carpinteiro, graças a que podíamos viver.

Jamais poder-se-á dizer que ele comeu seu pão de graça, mais sim que se conduzia de acordo com o prescrito na lei de Moisés.

Velhice de José

Depois de tanto tempo, seu corpo não se mostrava doente, nem tinha a vista fraca, nem havia sequer um só dente estragado em sua boca. Nunca lhe faltou a sensatez e a prudência e sempre conservou intacto o seu sadio juízo, mesmo já sendo um venerável ancião de cento e onze anos.

Obediência de Jesus

Seus dois filhos Josetos e Simão casaram-se e foram viver em seus próprios lares. Da mesma forma, suas duas filhas casaram-se, como é natural entre os homens, e José ficou com o seu pequeno filho Tiago. Eu, da minha parte, desde que minha mãe trouxe-me a este mundo, estive sempre submisso a ele como um menino e fiz o que é natural entre os homens, exceto pecar.

Chamava Maria de minha mãe e José de meu pai. Obedecia-os em tudo o que me pediam, sem ter jamais me permitido replicar-lhes com uma palavra, mas sim mostrar-lhes sempre um grande carinho.

Frente à Morte

Chegou, porém, para meu pai José, a hora de abandonar este mundo, que é a sorte de todo homem mortal.

Quando seu corpo adoeceu, veio um de Deus anjo anunciar-lhe:

- Tua morte dar-se-á neste ano.

Sentindo sua alma cheia de turbacão, ele fez uma viagem até Jerusalém, entrou no templo do Senhor, humilhou-se diante do altar e orou desta maneira:

ORACÃO de José

- Ó Deus, pai de toda misericórdia e Deus de toda carne, Senhor da minha alma, de meu corpo e do meu espírito! Se é que já se cumpriram todos os dias da vida que me deste neste mundo, rogo-te, Senhor Deus, que envies o arcanjo Micael para que fique do meu lado, até que minha desditada alma saia do corpo sem dor nem turbacão. Porque a morte é para todos causa de dor e turbacão, quer se trate de um homem, de um animal doméstico ou selvagem, ou ainda de um verme ou um pássaro. Em uma palavra, é muito dolorosa para todas as criaturas que vivem sob o céu e que alentam um sopro de espírito para suportar o transe de ver sua alma separada do corpo. Agora, meu Senhor, faz com que o teu anjo fique do lado da minha alma e do meu corpo e que esta recíproca separação se consuma sem dor. Não permitas que aquele anjo que me foi dado no dia em que saí de teu seio volte seu rosto irado para mim ao longo deste caminho que empreendi até vós, mas sim que ele se mostre amável e pacífico.

Não permitas que aqueles cujas faces mudam dificultem a minha ida até vós. Não consintas que minha alma caia em mãos do cérebero e não me confundas em teu formidável tribunal. Não permitas que as ondas deste rio de fogo, nas quais serão envolvidas todas as almas antes de ver a glória de teu rosto, voltem-se furiosas contra mim. Ó Deus, que julgais a todos na Verdade e na Justiça, oxalá tua misericórdia sirva-me agora de consolo, já que sois a fonte de todos os bens e a ti se deve toda a glória pela eternidade das eternidades! Amém.

Doença de José

Aconteceu que, ao voltar a sua residência habitual de Nazaré, viu-se atacado pela doença que havia de levá-lo ao túmulo. Esta apresentou-se de forma mais alarmante do que em qualquer outra ocasião de sua vida, desde o dia em que nasceu.

Eis aqui, resumida, a vida de meu querido pai José: ao chegar aos quarenta anos, contraiu matrimônio, no qual viveu outros quarenta e nove.

Depois que sua mulher morreu, passou somente um ano. Minha mãe logo passou dois anos em sua casa, depois que os sacerdotes confiaram-na com estas palavras:

- Guarda-a até o tempo em que se celebre vosso matrimônio.

Ao começar o terceiro ano de sua permanência ali - tinha nessa época quinze anos de idade - trouxe-me ao mundo de um modo misterioso, que ninguém entre toda a criação pode conhecer, com exceção de mim, de meu Pai e do Espírito Santo, que formamos uma unidade.

O Início do Fim

A vida de meu pai José, o abençoado ancião, compreendeu cento e onze anos, conforme determinara meu bom Pai. O dia em que se separou do corpo foi no dia 26 do mês de Epep.

O ouro acentuado de sua carne começou a desfazer-se e a prata da sua inteligência e razão sofreu alterações. Esqueceu-se de comer e de beber e a destreza no desempenho de seu ofício passou a declinar.

Aconteceu que, ao amanhecer do dia 26 de Epep, enquanto estava em seu leito, foi tomado de uma grande agitação. Gemeu forte, bateu palmas três vezes e, fora de si, pôs-se a gritar dizendo:

Lamentos de José

- Ai, miserável de mim! Ai do dia em que minha mãe trouxe-me ao mundo! Ai do seio materno do qual recebi o germe da vida! Ai dos peitos que me amamentaram! Ai do regaço em que me reclinei! Ai das mãos que me sustentaram até o dia em que cresci e comecei a pecar! Ai de minha língua e de meus lábios que proferiram injúrias, enganos, infâmias e calúnias! Ai dos meus olhos, que viram o escândalo! Ai dos meus ouvidos que escutaram conversações frívolas! Ai das minhas mãos que subtraíram coisas que não lhes pertenciam!

Ai do meu estômago e do meu ventre que ambicionaram o que não era deles! Quando alguma coisa lhes era apresentada, devoravam-na com mais avidez do que poderia fazê-lo o próprio fogo! Ai dos meus pés que fizeram um mau serviço ao meu corpo, já que o levaram por maus caminhos! Ao do meu corpo todo que deixou a minha alma reduzida a um deserto, afastando-a de Deus que a criou! Que farei agora? Não encontro saída em parte alguma! Em verdade é que pobres dos homens que são pecadores! Esta é a angústia que se apoderou de meu pai Jacob em sua agonia, a qual veio hoje a ter comigo, infeliz. Mas, ó Senhor, meu Deus, que és o mediador de minha alma e de meu corpo e de meu espírito, cumpre em mim a tua divina vontade.

Jesus Consola seu Pai

Quando terminou de dizer estas palavras, entrei no local onde ele se encontrava e, ao vê-lo agitado de corpo e de alma, disse-lhe:

- Salve, José, meu querido pai, ancião bom e abençoado.

Ele respondeu, ainda tomado por um medo mortal:

- Salve mil vezes, querido filho. Ao ouvir tua voz, minha alma recupera sua tranqüilidade. Jesus, meu Senhor! Jesus, meu verdadeiro rei, meu salvador bom e misericordioso! Jesus, meu libertador! Jesus, meu guia! Jesus, meu protetor! Jesus, em cuja bondade encontra-se tudo! Jesus, cujo nome é suave e forte na boca de todos! Jesus, olho que vê e ouvido que ouve verdadeiramente: escuta-me hoje, teu servidor, quando elevo meus rogos e verto meus lamentos diante de ti.

Em verdade tu és Deus. Tu és o Senhor, conforme tem-me repetido muitas vezes o anjo, sobretudo naquele dia em que suspeitas humanas se aninharam em meu coração, ao observar os sinais de gravidez da Virgem sem mácula e eu havia decidido abandoná-la. Mas, quando eu estava pensando nisto, um anjo apareceu-me em sonhos e me disse: José, filho de Davi, não tenhas receio em receber Maria como esposa, pois o que há de dar à luz é fruto do Espírito Santo. Não guardes suspeita alguma a respeito de sua gravidez. Ela trará ao mundo um filho e tu dar-lhe-ás o nome de Jesus. Tu és Jesus Cristo, o salvador da minha alma, de meu corpo e de meu espírito. Não me condenes, teu servo e obra de tuas mãos.

Eu não sabia nem conhecia o mistério de teu maravilhoso nascimento e jamais havia ouvido que uma mulher pudesse conceber sem a obra de um homem e que uma virgem pudesse dar à luz sem romper o selo de sua virgindade. Ó, meu Senhor! Se não tivesse conhecido a lei desse mistério, não teria acreditado em ti, nem em teu santo nascimento, nem rendido honras a Maria, a Virgem, que te trouxe a este mundo. Recordo ainda aquele dia em que um menino morreu, por causa da mordida de uma serpente. Seus familiares vieram a ti, com intenção de entregar-te a Herodes.

Mas tua misericórdia alcançou a pobre vítima e devolveste-lhe a vida para dissipar aquela calúnia que te faziam, como causador da sua morte. Pelo que houve uma grande alegria na casa do defunto. Então eu te peguei pela orelha e disse-te: não sejas imprudente, meu filho. E tu me ameaçaste desta maneira: se não fosses meu pai, segundo a carne, dar-te-ia a entender que é isso o que acabas de fazer. Sim, pois, ó meu Senhor e Deus, esta é a razão pela qual vieste em tom de juízo e pela qual permitiste que recaíssem sobre mim estes terríveis presságios. Suplico-te que não me coloques diante do teu tribunal para lutar comigo. Eis que eu sou teu servo e filho de tua escrava. Se houveres por bem romper meus grilhões, oferecer-te-ei um santo sacrifício, que não será outro senão a confissão da tua divina glória, de que tu és Jesus Cristo, filho verdadeiro de Deus e, por outro lado, filho verdadeiro do homem.

AFLIÇÃO de Maria

Quando meu pai disse essas palavras, eu não pude conter as lágrimas e pus-me a chorar, vendo como a morte vinha apoderando-se dele pouco a pouco e ouvindo, sobretudo, as palavras cheias de amargura que saíam da sua boca.

Naquele momento, meus queridos irmãos, veio-me ao pensamento a morte na cruz que haveria de sofrer pela vida de todo mundo. Então Maria, minha querida mãe, cujo nome é doce para todos os que me amam, levantou-se e disse-me, tendo seu coração inundado na amargura:

- Ai de mim, filho querido! Está à morte o bom e abençoado ancião José, teu pai querido e adorado?

Eu lhe respondi:

- Minha mãe querida, quem entre o humanos ver-se-á livre da necessidade de ter de encarar a morte? Esta é dona de toda a humanidade, mãe bendita! E mesmo tu hás de morrer como todos os outros homens. Nem tua morte nem a de meu pai José, porém, podem chamar-se propriamente morte, mas vida eterna ininterrupta. Também eu hei de passar por este transe por causa da carne mortal com a qual estou revestido. Agora, mãe querida, levanta-te e vai até onde está o abençoado ancião José para que possas ver o lugar que o aguarda lá no alto.

As Dores de José

Levantou-se, entrou no local onde ele se encontrava e pôde apreciar os sinais evidentes da morte que já se refletiam nele. Eu, meus queridos, postei-me em sua cabeceira e minha mãe aos seus pés. Ele fixava seus olhos no meu rosto, sem poder sequer dirigir-me uma palavra, já que a morte apoderava-se dele pouco a pouco.

Elevou, então, seu olhar até o alto e deixou escapar um forte gemido. Eu segurei suas mãos e seus pés durante um longo tempo e ele me olhava, suplicando-me que não o abandonasse nas mãos dos seus inimigos.

Eu coloquei minha mão sobre seu peito e notei que sua alma já havia subido até a sua garganta para deixar seu corpo, mas ainda não havia chegado o momento supremo da morte. Caso contrário, não teria podido agüentar mais.

Não obstante, as lágrimas, a comoção e o abatimento que sempre a precedem já faziam presentes.

A Agonia

Quando minha mãe querida viu-me apalpar o seu corpo, quis ela, de sua parte apalpar, os pés e notou que o alento havia fugido juntamente com o calor.

Dirigiu-se a mim e disse-me ingenuamente:

- Obrigada, filho querido, pois desde o momento em que puseste tua mão sobre seu corpo, a febre o abandonou. Vê, seus membros estão frios como o gelo.

Eu chamei os seus filhos e filhas e lhes disse:

- Falai agora com o vosso pai, que este é o momento de fazê-lo, antes que sua boca deixe de falar e seu corpo fique hirto.

Seus filhos e filhas falaram com ele, mas sua vida estava minada por aquela doença mortal que provocaria sua saída deste mundo. Então, Lísia, filha de José, levantou-se para dizer aos seus irmãos:

- Juro, queridos irmãos, que esta é a mesma doença que derrubou a nossa mãe e que não voltou a aparecer por aqui até agora. O mesmo acontece com o nosso pai José, para que não voltemos a vê-lo senão na eternidade.

Então os filhos de José irromperam em lamentos. Maria, minha mãe, e eu, de nossa parte, unimo-nos ao seu pranto pois, efetivamente, já havia chegado a hora da morte.

A Morte Chega

Pus-me a olhar para o sul e vi a morte dirigir-se a nossa casa. Vinha seguida de Amenti, que é seu satélite, e do Diabo, a quem acompanhava uma multidão de esbirros vestidos de fogo, cujas bocas vomitavam fumaça e enxofre.

Ao levantar os olhos, meu pai deparou-se com aquele cortejo que o olhava com rosto colérico e raivoso, do mesmo modo que costuma olhar todas as almas que saem do corpo, particularmente aquelas que são pecadoras e que considera como propriedade sua.

Diante da visão desse espetáculo, os olhos do bom velho anuviaram-se de lágrimas. Foi neste momento em que meu pai exalou sua alma com um grande suspiro, enquanto procurava encontrar um lugar onde se esconder e salvar-se. Quando observei o suspiro de meu pai, provocado pela visão daquelas forças até então desconhecidas para ele, levantei-me rapidamente e expulsei o Diabo e todo seu cortejo. Eles fugiram envergonhados e confusos. Ninguém entre os presentes, nem mesmo minha própria mãe Maria, apercebeu-se da presença daqueles terríveis esquadrões que saem à caça de almas humanas.

Quando a morte percebeu que eu havia expulsado e mandado embora as potestades infernais, para que não pudessem espalhar armadilhas, encheu-se de pavor. Levantei-me apressadamente e dirigi esta oração a meu Pai, o Deus de toda misericórdia:

ORACÃO de Jesus

- Meu Pai misericordioso, Pai da verdade, olho que vê e ouvido que ouve, escuta-me, que eu sou teu filho querido! Peço-te por meu pai José, a obra de vossas mãos. Envia-me um grande corpo de anjos, juntamente com Micael, o administrador dos bens, e com Gabriel, o bom mensageiro da luz, para que acompanhem a alma de meu pai José até que se tenha livrado do sétimo éon tenebroso, de forma que não se veja forçado a empreender esses caminhos infernais, terríveis para o viajante por estarem infestados de gênios malignos e saqueadores e por ter de atravessar esse lugar espantoso por onde corre um rio de fogo igual às ondas do mar. Sede, além disso, piedoso para com a alma de meu pai

José, quando ela vier repousar em vossas mãos, pois é este o momento em que mais necessita da tua misericórdia.

Eu vos digo, veneráveis irmãos e abençoados apóstolos, que todo homem que, chegando a discernir entre o bem e o mal, tenha consumido seu tempo seguindo a fascinação dos seus olhos, quando chegue a hora de sua morte e tenha de libertar o passo para comparecer diante do tribunal terrível e fazer sua própria defesa, ver-se-á necessitado da piedade de meu bom Pai.

Continuemos, porém, relatando o desenlace de meu pai, o abençoado ancião.

José Expira

Quando eu disse amém, Maria, minha mãe, respondeu na língua falada pelos habitantes do céu. No mesmo instante Micael, Gabriel e anjos, em coro, vindos do céu, voaram sobre o corpo de meu pai José.

Em seguida, intensificaram-se os lamentos próprios da morte e soube, então, que havia chegado o momento desolador. Sofria meu pai dores parecidas com as de uma mulher no parto, enquanto que a febre o castigava da mesma maneira que um forte furacão ou um imenso fogo devasta um espesso bosque.

A morte, cheia de medo, não ousava lançar-se sobre o corpo de meu pai para separá-lo da alma, pois seu olhar havia dado comigo, que estava sentado a sua cabeceira, com as mãos sobre suas têmporas. Quando me apercebi de que a morte tinha medo de entrar por minha causa, levantei-me, dirigi meus passos até o lado de fora da porta e encontrei-a só e amedrontada, em atitude de espera.

Eu lhe disse:

- Ó tu, que vens do Meio-dia, entra rapidamente e cumpre o que ordenou-te meu Pai. Porém, guarda José como a menina dos teus olhos, posto que é meu pai segundo a carne e compartilhou a dor comigo, durante os anos da minha infância, quanto teve de fugir de um lado para outro por causa das maquinações de Herodes e ensinou-me como costumam fazer os pais para o proveito dos seus filhos. Então Abbadão entrou, tomou a alma de meu pai José e separou-a do corpo no mesmo instante em que o sol fazia sua aparição no horizonte, no dia 26 do mês de Epep, em paz.

A vida de meu pai compreendeu cento e onze anos. Micael e Gabriel pegaram cada qual em um extremo de um pano de seda e nele depositaram a alma de meu querido pai José depois de tê-la beijado reverentemente.

Enquanto isso, nenhum dos que rodeavam José havia percebido a sua morte, nem sequer minha mãe Maria. Eu confiei a alma do meu querido pai José a Micael e Gabriel, para que a guardassem contra os raptos que saqueiam pelo caminho e encarreguei os espíritos incorpóreos de continuarem cantando canções até que, finalmente, depositaram-no junto a meu Pai no céu.

Luto na Casa de José

Inclinei-me sobre o corpo inerte de meu pai. Cerrei seus olhos, fechei sua boca e levantei-me para contemplá-lo. Depois disse à Virgem:

- Ó Maria, minha mãe, onde estão os objetos de artesanato feitos por ele desde sua infância até hoje? Neste momento todos eles passaram, como se ele não tivesse sequer vindo a este mundo.

Quando seus filhos e filhas ouviram-me dizer isto a Maria, minha mãe virginal, perguntaram-me com vozes fortes e lamentos:

- Será que nosso pai morreu sem que nós nos apercebêssemos?

Eu lhes disse:

- Efetivamente, morreu, mas sua morte não é morte, porém vida eterna. Grandes coisas esperam nosso querido pai José. Desde o momento em que sua alma sai do seu corpo, desapareceu para ele toda espécie de dor. Ele se pôs a caminho do reino eterno. Deixou atrás de si o peso da carne, com todo este mundo de dor e de preocupações, e foi para o lugar de repouso que tem meu Pai nesses céus que nunca serão destruídos.

Ao dizer a meus irmãos que o nosso pai José, o abençoado ancião, havia finalmente morrido, eles se levantaram, rasgaram suas vestes e o choraram durante um longo tempo.

Luto em Nazaré

Quando os habitantes de Nazaré e de toda a Galiléia inteiraram-se da triste nova, acudiram em massa ao lugar onde nos encontrávamos. De acordo com a lei dos judeus, passaram todo o dia dando sinais de luto até que chegou a nona hora.

Despedi, então todos, derramei água sobre o corpo de meu pai José, ungi-o com bálsamo e dirigi ao meu Pai amado, que está nos céus, uma oração celestial que havia escrito com meus próprios dedos, antes de encarnar-me nas entranhas da Virgem Maria.

Ao dizer amém, veio uma multidão de anjos. Mandeí que dois deles estendessem um manto para depositar nele o corpo de meu pai José para que o amortilhassem.

BÊNÇÃO de Jesus

Pus minhas mãos sobre o seu corpo e disse:

- Não serás vítima da fetidez da morte. Que teus ouvidos não sofram corrupção. Que não emane podridão de teu corpo. Que não se perca na terra a tua mortalha nem a tua carne, mas que fiquem intactas, aderidas ao teu corpo até o dia do convite dos dois mil anos. Que não envelheçam, querido pai, esses cabelos que tantas vezes acariciei com minhas mãos. E que a boa sorte esteja contigo. Aquele que se preocupar em levar uma oferenda ao teu santuário no dia de tua comemoração, eu o abençoarei com afluxos de dons celestiais. Assim mesmo, a todo aquele que der pão a um pobre em teu nome, não permitirei que se veja agonizado pela necessidade de quaisquer bens deste mundo, durante todos os dias de sua vida.

Conceder-te-ei que possas convidar ao banquete dos mil anos a todos aqueles que no dia de tua comemoração ponham um copo de vinho na mão de um forasteiro, de uma viúva ou de um órfão. Hei de dar-te de presente, enquanto vivam neste mundo, a todos os que se dediquem a escrever o livro da tua saída deste mundo e a consignar todas as palavras que hoje saíram de minha boca. Quando abandonarem este mundo, farei com que desapareça o livro no qual estão escritos seus pecados e que não sofram nenhum tormento, além da inevitável morte e do rio de fogo que está diante do meu Pai, para purificar toda a espécie de almas. Se acontecer que um pobre, não podendo fazer nada do que foi dito, ponha o nome de José em um de seus filhos em tua honra, farei com que naquela casa não entre a fome nem a peste, pois o teu nome habita ali de verdade.

A Caminho do Túmulo

Os anciãos da cidade apresentaram-se na casa enlutada, acompanhados daqueles que procediam ao sepultamento à maneira judia. Encontraram o cadáver já preparado para o enterro. A mortalha se havia aderido fortemente ao seu corpo, como se houvessem atado com grampos de ferro e não puderam encontrar sua abertura, quando removeram o cadáver.

Em seguida, passou-se a conduzir o morto até seu túmulo. Quando chegaram até ele e estavam já preparados para abrir sua entrada e colocá-lo junto aos restos de seu pai, veio-me à mente a lembrança do dia em que me levou até o Egito e das grandes preocupações que assumiu por mim.

Não pude deixar de atirar-me sobre o seu corpo e chorar por um longo tempo, dizendo:

EXCLAMAÇÕES de Jesus

- Ó morte, de quantas lágrimas e lamentos és causa! Esse poder, porém, vem d'Aquele que tem sob o seu domínio todo o universo. Por isso tal reprovação não vai tanto contra a morte senão contra Adão e Eva. A morte não atua nunca sem uma prévia ordem de meu Pai. Existem aqueles que viveram mais de novecentos anos e outros ainda muito mais tempo. Entretanto, nenhum deles disse: eu vi a morte ou a morte vinha de tempos em tempos atormentar-me. Senão que ela traz uma só vez a dor e, ainda assim, é meu bom Pai quem a envia. Quando vem em busca do homem, ela sabe que tal resolução provém do céu. Se a sentença vem carregada de raiva, a morte também se manifesta colérica para cumprir sua incumbência, pegando a alma do homem e entregando-a ao seu Senhor.

A morte não tem atribuições para atirar o homem ao inferno nem para introduzi-lo no reino celestial. A morte cumpre de fato a missão de Deus, ao contrário de Adão, que ao não submeter-se à vontade divina, cometeu uma transgressão. Ele irritou meu Pai contra si, por haver preferido dar ouvidos a sua mulher, antes de obedecer à sua missão. Assim, todo ser vivo ficou implacavelmente condenado à morte.

Se Adão não houvesse sido desobediente, meu Pai não o teria castigado com esta terrível sina. O que impede agora que eu faça uma oração ao meu bom Pai para que envie um grande carro luminoso para elevar José, a fim de que não prove das amarguras da morte e que o transporte ao lugar de repouso, na mesma carne que trouxe ao mundo, para que ali viva com seus anjos incorpóreos? A transgressão de Adão foi a causa de sobreviverem esses grandes males sobre a humanidade, juntamente com o irremediável da morte. Embora eu mesmo carregue também esta carne concebida na dor, devo provar com ela da morte para que possa apiedar-me das criaturas que formei.

O Enterro

Enquanto dizia essas coisas, abraçado ao corpo de meu pai José e chorando sobre ele, abriram a entrada do sepulcro e depositaram o cadáver junto ao de seu pai Jacob. Sua vida foi de cento e onze anos, sem que ao fim de tanto tempo um só dente tivesse estragado em sua boca ou sem que seus olhos se tornassem fracos, senão que todo o seu aspecto assemelhava-se ao de um afetuoso menino. Nunca esteve doente, senão que trabalhou continuamente em seu ofício de carpinteiro, até o dia que sobreveio a doença que haveria de levá-lo ao sepulcro.

CONTESTAÇÃO dos Apóstolos

Quando nós, os apóstolos, ouvimos tais coisas dos lábios de nosso Salvador, pusemo-nos em pé, cheios de prazer e passamos a adorar suas mãos e seus pés, dizendo com o êxtase da alegria:

- Damos-te graças, nosso Senhor e Salvador, por te haveres dignado a presentear-nos com essas palavras saídas de teus lábios. Mas não deixamos de admirar, ó bom Salvador, pois não entendemos como, havendo concedido a imortalidade a Elias e a Enoch, já que estão desfrutando dos bens na

mesma carne com que nasceram, sem que tenham sido vítimas da corrupção, e agora, tratando-se do bendito ancião José, o Carpinteiro, a quem concedeste a grande honra de chamá-lo teu pai e de obedecê-lo em todas as coisas, a nós mesmos nos encarregaste: quando fordes revestidos da mesma força, receberéis a voz de meu Pai, isto é, o Espírito Paráclito, e sereis enviados para pregar o evangelho e pregai também ao querido pai José. E ainda: consignai estas palavras de vida no testamento de sua partida deste mundo e lê as palavras deste testamento nos dias solenes e festivos e quem não tiver aprendido a ler corretamente, não deve ler este testamento nos dias festivos. Finalmente, quem suprimir o adicionar algo a estas palavras, de maneira a fazer-me embusteiro, será réu de minha vingança. Admira-nos, repetimos, aquele que, havendo chamado teu pai segundo a carne, desde o dia em que nasceste em Belém, não lhe tenhas concedido a imortalidade para viver eternamente.

Resposta de Jesus

Nosso Salvador respondeu, dizendo-nos:

- A sentença pronunciada por meu Pai contra Adão não deixará de ser cumprida, já que este não foi obediente aos mandamentos. Quando meu Pai destina a alguém ser justo, este vem a ser imediatamente o seu eleito. Se um homem ofende a Deus por amar as obras do demônio, acaso ignora que um dia virá a cair em suas mãos se seguir impenitente, mesmo se lhe concederem longos dias de vida?

Se, ao contrário, alguém vive muito tempo, fazendo sempre boas obras, serão exatamente elas que o farão velho. Quando Deus vê que alguém segue o caminho da perdição, costuma conceder-lhe um curto prazo de vida e o faz desaparecer na metade dos seus dias. Quanto aos demais, não de ter o exato cumprimento das profecias ditadas por meu Pai acerca da humanidade e todas as coisas não de suceder de acordo com elas. Haveis citado o caso de Enoch e Elias. Eles, dizeis, continuam vivendo e conservam a carne que trouxeram a este mundo. Por que, então, em se tratando de meu pai, não lhe permiti conservar seu corpo? Então eu digo que, mesmo que houvesse chegado a ter mais de dez mil anos, sempre incorreria na mesma necessidade de morrer.

Mais ainda, eu asseguro que sempre que Enoch e Elias pensam na morte, desejariam já havê-la sofrido a verem-se assim, livres da necessidade que lhes é imposta, já que deverão morrer num dia de turbacão, de medo, de gritos, de perdição e de aflicção. Pois haveis de saber que o Anticristo há de matar esses homens e de derramar seu sangue na terra como água de um copo por causa das incriminações que lhe imputarão, quando os acusarem.

Epílogo

Nós respondemos, dizendo:

- Nosso Senhor e Deus, quem são esses dois homens, dos quais disseste que o filho da perdição matará por um copo de água?

Jesus, nosso Salvador e nossa vida, respondeu:

- Enoch e Elias.

Ao ouvir essas palavras da boca de nosso Salvador, se nos encheu o coração de prazer e de alegria. Por isso lhe rendemos homenagens e graças como nosso Senhor, nosso Deus e nosso Salvador, Jesus Cristo, por meio de quem vão para o Pai toda a glória e toda a honra juntamente com Ele e com o Espírito Santo vivificador, agora, por todo o tempo e pela eternidade das eternidades.

Nag Hammadi - O EVANGELHO DE TIAGO

OS LIVROS APÓCRIFOS DA BÍBLIA

Os livros apócrifos da Bíblia são uma importante e complementar fonte de informação e conhecimento, acrescentando preciosos esclarecimentos às Sagradas Escrituras, principalmente naquilo que se refere à vida de Jesus Cristo entre os oito e os trinta anos.

A INFÂNCIA DE CRISTO SEGUNDO TIAGO

INTRODUÇÃO

Apresentamos, numa versão modernizada, textos considerados apócrifos e que trazem importantes informações a respeito da vida de Cristo, preenchendo lacunas até então criadas pelos Evangelhos constantes da Bíblia.

Estes textos retratam os acontecimentos que precederam o nascimento de Cristo, contando a história de Maria e da natividade, além da história da infância do Senhor Jesus, no Evangelho de Tomé. Há também excertos do Livro da Infância do Salvador, onde a vida de Jesus, dos cinco aos doze anos, é retratada.

Vale lembrar que numa outra obra desta coleção, o Evangelho de São Pedro, a Infância de Cristo é apresentada na sua íntegra, mostrando fatos e passagens importantes da vida do Senhor Jesus, nos seus primeiros anos.

Os textos chamados de apócrifos são aqueles não incluídos pela Igreja no Cânon das Escrituras autênticas e divinamente inspiradas.

Como foi feita essa seleção, até hoje a Igreja não explicou adequadamente. Se inspirados ou não, são relatos dos primeiros tempos do Cristianismo, importantes para quem deseja conhecer a fundo essa religião.

A NATIVIDADE

Este livro, apesar de conhecido como o Evangelho de Tiago ou Proto-Evangelho de Tiago, tem sua autoria desconhecida. Publicado em fins do século XVI, não se sabe exatamente ainda qual a época em que foi escrito, mas os maiores estudiosos dos Livros Apócrifos afirmam que é anterior aos Quatro Evangelhos Canônicos, servindo, em muitos aspectos, como base para estes.

O Proto-Evangelho de Tiago conta a vida de Maria, seu nascimento de Ana e Joaquim, considerados estéreis, de como foi sua educação no Templo até a sua puberdade, como se deu a escolha de seu futuro esposo, José, velho, viúvo e pai de seis filhos: Judas, Josetos, Tiago, Simão, Lígia e Lídia.

Continua, narrando a concepção e a virgindade, que se manteve após dar à luz o Salvador, numa caverna. Fala da estrela misteriosa e radiante, que guiou os magos até a caverna e da nuvem de luz que pairou sobre o local, na hora em que o Senhor Jesus nascia.

Narra, também, a participação da parteira que testemunhou a virgindade de Maria, após o nascimento do Senhor E cita o testemunho de uma parteira que constatou a virgindade de Maria após dar à luz.

PROTO-EVANGELHO DE TIAGO

i

Segundo narram as memórias das doze tribos de Israel, havia um homem muito rico, de nome Joaquim, que fazia suas oferendas em quantidade dobrada, dizendo:

- O que sobra, ofereça-o para todo o povoado e o devido na expiação de meus pecados será para o Senhor, a fim de ganhar-lhe as boas graças.

Chegou a grande festa do Senhor, na qual os filhos de Israel devem oferecer seus donativos. Rubem se pôs à frente de Joaquim, dizendo-lhe:

- Não te é lícito oferecer tuas dádivas, enquanto não tiveres gerado um rebento em Israel.

Joaquim mortificou-se tanto que se dirigiu aos arquivos de Israel, com intenção de consultar o censo genealógico e verificar se, porventura, teria sido ele o único que não havia tido prosperidade em seu povoado.

Examinando os pergaminhos, constatou que todos os justos haviam gerado descendentes. Lembrou-se, por exemplo, de como o Senhor deu Isaac ao patriarca Abraão, em seus derradeiros anos de vida.

Joaquim ficou muito atormentado, não procurou sua mulher e se retirou para o deserto. Ali armou sua tenda e jejuou por quarenta dias e quarenta noites, dizendo:

- Não sairei daqui nem sequer para comer ou beber, até que não me visite o Senhor meu Deus. Que minhas preces me sirvam de comida e de bebida.

II

Ana lamentava-se e gemia dolorosamente, dizendo:

- Chorarei minha viuvez e minha esterilidade.

Chegou, porém, a grande festa do Senhor e disse-lhe Judite, sua criada:

- Até quando vais humilhar tua alma? Já é chegada a festa maior e não te é lícito entristecer-te. Toma este lenço de cabeça, que me foi dado pela dona da tecelagem, já que não posso cingir-me com ele por ser eu de condição servil e levar ele ao selo real.

Disse Ana:

- Afasta-te de mim, pois que não fiz tal coisa e, além do mais, o Senhor já me humilhou em demasia para que eu o use. A não ser que algum malfeitor o haja dado e tenhas vindo para fazer-me também cúmplice do pecado.

Replicou Judite:

- Que motivo tenho eu para maldizer-te, se o Senhor já te amaldiçoou não te dando fruto de Israel?

Ana, ainda que profundamente triste, despiu suas vestes de luto, cingiu-se com um toucado, vestiu suas roupas de bodas e desceu, na hora nona, ao jardim para passear. Ali viu um loureiro, assentou-se à sua sombra e orou ao Senhor, dizendo:

- Ó Deus de nossos pais! Ouve-me e bendize-me da maneira que bendisseste o ventre de Sara, dando-lhe como filho Isaac!

III

Tendo elevado seus olhos aos céus, viu um ninho de passarinhos no loureiro e novamente lamentou-se dizendo:

- Ai de mim! Por que nasci e em que hora fui concebida? Vim ao mundo para ser como terra maldita entre os filhos de Israel. Estes me cumularam de injúrias e me escorraçaram do templo de Deus. Ai de mim! A quem me assemelho eu? Não às aves do céu, pois elas são fecundas em tua presença, Senhor. Ai de mim! A quem me pareço eu? Não às bestas da terra, pois que até esses animais irracionais são prolíficos ante teus olhos, Senhor. Ai de mim! A quem me posso comparar? Nem sequer a estas águas, porque até elas são férteis diante de ti, Senhor. Ai de mim! A quem me igualo eu? Nem sequer a esta terra, porque ela também é fecundada, dando seus frutos na ocasião própria e te bendiz, Senhor.

IV

Eis que se lhe apresentou o anjo de Deus, dizendo-lhe:

- Ana, Ana, o Senhor escutou teus rogos! Conceberás e darás à luz e de tua prole se falará em todo o mundo.

Ana respondeu:

- Viva o Senhor meu Deus, que, se chegar a ter algum fruto de bênção, seja menino ou menina, levá-lo-ei como oferta ao Senhor e estará a seu serviço todos os dias de sua vida.

Então vieram a ela dois mensageiros com este recado:

- Joaquim, teu marido, está de volta com seus rebanhos, pois que um anjo de Deus desceu até ele e lhe disse que o Senhor escutou seus rogos e que Ana, sua mulher, vai conceber em seu ventre.

Tendo saído Joaquim, mandou que seus pastores lhe trouxessem dez ovelhas sem mancha.

Disse ele:

- Estas serão para o Senhor.

Mandou, então separar doze novilhas de leite, dizendo:

- Estas serão para os sacerdotes e para o sinédrio.

Finalmente, mandou apartar cem cabritos para todo o povoado.

Ao chegar Joaquim com seus rebanhos, estava Ana à porta e, ao vê-lo chegar, pôs-se a correr e atirou-se ao seu pescoço dizendo:

- Agora vejo que Deus me bendisse copiosamente, pois, sendo viúva, deixo de sê-lo e, sendo estéril, vou conceber em meu ventre.

Então Joaquim repousou naquele dia em sua casa.

V

No dia seguinte, ao ir oferecer sua dádivas ao Senhor, dizia para consigo mesmo:

- Saberei se Deus me vai ser favorável se eu chegar a ver o éfode do sacerdote.

Ao oferecer o sacrifício, observou o éfode do sacerdote, quando este se acercava do altar de Deus, e, não encontrando pecado algum em sua consciência, disse:

- Agora vejo que o Senhor houve por bem perdoar todos os meus pecados.

Desceu Joaquim justificado do templo e foi para casa. O tempo de Ana cumpriu-se e no nono mês deu à luz.

Perguntou à parteira:

- A quem dei à luz?

A parteira respondeu:

- Uma menina.

Então Ana exclamou:

- Minha alma foi enaltecida - e reclinou a menina no berço.

Ao fim do tempo marcado pela lei, Ana purificou-se, deu o peito à menina e pôs-lhe o nome de Maria.

VI

Dia a dia a menina ia robustecendo-se. Ao chegar aos seis meses, sua mãe deixou-a só no chão, para ver se sustentava-se de pé. Ela, depois de andar sete passos, voltou ao regaço de sua mãe. Esta levantou-se, dizendo:

- Salve o Senhor! Não andarás mais por este solo, até que te leve ao templo do Senhor.

Fez-lhe um oratório em sua casa e não consentiu que nenhuma coisa vulgar ou impura passasse por suas mãos. Chamou, além disso, umas donzelas hebréias, todas virgens, para que a entretivessem.

Quando a menina completou um ano, Joaquim deu um grande banquete, para o qual convidou os sacerdotes, os escribas, o sinédrio e todo o povo de Israel. Apresentou a menina aos sacerdotes, que a abençoaram assim:

- Ó Deus de nossos pais, bendiz esta menina e dá-lhe um nome glorioso e eterno por todas as gerações.

Ao que todo o povo respondeu:

- Assim seja, assim seja! Amém!

Apresentou-a também Joaquim aos príncipes e aos sacerdotes e estes a abençoaram assim:

- Ó Deus Altíssimo, põe teus olhos nesta menina e outorga-lhe uma bênção perfeita, dessas que excluem as ulteriores.

Sua mãe levou-a ao oratório de sua casa e deu-lhe o peito. Compôs, então, um hino ao Senhor Deus, dizendo:

- Entoarei um cântico ao Senhor meu Deus, porque me visitaste, afastaste de mim o opróbrio de meus inimigos e me deste um fruto santo, que é único e múltiplo a seus olhos. Quem dará aos filhos de Rubem a notícia de que Ana está amamentando? Ouvi, ouvi, ó Doze Tribos de Israel: Ana está amamentando!

Tendo deixado a menina para que repousasse na câmara onde havia o oratório, saiu e pôs-se a servir os comensais. Estes, uma vez terminada a ceia, saíram regozijando-se e louvando ao Deus de Israel.

VII

Entretanto, os meses iam-se passando para a menina. Ao fazer dois anos, disse Joaquim a Ana:

- Levemo-la ao templo do Senhor para cumprir a promessa que fizemos, para que Senhor não a reclame e nossa oferenda se torne inaceitável a seus olhos.

Ana respondeu:

- Esperamos, todavia, até que complete três anos, para que a menina não tenha saudades de nós.

Joaquim respondeu:

- Esperaremos.

Ao chegar aos três anos, disse Joaquim:

- Chama as donzelas hebréias que não têm mancha e que tomem, duas a duas, uma candeia acesa e a acompanhem, para que a menina não olhe para trás e seu coração seja cativado por alguma coisa fora do templo de Deus.

Assim fizeram enquanto iam subindo ao templo de Deus. Lá recebeu-a o sacerdote, o qual, depois de tê-la beijado, abençoou-a e exclamou:

- O Senhor engrandeceu teu nome diante de todas as gerações, pois que, no final dos tempos, manifestará em ti sua redenção aos filhos de Israel.

Fê-la sentar-se no terceiro degrau do altar. O Senhor derramou graças sobre a menina, que dançou cativando toda a casa de Israel.

VIII

Saíram, então, seus pais, cheios de admiração, louvando ao Senhor Deus porque a menina não havia olhado para trás. Maria permaneceu no templo como uma pombinha, recebendo alimento pelas mãos de um anjo.

Ao completar doze anos, os sacerdotes reuniram-se para deliberar, dizendo:

- Eis que Maria cumpriu doze anos no templo do Senhor. Que faremos para que ela não chegue a manchar o santuário?

Disseram ao sumo sacerdote:

- Tu que tens o altar ao teu cargo, entra e ora por ela. O que o Senhor te disser, isso será o que haveremos de fazer.

O sumo sacerdote, cingindo-se com o manto das doze sinetas, entrou no Santo dos Santos e orou por ela. Eis que um anjo do Senhor apareceu, dizendo-lhe:

- Zacarias, Zacarias, sai e reúne a todos os viúvos do povoado. Que cada um venha com um bastão e o daquele em que o Senhor fizer um sinal singular, deste será ela a esposa.

Saíram os arautos por toda a região da Judéia e, ao soar a trombeta do Senhor, todos acudiram.

IX

José, deixando de lado sua acha, uniu-se a eles. Uma vez que se juntaram todos, tomaram cada qual seu bastão e puseram-se a caminho, à procura do sumo sacerdote. Este tomou todos os bastões, entrou no templo e pôs-se a orar. Terminadas as suas preces, tomou de novo os bastões e os entregou, mas em nenhum deles apareceu sinal algum. Porém, ao pegar José o último, eis que uma pomba saiu dele e se pôs a voar sobre sua cabeça. Então o sacerdote disse:

- A ti coube a sorte de receber sob tua custódia a Virgem do Senhor.

José replicou:

- Tenho filhos e sou velho, enquanto que ela é uma menina. Não gostaria de ser objeto de zombaria por parte dos filhos de Israel.

Então tornou o sacerdote:

- Teme ao Senhor teu Deus e tem presente o que fez Ele com Datan, Abiron e Corê, de como abriu-se a terra e foram sepultados por sua rebelião. Teme agora tu também, José, para que não aconteça o mesmo a tua casa.

Ele, cheio de temor, recebeu-a sob proteção. Depois, disse-lhe:

- Tomei-te do templo. Deixo-te agora em minha casa e vou continuar minhas construções. Logo voltarei. O Senhor te guardará.

X

Os sacerdotes, então, reuniram-se e concordaram em fazer um véu para o templo do Senhor.

O sumo sacerdote disse:

- Chama algumas donzelas sem mancha, da tribo de Davi.

Os ministros se foram e, depois de terem procurado, encontraram sete virgens. Então o sacerdote lembrou-se de Maria, a juvenzinha que, sendo de estirpe davídica, se conservava imaculada aos olhos de Deus. Os emissários foram buscá-la.

Depois de as terem introduzido no templo, disse o sacerdote:

- Vejamos qual há de bordar o ouro, o amianto, o linho, a seda, o zircão, o escarlate e a verdadeira púrpura.

O escarlate e a verdadeira púrpura couberam a Maria que, tomando-as, foi para casa.

Naquela época, Zacarias ficou mudo, sendo substituído por Samuel, até quando pôde falar novamente.

Maria tomou em suas mãos o escarlate e pôs-se a tecê-lo.

XI

Certo dia, pegou Maria um cântaro e foi enchê-lo de água. Eis que ouviu uma voz que lhe dizia:

- Deus te salve, cheia de graça! O Senhor está contigo, bendita és entre as mulheres!

Ela olhou a sua volta, à direita, à esquerda, para ver de onde vinha aquela voz. Tremendo, voltou para casa, deixou a ânfora, pegou a púrpura, sentou-se no divã e pôs-se a tecê-la. Logo um anjo do Senhor apresentou-se diante dela, dizendo:

- Não temas, Maria, pois alcançaste graça ante o Senhor onipotente e vais conceber por Sua palavra!

Ela, ao ouvi-lo, ficou perplexa e disse consigo mesma:

- Deverei eu conceber por virtude de Deus vivo e haverei de dar à luz como as demais mulheres?

Ao que lhe respondeu o anjo:

- Não será assim, Maria, pois que a virtude do Senhor te cobrirá com sua sombra. Depois, o fruto santo que deverá nascer de ti será chamado de Filho do Altíssimo. Chamar-lhe-ás Jesus, pois Ele salvará seu povo de suas iniquidades. Então, disse Maria:

- Eis aqui a escrava do Senhor em Sua presença. Que isto aconteça a mim conforme Sua palavra.

XII

Concluído seu trabalho com a púrpura e o escarlate, levou-o ao sacerdote. Este a abençoou dizendo:

- Maria, o Senhor enaltecer seu nome e serás bendita entre todas as gerações da terra.

Cheia de alegria, Maria foi à casa de sua parente Isabel. Chamou-a da porta e, ao ouvi-la, Isabel largou o escarlate, correu para a porta, abriu-a e, vendo Maria, louvou-a dizendo:

- Que fiz eu para que a mãe do meu Senhor venha a minha casa? Pois saiba que o fruto que carrego em meu ventre se pôs a pular dentro de mim, como que para bendizer-se.

Maria havia se esquecido dos mistérios que o anjo Gabriel lhe comunicara, elevou os olhos aos céus e disse:

- Quem sou eu, Senhor, para que todas as gerações me bendigam?

Passou três meses em casa de Isabel. Dia a dia seu ventre aumentava e, cheia de temor, pôs-se a caminho de casa e escondia-se dos filhos de Israel. Quando sucederam essas coisas, ela contava dezesseis anos.

XIII

Ao chegar Maria ao sexto mês de gravidez, voltou José de suas construções e, ao entrar em casa, deu-se conta de que ela estava grávida. Então, feriu seu próprio rosto, jogou-se no chão sobre uma manta e chorou amargamente, dizendo:

- Como é que me vou apresentar agora diante do meu Senhor? E que oração direi eu agora por esta donzela, pois que a recebi virgem do templo do Senhor e não a soube guardar? Será que a história de Adão se repetiu comigo? Assim como no instante em que ela estava glorificando a Deus veio a serpente e, ao encontrar Eva sozinha, a enganou, o mesmo me aconteceu.

Levantando-se, José chamou Maria e disse-lhe:

- Predileta como eras de Deus, como foste capaz de fazer isso? Acaso te esqueceste do Senhor teu Deus? Com pudeste vilipendiar tua alma, tu que te criaste no Santo dos Santos e recebeste alimento das mãos de um anjo?

Ela chorou amargamente dizendo:

- Sou pura e não conheço varão algum.

Replicou José:

- De onde, pois, provém o que carregas no seio?

Ao que Maria respondeu:

- Pelo Senhor, meu Deus, eu juro que não sei como aconteceu.

XIV

José encheu-se de temor, retirou-se da presença de Maria e pôs-se a pensar sobre o que faria com ela. Dizia consigo próprio:

- Se escondo seu erro, contrario a lei do Senhor. Se a denuncio ao povo de Israel, temo que o que acontecer a ela se deva a uma intervenção dos anjos e venha a entregar à morte uma inocente. Como deverei proceder, pois? Mandá-la embora às escondidas.

Enquanto isso, caiu a noite. Eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo-lhe:

- Não temas por esta donzela, pois o que ela carrega em suas entranhas é fruto do Espírito Santo. Dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, pois que ele há de salvar seu povo dos pecados.

Ao despertar, José levantou-se, glorificou a Deus de Israel por haver-lhe concedido tal graça e continuou guardando Maria.

XV

Por essa ocasião, veio à casa de José um escriba chamado Anás, que lhe disse:

- Por que não compareceste à nossa reunião?

Respondeu-lhe José:

- Estava cansado da caminhada e decidi repousar este primeiro dia.

Ao voltar-se, Anás deu-se conta da gravidez de Maria.

Então, correu ao sacerdote, dizendo-lhe:

- Esse José, por quem respondes, cometeu uma falta grave.

- Que queres dizer com isso? - perguntou o sacerdote. Ao que respondeu Anás:

- Pois violou aquela virgem que recebeu do templo de Deus, com fraude de seu casamento e sem manifestá-lo ao povo de Israel.

Disse o sacerdote:

- Estás certo de que foi José que fez tal coisa?

Replicou Anás:

- Envia uma comissão e te certificarás de que a donzela está realmente grávida.

Saíram os emissários e encontraram-na tal qual havia dito Anás. Por isso levaram-na, juntamente com José, ante o tribunal.

O sacerdote iniciou, dizendo:

- Maria, como fizeste tal coisa? Que te levou a vilipendiar tua alma e esquecer-te do Senhor teu Deus? Tu que te criaste no Santo dos Santos, que recebias alimento das mãos de um anjo, que escutaste os hinos e que dançavas na presença de Deus? Como fizeste isso?

Ela se pôs a chorar amargamente, dizendo:

- Juro pelo Senhor meu Deus que estou pura em sua presença e que não conheci varão.

Então o sacerdote dirigiu-se a José, perguntando-lhe:

- Por que fizeste isso?

Replicou José:

- Juro pelo Senhor meu Deus, que me encontro puro com relação a ela.

Acrescentou o sacerdote:

- Não jures em falso! Dize a verdade! Usaste fraudulentamente o matrimônio e não o deste a conhecer ao povo de Israel. Não abaixaste tua cabeça sob a mão poderosa de Deus, por quem sua descendência havia sido bendita.

José guardou silêncio.

XVI

- Devolve, pois - continuou o sacerdote, - a virgem que recebeste do templo do Senhor.

José ficou com os olhos marejados em lágrimas. Acrescentou ainda o sacerdote:

- Farei com que bebais da água da prova do Senhor e ela vos mostrará, diante de vossos próprios olhos, vossos pecados.

Tomando da água, fez José bebê-la, enviando-o em seguida à montanha, de onde voltou são e salvo.

Fez o mesmo com Maria, enviando-a também à montanha, mas ela voltou sã e salva.

Toda a cidade encheu-se de admiração ao ver que não havia pecado neles.

Disse o sacerdote:

- Posto que o Senhor não declarou vosso pecado, tampouco irei condenar-vos.

Então despediu-os. Tomando Maria, José voltou para casa cheio de alegria e louvado ao Deus de Israel.

XVII

Veio uma ordem do imperador Augusto para que se fizesse o censo de todos os habitantes de Belém da Judéia.

Disse José:

- A meus filhos posso recensear, mas que farei desta donzela? Como vou incluí-la no censo? Como minha esposa? Envergonhou-me. Como minha filha? Mas já sabem todos os filhos de Israel que não é! Este é o dia do Senhor, que se faça a sua vontade.

Selando sua asna, fez com que Maria se acomodasse sobre ela. Enquanto um de seus filhos ia à frente, puxando o animal pelo cabresto, José os acompanhava. Quando estavam a três milhas de distância de Belém, José virou-se para Maria e viu que ela estava triste.

Disse consigo mesmo:

- Deve ser a gravidez que lhe causa incômodo.

Ao voltar-se novamente, encontrou-a sorrindo e indagou-lhe:

- Maria, que acontece, pois que algumas vezes te vejo sorridente e outras triste?

Ela lhe disse:

- É que se apresentam dois povos diante de meus olhos: um que chora e se aflige e outro que se alegra e se regozija.

Ao chegar à metade do caminho, disse Maria a José:

- Desça-me, porque o fruto de minhas entranhas luta por vir à luz.

Ele a ajudou a apear da asna, dizendo-lhe:

- Aonde poderia eu levar-te para resguardar teu pudor, já que estamos em campo aberto?

XVIII

Encontrando uma caverna, levou-a para dentro e, havendo deixado seus filhos com ela, foi buscar uma parteira na região de Belém.

Eis que José encontrou-se andando, mas não podia avançar. Ao levantar seus olhos para o espaço, pareceu-lhe ver como se o ar estivesse estremecido de assombro. Quando fixou vista no firmamento, encontrou-o estático e os pássaros do céu, imóveis. Ao dirigir seu olhar à terra, viu um recipiente no solo e uns trabalhadores sentados em atitude de comer, com suas mãos na vasilha. Os que pareciam comer, na realidade não mastigavam, e os que estavam em atitude de pegar a comida, tampouco a tiravam do prato. Finalmente, os que pareciam levar os manjares à boca, não o faziam, ao contrário, tinham seus rostos voltados para cima.

Também havia umas ovelhas que estavam sendo tangidas, mas não davam um passo. Estavam paradas. O pastor levantou sua destra para bater-lhes com um cajado, mas parou sua mão no ar.

Ao dirigir seu olhar à corrente do rio, viu como uns cabritinhos punham nela seus focinhos, mas não bebiam. Em uma palavra, todas as coisas estavam afastadas, por uns instantes, de seu curso normal.

XIX

Então uma mulher que descia da montanha disse-lhe:

- Aonde vais?

Ao que ele respondeu:

- Ando procurando uma parteira hebréia.

Ela replicou:

- Mas és de Israel?

Ele respondeu:

- Sim.

- E quem é a que está dando à luz na caverna?

- É minha esposa.

- Então, não é tua mulher?

Ele respondeu:

- É Maria, a que se criou no templo do Senhor, e ainda que me tivesse sido dada por mulher, não o é, pois que concebeu por virtude do Espírito Santo.

Insistiu a parteira:

- Isso é verdade?

José respondeu:

- Vem e verás.

Então a parteira se pôs a caminho junto com ele. Ao chegar à gruta, pararam, e eis que esta estava sombreada por uma nuvem luminosa.

Exclamou a parteira:

- Minha alma foi engrandecida, porque meus olhos viram coisas incríveis, pois que nasceu a salvação para Israel. De repente, a nuvem começou a sair da gruta e dentro brilhou uma luz tão grande que seus olhos não podiam resistir. Esta, por um momento, começou a diminuir tanto que deu para ver o menino que estava tomando o peito da mãe, Maria. A parteira então deu um grito, dizendo:

- Grande é para mim o dia de hoje, já que pude ver com meus próprios olhos um novo milagre.

Ao sair a parteira da gruta, veio ao seu encontro Salomé.

- Salomé, Salomé! - exclamou. - Tenho de te contar uma maravilha nunca vista. Uma virgem deu à luz; coisa que, como sabes, não permite a natureza humana.

Salomé replicou:

- Pelo Senhor, meus Deus, não acreditarei em tal coisa, se não me for dado tocar com os dedos e examinar sua natureza.

XX

Havendo entrado a parteira, disse a Maria:

- Prepara-te, porque há entre nós uma grande querela em relação a ti.

Salomé, pois, introduziu seu dedo em sua natureza, mas, de repente, deu um grito, dizendo:

- Ai de mim! Minha maldade e minha incredulidade é que têm a culpa! Por descrever do Deus vivo, desprende-se de meu corpo minha mão carbonizada.

Dobrou os joelhos diante do Senhor, dizendo:

- Ó Deus de nossos pais! Lembra-te de mim, porque sou descendente de Abraão, Isaac e Jacó! Não faças de mim um exemplo para os filhos de Israel! Devolve-me curada, porém, aos pobres, pois que tu sabes, Senhor, que em teu nome exercia minhas curas, recebendo de ti meu salário!

Apareceu um anjo do céu, dizendo-lhe:

- Salomé, Salomé, Deus escutou-te. Aproxima tua mão do menino, toma-o e haverá para ti alegria e prazer.

Acercou-se Salomé e o tomou, dizendo:

- Adorar-te-ei, porque nasceste para ser o grande Rei de Israel.

De repente, sentiu-se curada e saiu em paz da gruta. Nisso ouviu uma voz que dizia:

- Salomé, Salomé, não contes as maravilhas que viste até estar o menino em Jerusalém.

XXI

José dispôs-se a partir para Judéia. Por essa ocasião, sobreveio um grande tumulto em Belém, pois vieram um magos dizendo:

- Aonde está o recém-nascido Rei dos Judeus, pois vimos sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo?

Herodes, ao ouvir isso, perturbou-se. Enviou seus emissários aos magos e convocou os príncipes e os sacerdotes, fazendo-lhes esta pergunta:

- Que está escrito em relação ao Messias? Aonde ele vai nascer?

Eles responderam:

- Em Belém da Judéia, segundo rezam as escrituras. Com isso, despachou-os e interrogou os magos com estas palavras:

- Qual é o sinal que vistes em relação ao nascimento desse rei?

Responderam-lhes os magos:

- Vimos um astro muito grande, que brilhava entre as demais estrelas e as eclipsava, fazendo-as desaparecer. Nisso soubemos que a Israel havia nascido um rei e viemos com a intenção de adorá-lo.

Replicou Herodes:

- Ide e buscai-o, para que também possa eu ir adorá-lo!

Naquele instante, a estrela que haviam visto no Oriente voltou novamente a guiá-los, até que chegaram à caverna e pousou sobre a entrada dela. Vieram, então, os magos a ter com o Menino e Sua mãe, Maria, e tiraram oferendas de seus cofres: ouro, incenso e mirra.

Depois, avisados por um anjo para que não entrassem na Judéia, voltaram a suas terras por outro caminho.

XXII

Ao dar-se conta Herodes de que havia sido enganado, encolerizou-se e enviou seus sicários, dando-lhes a missão de assassinar todos os meninos de menos de dois anos.

Quando chegou até Maria a notícia da matança das crianças, encheu-se de temor e, envolvendo seu filho em fraldas, colocou-o numa manjedoura.

Quando Isabel inteirou-se de que também buscavam a seu filho João, pegou-o e levou-o a uma montanha. Pôs-se a ver onde haveria de escondê-lo, mas não havia um lugar bom para isso. Entre soluços, exclamou em voz alta:

- Ó Montanha de Deus, recebe em teu seio a mãe com seu filho, pois que não posso subir mais alto.

Nesse instante, abriu a montanha suas entranhas para recebê-los. Acompanhou-os uma grande luz, pois estava com ele um anjo de Deus para guardá-los.

XXIII

Herodes prosseguia na busca de João e enviou seus emissários a Zacarias para que lhe dissessem:

- Aonde escondeste teu filho?

Ele respondeu desta maneira:

- Eu me ocupo do serviço de Deus e me encontro sempre no templo. Não sei onde está meu filho.

Os emissários informaram a Herodes tudo o que se passara e ele encolerizou-se muito, dizendo consigo mesmo:

- Deve ser seu filho que vai reinar em Israel.

Enviou, então, um outro recado, dizendo-lhe:

- Diga-nos a verdade sobre onde está teu filho, porque do contrário bem sabes que teu sangue está sob minhas mãos.

Zacarias respondeu:

- Serei mártir do Senhor, se te atreveres a derramar meu sangue, porque minha alma será recolhida pelo Senhor, ao ser segada uma vida inocente no vestíbulo do santuário. Ao romper da aurora, foi assassinado Zacarias, sem que os filhos de Israel se dessem conta desse crime.

XXIV

Os sacerdotes se reuniram à hora da saudação, mas Zacarias não saiu a seu encontro, como de costume, para abençoá-los. Puseram-se a esperá-lo para saudá-lo na oração e para glorificar o Altíssimo.

Ante sua demora, começaram a ter medo. Tomando ânimo, um deles entrou, viu ao lado do altar sangue coagulado e ouviu uma voz que dizia:

- Zacarias foi morto e não se limpará o seu sangue até que chegue o vingador.

Ao ouvir a voz, encheu-se de temor e saiu para informar os sacerdotes que, tomando coragem, entraram e testemunharam o ocorrido. Então, os frisos do templo rangeram e eles rasgaram suas vestes de alto a baixo.

Não encontraram o corpo, somente a poça de sangue coagulado. Cheios de temor, saíram para informar a todo o povo que Zacarias havia sido assassinado. A notícia correu em todas as tribos de Israel, que o choraram e guardaram luto por três dias e três noites.

Concluído esse tempo, reuniram-se os sacerdotes para deliberar sobre quem iriam pôr em seu lugar.

Recaiu a sorte sobre Simeão, pois, pelo Espírito Santo, havia sido assegurado de que não veria a morte até que lhe fosse dado contemplar o Messias Encarnado.

XXV

Eu, Tiago, escrevi esta história. Ao levantar-se um grande tumulto em Jerusalém, por ocasião da morte de Herodes, retirei-me ao deserto até que cessasse o motim, glorificando ao Senhor meu Deus, que me concedeu a graça e a sabedoria necessárias para compor esta narração.

Que a graça esteja com todos aqueles que temem a Nosso Senhor Jesus Cristo, para quem deve ser a glória.

PISTIS SOPHIA

Raul Branco

(Membro da Sociedade Teosófica pela Loja Brasília, de Brasília-DF)

(Este artigo é apresentado em forma resumida no livro OS ENSINAMENTOS DE JESUS E A TRADIÇÃO ESOTÉRICA CRISTÃ, de autoria de Raul Branco, (publicado pela Editora Pensamento) sendo incluído nesta página da INTERNET, como exemplo de literatura gnóstica inspirada).

Um importante mito cosmológico da tradição cristã é o mito de Sophia, conhecido desde os primeiros séculos de nossa era. A versão mais conhecida do mito é a de Valentino, que sobreviveu através de citações nas obras de seus detratores, pois nenhum documento diretamente atribuído a Valentino parece ser conhecido; foram todos destruídos por ordem da Igreja Ortodoxa ao longo dos séculos de perseguição aos escritos e autores gnósticos que eram considerados como 'hereges' pela Igreja. Outra versão pouco conhecida encontra-se no texto Pistis Sophia.

O manuscrito Pistis Sophia.

O documento, originalmente escrito em grego e tido como perdido, foi guardado pela Providência Divina numa tradução para o copto, o dialeto sahidico do sul do Egito em princípios de nossa era. O códice foi levado para a Inglaterra cerca de 1772, adquirido por um médico colecionador de manuscritos antigos, o Dr. Askew, e mais tarde vendido ao Museu Britânico.

O texto completo foi traduzido para o latim por volta de meados do século XIX, por M.G. Schwartze, mas foi só no final do século passado e início deste que ele foi traduzido para línguas européias modernas (francês, alemão e inglês). As melhores versões para o inglês foram produzidas por G.R.S. Mead e Violet MacDermot.

As traduções demoraram tanto a aparecer devido a dificuldade de entendimento do manuscrito, escrito em linguagem alegórica. Por mais de dois séculos Pistis Sophia frustrou as tentativas de eruditos e estudantes da tradição esotérica de entender as importantes instruções que sempre se acreditou encontrarem-se veladas no texto. Afinal, o livro pretende conter instruções esotéricas ministradas por Jesus a seus discípulos, após seu retorno dos mortos. Alguns eruditos, como Jean Dorese, não conseguiram esconder sua frustração com a

linguagem impenetrável repleta de simbolismos. Outros sugeriram somente descrições gerais do texto, sem se aventurar em comentários analíticos e hermenêuticos.

Finalmente, depois de muito estudo e meditação, e graças a anotações pouco conhecidas mas muito inspiradoras de Blavatsky foi possível levantar uma boa parte do véu que esconde a mensagem iluminadora de Pistis Sophia.

Sabemos agora que os ensinamentos internos de Jesus, uma vez traduzido o seu simbolismo, podem oferecer instruções comparáveis em profundidade e abrangência com aqueles disponíveis nas tradições orientais. Na verdade, seus ensinamentos revelam um quadro tão claro dos princípios do homem e de suas implicações psicológicas, que parecem oferecer a fundação para a psicologia moderna apresentada por Carl G. Jung.

Organização do texto.

O texto é dividido em três cenários principais. No primeiro, Jesus está com seus discípulos, após sua ressurreição, no Monte das Oliveiras e, depois de algum tempo, em meio a trovões e relâmpagos, ele é elevado ao alto em meio de uma intensa luz ofuscante. É reiterado que sua gloriosa ascensão ao alto ocorreu na data da lua cheia de Thebet, isto é, na lua cheia de maio, conhecida como o período do ano mais favorável para contatos interiores e iniciações esotéricas, tais como o Festival de Wesak. Depois de trinta horas, Jesus retorna, envolto em três vestes de luz, com um brilho mais intenso do que quando ele havia ascendido. Em aparente confirmação da alta iniciação que lhe havia sido conferida, ele dirige-se aos discípulos, anunciando que, "A partir deste dia, vou falar-vos abertamente, desde o princípio da Verdade até o seu término (Plenitude); e vou falar, face a face, sem (usar) parábolas. A partir deste momento não vos esconderei nada do (mistério) do alto e do lugar da Verdade. Pois, autoridade me foi dada, por intermédio do Inefável e do Primeiro Mistério de todos os mistérios, para falar-vos, desde o Princípio até a Plenitude (Pleroma), tanto de dentro para fora como do exterior para o interior. Ouvi, portanto, para que vos possa dizer todas as coisas." (cap. 6).

Os dois outros cenários do texto são a narrativa da estória de Pistis Sophia e instruções adicionais aos discípulos na forma usual de diálogos. Uma imensa riqueza de informações é oferecida, incluindo a interpretação esotérica de diversas parábolas e ditados públicos de Jesus, bem como a natureza dos mistérios.

O Mito de Sophia.

Ao contrário da parábola do Filho Pródigo e do Hino da Pérola, o Mito de Sophia é bastante longo, cerca de 120 páginas do texto em português, e será apresentado de forma bastante resumida aqui, sendo a ênfase dada para a sua interpretação.

Após seu retorno do Alto, Jesus descreve aos discípulos as hierarquias dos vários planos pelos quais passou a caminho do Alto. Esta extensa enumeração de entidades espirituais é, inicialmente, bastante confusa, pois em nenhuma parte do texto existe qualquer explicação desta terminologia nem do sistema cosmológico a que estas entidades pertencem.

Depois de diversos incidentes com as entidades dos planos inferiores, Jesus encontra Pistis Sophia abaixo do Décimo Terceiro Eon, seu lugar de origem. Ela estava sozinha sem seu par e seus irmãos, triste e chorosa devido aos tormentos que o Autocentrado lhe havia infligido com a ajuda de suas emanções e dos doze eons.

Temos aqui o âmago da estória: Pistis Sophia estava inicialmente no Décimo Terceiro Eon com seus vinte e três irmãos e irmãs. Quando ela viu a Luz do Alto no véu do Tesouro de Luz, começou a cantar louvores àquela luz. A partir daquele momento, o Terceiro Poder Tríplice, que é o Autocentrado, passou a odiá-la, no que foi seguido pelos doze eons que estão abaixo. O Autocentrado concebeu uma armadilha para ela, emanando de si mesmo um poder com a aparência de leão e uma hoste de outras emanções materiais violentas enviando-as para as regiões abaixo. Pistis Sophia foi então levada a olhar para baixo, vendo a luz do poder com cara de leão. Sem saber que ele era uma emanção do Autocentrado, ela decidiu ir atrás dele, sem seu par, para se apoderar de sua luz, pensando que esta luz a possibilitaria ir à Luz do Alto.

Tendo descido de seu lugar de origem, ela foi levada cada vez mais baixo para o caos, com as emanções do Autocentrado e dos doze eons perseguindo-a constantemente, atormentando-a e retirando a sua luz. Quando ela finalmente viu Jesus rodeado de luz, clamou à Luz das Luzes e proclamou uma série de arrependimentos.

Os arrependimentos de Pistis Sophia são a chave para a sua salvação final. Nestes treze arrependimentos seguidos por onze canções de louvor à luz, ela conta a sua estória e reitera sua fé na luz e o anseio de ser livre das aflições no caos e de voltar ao seu lugar de origem.

O Simbolismo.

Em todas as tradições esotéricas, as mais importantes instruções internas são sempre transmitidas em linguagem simbólica, velando assim o sagrado aos olhos profanos, oferecendo com isto um método para treinar o desenvolvimento da intuição nos discípulos. Com raras exceções, os nomes usados em PS para caracterizar as diferentes entidades e planos não têm nenhuma conexão com a tradição judaica que a precedeu nem com a cristã que a sucedeu.

O simbolismo de Pistis Sophia é, de fato, extremamente engenhoso em sua simplicidade. Porém, esta terminologia única, em vez de ser um véu para obscurecer o entendimento do estudioso, é uma janela favorecendo sua visão espiritual. Estas entidades representam os princípios do homem, revelando com isto o sistema psicológico subjacente aos ensinamentos de Jesus. Um nível adicional de simbolismo é introduzido no texto, através da gematria, ou seja, das correspondências numéricas das palavras (no original grego), oferecendo uma pista para a compreensão de diversos incidentes na estória.

Pistis Sophia representa a alma, ou mais especificamente, a parte da alma que encarna, a parte da mente concreta que é a unidade de consciência do homem. Seu nome é uma chave para seu papel: Pistis é a palavra grega para 'fé'. Não a fé cega, mas a fé que surge com a total convicção do conhecimento interior. Sophia é 'sabedoria' em grego. Assim, seu nome composto indica o princípio fundamental (fé na Luz do Alto - um aspecto de Deus) que a capacita a realizar sua missão, ou seja, o desenvolvimento da sabedoria em ambos os mundos (material e espiritual).

Seu par é Jesus, um símbolo para a natureza tríplice do Eu Superior, que permanece nas regiões do Alto, quando PS desce ao caos. Esta é uma das partes que oferece maior dificuldade para ao leitor, em virtude de nosso condicionamento mental com relação ao papel de Jesus na ortodoxia cristã. No texto temos o termo 'Jesus' um momento representando o Mestre instruindo seus discípulos e, no momento seguinte, representando um dos três aspectos da natureza superior do homem: a mente concreta não conspurcada (o par de PS), a mente abstrata (o Salvador) e princípio Búdico ou intuição, também chamado de Cristo interior (o Primeiro Mistério Voltado para Fora).

O vilão da estória é o Autocentrado, representando a personalidade, um nome bem apropriado para o nosso "eu" egoísta, presunçoso e fútil, sempre demandando ser o centro de atenção, em busca da gratificação dos sentidos, causando com este comportamento grande aflição à alma. Os regentes ou arcontes são os principais aliados do Autocentrado, e representam as emoções e as paixões do homem. O principal agente entre eles é o poder com cara de leão, representando o egoísmo, a força mais poderosa afastando o homem de Deus e levando-o ao caos. Estes poderes malévolos e trevosos não são 'demônios' exteriores, mas aspectos internos do homem. Eles permanecem ativos e engajados na tentativa de derrubar o homem até sua libertação final do caos.

Apesar de 'caos' ser uma região do Submundo, no sistema de PS, o termo é usado geralmente para transmitir a imagem de um estado psicológico, ou seja, o de desordem. Como Pistis Sophia é aquela parte da mente que age como unidade de consciência do homem, quando é dito que ela 'cai no caos', o que isto quer dizer é que ela torna-se vítima de desordens mentais que aparecem quando é tomada pelas emoções, desejos e paixões, tornando-se condicionada por nomes e formas, por valores culturais e morais, em suma, por toda uma gama de condições que representam uma virtual prisão para a alma encarnada no mundo. Assim, a descida de PS ao caos é uma descrição simbólica da entrada do homem no ciclo de encarnações, onde permanecerá até que sua missão seja cumprida.

A Cosmologia.

O sistema cosmológico de Pistis Sophia é apresentado de forma sumária no quadro incluído a seguir. As principais entidades são mostradas em seus respectivos planos e regiões, juntamente com seus principais títulos. Deve ser lembrado que uma entidade pode ser ativa em seu próprio plano e nas regiões e planos abaixo dela. Assim, Pistis Sophia e o Autocentrado, cuja região de origem é o Décimo Terceiro Eon (Esquerda do Plano Psíquico) permanecem ativos no Plano Hílico justamente abaixo (o Plano Astral). O mesmo pode ser dito de Jesus agindo como o Primeiro Mistério Voltado para Fora, que exerce suas atividades em todos os três planos abaixo de sua região de origem.

O sistema cosmológico de Pistis Sophia torna-se uma fonte de esclarecimentos quando a terminologia é despida de seu mistério. Dois estágios são claramente indicados, o imanifesto e a manifestação.

Quando o Inefável decide manifestar-se no processo de auto-expressão para realizar Seus propósitos, Ele projeta de Si mesmo toda uma série de entidades que são dispostas ao longo de cinco planos em ordem crescente de densidade. Estes planos poderiam ser chamados de acordo com a linguagem moderna: Divino (Os Mistérios do Inefável), Espiritual (Tesouro de Luz), Mente Concreta (Plano Psíquico), Astral (Hílico) e Físico (Material). A característica inovadora da cosmologia de PS é que cada plano é dividido em três regiões: direita, meio e esquerda. A direita é sinônimo de superior e a esquerda de inferior. As entidades da direita têm a função de estabelecer os ideais ou arquétipos, as do meio de manutenção ou sustentação, garantindo condições apropriadas e, finalmente, as da esquerda estão engajadas na implementação das atividades estabelecidas para cada plano. Seus papéis poderiam ser descritos como o de pai, mãe e filho ou, também, de semente, solo e fruto.

A COSMOLOGIA DE PISTIS SOPHIA

O INEFÁVEL (não manifestado ADI)

Os Membros, ou Palavras do Inefável

___ A 12ª Hierarquia (Mônadas ou ANUPÂDAKA)

..

MISTÉRIOS DO INEFÁVEL (PLANO DIVINO: ATMICO E BÚDICO)

1º Espaço do Inefável, O Mistério do Inefável (LOGOS)

___ 2º Espaço do Inefável, ou 1º Espaço do Primeiro Mistério (ATMA)

___ o Primeiro Mistério Voltado Para Dentro

___ 3º Espaço do Inefável, ou 2º Espaço do Primeiro Mistério (BUDDHI)

___ o Primeiro Mistério Voltado Para Fora

___ O Primeiro Preceito (o Revelador)

___ As 5 Impressões

___ A Grande Luz das Luzes

___ Os 5 Auxiliares

..

TESOURO DE LUZ, PLEROMA (MANAS SUPERIOR)

Região da DIREITA

___ IEU (Sol Espiritual), Supervisor da Luz, 1º Homem

___ MELQUISEDEC

___ O GRANDE SABAOTH, o Bom:

___ 7 Vozes, ou Améns

___ 5 Árvores

___ 3 Améns

___ Região do MEIO

___ O SALVADOR GÊMEO (Criança da Criança)

___ Região da ESQUERDA

___ 12 Salvadores com 12 Poderes

..

PLANO PSÍQUICO, OU MISTURA (MANAS INFERIOR)

Região da DIREITA

___ Sabaoth, o Bom

___ 5 Regentes Planetários com 360 Poderes

___ Região do MEIO

___ Pequeno Iao, o Bom

___ Virgem de Luz:

___ 7 Virgens de Luz

___ 15 Auxiliares

___ 12 Ministros

___ Região da ESQUERDA, Região da Retidão, Região do 13º Eon

_____	O Grande Ancestral Invisível e seu par, Barbelô
_____	Os Dois Grandes Poderes Tríplexes
_____	24 Invisíveis (incluindo Pistis Sophia e seu Par)
_____	O 3º Poder Tríplex = Autocentrado
..	
<u>PLANO HÍLICO, SIDERAL (ASTRAL)</u>	
Os 12 EONS	
_____	Poder com Cara de Leão
_____	A PROVIDÊNCIA
_____	ESFERA
..	
<u>PLANO MATERIAL (FÍSICO)</u>	
FIRMAMENTO (Etérico)	
_____	MUNDO (COSMO) dos Homens
_____	SUBMUNDO: Orcus, ou Amente, Caos e Escuridão Exterior
..	

A Deidade Suprema não-manifesta não é chamada de Deus, mas simplesmente de Inefável, Aquele ou Aquilo sobre o Qual nada é conhecido e Que está infinitamente além de qualquer caracterização pelo homem. Dentro do Inefável, e como parte intrínseca de seu Ser, encontram-se os Membros do Inefável, transmitindo a idéia implícita de unidade, como ocorre com os membros de um homem, que são partes do ser humano, porém dotados de funções específicas. Entre os últimos membros do Inefável encontram-se os sem-pais ou não gerados, que correspondem às Mônadas, também referidas na Vedanta e na Teosofia pelo termo sanscrito Anupadaka, que significa 'sem-pais'.

A entidade mais elevada no Plano Divino é chamada de Mistério do Inefável, ou Logos. Ele é a Fonte de tudo o que existe, visível e invisível, o criador do arquétipo de todo o plano da manifestação. Imediatamente abaixo dele encontra-se o Primeiro Mistério, em seu duplo aspecto: Voltado para Dentro e Voltado para Fora. O Primeiro Mistério é o mistério da unidade, e seu aspecto Voltado para Dentro é Atma ou o Espírito, que abrange e interpenetra tudo o que existe. O Primeiro Mistério Voltado para Fora é o veículo de Atma, ou seja, Buddhi, também conhecido na tradição ocidental como o Cristo.

O plano abaixo é o Plano Espiritual, Pleroma ou Tesouro de Luz, que corresponde ao plano da mente superior ou abstrata. Ele corresponde ao conceito ortodoxo de Céu, onde as almas encontram sua bem aventurança uma vez libertadas do caos. A entidade mais elevada deste plano é IEU, também referido pelos títulos de Supervisor da Luz e Primeiro Homem. Esta última expressão revela seu papel como Adão Cadmon, ou o Manu da Raça Humana, que se encarnou para estabelecer o arquétipo da primeira raça humana.

Também na região da direita do plano espiritual encontra-se Melquisedec, o Manu da Quinta Raça (a atual), o Grande Recebedor da Luz. Vale mencionar que a Igreja Primitiva reverenciava a figura de Melquisedec como indicado em Hebreus, onde é dito que Jesus foi 'feito sumo sacerdote para a eternidade, segundo a ordem de Melquisedec' (Hb 6:20). A caracterização desta entidade na epístola é muito semelhante a que se encontra em PS: 'Este Melquisedec é, de fato, rei de Salém, sacerdote de Deus Altíssimo. Seu nome significa, em primeiro lugar, Rei de Justiça, e, depois, Rei de Salém, o que quer dizer Rei da Paz. Sem pai, sem mãe, sem genealogia, nem princípio de dias nem fim de vida!' (Hb 7:1-3).

Outra característica interessante da cosmologia de Pistis Sophia é que cada plano é um reflexo dos planos que lhe estão acima. Assim, as entidades da direita de cada plano agem como delegados do Logos, desabrochando o modelo fundamental, ou arquétipo, para seu próprio plano. O processo de manifestação segue este modelo, da ideação para a criação em cada plano subsequente.

Interpretação do Mito.

O mito é mais uma representação do retorno da alma à Casa do Pai. Pistis Sophia 'cai' de sua região original, perseguindo uma miragem, um reflexo da Luz do Alto visto no plano inferior

como um poder com cara de leão, que é o poder da matéria, ou seja, o egoísmo. Esta queda devido a ignorância foi seu 'pecado original', mas é dito que Pistis Sophia agiu assim sob o comando do Primeiro Mistério, ou seja, seguindo um impulso interior para obedecer o desígnio do Plano Divino, provavelmente com o objetivo de que o Espírito pudesse manifestar-se inteiramente através da matéria, ou, de acordo com recomendação bíblica: 'deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito' (Mt 5:48).

Com algum esforço da imaginação podemos visualizar a unidade de consciência do homem aventurando-se do plano mental e lentamente sendo seduzida pelas vibrações totalmente novas das emoções e dos sentimentos, dos desejos e das paixões. À medida que Pistis Sophia consentia a estas vibrações ela se tornava cada vez mais emaranhada neste novo nível vibratório e, com a repetição, tornava-se tão impregnada com elas que se estabelece um condicionamento, ou tendência, mantendo-a virtualmente prisioneira do caos.

O texto deixa implícito que quando a unidade de consciência, Pistis Sophia, desce ao caos, isto significa que o homem encarna-se, isto é, assume os veículos necessários para a manifestação no mundo material. Isto quer dizer que tanto no plano astral como no físico a alma é 'envolvida' por 'corpos' apropriados para o funcionamento naquele plano, como um homem colocando um escafandro para poder atuar no fundo do mar. Deve ser lembrado que as entidades da região do meio tem a função maternal de prover as condições apropriadas e de nutrir. Assim, no plano astral, a Providência lega todas as tendências de outras vidas que oferecem inúmeras oportunidades para o indivíduo aprender todas as lições que ainda não foram aprendidas. No plano físico, a região do meio fornece um corpo físico ao indivíduo que é adequado para vivenciar o tipo de vida que o aguarda, resultado de seu carma.

É interessante notar que a estória de Sophia expressa a realidade como vista do Alto, isto é, de um ponto de vista espiritual. Assim, quando Pistis Sophia reclama que os regentes dos eons estão oprimindo-a, tentando tirar a sua luz, isto pode expressar o fato de que a personalidade experimentou uma vibração pesada, agressiva ou desagradável, como um ataque de raiva, um sentimento de ódio, disse uma mentira, etc. Mas uma 'opressão dos regentes' também pode significar, do ponto de vista da personalidade, experiências imoderadas de gratificação dos sentidos, que para o homem do mundo representam 'alegria de viver' ou 'diversão', mas que para a alma, vendo a realidade do ponto de vista da luz interior, representam uma aflição pela qual ela terá que pagar caro.

Temos aqui a representação clássica da luta entre as forças da escuridão e da luz. Pistis Sophia, a alma, procura ascender ao alto, mas tem que lutar a cada palmo do caminho, desde a alvorada do tempo, contra as perigosas forças do mal e da escuridão, que não são forças exógenas atacando do exterior. Os inimigos do homem estão entrincheirados dentro de seu próprio castelo, ou seja, são suas próprias emoções, desejos e paixões sob o comando do Autocentrado, a personalidade egoísta, presunçosa e orgulhosa.

Pistis Sophia busca sua libertação com seus 'arrepentimentos', treze ao todo, seguidos por onze cânticos de louvor à luz. A palavra 'arrepentimento' está no cerne da tradição cristã, porém, no original grego, metanoia, tinha o significado bem mais amplo de mudança na maneira de pensar, ou mudança no estado mental da pessoa, que tinha como uma de suas conseqüências o que hoje chamamos de arrependimento. Portanto, cada 'arrepentimento' no mito está indicando que o homem está passando por uma transformação mental, que por sua vez se reflete em mudanças de atitudes, valores e comportamento. O Caminho, ou Senda, tão decantado em todas as tradições esotéricas, apesar de ter uma conotação de estrada física é, na verdade, este processo de mudança interior. Esta verdade está por trás da declaração na Voz do Silêncio de que o homem não pode entrar no Caminho até que ele se torne o Caminho.

Esta chave para a evolução humana, a transformação da mente, está implícita na frase poética de João da Cruz, 'transcendendo a razão com meus pensamentos', e explícita na recomendação de Paulo aos romanos: 'E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito' (Rm 12:2). Como não poderia deixar de ser, a recomendação para transformar a mente é também o axioma central da doutrina budista.

A natureza esotérica dos ensinamentos de PS é constatada neste enfoque fundamental para a salvação, ou seja, a mudança de dentro para fora, e não meramente a obediência a uma série de preceitos, como na tradição ortodoxa judaica de obediência aos 613 preceitos da Tora. Jesus torna este ponto bem claro em seus ensinamentos públicos quando diz: 'Com efeito, eu vos asseguro que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus' (Mt 5:20). Em nenhuma parte do texto de Pistis Sophia encontramos Jesus pregando um código de comportamento. O que é dito e reiterado é que o homem deve renunciar

a este mundo e transformar a sua mente se pretende buscar e receber os mistérios que lhe abrirão as portas da Herança da Luz.

Se por um lado as parábolas de Jesus e outros ensinamentos públicos atacam com freqüência a sabedoria convencional expressa como a obediência à Lei Mosaica, parece haver uma clara intenção em Pistis Sophia de indicar que os ensinamentos de Jesus tinham um elo com a tradição dos Profetas, especialmente com os Salmos de Davi, as Odes de Salomão e as profecias de Isaías, pois estes são citados como 'interpretação' dos arrependimentos e canções de louvor de PS.

Os vinte e quatro arrependimentos e invocações proferidos por Pistis Sophia são indicativos da natureza lenta do processo de transformação necessário para tornar um homem do mundo no 'estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo' (Ef 4:13). Cada arrependimento indica um estágio de renovação da mente no caminho espiritual.

Quando os arrependimentos e canções de louvor de Pistis Sophia são examinados mais detidamente, nota-se alguns pontos de inflexão indicando mudanças fundamentais em sua situação, à medida que ela livra-se lentamente do caos. Estes pontos de inflexão podem ser associados às cinco grandes iniciações da tradição esotérica.

Os insistentes apelos de Pistis Sophia à Luz do Alto são finalmente ouvidos e, após seu sexto arrependimento, seu pecado de descer ao caos sozinha sem seu par é perdoado e Jesus, por sua própria conta (o poder da Mente), leva Pistis Sophia para 'uma região um pouco mais espaçosa no caos'. Este alívio relativo das opressões do caos parece uma indicação da Primeira Iniciação.

Quando os regentes notaram que Pistis Sophia não tinha sido retirada inteiramente do caos, retornaram com esforços redobrados para afligi-la e, então, ela continuou a apresentar seus arrependimentos. Depois do nono arrependimento, sua súplica pedindo ajuda à Luz foi parcialmente aceita e Jesus foi enviado pelo Primeiro Mistério (a mente pura reforçada pelo poder do Cristo interior) para ajudá-la a escapar secretamente do caos. A partir deste momento Pistis Sophia percebe Jesus como uma Luz brilhando intensamente, provavelmente uma indicação da abertura de sua visão espiritual, ou expansão de consciência devido a Segunda Iniciação.

Mas os desejos e as emoções provocados pelas coisas materiais continuam a ser sentidos, pois as emanções de Autocentrado e os poderes dos regentes mudam de forma à medida que o homem conquista as vibrações mais grosseiras. Depois do décimo terceiro arrependimento, Jesus envia por sua própria conta (o poder da Mente), um poder de luz para ajudá-la e levá-la às regiões mais elevadas do caos. O processo iniciático continua com a décima quarta invocação, quando um poder de luz é enviado pelo Primeiro Mistério (o poder da pura luz de Cristo), e os dois poderes juntam-se tornando-se uma grande corrente de luz, formando uma coroa protetora de luz sobre a cabeça de Pistis Sophia. Esta parece uma descrição do glorioso estágio de iluminação alcançado com a Terceira Iniciação, um estágio em que períodos de consciência da unidade com Deus e com o Todo são alternados com a consciência de dualidade normal do mundo.

A partir de então, a alegria de Pistis Sophia torna-se o tema central de suas canções de louvor nas quais ela reitera sua determinação de permanecer firme e nunca mais se afastar da luz. Mas os poderes das trevas não desistem e novas emanções mais fortes do Autocentrado são enviadas para juntar-se as outras, que mudam de aparência, para oprimir Pistis Sophia e levá-la para o fundo do caos outra vez. Depois de sua décima sexta invocação suplicando pela ajuda que lhe havia sido prometida, ela é salva mais uma vez pela corrente de luz, com a ajuda dos Arcanjos Miguel e Gabriel. Jesus (o poder de Buddhi-Manas) também desce ao caos para ajudar Pistis Sophia e ele faz com que ela pise sobre a principal emanção malévola de Autocentrado, uma serpente com sete cabeças. Este ritual simbólico, parece uma referência à Quarta Iniciação, que transforma o homem num Arhat.

Apesar de suas elevadas realizações, a alma ainda está sujeita às aflições dos poderes materiais sutis, e Pistis Sophia continua suas invocações. Jesus leva-a a uma região logo abaixo do décimo terceiro eon, seu lugar de origem, e avisa-a que Autocentrado (a personalidade) está furioso com ela e que ele vai tentar um último ataque por meio de duas emanções trevas e violentas para procurar levá-la de volta ao caos. Jesus a abandona mas promete voltar para ajudá-la se ela se sentir oprimida e invocar a sua ajuda. E, como havia sido indicado, as duas emanções trevas e violentas (provavelmente a depressão e o desespero) atacam com toda sua força. Este parece ser uma referência ao período chamado pelos místicos de Noite Escura da Alma, em que o homem sente-se sozinho e abandonado por todos e por tudo, mergulhando num período de depressão que pode levar ao desespero, até que ele seja capaz de renunciar aos seus

últimos liames que o prendem ao mundo, ou seja, seu sentimento de ser um "eu" separado, antes de sua união final e permanente com Deus ou a Luz.

Com a vigésima quarta invocação finalmente chega o momento de levar Pistis Sophia permanentemente para fora do caos de volta para o décimo terceiro eon. Pode parecer um anticlimax, um mero retorno a sua região de origem. Mas neste momento uma comovente surpresa aguarda o leitor. É dito que Pistis Sophia alcança sua liberação final no exato momento em que Jesus está no Monte das Oliveiras com seus discípulos no processo de ser elevado às alturas envolto em luz. Temos assim a indicação da Quinta Iniciação, tanto do ponto de vista da individualidade glorificada, Jesus, e da personalidade 'arrependida' finalmente libertada da prisão do mundo. Naquele momento Pistis Sophia é finalmente reunida a seu par, Jesus, um paralelo com o sacramento da Câmara Nupcial mencionado no Evangelho de Filipe e a experiência dos grandes místicos no estágio final de Theosis, ou União com Deus.

O constante apelo de Pistis Sophia à Luz, como o único elemento capaz de libertá-la do caos, tem um paralelo com a passagem da Bíblia em que Jesus dormia num barco e foi chamado pelos discípulos para salvá-los da tempestade que jogava água dentro do barco (Mt 8:23-27). Esta passagem, quando devidamente interpretada, indica que Jesus é o poder superior que amaina os ventos da dúvida e as ondas dos desejos na natureza inferior simbolizada pelos discípulos. Sugere Geoffrey Hodson: "A frase chave no relato de S. Mateus é o apelo dos discípulos: 'Senhor, salva-nos, estamos perecendo'. Quando metaforicamente este apelo surge do interior do coração e da mente de um homem, começa uma nova fase evolucionária para ele. A mente formal deliberadamente se abre para a luz e a verdade das fontes profundamente interiores até então desconhecidas e desconectadas. A manifestação do espírito no homem e seu domínio sobre a matéria é representada pelo emergir do Senhor Cristo do sono no interior do barco. Como este está adormecido e aparentemente inconsciente da crise, até ser despertado por um pedido de ajuda, assim também o poder espiritual do homem conforma-se em seu próprio mundo, cumprindo somente a vida automática que preserva as funções".

Comentários finais.

Como a parábola do tesouro escondido, Pistis Sophia está pronta para entregar a todo homem ou mulher que cultivar com afincos seu solo, um verdadeiro tesouro enterrado de ensinamentos esotéricos, escondidos ali pelo Mestre para benefício de seus discípulos de todos os tempos, e não somente para aqueles que o seguirem durante sua vida terrena na Palestina há dois mil anos atrás.

Parece que com o desvelar dos diferentes níveis de manifestação e dos 'arrepimentos' o livro está tentando despertar o homem para a realidade de sua origem divina e de sua missão na Terra. Ao longo da estória de Sophia e do restante do livro existem muitos ensinamentos que podem tocar a alma de cada leitor de uma maneira diferente. Neste senso o texto é mágico. Ele foi preparado para trabalhar em cada coração sincero que esta buscando com ardor e determinação as chaves para abrir as portas do Reino dos Céus.

F I M

SERIA JESUS CASADO?

Seria Jesus casado?

Segundo o costume judaico da época, não era só usual, mas quase obrigatório que um homem fosse casado. Com exceção de certos essênios de algumas comunidades, o celibato era vigorosamente condenado. Se Jesus fosse celibatário, certamente haveria uma forte reação e teria deixado algum traço.

A falta de comentários sobre o casamento de Jesus nos Evangelhos é um forte argumento, não contra, mas a favor da hipótese de casamento, porque qualquer prática ou defesa do celibato voluntário, no contexto judeu da época, teria sido tão estranha que teria atraído muita atenção e comentários.

A hipótese de casamento é reforçada pelo título de Rabino e a lei judia é explícita; " Um homem não casado não pode ser professor".

As bodas de Canaã sugere que o casamento tenha sido a do próprio Jesus.

É de se estranhar o fato de Jesus e sua mãe estarem lá; ele ainda não havia iniciado seu ministério; e Maria lhe ordena que reponha o vinho. Comporta-se como se fosse a anfitriã (João 2:3-4)

"e faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: eles não têm vinho. E Jesus respondeu: Mulher que importa isso a mim e a vós? Ainda não é chegada a minha hora. Mas Maria, completamente à vontade ignora o protesto do filho (João 2:5). Disse a mãe de Jesus aos que serviam: fazei tudo o que eles vos

disser. E os servos prontamente obedeceram, como se estivessem acostumados a receber ordens de Maria e de Jesus."

No que concerne aos Evangelhos, ele ainda não tinha demonstrado seus poderes; e não havia razão para que Maria assumisse que ele os possuía. Mas mesmo que houvesse, porque deveriam tais dons, singulares e sagrados, serem empregados com um propósito tão banal?

Por que deveria Maria fazer tal pedido à seu filho? Por que deveriam dois convidados a um casamento tomar sobre si a responsabilidade de servir; uma responsabilidade que, por costume, seria reservada ao anfitrião? A menos, é claro, que o casamento em Canaã fosse o próprio casamento de Jesus. Nesse caso seria responsabilidade sua servir o vinho.

Outra evidência está em João 2:9-10 "O que governava a mesa chamou o noivo e disse-lhe: todo homem põe primeiro o bom vinho: e quando os convidados já os têm bebido bem, então lhes apresenta o inferior. Tu, ao contrário, tiveste o bom vinho guardado até agora". Uma conclusão óbvia é que Jesus e o noivo são a mesma pessoa.

A esposa de Jesus

Se Jesus era casado, existe nos Evangelhos alguma indicação da identidade de sua mulher?

Como primeira consideração, parece haver duas candidatas, pois, além de sua mãe, duas mulheres são mencionadas repetidamente integrando seu círculo.

A primeira é Madalena, do vilarejo de Migdal, ou Magdala, na Galiléia. O papel é singularmente ambíguo nos quatro Evangelhos e parece Ter sido deliberadamente obscurecido.

Marcos e Mateus a mencionam nominalmente em passagens tardias. Aparece na Judéia, no tempo da crucificação, e é citada entre os seguidores de Jesus.

Em Lucas, contudo, ela aparece relativamente cedo no ministério de Jesus, enquanto ele ainda está pregando na Galiléia.

Ela o teria acompanhado desde a Galiléia até a Judéia - ou, pelo menos, teria se movido entre as duas províncias tão rapidamente quanto ele. Isto em si sugere fortemente que ela era casada com alguém.

Na Palestina, no tempo de Jesus, seria impensável que uma mulher não casada viajasse desacompanhada e junto com um mestre religioso e seu círculo.

Pretende-se em alguns casos que Madalena teria sido casada com algum discípulo de Jesus. Se este era o caso, seu relacionamento especial com Jesus e sua proximidade a ele os teriam tornado ambos sujeito a suspeitas, se não acusações de adultério.

Em Lucas é descrita como a mulher "da qual vieram sete véus". Assume-se geralmente que esta frase se refere a uma espécie de exorcismo por parte de Jesus, significando que Madalena era "possuída".

Mas a frase pode igualmente se referir a algum tipo de conversão e/ou ritual de iniciação. O culto a Ishtar ou Astarte - deusa mãe e rainha do céu - envolvia, por exemplo, uma iniciação de sete estágios. Antes de sua afiliação a Jesus, Madalena pode Ter sido associada a tal culto. Migdal ou Magdala era o "vilarejo das pombas", e existem evidências de que lá eram criadas pombas destinadas à sacrifícios. E a pomba era o símbolo sagrado de Astarte.

Antes de falar de Madalena, Lucas menciona uma mulher que abençoou Jesus. Marcos idem. Não especificam quem é a mulher; mas Lucas registra como uma mulher caída, uma pecadora. Nessas bases, a mulher que abençoa Jesus e Madalena vieram a ser consideradas a mesma pessoa.

Lucas registra que as mulheres que seguiam a Jesus possuíam posses e a mulher que abençoou Jesus também era mulher de meios.

Em Marcos, grande ênfase é colocada no alto preço do óleo da unção utilizada no ritual. Deve-se lembrar que a unção é prerrogativa tradicional de reis - e do Messias de direito, que significa "aquele que recebeu a unção".

'Segue-se que Jesus o torna um autêntico Messias em virtude de sua unção. E a mulher que o consagra nesse augusto papel não pode deixar de ser importante.

É evidente que Madalena, no final da carreira, de Jesus, tinha-se tornado um personagem de imensa importância. Nos três Evangelhos sinópticos, seu nome encabeça a lista de mulheres que seguiam Jesus, da mesma forma que Simão Pedro encabeça a lista dos homens.

Ela é a primeira testemunha da tumba vazia após a crucificação. Para revelar a ressurreição, Jesus escolheu Madalena entre todos os seus devotos.

Ao longo dos Evangelhos, Jesus trata Madalena de uma forma singular e preferencial. Isso pode Ter suscitado ciúmes por parte de discípulos, seguidores e até, sua interpretação de uma sociedade masculina, principalmente na Idade Média.

Qualquer que tenha sido o papel de Madalena, ela não é a única candidata a esposa de Jesus. Existe outra, que figura de forma mais proeminente no quarto Evangelho e pode ser identificada como Maria de Betânia, irmã de Martha e Lázaro. Ela e sua se relacionam em termos muito familiares com Jesus e todo seu círculo.

Além disso, o episódio de Lázaro revela que essa casa continha uma tumba particular - naquele tempo, um luxo um tanto extravagante, não somente um sinal de riqueza mas também uma posição que atesta conexões aristocráticas.

Quando no quarto Evangelho, Lázaro cai doente, Jesus havia deixado Betânia por alguns dias e estava no Jordão com seus discípulos.

Após ouvir o que tinha acontecido, ele permanece ainda por dois dias - uma reação bastante curiosa - e então retorna a Betânia, onde Lázaro estava na tumba (João 11,21) "Senhor, se tu houveras estado aqui, não morreria nosso irmão". Trata-se de uma afirmação chocante. Por que a presença física de Jesus teria impedido a morte do homem? Mas o incidente é significativo, porque Martha, ao saudar Jesus, está sozinha. E Maria está sentada dentro de casa e não aparece até que Jesus explicitamente lhe ordena que o faça.

O ponto se torna mais claro no Evangelho "secreto" de Marcos, descoberto pelo professor Norton Smith e citado anteriormente. Na narrativa suprimida. Maria teria saído da casa antes da instrução de Jesus para fazê-lo, tendo sido pronta e bruscamente repudiada por seus discípulos, os quais é obrigada a calar. Seria bastante plausível que Maria estivesse sentada dentro de casa quando Jesus chegou a Betânia. De acordo com o costume judeu, ela estaria em shiveh, sentada em sinal de luto.

Pelo mandamento da lei judaica da época, uma mulher em shiveh era estritamente proibida de sair de casa, exceto por ordem expressa de seu marido. Neste incidente, o comportamento de Jesus e Maria de Betânia é precisamente conforme com o comportamento tradicional de um homem judeu e sua esposa. Também em Lucas (10: 38,42) " E aconteceu que indo em viagem, entrou em uma certa aldeia. Uma mulher, chamada Martha, o recebeu em sua casa. Esta tinha uma irmã, chamada Maria a qual, sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. Martha porém, afadigava-se muito na contínua lida da casa; e apresentou-se (diante de Jesus), dizendo; " Senhor, a ti não se te dá que minha irmã me tenha deixado só com o serviço da casa?

Dize-lhe, pois, que me ajude." O Senhor, respondendo, disse-lhe: "Martha, Martha, afadigas-te e andas inquieta com muitas coisas. Entretanto uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada".

A partir do apelo de Marta, parece claro que Jesus exercia alguma autoridade sobre Maria. Em outro contexto, ela sugere que Maria de Betânia era sua discípula tão ávida quanto Madalena.

Seria Maria de Betânia (irmã de Lázaro e Martha) e Maria de Madalena uma só pessoa? Os estudiosos bíblicos concordam com isso, e existem evidências abundantes a favor dessa conclusão.

Mateus, Marcos e João citam Madalena como alguém presente na crucificação e não citam Maria de Betânia. Mas, se ela era tão devota, sua ausência seria, no mínimo, uma omissão. A menos, é claro, que ela estivesse presente e citada nos Evangelhos sob o nome de Madalena. Se Madalena e Maria Betânia são uma só pessoa, não cabe a questão de esta última Ter estado ausente na crucificação.

No quarto Evangelho a mulher da unção é identificada como Maria de Betânia (João 11: 1,2): " Estava pois enfermo um homem, chamado Lázaro, que era da aldeia de Betânia, onde assistiam Maria e Martha, suas irmãs (e foi esta Maria aquela que ungiu é identificada como Maria de Betânia (e foi esta Maria aquela que ungiu o Senhor com o bálsamo, e lhe limpou os pés com os seus cabelos, cujo irmão Lázaro estava enfermo). E novamente, um capítulo depois (João 12:1,3).

Portanto, é evidente que Maria de Betânia e a mulher que abençoa Jesus são a mesma pessoa. Se não é igualmente claro, é certamente provável que esta mulher também seja Madalena. Se Jesus era de fato casado, só haveria uma candidata a esposa para ele: Uma mulher que aparece freqüentemente nos Evangelhos com o mesmo nome, mas provindo de lugares diferentes (Magdala ou Betânia).

Se Maria de Betânia e de Magdala são a mesma mulher e se essa mulher foi a esposa de Jesus, Lázaro teria sido seu cunhado.

É evidente que Lázaro tinha uma posição preferencial, em vários aspectos, ele parecia mais próximo de Jesus que os próprios discípulos.

Ao contrário dos discípulos, Lázaro é na realidade ameaçado. De acordo com o quarto evangelho, o chefe dos sacerdotes, ao resolver despachar Jesus, decidiu matar Lázaro também (João 12:10) "Porém os príncipes dos sacerdotes deliberaram matar também Lázaro, porque muitos judeus, por causa dele, retiravam-se e criam em Jesus."

Este, de algum modo, teria sido ativo em nome de Jesus - não era qualificado a ser também um discípulo, mas ele também não é citado como tal, nem que estava presente na crucificação; ou ele fugiu por causa da ameaça dirigida contra ele.

Mas é extremamente curioso que não haja nenhuma referência posterior a ele nos Evangelhos. Ou há referência? Tentamos examinar o assunto mais de perto: em João 11:3 o mensageiro o descreve como alguém especial. "Senhor, está enfermo aquele que tu amas".

Outro fato é o comportamento dos discípulos em relação ao evento (João 11:06) "Disse então Tomé , chamado Didimo, aos outros discípulos : vamos nós também , para morrermos com ele". O que significa isto?

Se Lázaro está literalmente morto, certamente, os discípulos não têm a intenção de juntar-se a ele num suicídio coletivo! E como se pode explicar a negligência do próprio Jesus , a fria indiferença com o qual se houve a notícia sobre a doença de Lázaro e retarda seu retorno à Betânia?

A explicação poderia residir, como sugere o professor Norton Smith, em uma iniciação mais ou menos padrão de uma "escola de mistério". Tais iniciações eram comuns na Palestina e envolviam morte e renascimento simbólico. Ser colocado em uma tumba, que se transforma simbolicamente em útero para o renascimento do aspirante; um ritual , agora chamado batismo, com uma imersão simbólica em água; e um copo de vinho , identificado com o sangue do profeta ou mago que presidia a cerimônia. E o próprio Jesus usa os mesmos termos na última ceia.

O autor do quarto Evangelho, que conta a história de Lázaro, não se nomeia ou se identifica como João. Contudo refere-se a si mesmo com uma denominação singular. "o discípulo amado", "aquele a quem Jesus amava" e insinua claramente que gozava de uma condição única e preferida acima de seus confrades.

Na última ceia, por exemplo, ele mostra flagrantemente sua proximidade pessoal com Jesus , e só a ele Jesus confia os meios pelos quais a traição iria ocorrer (João 13:23,26).

Todas as evidências sugerem que ele é de fato Lázaro "ao qual amava Jesus". Parece então que Lázaro e o "discípulo amado" são a mesma pessoa e que Lázaro é a verdadeira identidade de João.

Se Lázaro é o discípulo amado, seu misterioso desaparecimento da narrativa das Escrituras e sua aparente ausência durante a crucificação estão explicados. Pois se ambos são o mesmo, ele teria estado presente na crucificação. E Jesus teria confiado a ele o cuidado de sua mãe (João 19:26,27).

Isto é uma situação reveladora. Os outros discípulos não tinham casa, Lázaro tinha uma casa, em Betânia, onde o próprio Jesus costumava ficar.

No final do quarto Evangelho, Jesus prevê a morte de Pedro e o "discípulo amado" foi instruído de que não morreria. "Eu quero que ele fique assim até que eu venha; que tens tu com isso?" este é aquele discípulo que dá testemunho destas coisas, e que as escreveu: e nós sabemos que é verdadeiro seu testemunho (João 21:20,24).

É possível que Betânia tenha sido um centro de culto, um local reservado para os rituais presididos por Jesus.

Se isto é verdade, a ocorrência de Betânia em nossa investigação, de outra forma enigmática, seria explicada. O Monastério do Sinai tinha chamado seu "arco" de Renné Le Chatéau, de "Bêthanie". E Saunière , aparentemente por ordem do Monastério do Sinai batizou sua mansão de Vila Betânia. Durante a crucificação ele já tinha confiado sua mãe ao "discípulo amado" e , se não confiou mulher e filhos, poderia ser pelo fato de Lázaro já ser irmão e tio, ou seja, sendo cunhado , não haveria razão para confiar no continuísmo familiar.

Segundo a tradição , e segundo alguns escritores antigos da igreja, Lázaro, Madalena, Marta, José de Arimatéia e alguns outros, foram transportados até Marselha.

(Jacobus De Voragine, The Golden Legends, em Life of S.Mary Magdalen, p.73., este data de 1270. A mais antiga forma escrita desta tradução seria de Rabanus (776 - 856) arcebispo de Mains).

A HISTÓRIA OCULTA DE JESUS E A LINHAGEM SAGRADA

Os antigos líderes cristãos da Igreja, adotaram as escrituras e os ensinamentos que obscureceriam a verdade sobre a linhagem real de Jesus.

Sabe-se que Maria Madalena estava grávida de 3 meses quando Jesus foi crucificado, conseqüentemente seu filho deve Ter nascido em setembro.

Nessa época, os casamentos dinásticos deveriam ser consumados em dezembro, pois setembro era um mês sagrado para os judeus e os filhos deveriam nascer nessa época. Certamente era esta linha que os próprios pais de Jesus (José e Maria), eles mesmos tinham quebrado (Jesus nasceu em 6 de janeiro) e esta foi a razão porque os judeus ficaram divididos a respeito, se Jesus era, de fato, seu Messias verdadeiro. Quando uma criança considerada dinástica era concebida na época errada do ano, a mãe era colocada geralmente sob custódia monástica para evitar o embaraço público e Mateus indica claramente que quando Maria ficou grávida, José, seu marido, sendo um homem justo e não querendo fazer-lhe um constrangimento público, ocupou-se em afastá-la. (Mateus 1:18,19).

Neste exemplo, a dispensa especial para o nascimento foi concedido pelo arcanjo Simão , que nesse tempo foi distinguido com o nome de "Gabriel" , sendo o prior angélico no cargo. Os Manuscritos do Mar Morto e o Livro de Enoch (que foram excluídos do VT) detalham que arcanjos ou embaixadores principais eram os grão-mestres senior em Qurân, retendo os títulos tradicionais de "Miguel , Rafael e Gabriel".

"trechos extraídos do livro de Laurence Gardner e Bloodline do Grail Holy e Messianic Bloodline".

Investiga-se a genealogia de Jesus até os nossos tempos. Também compara o NT com os arquivos romanos e judaicos. Nessa consideração, ele detalha como a igreja corrompeu e manipulou os registros para servir suas próprias agendas políticas.

Apesar da doutrina católica informar que Jesus era filho de uma virgem e filho de Deus, (veja o site Rennés Le Chateau) definições que não caracterizou nos textos originais pré-romanos no NT, Lucas e Mateus enfatiza a linhagem e descendência de Jesus, de Davi, de Israel e dos reis de Judah.

A Palestina pertencia ao império romano e César tinha em seu comando, Heródes, que por sua vez dominava o local, porém obedecia a César.

Um rei descendente dos reis de Israel e Judah, poderia ser mantido em sigilo pela Ordem de Melquideseque que mesmo Abraão pertencia. E sempre segundo as linhagens, pois também Salomão pertencia para que, numa época propícia, ele pudesse reinar. Seria uma expectativa não muito delirante, considerando que o povo aspirava por um rei sacerdote.

A Bíblia explica que a história da linhagem começou com Adão e Eva, cujo filho Seth evoluiu numa linha que gerou Matusalém e Noé, Abraão que se transformou no patriarca da nação hebréia e que levou sua família do Oeste da Mesopotâmia (hoje Iraque) até a terra de Canaã (Palestina). De onde alguns de seus descendentes foram levados para o Egito. Após algumas gerações retornaram além Jordão, conduzidos por Moisés e através do tempo, Davi (de Belém) assentou seu reino onde hoje é Israel. Sabemos que Davi pertence a tribo de Judah e que antes dele era Saul, da tribo dos Benjamitas, que era o rei. Davi usurpou o trono Benjamita (o que fez graves discórdias até os dias de hoje.)

Visto conforme está apresentado nas escrituras este relato é uma saga fascinante, mas não há nada em qualquer lugar que indique porque a linha ancestral de Davi e seus descendentes seriam tão especial. O fato é o inverso. Seus antepassados viviam vagueando por territórios sem nenhum significado particular até a época do rei Davi. O relato bíblico não carrega nenhuma comparação, por exemplo dos Faraós contemporâneos do Egito antigo. Seu significado vem do fato que, na época de Abraão, foram designados como "povo escolhido por Deus" porém, não há relatos desse povo Ter algum brilhantismo; pelo contrário, fome, guerra, escravidão, sucessivamente.

Mediante isso, L. Gardner coloca duas possibilidades: ou Davi não era desta sucessão de Abraão ou nos apresentaram uma versão muito corrompida da história Hebréia. Uma versão que fosse projetada especificamente para a fé Judáica emergente.

Os Evangelhos foram compilados 400 d.C. pelos bispos para suportar a opinião cristã e adaptá-la à Roma.

E se os escritores Judeus fizeram previamente exatamente a mesma coisa?

Procurando sistematicamente no VT os mais antigos relatos a fim de encontrar todas as anomalias. O problema era que, eles mesmo foram escritos nos primeiros séculos a.C. (vide site Manuscritos do Mar Morto) assim, não era provável ser autêntico em seu dizer, da história milhares de anos antes. E, foram escritos com a finalidade expressa de orientar-se com os princípios da fé judaica.

TERIA SIDO JESUS CRUCIFICADO?

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

Teologistas, arqueólogos e historiadores foram consultados para a confecção desse site.

Foi editado na Universidade de Harvard

No começo do verão de 1968, alguns arqueologistas dirigiram-se à V. Tzaferis onde foi descoberto quatro caverna-túmulos no Giv'at ha-mivtar (Ras el-masaref), que está ao norte de Jerusalem, perto do Monte Scopus e imediatamente a oeste da estrada de Nablus.

Um dos túmulos, revelou-se, através da avaliação das cerâmicas, que não havia sido tocado desde 70 ac.. Esses túmulos, de família com câmaras, faz ramificação e tinham sido esculpido em rocha calcária, pertencia ao cemitério Judaico do tempo faz que se estende pelo Monte Scopus

Dentro das cavernas, foram encontradas quinze ossários em rocha, que continha o esqueleto de trinta e cinco indivíduos. Esses esqueletos revelam sob o exame de especialistas um conto aterrador da turbulência e agonia que confrontava os Judeus durante o século em que Jesus viveu.

Nove dos trinta e cinco indivíduos, tinham encontrado morte violenta. Três crianças, próximas em idades de oito meses a oito anos, que morreram de fome.

Uma criança de quase quatro anos, morreu depois de muito sofrimento após ser ferido por uma flecha que penetrou a esquerda de seu crânio (occipital).

Um homem jovem de aproximadamente dezessete anos, foi queimado cruelmente.. Uma mulher ligeiramente mais velha também morreu sob tortura. Algumas mulheres de quase 70 anos sofreram esmagamento; seus ossos despedaçados.

Uma mulher com feto na pelve. Finalmente, e mais importante para esta nota, um homem entre vinte quatro e vinte oito anos de idade foi crucificado.

Seu nome, Jehohanan, estava cunhado em letras de 2. Ele foi crucificado provavelmente entre 7ac, o tempo da recolta do censo, e 66 ac, o começo da guerra contra Roma.... Segundo Dr. N. Haas, do Departamento de Anatomia da Universidade Hebrew—Hadassah, Escola médica Jehohanan experimentou três episódios traumáticos.

O palato no lado direito e a assimetria, em seu rosto, provavelmente resultado da. Tudo com marcas de violência. Nenhum outro esqueleto resultante diretamente ou indiretamente de crucificação.

Uma descrição da morte do Jehohanan poderia servir para esclarecer a morte por crucificação e, conseguinte, o sofrimento do Jesus. Ambos crucificados pelos Romanos no mesmo século e não longe das paredes de Jerusalem.

O terceiro osso radial direito contém uma ranhura que foi provavelmente causada pela fricção de um prego no osso. Seus braços foram pregados na patíbulo através dos antebraços e não através dos pulsos.

Ao contrário dos retratos costumeiros em pinturas e biografias, Jesus teve seus braços furados e não suas mãos. Nós deveríamos provavelmente traduzir unicamente duas passagens nos Evangelhos que mencionam a crucificação de Jesus (Lk 24, Jn 20) não como mãos, mas como narra Hesíodo, o médico Rufus, e outros como 'braços. Daqui, segundo o Jn 20, Jesus disse ao Thomas, 'coloca seu dedo aqui e observa meus braços...'

As pernas tinham estado pressionadas juntamente, curvadas, e torcidas para que ficasse paralelo ao patíbulo. Os pés estavam seguros à cruz por um prego de ferro dirigido simultaneamente através de ambos os calcanei.

A prego de ferro continha a cabeça arredondada Fragmentos de madeira (Pistacia ou Acácia), uma crosta faz limo, uma porção de osso direito, uma peça menor de osso esquerdo, e um fragmento de madeira de oliveira.

Aparentemente Jehohanan foi pregado à madeira de oliveira com o pé direito cruzado acima e à esquerda. Dr. Haas achou indubitável em concluir que um prego de ferro curvou aproximadamente 2 cm porque foi necessário a amputação de seus pés para remover o cadáver da cruz.

Jehohanan foi à cruz, presumivelmente após um intervalo de tempo, suas pernas foram fraturadas. Foi atingido violentamente por uma arma maciça, despedaçando o shins direito, e fraturando os esquerdos, que estiveram contíguos com a cruz (simplex), em uma linha oblíqua, simples.

As descobertas acima, jogam alguma luz na maneira em que Jesus morreu. A Arte Cristã tem continuamente retratado Jesus como anexado à cruz com as extremidades extendidas.

O dorso do Jehohanan foi forçado dentro uma posição torcida, curva e anormalmente torcido. Desde a prego curvado com apoio suficiente para prolongar a tortura.

Se Jesus foi crucificado de modo parecida, e nós não podemos estar certos deste embora isto é provável, seus músculos contorcidos, provavelmente poderiam gerar contrações espasmódicas (tetanizantes) câibra e rigidez poderia futuramente permear o diafragma e pulmões a fim de impedir a inspiração e expiração de Jesus que poderia morrer depois de seis horas.

O dois crucificados com Jesus, entretanto, não morreram assim rapidamente. pode ser que eles não tenham sido previamente torturados, ou porque eles tenham sido crucificados de outra maneira.

Talvez seja lógico assumir que Jesus tinha sido o centro de atenção para, ao menos a semana precedente ele receber mais atenção de seus executores. Especialmente pelos outros serem julgados ser ladrões ou criminosos (cf. Km 15, Mt 27, e Lk 23) mas Jesus foi condenado por insurreição contra Roma.

Essas especulações se estendem além de todos os dados disponíveis: Por que Jehohanan foi crucificado, por que suas pernas foram quebradas, e se havia uma particularidade para casos de insurreição. Jesus não podia viver que sete horas porque o Sabbath não podia ser violado, especialmente por que Jerusalem era conservador.

Em conclusão, nós temos evidência empírica de uma crucificação de agora. Morte em uma cruz podia ser prolongada ou rápida. Os dados da arqueologia são resumidos acima. O crucifixo de Jesus, que não possuía o físico de um gladiador.

Depois a violência brutal por parte de soldados Romanos, que teriam a oportunidade de saborear a liberação de seu odio aos Judeus e aborrecidos com a vida dos Palestinos, Jesus estaria praticamente morto.

Metáforas não deveriam ser confundidas com realidades, nem fé com história.

Isto está não é uma confissão de fé para assegurar que Jesus morreu no Golgotha numa tarde de Sexta-feira;

Isto é uma probabilidade obtida pelos mais altos canons de pesquisa histórica científica. Os humanistas e racionalistas, à pergunta por que Jesus morrer assim tão rapidamente. Nenhuma resposta tem sido aceitável em círculos de críticos; nota, por exemplo, o comentário concluído na maioria das recentes 'biografias' de Jesus.

Agora por que fez ele deixa Galiléia e se dirige à Jerusalem?

Jesus aparentemente em algum ponto toma uma decisão para deixar seu território de casa e move a Jerusalem. Isto poderia parecer que ele teve algum sentido de missão, o que está claramente e que os evangelhos sugerem. Que ele se sentiu compelido para ir a Jerusalem.

Mais que não está inteiramente clara a perspectiva histórica, mas isto parece aquele Jerusalem, onde o templo foi localizado, talvez em um dos Dias Sagrados, um dos festivais que foi a atração para ele para ir e participar....os judeus comemoram um dos eventos históricos mais importantes na tradição Judaica. A escravidão do Egito, um estória de Moisés e o Êxodo. Era uma celebração de identidade Judaica centralizada no Templo em si mesmo.

Especialmente nos tempos antigos quando o Templo estava erguido e foi a peça central do evento inteiro

Isto pode ser o caso das autoridades Romanas ficarem particularmente preocupadas nos tempos destes festivais quando havia os potenciais para aumentarem as insurreições políticas e agitações. As autoridades, na época de Herodes e certamente sob os governadores Romanos, vigiavam a cidade. Isto é alegado por Josephus pelo fato de Herodes e então os governadores ,autoridades e os magistrados civis de Jerusalem estariam preocupados com esse evento.

Segundo um estória tradicional, Jesus foi ao Templo durante uma estação da páscoa, e fez alguma coisa completamente estranha, reclamando que para comprar e vende na casa do Senhor É uma transgressão contra Deus.

Um dificuldade com a estória de Jesus está em caminhos diferentes e em evangelhos diferentes. Por exemplo em evangelho de Marco, Mateus e Lucas, todos três, este evento ocorre na última semana de vida de Jesus e é claramente o evento que traz a ele à atenção ambas da liderança de Templo e as autoridades Romanas.

Assim qualquer motivo que um protesto represente, deve ser contra alguma espécie de idéia de que o Templo deveria ser. Isto pode ser o caso de que Jesus represente a mesma espécie de crítica que os Fariseus poderiam trazer contra o Templo, que de fato a espécie de piedade que acontece unicamente uma vez um ano no Páscoa.

É alguma coisa que deve acontecer todo dia e toda semana em suas vidas particulares. Naquele sentido, Jesus criticou o Templo e os Fariseus desejando fazer daquele templo, local de oração. Desejando fazer isto muito mais pessoal. Outra possibilidade embora é Jesus ser mais afeito aos Essênios também criticava o fato o templo, ou talvez somente também Romano o que fariam com que eles olhassem Jesus como um subversivo.

Que teria acontecido à Jesus depois do incidente de Templo é um fato obscuro. Ele provavelmente teve uma experiência mas seria uma justiça suja e rápida antes o tribunal do governador. a evidência que nós temos pelo modo de execução, por virtude das estórias de experiência como ditas nos evangelhos e por virtude de que aparece na estória dele morte real, sugere que isto finalmente caiu ao Pilatos.

Que o papel da autoridade Judaica está na prisão real e execução de Jesus é difícil dizer.

É claro nas estórias tradicionais dos evangelhos eles têm um papel pesado, e isto pode muito bem ser que a liderança de Templo seria interessante.

Não há provavelmente nenhuma evidência histórica direta para uma experiência antes o Sinédrio e uma liderança Judaica e claramente um crime da decisão para executar , foi principalmente uma decisão Romana.

Crucificação foi alguma coisa muito real. Há também muitas fontes antigas que falam sobre isto. Josephus ele mesmo descreve um números de crucificações na Judea aproximadamente neste tempo. Assim nós podemos estar honestamente confiantes [do crucificação] como um evento histórico porque isto foi muito comum naqueles dias e muito aplicado. Historiadores de Ágora e outras espécies de arqueólogos, de pesquisadores tem dado vários caminhos diferentes de compreensão na prática da crucificação real.

Com toda probabilidade os pés, foram pregados um ou outro diretamente através dos ossos na cruz. Isto sugere realmente que a crucificação foi uma forma muito agonizante e lento de morte. Isto é não sangrar.

É uma exposição aos elementos e um perda de respiração que produzimos morte gradual. Isto É uma morte agonizante em isso.

A arqueologia, até a descoberta que foi feita nos tempos recentes de um osso real de um homem que foi encontrado com uma prego ainda fincada nisto. Isto aparentemente demonstra que alguém realmente experimentou crucificação....

Agora que sabemos que aparentemente um prego foi utilizado para colocar-lo na cruz através do osso dilacerando do tecido e como um resultado nós temos uma daquelas poucas peças de evidência que nos mostra que a prática era realmente existente..

Que a significação do sinal da cruz?

Quando nós olhamos para estórias de crucificação de Jesus nos evangelhos como fases diferentes, os episódios diferentes que ocorrem entre a prisão e o jardim de Gethsemane, um experiência antes o Sinédrio, um experiência antes Pilatos, um espécie de cena final pública onde um decisão foi feita: enviar o Jesus à cruz.

Não foi um mero artefato literário; alguma coisa realmente aconteceu a Jesus. A placa que foi pregada à cruz, identificada –o como Jesus, Rei dos Judeus. Esta peça de evidência sugere que ele foi executado pelas autoridades Romanas em alguma carga de insurreição política. Por um momento Pilatos poderia ter se preocupado com Jesus. Ele podia desafiar o império.

O que teria acontecido?

O que parece ter acontecido a Jesus... É provável que a placa pregada à cruz é uma das poucas peças claras de evidência histórica que nós temos. Precisamente porque isto reflete uma carga legítima sobre que os Romanos poderiam ter ao pedir a execução e isto fica suposto um dos eventos centrais que realmente aconteceram.

Um placa que especifica ele como Jesus, rei dos Judeus, sugere que ele foi executado, foi um de insurreição política. Uma ameaça a Pax Romana mas ele também foi vítima da Pax Romana. Ele estava causando dificuldades. Ele constituiu um risco da segurança que os Romanos sempre souberam lidar nas províncias

Estudos do NT modernos é que Jesus estava fomentando revolução. Jesus lidou com a existência de uma facção revolucionária ou alguém que foi subversivo ao estabelecimento Romano. Ele foi considerado bastante perigoso pois que ele tinha sido crucificado para isto.

E, foi exatamente o que eles fizeram. Os Romanos tiveram um gênio para brutalidade. Crucifixão era considerado uma fórmula de humilhação e punição e se você fosse um cidadão Romano, certamente, você não podia ser crucificado. Só os escravos e pessoas consideradas abaixo da dignidade de cidadania Romana. Isto foi uma forma de terrorismo público....

Isto foi um trabalho Romano, não há erro sobre isso.

As estórias do evangelho sobre a entrada de Jesus em Jerusalem, a confrontação dramática no Templo, a celebração de Páscoa e com eles, seus discípulos e o descanso, e crucifixão, certamente, são muitos dramáticos. Aos historiadores isto é um conjunto de problemas.

Existem duas interpretações clássicas. Um é o ato revolucionário simbólico do Jesus no Templo em si mesmo, e a rejeição do Templo, que está dizer a rejeição de Judaísmo... em favor de uma nova religião que ele estava para introduzir.

Bem, que é uma interpretação Cristã maravilhosa, certamente, mas isto é inteiramente anacrônico e inteiramente inapropriado ao valor que nós pensamos em Jesus ele mesmo, como um Judeu, como um professor Judaico e um pregador e um homem que vivido e morrido na comunidade social de Judaísmo. Isto é muito mais provável, então, que ele é não revolucionário no sentido de destruir o Templo, ele está tentando purificar o Templo.

Ele está preparando o Templo para seu novo, melhorado, purificado estado que acontecerá brevemente, no fim de dias.... Páscoa, certamente, é um festival de redenção.

O tempo quando Deus atribui aos israelitas a liberação um milênio antes. Isto é então um ato que está muito dentro os confinados do Judaísmo, muito dentro dos confinados da crença Judaica.

O Alto Padre, Caiaphas, teve que colaborar... com a ocupação Romana. Eu tomo isto para entender que havia um trato ou seja lá o que for, entre o Pilatos e Caiaphas sobre como para tratar, abaixo classe especialmente, dissidentes que causam problemas no Passover (páscoa).

Que teria acontecido no Templo causando sua morte. Como nós encontramos no evangelho do João, diálogos entre o Jesus e Pilatos.

PESQUISAS SOBRE RELIGIÕES

DADOS PESSOAIS

<http://www.micropic.com.br/noronha/>

Nome: José Noronha Dias Nacionalidade: Brasileiro Data de nascimento: 30/08/1960 ICQ: 35374489

ESTA PÁGINA É BASEADA NA OBRA DO PROFESSOR NORONHA HISTÓRICO DAS RELIGIÕES

<u>ADVENTISTA</u>	<u>BRASILEIRA</u>	<u>EVANGÉLICA</u>	<u>LUTERANA</u>	<u>ROSA CRUZ</u>
<u>ALQUIMIA</u>	<u>BUDISMO</u>	<u>FLORAL</u>	<u>MAÇONARIA</u>	<u>TAOÍSMO</u>
<u>ANGLICANA</u>	<u>CALVINISTA</u>	<u>HINDUISMO</u>	<u>METODISTA</u>	<u>TEOSOFIA</u>
<u>ANJOS</u>	<u>CATÓLICA</u>	<u>ISLAMISMO</u>	<u>NUMEROLOGIA</u>	<u>UMBANDA</u>
<u>ASSEMBLÉIA</u>	<u>CONFUCIONISMO</u>	<u>JEOVÁ</u>	<u>ORTODOXA</u>	<u>UNIVERSAL</u>

<u>ASTROLOGIA</u>	<u>CONGREGAÇÃO</u>	<u>JUDAISMO</u>	<u>PRESBITERIANA</u>	<u>WICCA</u>
<u>BATISTA</u>	<u>ESPIRITISMO</u>	<u>LBV</u>	<u>QUADRANGULAR</u>	<u>XAMANISMO</u>

PESQUISAS SOBRE SOCIEDADES SECRETAS E MANUSCRITOS ANTIGOS

<u>MANUSCRITOS DO MAR MORTO</u>	<u>MANUSCRITOS DE NAG HAMMADI</u>	<u>MANUSCRITOS DE RENNES LE CHATEAU</u>	<u>O MASSACRE DE MASADA</u>	<u>INFLUÊNCIA DA CULTURA GRECO ROMANA NO CRISTIANISMO ONDE FICAVAM AS MINAS DO REI SALOMÃO?</u>
<u>A PALESTINA NOS TEMPOS DE JESUS</u>	<u>INFLUÊNCIA DOS ESSÊNIOS NO CRISTIANISMO</u>	<u>OS TEMPLÁRIOS</u>	<u>AS SOCIEDADES SECRETAS</u>	
<u>MELQUISEDEQUE</u>	<u>ARCÁDIA E OS JUDEUS</u>	<u>HOLOCAUSTO - HITLER E O OCULTISMO PSEUDO-EPÍGRAFO</u>	<u>A BÍBLIA DE St.JAMES</u>	<u>CRONOLOGIA BÍBLICA</u>
<u>O EVANGELHO APÓCRIFO DE JOÃO</u>	<u>O EVANGELHO DE MARIA MADALENA</u>	<u>DE GÊNESIS - O LIVRO DE MELQUISEDEQUE</u>	<u>A HISTÓRIA DE SALÉM</u>	
<u>O CÓDIGO DA BÍBLIA LÍNGUA E MANUSCRITOS DO NOVO TESTAMENTO</u>	<u>MANUSCRITOS DE ABRAÃO</u>	<u>EVANGELHO DE TOMÉ</u>	<u>HISTÓRICO DAS RELIGIÕES</u>	
	<u>VOCÊ SABIA QUE A BÍBLIA?</u>	<u>COMPROVANDO A VERACIDADE DO NOVO TESTAMENTO</u>	<u>TRADUÇÕES DA BÍBLIA PARA O PORTUGUÊS</u>	